

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

LIDISTON PEREIRA DA SILVA

& SENTIMENTOS

*Ensaio Cartográfico
de Explicações de Experiências de Afetos Vividos
em Formas de Desamor*

Niterói
2017

LIDISTON PEREIRA DA SILVA

& SENTIMENTOS

*Ensaio Cartográfico
de Explicações de Experiências de Afetos Vividos
em Formas de Desamor*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientadora:
Prof.^a DRA. CRISTINA MAIR BARROS RAUTER

**Niterói
2017**

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

S5864 Silva, Lidiston Pereira
& SENTIMENTOS: Ensaio Cartográfico de Explicações de
Experiências de Afetos Vividos em Formas de Desamor /
Lidiston Pereira Silva; Prof.* Dra. Cristina Mair Barros
Rauter, orientadora. Niterói, 2017.
353 f.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2017.

1. Sofrimento psíquico. 2. Afetos. 3. Emoções. 4.
Sentimentos. 5. Produção intelectual. I. Título II.
Rauter, Prof.* Dra. Cristina Mair Barros, orientadora. III.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Instrân - CRB7/2318

LIDISTON PEREIRA DA SILVA

& SENTIMENTOS

*Ensaio Cartográfico
de Explicações de Experiências de Afetos Vividos
em Formas de Desamor*

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Cristina Mari Barros Rauter – Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFF

Prof.^a Dra. Claudia Babes Baeta Neves
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFF

Prof. Dr. Christian Sade Vasconcelos
Dep. de Psicologia/RPS - UFF/Rio das Ostras

Prof.^a Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro
Faculdade Angel Viana

Prof.^a Dra. Laura Hozana de Barros
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFRJ

DEDICATÓRIA

- ‡ Ao prof. Ernildo Stein em agradecimento aos momentos de conversações que me ensinaram o caminho dos sentimentos de afetos vividos por formas de desamor;
- ‡ A minha filha Naieth e seu companheiro Eduardo, sua família e aos lindos netos que me deram, Aiyra e Lótus, que nasceram no percurso dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

- ♪ Agradeço, imensamente, a todas as pessoas e famílias, que confiaram nesse projeto tornando nossos encontros em espaço de conversação potente diante do problema do que faz sofrer;
- ♪ A prof^a. Dra. Cristina Rauter por sua orientação, com destaque a enorme abertura de ler e reler meus confusos e contraditórios textos ao longo dessa jornada, mesmo antes da descoberta do problema de pesquisa e depois no desenvolvimento dessa tese sobre sentimentos, dentro do quadro de suas pesquisas em Spinoza, que envolve afetos, afecções e noções comuns, como parte de estratégias de enfrentamento as tristezas por formas de desamor;
- ♪ Ao prof. Gregorio Baremlitt a quem tive o prazer de conviver juntamente com os professores e colegas do Instituto Félix Guattari - Minas Gerais, como aluno do pós-graduação em “Análise Institucional e Esquizodrama”, em estudos de práticas ético-política como meio a trabalhar com intensificação dos afetos;
- ♪ Ao prof. Humberto Maturana e a escola Matriztica, a quem convivi por vários anos por meio de seus textos e vídeos, que me foram suporte para compreender a emoção de amar como caminho biológico de conhecer e operar os conflitos e contradições resultantes de formas de desamor em modos de viver e conviver no conversar;
- ♪ A amiga Dra. Alessandra Gomes Mendes pelo carinho e apoio, que muito contribuiu para pensar a problemática em Saúde Pública no Brasil;
- ♪ A prof^a. Dra. Claudia Abbes, que generosamente dedicou uma grande reflexão para me ajudar a configurar essa tese em torno de um modo que poderia vir a se tornar num ensaio que contribuísse com o enfrentamento a formas de tristezas;

RESUMO

Como campo problemático, partimos da Atenção Primária em Saúde no contexto da Política de Saúde no Brasil. Delineamos o modo de municipalização da APS na cidade do Rio de Janeiro pelas Clínicas da Família, que operam com as ESF e o apoio do Nasf, tendo como estratégia o apoio matricial, para situar o espaço de conversação de enfrentamento às tristezas como prática de saúde mental, concluindo com a ideia de cartografia como perspectiva metodológica de Trabalho. Segue a ideia de cosmologia em torno da temática de criação, na perspectiva teológica, buscando contornar duas posturas frente a origem e o discurso de amar que o justifica: uma, na *lógica afirmativa* e, outra, determinada pela *lógica negativa*, que afirma a existência pela não existência. Na sequência, partimos de uma alternativa de pensar a origem da vida em termos astrofísicos, como ponto de partida para refletir as condições de formação e transformação dos seres vivos na deriva evolutiva. De modo geral, podemos dizer que Maturana é um criacionista. Distingue a criação como algo espontâneo, sem princípio criador ou agente transcendental de criação. O universo se auto produz, sem finalidade, sem propósito, numa deriva cósmica de relações espontâneas, que surge do nada como princípio não como fim. Assim, surge nossa galáxia, nosso planeta, as moléculas de carbono, a unidade composta autônoma, especificando a diversidade de seres vivos. Toda forma de vida pertence a biosfera. Seguimos por noções importantes a partir da formação da unidade autônoma *autopoietica*, com o determinismo estrutural e sua condição de *adaptação* no acoplamento estrutural, que diz da congruência com o meio que o contém e no qual se realiza. Descrevemos o surgimento do domínio relacional, *domínio das emoções* e o fenômeno social, onde discutimos os domínios linguísticos, para chegar a *antroposfera* com a linguagem, a reflexão e a consciência, como condições de pensar o *conversar* no entrelaçamento do *emocionar* com o *linguajar*. Depois, pediremos ajuda a dois comentadores de Spinoza, *Chantal Jaquet e Gilles Deleuze*, no estudo do conceito de *afeto*, *afecções* e *noções comuns* que possibilitou efetuar o entrelaçamento conceitual desde a perspectiva dos *Sentimentos*. A expressão de sentimentos ocorre no processo de distinção, descrição e explicação na linguagem, como experiência de afetos de afecções de emoções vividas. Surge a questão: como fazer para expressar sentimentos em circunstâncias em que algo faz sofrer? A sugestão é que o observador de si assuma uma atitude que se desdobra em três movimentos: a) *distinguir algo de si*, uma experiência de *afeto* de afecção vivida em emoção de desamor; b) passe a descrever *por si mesmo*, a partir de suas práxis de viver, a trama entre imagens e ideias relacionando ao domínio de ações onde essa trama se compõe e faz sentido; c) gerando, espontaneamente, uma coerência operacional-relacional reflexiva, como explicação na linguagem, que expressa sentimentos. Ou, sentimentos como *sentir como sente*, na explicação do *sentir que sente* (afeto), o que *sente que faz sofrer* (afecção) por formas de desamor, *que vive* (emoção) no modo de conviver no conversar. Ou, recursivamente - Sentimentos como produção de realidade, já que decorre, não do que faz sofrer, mas de outra coisa que cria, inventa, produz, onde surge um modo de *sentir que faz como sente*, o que *sente que vive* no modo de conviver no conversar.

Palavras chaves: Saúde, territorialidade, Clínica da Família, Espaço de Conversação, Tristezas, Explicação, Afetos, Emoções Vividas & Sentimentos.

ABSTRACT

As a problematic field, we start from Primary Health Care in the context of Health Policy in Brazil. We outline the way of APS municipalization in the city of Rio de Janeiro by the Family Clinics, which operate with the FHS and the support of the Nasf, having as a matrix support strategy, to situate the conversation space to confront sadness as a health practice Mental, concluding with the idea of cartography as a methodological perspective of Work. It follows the idea of cosmology around the thematic of creation, in the theological perspective, seeking to circumvent two postures before the origin and the discourse of love that justifies it: one, in the affirmative logic and the other, determined by the negative logic, that affirms the existence by non-existence. In the sequence, we start with an alternative to think of the origin of life in astrophysical terms, as a starting point to reflect the conditions of formation and transformation of living beings in evolutionary drift. In general, we can say that Maturana is a creationist. It distinguishes creation as something spontaneous, without creative principle or transcendental agent of creation. The universe produces itself, without purpose, without purpose, in a cosmic drift of spontaneous relations, arising out of nothing as a principle not as an end. Thus, our galaxy, our planet, the carbon molecules, the autonomous composite unit, and the diversity of living beings arise. Every form of life belongs to the biosphere. We follow important notions from the formation of autonomous autopoietic unity, with structural determinism and its condition of adaptation in the structural coupling, which says of the congruence with the medium that contains it and in which it is realized. We describe the emergence of relational domain, domain of emotions and social phenomenon, where we discuss the linguistic domains, to arrive at the anthroposphere with the language, the reflection and the conscience, as conditions of thinking the conversation in the interweaving of the emotion with the *linguajear*. Then we will ask for help from two commentators of Spinoza, Chantal Jaquet and Gilles Deleuze, in the study of the concept of affection, affections and common notions that made possible the conceptual interweaving from the perspective of Feelings. The expression of feelings occurs in the process of distinction, description and explanation in language, as an experience of affections of affections of lived emotions. The question arises: how can we express feelings in circumstances where something causes us to suffer? The suggestion is that the observer of himself assumes an attitude that unfolds in three movements: a) to distinguish something from himself, an experience of affection of affection lived in emotion of unloved; b) to describe for himself, from his praxis of living, the plot between images and ideas relating to the domain of actions where this plot is composed and makes sense; c) spontaneously generating a reflective operational-relational coherence, as an explanation in language, which expresses feelings. Or, feelings like how you feel, how you feel, how you feel (affection), what you feel that makes you suffer (affection) through forms of unloving, living (emotion) in the way you live in conversation. Or, recursively - Feelings as a production of reality, since it takes place, not from what causes suffering, but from something else that creates, invents, produces, where a way of feeling that does as it does, what feels that lives in the mode of to live not to talk

Keywords: Health, territoriality, Family Clinic, Conversation Space, Sadness, Explanation, Affections, Lived Emotions & Feelings.

Quando somos obrigados a mudar de opinião acerca de um indivíduo, fazemos com que pague muito caro o trabalho que custa tal mudança.

Nietzsche

Acontece também do jogo entre os cuidados de si e a ajuda do outro inserir-se em relações preexistentes às quais ele dá uma nova coloração e um calor maior. O cuidado de si— ou os cuidados que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos — aparecem então como uma intensificação das relações sociais.

Michael Foucault

A emoção criadora salta de uma alma a outra, de quando em quando, atravessando desertos fechados. Mas, a cada membro de uma sociedade fechada, se ele se abre à emoção criadora, esta comunica a ele uma espécie de reminiscência, uma agitação que lhe permite prosseguir e, de alma em alma, ela traça um desenho de uma sociedade aberta, sociedade de criadores na qual se passa de um gênio a outro por intermédio de discípulos, de espectadores ou de ouvintes.

Gilles Deleuze

Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e micro sociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente. Parece-me que esta é a única via possível para que as práticas sociais e políticas saiam dessa situação, quero dizer, para que trabalhem para a humanidade e não mais para um simples reequilíbrio permanente do Universo das semióticas capitalísticas.

Felix Guattari

Diante de formas de tristezas pode-se calar ou não. Alternativa: parta de uma sentir que sente o que vive e se faz sofrer, passe a distinguir e descrever, gerando uma explicação que expressa sentimentos, um modo de sentir como sente, maneira de conhecer essa experiência vivida em formas de desamor. Isso não é resposta nem solução, mas um ponto de partida em que poderá produzir um modo de enfrentamento as marcas de afeto de afecções de emoções vividas, que envolve um modo de conviver no conversar sobre formas de tristeza.

LPS

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
I. SAÚDE PÚBLICA E PRÁTICAS EM SAÚDE MENTAL	40
1.1. Atenção Primária/básica em Saúde no Contexto da Política de Saúde no Brasil.	41
1.1.1. Atenção Primária à Saúde – <i>APS no Brasil</i>	47
1.1.2. Clínicas da Família e a APS no Rio de Janeiro.....	51
1.1.3. Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF.....	56
1.1.4. O Apoio Matricial nas Clínicas da Família – RJ.....	58
1.1.5. O Apoio Matricial: <i>ferramenta ético-política de ação na APS</i>	60
1.1.6. Sobre o Conceito de Apoio Matricial.....	64
1.2. Grupo de Sentimentos: <i>institucionalização de uma prática em saúde mental</i> ...	69
1.3. Cartografia como Perspectiva de Trabalho.....	73
II. BIOSFERA – Cosmologia, Autopoiese e Domínio de Condutas	84
2.1. Poéticas da Vida em Frei Betto.....	86
2.2. Teologia Negativa: <i>afirmação pela negação</i>	94
2.3. Do Cosmo a Terra Primitiva: <i>surgimento das moléculas orgânicas</i>	102
2.4. Autopoiese: <i>Sentimentos de Humberto Maturana</i>	106
2.5. Unidade Autopoiética Simples e Compostas.....	113
2.6. Determinismo Estrutural: <i>os sistemas vivos</i>	114
2.7. Acoplamento Estrutural: <i>unidade ecológica organismo-nicho</i>	119
2.8. Acoplamento Social: <i>domínio operacional-relacional das emoções</i>	127
2.9. Comunicação e Fenômeno social: <i>emoções não verbais</i>	133
III. DOMÍNIO DA LINGUAGEM	136
3.1. Emoção de Amar e Socialização: <i>surgimento da linguagem humana</i>	138
3.2. Linguagem: <i>domínio de existência humana</i>	141
3.3. Linguajar: <i>reflexão, consciência e condutas semânticas</i>	154
3.4. Emocionar: <i>o fluir em domínios de ações</i>	164
IV. DOMÍNIO DOS AFETOS	173
4.1. Nominalização: <i>afeto, emoção & sentimentos</i>	176
4.2. Psicofísica e as Paixões no Spinozismo - Chantal Jaquet.....	178
4.3. Definições Geral de Afeto na Ética - Chantal Jaquet.....	189
4.4. Natureza dos Afetos na definição III - Chantal Jaquet.....	194

4.5. Gilles Deleuze: Spinozismo	208
4.5.1. Potência e Existência no Spinozismo de Gilles Deleuze.....	210
4.5.2. Afetos: <i>sentir que sente</i>	218
4.5.3 Afecções: <i>sente que algo faz sofrer</i>	227
4.5.4. Noções Comuns: <i>sentir como sente</i>	235
4.6. Conservar e Mudar.....	245
4.7. Experiências Vividas.	248
V. DOMÍNIO DOS SENTIMENTOS	256
5.1. Distinção entre Emoção & Sentimentos em Humberto Maturana.....	264
5.2. Diferença entre Emoção, Afecção e Afeto.....	279
5.3. Modo de Conviver no Converar.....	283
5.4. Observador de si e o Observador do outro: <i>diferenças de domínios</i>	287
5.5. Operadores de Leitura dos Sentimentos: <i>distinguir, descrever e explicar</i>	291
5.6. Explicação e Experiência: <i>ocorre, como ocorre, onde ocorre, quando ocorre</i>	292
5.7. Domínio das Emoções.....	296
5.8. Domínio dos Afetos.....	296
5.9. Distinção entre Emoção e Afeto a partir do Sentimento.....	298
5.10.Domínio das Afecções.....	299
5.11. Emoção e Afecção.....	300
5.12. Noções Comuns & Sentimentos.....	303
5.13. Ideia Inadequada e Explicação de Afecção nos Sentimentos.....	305
5.14. Afetos & Sentimentos.....	315
5.15. Afecções & Sentimentos.....	317
5.16.DESCRICÃO: <i>como se faz para expressar & produzir sentimentos</i>	319
5.17.Da Expressão à Produção de Sentimentos.....	331
5.17.1. Pressupostos.....	331
5.17.2. Trama do Vivido.....	333
5.17.3. Drama Existencial.....	335
5.17.4. Intensidade: <i>variação continua do existir</i>	339
5.18. Diagrama & Sentimentos.....	341
CONSIDERAÇÕES FINAIS	342
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	350
REFERÊNCIAS DAS GRAVURAS	353

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APS	Atenção Primária em Saúde
CF	Clinica da Família
ESF	Equipe de Saúde da Família
ACS	Agente Comunitário de Saúde
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPSI	Centro de Atenção Psicossocial para a Infância
CAPSAD	Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e outras Drogas
GS	Grupo de Sentimentos
OMS	Organização Mundial de Saúde
SM	Saúde Mental
SUS	Sistema Único de Saúde

INTRODUÇÃO



AFINAL¹

Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,
Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade é um excesso, uma violência.
Uma alucinação extraordinariamente nítida
Que vivemos todos em comum com a fúria das almas.
O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas
Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos.
Quanto mais eu sinta,
Quanto mais eu sinta como várias pessoas,
Quanto mais personalidade eu tiver,
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
Quanto mais unificadamente diverso,
Dispersadamente atento,
Estiver, sentir, viver, for.
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.
Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for.
Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,
E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco.
Fernando Pessoa.

& Sentimentos é o tema de nossa tese. A inclusão da partícula **&**, busca destacar a *diferença e autonomia* entre noções-conceitos de *emoções, afecções, afetos & Sentimentos*. O estudo supõe dois movimentos: o trabalho de distinguir *emoções & Sentimentos* em Humberto Maturana e diferenciar os conceitos de *afecção e afeto*, a partir de dois comentadores de Spinoza, Chantal Jaquet e Gilles Deleuze. Desde então, pergunta-se: de um lado, como, a partir da dinâmica de nossa corporeidade, *afeto, afecção e emoção* se diferenciam de *Sentimentos*? Como surgem os *domínios relacionais das emoções extrínsecas*? Como as emoções determinam o *domínio das afecções externas*? Como as afecções, por sua vez, *determinam o domínio dos afetos intrínseco*? Como essa linha nos ajuda a compreender as *formas de tristeza*? De outro, na linguagem por meio da reflexão com certa consciência, como gerar a *explicação da experiência vivida que expressa Sentimentos como domínio íntimo*? Como diferenciar os modos de entrelaçamentos recursivos na linguagem entre *observador e distinguir, o observar e descrever e a observação como modo de explicar*? Como se faz para expressar ou produzir *Sentimentos*?

¹ Imagem. Autor: Denis Nuñez Rodríguez - Título: Cuando mis demonios me tientan
Técnica: Grafito sobre cartulina - Dimensiones: 75 por 55 cm - Disponibilidad: Obra disponible - http://www.pintorescubanos.org/2014_06_01_archive.html – acesso: 13.11.2016.

Há um segundo movimento, o entrelaçamento entre essas noções-conceitos desde os *Sentimentos* como modo de fazer não de ser. Surge a questão: *como se faz?* Gerar *Sentimentos* supõe movimentos: o da produção da experiência vivida e o da geração da explicação da experiência. Se o que faz sofrer resulta de uma marca de experiência vivida em formas de desamor que, enquanto tal, é irreversível, diferente será gerar a explicação da experiência, a qual podemos mudar. Como assim? Partimos de uma ideia: para um observador, o ser humano, manter a harmonia de viver e conviver em grupo num meio, em torno do bem-estar, gerar a *explicação da experiência íntima*, como operação de fazer que *expressa Sentimentos*, não é algo vital ou mesmo necessário, mas contingente. Já *as emoções, as afecções e os afetos* correspondem ao fluir no contínuo presente, diz da própria *experiência vivida* em ato, instantaneamente, não supõe um modo de fazer, não se explica, mas *se vive* num modo de *sentir*.

Algo prático. No processo fluido de viver o que se vive em domínios relacionais de emoções coletivas, a cotidianidade, a cada instante, o observador de si sofre recorrentes perturbações. Essas experiências vividas marcam a dinâmica de sua corporeidade. São afetos vividos no modo particular, distinguíveis pelo observador de si como *o que faz sofrer*. Partindo dessa marca de afeto que se conserva, o observador de si pode, não necessariamente, passar a descrever, no depois, formas de desamor como efeitos desses encontros em conflitos e contradições recorrentes, gerando uma maneira de conhecer pela *explicação da experiência* que *expressa Sentimentos* do que faz sofrer. Desde então, entendemos *Sentimentos* como algo *íntimo*, que *se expressa na explicação da experiência de afetos de afecções de emoções vividas... em formas de desamor*.

Para introduzir o problema *Sentimentos*, na perspectiva do observador de si, passaremos a descrever a trama entre imagens-ideias que entrelaçadas possibilitam destacar a *saúde pública* enquanto campo problemático. Para tanto, sinalizaremos uma ontologia gerativa, onde a *emoção de amar* nos caracteriza como seres amorosos por natureza, ressaltando que, o que vem a limitar, constranger, dominar, compõe condutas em formas de desamor, produz tristeza, que marca o corpo composto e autônomo, como *afeto* no modo particular. Daí surge o domínio de pesquisa: “*o que nos faz sofrer?* Disso resultam inquietações: como se faz? Como distinguir, descrever e explicar modos de sentir? Quais as ressonâncias com as noções-conceitos de emoções, afecções, afetos & Sentimentos? Como a recursividade da expressão de *Sentimentos* pode mudar a explicação das marcas de experiências vividas?

J **Saúde e Dinâmica Territorial:** *campo problemático*

Partimos do domínio da Saúde Pública, como *campo problemático* dessa pesquisa, abordando de forma breve, uma sequência de acontecimentos históricos que descrevem divergências ideológicas e metodológicas, no domínio da lógica capitalista, que tende a precarizar as condições de vida e restringir o acesso da população à saúde, subsumindo a lógica do mercado em detrimento de sua concepção como bem público. Essas contradições são históricas, contribuem na estruturação de estados diversos de sofrimento psíquico, que arrastam indivíduos e famílias inteiras, em comunidades em estado de periferização.

Nesse campo de contradições se institui a Atenção Primária/básica em saúde, como estratégia de ampliação do acesso aos serviços de saúde. Mas, abismos se abrem nos embates entre lógica privada e lógica pública de governar a máquina Estado. De um lado, um modo *ético-político* de pensar e fazer, conhecer e operar o campo problemático, que correlaciona a saúde da população a qualidade de vida, de outro, a lógica do capital, que busca estabelecer *condutas instituídas por forma de governo* dissociadas de *condutas éticas*, restringindo o problema de saúde pública a evitar a morte, focando a doença e encampando os serviços em saúde, segundo os interesses do mercado. A questão é elementar: quanto mais universalidade, equidade e integralidade o Sistema Único de Saúde Pública se tornar, menor será a porção de mercado. Não é de se espantar que organizações privadas que prestam serviços de saúde, se revelem tão comprometidas com agentes do poder público, que tendência a máquina de Estado, quando operam na composição de dispositivos que garantam a legalidade de condutas instituídas, segundo interesses do capital, separadas de condutas éticas, ligadas ao bem comum, o domínio público, o campo social.

No Rio de Janeiro, a ampliação da APS vem se dando através da criação das Clínicas de Famílias, como equipamento público, que se compõem de Equipes de Saúde de Família, com o apoio do Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) e demais equipes, que atuam em territórios adscritos, ofertando à população o primeiro acesso de atenção e cuidados em saúde, de modo complexo, multifocal e pluridimensional. Como parte dos dispositivos oferecidos em saúde mental à população, essa pesquisa se coloca desde a prática psi, onde busca contribuir com modos de enfrentar formas de tristeza. Nesse sentido, o estudo, se reporta a história de modos de vida de indivíduos, famílias e comunidades em situação periférica, que vivem cotidianamente imersas em diversas formas de violência e violação, onde convivem situações em conflitos e contradições, que afetam e

produzem estados de sofrimentos continuados por experiências vividas em formas de desamor, onde distinguimos *Sentimentos* como problema dessa pesquisa.

As formas de sofrimentos determinadas pelas vulnerabilidades territoriais são multicausais, sua incidência repercute tanto no padecimento do viver biológico (*por ausências, faltas, carências, restrições de diferentes ordens, como habitação, insalubridade, saneamento, alimentação, gerando e proliferando formas diversas de adoecimentos, que progridem agenciadas pelas formas de precarização de acesso a saúde, ao diagnóstico, ao tratamento e a medicação...*), como podem distorcer o domínio relacional de convivência, por formas de violências e violações recorrentes, instalando a dominação, injetando o medo constante, impondo a lógica da coerção e extorsão, causando perdas, danos, inibições, exigindo a sujeição, que agenciam experiências vividas em formas de desamor.

Nesses territórios, nota-se que as dificuldades de indivíduos e famílias em comunidades em situação de periferização, são históricas. Nossa cultura conserva como elementos processuais de linguagem, meios variados de *reproduzir* e multiplicar modelos de fazer, de sentir, de querer, que influenciam na *formatação* de domínios relacionais consensuais convenientes ou não, que operam modelando condutas e ações adequadas ou não, entre seres humano, que podem vir a determinar maneiras de existir e se realizar ativa ou passivamente.

Por descuido e interesses escusos, tais formas de modelagem excludentes, ideias inadequadas e de reações passivas, se intensificam em determinados territórios na qual a convivência, individual e coletiva, ocorre em domínios relacionais de condutas pautados por violências e violações de diversas ordens. Em tais condições, acentua-se a precarização de meios de produzir vida, ampliando as restrições para que seres humanos possam vir a desenvolver emoções coletivas de colaboração, reduzidos em suas potencialidades, entre as quais a de se realizarem de maneira integral e saudável.

Podemos refletir a comunidade como domínio ecológico. Quando perturbada, agencia modulações nos espaços de convivência social, onde domínios relacionais de emoções vividas em experiências consensuais ou não, transformam o domínio comunitário. Podem operar negativamente, reduzindo as capacidades coletivas de fazer e conhecer, dificultando as práticas coletivas de ações afirmativas que, por sua vez, correspondem as perturbações crescentes, que esgaçam os laços fraternos de respeito próprio, entre indivíduos e nas famílias.

As contradições e conflitos gerados no território, restringem a dinâmica espontânea da convivência comunitária, perturbam as condições de um coletivo se autoproduzir e se conservar. A convivência comunitária, quando perturbada por dispositivos de dominação que buscam sujeitar, restringir ou extorquir as condições de expansão da vida de parte de seus membros, o fazem por condutas de negação do outro na convivência, impondo modelos coercitivos, colocando indivíduos e famílias em situação de periferização.

No domínio biológico, por natureza, a dinâmica em nossa corporeidade funciona em harmonia e segue a tangente do bem-estar. Quando se altera essa dinâmica estrutural espontânea, o corpo passa a desencadear um outro modo de sentir. Sendo negativo, diminui a potência de agir e força de existir, onde o indivíduo pode vir a sofrer. No esforço de explicar, dinamicamente, como se faz isso que se torna marca e que resulta em modo de sofrer, partiríamos da ideia de que as limitações que cada indivíduo vive, resultam de experiências vividas em interações recorrentes, em territoriais que reproduzem domínios relacionais de experiências não convenientes, conflitivas e contraditórias. Essas experiências vividas desencadeiam mudanças estruturais na dinâmica sistêmica de convivência coletiva. Quando vividas recorrentemente, afetam negativamente a dinâmica de corporeidade do indivíduo, como unidade composta e autônoma. Marca o corpo, que conserva como afeto que, no depois, poderá vir a distinguir como o que lhe faz sofrer. Como pensar esses domínios relacionais? Como descrevê-los? Como explicá-los? De inúmeras maneiras, mas vamos sugerir uma desde a perspectiva dos *Sentimentos*.

De modo geral, nas comunidades em que trabalho, poucos moram com certo conforto. A grande maioria vive em “*puxados*”, espaços inacabados, em construção suficiente para proteger da chuva e do sol direto, com poucas divisões e cômodos, onde cozinha, sala e quarto se confundem. É comum se aglomerar em habitações precárias avós, pais, filhos e netos. No entorno imediato, cenas naturalizadas de crianças armadas, pontos de drogas vigiados e frequentados, bares que vivem dos prazeres da noite, do lazer ritmado por músicas, letras e movimentos corporais eróticos, imitados por crianças que cantam e dançam com alegria e inocência, sem imaginar que aqueles pequenos rituais já são os meios em que se estruturam seus *sentires íntimos*, meios que modulam seu modo particular de viver e conviver no *conversar*.

Essa pesquisa tem como campo problemático, mais especificamente, o território de Irajá-Colégio, a qual, do ponto de vista da violência urbana, encontra-se recortado por facções rivais. A tensão é constante, enraizando a sensação de estado de guerra permanente. O território, assim fatiado, surge como mapa movente, onde a tensão se efetua em

dois movimentos: de um lado, a proteção armada frente ao que vem de fora, a vigilância constante do domínio territorial face aos recorrentes confrontos armados, seja por investida do Estado com a polícia, seja pela disputa e controle dos espaços de negociação de drogas. De outro lado, é o medo provocado pelo modo como são determinadas as relações de forças dentro do território. Desta forma, a violência exercida internamente opera no domínio territorial, instaurando suas próprias leis, sistema de julgamento, castigo, execução e maneiras de extorsão. Tais circunstâncias, configuram modos de viver e conviver no conversar entre seres humanos, num território em que modos de vida são vividas de maneira esgaçadas, submetidas ao contínuo esgotamento por formas de desamor, que faz sofrer.

Podemos imaginar um pouco de história. As comunidades em que trabalho tem um número grande de famílias que vieram do nordeste do país (Pernambuco, Ceará, Bahia), em busca de emprego e na esperança de uma vida melhor. O que ocorreu para alguns. E para muitos, as coisas vão se mantendo em torno do precário. Agora, imaginemos algumas gerações, no mínimo quatro, onde a vida vai se conservando nesse modo precário em todos os níveis e dimensões relacionais, onde não se encontra uma família que já não tenha perdido mais de um ente querido de maneira bárbara.

O medo é constante. Ora, aumenta, ora diminui, mas nunca some. Esse medo não é só dos moradores em relação aos algozes, mas dos algozes em relação ao que vem de fora. Ao cair da noite, ninguém entra ou sai da comunidade sem ser abordado. As rajadas de tiros, seja para a manutenção do medo e garantir o domínio, seja por conflitos nas fronteiras territoriais, seja por defesa de invasão, seja para retenção das investidas policiais, são muito recorrentes. Em meio a tudo isso, com muita frequência, surge um eco, que nasce como murmúrio, que vai se ampliando até chegar ao grito de agonia, que toda a comunidade sente: *acharam um corpo*. Alguém levou um tido, mataram...outro foi pego pelos rivais, outro pela polícia, outros pela milícia, outros tomados pelo veneno do medo e do ódio, mataram-se entre si. A essa tragédia mortal, acrescenta-se as que não matam, mas são componentes nesse sistema desvirtuado. São abusos de poder, violência de classe, racial, doméstica, familiar, de gênero e outras violações de diferentes e nefastas ordens.

Notemos: quando, em comunidades periféricas, preponderam conflitos e contradições recorrentes, essa realidade territorial de convivência compõem domínios relacionais que podem vir a perturbar os modos de vida de crianças, jovens, adultos e idosos,

alterando o funcionamento dinâmico de suas corporeidades individuais ou coletivas, produzindo sofrimento. Quando indivíduos ou famílias, buscam ajuda no espaço de conversação, esses sofrimentos surgem como queixas de marcas de afetos vividos em formas de desamor, no qual passam a descrever em experiências vividas, a trama entre situação de violência e ações de violações realizadas ou sofridas, gerando uma explicação que *expressa Sentimentos* do que faz sofrer.

Dinamicamente. Inicialmente, volta-se para seu corpo, distingue marcas intensivas de *afetos*, como: angústia, ansiedades, aperto no peito, sensação de morte, medo intenso e contínuo, podendo passar a pânico e chegar ao terror, que pode associar-se com a insônia, irritabilidade e isolamento, ou correlacionar as formas diversas de restrições, bloqueios mentais, problemas de memória e de aprendizado. Para descrever essas *marcas de afetos*, reporta-se a sua história de convivência (maternagem, família, escola, comunidade, trabalho, gênero, classe, raça, credo), onde surgem domínios relacionais de *violência* que vive, como: rejeição, indiferença, desconsideração, depreciação, abandono, humilhação, juntamente a condutas em que sofre *violação*, como: descuido, maus tratos, abuso, agressão, traição, mentira, engano. De tais marcas de experiências vividas, que se geram as explicações dessas transformações que afetam o dinamismo corporal de indivíduos e coletivos, que surge como o que está ocasionando a perda da espontaneidade, promovendo a inibição e a limitação de meios de desenvolver potencialidades, reduzindo, assim, as condições de realização existencial individual e familiar, em torno da harmonia e bem-estar, conforme sua natureza. Tais afetos são intensidades que se conservam como marcas e são sentidas como sofrimentos continuados, compondo estados de tristeza, que descrevem como o que o faz sofrer por experiências vividas em formas de desamor. Há muito mais, porém esse panorama já é suficiente para compreendermos que esses domínios relacionais de ações pautadas por formas de violências e violações, tem um forte potencial gerador de sofrimento.

Para explicar as diferenças em maneiras de sentir, descreveremos de modo rápido, uma *ontologia gerativa*, inspirada nos trabalhos de Humberto Maturana e colaboradores, onde distingue o corpo, o indivíduo composto, por modos de estruturação das relações constitutivas, especificando as condições autopoieticas dos seres vivos e a necessária adaptação ao meio acolhedor. Entre indivíduo e meio, o domínio relacional gerativo é de composição, produção coletiva e consensual, onde surge a *emoção de amar* que pode ser conhecida desde a fecundação seguindo pela gestação, ampliando-se ao modo de se realizar do infante na maternagem amorosa, como modo integrador de base.

Coloquemos nosso problema: a descrição das maneiras recorrentes e recursivas de operar as coordenações consensuais de ações entre membros de uma mesma linhagem (grupo ou família) dentro do domínio relacional que os envolvem, explica como os pequenos grupos de homínídeos viviam inspirados na natureza provedora. Existiam em torno da harmonia e do bem-estar, compondo espaços coletivos no prazer da convivência e da colaboração. O que nos sugere que a origem de nossos ancestrais, ocorreu em domínios de ações determinado pela *emoção de amar*. Surge nosso contraponto de estudo, enquanto questão de pesquisa: *se as condições vividas em território em situação periférica, produzem sofrimento individual e coletivo, como a emoção de amar pode ser evocada e vir a contribuir com o trabalho de desenraizar formas de desamor, na expressão de Sentimentos que se fazem na explicação de experiências de afetos, de afecções de emoções vividas, no modo de viver e conviver no conversar?*

) **Ontologia gerativa:** *distinção da emoção de amar*

Gostaríamos de destacar que essa tese sobre *Sentimentos*, para sua compreensão, supõe a ideia de deriva evolutiva cósmica, onde surgem as infinitas galáxias e, uma delas se torna em *meio* que possui as condições adequadas para nascer nosso planeta, que segue o fluxo de transformações contínuas até alcançar certa estabilidade, que se torna *meio* do advento do ser vivo. Segundo os estudos da origem dos seres vivos, as moléculas de carbono surgem na espontaneidade da autoprodução, onde as interações recíprocas entre partículas e moléculas, constitui a dinâmica autopoietica metacelular, compondo organismos como totalidades autônomas, que surgem em torno da harmonia e do bem-estar. Enquanto unidade composta, cada ser vivo se encontra em adaptação num meio que, por natureza, é acolhedor. Cada linhagem de seres vivos, como modo de vida (*das bactérias as amebas, do urso polar ao camelo do deserto, da águia nas montanhas as baleias nos oceanos, do nosso corpo aos vermes em nossas entranhas*), cada indivíduo composto surge, enquanto coletivo, em plena harmonia com o meio que o contém e no qual pode vir a se realiza.

Em relação aos estudos da origem da linhagem de homínídeos, essa se deu à mais ou menos 3.8 milhões de anos. Nossos ancestrais conviviam em pequenos grupos de iguais que realizavam tarefas coletivas de catar, colher, moer, preparar e comer, num modo de proximidade prazerosa, em torno do bem-estar individual e coletivo. No aconchego da companhia, surge a particularização do outro na convivência. Entre toques e carícias sensuais, acontece a sexualidade, a fecundação, a gestação e parto. Entre olhares e beijos, afagos e gracejos, se estrutura no grupo o cuidado conjunto da criança, de modo

que tudo sugere que as condições de nossa origem se compôs na *emoção de amar*, onde decorre o sentido de condutas colaborativas e integradores na maternagem.

Notemos: as interações entre indivíduo e coletivo, envolvem as circunstâncias em que cada um e todos os presentes participam na configuração dos domínios relacionais consensuais, como a amamentação nos mamíferos, que determinam a *emoção de amar* como base da socialização do grupo e da expansão individual na convivência. Destacamos três movimentos: a) enquanto modo de convivência compartilhada, a *emoção de amar* surge em domínios relacionais em harmonia com a natureza; b) nesse sentido, poderemos descreve-la como tipo de coordenação consensual de ações entre membros de um grupo num meio, que se conservou de geração a geração, configurando um modo de acoplamento estrutural; c) desde então, passamos a compreender as transformações na variação contínua de nossas relações constitutivas, como resultantes da socialização humana, desde esse modo de convivência consensual em domínio relacional na *emoção de amar*, que afeta a unidade autônoma na sua variação contínua de existir, no modo particular de sentir, de fazer, querer e desejar, que conservamos até hoje.

Segundo Maturana ⁽²⁰⁰⁹⁾, nossa história hominídea se constitui a partir da linguagem, embora a linguagem tenha surgido como processo de socialização desde a *emoção de amar*². A emoção de amar se vive nas recorrências e recursividades de encontros de aceitação do outro na convivência, tornando o fluir nas emoções, o *emocionar*, a base da estruturação de nossas relações constitutivas e condição da linguagem. Com o surgimento da linguagem, ampliam-se os domínios relacionais e diversificam as formas de coordenações de condutas consensuais entre humanos, surgindo o *linguajar*. É importante notar que essa anterioridade do *emocionar* em relação ao *linguajar*, não é algo a ser pensado apenas em relação aos nossos ancestrais, mas como parte constitutiva do que nos conserva e humaniza em nosso presente.

Enquanto sistema autopoietico estruturalmente determinado, tanto aos animais como para nós seres humanos, a constituição biológica de fertilidade e fecundidade nas fêmeas, resultam da deriva evolutiva dos seres vivos. Podemos supor que, inicialmente, um pequeno grupo de hominídeos surgia sem o conhecimento da relação entre sexo e

² Maturana expressa essa noção de modo amplo: “Os seres humanos vivemos um tipo especial de emocionar que tem que ver com nosso viver na linguagem, com nosso sistema nervoso, com o particular de nossa corporeidade e com nosso modo de relacionarmos. Assim, em nós, o emocionar tem que ver com o que fazemos enquanto seres que vivem em mundo de coisas e de ideias, de tu e eu, de entes que surgem na linguagem, e de onde as relações humanas se vivem em fluir de um continuo a conversar que implica o pode implicar todas as dimensões da corporeidade, e, muitos espaços relacionais distintos que só existem na linguajar”. (Maturana e Block, 2009, p. 131 – tradução nossa).

fecundação, o que nos leva a supor que não existia a consciência da paternidade, no entanto, a imagem e ideia do materno sempre existiu.

Notemos: o que nossa biologia deixava observar aos olhos nu, não nos dava, inicialmente, o conhecimento da correspondência entre cópula e reprodução. O que surgia diante de cada indivíduo, que se tornava consensual ao pequeno grupo, eram transformações físicas na estrutura fisiológica da fêmea, que não ocorreriam no macho. Nesse sentido, a fêmea individua um modo de acoplamento dinâmico de sua corporeidade, que vai se aprimorando em correspondência as experiências vividas num meio, onde surgem as sensações corpóreas, que anunciam as transformações na gestação de uma nova vida.

Acrescenta-se a essa condição biológica da maternagem, o fato do ser *vivo-mamífero-primata-hominídeo* dispor de sistema nervoso, que possibilita um modo de *sentir biológico*. Esse *sentir* biológico da fêmea, é o *que sente* as transformações no modo de estruturação dinâmica das relações constitutivas que compõe sua corporeidade, de onde se deduz que a imagem da maternagem é anterior ao surgimento da ideia de pai. Por isso, no modo biológico feminino, surge esse *sentir que sente* a fecundação, a gestação e o parto. Essa experiência vivida marca, conserva a imagem consensual, de que para a continuidade, a multiplicação e a diversificação, a natureza recorre as condições Matriztica, que o feminino supõe.

A *emoção de amar* continua sendo até hoje a base de cada novo nascimento humano. A fêmea-mulher-mãe dispõe dessa maneira de *sentir que sente* a alegria com o nascimento de um outro, como parte de *algo de si produzida por si mesmo*. Desde a fecundação até o nascimento, somos recobertos por *conversações* que envolvem a gestante e a gestação como meio. A criança vai sendo envolvida em domínios relacionais que vão surgindo a partir do entorno mais imediato que é a maternagem. A criança vai aprendendo com o emocionar dos outros com quem convive e, assim, vai configurando seu emocionar até surgir o linguajar, que se entrelaça no conversar.

Do ponto de vista da criança, por natureza biológica, ela surge como indivíduo num meio no qual supõe implicitamente um mundo acolhedor, uma maternagem suficientemente boa. Já em seus dias iniciais, conta com a capacidade de coordenação consensual de ações primárias: o modo de olhar, de sorrir, de chorar, de se mexer, de explorar seu entorno mais próximo. Rapidamente começa a se movimentar, a emitir sons, a querer colo, pedir o mamar. Já nos primeiros meses vai ampliando sua desenvoltura sensório motora. Em seguida ganha mais domínios relacionais: surgem outras emoções, engatinha, explora seu entorno, tem iniciativas de se agarrar, se levantar, quando menos se espera dá

seus primeiros passos. Nesse período as crianças expressam monossílabos, dissílabos que já esboçam um palavreado desengonçado. A disposição íntima da convivência na *emoção de amar*, vai integrando a criança, que passa a distinguir sua corporeidade, possibilitando surgir a linguagem na recursividade, e começa a relacionar palavras e objetos, surgindo o processo de conversar, onde ocorre o entrelaçamento do linguajar com o emocionar.

A criança vai fluindo na convivência com os adultos, mas esse meio nem sempre é acolhedor. A estruturação das relações constitutivas da criança pode vir a se compor por outras emoções que assumem outras tonalidades que não a *emoção de amar*, o que muda a maneira de relacionar-se do modo particular do conviver no conversar. Aqui podemos sofrer. Quando ocorre a predominância dessas outras emoções, onde se compõe a trama de contradições e conflitos, esse modo de vida passa a sofrer, entra em estado de tristeza.

A experiência se torna conflitiva, não por se tratar de outro tipo de emocionar, diferente do modo amar, pois, todas as emoções, por natureza, são legítimas. O maior problema são emoções “*secundárias*”, surgida na cultura, com a linguagem e que são específicas dos seres humanos. Essas emoções podem não só predominar sobre a *emoção de amar*, como surgem e se nutrem do negar a *emoção de amar*. Aqui surgem as formas de desamor. Negar o outro na sua existência, não é uma ofensa ou agressão, é violência. Mesmo em nome de valores transcendentais, se negamos o outro na sua legitimidade, se tem uma atitude em que o modo de operar se assemelha a ideia de mutilação. Mutila-se alguém com desapresso na exclusão, na negação, na indiferença, no injetar o medo e exigir a subserviência e submissão.

Pensemos numa prática, dentro de um espaço de conversação, onde um certo número de indivíduos se reúnem em consensualidade. Se encontram, mas cada um à sua maneira, incomodado com seu problema, sofrendo em seu dinamismo de relações, mas não passivo, já que se colocam a trabalhar sobre o que faz sofrer. E o que faz sofrer passa por formas de desamor. Nessa prática de trabalho, nos deparamos com algo dramático, quando a ação de desamor que nos afeta vem, justamente, de quem nos colocou no mundo: *o abandono de uma criança por sua mãe*. Se tomarmos essa ação de desamor, esse abandono, não podemos dizer que de fato essa ação foi realizada por uma mãe, mas por uma mulher no desespero de não conseguir efetuar as correlações entre ações e emoção de amar materna. Algo se interpõe, bloqueado que esse domínio e dimensão relacional de maternagem em uma mulher se efetue. Suas condutas surgem esvaziadas de sentido. Para a criança que entra em relação com esse modo de presença, essa conduta sem sentido, é vivida como forma de desamor.

Não conseguir dar sentido a conduta materna, isso não é da natureza biológica da mulher. A condição de maternagem herdamos desde os mamíferos, mas algo cultural que limita, inibe a relação entre condutas e a emoção materna, o que nos leva a hipótese de que essa mulher repete algo vivido em formas de desamor, como abandono, maus tratos, abusos, rejeição, negação, exclusão, sujeição, desprezo, que só existe na cultura, supõe a linguagem, é algo específico dos seres humanos, que pode vir a operar no bloqueio ou na inibição de capacidades biológicas como a maternagem. Mas, também, distinguir, descrever e explicar, é algo que só ocorre ao ser humano, maneira como expressa *Sentimentos*. Será na expressão de *Sentimentos* que surge a distinção entre afeto e emoção. Veremos que nessa distinção, surge a relação entre ação e emoção, como afeto vivido no modo particular.

As formas de dominação são secundárias, surge na linguagem e muito depois de certas formações culturais conhecidas como patriarcalismo, se enraizarem. Não há como pensar que a espécie humana teria sobrevivido se as bases das relações sociais fossem de dominação, de negação, de coação. Nessas condições, nossa família ancestral não sobreviveria. A vida surge por composição, congruência e consensualidade e tende à expansão, *nunca por negação*. Nesse sentido, toda forma de violência e violação nega a condição primeira da vida, que se supõe em um mundo acolhedor, como a maternagem para os mamíferos e em especial para nós seres humanos, o que conota a *emoção de amar* como base do social e da nossa integridade física, emocional e psicológica. Sendo *emoção de amar* a base, quando interrompida, violada, bloqueada, reprimida, é o que se distingue como o que nos faz sofrer por formas de desamor.

Maturana nos mostra que o domínio relacional em que surgimos supõe a *emoção de amar* que se torna em condição do surgir da linguagem. E a partir da linguagem, ampliam-se os domínios relacionais que podem vir a discrepar da integração amorosa. Desta forma, podemos dizer que a base do que nos faz sofrer são *formas de desamor*. Quando vividas de maneira recorrente e recursiva, conduzem observador de si, pelo *sentir que sente* que algo o entristece, a se colocar em cuidado e atenção, onde inferimos uma questão: “*O que me faz sofrer?*” Essa questão não é negativa, mas diz do momento em que o *observador de si* começa o enfrentamento, surge a resistência, onde se quebra o silêncio da sujeição por experiências vividas em formas de desamor.

J **Domínio de Pesquisa:** *o sofrimento como problema*

Partindo dessa breve descrição, essa pesquisa se pergunta: em comunidades em situação periférica, quais os domínios de condutas preponderam em torno da negação da vida? Como indivíduos e famílias vivem e convivem sob a determinação desses territórios que se encontram em estados de vulnerabilidades? Como as formas de violências e violações transformam a convivência coletiva e alteram a natureza amorosa individual? Como conflitos e contradições emocionais afetam e modulam modos de vida em condições de sofrimentos continuados? Como tais sofrimentos psíquicos, reduzem a potência de agir e, simultaneamente, diminuem a força de existir, estabilizando diferentes formas de tristeza? Como tais seres humanos suportam, sucumbem ou resistem, aos recorrentes e recursivos conflitos e contradições que os fazem sofrer? Como a *expressão de Sentimentos* podem contribuir para enfrentar *o que faz sofrer*, por marcas de experiências de *afetos de afecções de emoções* vividas, em *formas de desamor*?

De outro modo: como pensamos esse estado de sofrimento? Como entendemos esse modo de conservar marcas de experiências vividas em formas de desamor? Para essa tese, não se vive em vazios. Não há falta, ausência ou carência de algo que possuindo nada faltaria. O que nos faz sofrer são marcas de afetos de emoções vividos em formas de desamor. Não sofremos por incapacidade ou impotência. Sofremos, simplesmente, por não nos realizarmos em certas relações que são importantes para a experiência de aumento da potência de agir e de conhecer. Tal relação supõe encontros de convivência no conversar, tendo como base a *emoção de amar*. Essa força de existir, que dispomos por natureza, em torno de harmonia e do bem-estar, que só na *emoção de amar* pode se formar e perseverar, é o que se encontra restringida, impedida de ser efetuada, de se realizar. *É isso o que nos faz sofrer!*

Somos, por natureza, seres coletivos. Surgimos e nos compomos nas relações com outros num meio. Daí nos mostrará Maturana, a *emoção de amar* é a base da socialização, porque acontece num domínio de condutas em que as relações são congruentes e consensuais de acolhimento e atenção, cuidado e preocupação, carinho e confiança, que formam indivíduos com presença, que vivem sem dominação, com autoestima, com consideração por si e pelos outros. Essa relação em harmonia cósmica, herdada de nossos ancestrais, conservamos de geração a geração, de modo que todo ser vivo encontra de forma natural o ambiente acolhedor, em condutas e ações na *emoção de amar*, que na linguagem humana, chamamos de maternagem. Quando isso não ocorre: *sofremos!*

A indiferença, maus tratos, desconsideração, desrespeito, humilhação, são maneiras de negação. Tais experiências operam diretamente em nossas relações constitutivas que supõem domínios de ações na *emoção de amar*. Tais condições podem ser interrompidas por violação, por invasão, produzindo bloqueios, limitações, restrições, impedimentos que resumimos chamando de experiências vividas em *formar de desamor*. Sofremos por não nos realizarmos, adoecemos não porque somos por condição de origem desnaturados, mas porque fomos desvirtuados na integração e amadurecimento do nosso modo de viver e conviver no conversar espontâneo em harmonia com o bem-estar, desde as condições da *emoção de amar*.

Como surgimos numa cultura, essa maneira de convivência em forma de desamor pode nos modular, sem que tenhamos consciência do que nos afeta. Desconhecemos o que nos faz sofrer, *não que sofremos*. Um modo de sofrer, traz as marcas de experiências vividas em formas de desamor. Essas modulam nossa corporeidade, num modo em que certos domínios de relações estão interceptados por restrições e não conseguem se realizar. Essas relações não efetuadas configuram um modo de conviver no conversar, onde o observador de si *sofre*.

Quando sofremos, é de corpo e alma. Não se trata de querer ou não se realizar, mas algo externo que se interpõe em partes de nossas relações constitutivas, que não se realizam, não se efetuam. Isso reduz a capacidade de agir, de conhecer, de aprender, de criar, de existir. *Isso faz sofrer*. Sofremos por não ter nossa existência expandida na convivência com outros na linguagem. Sofremos porque fomos transformados em nossa espontaneidade natural, não por nascemos ou carregarmos alguma forma de mal. Sofremos *não* pelo que *somos*, mas pelo que temos à mão para realizar o que *somos* na linguagem. Sofremos por experiências vividas em domínio de ações onde são recorrentes e recursivas as formas de desamor. E o desamor não é a falta de amor, mas a interrupção da espontaneidade amorosa que nos constitui desde nossa relação em harmonia com a natureza da vida, do qual somos parte. *Isso nos faz sofrer*. Sofremos porque algo se interpõe, inibe, determina de modo contraditório e conflitivo, certas relações que são importantes para o bem viver para cada um. Sofremos por algo que nos restringe, não por algo que nos falte.

Partimos dessa ideia: o que faz sofrer surge da interrupção de nosso modo de nos realizarmos na *emoção de amar*. Não ser amado só tem sentido na cultura; não surge do que somos biologicamente, mas do modo de conviver no conversar em domínios de ações onde são recorrentes formas de desamor. Nossa hipótese para essa tese: expressar *Sentimentos* surge de um movimento ativo de distinguir, descrever e explicar, que compõe um

mapa em que podemos trabalhar o que faz sofrer. Se sofremos, é porque conservamos isso que nos faz sofrer no modo de explicação e toda explicação se expressa na linguagem.

Se o que nos faz sofrer é uma forma de negação e se a negação só existe na linguagem, torna-se relevante conhecer o que nos faz sofrer. Não se trata de retornar ao *calabouço das lembranças* para encontrar respostas, refazer o passado, se redimir, ou mesmo buscar reverter o *como, onde e quando* vivemos essas formas de desamor. Essas experiências vividas são irreversíveis, mas a explicação da experiência é outra coisa, essa pode mudar. Essa explicação, na maioria dos sofrimentos nós não a fizemos, não a formulamos, nós a supomos, a aceitamos. Nos submetemos. Aqui mora o perigo: no silêncio, essa *não* explicação, nos domina.

Temos que compor esse mapa que contém a trama de experiências vividas em formas de desamor, que surge como externo a nós, que desconhecemos suas razões, mas não ignoramos que nos fazem sofrer, porque sentimos. Inicialmente, podemos não saber a causa do que nos perturba, vivemos como fato, designo transcendental. Tendemos a tomar isso que nos faz sofrer pelo *que somos*. Nesse caso, concedemos como certo, imutáveis tais explicações. Com isso, só retemos as marcas de afetos de experiências vividas em formas de desamor, sem nos darmos conta de que as explicações são das marcas, não da própria experiência. Como veremos, todas as explicações que conhecemos, são modos gerados na forma de uma coerência operacional-relacional reflexiva na linguagem, que dá sentido a isso, dessa maneira, porque assim se decidiu que fosse, porque responde a certos interesses, *que nunca são de quem sofre*. Sofremos porque não temos os meios de nos expandirmos em conformidade com as condições em que nossa natureza amorosa se realiza.

Parece-nos que essas tramas entre ideias e imagens, nas quais *não* nós realizamos, produz um efeito que *não* dá, de imediato, um saber sobre o como somos interrompidos em nosso modo de nos realizarmos. Por isso, não sabemos que essa lógica preponderante no pensamento clássico depende de nós para que suas formas de poder nos domine. Não percebemos que conservamos certas explicações sobre nossa infelicidade, que depende de nós para que isso que nos faz sofrer seja como nos parece ser, mas, também, desconhecemos que depende de nós para que possa ocorrer o enfrentamento e mudar. Sofremos por e na ignorância.

Outros aspectos que queremos conservar: mesmo que essa marca de desamor interfira diretamente no nosso modo de agir, de pensar, de desejar, não nos apaga ou neutraliza por inteiro. Como podemos afirmar isso? Porque sofremos. É nossa insatisfação

com a realidade em que vivemos que nos traz a ideia de que *não somos* o que nos faz sofrer. O que nos faz sofrer é outra coisa. Externo a nós, mas seu sucesso depende de que continuemos a acreditar que *somos nós*, que é algo *em nós*, o que nos faz sofrer. Assim, na nossa ignorância e desconhecimento, o que nos faz sofrer tende a nos dominar.

Desde então, o problema de pesquisa assume a seguinte direção: fomos, somos, estamos há tanto tempo em relações de enganos e mentiras, que nossa capacidade de sentir aparece reduzida em sua potência de agir. Sofremos, sem *sentir como sente* o que faz sofrer. Vivemos uma cultura ocidental, judaico-cristã, capitalista, onde o modo de sentir diante *do que se vive*, só se torna verdadeiro se aprovado e validado por uma razão independente e externa a nosso modo de sofrer. Em tal perspectiva, a explicação da experiência vivida pelo observador de si, supõe uma realidade objetiva e independente que aparece como justificação, como desculpas, como fundamento, como satisfação para outros, por isso somos convidados a só nos expressarmos quando tivermos a certeza de uma argumentação verdadeira.

Entende-se que é difícil mudar. Mas, daí sermos totalmente condenados ao resultado do que nos acontece, é confundir o que somos, como potência afirmativa da vida, herdadas da nossa história inicial na *emoção de amar*, com as modulações conflitivas que nós experimentamos em formas de desamor, no suceder do modo de conviver no conversar. Essas contradições e conflitos, mesmos fortes e tendendo a nos alienar, quando sofremos, podemos distinguir, descrever e explicar, expressando *Sentimentos*, como um primeiro passo que pode nos ajudar a mudar.

) **Inquietações:** *como se faz?*

Para esse pesquisador, a ideia de *Sentimentos* surge de duas formas de inquietações: de um lado, a forte tendência nas ciências clássica e filosofias transcendentais de negar o que extrapola a razão pura, passando a conotar a ideia *Sentimentos* como algo *derivado e dependente* das ideias de *emoções, afecções e afetos*, o que não acompanhamos. Como consequência, o sentido da ideia *Sentimento* tende a expressar formas negativas (*sentimentalismo, denotando algo exagerado, falso, impreciso, confuso*), modos neutros (*sentimento se torna substituível por*), metafóricos (*sentimentos em analogia a*), de força reduzida (*sentimentos em grau mais baixo que...*), ou como produto do subjetivismo, maneira distorcida e confusa, denotada por uma consciência alienada e passiva, que ignora ou desconhece o que lhe faz sofrer, mas não de sentir que sofre. Por nossa conta, acrescentamos que *Sentimentos*, para essa pesquisa, não será entendido com o simples reflexo condicionado do que se vive em *domínios relacionais de emoções extrínsecas* ao observador de si. Nem se percebe os *Sentimentos* enquanto representação genérica de *ideias afecções externas*, resultantes de efeitos de misturas entre corpos em condutas realizadas ou sofridas. Também não se confunde com *afetos intrínsecos*, que se vive no modo particular, enquanto marcas de passagem ou transição vivida na variação contínua de um modo de existir. Nesse contexto, encontramos dificuldades ao explicar *Sentimentos*, já que não dispomos de maneiras para situá-lo como ideia autônoma, na rede de outras ideias que explicam diferentes modos de *sentir* humano, tampouco podemos cogitar um entrelaçamento dinâmico entre essas noções-conceitos.

Diante desse problema, não perguntamos o que são *Sentimentos*, mas *como se faz* para que surja isso que nomeamos com a palavrinha *Sentimento*? Os *Sentimentos* se expressam num modo de fazer. Se não fizermos, os *Sentimentos* não se expressam. O fazer que *expressa Sentimento* é a explicação da experiência, não a experiência como algo em si. Notemos que as ações podem e são vividas, mas sem a correlação ao domínio relacional onde fazem sentido na linguagem, permanecem desconhecidas, sem explicação. Segundo Maturana, não são ações, mas condutas, motricidades ditas involuntárias ou instintivas. Isso porque não aparece o sentido de afetar e ser afetado do modo particular. Embora seja vivida no modo de uma intensidade que faz sofrer, não sendo distinguida, não pode ser descrita, não gera a explicação, não se expressa como *Sentimentos*.

Esse estudo surge da prática de trabalho, onde indivíduos buscam enfrentar suas vertigens existenciais em seu modo particular de conviver no conversar. A ideia *Sentimentos* foi se compondo como maquininha que surge do trabalho entre dois domínios

disjuntos, mas que se entrelaçam: de um lado, histórias cotidianas de vidas em situação de periferização, resultado da convivência dentro de território com grande vulnerabilidade social, no qual participam de diferentes domínios relacionais pautados na violência e violação, que constroem, levam a conflitos e contradições, afetam a dinâmica na corporeidade, diminuem sua potência de agir e conhecer. De outro, a presença espontânea de cada indivíduo como unidade autônoma, que vive e que sente o que lhe faz sofrer, que conserva como marcas de experiências vividas em formas de desamor.

A realidade em comunidades periféricas é desoladora. Além de funcionar como limitador do modo humano de viver e conviver coletivo, com tantas restrições para se desenvolver e se realizar, promovem outros problemas, que podem ser obstáculos para chegar a acessar o que o faz sofrer. Nesse quadro problemático, não dispor de ferramentas de apoio que ajudem a identificar esses modos de *sentir* o sofrimento, fica difícil de chegar a conhecer as mudanças na dinâmica estrutural de sua própria corporeidade. Ignora, desconhece o que faz sofrer, no entanto, não deixa de sofrer. Surge a questão: como fazer para iniciar o trabalho de expressar *Sentimentos*, num contexto em que o sofrimento tende a se encobrir, ser desconhecido ao próprio observador de si, que sofre?

Partiremos das condições mais elementares de abstração que o observador de si *faz*, quando coloca seu modo de vida em atenção. Algo como um voltar-se e perceber seu corpo, se tocar, se sentir, se ater a seu entorno, mas o que se está distinguindo nessa ação, especificando nesse gesto, surge na questão: “*que recorrências são essas que surgem no como me sinto?*” Noto: não posso prever como me sentirei, mas posso dizer como me sinto ou como me senti. Não posso me jogar e antecipar um futuro, mas posso partir do presente e fazer recursividade com o passado de uma experiência vivida. Daí, mesmo não sabendo o que sejam *Sentimentos*, nem mesmo falar dessas coisas que me constroem, que ignoro, que desconheço, por condição de unidade composta biológica, experimento um *sentir*, e a experiência consensual de conviver no conversar com outros na linguagem, pode me ajudar a distinguir isso *que sinto*. *Sentir que sinto*, é um começo.

De modo geral, se perguntar: “*Como me sinto? Como estou no viver e conviver com outros?*” São questões que podem ser feitas por qualquer um. É uma disposição natural da autonomia de um corpo na linguagem, por isso suposta na cultura. Todo mundo pode se perguntar, em qualquer tempo, “*como estou me sentindo?*”. Ocorre que as vezes, em estado de sofrimento, essa pergunta se impõe, não de modo geral, mas pessoal. Surge o observador de si. Esse distingue algo de si junto aos domínios de relações em que viveu experiências de desamor, no modo particular de conviver no conversar com outros.

De fato, quando buscam ajuda, não estão passivos, se encontram com outros, compõem o espaço de conversação, que se torna em campo de resistência para enfrentar formas de tristezas. Veremos que o observador de si para realizar a resistência, deve se colocar em atitude afirmativa em relação a seu modo de viver, assumindo seus conflitos e contradições, como problema a ser enfrentado. Tal atitude ativa, expressamos assim: “*o que me faz sofrer?*” Essa pergunta é para nós a base do trabalho com *Sentimentos*.

Abstraímos: o indivíduo ao se colocar a questão “*O que me faz sofrer?*” Só pode fazê-lo na condição de resistência, insatisfação, inconformidade com a maneira em que se encontra em seu modo particular de conviver no conversar. Não é o espaço de conversação que coloca a questão aos que o compõem. Quando sai de casa para pedir ajuda, observador de si, cada ser humano, já se formulou essa questão. De certa forma, tal questão já está sendo enfrentada.

Sofremos... vamos buscar ajuda. Mesmo antes de chegar ao encontro, já temos uma certa consciência do que nos levou a buscar ajuda. Já estamos no contexto que problematiza “*O que me faz sofrer?*”. É o que cada um, no encontro de conversação, traz consigo a respeito de si mesmo, como marcas de formas de desamor, que surgem como acontecimentos em domínios relacionais que reduzem sua capacidade de produzir mundos, aliena seu modo de vida, sente dor, sofre, encontra-se triste.

Quando o observador de si se pergunta: *o que me faz sofrer?* Como se produz a explicação? Maturana nos mostrará que é das práxis de viver o que possibilita ao observador de si *sentir que sente* que algo o faz sofrer, distinguindo na dinâmica de sua corporeidade, marcas de afetos vividos em formas de desamor; e é da própria *práxis de conviver no conversar* com outros, que o observador de si dispõe de meios para descrever e gerar a explicação que expressa *Sentimentos* do que faz sofrer.

O encontro de conversação é construído. A conversação ocorre num espaço em consensualidade, vivido de modo consentido, como estratégia de enfrentamento ao que faz sofrer. Dinamicamente: esse modo de pensar o domínio relacional do espaço de conversação, a emoção que se evoca, opera de maneira que passamos a *sentir que se vive* o que se distingue, *como* um *sentir que sente* marcas de formas de desamor, *onde* se descreve *o que sente que faz sofrer*, quando gera uma explicação, um modo de conhecer, de *sentir como sente*, que expressa *Sentimentos*.

) **Distinção epistemológica:** *modos de pensar*

Na perspectiva da ciência contemporânea gerativa (Maturana), o ser vivo é concebido como unidade composta e autônoma, de organização autopoietica, que surge e se conserva como totalidade num meio complexo. Em ressonância com a filosofia da diferença (Deleuze, Spinoza), que entende o indivíduo composto de infinitudes de partes, que mantem a proporção de movimento e repouso, que persevera o todo de suas relações características, enquanto grau de potência singular.

Notemos: a representação não sobrescreve a imagem gestual, nem os processos dinâmicos do sistema nervoso, nem os fluidos hormonais, nem os movimentos orgânicos do organismo, nem a desenvoltura do esquema sensorio motor. As disposições corporais, as transformações nas dinâmicas das relações constitutivas de um indivíduo como unidade composta e autônoma, respondem ao que se vive, no interrupto e continuo presente instantâneo, em ato. Nesse sentido, as condutas consensuais efetuadas espontaneamente, não são expressões, mas respondem ao fluxo de variação continua do vivido, onde as interações entre as partes componentes estão sempre em relações de composição, decomposição e recomposição, mas não em resposta a perturbação externa, que só desencadeia. Entendendo que as mudanças estruturais podem ser desencadeadas por perturbação externa, mas suas transformações internas respondem a manutenção da totalidade enquanto auto-organização dinâmica da corporeidade do indivíduo, que tem como horizonte o bem-estar global de seu modo de vida biológico.

O que se quer ressaltar é que o dinamismo corporal não são representações, mas vivências do *sentir biológico*, que na linguagem não deixa de acolher a atribuição de uma palavra que a representa, mas a essa não se reduz. Essa distinção entre corpo e representação, imagem e ideia, parece-nos, acompanha a coerência operacional-relacional reflexiva de Deleuze, quando descreve como parte da ontologia no spinozismo, que o domínio da extensão e o domínio do pensamento, são linhas que não se intersectam, não se misturam, uma não depende da outra para estabelecer suas correlações entre seus componentes *parte e o todo*, são atributos diferentes e disjuntos, mas se entrelaçam simultaneamente em correspondências espontâneas, modulando-se reciprocamente nas conexões, sem determinação de um pelo outro, compondo um e único indivíduo, enquanto unidade composta singular e autônoma, auto produtiva (autopoiese).

Há unidade do corpo, como imagem e há unidade da ideia, como um modo de pensar, mas as correlações entre imagem e ideia não são naturais, mas compostas, produzidas no modo de uma trama que se entrelaçam segundo determinação de um domínio

relacional que lhe dá esse e não outro sentido, segundo o drama de correlações na experiência vivida entre transformações intensivas e produção expressiva.

Há partes e todo na formação de cada indivíduo composto, como há partes e todo, na relação entre indivíduos e meio. Mas seja qual for as mudanças nesses dois sistemas, o que ocorre passa pela relação entre partes e todo, sem perda da singularidade e autonomia. Não há determinação de um (parte ou todo) sobre o outro (indivíduo ou meio), mas se entrelaçam, modulando-se reciprocamente. São disjuntos (indivíduo e meio), no entanto, o domínio relacional (nicho) que se compõe na convivência recorrente e recursiva, resulta da harmonia em torno do bem-estar de um *com o* outro: do meio com o indivíduo, como do indivíduo com o meio em que surge e no qual pode se realizar.

Tendo esse breve esquema, podemos nos diferenciar da perspectiva da ciência clássica, que parte da ideia de *realidade objetiva*. A objetividade supõe a realidade do que se vive como *independente* do observador, sendo externo a quem observa e além da observação, submetidas as formas de representação na razão. Fica a ideia induzida, de que qualquer modo de distinguir, descrever e explicar a realidade *do que faz sofrer*, deve se fundamentar na ideia de que se o externo, que é independente e está além do observador, não mudar, nada pode ser alterado. Resta-nos se corrigir...

Quando optamos por *não* nos orientar pelos critérios de explicação das ciências clássicas, nos referimos à ideia de que, ao contrário, a mudança da realidade do que faz sofrer se dá no particular, depende do observador, do observar e da observação, na articulação entre domínio relacional que envolve parte e todo, mesmo quando ocorre simultaneamente a muitos indivíduos ao mesmo tempo. Do que aprendemos com nossos intercessores, abstraímos: se não posso depender do outro (além, externo e independente) para operar transformações no que em mim pode mudar, toda transformação opera-se a partir do observador. Desde então, não supomos a realidade como objetiva sem a distinção do observador, nem eventos externos a descrição do observar, tampouco acontecimentos independentes da explicação nas observações. Por isso não tornamos a lógica da realidade objetiva em critério para decidir pelo observador o que deve ou não observar, nem quais as observações que pode ou não conservar ou mudar, em domínios relacionais que o fazem sofrer por formas de desamor.

) **Operadores conceituais:** *distinguir, descrever e explicar*

Esses três operadores não se confundem e podem ser interrompidos a qualquer momento do processo. Podemos distinguir e não descrever, nem explicar. Podemos distinguir e começar a descrever, mas interrompido, não explicar. Mas, *não* podemos explicar sem distinguir e descrever. Supondo que seja fluido, um observador de si notará um desdobramento gerativo entrelaçado entre distinguir, descrever e explicar, que vai gerar um modo de expressar *Sentimentos*. Ou, o que se explica é o que se distingue e se descreve e, assim, expressa *Sentimentos*. Ou, o que se distingue é o que se descreve quando se explica, expressa *Sentimentos*. Ou, o que se descreve explica o que se distingue, que expressa *Sentimentos*.

Nesse sentido, não pode haver acontecimentos além, externo e independente do distinguir, descrever e explicar a experiência vivida, pelo observador de si. Tomemos esses três operadores reflexivos, como movimentos distintos, no entanto, entrelaçados e notaremos: a *explicação* (sentimentos) supõe o que se *distingue* (afeto, marca). E o que se *distingue* possibilita o que se *descreve* (imagens e ideias de emoções vividas). E o que se *descreve* traz junto o domínio relacional em que as ideias e imagens fazem sentido (emoções). Como modo de fazer, sugerimos que o observador de si parta de algo que distingue (uma marca, um afeto de experiência de desamor vivida) e se coloque *entre* as imagens-ideias afecções e o domínio relacional onde essas fazem sentido (emoção), e passe a operar suas correlações gerativas, como descrição e, assim, produz um mapa que *explica*. A explicação surge da coerência operacional-relacional reflexiva, como modo que *expressa Sentimentos*.

J **Observador de si: ser humano na linguagem**

Não supomos eventos além, externa e independente do observador, do observar e da observação. O observador de si surge na linguagem. Somos o que somos na linguagem. Na linguagem não retemos as experiências. Essas são irreversíveis, mas a explicação das experiências, essas podem mudar. Quem sofre é o observador de si. Esse surge na distinção, descrição e explicação na linguagem. Consideremos uma circularidade: com a distinção surge o observador, mas não há distinção antes do observador, como não há observador, nem observar, exterior ao ato de distinguir. Se não nos reportamos a realidade objetiva, que assume como critério algo independente e transcendente ao observador no seu ato de observar, de onde saem os critérios de distinção que usamos nas nossas explicações de experiências vividas? Se toda distinção ocorre no ato de distinguir de um observador, como distinguir a distinção do observador? Com que critérios o observador observa? Qual a relação entre observador e o que é por ele distinguido?

Humberto Maturana se inclui nessa perspectiva histórica de que *não* há uma realidade externa e independente do *observador*. A ação de *observar* é uma atitude do *observador* quando distingue (seja o que for) na linguagem, e a *observação* são as coerências operacionais-relacionais (sejam quais forem), que produz a explicação como mecanismo gerativo do fenômeno *observado*. O observador não é um ser transcendente, não existe em si mesmo ou antes do ato de fazer a distinção. O observador não é o que *somos*, mas como fazemos quando nos atemos em nosso operar cotidiano ou no operar de outro num meio. O modo de *observar* do observador surge de critérios implícitos ou explícitos que especifica a distinção de algo. Esse critério de distinção do observador, determina a descrição do mecanismo gerativo do observado, que pode se expressar na explicação da observação de si ou de outro, na linguagem.

Na perspectiva dos *Sentimentos*, cabe distinguir o *observador do outro* e o *observador de si*. Partimos do domínio relacional de emoções, onde alguém vive o que vive num contexto, instantaneamente, em ato, onde a ação é determinada pela emoção. Nessa mirada, a correspondência entre a conduta motriz e a emoção em que ocorre, é o que faz da conduta motriz uma ação com tal sentido. Na prática, a emoção aparece ao *observador de outro*, quando percebe o modo do indivíduo observado se conduzir num meio e faz as correlações entre a conduta motriz desse e o domínio relacional (emoção) em que, por determinação consensual, essa ação faz esse e não outro sentido. Mas essa apreciação da conduta de alguém num meio, feita pelo *observador de outro*, opera por classe de condu-

tas, no modo geral: *amar, temer, querer*. Nota-se que nesse modo de apreciação, o *observador do outro* não tem acesso aos critérios de maneira particular em que alguém sente o que vive, em ato, em sua corporeidade singular, o modo em que *ama*, como *sente*, onde *teme* e quando *quer* assim e não assado. Essa diferença surge porque cada observador é uma vida singular, autônoma em relação as demais formas de vida, com duração indeterminada, que conserva e traz consigo sua epigenia, sua história de experiências vividas no modo particular.

Quando esse observador passa a distinguir algo de si por si mesmo, surge o *observador de si* enquanto indivíduo singular, no ato reflexivo de observar suas observações, de distinguir o que distingue e *se* distinguir nessa distinção. Observador e distinção surgem juntos, ao descrever suas descrições e se explicar em suas explicações. Nessa circularidade há uma recursividade, algo muda no observador, no trabalho de observar suas observações e na relação com o observado. A explicação assim gerada surge ao observador de si como totalidade, como algo que tem algum sentido, que antes da construção da explicação não tinha ou era desconhecido. Nesse modo, não pode haver realidade além da distinção do observador, independente do operar a descrição de seu observar e externo a maneira de gerar a explicação de suas observações a respeito de seu modo de vida.

No trabalho de entrelaçamento conceitual, veremos que essa relação de determinação de sentido da emoção sobre a ação, mesmo sendo extrínseca, produz transformação no dinamismo estrutural da corporeidade própria do observador de si, que distinguiremos como experiência intrínseca, conservada como afeto vivido no modo particular. Nesse sentido, o trabalho na psicologia se faz pela subjetividade, o que corresponde a como cada indivíduo parte do que o afeta na sua corporeidade, modo como se coloca *desde si mesmo* para distinguir *algo de si* e descrever *por si mesmo*, gerando o explicar algo *a si mesmo*. Assim, para essa tese, o *observador de si* é esse ser humano, que volta sua atenção para si mesmo e distingue algo de si, uma intensidade afetiva que conserva como marca de experiências vividas em formas de desamor e descreve com outras experiências vividas, compondo uma narrativa que surge numa coerência operacional-relacional reflexiva, modo como gera a explicação, um modo de conhecer, de *sentir como sente*, que expressa *Sentimentos* do que o faz sofrer. Assim, essa tese não supõe formas de realidades, de eventos e acontecimentos, além, externa e independente da distinção do observador, na descrição do observar e da explicação nas observações que expressão *Sentimentos*.

J) **O corpo: quatro modos de sentir**

Se o corpo é disjuncto do meio e se nem o corpo, nem o meio são estáticos, estão em movimentos ininterruptos, como se transformam, como mudam? Numa linha: há movimentos do que se vive no fluir de instantes, onde observador de si, não necessariamente consciente, segue em pequenas alterações dinâmicas de um estado a outro de seu corpo. Em tais condições, sem muito esforço, o ritmo da corporeidade não vive muitas estranhezas, não se desestabiliza, segue um suceder. Porém, quando o observador de si se encontra envolvido, recorrentemente, em domínios relacionais que o perturbam, essa perturbação conserva-se, no dinamismo de sua corporeidade, como marca de afeto de experiências vividas em formas de desamor, que poderá vir a se distinguir, no depois, por meio da descrição que gera a explicação da experiência do que faz sofrer.

Inicialmente, no estado de sofrimento, o observador de si pode sentir que sofre, mas até aqui não sabe, desconhece ou ignora as causas. Para enfrentar o que nos faz sofrer, não nos reportamos ao passado, pois, o acontecimento é a própria experiência vivida em ato, no contínuo presente, instantâneo e irreversível. Os *Sentimentos* surgem depois da experiência vivida, supõem o tempo repartido em passado, presente e futuro. A expressão de *Sentimentos* evoca *um passado a partir do presente*, quando distingue a marca do que faz sofrer. Passa a operar a recursividade *do presente sobre o passado*, quando descreve a trama entre imagens e ideias em correspondência ao domínio relacional, onde condutas realizadas ou sofridas faz esse e não outro sentido, gerando a *explicação da experiência*. Desde então, tornou-se importante contar com uma explicação de *como se faz* para expressar *Sentimentos*, como maneira de conhecer na linguagem, algo do *domínio íntimo* que mantém correspondência com o modo de *sentir* biológico.

Ocorre que todo ser vivo, animal ou humano, com sistema nervoso dispõe, por natureza, modos de *sentir* que se entrelaçam, diferentemente, ao dinamismo de sua corporeidade. De modo geral, refletir sobre *Sentimentos* como ideia autônoma, como modo de fazer e não de ser, nos coloca a pensar em como descrever diferentes modos do *sentir*. Destaquemos quatro modos de sentir enquanto domínios que participam, a sua maneira, das transformações estruturais, atuando na dinâmica corporal do ser humano, desde a linguagem, bem como, o entrelaçamento entre tais noções-conceitos:

- a) **Domínio relacional das emoções** – *sentir que se vive* - na perspectiva de Maturana, as emoções não são expressões, mas diz do modo como *se vive* o entorno imediato, no contínuo presente. Entende-se que as emoções decorrem de modos de convivência, derivam de experiências consensuais apreendidas em coletivos,

se entrelaçam ao domínio corporal enquanto *determinações extrínsecas*. As emoções não são determinadas pelo corpo, nem pelo meio, mas decorrem do *entre*, do que acontece no encontro *entre* organismo como totalidade e meio. Supõe certa disposição corporal dinâmica que se especifica em domínios relacionais de ações possíveis. Cada emoção surge entre limites. No fluir da situação, a emoção de base determina, em seus limites extrínsecos, o sentido das ações realizadas ou sofridas. Por isso, as ações na *emoção de amar* não se confundem com as ações na emoção de odiar, aceitar ou negar. São anteriores a linguagem verbal, a reflexão e a consciência. Observação: as emoções **determinam** as *afecções*, dando o sentido de ação a conduta realizada ou sofrida;

- b) **Domínio das afecções passivas** – *Sentir que algo faz sofrer* - são imagens instantâneas, não duram, mas supõe a linguagem. Enquanto passivas, são efeitos de misturas entre os corpos, que surgem de conflitos e contradições, entrelaçando-se *externamente* ao dinamismo corporal, no modo de *sentir que algo faz sofrer*. A ideia afecção se compõe na trama entre imagens confusas e ideias inadequadas que trazem junto o domínio relacional de condutas, onde a ação realizada ou sofrida, faz esse e não outro sentido. Como se pode dizer isso? É que as afecções como misturas de corpos, se tramam como efeitos separados de suas causas, isso porque nem as imagens confusas e nem as ideias inadequadas, são algo em si, dado por si mesmo, são condutas que ganham sentido externo ao observador, são determinadas extrinsecamente em domínios relacionais de emoções consensuais. Observação: as afecções como efeitos de sentido externos preenchem a cada instante um grau de potência singular, determinando, assim, os *afetos intrínsecos*, que são vividos no modo de sentir particular do observador de si;
- c) **Domínio dos afetos** – *Sentir que sente* - na medida em que o corpo biológico tem uma duração indeterminada, o *sentir* do corpo *sente* o que lhe afeta, operando transformações intensivas na dinâmica *intrínseca* da corporeidade. O que se conserva e o que dispomos a mão, são transformações estruturais na corporeidade dinâmica, que se distingue no modo particular de viver o domínio relacional (emoções), no qual o observador de si experimenta efeitos de misturas de corpos, que determinam alterações na proporção de movimento e repouso, que modifica a potência de agir para menos, simultaneamente, a redução na força de existir, onde ocorre o modo de *sentir que sente* a passagem, uma transição vivida entre dois

estados corporais, surgindo essa modulação na dinâmica intensiva, enquanto *domínio intrínseco do afeto* vivido em estado de tristeza. Observação: surge o movimento reflexivo em que se vai das emoções que determinam as afecções, e das afecções que determinam os afetos: aqui surgem as tristezas, enquanto marcas das experiências vividas em formas de desamor;

- d) **Domínio dos Sentimentos** – *Sentir como se sente* - maneira de conhecer algo do que faz sofrer por formas de desamor, no *domínio íntimo da corporeidade*, que se expressa na explicação da experiência, não na experiência como algo em si, o que nos mostra um movimento ao contrário. Os *Sentimentos* supõem a duração indeterminada do corpo do observador do si, a linguagem, a reflexão e certa consciência. Resulta da expressão dinâmica de distinção de um afeto, como intensidade da potência de agir reduzida na própria corporeidade, seguido pela descrição da trama entre imagens e ideias em correspondência ao domínio relacional de emoções vividas, onde a conduta realizada ou sofrida ganha sentido, gerando a explicação da experiência que expressa *Sentimentos*. Desde então, *expressar Sentimentos* supõe um retorno, não a emoção instantânea, mas ao afeto vivido no modo particular que dura. Assim, só o observador de si é quem pode distinguir algo de si, descrever por si mesmo e gerar um explicar a si mesmo, numa certa correlação entre ação e domínio relacional onde faz sentido, modo como pode vir a *sentir como sente*, a conhecer algo mais do que faz sofrer, na geração da explicação de afetos de afecções de emoções vividas, por formas de desamor.

Assim, do ponto de vista do observador de si na linguagem, a dinâmica de sua corporeidade experiência quatro modos de sentir: o *sentir que se vive* em ato a experiência de emoções em formas de desamor, descrevendo, no depois, o *sentir que algo faz sofrer* das afecções, quando distingue o *sentir que sente* nas modulações intensivas de afetos, & explica a experiência vivida do *sentir como sente*, enquanto modo de conhecer o que faz sofrer nos *Sentimentos*.

Desde então, surge a escrita dessa tese **& Sentimentos: Ensaio Cartográfico de Explicações de Experiências de Afetos Vividos em Formas de Desamor**, como parte dos quesitos de doutoramento em Psicologia, no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, em cinco capítulos que se seguem.

I. SAÚDE PÚBLICA E PRÁTICAS EM SAÚDE MENTAL



Este capítulo contextualiza historicamente a Atenção Primária/básica em Saúde (APS) como campo no qual estão inscritas potencialidades, mas também desafios, para o desenvolvimento de ações em saúde mental. Neste espaço, é possível participar do cotidiano vivido pelos usuários dos serviços públicos de saúde, que buscam suporte no enfrentamento ao que faz sofrer, suas dores e tristezas. Como parte de equipe NASF no apoio em saúde mental, surgem práticas do acompanhamento com atividade de atendimento a indivíduos e famílias na comunidade. É o campo que nos provocou a refletir sobre a modo com que se expressa *Sentimento*, objeto desta tese, a partir de explicações de experiências de afetos de emoções vividas.

Ao contextualizar historicamente a APS no Brasil, destacam-se algumas tensões presentes na política pública de saúde, onde identifica-se o contraste entre *condutas instituídas*, definidas, muitas vezes, à revelia das necessidades de saúde da população e, não raro, voltadas para a acumulação capitalista, e *condutas éticas*, vinculadas à afirmação da vida e do acesso universal à saúde, entendida a partir de uma perspectiva integral, de afirmação do cuidado de si e do outro. A implementação do Sistema Único de Saúde (SUS), a partir da Constituição de 1988, constitui uma inflexão na busca da afirmação de *condutas ético-políticas* na Saúde Pública, visto que propõe em seu arcabouço jurídico-institucional o compromisso com o direito universal à saúde, entendida sob perspectiva ampliada, que transcende a ausência de doenças e se vincula às condições de vida da população. A Atenção Primária/básica em Saúde constitui um espaço estratégico na universalização do acesso à saúde no Brasil, visto que permite ampliar a cobertura da atenção em saúde de forma racional, possui a potencialidade de se antecipar as doenças e agravos em saúde e de promover uma aproximação entre a oferta dos serviços e as necessidades em saúde da população a partir de sua vinculação ao território, espaço onde as pessoas vivem e se relacionam.

Neste cenário buscou-se desenvolver o “Grupo de Sentimentos” como uma ação em saúde mental, voltada para a afirmação da vida, da dimensão ética da saúde, como espaço de conversação, dentro da atenção, acolhimento, escuta e cuidado. É neste espaço de conversação que ocorre o encontro, onde os sujeitos se dispõem a refletir sobre o que os faz sofrer, tendo como estratégia a expressão de *Sentimentos*, a partir da ação prática de voltar-se para si mesmo e distinguir uma experiência, onde descrevem as marcas dos afetos de emoções vividas como explicação de emoções vividas em formas de desamor.

1.1 Atenção Primária/básica em Saúde no Contexto da Política de Saúde no Brasil.



Como dissemos acima, o resgate histórico da política pública de saúde no Brasil até o surgimento da Atenção Primária/básica em Saúde – APS, tem como fio condutor a análise das *condutas instituídas*, como ações governamentais em saúde pública que podem ou não estar associadas às *condutas éticas*, que correspondem ao cuidado nas relações entre seres humanos, dentro dos serviços oferecidos de atenção em saúde.

Entendemos como critério de *condutas instituídas* as ações que normatizam e legalizam a quantidade e qualidade de serviços oferecidos e o grau de acesso e participação da população a esses serviços de saúde pública. Entendemos por critério de *conduta ética* as relações humanas nas práticas de cuidado e atenção em saúde a indivíduos, famílias e comunidade. A *saúde pública* é um domínio de relações e operações em que as *condutas instituídas* se instituem como direito e como dever do Estado e são indissociáveis de *condutas éticas* quando suas ações buscam promover a proximidade e meios de participação política para consolidação do bem-estar da população.

Há *condutas instituídas* e há *condutas éticas*. Uma pessoa pode se solidarizar com seu semelhante sem que isso responda a alguma forma de normatização de *condutas instituídas*. Há *condutas instituídas* que podem restringir os serviços e o acesso da população a meios de cuidado em saúde, sem estabelecer relação com *condutas éticas*. As *condutas instituídas* no campo da saúde pública envolvem os espaços de vida, os domínios de relações individuais, familiares e comunitárias que podem ser éticos ou não (como exemplo podemos pensar nas limitações de recursos, precariedade de serviços, de assistência, de acesso a remédios, que são *condutas instituídas* que se justifica em prioridades em que a vida humana fica em segundo plano, portanto, dissociado e distanciado de *condutas éticas*). As *condutas éticas* ocorrem no presente, na convivência, nas interações diretas com indivíduos, familiares e comunidade, que pode estar ou não em conformidade com as *condutas instituídas*. Um exemplo: quando a clínica da família, por meio da ESF, acolhe e apoia a busca de cuidado de indivíduos e famílias que estão fora de seu território adscrito, age eticamente em função da vida humana, mas não se encontra em conformidade com o estabelecido nos critérios de *condutas instituídas*.

Dentro desse quadro, as *condutas instituídas* na lógica capitalista burocrática, impessoal, em domínios de relações verticais e hierárquicas, com fragmentação dos serviços ou no interesse de tornar mercadoria um bem público como acesso a saúde, agem dentro da lei, mas mostram-se indiferentes às questões de *condutas éticas*.

Na esfera das *condutas instituídas* as ações são formuladas num domínio de relações indiretas com indivíduos, famílias e o espaço comunitário, surgindo na forma de leis, normas, regulamentos, programas, financiamento, etc. As *condutas éticas* envolvem a cotidianidade *do modo de conviver no conversar* com outros indivíduos e famílias na comunidade, num domínio de relações diretas, imediatas, interpessoais. As *condutas instituídas* operam em arranjos administrativos, estratégias e metodologias de gerenciamento de equipamentos e suas ações. As *condutas éticas* executam estratégias e metodologias, como parte da dinâmica relacional entre equipes e com a comunidade. As *condutas instituídas* determinam os serviços e dispõem sobre os recursos de toda ordem. As *condutas éticas* ocorrem no modo de executar os serviços e disponibilizar estes recursos a comunidade. As *condutas instituídas* trabalham com funções, cargos, salários, contratações. As *condutas éticas* ocorrem nas relações entre seres humanos na convivência. As *condutas instituídas* são morais, genéricas, gerais, universais. As *condutas éticas* se dão no processo de encontros singulares, do caso a caso, no modo de conviver no conversar.

Dentro desse quadro, vamos avançar no processo histórico da APS na realidade de saúde pública no Rio de Janeiro, que se efetiva através das Clínicas da Família, tendo como arranjo administrativo e metodológico as interações entre os dispositivos de ESF e NASF, e o apoio matricial como ferramenta de construção do espaço relacional. A descrição desse ponto iniciará pelo artigo de Carlos Eduardo Aguilera Campos³ (2007) que analisa os movimentos históricos institucionais que fizeram da saúde um problema de Estado. O autor ressalta o embate entre lógica privada e lógica pública de pensar nas modalidades de serviços ofertados em saúde e as condições de acesso da população, que são critérios de *condutas instituídas*.

Campos (2007), em seu texto sobre as *origens das redes regionais de atenção básica no Brasil*, inspirado na perspectiva weberiana, identifica a expansão da burocracia na sociedade moderna como elemento fundante na estruturação da intervenção pública sobre a saúde. A burocracia como modo administrativo do modelo econômico, pauta-se em domínios das relações de forças dentro da lógica da autoridade institucional *impessoal*, distribuídas em forma de competências, acessadas por merecimento. Notaremos que a auto-

³ CAMPOS, Carlos Eduardo Aguilera. As origens da rede de serviços de atenção básica no Brasil: o Sistema Distrital de Administração Sanitária. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.877-906, jul. -set. 2007.

ridade impessoal, instituída na competência, exclui as relações humanas e define a obediência como elemento ordenador. Para nossa leitura, será esse um ponto de ruptura em que surgem *condutas instituídas* deslocadas de *condutas éticas*.

No sistema impessoal capitalista burocrático, mesmo quem manda obedece ao sistema. E quem obedece, obedece a quem obedece. A burocracia é um sistema hierárquico, e funciona na lógica da subordinação e obediência, marcada pela impessoalidade. Carlos Aguilera Campos⁽²⁰⁰⁷⁾ reporta-se a Frendi, 1993, para descrever a organização burocrática, na qual “*Princípios como os de hierarquia, divisão do trabalho, processo de recrutamento, estabelecimento de normas, profissionalização e impessoalidade conformaram um modelo que serve como um mapa para a leitura do mundo das organizações burocráticas*” (Campos, 2007, p. 878).

Nesse cenário, identificou-se o surgimento de práticas de saúde pública como fenômeno da modernidade, sob o modelo administrativo burocrático e impessoal. Estruturavam-se, assim, *condutas instituídas*, resultantes das relações de forças entre interesses sociais e econômicos, que destoavam de *condutas éticas* e epistemológicas, dando luz aos embates entre lógica privada e lógica pública de pensar e agir em saúde.

Neste contexto, emergiam dois modos distintos de intervenção pública sobre a saúde, ainda que conservassem as mesmas bases de interesses econômicos regulados por sistemas burocráticos: a clínica individual, que aplicava a *dedução*, a partir da história particular do caso, e a saúde coletiva, sob a lógica *indutiva*, voltada para os aspectos coletivos epidemiológicos, territoriais e comunitários que interferem na saúde da população. Como mostrara Campos⁽²⁰⁰⁷⁾, contrapondo as práticas da clínica individual, “*A saúde pública, em sua abordagem coletiva, busca a comunidade doente ou em risco de adoecer, o que pressupõe que o bem-estar coletivo subordina os interesses individuais*” (2007, p. 879).

Na sociedade moderna, a saúde pública se confirma como um problema de Estado⁴. Na lógica positivista, que preponderava na época, as soluções apresentadas aos problemas de saúde que assolavam os Estados, orientadas pela perspectiva higienista, tinham como base medidas técnico-administrativas, de cunho burocrático e impessoal, de funcionamento vertical e hierárquico, as quais constituíam o referencial para propor *condutas instituídas* em saúde. Assumindo que o Estado se encontrava subordinado às relações de produção no sistema capitalista, “*a saúde pública contava, prioritariamente, com*

⁴ Carlos Eduardo Aguilera Campos refere: “*foi a saúde pública que primeiro institucionalizou a prática estatal na área da saúde*”. (2007, p. 879).

uma organização voltada para as regiões de produção e circulação comerciais. (2007, p. 880). Essas ações respondiam ao interesse econômico e não ao cuidado e atenção a seres humanos em sofrimento, portanto, são ações de *condutas instituídas*, porque executadas pelo poder público, mas desvinculadas de *condutas éticas*, pelos jogos de interesses.

Nesse sentido, Mendes⁵ (1993) identifica a gênese da intervenção pública sobre a saúde no Brasil no modelo de atenção classificado como “*sanitarismo campanhista*”, o qual esteve vinculado ao modelo de desenvolvimento econômico agroexportador, no início do século XX, que visava o saneamento dos espaços por onde circulavam as mercadorias. Este modelo, inspirado em medidas militaristas e autoritárias, tinha como base a intervenção repressiva sobre os corpos. Estas medidas, na perspectiva de Campos (2007), tiveram dificuldade de se legitimar na função social de controle e prevenção de agravos à saúde da população (2007, p. 880), uma vez que se encontravam associadas a modos de controle e repressão social, exercidos pelo Estado, que produziam desconfiças na população em relação às ações para coletivos, entre elas as de saúde pública, como ocorreu na Revolta da Vacina. Neste contexto, a saúde pública visava antes o controle de epidemias que o cuidado à população, como assinala Campos (2007, p. 879), acenando, assim, para uma dissociação entre *condutas instituídas* e *condutas éticas*.

No seu início, a organização sanitária atuou, especialmente, com o objetivo de controle e isolamento das doenças infectocontagiosas, lançando mão de equipamentos sociais mais voltados para o apoio logístico da ação de seus funcionários do que propriamente o atendimento do público. (2007, p. 880).

Interessava conter a doença, dados seus efeitos na economia, e não se ocupar do sofrimento dos seres humanos e da ampliação do acesso aos serviços de saúde pela população. Constatava-se, portanto, um significativo distanciamento entre *condutas instituídas* e *condutas éticas* em relação a saúde pública.

No processo de industrialização e urbanização fomentado pelo modelo de desenvolvimento econômico de substituição de importações, a partir das primeiras décadas do século XX, mas sobretudo a partir da década de 1940, emergiu o que Mendes (1993) categoriza como modelo de atenção em saúde médico-privatista, o qual se consolidou durante a ditadura militar, na segunda metade da década de 1960. Inspirado no paradigma flexneriano⁶, o qual identificava a saúde como ausência de doenças e centrava a atenção em

⁵⁵ Mendes, Alessandra Gomes. FÓRUM SOCIAL MUNDIAL DA SAÚDE: contribuições e desafios para a luta pela saúde no Brasil – tese Doutorado - UERJ – RJ - 2014.

⁶ Concepção de saúde que remonta ao início do século XX, de caráter biologista e individualizante, que norteou as políticas de saúde durante quase todo aquele século, valorizando a atenção médica especializada. (Mendes, 1996)

saúde na atenção médica, especializada, fragmentária, individual e curativa. Este modelo favoreceu o desenvolvimento do setor privado na saúde, criando as condições para o crescimento da atenção médica individual. Este modelo deu origem ao complexo industrial na saúde, mediante subsídios públicos a clínicas e hospitais, contratados pelo Estado para atender aos trabalhadores formais. Este modelo de atenção, financiado sob a lógica tripartite (com participação do Estado, trabalhadores e empregadores), esteve, portanto, voltado para os trabalhadores dos segmentos centrais da economia, e tinha como foco a atuação sobre o corpo do trabalhador, em sua capacidade produtiva.

A consolidação do modelo médico privatista, alicerçou-se nos anéis burocráticos do Estado durante a *autocracia burguesa*, o qual financiava o capital privado⁷, através de contratos e convênios, que previam capital fixo subsidiado, reserva de mercado, baixo risco empresarial e ausência de competitividade.⁸ Esse modelo assistencial organizou-se, portanto, tendo o Estado como principal financiador, através da Previdência Social; o setor privado nacional como prestador de serviços; e o internacional como fornecedor de insumos (equipamentos médicos e medicamentos) (MENDES, 1993 apud MENDES, 2014, p.152).

Neste contexto, portanto, passaram a distinguir-se duas práticas hegemônicas em saúde: a medicina individual, voltada para os trabalhadores dos segmentos centrais da economia, e a Saúde Pública. Esta última passou a se estruturar em dois eixos centrais: a Medicina Preventiva, desenvolvida nos Centros de Saúde; e os programas verticais de saúde, organizados por doenças, centrados em instituições como os leprosários, os sanatórios e hospícios (MENDES, 1993).

A segunda metade da década de 1970 assistiu à crise do modelo privatista, onde estiveram evidentes sua incapacidade de fazer face às necessidades de saúde postas pela realidade brasileira e a necessidade de construção de propostas alternativas para a saúde. De 1970 e o início dos anos 1980 constituíram o solo fértil para a crítica e questionamento daquele modelo de atenção e estruturação de propostas alternativas para a saúde. No contexto internacional, dois fatores concorriam para tanto. De um lado, haviam entrado em ascensão naquele período as políticas neoliberais, que propunham um Estado mínimo; por outro, desenrolavam-se conferências internacionais que acenavam para a concepção ampliada de saúde, e a identificavam como um direito universal, a ser garantido através

⁷ O setor privado nacional se beneficiou através de convênios e contratos com o Estado, através do INPS; e o internacional através do fornecimento de insumos e equipamentos médicos (MENDES, 1993).

⁸ Mendes (1993) ilustra esse processo com o crescimento em 465% dos leitos privados no Brasil, no período entre 1969-1984.

do Estado⁹. No cenário nacional, o milagre econômico promovido no regime militar derreia, enquanto lançavam-se as condições para a abertura política gradual. O período foi marcado por uma crise orgânica do Estado, com dimensões econômicas, políticas e sociais. Esgotava-se o “*padrão de desenvolvimento apoiado na articulação solidária entre Estado, empresas multinacionais e empresas privadas nacionais*” (MENDES, 1993, p. 33). O famoso “milagre econômico” se esvaía, deixando como herança para as décadas seguintes uma enorme dívida externa e um quadro econômico extremamente recessivo, com deterioração cambial, aceleração da inflação e arrocho salarial (MENDES, 2014, p. 153).

Neste contexto, emergiu um projeto contra-hegemônico para a saúde pública, o Projeto da Reforma Sanitária, que se assentava em dois pilares principais: a) o acadêmico, proveniente dos departamentos de medicina preventiva e social das faculdades de medicina, e as principais escolas de saúde pública do país; b) o conceitual, oriundo da Medicina Integral e da Medicina Comunitária. O primeiro a distanciava do paradigma flexneriano e da epidemiologia tradicional. O último trazia para o debate propostas como a regionalização e hierarquização dos serviços, a participação comunitária e a multiprofissionalidade, trazendo, portanto, as bases para a construção do Sistema Único de Saúde (SUS), instituído legalmente pela Constituição de 1988, e regulamentado através de normas operacionais e leis orgânicas construídas na década de 1990.

O movimento pela reforma sanitária colocou em pauta questões *ético-políticas* relativas ao acesso, com um importante deslocamento do *conceito de saúde* em direção à *de qualidade de vida da população*. Neste contexto, a 8ª Conferência Nacional de Saúde, ocorrida em 1986, com intensa participação popular, lançou importantes bases para a criação do Sistema Único de Saúde, preconizado pela Constituição Federal de 1988, que traz em seu art. 198 “*A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação*”.

⁹ Esta concepção ampliada de saúde não constituía em si uma novidade, visto que ao definir a saúde como bem-estar físico, mental e social, a OMS em 1948 já apontava nessa direção. Esse conceito, considerado de pouca tangibilidade dado o caráter subjetivo e dinâmico da noção de bem-estar, foi ganhando maior precisão e concretude naquele período. Um marco nesse sentido, a Conferência de Alma Ata (1978), que lançou o compromisso de *Saúde para Todos até o Ano 2000*, apontando a atenção primária como estratégia central para atingir esse objetivo. Esta Conferência, foi seguida por outras, como a Conferência de Ottawa (1986) sobre promoção da saúde, que direcionou este conceito para as condições de vida da população, buscando reorientar o foco da atenção para as pessoas em detrimento da doença, com base no conhecimento compartilhado e na intersectorialidade.

O SUS veio afirmar, portanto, a saúde como direito universal a ser garantido pelo Estado, tendo como princípios a equidade, a integralidade, a descentralização político-administrativa e a participação da sociedade na gestão da política de saúde.

É sob este caldo cultural gerado pela disputa entre o movimento sanitário e o projeto neoliberal, portanto, que se estruturaram as políticas reformistas do setor nos anos 1980, ora tendendo para sua racionalização, ora tendendo para sua universalização. Ilustram ainda este momento a 7ª Conferência Nacional de Saúde, que propôs a criação de uma rede nacional de atenção básica; as Ações Integradas de Saúde (AISs/1983-1987) e o Sistema Único Descentralizado de Saúde (SUDS/1987). Todas estas iniciativas tinham a intenção de romper com o caráter compensatório da política de saúde e direcioná-la para a universalidade, e ao mesmo tempo promover sua desconcentração em direção aos estados, e destes para os municípios. (MENDES, 2014, p.155).

No contexto da implantação do SUS, a Atenção Primária em Saúde passa a assumir um papel estratégico ético-político na universalização do acesso à saúde, bem como na reorientação das práticas de saúde, dadas suas potencialidades para ampliar a cobertura dos serviços de saúde, a partir da racionalidade dos gastos, bem como para se antecipar às doenças e agravos em saúde, reorientando suas ações das condutas médico-curativas individuais, para ações de promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos.

1.1.1. Atenção Primária à Saúde – APS no Brasil

A Atenção Primária em Saúde propõe o enfrentamento aos problemas da realidade sanitária, em centros urbanos e rurais, através da ampliação do acesso aos cuidados em saúde pela população. Não estaria colocada, nesta perspectiva, a binariedade, contradição, limites ou separação entre *condutas instituídas e condutas éticas*: que entendemos por *conduta ético-política*.

Carmem Lavras¹⁰ (2011) discute a APS de origem europeia, no artigo “*Organizações regionais de atenção à saúde no Brasil*”, partindo do Relatório Dawson, Reino Unido (1920) e Declaração de Alma-Ata, URSS (1978), cartas e documentos importantes produzidos pela OMS, que influenciaram as lutas sociais no Brasil pelo SUS (1988). No processo de implementação do SUS, na década de 1990, instituiu-se a Estratégia de Saúde

¹⁰ Lavras, Carmen. Atenção Primária à Saúde e a Organização de Redes Regionais de Atenção à Saúde no Brasil. v.20, n.4, p.867-874, 2011. Médica Sanitarista. Saúde Soc. São Paulo, Doutora em Saúde Coletiva. Pesquisadora do Programa de Estudos em Sistemas de Saúde do Núcleo de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp.

da Família ⁽¹⁹⁹⁰⁾, como estratégia de universalização e descentralização da política de saúde, transferindo para a administração municipal as responsabilidades inerentes à oferta da atenção primária em saúde.

Carmem Lavras ⁽²⁰¹¹⁾, assinala que para muitos países, com predominância do ideário capitalista, o acesso primário a cuidados em saúde, referia-se a serviços básicos, de pouca importância e custo. Qualquer especialidade deveria ser paga, já que se tratava de um serviço ou produto disponível pelo mercado. Diferente para outros países, de tradição europeia e canadense, que entendiam por primário, o “*Primeiro nível de um sistema de saúde com oferta de serviços clínicos de qualidade, responsável pela coordenação do cuidado e organização do sistema*” ^(2011, p.868). É outro domínio de reflexão e ação em saúde pública onde *condutas instituídas* e *condutas éticas* são inseparáveis.

O relatório Dawson, elaborado pelo Ministério de Saúde do Reino Unido em 1920, aparece como documento que marca esta perspectiva *ético-política*, onde propõe que a APS assume a “*perspectiva de organização sistêmica regionalizada e hierarquizada de serviços de saúde, por nível de complexidade e sob uma base geográfica definida.*” ^(2011, p. 868). Essa proposta se firmará como territorialidade adscrito com uma população definida por cada equipe de referência, no nosso caso as Equipes de Saúde da Família - ESF. Tal documento, influenciou a criação de um sistema nacional de saúde britânico, em 1948, que se tornou base para reorganizar o sistema de saúde em outros diferentes países. Em 1977, na assembleia mundial da saúde, organizada pela OMS, definiu-se como meta “*Saúde para todos no 2000*”. No ano seguinte, 1978, surge a declaração de Alma-Ata, resultado da “*Conferência Internacional sobre Cuidados Primários em Saúde*” que, entre muitas outras coisas, ratifica o relatório Dawson em relação a importância do papel da APS no desenvolvimento do Estado, que deve ser situado como “*parte integrante tanto do sistema de saúde do país, do qual constituem a função central e o foco principal, quanto do desenvolvimento social e econômico global da comunidade.*” ^(OMS, 1978, p. 1-2).

Em pesquisas realizadas pelo “*Observatório Europeu de Sistemas e Políticas de Saúde*” ⁽¹⁹⁹⁰⁾, sobre reformas sanitárias em países da União Europeia, que adotaram APS, observaram que, de um lado, foi comum o deslocamento de grande parte dos cuidados em saúde no nível secundários e terciários, para atendimentos em ambulatório. De outro, uma disparidade: a pluralidade nos modos de implantação da APS registradas pelas diversidades de maneiras de prestação de serviços. Seis anos mais tarde, em 1996, a Organização Mundial da Saúde firma um conjunto de princípios norteadores da APS, que ficou

conhecido como Carta de Liubliana, adotado pela União Europeia. Segundo Sarsfield (2002) os princípios norteadores da APS são:

Dirigidos por valores de dignidade humana, equidade solidariedade e ética profissional; direcionados para a promoção e proteção da saúde; centrados nas pessoas, permitindo que os cidadãos influenciem nos serviços e assumam a responsabilidade por sua própria saúde; focados na qualidade, incluindo a relação custo - efetividade; baseados em financiamento sustentável para permitir a cobertura universal e o acesso equitativo; direcionados para a Atenção Primária (Sarsfield, 2002: 21).

Em relação ao Brasil, ocorreram iniciativas em direção a APS em 1925, promovida por Paulo Souza quando realizou uma reforma nos serviços de saúde paulistas, dentro de um conjunto de serviços que buscavam a integralidade e permanência, com acentuada atenção na educação sanitária. Em 1970, alguns municípios em parceria com as universidades, iniciaram diferentes experiências de medicina comunitária na perspectiva da APS.

O processo de municipalização do SUS assumiu a Estratégia de Saúde da Família como modelo nacional de Atenção Primária à Saúde no Brasil. APS é um rearranjo administrativo e uma metodologia de gestão ético-política em saúde pública, que assumiu a condição operacional de Estratégia de Saúde da Família no processo de institucionalização do SUS. No município do Rio de Janeiro, esta vem sendo implementada através das Clínicas da Família, que se efetivaram como rearranjo organizacional através de Equipes de Saúde da Família – ESF¹¹ (Figueiredo 2012, Cadernos de atenção básica 27 e 39), complementadas com o Núcleo de Atenção à Saúde da Família – NASF¹², que tem entre os recursos metodológicos a gestão¹³ interdisciplinar e o apoio matricial, como descrito por Campos e Domitti¹⁴ (2007), estratégia que constitui uma ferramenta de fortalecimento das relações entre equipes de saúde da família e como meio de fazer frente a lógica fragmentária herdada pela tradição de serviços públicos em saúde.

¹¹ Figueiredo Elisabeth Niglio de. A Estratégia Saúde da Família na Atenção Básica do SUS, 2012,

¹² Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio a Saúde da Família / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. E Núcleo de Apoio à Saúde da Família / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 112 p.: il. – (Cadernos de Atenção Básica, n. 39).

¹³ Guia de Referência Rápida. Carteira de Serviços: Relação de serviços prestados na Atenção Primária à Saúde / Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil. Superintendência de Atenção Primária. – Rio de Janeiro: SMSDC, 2011, p. 10.

¹⁴ Campos GWS, Domitti AC. Apoio matricial e equipe de referência: *uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23(2):399-407, fev., 2007.

A Estratégia Saúde da Família (ESF) visa à reorganização da atenção básica¹⁵ no País, de acordo com os preceitos do Sistema Único de Saúde, e é tida pelo Ministério da Saúde e gestores estaduais e municipais como estratégia de expansão, qualificação e consolidação da atenção básica por favorecer uma reorientação do processo de trabalho com maior potencial de aprofundar os princípios, diretrizes e fundamentos da atenção básica, de ampliar a resolutividade e impacto na situação de saúde das pessoas e coletividades, além de propiciar uma importante relação custo-efetividade. (Portal da saúde, SUS¹⁶).

No quadro da Estratégia de Saúde da Família, o processo de trabalho passa a se organizar em função da territorialidade, em interações intersetoriais, destacando as desigualdades e focando a atenção em ações de promoção, prevenção e cuidados à saúde. Barbara Starfield (2009) afirma este nível de atenção como:

O primeiro contato na rede assistencial dentro do sistema de saúde, caracterizando-se, principalmente, pela continuidade e integralidade da atenção, além da coordenação da assistência dentro do próprio sistema, da atenção centrada na família, da orientação e participação comunitária e da competência cultural dos profissionais. (Caderno 27 de atenção básica, 2009, p. 7).

Com a aprovação da *Norma Operacional Básica do SUS* 1996, surge o Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e o Programa Saúde da Família (PSF), como marco importante na adoção da Estratégia de Saúde da Família pelo governo brasileiro, tornando-se equipamentos prioritários para o fortalecimento da APS, atuando na integração do acesso entre saúde e comunidade¹⁷, na perspectiva de Municipalização do SUS.

Com a municipalização do SUS, APS se torna uma ferramenta importante que se integra como Estratégia de Saúde da Família, efetuada junto a diferentes comunidades do município do Rio de Janeiro. Essa proximidade da população aos meios de cuidado em saúde, bem como a integralidade dos serviços oferecidos, na perspectiva *ético-política*, é uma evolução, não em relação aos *Centros de Saúde*, mas para realidades vividas na dor e no sofrimento da população em situação periférica.

Tal força de resistência está na base das conquistas sociais e comunitárias, expressas em experiências vividas que se tornaram referências nas reflexões e práxis em saúde pública. É nesse domínio relacional *ético-político* que surge o conceito de *apoio matricial* como arranjo organizacional e relacional entre profissionais e equipes em torno de princípios na APS, funcionando, também, como ferramenta estratégica de enfrentamento a

¹⁵ Vale lembrar que a partir de 2011, na consolidação da estratégia de saúde da família como porta de entrada ao sistema de saúde, regido pelos princípios de direito e equidade, hierarquizado e regionalizado, as noções de atenção básica e APS são equivalentes. (Brasil, 2011).

¹⁶ Portal da saúde, http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_esf.php. Acesso 06.11.15.

¹⁷ Guia prático do agente comunitário de saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009, p. 9.

conflitos, resultantes dos embates históricos entre lógicas pública e privada, entre pensar e agir em saúde como direito ou como doença e seus produtos em oferta no mercado.

Vamos nos deter um pouco sobre esse ponto *ético-político* da APS, para distinguir a qualidade dos serviços oferecidos e o grau de acesso da população a meios de cuidado em saúde, como estando nas bases dos embates entre *condutas instituídas* desvinculadas de *condutas éticas* e a condição indissociável *ético-política* da Estratégia de Saúde da Família - APS.

1.1.2 Clínicas da Família e a APS no Rio de Janeiro.

Com a descentralização político-administrativa da política de saúde, preconizada pelo SUS, APS se torna uma ferramenta importante para a ampliação da cobertura dos serviços de saúde, através da Estratégia de Saúde da Família, que vem sendo implementada em diferentes comunidades do município do Rio de Janeiro. É nesse domínio relacional ético-político que surgem as Clínicas da Família, como arranjo organizacional e metodologia de gestão, a partir das relações entre ESF e NASF por meio do *apoio matricial*.

Em síntese, a relação ESF-NASF se dá a partir da insuficiência das equipes básicas de saúde da família, compostas por médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e agentes comunitários de saúde, para responder à complexidade das demandas em saúde das comunidades a que atendem. Ou seja, a realidade de saúde da comunidade apresenta demandas de cuidados que estão além do que podem ofertar estas equipes. Estas encontram necessidades, dificuldades e limites diante da demanda em cuidados em seu território. Neste cenário, o NASF emerge com a perspectiva de complementar o trabalho das equipes de saúde da família, através do apoio matricial na discussão, elaboração e realização de ações conjuntas em saúde, na construção do Projeto Terapêutico Singular (PTS), na realização de visitas domiciliares, e também como articulador do acesso à rede quando necessário. Essas ações que ocorrem no fluir de um contínuo presente, vividos em conflitos com maior ou menor intensidades, são resultantes dos embates históricos entre lógicas pública e privada. O apoio matricial opera no contexto do domínio relacional entre profissionais e equipes, em torno de princípios ético-políticos da APS, e funciona, também, como ferramenta estratégica de enfrentamento de conflitos, entre pensar e agir em saúde como direito ou como doença, como bem comum ou produto de mercado.

A estratégia interdisciplinar de cuidado em saúde por ESF, se coloca no domínio de relações entre profissionais e comunidade. Campos e Domitti ⁽²⁰⁰⁷⁾, notam que os serviços ofertados e o acesso da população são condutas ético-políticas inseparáveis. As equipes de referência, em suas práxis produzem ações, como *condutas instituídas*, mas dentro de um modo de cuidado onde aparece a preocupação com o outro ser humano, como colega e como usuários de serviços, como *conduta ética*. O modo de produção de uma equipe é indiscernível dos produtos ofertados e das condições colocadas ao acesso aos serviços de saúde pela população, em um território adscrito. Nesse sentido, Campos e Domitti ⁽²⁰⁰⁷⁾ entendem as equipes de referência que tem uma população adscrito em território, como a menor unidade de produção em saúde ^(2007, p. 400).

Levando essa compreensão para as Clínicas de Família como equipamento responsável pela interação entre gestão e organização em saúde, as ESF são responsáveis por conduzir a atenção continuada a uma população adscrito, tornando-se a menor unidade de produção interdisciplinar de cuidados em saúde pública, sob o apoio matricial do NASF. Cada equipe de Saúde da Família (SF) se responsabiliza por parte do território adscrito de uma Clínica de Família. Essa parte que corresponde a cada ESF, se divide em tantas partes quantos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) dispuser. Nesse sentido, o ACS, define a menor parte territorial de um ESF, dentro de uma Clínica da Família. O Nasf acompanha todas as equipes de Saúde da Família da Clínica à qual está vinculado e, conseqüentemente, tem por atenção e cuidado, todo o território adscrito das Clínicas de Família em que opera como apoio matricial. Nesse sentido, os NASFs não surgem em resposta a uma suposta incapacidade das equipes de saúde da família no atendimento à população, visto que estas são suficientemente competentes para responder por grande parte das demandas, que por natureza é muito mais ampla.

O NASF tem por parte de suas atribuições o apoio matricial às ESF e com elas, Nasf/ESF e demais profissionais, constituem a potência de apoio e cuidado a comunidade. Não é necessário explicar que sem o administrativo, o serviço de limpeza e segurança, as Clínicas da Família não conseguiriam funcionar. E essas equipes estão diretamente envolvidas com os usuários e comunidade através de conversações, amizades, coleguismo, simpatias, solidariedades que quando ausentes aparecem na forma de conflitos, desvios, intrigas, fofocas, desavenças, como toda relação negativa entre seres humanos. Mas o principal fator de incluí-las nas relações constitutivas do espaço de saúde, é o fato de serem seres humanos em convivência direta e contínua nesse espaço de vida *Clínica da*

Família, que as realizam e no qual cada um e todos envolvidos se realizam em seu modo de conviver e conversar.

Na cidade do Rio de Janeiro¹⁸, a municipalização do SUS ocorre dentro da proposta normativa APS que se efetiva através das Clínicas de Família. Em 2013 é publicado um estudo¹⁹ “*Avaliação dos Primeiros Três Anos de Clínicas da Família na Cidade do Rio de Janeiro*” coordenada pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo como parte importante dos instrumentos metodológicos o “*destaque para a aplicação do instrumento PCATool-Brasil validado internacionalmente por Bárbara Starfield na versão para profissionais de saúde*”. (Porto Alegre, RS: OPAS, 2013, p.5), que recortam como quadro situacional²⁰ de estudo e investigação, o fato de que:

No município do Rio de Janeiro a cobertura da ESF em 2009 estava em torno de 7%. A partir desse ano, forte ênfase foi dada para a APS. Iniciou-se uma reforma da APS orientada pela qualidade, representada pela criação das novas Clínicas da Família e pelas Unidades tipo A (ambas 100% ESF), diferente das unidades B (Unidades com algumas ESF) e C (Unidades Tradicionais, sem ESF). Ao final de 2012, a cobertura populacional da ESF era 40%. Assim, neste estudo, procurou-se identificar e descrever aspectos relacionados à implantação, estrutura, processo e resultados das Clínicas da Família na cidade do Rio de Janeiro, comparando o grau de orientação à APS entre Unidades A, B e C. (Porto Alegre, RS: OPAS, 2013, p.11).

As pesquisas concluem de modo enfático, apontando a importância de consolidar a proposta de APS com ampliação das Clínicas da Família no modelo A. Recomendam:

Em resumo, recomenda-se radicalizar o processo de reforma em direção às Clínicas da Família, intensificando o aumento da cobertura da ESF. Esta radicalização deve se dar, preferencialmente, por meio da criação de novas Clínicas da Família, extinção das unidades do modelo C, e suspensão da criação de unidades do modelo B. Além disso, é essencial que se mantenham e intensifiquem estratégias de formação de médicos de família e comunidade na rede de APS do Rio de Janeiro, além de criar mecanismos de coordenação assistencial, a fim de reforçar o papel coordenador da APS. (Porto Alegre, RS: OPAS, 2013, p.12).

¹⁸ Reforma da Atenção Primária à Saúde na cidade do Rio de Janeiro – avaliação dos três anos de Clínicas da Família. Pesquisa avaliativa sobre aspectos de implantação, estrutura, processo e resultados das Clínicas da Família na cidade do Rio de Janeiro. Porto Alegre, RS: OPAS, 2013. Coordenado Erno Harzheim e realizado por Erno Harzheim, Karine Margarites e Lisiane Hauser.

¹⁹ Organização Pan-Americana da Saúde. Reforma da Atenção Primária à Saúde na cidade do Rio de Janeiro – avaliação dos três anos de Clínicas da Família. Pesquisa avaliativa sobre aspectos de implantação, estrutura, processo e resultados das Clínicas da Família na cidade do Rio de Janeiro. Porto Alegre, RS: OPAS, 2013, p.

²⁰ Conforme Gerson Oliveira Penna, Ex Secretário de Vigilância em Saúde - Ministério da Saúde que prefacia a pesquisa, destaca o grande impulso realizado em direção a APS no município do Rio de Janeiro, que “*Partindo de uma cobertura populacional de 3,7%, com equipes de Atenção Primária em Saúde (APS) completas em dezembro de 2008, obteve-se a maior ampliação entre as capitais do País, com um acréscimo absoluto de quase 640 equipes, passando dos 3,7% para 40,1% de cobertura*”. (Porto Alegre, RS: OPAS, 2013, p.5).

Conforme o portal Clínica da Família da prefeitura²¹ do Rio de Janeiro, em 2015, a cobertura de Clínica da Família chega com 47,9% de abrangência da totalidade territorial do município carioca. Como parte do planejamento estratégico, a ser realizada até 2013-2016, se prevê a ampliação da abrangência territorial para 70% do município do Rio de Janeiro. (Porto Alegre, RS: OPAS, 2013, p.5)

As Clínicas de Família²² são compostas por recursos tecnológicos, logística, infraestrutura material e recursos humanos, adscritos em territórios. Efetiva-se por equipes de referência interdisciplinar que são as ESF, que devem realizar um conjunto de ações com continuidade e resolutividade, focadas no usuário, atuando na responsabilização, em torno de vínculos afetivos e de confiança. Sua estrutura mínima supõe Médicos, Enfermeiros, Técnicos de Enfermagem, Agentes Comunitários de Saúde, Agentes de Vigilância em Saúde, Dentistas. Auxiliar de Saúde Bucal, Técnicos de Saúde Bucal, operando de forma transdisciplinar, através de ações de prevenção, promoção e diagnóstico precoce da doença. Enquanto equipe ou profissionais de referência são os que conduzem longitudinalmente os casos individuais, familiares e comunitário.

Cada Equipe de Saúde de Família se responsabiliza pelo máximo de 4 mil indivíduos ou mil famílias. Segundo guia Carteira de Serviços²³, a organização do processo de trabalho deve primar pela resolutividade, com a participação e compartilhamento de responsabilidade entre todos da equipe, dentro dos princípios de atenção integral, longitudinal, acessibilidade e coordenação de trabalhos.

Figueiredo²⁴ sintetiza as atribuições da equipe de saúde da família, que deve:

Participar do processo de territorialização, identificando situações de risco e vulnerabilidade, realizando busca ativa e notificando doenças e agravos de notificação compulsória; cadastrar famílias e indivíduos, garantindo a qualidade dos dados coletados e a fidedignidade do diagnóstico de saúde do grupo populacional da área adstrita de maneira interdisciplinar, com reuniões sistemáticas, organizadas de forma compartilhada, para planejamento e avaliação das ações. (Figueiredo, 2012, p.6).

²¹ Portal Clínica da Saúde, em <http://www.rio.rj.gov.br/web/sms/clinicas-da-familia> - acesso 12.10.2015.

²² Sítio digital da Prefeitura do Rio de Janeiro. Home WWW. [Secretaria Municipal de Saúde - SMS Unidades de Saúde Clínicas da Família](#) – Acesso em 06.11.15.

²³ Guia de Referência Rápida. Carteira de Serviços: Relação de serviços prestados na Atenção Primária à Saúde / Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil. Superintendência de Atenção Primária. – Rio de Janeiro: SMSDC, 2011, p. 10.

²⁴ Figueiredo Elisabeth Niglio de. A Estratégia Saúde da Família na Atenção Básica do SUS, 2012, p.6.

Destaca-se a importância do empenho no trabalho em rede de atenção à saúde, que envolve processos em contínua construção de teias horizontais junto os demais serviços no território, como Centros de Saúde, policlínicas, UPAs, Hospitais de Referência e SAMU, CAPS, CAPSI, CAPS/AD, enfrentando a lógica clássica vertical e fragmentada da atenção em saúde, resultante das históricas divergências entre *condutas instituídas* que definiam o acesso à saúde por níveis de gravidades e complexidades, instrumentalizadas por protocolos, referências e contra referência, funcionando de forma burocrática e, no mais das vezes, de transferência de responsabilidade. Nesse sentido, desvinculadas de *condutas éticas*.

Os profissionais da ESF fazem parte do arranjo organizacional e metodologia de gestão. Enquanto coletivo com funcionamento em relações dialógicas, devem conduzir os casos de cuidados em saúde, trabalhando em corresponsabilidade e continuidade do vínculo com os usuários, dentro de um território delimitado, com clientela definida. Tal estratégia de gestão em saúde, busca romper com a fragmentação de serviços, própria a lógica hierárquica das profissões, corporações e especialismos, conferindo maior poder ao trabalho interdisciplinar, mas como lembra Campos e Domitti “*Não todo o poder, porque há o poder dos gestores e usuários, necessários para o cumprimento da função de coordenação, de integração e de avaliação do trabalho das distintas equipes de referência.*” (2007, p. 400).

Em relação ao gerenciamento, as Clínicas de Família são pensadas de modo horizontal, onde as práticas e conhecimentos compartilhados são igualmente importantes, para a coordenação de ações de cuidados e ampliando o acesso da população a serviços de saúde. O princípio básico é de que há interdependência entre os diferentes campos de conhecimentos e isso deve ser assumido como diretriz nas relações entre diferentes profissionais, como prática consensuada diante de objetivos comuns, como integralidade e continuidade do acesso a saúde da população. Tal estratégia busca fortalecer laços entre seres humanos, no qual pessoas cuidam de pessoas, onde o gerenciamento prima pela interação positiva, no qual os profissionais se organizam em torno da atenção longitudinal em saúde como objetivo comum. (Caderno 27 p. 10).

1.1.3 Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF

O município do Rio de Janeiro está dividido em dez áreas programáticas de atenção em saúde, chamadas de Coordenações de Áreas de Planejamentos - CAP. Dentre essas dez, três CAP 2.1, CAP 3.1 e CAP 3.3, reúnem 61 unidades de saúde de APS, administrada em parceria com a OSS Viva Rio, no qual dispõe de 12 equipes de Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF²⁵.

O NASF é constituído de profissionais de diferentes áreas²⁶ do saber e fazer que assumem um número de ESF como apoiadores, dentro de Clínicas de Família. Atuam no compartilhamento de conhecimentos de forma integrada, segundo demanda negociada em discussão compartilhada com os demais profissionais das ESF que apoiam, dando suporte às pluralidades de situações, bem como, realizando atividades de forma coletiva e direta aos usuários, evitando ou qualificando os encaminhamentos a outros serviços, ajudando, assim, no aumento das capacidades de cuidado da atenção básica e na articulação da rede. (Caderno 39, 2004, p. 14).

Como consta na definição do caderno 27, Diretrizes do NASF⁽²⁰⁰⁹⁾:

O NASF é uma estratégia inovadora que tem por objetivo apoiar, ampliar, aperfeiçoar a atenção e a gestão da saúde na Atenção Básica/Saúde da Família. Seus requisitos são, além do conhecimento técnico, a responsabilidade por determinado número de equipes de SF e o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao paradigma da Saúde da Família. Deve estar comprometido, também, com a promoção de mudanças na atitude e na atuação dos profissionais da SF e entre sua própria equipe (Nasf), incluindo na atuação em ações inter-setoriais e interdisciplinares, promoção, prevenção, reabilitação da saúde e cura, além de humanização de serviços, educação permanente, promoção da integralidade e da organização territorial dos serviços de saúde. (Caderno 27, Diretrizes do Nasf, 2009, p. 10)

²⁵ O Ministério da Saúde criou em 24 de janeiro de 2008, republicada em 4 de março do mesmo ano, os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf), mediante a Portaria GM nº 154, no empenho de ampliar as ações da APS, sua abrangência e resolutividade dentro da lógica de territorialização e regionalização de acesso aos serviços em saúde pelos municípios. No ano seguinte, surge o Caderno de atenção primária 27, descrevendo diretrizes do Nasf, (2009, p.9). O Ministério Público, no intuito de facilitar a inserção e qualificação do Nasf, apresentou novas regulamentações, que surge no Caderno 39, onde consta que “As portarias vigentes que se referem ao Nasf são a de nº2.488, de 21 de outubro de 2011, que aprova a Política Nacional de Atenção Básica (Pnab), e a de nº 3.124, de 28 de dezembro de 2012, que redefine os parâmetros de vinculação das modalidades 1 e 2, além de criar a modalidade 3. (Caderno de atenção básica 39, 2004, p. 13.)

²⁶ São profissionais que podem compor uma equipe Nasf, segundo Cadernos de Atenção Básica, n. 39 – “Assistente social; profissional de Educação Física; farmacêutico; fisioterapeuta; fonoaudiólogo; profissional com formação em arte e educação (arte educador); nutricionista; psicólogo; terapeuta ocupacional; médico ginecologista/obstetra; médico homeopata; médico pediatra; médico veterinário; médico psiquiatra; médico geriatra; médico internista (clínica médica); médico do trabalho; médico acupunturista; e profissional de saúde sanitária, ou seja, profissional graduado na área de saúde com pós-graduação em saúde pública ou coletiva ou graduado diretamente em uma dessas áreas”. Em Núcleo de Apoio à Saúde da Família / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

O NASF é orientado pelas diretrizes da atenção primária, tais como: territorialidade e responsabilidade sanitária, compartilhando manejos em situações de riscos, atento às vulnerabilidades e na identificação de potencialidades. O trabalho em equipe transdisciplinar deve se orientar em relações interdependentes e em corresponsabilidades, levando em conta a integralidade, o fortalecimento da rede de atenção com outros serviços, aumentando o acesso aos cuidados em saúde, com vistas a “*ampliação da autonomia, da capacidade dos sujeitos de governar a própria vida*” (Caderno 39, 2004, p. 14).

É função do NASF apoiar as ESF e a comunidade em um território adscrito. Para tanto, o NASF surge como retaguarda especializada às ESF na produção do cuidado longitudinal junto à população, na perspectiva da integralidade, desenvolvendo atividades em duas dimensões: *clínico-assistencial*, quando atua diretamente com os usuários, e *técnico-pedagógica*, no trabalho de apoio educativo com e para as equipes ^(Caderno 39, 2004, p. 14), através do apoio matricial.

Como refere Campos e Domitti, ⁽²⁰⁰⁷⁾ “*Apoio matricial e equipe de referência são, ao mesmo tempo, arranjos organizacionais e uma metodologia para a gestão do trabalho em saúde, objetivando ampliar as possibilidades de realizar-se clínica ampliada e integração dialógica entre distintas especialidades e profissões*” ^(2007, p. 400). Os profissionais do NASF assumem esse papel de matriciadores, com o qual promovem e participam dos espaços matriciais com ESF em discussão de casos, nas relações com a comunidade de famílias vinculadas (em diferentes atividades temáticas que envolve coletivos) e na manutenção da rede de serviços complementares do SUS (no encaminhamento e discussão de casos com outros serviços).

O NASF não é porta de entrada, mas isso não significa que não realize ações de acesso direto à comunidade. No modo pactuado e refletido em conjunto com a ESF, o NASF presta cuidados *clínico-assistenciais* através de atividades como consultas conjuntas, visitas domiciliares e ações coletivas, preservando a possibilidade de contato direto individual e em grupo com a comunidade, em torno de temas e atividades mais específicas de atenção, própria aos campos de saber e fazer dos profissionais NASF.

A relação *técnico-pedagógica* tem no conceito de *apoio matricial* sua principal ferramenta, operando na ampliação da eficácia e eficiência do trabalho clínico e sanitário em saúde, promovendo a autonomia e estreitando os relacionamentos com os usuários. O apoio matricial liga NASF e ESF em torno de um espaço de experiências vividas em saúde pública, onde as relações de trabalho recebem diretrizes *ético-políticas* das reflexões históricas que embasam a APS como uma conquista social-comunitária.

1.1.4 O Apoio Matricial nas Clínicas da Família - RJ

O apoio matricial surge como estratégia relacional entre NASF e ESF e opera em diferentes dimensões entrelaçadas, participando na transformação do modo de organizar os serviços, sendo alternativa no fazer, pensar e conversar sobre cuidados e a atenção em saúde pública. Nesse sentido, os espaços matriciais são momentos de trocas ativas entre diferentes profissionais, que devem compartilhar conhecimentos e práticas que aumentem a capacidade de resolução dos problemas em saúde, enfrentados pelas equipes de referência - ESF.

A prática cotidiana do trabalho em Clínicas da Família, NASF e ESF deve se organizar de modo a compor espaços de matriciamentos e, através destes, operar na qualificação do acesso a serviços em saúde e na resolutividade de casos que exijam cuidados ampliados e acesso a outros serviços que não são oferecidos pela equipe de referência. Este trabalho de matriciamento tende a se desenvolver da seguinte forma:

- J) *Acesso ao espaço matricial entre NASF e ESF* – este tem ocorrido de duas maneiras: na construção de espaços matriciais e por contato direto. De um lado, por meio de encontros periódicos provocados por casos trazidos pelas ESF, que exijam cuidados ampliados, onde o encontro deve possibilitar a composição de um plano terapêutico, no qual são acordadas medidas e níveis de responsabilização entre os diferentes profissionais envolvidos, bem como, abre-se um espaço para a reflexão de temas clínicos e planejamento de abordagem coletivas. De outro, o apoio matricial pode ser acessado em situação de urgência. Diferentes dos modelos burocráticos de ofícios, agendamentos, o contato deve ser possibilitado de modo direto e personalizado, através de telefones e e-mail, etc.;
- J) *A construção integrada* – os encontros entre equipes envolve três dimensões de condutas: a) profissionais do ESF e do NASF se reúnem para planejar e realizar consultas conjuntas, bem como na distribuição e atualização das condutas consensuada, a partir de encontros com usuários individualmente, com famílias, podendo realizar visitas domiciliares - dependendo do caso; b) em casos em que se necessita de uma intervenção de saber e fazer específico do profissional matriciador do NASF, este poderá compor uma agenda para intervenções especializadas mantendo contato com a equipe de referência; c) por fim, podem ocorrer encontros para troca de conhecimentos, avaliações e reorientações de casos. Portanto, a integração entre NASF e ESF, supõe esses três espaços entrelaçados: *ações coletivas, ações específicas e ações reflexivas*. As três dimensões devem coexistir e se

entrelaçar na continuidade do trabalho, de modo que os encontros iniciais e as ações coletivas de consulta conjunta, podem promover o espaço de ações específicas de aprofundamento de conhecimento, que deve retornar recursivamente ao espaço reflexivo de discussão de casos, surgindo a repactuações de ações, acompanhamento, que envolvem os processos continuado de trabalho. Ainda ocorrem muitas rupturas entre esses três espaços. Esse é um problema que permanece como parte da realidade de implantação da APS como modelo nacional em saúde pública em meios a jogos corporativos e hábitos formativos em clínica clássica de cuidado em saúde pública;

J) *Encaminhamentos a outros serviços da rede* – rompendo com a lógica protocolar na forma de ofícios, normativos e burocráticos, onde as referências e contra referências seguem a ordem de disponibilidade geral, segundo hierarquias de complexidades. Na lógica da APS, o acesso a outros serviços específicos seria resultante do compartilhamento de conhecimentos, surgidos nas relações de apoio matricial entre NASF e ESF. Na rede de saúde mental da qual participo, a fluidez vem se ampliando e não se encontram dificuldades em acessar os serviços de apoio (rede CAPS, supervisão, Fórum de saúde mental), que acolhem situações mais urgentes, e assim compomos espaços de matriciamentos, onde as condutas são definidas de forma compartilhada. Há muitos entraves, mas não é propriamente dos profissionais, mas da política de saúde mental, que sofre grande fragmentação e muitas carências de recursos.

O apoio matricial é uma estratégia ético-política que opera no modo relacional que dispõem funcionamento administrativo horizontal e no atendimento integral e longitudinal da população adscrito de uma comunidade. De modo geral, percebemos que a ideia de *apoio matricial* como retaguarda assistencial e suporte técnico-pedagógico, surge como parte da estratégia de complementariedade entre NASF e ESF, no trabalho com dois contextos: focando a dimensão de *condutas instituídas* como respostas produzidas do confronto entre duas lógicas diferentes e antagônicas de pensar a saúde e o operar em *condutas éticas* na qualificação do domínio operacional-relacional com a ampliação das ações e serviços e no aumento do acesso e participação da população em cuidado em saúde.

A ESF e o NASF se definem em relações horizontais, expressas no modo de refletir sobre os problemas em saúde, no compartilhar conhecimentos, no agir conjuntamente, no acompanhar longitudinalmente, inserindo-se numa sociedade habituada a outra

forma de conduzir e pensar modos de prestação de serviços em saúde e formas de acesso da população. Ocorre que tanto as ESF como o NASF estão imersos em processos históricos de lutas e embates, que para nossos estudos, são de domínio ético-político. O apoio matricial surge como ferramenta para fazer frente ao modo de trabalho clássico de organização administrativa burocrática, impessoal, vertical e hierárquica, buscando reverter antiga lógica inoperante e pouco eficazes no trato com a saúde pública. Ao mesmo tempo, o apoio matricial opera no espaço relacional entre NASF, ESF e comunidade. No dizer dos autores, “*Essa dinâmica presta-se tanto para ordenar a relação entre os níveis hierárquicos do sistema quanto para facilitar a comunicação e integração de equipes de saúde da família e especialistas*” (2007, p. 400).

1.1.5 O Apoio Matricial: *Ferramenta Ético-Política de Ação na APS*

O que vimos, a história da saúde pública no Brasil está marcada por conflitos e embates. De um lado, as formas binárias e maniqueístas de pensar saúde pública e privada, na perspectiva clássica vertical e hierárquica, com vertente capitalista de influência norte americana e, de outro, a saúde é um direito, um bem público sem binariedade, de vertente europeia, onde as ações são compartilhadas de forma solidária, como direito e bem comum da população.

Um exemplo marcante de *condutas instituídas* deslocadas de *condutas éticas*, é a forma de organizar e gestar fragmentado, que se compõe em diferentes especialidades, com diversos modos de intervenção, sem ter um compromisso com a integralidade e continuidade em processos de saúde. Os autores explicam esse problema através dos serviços como ambulatorios e hospitais, onde se constata que “*há uma composição multiprofissional de pessoal, com baixo grau de coordenação, comunicação e integração entre as distintas especialidade e profissões.*” (Campos e Domitti, 2007, p. 403).

Esse modo administrativo burocrático de organizar as tarefas, que entendemos como *condutas instituídas* desvinculadas de *condutas éticas*, interferem nas relações entre profissionais, equipes e serviços, dificultando a continuidade e a comunicação, o processo de trabalho e a unidade de gestão, bem como, recrudescem não só a qualidade e quantidade de serviços ofertados como o grau de acesso da população. Para Campos e Domitti (2007) “*Esse fenômeno está sendo denominado de obstáculo estrutural à prática de uma clínica ampliada, bem como do trabalho interdisciplinar.*” (2007, p. 403).

Campos e Domitti apresentam mais cinco outros obstáculos estruturais que fazem parte de *condutas instituídas* desvinculadas de *condutas éticas* e se perguntam como o *apoio matricial* poderia minimizar esse modo de funcionar fragmentado de atenção à saúde. Entendemos que esses obstáculos estruturais estão presentes e inter-relacionados no ambiente de trabalho da APS, sendo objeto de reflexão e ações no funcionamento das Clínicas de Família, no município do Rio de Janeiro:

A disparidade entre excesso de demanda e carência de recursos – O SUS não dispõe de serviços suficientes para fazer frente a quantidade de demanda da população. Vimos que a fragmentação e desarticulação entre serviços, o especialismos entre saberes e fazeres, torna mais distante o acesso da população a cuidados em saúde. Mas Campos e Domitti acreditam que com o apoio matricial esse problema pode ser minimizado. Uma vez que o NASF se compõe de equipe multidisciplinar, cada profissional, no seu campo de conhecimento e prática, se responsabiliza por um conjunto de ESF, ampliando em muito as capacidades de realizar o cuidado integral e longitudinal, na construção de projetos terapêuticos singulares, bem como, pode estreitar as relações com a rede de apoio estendido que lhe corresponde: “*Esse arranjo permite um uso racional de recursos, quando cria oportunidade para que um único especialista integre organicamente seu trabalho com o de várias equipes de referência.*” (2007, p. 404). No caso de saúde mental, um psicólogo e ou psiquiatra, podem matriciar várias equipes em diferentes situações e pactuar condutas coordenadas a situação em questão, assim como qualificar os encaminhamentos, quando necessário, aos ambulatórios, CAPS, CAPSI, CAPS-AD, etc.;

Obstáculos políticos e de comunicação – o SUS surge com a ideia de gestão compartilhada, garantindo a participação popular em conferências e conselhos, mas ainda apresenta desafios no que se refere à gestão compartilhada dos processos de trabalho e no relacionamento entre os profissionais e equipes. O apoio matricial surge focando as relações internas ao campo de saúde, na medida em que prioriza a troca de informações, o contato interpessoal e a gestão do cuidado, captando diferentes dimensões do problema em saúde, o que exigem a contínua produção de espaço coletivos de discussão e consensualidade entre diferentes pontos de vista em relação a multidimensionalidade do ser humano. Tais práticas não estão postas nas modalidades clássicas de atenção e cuidado em saúde pública. Nesse

sentido, os autores apontam que “*o método do apoio matricial depende da existência de espaços coletivos, ou seja, do estabelecimento de algum grau de cogestão ou de democracia institucional*” (2007, p. 404),

Obstáculos subjetivos e culturais – não há cultura de trocas e corresponsabilização entre diferentes disciplinas e profissionais no modelo tradicional de trabalho, no qual se nota a dificuldade de realização de ações conjuntas, a preponderância do individualismo que conduz a condutas reativas, permeadas por desconfianças e jogos de poder corporativo, gerando uma subjetividade recrudescida que se torna empecilho nas trocas e compartilhamentos de informações, o que problematiza as interações e enfraquece a potência de ações interdisciplinares e da construção de projetos terapêuticos integrados. O apoio matricial se torna uma ferramenta útil para enfrentar este obstáculo, isso porque “*O trabalho interdisciplinar depende também de certa predisposição subjetiva para se lidar com a incerteza, para receber e fazer críticas e para tomada de decisão de modo compartilhado.*” (Campos e Domitti, 2007, p. 404). Como todo processo sociocultural, deve ser construído, mantido e conservado. E há, ainda, muitos caminhos a serem trilhados;

Obstáculo ético – O apoio matricial envolve o compartilhamento de informações como condição de abordagem interdisciplinar, a utilização do prontuário por todos participantes, o que levanta questões em relação à privacidade do usuário e das famílias atendidas. Os autores não buscam respostas, mas abrem o problema: “*Que aspectos de uma história colhida em um atendimento individual, um médico ou uma psicóloga ou um enfermeiro podem registrar no prontuário ou comunicar aos demais membros da equipe ou do apoio?*” (Campos e Domitti, 2007, p. 404),

Obstáculos epistemológicos – com o histórico processo de fragmentação do conhecimento por disciplinas com diferentes referenciais teóricos sobre o processo saúde-doença e tratamento. Dentre esses, três se destacam: a perspectiva fisiológica de produção de saber e fazer que entra em confronto com a visão social de explicações dos fenômenos saúde doença, que difere dos modelos subjetivos que preconizam o desejo e a cognição. Campos e Domitti, entendem que essas referências epistemológicas quando isoladas, são parciais e restringem a compreensão holística do ser humano, reafirmando que a lógica da clínica ampliada entende o sujeito em sua complexidade, sendo uma ferramenta importante no trato dos problemas individuais e comunitários, “*novamente o apoio matricial é um dispositivo importante para ampliação da clínica; ao mesmo tempo, para se trabalhar em*

uma perspectiva interdisciplinar, pressupõe-se algum grau de adesão a um paradigma que pense o processo saúde, doença e intervenção de modo mais complexo e dinâmico.” (Campos e Domitti, 2007, p. 404).

Tais processos históricos dos embates entre interesses divergentes, que surgem como obstáculos estruturais, ainda são vividos pelo processo de municipalização do SUS, como mostra o caderno de atenção primária 39, de 2004,

Aliados a essa questão da cultura institucional de “verticalização” aparecem outros fatores que interferem na qualidade do cuidado ofertado na AB. Entre eles, podemos apontar: a capacidade de escuta e de construção de vínculos positivos, que considerem a singularidade de cada usuário; a resolutividade clínica; o suporte técnico-pedagógico para os profissionais; o acesso a recursos situados fora da AB; os modos de organização e gestão das agendas; e o escopo de ações ofertadas na AB. (Caderno de atenção básica 39, 2004, p. 13.)

Notemos que os embates vividos estão assentados em relações binárias, na sua lógica excludente entre instituições e funções, fazeres e lugares, no domínio da administração burocrática, que opera a partir da hierarquia e verticalidade, que entendemos como *condutas instituídas* desvinculadas de *condutas éticas*, diferindo da horizontalidade *ético-política* proposta para a APS que não dissocia *conduta ética* de *condutas instituídas*.

Dentro da ideia de deslocar essa verticalidade hierárquica administrativa, o trabalho transdisciplinar surge como meio a minimizar a força alienante desse funcionamento, apontando para uma intervenção *ético-política*, que supõe relações colaborativas entre seres humanos, num modo de operar integrado e coordenado, fruto de discussões e consensualidades, em que cada ser humano no lugar profissional é igualmente legítimo no espaço de trocas, produção e reflexão, onde o apoio matricial deve operar na relação de complementariedade entre NASF, ESF e demais colegas no equipamento Clínicas da Família.

1.1.6 Sobre o Conceito de Apoio Matricial

Esse cenário de *condutas instituídas* desvinculadas de *condutas éticas* foi criticado por diversos teóricos, que passaram a pensar a organização do trabalho em saúde como *Matriz*. Em relação ao conceito de Matriz, nota-se que tem duas vertentes, uma latina e outra hinduísta que remete a útero. Na vertente latina, encontramos a palavra Matriz ligada as formulações do matemático francês Augustin-Louis Cauchy²⁷, 1826, que parte da *teoria das equações diferenciais*, abstraído para a *teoria dos grupos finitos* com o qual define a *univocidade das soluções*, destacando a importância da *convergência de serie inteiras* em sua *continuidade*, com as noções de *limites e integralidade definida*, tornando-se importante ferramenta nos estudos das funções variáveis e complexas. Sendo em 1850 que o nome Matriz aparece com James Joseph Sylvester, que partindo de um bloco retangular de termos “*o que não representa um determinante, mas é como se fosse uma MATRIZ a partir da qual podemos formar vários sistemas de determinantes, ao fixar um número p e escolher à vontade p linhas e p colunas...*” mas ainda como ingrediente de determinantes matemáticos, sendo mais tarde divulgado por seu amigo Cayley²⁸, com sua famosa *Memory on the Theory of Matrices*, em 1858, no qual o termo Matriz passa a suplantar os determinantes quantitativos em importância, daí poder ser analisado em diferentes perspectivas, *matriz vertical, matriz horizontal e matriz transversal*, entre outras.

Segundo Domitti e Campos⁽²⁰⁰⁷⁾, a noção de Matriz em “*sua origem latina significa o lugar onde se geram e se criam coisas; por outro, foi utilizado para indicar um conjunto de números que guardam relação entre si quer os analisemos na vertical, na horizontal ou em linhas transversais*” (Campos e Domitti, 2007, p. 402). Parece-nos que essa vertente matemática composta por *relações entre si*, analisável de diferentes perspectivas, é referida na formulação de Campos e Domitti⁽²⁰⁰⁷⁾ para cunhar o conceito de *apoio matricial*²⁹

²⁷ Augustin-Louis Cauchy - matemático francês, um dos fundadores da teoria de grupos finitos. “Em análise infinitesimal, criou a noção moderna de *continuidade* para as funções de variável real ou complexa. Mostrou a importância da convergência das séries inteiras, às quais seu nome está ligado. Definiu precisamente as *noções de limite e integral definida*, transformando-as em notável instrumento para o estudo das funções complexas. Sua abordagem da teoria das equações diferenciais inovadora, demonstrando a existência de *unicidade das soluções*, quando definidas as condições de contorno”. Em - https://pt.wikipedia.org/wiki/Equa%C3%A7%C3%A3o_diferencial – acesso 20.11.2015.

²⁸ Portal UFRGS - <http://www.mat.ufrgs.br/~portosil/passa3b.html> - acesso 20.11.15

²⁹ Campos e Domitti referem, “*Pois bem, o emprego desse nome – matricial – indica essa possibilidade, a de sugerir que profissionais de referência e especialistas mantenham uma relação horizontal, e não apenas vertical como recomenda a tradição dos sistemas de saúde. Trata-se de uma tentativa de atenuar a rigidez dos sistemas de saúde quando planejados de maneira muito estrita segundo as diretrizes clássicas de hierarquização e regionalização*”. (2007, p. 402).

como atitude ético-político no domínio relacional entre Nasf e ESF, na perspectiva horizontal de atividades assistenciais e técnico-pedagógicas, envolvendo um rearranjo organizacional, funcionando como metodologia de trabalho e estratégia de intervenção, rompendo, assim, com a tradicional maneira de operar em verticalidade e hierarquia.

Campos e Domitti, ^(2007, p. 405) descrevem os obstáculos estruturais como parte da herança de uma cultura patriarcal, propondo a reversão para uma lógica fraterna, no qual “*A equipe de referência e o apoio matricial diminuem o peso da influência “paterna” na solução de conflitos, ou seja, as autoridades externas – chefes, leis e regras – são reinterpretadas na horizontalidade dos irmãos reunidos em uma fratria*³⁰”.

Conforme Campos e Domitti ⁽²⁰⁰⁷⁾, o lado operativo do apoio matricial como estratégia de minimizar as relações verticais e hierárquicas do modelo clássico, é realizado por especialista (no caso NASF junto as ESF), na perspectiva do método Paidéia, que formula a noção de *apoiador institucional*. Nesse sentido, a gestão administrativa em Clínicas de Família passa a supor o modo dialógico nas relações de compartilhamento de conhecimentos entre profissionais e equipes, no horizonte de práticas assistenciais e técnico-pedagógicas. Referem, “*O apoiador matricial é um especialista que tem um núcleo de conhecimento e um perfil distinto daquele dos profissionais de referência*” ^(2007, p.402), mas acrescenta, isso supõe um espaço em que se encontram diferentes experiências, desejos, interesses e visões de mundo, próprio a história de cada um dos profissional envolvido. Com isso, os autores abrem outra dimensão no *apoio matricial* que vai além de trocas de conhecimentos entre especialistas, mas resulta do encontro, da reunião, envolvendo a produção de um coletivo “*O apoio matricial procura construir e ativar espaço para comunicação ativa e para o compartilhamento de conhecimento entre profissionais de referência e apoiadores.*” ^(Campos e Domitti, 2007, p. 402). Esse espaço é ético-político.

Destaquemos esses espaços, que se formam na relação entre NASF-ESF-Comunidade, dentro da ideia de deslocar essa verticalidade hierárquica administrativa, no qual o trabalho transdisciplinar surge como meio a minimizar a força alienante desse funcionamento, apontando para uma intervenção *ético-política*, que supõe relações colaborativas entre seres humanos, num modo de operar integrado e coordenado, fruto de discussões e consensualidades, em que cada ser humano no lugar profissional é igualmente legítimo no espaço de trocas, produção e reflexão, onde o apoio matricial opera na relação

³⁰ Uma curiosidade que nos ocorreu, foi se perguntar se essa fraternidade se efetua numa cultura patriarcal ou se as relações entre irmãos ocorreriam num campo de domínio relacional e operacional matricial? Faria alguma diferença?

de complementariedade entre NASF, ESF e demais colegas no equipamento Clínicas da Família.

De um lado, o NASF se diferencia da ESF e comunidade, quando assume como parte de suas atribuições dispor do apoio matricial. De outro, o apoio matricial não é um especialista, não corresponde a um núcleo de conhecimento, mas nos remete a um campo entrelaçado de saberes e fazeres, um espaço onde quem se expressa efetua o apoio matricial, uma vez que as relações são horizontais, que nenhum profissional toma as decisões levando em conta só sua especialidade, mas assumindo a complexidade e multidimensionalidade constitutiva de cada indivíduo e famílias.

O que nos leva a pensar que uma das variáveis que dificultam a compreensão e incorporação da ideia de *apoio matricial* é o fato de que se assenta nas interações entre especialistas e não do espaço que estes especialistas formam como seres humanos em relação de convivência em torno de problemas comuns. Nossa hipótese é que devido aos conflitos históricos, esse espaço não ocorre de modo espontâneo, devendo ser pautado, investido, refletido e consensualizado explicitamente.

Diante disso, e como parte de minha prática, observei muitas situações onde a ideia de *apoio matricial* foi mais considerada na sua vertente de especialistas (NASF) que matriciam outros especialistas (ESF), aparecendo dissociado do domínio de relações em que o apoiador surge como apoiador. Se não há a emergência do domínio de relações de *apoio matricial*, se não nos ativermos no espaço a ser constituído, a matriz que surge imprime uma ação diferente das diretrizes ético-políticas proposta pela APS. Assinala-se, portanto, a dissociação entre *condutas instituídas* e *condutas éticas*.

De modo geral, o apoio matricial se define como parte de um arranjo organizacional e metodológico do trabalho baseado em relações horizontais em saúde, mas que se implementa sob a herança histórica de relações hierárquicas verticais. Daí o apoio³¹ é entendido como domínio relacional em que se expressam diretrizes orientadoras de relações horizontais no trabalho interdisciplinar entre diferentes profissionais e equipes de saúde, em torno da tarefa comum de possibilitar o acesso a cuidados em saúde a uma população adscrito. De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010, p. 9):

Apoiar equipes é intervir com elas em processos de trabalho, não transmitindo supostos saberes prontos, mas em uma relação de solidariedade e cumplicidade com os agentes das práticas. Apoiar é produzir analisadores sociais e modos de lidar com a emergência de situações problemáticas das equipes para sair da

³¹ Para Campos e Domitti, o apoio é entendido como “*tecnologia de gestão denominada “apoio matricial”, que se complementa com o processo de trabalho em equipes de referência*” (2007, p. 402).

culpa e da impotência frente à complexidade dos desafios do cotidiano da saúde. Apoiar é construir rodas para o exercício da análise, cujo efeito primeiro é a ampliação da grupalidade entre aqueles que estão em situação de trabalho.

Diante desse quadro descritivo, podemos abstrair que o apoio matricial é ético-político porque o apoio não se forma no mesmo domínio que as matrizes. São domínios relacionais e operacionais disjuntos, *apoio e matriz*, um não determina o outro, no entanto, se modulam. Parece-nos que, na perspectiva de pensar o apoio matricial como um espaço coletivo de matriciamento, aparece a ideia de que a matriz não é só de conhecimento, mas de apoio que aponta o domínio relacional. O apoio modula a matriz, no modo afetivo de encontros entre seres humanos em torno de um problema comum: ofertar serviços e acesso à saúde pela população adstrita. Nessa linha reflexiva, não é tanto a matriz que apoia, mas o apoio que efetua matrizes.

O apoio é do domínio de *condutas éticas*, enquanto que a matriz é de domínio de *condutas instituídas*. Por isso em domínios em que a matriz se impõem por relações de poder/saber, o apoio se desloca de suas condições constitutivas e perdem potência de *conduta ética*, enfraquecendo a força de suas ações. Ao contrário, quando o *apoio* é pautado em *condutas éticas*, as matrizes, por mais precárias que sejam, são muito mais eficazes que as formas de ações não personalizadas e burocráticas de serviços em saúde. Nesse sentido, o apoio matricial se define pelo *apoio* e não pela matriz (que podem ser de diferentes e diversos conhecimentos). O apoio dá o sentido da matriz, enquanto a matriz separada do apoio, induz um modo genérico, abstrato e impessoal, de saber e fazer sobre saúde.

Na APS o apoio matricial é uma *conduta ético-política*, que se efetua nas Clínicas da Família, através das ESF, NASF e demais profissionais. O que se compõe e se conserva como domínio relacional e operacional de modos de conviver no conversar com outros, são espaços de vida que surgem e se realizam nas ações coletivas no campo da saúde pública. As trocas horizontais e transversais apontam para um *apoio* solidário, de respeito, de cuidado, de preocupação, de dar importância ao próximo, de se preocupar com o semelhante; de acolher e se interessar, de olhar, tocar, ver, de sentir, pensar e falar. O apoio se atualiza numa matriz disponível, enquanto um conjunto de entidades que se relacionam entre si, que podem ser analisáveis de diferentes perspectivas, que supõem a multiplicidade em cada indivíduo, na família, em grupo e na comunidade, no contexto de saúde pública.

O Ministério da Saúde por meio de projetos como Humaniza SUS³² e de Saúde Mental, instituiu o apoio matricial como dispositivo de trabalho em rede de atendimento psicossocial, onde a humanização é entendida como a valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde conforme “*Os valores que norteiam esta política são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a corresponsabilidade entre eles, o estabelecimento de vínculos solidários, a participação coletiva no processo de gestão e a indissociabilidade entre atenção e gestão.*”³³

O NASF-ESF e o *apoio matricial* surgem como rearranjo organizacional e estratégico de intervenção, para minimizar esses conflitos e embates e ajudar a consolidar APS, como modelo ético-político de atenção e cuidado em saúde pública, realizada pelas Clínicas da Família, no município do Rio de Janeiro. Dentro do NASF, como atividade coletiva em saúde mental, surge o **Grupo de Sentimentos**, como mais uma ferramenta que tem por foco, ser um espaço de conversação em *apoio* ao enfrentamento de tristezas, que entendemos como as expressões de matrizes existenciais em conflitos, resultantes do conviver no conversar com outros, num território, onde indivíduos e famílias sofrem por formas *desamor*.

O Grupo de Sentimentos é de *sentimentos*, não a reunião de pessoas. De modo geral, quem procura esse espaço para enfrentar o que o faz sofrer, descreve a tristeza que sente do conviver no conversar com outros, através de explicação de experiências de afetos de emoções vividos, enquanto grau de potência. Essa explicação que expressão sentimentos supõem a linguagem, uma reflexão que se volta sobre si mesmo, seu corpo, numa certa consciência que se questiona sobre o que o faz sofrer.

³² Saúde Mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 548 p.: il. (Caderno HumanizaSUS; v. 5).

³³ HumanizaSUS: equipe de referência e apoio matricial / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

1.2 Grupo de Sentimentos - Institucionalização de uma Prática em Saúde Mental



Comecei uma listinha de sentimentos dos quais não sei o nome. Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto - como se chama o que sinto? A saudade que se tem de pessoa de quem a gente não gosta mais, essa mágoa e esse rancor - como se chama? Estar ocupada - e de repente parar por ter sido tomada por uma súbita desocupação desanuviadora e beata, como se uma luz de milagre tivesse entrado na sala: como se chama o que se sentiu? *Clarice Lispector*
Experiência não é o que acontece com um homem; é o que um homem faz com aquilo lhe acontece. *Aldous Huxley*

A proposta de compor uma atividade de grupo que tenha a saúde mental como foco de atenção é algo que vinha sendo cada vez mais solicitada pela prática diária das Equipes de Saúde de Família - ESF junto às comunidades. Já é uma necessidade constatada pela própria lógica da *Estratégia de Saúde da Família* – ESF³⁴ na implantação da ESF e do Núcleo de Apoio a Saúde da Família – NASF, junto às Clínicas da Família. O NASF vem se incluindo nessa ação coletiva, isso porque, como mostra o manual de diretrizes do NASF “*todo problema de saúde é também – e sempre – mental, e que toda saúde mental é também – e sempre – produção de saúde...*” (*Diretrizes NASF - 2009, p. 36*).

A Saúde Mental (SM) na Atenção Primária à Saúde, no *Rio de Janeiro*, constitui um movimento plural e intenso. Os profissionais do NASF em SM reúnem-se em diversos momentos de formação, supervisão e orientação ao longo de cada mês. A temática do grupo surge sempre como um dispositivo importante para a prática da saúde. Tudo conduz para que os profissionais do NASF que respondem pela SM, se envolvam em produzir atividades em conjunto com ESF que tenham a questão de produção de subjetividade como ponto central de atenção e “*Aliada a isso, adota-se a concepção de que a produção de saúde é também produção de sujeitos.*” (*Diretrizes NASF - 2009, p. 36*). Por isso, a justificativa da importância do grupo já estava dada. O que se buscou pensar juntos foi: *como construir essa proposta?*

Como se construiu esse espaço de ação em SM junto as Clínicas da Família no circuito Irajá-colégio da CAP 3.3? Alguns movimentos simultâneos deram impulso a essa produção: a) a necessidade real de suporte de atenção em SM, percebida da prática do trabalho das ESF; b) a demanda das ESF por *espaços de conversações* em torno de temas em SM; c) a iniciativa da ESF e NASF de realizar uma experimentação e; d) a percepção

³⁴ Caderno de Atenção Básica – Diretrizes do NASF - Série A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, n. 27 - MINISTÉRIO DA SAÚDE Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica e Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Esplanada dos Ministérios, Bloco G, Edifício-Sede, 6º andar. <http://www.saude.gov.br/bvs>

ativa na produção e manutenção desse espaço onde as histórias de vida expressam a afetividade, num ambiente em que seu propósito é trabalhar as formas de tristeza, através de encontro numa atividade em que “*Os saberes e práticas não somente técnicos devem se articular à construção de um processo de valorização da subjetividade, no qual os serviços de saúde possam se tornar mais acolhedores, com possibilidades de criação de vínculo*”. (Diretrizes NASF - 2009, p. 36). Nesse sentido, o que se buscou foi compor relações de equipes para sistematizar tal atividade com o tema geral SM, que chamamos de **Grupo de Sentimentos**. É um dispositivo importante, como mostra o Guia NASF: “*O trabalho com pequenos grupos é um recurso fundamental nas práticas de saúde desenvolvidas na atenção primária. Seu manejo adequado permite organizar melhor os processos de trabalho e também ampliar a capacidade assistencial, sem perda de qualidade, muitas vezes até ampliando-a*”³⁵.

Como parte importante desse contexto, no CMS-Alice de Toledo Tibiriçá, a equipe 1 Água Grande, apresenta aos profissionais de SM do NASF seis casos que consideram como tendo um quadro semelhante, que foram encaminhados por ACS. Todos com queixas de formas de tristezas e de estarem sofrendo medo, angústia, com perda de ânimo e baixa estima em relação à vida. A hipótese diagnóstica: *depressão*. Decidimos reunir todas as demandantes num encontro que se daria na tarde de terça-feira. O encontro foi forte o suficiente para nos fazer pensar que estávamos diante da oportunidade de realizar um espaço de encontro coletivo de demandas em SM. Assim, surge a preocupação de pensar e sistematizar tal atividade no CMS-Alice de Toledo Tibiriçá.

Na mesma semana, no CMS – Clementino Fraga, em reunião com ESF grupo 2, chega-se a um momento do trabalho em que nos fica claro que a prática de uma atividade pensada e realizada pelo coletivo de diferentes profissionais, poderia nortear as pautas dos próximos encontros com o NASF, que mantinha reuniões sistemáticas com as ESF. Por fim, foi assumido como tarefa do grupo pensar em como realizar no CMS-CF um grupo que tenha por tema a SM. Como nos mostra o Guia NASF “*Nos últimos anos, diversas intervenções grupais na atenção primária têm sido construídas para ser reali-*

³⁵ Capítulo 3, Ponto 3.1 GRUPOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE do “Guia Prático De Matriciamento Em Saúde Mental/Dulce Helena Chiaverini (organizadora) ... (et al.). (Brasília, DF): Ministério da saúde: Centro de estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011. Pgs. 53 à 59.

*zadas pelas equipes da atenção primária, com ou sem participação direta dos profissionais de saúde mental, embora estes atuem sempre como apoio dessas intervenções pela ação matricial”.*³⁶

No CMS – prof. Carlos Cruz Lima o Grupo de Sentimento surge emaranhado num trabalho coletivo que tinha a temática álcool e outras drogas, especificamente na construção de uma intervenção junto a um galpão, onde se reunião usuários de crack. A equipe de saúde, através de seus agentes comunitários de saúde, trouxe o problema para a clínica da família. A estratégia para a abordagem ao local surgiu da realidade do espaço na perspectiva da saúde. O local era muito insalubre, sem acomodações, aberto, de chão batido e irregular, onde se formavam possas d’águas. Notavam-se muitas frestas nas paredes de madeiras, por onde o vento zumbia, nas noites chuvosas que naquela época fazia. De modo que a fragilidade orgânica em que um corpo chega ao passar pelos êxtases do crack, o tornam mais vulneráveis a sofrer perturbações de saúde, como a tuberculose. Recolher material para exames, foi um primeiro movimento. O segundo foi a devolução dos resultados. Aqui encontramos uma oportunidade de realizar uma visita ao galpão, com equipe multidisciplinar com diferentes profissionais da ESF e do NASF. Esse fazer juntos uma intervenção, foi muito importante para a consolidação da atividade em saúde mental nessa unidade de saúde da família.

Foi nesse contexto coletivo que surgiu o projeto institucional do *Grupo de Sentimentos* como *espaço estratégico de enfrentamento às tristezas*, na modalidade de trabalho com grupos, de periodicidade quinzenal, com duração média de três horas, realizada em conjunto pelo ESF e o apoio NASF, a ser oferecido como mais uma atividade disponibilizada a comunidade pelos CMS – ATT, CCL e CF.

O contexto geral do encontro, na perspectiva institucional, surge a partir de um cenário simples. Indivíduos e famílias são encaminhadas por profissionais da equipe de saúde de família, seja a partir de interconsulta ou da solicitação resultantes das visitas domiciliares, realizadas no trabalho de cuidado e atenção em saúde em seu território. É oferecido o Grupo de Sentimento. A informação que se acrescenta, é que ninguém é obrigado a falar, se não se sentir à vontade. Informa-se que se trata de um encontro no qual ocorre num espaço de conversação que serve como meio de enfrentar o que está fazendo sofrer. No dia e hora marcado aparecem. Há as apresentações, o registro do livro presença e abertura para quem quer falar do que o trouxe ali.

³⁶ Diretrizes NASF, p.58.

No momento de conversação, cada indivíduo passa a descrever seu sofrimento a partir de sua história de vida, que pode iniciar por qualquer dimensão de seu conviver relacional, pela infância, pela família, pela escola, pela adolescência, pelo trabalho, pelos filhos, pelo casamento, pela vizinhança: um acontecimento, uma ocorrência. Essas histórias de vida expressam situações de violência e de violação, já que contam perdas, maus tratos, abandonos, descuidos, carências, faltas e ausências, que estão impressas e que dominam sua percepção de realidade, de modo que expressam um estado de tristeza em formas de desamor do conviver no conversar com outros na linguagem.

No encontro com indivíduos e famílias, surgem relatos de situações que expressam sofrimentos, através da explicação de sentimentos de desconforto, de instabilidade e de vertigem, onde aparecem em formas descritivas de angústia, ansiedade, desesperos e medos, que sintetizamos como modos de tristeza, por experiências vividas em formas de desamor.

Para nossos estudos, assumiremos com o spinozismo de Deleuze, de que a tristeza é fruto de maus encontros, em que um indivíduo ou família surge em conflitos por afetos contraditórios, que são vividos como diminuição das capacidades de agir e pensar. Na perspectiva de Humberto Maturana, a tristeza é um estado de sofrimento continuado no tempo, resultantes de emoções contraditórias, que geram ideias negativas, autodeprecia-tivas, tendendo ao isolamento, numa crescente imobilização diante dos afazeres diários, perturbações que interferem na maneira de se conduzir no modo de conviver no conversar com outros.

Dentro desse contexto institucional e no transcorrer de quatro anos de prática de trabalho de cuidado e atenção a indivíduos e famílias em situação de sofrimento, passamos a perguntar: O que são sentimentos? Como distinguir sentimentos de emoções, afecções e afetos vividos? Buscaremos abordar esse problema de distinguir sentimentos, não como um ser, mas como um fazer no modo de conviver no conversar entre seres humanos num território, a partir de linguagem. Pensamos que a ideia de cartografia pode vir a nos ajudar a pensar as linhas de composição e decomposição de relações, como meio de refletir o que faz sofrer, distinguindo um afeto e remetendo-o ao domínio de ações em que faz sentido e, desde então, podemos descrever e gerar uma explicação que expressa *Sentimentos*.

1.2. Cartografia como Perspectiva de Trabalho



O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói (...). O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (...). Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter múltiplas entradas. (Deleuze e Guattari, 1995, p.22)

Para nossa pesquisa, a cartografia surge na descrição. Envolve uma distinção e a geração de um mapa como explicação que expressa sentimentos. Partimos da atitude ativa do observador de si de voltar a atenção a relação consigo mesmo, onde surgem três lances entrelaçados para expressar sentimentos. Inicialmente, o observador de si opera a *distinção de algo de si*, algo que o faz sofrer. Passa a *descrever por si mesmo* uma experiência vivida, por meio da trama de ideias e imagens que surge junto ao domínio relacional onde faz sentido, maneira como produz uma cartografia, onde linhas se tramam numa coerência operacional-relacional reflexiva, que gera uma explicação que expressa *Sentimentos*. Entendendo: essa *distinção* de um *afeto* no modo particular, diz do *sentir que sente* como intensidade de experiência vivida em formas de desamor, que *descreve* como afecção, o que *sente que faz sofrer* em correspondência ao *que vive* numa emoção, domínio de ações onde faz sentido, gerando um mapa como *explicação* que expressa *Sentimentos* do observador de si. Desde então, passamos a compreender: o modo de fazer que expressa os *Sentimentos* surge na distinção, descrição e explicação da experiência de afetos de afecções de emoções vividas do observador de si. Resulta de seu modo particular de viver e conviver no conversar na linguagem.

Buscaremos conduzir nossa reflexão levando em consideração essa maneira de explicar o modo de fazer para expressar *Sentimentos*. Partiremos de uma dica, proposta pelos estudos de Fernanda Amador e Tânia Mara Galli³⁷ Fonseca, que encontram relações entre a intuição como método filosófico de H. Bergson, e a cartografia como método de pesquisa, reportando-se a V. Kastrup no seu texto: “*O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*”, para referir oito pistas para pensar a ação do cartógrafo:

Trata-se de um método para acompanhar processos e não representar objetos; refere-se a um coletivo de forças, visa um território existencial; traça um campo problemático; requer a dissolução do ponto de vista do observador; exige certo tipo de atenção ao presente; requer dispositivos para funcionar; e,

³⁷Amador, Fernanda e Fonseca, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/119/285>- Acessado em 20 de julho de 2013

por fim, consiste em um método que não separa pesquisa de intervenção. (Fernanda Amador e Tânia Mara Galli Fonseca).

Objetiva-se realizar um diálogo, mais que minuciar cada pista. Partiremos de questões abertas: onde se dá a cartografia? Quem é o cartógrafo ou quem são os cartógrafos nessa prática de trabalho em saúde mental? Difícil responder, porque a cartografia não é um ser, mas uma estratégia de acompanhar processos de produção de sentido, em um campo social. No caso, o Grupo Sentimentos como *espaço de conversação* estratégico de enfrentamento às tristezas, responde por um dispositivo que lida diretamente com o campo social, na perspectiva da saúde mental. Nota-se que o Grupo de Sentimentos, ao mesmo tempo que se reporta a história de vida em situação de tristeza, alude ao *modo de conviver no conversar* que abre a configuração de forças, que opera sobre o território existencial.

Os problemas se multiplicam: a cartografia é indissociável da relação macro e micropolítica, uma vez que essas linhas estão sempre entrelaçadas. Seguir as linhas. De um lado, o dispositivo Grupo de Sentimentos ligado à *rede pública de atenção primária* numa realidade de posto de saúde, dentro da comunidade, no Município do Rio de Janeiro. Por outro, O Grupo de Sentimento dentro de um espaço de conversação específico de cuidado e atenção a indivíduos e famílias em situação periférica. Em ambos, desenvolvem-se processos dinâmicos em que se trabalha em saúde mental, com relações e circunstâncias que percorrem e preenchem cada acontecimento como partes de experiências vividas. Tais experiências vividas são distinguidas num depois como marca, afetos que são descritas por meio de imagens e ideias-afecção em correspondência aos domínios relacionais de emoções, que geram explicações que expressam *Sentimentos*.

Entre um e outro, entre espaço institucional e prática social, há um número muito grande de outros processos, como o de compor equipe interdisciplinar, construir noções compartilháveis (o que é GS? Como funciona o GS? Como acessá-lo? Quais as formas de encaminhamentos, local, datas, divulgação, inscrição, etc.?). Depois, o que acontece em cada encontro? Que ferramentas se dispõem? Ainda, quando surgem as expressões de histórias de vida, isso não seria cada uma e a cada vez um processo de produção de sentido? Quem expressa sua história de vida não estaria, também, fazendo sua cartografia? Mas, aí a cartografia não seria um método que se aplica, mas que se faz e vive.

O Grupo como linha processual. Como propõe Regina D. Benevides de Barros³⁸, a atividade coletiva, na modalidade de grupo, como dispositivo imerso no contexto de Clínicas da Família, funciona como instituição “*porque ele condensa fluxos de toda ordem, ele aglutina forças que travam lutas pela definição de um determinado domínio, por um determinado campo de saber-poder, pelo desenho de um território*” (Barros, 1996, p. 9).

Num modo descritivo: o Grupo de Sentimentos como um espaço de conversação, em convivência consensual em que se compartilham histórias de vida, onde cada um entra com seu desejo, seu modo de resistir, de combater, o que faz sofrer. É claro que o enfrentar o que nos faz sofrer requer um esforço, um empenho, uma reflexão, numa certa consciência ativa, no abrir o problema, numa marca que surge porque é vivida no presente, porque é no presente que se sofre, mesmo que esse afeto tenha sua origem num longínquo passado. Cada indivíduo como parte e o todo do grupo formam esse espaço de conversação que entendemos como de enfrentamento às tristezas.

O que faz sofrer? É uma disposição diante de um domínio de condutas, que surge junto a experiência distinguida, imagens e ideias de algo que o faz sofrer. Como pergunta, *O que faz sofrer?* Não requer resposta, como não busca respostas, mas por vivências de distinções, descrições e explicações, pode encontrar a oportunidade de produzir outras distinções, descrições e explicações, como fugas das forças externas que interferem fortemente nos modos de conviver no conversar, de pensar e fazer de cada um. Como explica Guattari e Rolnik³⁹: “*Existe a linguagem como fato social e existe o indivíduo. A mesma coisa acontece com todos os fatos de subjetividade. A subjetividade em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares*” (Guattari e Rolnik, 2005, 42).

Colocar-se em questão, pensar o modo de viver que se vive no conviver com outros, supõe uma disposição dinâmica, uma atitude diante das vertigens existenciais, como deslizar em território movediço, de tramas de conflitos e contradições, como domínios relacionais, domínio das emoções, onde as imagens e ideias se expressam de maneiras diferentes, mas se correspondem na realização de cada ação. Então, a ação sensório-motora é um dos aspectos importantes: o corpo realiza a ação, mas o sentido dessa ação, não se encontra na conduta, que pode ser realizada por diferentes motivos, mas nos domínios

³⁸Barros, Regina D. Benevides de. CLÍNICA GRUPAL. Publicado na Revista de Psicologia/UFF, n.7, 1996

³⁹ Guattari, Felix, Rolnik, Suely. MICROPOLÍTICA: CARTOGRAFIAS DO DESEJO – 7º Edição Revisada, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

relacionais onde surgem. A ação é incorporada numa imagem, e a percepção dessas relações se faz com ideias. Ideia de imagens de uma ação determinada por condutas em domínios relacionais de emoção vividas, que afeta a intensidade particular de cada indivíduo, que aparece na expressão de *Sentimentos*, como subjetividade que pode reproduzir a alienação e opressão ou, pode ocorrer uma apropriação dessas componentes de subjetivação e surgir uma singularização, como mostra os autores citados.

O cartografo é esse que faz o relato do que viveu, do conviver no conversar. Nesse sentido, o cartógrafo se expressa por *Sentimentos*, já que sua explicação passa pela expressão de experiências vividas que distingue e descreve a partir do afeto do que faz sofrer, com outras experiências vividas. Não se está falando ou escrevendo pelo outro, não se está representando ou reconstruindo uma realidade, mas descrevendo como uma operação que apresenta uma coerência operacional-relacional, que explica uma vivência produzida no coletivo, consensuada explícita ou implicitamente, que caracteriza uma maneira de conviver em sofrimento no modo particular. Nessas condições, podemos pensar a cartografia (não como ato de especialistas), mas como maneira de distinguir linhas de uma experiência vivida na forma de desamor, descrevendo o que faz sofrer, como explicação que expressa *Sentimentos*, que pode encontrar maior ressonância no encontro em espaço de conversação, no compartilhamento em consensualidade, onde o processo reflexivo tem a oportunidade de contribuir para a produção ou criação de quinhão de discernimento.

Nesse sentido, a cartografia é um método inspirado no modo de conviver. É uma maneira de se ater em processos, se inserir, fazer parte, afetando e sendo afetado. Nessa mirada, nos ocorre esse movimento de distinguir algo de si, descrever não para outros, *mas junto a outros*, buscando compreender a partir de suas próprias experiências vividas o que o faz sofrer. A explicação é gerar coerência (seja qual for) operacional-relacional em domínio de ações a partir de reflexão, de maneira ativa, modo como *faz* para produzir *Sentimentos* a partir de experiência de afetos de emoções vividas, do que o faz sofrer no modo de conviver no conversar. Ao fazê-lo, não busca solução ou resposta, mas abertura de linhas processuais em atuação no presente. Por meio da reflexão, onde algo novo, inusitado pode acontecer, podendo vir a ser um caminho a mudar o modo de sentir, de pensar, de fazer e de dizer. Inicialmente contribuiu para conhecer o que o faz sofrer, podendo vir a alterar a capacidade de conviver e, por meio de invenção de outras explicações, que opera transformando a coerência operacional-relacional anterior, surge a possibilidade do

quinhão de discernimento, suficiente para o aumento de intensidade de alegria e redução da tristeza, nas práxis do modo de conviver no conversar na linguagem.

O viver ocorre, como ocorre, onde ocorre, quando ocorre, no fluir do contínuo presente, que não espera nossa reflexão. Podemos, como muito esforço, e por pouco tempo, acompanhá-la. Nosso corpo é importante, mas não tem resposta nem solução, é o espaço das sensações. O corpo não é o que tenho, mas o que sou. É condição do sentir e fazer, não do distinguir, descrever e explicar. Isso ocorre noutra dimensão que supõe a linguagem, onde se compõem os modos de se orientar no fazer e no *sentir que sente* como vive o que ocorre, como ocorre... Corpo e espaço psíquico são uma só e mesma coisa, mas enquanto dimensões existências disjuntas. Sem o corpo não se poderia sentir. Mas sem o espaço psíquico, o corpo não se conheceria a si mesmo.

Como a maioria dos animais, vivíamos nossa singularidade biológica, de forma plena, na inocência, sem eu (no sentido refletido). Vivíamos o drama existencial, numa certa consciência, mas sem colocá-la em questão, sem distinguir, não produziríamos linhas (cartografia) que se traçam no fluir do conviver. Não surgiria a trama de ideias e imagens em correlação ao domínio de ações onde fazem sentido, não se construiria o mapa, não se geraria a explicação, não se expressaria *Sentimentos*. Mas, na forma de humanização de nossa linhagem, com a linguagem, os *Sentimentos* surgem junto a essa capacidade de distinguir, descrever e explicar o que faz sofrer, por formas de desamor.

Retomando a teoria, o cartógrafo não se espelha em modelos, não imita, mas percorre as forças que surgem no drama do conviver no conversar, onde o corpo entra em composição ou decomposição com outros corpos, do qual retemos imagens e ideias, com o qual podemos (não necessariamente) avançar, remetendo ao domínio de ações (emoções) onde fazem sentido por meio da reflexão. Essa reflexão surge na distinção no espaço psíquico, de marcas de experiência de afeto de afecção de emoção vividas, como trama entre misturas de corpo num domínio de ações, que opera na dinâmica das relações constitutiva em tal e tal parte, vivida como drama que reduz a alegria, e pode estar impedindo que alguém se realize. Sem distinguir esse drama, a trama de ideias e imagens não surgem na descrição, nem se opera a explicação de algo que está em relação com o que me faz sofrer. Distinguir, descrever e explicar, num espaço de conversação que se compõe por desejo de enfrentar o que faz sofrer, o sentir que sente o que se vive nessa realização, não é dar satisfação, mas produzir uma coerência operacional reflexiva como explicação, maneira como se faz e refaz os sentidos, no que se expressa *Sentimentos* por formas de desamor.

Formalmente: o Grupo de Sentimentos é parte de um serviço público, de âmbito Nacional, que tem sua implantação e organização delineada pela Secretaria Municipal de Saúde/RJ em parceria com a ONG Viva Rio, que efetuam a estratégia na Atenção Primária por meio de Equipes de Saúde de Família tendo o NASF como equipe de apoio. O Grupo institui-se como mais um serviço prestado a comunidade.

Têm-se, ainda, os diferentes modos em que cada profissional e cada equipe vai se envolvendo com a produção desses acontecimentos no Grupo de Sentimentos. Mas essa é só mais uma linha processual, entre muitas outras, que envolvem compor atividades instituídas no campo social. A cartografo também percebe as relações instituídas, embora seu movimento seja acompanhar e se envolver com as forças instituintes. Nessas se dão a emergência do novo, a possibilidade de fuga das tristezas, a produção desejante. A operacionalidade prática a que nos referimos, entende que o modo de operar a distinção, a descrição e a explicação, diz de como se faz para expressar *Sentimentos*. Ainda, Regina Benevides, “*É aí que acreditamos poder o grupo-dispositivo funcionar, como uma físuras, uma fenda que segmente de forma flexível os territórios existenciais tão marcados pelos funcionamentos “individualizantes”, abrindo passagens para a multiplicidades de subjetividades outras.*” (Barros, 1996, p. 9).

A cartografia envolve processos em devires, diz da formação do desejo no campo social, o que põe em jogo várias forças em relação, formando um campo problemático. Como estar sensível aos verdadeiros problemas, em que relações de forças compõem realidades e não se deixar levar pelos falsos problemas que as representações de realidade colocam? Como nosso próprio ponto de vista (do observador) pode se colocar na abertura dos acontecimentos expressivos no encontro de conversação? Como sentir o que se sente que vive, ao invés de interpretar? É sempre uma experimentação, exige atenção com a vida e certas regras de prudência, no cuidado amoroso.

Como propõe Fernanda Amador e Tânia Mara Galli Fonseca⁴⁰, a propósito do campo problemático e o modo de conduzir do cartógrafo:

Traçar um campo problemático enquanto cartógrafo significa problematizar as formas cognitivas do próprio pesquisador em sua relação junto ao campo ao qual se dedica. Assim, exige dele uma permanente modulação do problema, uma postura de abertura às forças que forçam a pensar...tal pista põe em evidência a importância de que, *na* pesquisa, o pesquisador venha a se conduzir na direção de resoluções inventivas, que o forçam a traçar novos problemas, em uma inconformidade incessante que lhe permite não ceder às seduções das

⁴⁰Amador, Fernanda e Fonseca, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/119/285> - Acessado em 20 de julho de 2013

respostas apaziguadoras ligadas ao plano da cognição. Em lugar disso, produz vitalidade às forças que dão existência às coisas, produzindo material de pesquisa no momento mesmo em que problematiza o campo. (Amador e Fonseca, 2013, p.9)

Entendemos que essa descrição do cartografo, remonta o processo onde distingue algo como ponto de saída não de chegada, no qual passa a produzir explicações de descrições sobre explicações de explicações, maneira dinâmica e recursiva de fazer e refazer *Sentimentos*. Como mostra a descrição do método cartográfico, nada é pré-formado ou está pronto de vez. Cartografar tem algo de caminhar, de realizar encontros entre corpos, distinguindo relações em experiências de emoções vividas com outras experiências, maneira como descreve por imagens e ideias, intensificando os afetos, a partir da recursividade de *Sentimentos* vividos na expressão, assim compondo, decompondo e recompondo realidades (proposições), entrando em processos, coletando material, fazendo bricolagens, fugindo de papéis, lugares, funções, de sujeitos, representações, personagens, crenças, misticismos. Esse procedimento pode ser estendido. Tornar-se um modo de disposição íntima num espaço de conversão, onde cada um que se expressa, o faz pelas linhas de seu modo de conviver no conversar em domínio relacionais que, naquele momento, lhe faz sofrer.

A cartografia não é uma reconstrução da experiência. A explicação da experiência não se confunde com a experiência. Essa é irreversível. A explicação é uma experiência de segunda ordem, gerada na linguagem. Diz mais de uma contração no presente por meio de uma distinção de um problema, por linhas que surgem na descrição, que gera uma explicação recursiva na linguagem. Não se trata de projeção, mas um redirecionamento no vivido atual a partir da reflexão do presente. No momento vivido, o presente acontecendo, o distinguido não é lembrança, porque o que faz sofrer não existe no passado, é presente. Opera no atual no espaço psíquico e corresponde as multidimensionalidades dos mundos que construímos ao conviver no conversar com outros na linguagem, no aqui e agora, onde o observador de si diz estar em estado continuado de tristeza. A cartografia segue linhas, traços, matizes, diz da imersão no tempo real, imanente, ontológico.

Como diz Suely Rolnik⁴¹ (1989), a respeito do cartógrafo:

⁴¹Trechos de Suely Rolnik: *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989. Acesso 20 junho de 2013 - <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>

O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade. Deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a existencialização. Ele aceita a vida e se entrega. De corpo e língua.... Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender. (Suely Rolnik 1989, p.3).

Nesse caso, o corpo a entender é do observador de si, de cada um, o meu, o seu, o dele. Meu corpo em ato de produção de *Sentimentos*. Em cada expressão de história de vida, o observador de si expressa mais que sua consciência percebe, mas não menos do que consegue dizer, em relação ao *sentir que sente* que algo faz sofrer. A consciência quer dizer algo, mas a expressão envolve toda a existência imersa na linguagem, que se compõe no que se expressa, onde produz coisas com outras coisas. Essas outras coisas ainda, que são as mais lindas, não estavam lá no acontecimento, mas que surgem como novas, nesse movimento de distinguir, descrever e explicar na linguagem, expor no presente uma nova composição, onde algo se atualiza na recursividade ao expressar *Sentimentos*.

Aqui se percebem fluxos vivos, onde o *finito ilimitado* do desejo se produz. O desejar não tem limites, embora quem deseja seja finito, portanto, é quem contém o limite de sua própria ação, sua potência, sua duração indeterminada. Quebrar tipos de consciência que se tem de algo ou alguma coisa, não é destruir a capacidade de se conscientizar, mas perceber suas modulações constates, seus movimentos e repousos, suas velocidades e lentidões, suas intensidades, suas lutas de forças, onde entram em questão o que se deve conservar e o que se deve fazer fugir. Parece-nos próximo do que Fernanda Amador e Tânia Mara Galli Fonseca dizem no texto referido, “*Trata-se de uma atenção relacionada à consciência tomada enquanto domínio de mutações e aberta ao encontro; uma atenção que recusa a simples seleção de informações para detectar signos e forças circulantes, o que requer uma concentração sem focalização*” (Amador e Fonseca, 2013, p. 10).

Pensamos o *Grupo de Sentimentos* como um espaço estratégico de conversação que compõe um domínio relacional consensual de enfrentamento às tristezas, a partir da distinção do problema que faz sofrer, um afeto. O observador de si descreve por imagem e ideias de experiências de afecção de emoções vividas em formas de desamor. Opera tais movimentos, na medida em que compõe e recompõem realidades, outras subjetividades, criando e inventando novos sentidos, gerando a recursividade da explicação de modos de vida, na dinâmica de produção de *Sentimentos*. Como diz Suely Rolnik, em relação ao cartógrafo: “*O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando*

expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. ” (Suely Rolnik, 1989, p. 9).

Se o cartógrafo visa um território existencial, é porque é da vida que se trata, não só do corpo do cartógrafo, mas se torna extensivo aos demais corpos envolvidos no processo de produção desejante, onde o profissional é parte, não o todo do espaço de conversação consensuada. Da mesma forma, cada história de vida expressa-se por acontecimentos, que não são simples reconhecimento, mas revivescência afetiva existencial, quando traz imagens e ideias, relações entre corpos e circunstâncias, onde afetos passam ou fixam em ressonâncias, em função de um fato triste vivido, ou intensidade diminuída. Nessas relações entre forças, se dramatizam ocorrências, que aparecem como parte da imagem e ideias do sofrimento, situação onde relações constitutivas foram interpostas, impedidas, reduzidas, interrompidas ou mesmo nunca efetuadas.

É claro que uma cartografia não se dá espontaneamente. Requer dispositivos para funcionar. O espaço de conversação, instituído como Grupo de Sentimentos, é um dispositivo. O *Grupo de Sentimentos* diz dos modos de produzir *Sentimentos* e não de número de pessoas. Cada modo de expressão é um processo, uma coletividade de forças, que atuam num território existencial em questão, onde afetos são mobilizados para expressar algo que faz alguém sofrer. Nesse sentido, o espaço de conversação é estratégico: implica, envolve quando explica tais marcas de histórias de experiências de afetos de afecções de emoções vividas. Daí toda pesquisa ser imediatamente intervenção. Pensamos que a produção de *Sentimentos* também pode ser pensada como intervenção, na medida em que surge como coerência operacional reflexiva gerada como explicação do que faz sofrer. Seguir esse caminho, acompanhar os processos e os devires, a formação do desejo, que surge na ação de *enfrentamento às tristezas*, onde a cartografia nos joga com processos em ação, num domínio ético-política, já que ligada ao campo social.

Na prática cartográfica, segundo Suely Rolnik, ⁽¹⁹⁸⁹⁾, “*O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado*”. Não se trata de protocolos de pesquisas, metas ou caminhos traçados, mas estar sensível a todas as matérias que surgem na linguagem e que sirvam para compor, criar sentidos, produzir subjetividades, inventar saídas múltiplas, compor novas histórias, novos mundos, outras formas de vida. Ainda Suely Rolnik, nos fala de regras de prudência. Da importância de se estar sensível quanto ao limiar em que as intensidades podem nos levar, tendo como critério o cuidado com a vida e os limites que isso implica:

Ela dá elasticidade a seu critério e a seu princípio: o cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa, que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias. Ele nunca esquece que há um limite do quanto se suporta, a cada momento, a intimidade com o finito ilimitado, base de seu critério: um limite de tolerância para a desorientação e a reorientação dos afetos, um “limiar de desterritorialização”. Ele sempre avalia o quanto as defesas que estão sendo usadas servem ou não para proteger a vida. (Suely Rolnik 1989, p. 9).

Por fim, vimos que a cartografia se referia às estratégias das formações do desejo no campo social, que pode ser mais especificado na ocasião da prática de distinção do que faz sofrer, descrição do domínio relacional com geração de explicação que expressa Sentimentos. Próximo do que fala Suely Rolnik sobre a cartografia, ao concluir seu texto:

Agora, podemos dizer que ela é, em si mesma, um espaço de exercício ativo de tais estratégias. Espaço de emergência de intensidades sem nome; espaço de incubação de novas sensibilidades e de novas línguas ao longo do tempo. A análise do desejo, desta perspectiva, diz respeito, em última instância, à escolha de como viver, à escolha dos critérios com os quais o social se inventa, o real social. Em outras palavras, ela diz respeito à escolha de novos mundos, sociedades novas. A prática do cartógrafo é, aqui, imediatamente política. (Suely Rolnik 1989, p. 9).

A cartografia é composta de mil outras cartografias, tantos quantos processos se produzirem, se expressarem, atualizarem e se realizarem. Percebemos que no processo cartográfico, teoria e prática, indivíduo e sociedade, psíquico e social, natureza e cultura não se separam, o que a torna uma reflexão-ação ético-política. Por isso, toda pesquisa é ao mesmo tempo intervenção que realiza e que sofre, já que as mudanças não são só dos indivíduos que traçam as linhas, sem que sejam das forças em jogo em cada processo.

Há transformação nos modos de subjetivações do observador de si. Opera nos devires, o que implica tudo que compõe cada mudança. Essa mudança envolvem os domínios de relações e as circunstâncias, na determinação da ação ou implica as emoções e a trama entre imagens e ideias na determinação do afeto vivido no modo particular ao observador de si. Entrelaçados, tal sistema composto percorre o campo problemático invocado pelo observador de si. As experiências vividas envolvem o observador de si no modo de conservar particular, quando depois, distingue, descreve e gera a explicação, expressam *Sentimentos* de viver e conviver no conversar na linguagem.

Assim, para nossos estudos, a cartografia é uma maneira de se colocar no modo de conviver no conversar, em espaço relacional que busca trabalhar estados de tristeza. Grosso modo, a conversação, como uma disposição íntima, onde alguém busca enfrentar o que o faz sofrer, supõe um volta-se para si e passe a distinguir algo de si mesmo (afeto), e descreve junto aos domínios de ações possíveis (emoções), maneira com o qual *expressa* uma trama, um mapa de história de experiências vividas de um drama que se *implica*

(mistura) no seu modo de vida. O que envolve essas experiências de emoções vividas por alguém, é, para essa pesquisa, de onde surgem as imagens e ideias dessas imagens que *implicam* (dobrar para dentro) uma modulação afetiva, determinada por afecções, subjetivações, marcas vividas em formas de desamor, que se descreve a partir de domínios de relações, onde gera um mapa, uma *explicação* (dobra para fora), numa coerência operacional reflexiva, quando expressa *Sentimentos*.

Nossa pesquisa encontra o problema: como distinguir *Sentimentos* de afetos, afecções e emoções? Como pensar os *Sentimentos* como produção? De modo mais descritivo: como opera-se o processo de fazer e refazer *Sentimentos* para conservar ou fazer fugir, na distinção de algo de si que faz sofrer, que descreve com imagens e ideias, numa coerência operacional-relacional reflexiva, modo que gera um mapa como explicação de experiências de afetos de afecções de emoções vividas em formas de desamor, que se conservam no presente como estado continuado de tristeza?

Nossa pesquisa inicia a jornada reflexiva pela ideia de Biosfera, colocando a distinção entre duas maneira de conceber a origem da vida, destacando a diferença entre teoria da criação na teologia positiva de Frei Betto e a reflexão na teologia negativa do Pa. Paulo, com vista a descrever dois movimentos: a) quando alguém distingue algo de si, o que faz sofrer, pode seguir a linha da alienação e opressão, supondo uma objetividade onde a validação de sua argumentação depende de algo externo e independente do observador de si e outra; b) quando alguém distingue algo de si, uma experiência e descreve a partir de outras experiência vivida pelo observador de si, de modo que sua explicação o inclua na sua reflexão que surge na expressão de *Sentimentos*. Busca-se distinguir entre a presença ou não do observador de si, na sua descrição e geração de explicação, que passa a expressar *Sentimentos* passivos ou ativos. Na sequência, iniciaremos uma incursão das origens do ser vivo ao surgimento da linguagem e nela as condições de distinguir e diferenciar emoções, afecções, afetos & *Sentimentos*.

II- BIOSFERA: *Cosmologia, Autopoiese e Domínio de Condutas.*



O Universo é uno, infinito, imóvel. Una, afirmo eu, é a possibilidade absoluta, uno o ato, una a forma ou alma, una a matéria ou corpo, una a coisa, uno o ser, uno o máximo e supremo que não podem ser compreendidos: por isso que ele é indefinível e indeterminável e, portanto, não tem limite nem termo e, conseqüentemente, é imóvel... Não se corrompe, porque nenhuma outra coisa há em que ele possa transformar-se. (Giordano Bruno).

Nesse ponto, vamos descrever duas maneira de pensar a origem da vida, entendendo que tal formulação não é uma exacerbação, tendo em vista que na comunidade, certa parcela de problemas que fazem sofrer, encontram-se restringidas por uma maneira de explicar que supõe algo transcendental a própria experiência vivida, o que separa no trabalho de produção de Sentimento, a disposição íntimas entre distinguir algo de si, que não é feita por si mesmo, mas por elementos externos e independente da práxis de conviver no conversar, de quem pede apoio.

Distinguir a teologia negativa, nos abre um espaço para retomar as conseqüências dos modos como se expressão *Sentimentos* em domínios relacionais de mistificação, que pode ser pensando como operador subjetivo que separa alguém de seu presente vivido, produzindo uma mediação que restringe as modalidades de encontros, onde não há o cuidado, mas interpretado e julgado, vigiado, contido e negado. Estamos nos referindo ao cotidiano do conviver no conversar em domínios relacionais onde crianças, adolescentes, adultos e idosos, existem num território em situação periférica, onde a violência e violação são constantes e de diferentes ordens, onde tais seres humanos são vistos, mas não enxergados, ouvidos, mas não escutados, tocados, mas não sentidos, em função de algo que os determina externamente.

Estamos nos reportando as precariedades de meios de socialização, que ocorrem impregnadas de sentidos de competição, onde são recorrentes as formas de desamor. No cotidiano da prática no trabalho de atenção em saúde, surge maneiras de interação no cuidado de crianças que crescem e se desenvolvem em espaços coletivos, num tipo de cultura de negação de sua espontaneidade, regulada por culpa, medo e pecado, que modula sua relação consigo mesmo, nas limitações da correção e obediência, num horizonte de preceitos, que surgem de condutas repressoras e estigmatizastes, que bloqueia e restringem as condições de fazer e refazer *Sentimentos*, que inibem o amor próprio e abrem espaço para o sofrimento.

Segue dois textos, em torno da temática de criação, na perspectiva teológica, buscando contornar duas posturas frente a origem e o discurso de amar que o justifica: uma

afirmativa pela proximidade entre criador e sua obra e, outra, exposta pela perspectiva transcendental do criador como algo distante do criado, que se determina pela lógica negativa, que afirma a existência pela não existência. Na sequência, partimos de uma alternativa de pensar a origem da vida em termos astrofísicos, como ponto de partida para pensar as condições de formação e transformação na deriva evolutiva, para chegar aos processos sistêmicos culturais particulares, como maneiras diferentes de modular as disposições íntimas em relação aos *Sentimentos*.

Por fim, um fator mais técnico, na ideia de que a cosmologia nos coloca diante do tempo zero, onde a corpo se encontra ininterruptamente no contínuo presente, fluido em domínio de ações, em que ocorrem as distinções de formas de desamor, nas práxis de existir dos modos de conviver no conversar.

Seguiremos com uma terceira visão cosmológica, desde a ciência. O contexto dos trabalhos de Humberto Maturana y Francisco Varela, nos coloca diante da questão das origens. De modo geral, podemos dizer que Maturana é um criacionista. Distingue a criação como algo espontâneo, sem um princípio criador, nem um agente transcendental de criação. O universo se auto produz, sem finalidade, sem propósito, numa deriva cósmica de relações espontâneas, que surge do nada como princípio não como fim. Assim, surge nossa galáxia, nosso planeta, as moléculas vivas, a unidade autônoma, que se explicará como um modo de organização autopoietica, com o surgimento de infinitudes de seres vivos e as especificidades de modos de vida.

Toda forma de vida pertence a biosfera. Há um pressuposto da origem cosmológica na ciência, que vamos sintetizar, para chegar a situar o surgimento dos seres vivos, abstraído por Maturana como autopoiese. Seguiremos por noções importantes, que especificam a formação da unidade autônoma *autopoietica*, com o determinismo estrutural e sua condição de *adaptação* no acoplamento estrutural, que diz da congruência com o meio que o contém e no qual se realiza. Seguiremos para descrever o surgimento do domínio relacional, *domínio das emoções*, e o fenômeno social, onde discutiremos os domínios linguísticos, para chegar a linguagem, a reflexão e a consciência, como condições de refletir o *conversar* no entrelaçamento do *emocionar* com o *linguajar*. Depois, pediremos ajuda a dois comentadores de Spinoza, *Chantal Jaquet e Gilles Deleuze*, no estudo do conceito de afeto, afecções e noções comuns, para chegar a *Sentimentos* como parte de um processo de distinção, descrição e explicação na linguagem de experiência de afetos de afecções de emoções vividas.

2.1. Poéticas da Vida em Frei Betto



Sempre neste mundo haverá a luta, sem decisão nem vitória, entre o que ama o que não há porque existe, e o que ama o que há porque não existe... Sempre, sempre, haverá o abismo entre o que renega o mortal porque é mortal, e o que ama o mortal porque desejaria que ele nunca morresse.... Serei o que quiser, mas tenho que querer o que for... Regra é da vida que podemos, e devemos aprender com toda a gente... viver é ser outro... (Fernando Pessoa)

Num lindo e inspirador texto de Frei Betto ⁽¹⁹⁹⁴⁾ “*O valor essencial da vida humana*”, encontramos uma postura ético-político ao descrever poeticamente a história da vida sobre a terra. Vamos olhar menos para o conteúdo formal, mas a maneira de suas intervenções como *poéticas da vida*, onde é recorrente e recursivo a presença do feminino, das figuras familiares do lado materno, mãe e filhas, os mitos, os hábitos, as paixões, o sexo, mas também fala das misturas, dos preparos, do cozimento, obra de um grande cozinheiro. Essa *poética da vida* tem seus traços páticos, como intensidade ao refletir os domínios relacionais em que expressão as moléculas e células, como atrevidas, amorosas, ardentes, carinhosas, valentes, corajosas, sobreviventes...

Nosso percurso será um sobrevoou no artigo de Frei Betto, onde buscaremos descrever traços estéticos do texto, como *poéticas das vidas*. Inicia citando João 10⁻¹⁰: “*Vim para que todos tenham vida e vida em abundância*”. Vida: o valor principal. Sem o qual outros valores não surgiriam. Frei Betto, assim se posiciona, se coloca de modo *ativo e afirmativo da vida*. Se pergunta quanto vale a Vida no Brasil? Constata a miséria da população e destaca a mortalidade infantil, onde percebe que falar de direitos humanos no nosso país é luxo, já que ainda estamos na luta pelo mínimo a sobrevivência, como comida, criar e abrigar-se das intempéries, para afirmar: “*Não há bezerros abandonas pelas ruas do país, mas calcula-se que hajam 8 milhões de crianças*” e esse número não é maior porque a cada ano 340 mil crianças morrem antes do primeiro ano de vida por fome, reportando-se aos registros do município alagoano Teotônio Vilela, que só no primeiro semestre de 1994 morreram 377/1000, quando o índice mundial em países em estado extremos de periferização, a média é 191 mortes por cada 1000 habitantes.

Pergunta-se o que é a vida, seja como Dom de Deus para a fé, ou milagre da natureza, para os homens da ciência? Disso se segue uma descrição linda e profunda, numa linguagem simples, de grande conhecimento de cosmologia, astrofísica e biologia molecular. Cita Ilya Prigogine, para destacar a relação entre partícula, moléculas e átomos, afirmando que há uma forma de comunicação entre elas, de modo que essa informação se transfere de acordo com a potência da vida que se conserva, já que cada molécula sabe

o que as outras farão ao mesmo tempo que ela, no processo de composição e decomposição de relações em que surge cada modo de vida. Aqui vemos um modo implícito de dizer harmonia, uma consciência do comum na natureza, onde tudo está em relação com tudo, da mesma forma que surge da harmonia do cosmo, no encontro entre diferentes e diversos elementos, que na espontaneidade se compõe na formação de unidades discretas autônomas, entre elas, nos seres humanos.

Frei Betto nos situa como seres de sentidos, afirmando que *“tudo indica que a evolução do universo segue um rumo, a natureza tem uma direção, os seres vivos um eixo e a vida humana tem um sentido”* (1994, p. 118), pela consciência da morte, sendo por isso que nossos gestos e ações são dotados de valor simbólico. Com Thailhard de Chardin compreende que o cosmo vai do menos ao mais complexo, da dispersão a ordem, do inerte a vida, onde a evolução é interior a matéria e a nós seres humanos, que devemos usar de nossa inteligência para captura-la.

Frei Betto lembra que uma simples célula, contém tanta informação quanto um catálogo telefônico do Rio de Janeiro. Grande parte dessas informações são herdadas na história dos seres vivos, outras muito antes ainda, mas no processo evolutivo, vão se produzindo novidades. Novas configurações, outros rearranjos, outros domínios de relações, que sempre resultam em adaptação em torno da harmonia. Assim, a vida seguiu, assim a vida segue. Se há um determinante que promoveu que os seres vivos entrassem num *eixo*, foi diferenciam-se de si mesmo em outro (mitose), que passa a se colocar como unidade autônoma. Segue-se a proliferação. A abundância. A agregação. A sexualidade. Surge os seres multicelulares.

Quando comenta o surgimento da vida, Frei Betto esboça admiração diante da complexidade e multiplicidade que compõe uma única célula, que tem a capacidade de reproduzir a si mesmo, que sua fé abstrai como milagre. Mas, nos diz algo importante: *“nenhuma dúvida resta de que a vida nasceu de um aglomerado de células, filhas bastardas que, ao contrário de seus pais, gostavam de sexo e, portanto, sabiam reproduzir. Saltando por aí, expostas aos maiores perigos, a vida que surgia praticamente do nada, tornou-se, nesse planeta, a senhora dos mares, do solo e dos ares”* (1994, p.119).

O texto é alegre. Vai nos conduzindo pela mão a imaginar lá onde surge a vida. Inicia sua viagem com a terra em formação, com uma atmosfera inóspita para surgir a vida, com gases e raios ultravioleta que são nocivos ao orgânico. Segue até as profundezas do oceano, para nos situar nas frestas em rochas de montanhas submersas. Dessas fendas surgem gases de enxofre que são um *“manjar dos deuses netunianos”* para as bactérias

marinhas, que absorvem o sulfeto e sintetizam o amido e o açúcar, proliferando-se aos borbulhões, o que supõe um domínio relacional em harmonia. Esse fluxo em abundância, lança-se como “*fumaça de chaminé*” espalhando-se no oceano. As bactérias tornam-se o manjar dos seres marinhos. Outro domínio de relações harmônicas, no qual se nota que a descrição de células que viviam num meio em abundância, em fartura, essas supunham a harmonia, não a luta, a competição nem a ideia de subjugação ao mais fortes. Mesmo quando se referem as moléculas de carbono, que não entraram em relações consensuais recorrentes e recursivas para se autonomizarem como unidade celular, Frei Betto as descreve de maneira singela, como “*as que não tiveram competência, benção ou sorte para se tornar vida*”. De súbito surge a imagem: a vida se inicia com as bactérias num mundo escuro e escaldante no profundo oceano, mas se estende e se torna em condição da vida dos seres marinhos. O que produz a vida? Vida!

No transcorrer das eras, a terra passa a sofrer bombardeios de asteroides e cometas, que ao se chocarem com a água oceânica, produziram vapor e aquecendo a tal ponto que eliminou toda a forma de vida na terra. Foi necessário milhões de anos para que a atmosfera mudasse, passando a resfriar, onde o vapor vira chuva que enche a bacia oceânica onde a vida encontra condições de ressurgir. Mas, nota: há na terra vida, sem necessitar da luz, sem fotossíntese.

Na deriva evolutiva, a terra e sua atmosfera sofrem outras transformações resultantes de cataclismos, seja por meteoritos ou por escassez, de modo que a evolução e adaptação de vida preponderaram. As células multiplicaram-se e entraram numa outra explosão demográfica, de tal sorte que, reduzindo suas reservas, a vida entra em outro estado de ameaça. Mas, justamente, nessas novas condições, a vida dá um salto, surgem as moléculas vegetais, as *algas*, que trazem uma nova tecnologia, o processo de fotossíntese.

No início relâmpagos e raios ultravioletas, tomaram pela mão moléculas simples e, no banho revitalizador dos mares, onde mergulhavam vaidosas e narcísicas, houve o encontro casual de moléculas que desempenhavam as mesmas atividades, favorecida pelo crivo da seleção natural... dessa empatia brotou uma união que permitiu o advento da primeira célula vegetal capaz de converter a luz do sol, a água e dióxido de carbono em carboidrato e oxigênio, - a fotossíntese. ” (p.120).

As algas realizam a fotossíntese usando a energia do sol para quebrar as moléculas de água (H₂O), separando átomos de hidrogênio de dois átomos de oxigênio. Mas, o oxigênio, por sua vez, era uma molécula altamente reativa, que corroía os gases ferrosos, que existiam em abundância, que impedia que o oxigênio chegasse até a terra. Surgem ima-

ginações. Se o oxigênio, naquelas condições, chegasse até a terra, queimariam os aminoácidos que possibilitavam a agregação das moléculas orgânicas e a vida sucumbiria. Mas é uma falsa conjectura, porque a vida seguiu avançando, numa espetacular reviravolta.

Foram necessários mais ou menos quinhentos milhões de anos para que as algas começassem a sentir o efeito da poluição na liberação de oxigênio na água, seu habitat natural. Isso coloca a vida novamente em xeque, que salta novamente, quando certas células passam a produzir as *enzimas* que são capazes de processar esse composto tóxico do oxigênio, contido nas moléculas orgânicas, tornando-os inofensivos ^(1994, p 122).

Passaram-se dois milhões de anos para que células que necessitam de pouco oxigênio, os *procariontes*, inundassem a atmosfera de oxigênio pela fotossíntese, preparando as condições para o surgimento das células que respiram, como os *eucariontes* que são organismos unicelulares que contêm material genético. Cada célula possui em torno de mil enzimas. Então, as células que incorporam a enzima, não só toleraram o oxigênio como passam a extrair energia dessa molécula, surgindo a respiração. Agora, o oxigênio não era um obstáculo a vida, ao contrário, não só se tornou a fonte de energia como, ao subir para atmosfera, compõe essa camada de ozônio, que retém os raios ultravioletas e abrem o caminho para que as células migrassem dos mares à terra.

Nesse momento, Frei Betto coloca algo muito interessante: se pergunta se existiriam registros desses seres unicelulares? Comenta que nos anos 50, foi encontrada um fóssil de dois milhões de anos, em uma rocha nos Estados Unidos, que batizaram com o nome “*Eoastrion*”, e nos anos 70, outra descoberta, um fóssil de 3 milhões e meio de anos, ao que conclui: essas células “*gravada numa pedra que era água e de repente virou minério - são nossos verdadeiros adões e Evas*” ^(1994, p. 123).

A descrição segue um caminho evolutivo e suas transformações, passando pelos diferentes componentes químicos que vão surgindo e que modificam a paisagem da terra, onde, até então, prevalecia a matéria inerte. Num novo lance da *poética da vida*, Frei Betto narra um “*pequeno acidente genético*”, quando células após a geração de outras, ao invés de se separar, passam a manter-se próximas, “*impossibilitada de se desgarrar de suas filhas*”, surgindo os seres multicelulares, que descobrem o sexo. Nessa troca sexual, os organismos multicelulares passam a “*sussurrar e, assim, permutar todas as letras e segredos do código genético*”. Nova abundância acontece. As vidas verdes dos oceanos passam a produzir oxigênio molecular, que oxida o metal existente na superfície, possibilitando a multiplicação dos seres vivos terrestres, que altera a paisagem que até então

era inerte. A fotossíntese é muito interessante: ao assimilar a luz solar, as plantas sintetizam o hidrato de carbono, que se torna em alimento para os animais terrestres. A planta, no seu processo espontâneo, libera o oxigênio e outros gases, como o nitrogênio, que chega a um equilíbrio atmosférico: “*Ao respirar, o ser vivo respira a vida*”. (1994, p. 123).

Surge mais uma especulação, que suponho seja influenciado pelo texto de Jean Guitton (1991), *Dieu et la Science*” (*Deus e a Ciência*), que comentaremos na sequência, quando constata que a atmosfera terrestre chega a uma relação precisa, na harmonia entre as gases, onde os níveis de oxigênio se mantem em torno de 21% e de dióxido de carbono em 0,03%, sendo essas as condições adequadas a vida vegetal e animal. Diz: se não houvesse vida (algas) pela fotossíntese que libera o oxigênio, o dióxido de carbono chegaria a 99%. Ao mesmo tempo, se o oxigênio chegasse a 25% tudo se queimaria pelo poder de corrosão dessa molécula. Nota essa harmonia: se o oxigênio se elevasse ou se reduzisse, não haveria como respirar e a vida não continuaria, bem como, se mudassem as taxas de dióxido de carbono, as plantas não produziram a fotossíntese, e a vida sucumbiria. Mas, são especulações, conjecturas, já que constata a harmonia na relação vida e terra: “*Assim, a vida molda a terra e a terra molda a vida. Vida, toda terra é biosfera*” (1994, p. 124).

Dadas as condições, como peixes, os insetos inundam a terra, vertebrados, reptéis, aves, flores e cactáceas, até os primatas, “*o universo ganha olhos e ouvidos para apreciar sua própria beleza*”. Foi a duzentos milhões de anos que “*a estrutura biológica associou sexo a ternura, celebrando, com os primeiros mamíferos, o advento da educação*” (1994, p. 125). A saga da vida segue, e a dez milhões de anos surgem seres com cérebro, mas só a dois milhões de anos que passam a surgir o *homo eretos* e a 600 mil anos desponta nosso ancestral hominídeos com o *homo sapiens*, vindo a se diferenciar até 50 mil anos, quando chega ao estágio em que nos encontramos até hoje.

Um último ponto, importante para nossa discussão. Quando Frei Betto descreve a relação dos seres humanos com a natureza, fala de *controle*, não de domínio, “*aos poucos ele consegue controlar o fogo, manifestar-se através da linguagem, revelar seus sentimentos e imitar os cantos dos pássaros e dos ventos por instrumentos musicais, desenvolve técnicas agrícola... juntar animais em rebanho, fisgar peixes com anzol*” (1994, p. 125). Amplia o repertório da relação homem e natureza com termos como fabricar, compor artefatos, criar sinais gráficos de reprodução na linguagem, elaborar a escrita. Mas em nenhum momento coloca o homem como *dominador da natureza*. Conclui: “*cessada a evolução genética, inicia-se o desenvolvimento social e cultural*” (1994, p. 127).

O ser humano como obra prima, diz Frei Betto. Surgida de uma única célula, numa colossal complexidade, referindo-se à quantidade de informações que contem cada célula que compõe o corpo humano, onde o ADN que guarda o código genético, é o que não muda, o que se conserva como invariante. Mas há um outro ácido, o ARN, que cumpre duas funções simultâneas, no nível interno e outra com o externo, mas que não se confundem: de um lado, ARN transmite a ordem do ADN para o resto das células, de outro, ARN é o mensageiro entre ADN e meio ambiente. O ADN “*encerrado em sua majestade, guarda a sete chaves o segredo genético e só ele fabrica cromossomas ao ter início o espetacular do desdobramento celular*” (1994, p. 127).

Ficamos com a impressão de que Frei Betto se inspira na metáfora do ferro do filósofo-teólogo Cristão Guitton (1991), quando num outro ato *poético da vida*, mostra como um fragmento contem, ao mesmo tempo, o infinitamente pequeno e a mais vasta amplidão do universo, por nos conhecidos. Para tanto, imagina um procedimento: pega sua mão e leva até um microscópio poderoso, aprofundando seu olhar no modo decrescente do mecanismo técnico, indo em direção ao mais pequeno e se espanta como daí brota o imenso do universo. Inicia pela *pele* distribuídas como um mapa de cidade; avança até chegar a *célula* onde percebe os ribossomos, mitocôndrias, como a parte energética da vida, etc. Aumenta a potência de ampliação e encontra a ADN, nossa memória do imemoriável, que envolve o açúcar, o fosfato, sinais de pontuação e um programa contra erro, que contém e produz os cromossomas, que conservamos como herança da história de vida a mais de 4 bilhões de anos. Atravessa o ADN e encontra os *átomos* cercados de elétrons, observando que parte desses eletros juntaram-se ao núcleo atômico a mais de 5 bilhões de anos, quando a terra ainda era nuvem estelar. Estende cem vezes mais seu olhar e alcança o núcleo de um único átomo de carbono, que data entre 5 a 15 bilhões de anos, que tem sua origem junto a outros núcleos que faziam parte de uma outra estrela que existiu e explodiu antes do aparecimento de nosso sol. Não acaba aí. Avançando ainda mais, encontramos o trio dos quarks na formação do próton e nêutron do núcleo, que nos remetem aos primeiros milésimos de segundo antes da grande explosão. Como num suspiro em desabafo, evoca a imagem de uma criança desnutrida, suja, *melequenta*, frágil, que ao olharmos no seu abandono, não nos apercebemos que ela “*encerra, em si, toda a evolução do universo. E para quem tem fé, ela é a própria imagem e semelhança de Deus*” (p.129). Mas não entendemos que para Frei Betto, essa *semelhança* comporte algo de negativo. Como nos mostra Gilles Deleuze (2000), no texto Platão e o Simulacro, parte do livro

Lógica dos Sentidos⁴², refere “*O catecismo, tão inspirado no platonismo, familiarizou-nos com esta noção: Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, mas, pelo pecado, o homem perdeu a semelhança embora conservasse a imagem*” (Deleuze, 2000, p. 267). Por tudo que já se notou das *poéticas da vida* de Frei Betto, a *imagem e semelhança* com Deus não aparece como *degradação nem negativa*.

Nesse movimento da criação, que surge da bactéria aos seres humanos, ressaltamos a ideia de que tudo tende a harmonia e não ao equilíbrio. O equilíbrio é uma noção dicotômica, um pendulo. Para nós, nas interações de autoprodução, quanto nos domínios relacionais entre seres vivos, onde gesto e proximidade compõem condições de consensualidade em torno do bem-estar, mesmo entre diferentes, a harmonia é a bússola. A evolução é criadora, não competitiva, nem hierárquica.

Podemos observar nesse outro ato poético de Frei Betto, que surge em suas últimas páginas, quando evoca a relação fotossíntese e respiração. Na fotossíntese, com a energia da luz solar, ocorre a quebra da molécula de água (H₂O), onde o vegetal absorve o dióxido de hidrogênio e libera o oxigênio. E, no movimento inverso, mas complementar, surge a harmonia na respiração e o consumo de vegetais por animais e humanos. No simples e espontâneo gesto de expiração, libera dióxido de carbono, que serve as plantas para continuar sua jornada na vida pela fotossíntese. Diz Frei Betto: “*Assim, nessa respiração boca a boca entre plantas, animais e seres humanos, asseguramos o ciclo da vida sobre a superfície do planeta. Ao nascer, nos integramos com o ciclo holístico da terra*” (p.128).

Nosso propósito foi recolher alguns atos poéticos de Frei Betto, como elementos para nossa reflexão de que a vida é uma potência criadora, que dessa perspectiva reflexiva em relação a vida, nascem os *Sentimentos* ativo e afirmativos do viver no conviver com outro: “*Na natureza, o vivo quer sempre gerar a vivo. O sonho de toda célula e ser duas. Todo ser anseia formar outros seres, melhores e mais completo que ele*” (p.126).

Conclui com duas pérolas. Nota que a evolução genética cessou a 50 mil anos, desde então a evolução ganha outra direção, a *ética e a socialização*, que não parece tão evoluída assim. De tudo isso, nota uma pequena contradição ou algo ainda a ser compreendido, em relação ao fato de que o útero não acompanhou o crescimento do cérebro e do organismo, no qual a mulher ainda vive as dores do parto, mas salienta: hoje vemos uma ansiedade, num mundo atropelado pela ganância, que ao invés de dar o tempo da espon-

⁴² DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. pp. 259-271

taneidade da vida vir a termo, por sua porta natural, a pressa o extrai pela janela (cesariana): “*Time is Money*” (p.129). Nesse sentido, lastima nossa regressão como seres do amor, onde a dimensão ética e social nos revela o terror da miséria, mortes banais, mentiras “*Enfim, nunca a vida foi tão vilipendiada pela ambição, lucro de uns poucos privilegiados que veneram e idolatria do mercado*” (p.129).

Um comentário. Senti, em alguns momentos, que seus encontros ou atravessamentos por esse ar que surge no fluir dinâmico entre vida e natureza, fizesse Frei Betto saltitar, galopar ao vento, respirar. Ar, justamente isso que nosso organismo precisa, mas não possui. Precisa buscar na atmosfera. Nossa respiração, como a comida, são domínios relacionais que se efetuam em relação imediata, direta com a natureza. Nosso corpo tem como condição biológica, a biosfera como sua primeira casa. Essa proximidade com um entorno acolhedor de onde surge e no qual se realiza. Mas, como acolhedor? Como acolhedor? Se a trajetória dos seres vivos se deu em forte empenho de adaptação, enfrentado riscos de sucumbir por várias vezes. Mas isso é um delírio, já que a vida prosperou. Pensar que ela poderia não ter prosperado, quando prosperou - estamos aqui - não faz sentido. É pura especulação de um passado que enquanto tal, é irreversível. Não existe o que poderia acontecer, quando algo já aconteceu. Mas, o importante é que fora as intemperes, a vida para surgir e se manter supõe essa relação indissociável de um meio que a possibilita e no qual se realiza. E enquanto se realiza, quer dizer, vive, vive em torno do bem-estar, vive em torno da harmonia, não de disputa nem de privilégios, como nos mostrará Maturana. Se a vida sobrevive é porque é capaz, tem potência para tal, e assim flui numa deriva, sem supor um organizador externo, mas interno a própria vida, em relações harmoniosas como a fotossíntese e a respiração: “*E a força que comanda essa evolução é algo interior à matéria, como é algo também interior a cada um de nós. Resta-nos saber capturá-la*”. (Betto, 1994, p.119).

2.2. Teologia Negativa: Afirmação pela Negação



Cada alma é uma escada para Deus.
Cada alma é um corredor-Universo para Deus.
Cada alma é um rio correndo por margens de Externo
Para Deus e em Deus com um sussurro soturno.

) *Sursum corda! Erguei as almas! Toda a Matéria é Espírito.*

Porque Matéria e Espírito são apenas nomes confusos
Dados à grande sombra que ensopa o Exterior em sonho
E funde em Noite e Mistério o Universo Excessivo!

) *Sursum corda! Na noite acordo, o silêncio é grande.*

As coisas, de braços cruzados sobre o peito, reparam
Com uma tristeza nobre para os meus olhos abertos
Que as vê como vagos vultos noturnos na noite negra.
Sursum corda! Acordo na noite e sinto-me diverso.
Todo o Mundo com a sua forma visível do costume
Jaz no fundo dum poço e faz um ruído confuso.
Escuto-o, e no meu coração um grande pasmo soluça.

Alvará de Campos (Fernando Pessoa)

Para nossa pesquisa, interessa-nos destacar dois domínios reflexivos diferentes, no modo de explicar a cosmologia e sua relação com a origem dos seres vivos. De um lado, vimos com Frei Betto que a evolução é um processo não linear, onde a criatura está próxima de sua causa, do meio que a produziu e no qual se realiza. Entendeu-se a causa como intrínseca, inscrita desde antes da primeira grande explosão, que por ser causa próxima, é possível *conhecer* como esses conhecimentos/eventos se deram. Por outro lado, a reflexão que se segue, aponta para uma ideia de Criação programada, onde a evolução são etapas precisas demais para ser algo do acaso (espontâneo), mas surge como resultado de uma *Inteligência Superior*, externa as criaturas e ao processo de criação.

Nosso empenho não é realizar comparações como a perspectiva da teologia da libertação de Frei Betto, porque as duas abordagens são legítimas, embora não igualmente desejável. Mas, servirá para contextualizar a ideia de que se pode pensar em distinguir na expressão de *Sentimentos*, um sentir passivo de um sentir ativo, tendo como critério o valor da vida. Os dois domínios de reflexão são, cada um na sua lógica, impecáveis. Distinguímos em um, o modo como se preocupa com o conviver no conversar no cotidiano dos indivíduos e as condições de relação e interação consensual com seu habitat natural e social. No outro, notaremos uma especulação *negativa*, porque parte do que poderia *não ser* para definir o que é, como princípio que justifica numa ordem transcendental. Para nossos estudos, esses domínios reflexivos não compõe uma mesma subjetividade, diferindo duas maneiras de entrar em relação consigo mesmo, por isso nos interessa distingui-los.

Nosso segundo texto é um pequeno artigo: *Ciência e fé: Deus e a Ciência (2007)*, do Pa. Paulo Monteiro Ramalho⁴³. Para desenvolver suas argumentações, Pa. Paulo parte do livro de Jean Guitton ⁽¹⁹⁹¹⁾ filósofo-teólogo francês, realizado em conjunto com dois cientistas russos Grichka e Igor Bogdanov, intitulado “Dieu et la Science”, de 1991, traduzido e publicado no Brasil pela Nova Fronteira, como “Deus e a Ciência” em 1992. O artigo busca associar o processo evolutivo do conceito de natureza, dentro de um conjunto de questões especulativas:

Ora, a precisão vertiginosa, infinitamente grande e infinitamente pequena, do universo será resultado do acaso ou deve-se à vontade de uma Causa Primeira, de uma Inteligência, que transcende a nossa realidade? Existe um plano universal, do qual cada elemento foi minuciosamente calculado? Existe uma ordem subjacente atrás daquilo que a nossa ignorância chama “o acaso”? (2007).

Pa. Paulo parte de um suposto diálogo no texto, entre os três autores do livro referido, numa situação em que Guitton aponta a uma chave de ferro em sua escrivaninha e pergunta: “*Se eu pudesse refazer a história dos átomos que a compõem, até onde deveria eu recuar? E que é que eu então encontraria?*” (2007, p. 38). Sabe-se que o ferro vem do coração da rocha, que faz parte da evolução do planeta, a mais de 4 bilhões de anos: “*Antes que um golpe de picareta extraísse tal chave, estava ali, como prisioneiro cego, já havia bilhões de anos*”. Vai mais longe, mostra que o ferro já existia flutuando no espaço interestelar, a mais ou menos 8 a 10 bilhões de anos. Mas, como o ferro surgiu como parte das nuvens cósmicas? Ora, entre 10 a 12 bilhões de anos, um outro sol, que não o nosso, se explodiu dando origem ao hidrogênio, formando as primeiras estrelas gigantes e incandescentes, que também se explodiram, dando origem a estrela de segunda geração. Nota, assim: a simples chave de ferra contém em suas moléculas toda a história do universo.

Pa. Paulo segue. Distingui com a física quântica de Newton um problema superado em relação a ciência clássica, a respeito da ideia de que a realidade se compõe de corpos sólidos e de espaços vazios que, de fato, não existe no mundo subatômico. Com o descobrimento da substância radiativa, passa-se a compreender que o átomo não é indivisível, mas se compõem de partículas ainda menores e não “*manifestam nenhuma das propriedades atribuídas aos objetos físicos*”. Essas partículas elementares da matéria não se comportam da mesma forma que os átomos sólidos.

⁴³ Ramalho, Pa. Paulo Monteiro – *Ciência e Fé* – 27.03.2007 - <http://www.fecomvirtudes.com.br/ciencia-e-fe-deus-e-a-ciencia-2/> - acesso: 10/01/2016.

Da física moderna, absorve o Big Bang, a explosão que causou a *sequência principal* que deu origem a nossa galáxia e a estrela terra. Aqui especifica o tempo, notando que o infinitamente pequeno 10^{-33} menor que o átomo, que passa a formar a sopa primordial de moléculas homogenias, já continha em potência tudo, “*galáxias, planetas, Terra, árvores, flores, a chave*”. Nota dois movimentos primordiais: uma primeira grande expansão, seguida de outra, com durações de bilionésimo de segundos, dando origem ao que os astrofísicos chamam de partícula X, como partícula originária que surgia como um campo de força, sem nada de matéria.

Na sequência ínfima de 10^{-31} de segundos, surge a matéria na forma de *quarks* que é a mãe das outras partículas, “*eletrônios, os fotônios, os neutrinos e as antipartículas*” que passam a se comportar de forma irregular dando origem a galáxia, as estrelas e os planetas. Há 10^{-11} ocorre uma segunda divisão que resulta na interação eletromagnética e da força fraca surgindo os fotônios: “*Entre 10^{-11} e 10^{-5} de segundo, a diferenciação prosseguiu. Os **quarks** se associaram em neutrônios e protônios e a maioria das antipartículas desapareceu para dar lugar às partículas do universo atual*”.

Outra diferenciação, no qual observa a associação de forças com o desaparecimento de outras que deixam de existir, resultando na formação de meta-partículas que iram compor nosso universo, chamadas de moléculas de carbono. Nos diz:

“Por ocasião de 10^{-3} de segundo ou da décima milésima fração de segundo, as partículas elementares tiveram origem dentro de um espaço que acabava de se pôr em ordem. O universo continuou a se dilatar e esfriar. Aproximadamente 200 segundos após o instante original, as partículas elementares se juntaram para formar os isótopos dos núcleos de hidrogênio e de hélio. Assim o mundo que hoje conhecemos, começou a tomar suas primeiras linhas básicas”. (Ramalho, 2007).

Mas afirma, nosso conhecimento só vai até 10^{-43} de segundo, além desse Muro de Planck, como ficou conhecido, surge o mais profundo do desconhecido. De modo que “*Toda a história que acaba de ser descrita, durou três minutos e vinte segundos*”. Mas, o que ocorreu antes do Muro de Planck? Só Deus sabe. Aqui surgem especulações. Nota: as leis da física são rigorosas. E levanta a questão do porque a natureza produz *ordem* e não *desordem*, para inferir: “*se uma das grandes constantes universais (por exemplo, a constante da gravitação, a velocidade da luz ou a constante de Planck) tivesse sofrido, nas suas origens, uma ínfima alteração, o universo não teria possibilidade de abrigar seres vivos e inteligentes; talvez mesmo nunca teria aparecido*”. Isso é uma questão de laboratório imaginário, porque não foi isso que se deu. Estamos aqui!

Continua dando exemplo de um floco de neve, suas composições e seu lançar-se ao mundo onde encontra a temperatura, a umidade, sendo “*submetido a várias influências*” que contribuem para formar a singularidade de cada floco de neve e não esconde sua admiração: “*verificamos nele uma bela ordem, um equilíbrio delicado entre as forças de estabilidade e de instabilidade ou uma interação fecunda entre forças da escala atômica. Donde vem esse equilíbrio? Qual a origem dessa simetria?*”

Um comentário. Notemos que o termo equilíbrio é uma noção com base na matemática usado na economia, onde supõe *oferta e demanda*, com um *vetor preço* que iguala tudo. O equilíbrio se coloca como balança ou gangorra, que tem o termo médio que iguala e gradua as distancias para cima ou abaixo do centro, como equilíbrio ideal. Quando um jogo de forças (floco de neve ao sabor do vento) se coloca diante de “*várias influências*”, sem vetor homogeneizante, há uma coleção, um conjunto de multiplicidades que não suporta a noção de equilíbrio, a binariedade, mas supõe um concurso de interações reciprocas e congruentes, que se estabilizam num jogo múltiplo de relações e interações que nos remetem a harmonia, noção complexa, e não ao equilíbrio, noção mais próxima da dialética. Um organismo tem um equilíbrio na perspectiva do observador, mas como totalidade num meio, fluindo no viver, busca a harmonia no conjunto muito grade de interações múltiplas e relações complexas, sem um elemento ordenador, determinante ou dirigente. Seria como dizer que um corpo não se equilibra, a não ser que enfrente alguma forma de vertigem, mas se harmoniza em torno do bem-estar.

Propõe um segundo exemplo: parte de uma placa fotográfica e luz projetada. Entre eles, uma tela com dois furos verticais e paralelos. Destaca: é impossível prever as trajetórias de cada partícula de luz, mas no cabo de milhões de partículas projetadas, o que se notará é a formação de uma mancha plenamente identificável. E comenta, com certo espanto: “*a índole aleatória do comportamento de cada partícula isolada incluía, na verdade, uma grande ordem e harmonia muito elevada, que não podíamos imaginar*”.

Não sei o que Pa. Paulo quer dizer com “*cada partícula isolada incluía*”, se supõe essa determinação desde as partículas, ou se destaca a tendência da natureza a coesão, a composição e decomposição de relações ao infinito. Vamos distinguir, por nossa conta, que se supusermos que a partícula já contém toda a informação da forma a qual será parte, todas as formas não são espontaneidades, mas determinadas desde a microfísica. Nessa especulação, se vai dos efeitos para suas causas. Deduz as causas de seus efeitos e isso é

uma imaginação analógica dedutiva. Com tal, só tem sentido no depois e não nos dá elementos de previsão nem de predeterminação de uma origem.

O presente de cada um de nós não está inscrito na nossa origem, estamos sempre nos transformando no fluir de nossas práxis de viver. Parece-nos que na dedução, se supõe que o fluir do viver ocorre por alguma forma de determinação externa, mas num sentido diferente de extensão, do espaço. Nessa linha reflexiva, conserva-se a ideia de que a evolução se deu por jogos de forças, mas determinado pelo que está externo, um fora associado a uma ordem hierárquica transcendental. De um lado, a vida em contínua transformação, de outro, a vida na luta para realizar seu destino. As duas são válidas, mas não nos lega a mesmas condições operacional-relacional reflexiva.

No tocante a expressão de *Sentimentos* em torno de formas de desamor, que nos coloca a viver em tristeza, surge operadores que devemos evitar: um é estabelecer que o que faz sofrer, resulta de causas independentes do observador de si. A argumentação é de que o referente, o que justifica isso ou aquilo, surge de uma ideia modelo, que contém valor hierárquico por sua condição transcendental. Esse valor baliza o sentido do que faz sofrer. Supõe uma avaliação a priori a validade de uma dor, um sofrimento. Formas de desamor que fazem sofrer são conflitos que aparecem em função da desobediência, desadaptação, a falsidade porque não corresponde à verdade, aparece como simulacro.

Retomemos a reflexão de Pa. Paulo. Nos mostra: mesmo que se reparta o experimento de projetar partículas em milhões de vezes, teremos manchas perfeitamente identificáveis, que não são as mesmas, sendo cada uma, uma singularidade que surge na espontaneidade. Mas não parece ser isso que supõe o Pa. Paulo “*Tal experiência significa que o universo não decorre do acaso, mas é fruto de diversos graus de ordem e harmonia, cuja hierarquia nos compete decifrar*”.

Pa. Paulo prepara sua hipótese de uma Inteligência Superior: parte da física que define de modo rigoroso o que se conhece como constantes no universo, como: *a constante da gravitação, da velocidade da luz, do zero absoluto, a constante de Planck, etc.* Surge os argumentos especulativos e negativos, porque partem de algo que não aconteceu para definir o que aconteceu, supões a não existência para dar sentido a existência, parte dos efeitos distanciados de suas causas. Segue algumas referências presentes ao texto;

- a) **SE** uma só dessas constantes tivesse sido modificada (por pouco que fosse) no início da história do universo, este, como o conhecemos hoje, não teria podido aparecer;
- b) **SE** aumentássemos de 1% apenas a intensidade da força nuclear que controla a coesão do núcleo do átomo, extinguiríamos a possibilidade de que os núcleos de hidrogênio ficassem livres; eles se combinariam com outros prótons e nêutrons para formar núcleos pesados;
- c) **SE**, ao contrário, diminuíssemos em grau mínimo a força nuclear, tornar-se-ia impossível a fusão dos núcleos de hidrogênio. E, sem essa fusão nuclear, não haveria sóis, nem fontes de energia, nem vida;
- d) **SE** a força da gravidade tivesse sido mais fraca por ocasião da formação do universo, as nuvens primitivas de hidrogênio nunca teriam podido condensar-se para atingir o limiar crítico da fusão nuclear: as estrelas nunca se teriam acendido. Ao contrário;
- e) **SE** um poder atrativo da gravidade mais forte teria provocado um autêntico embalo das reações nucleares; as estrelas se teriam incendiado furiosamente, para morrer tão depressa que a vida nem teria tido o tempo de se desenvolver;
- f) **SE** a aumentássemos muito levemente (as forças eletromagnéticas), reforçaríamos a ligação entre o eletrônios e o núcleo; em consequência, as reações químicas que resultam da transferência dos eletrônios para outros núcleos já não seriam possíveis. Um grande quantidade de elementos não se poderiam formar; em tal universo, as moléculas de ADN não teriam condições de aparecer;
- g) **SE** o teor de expansão do universo tivesse sofrido um desvio da ordem de 10^{-40} , a matéria inicial se teria espalhado no universo vazio; não teriam aparecido as galáxias, as estrelas e a vida.

Destacamos o **SE**. Se isso, se aquilo ou aquele outro, tivesse ocorrido, o que ocorreu não teria ocorrido. Pa. Paulo se reporta aos autores do livro para concluir, que tais reflexões científicas e filosóficas-teológicas:

Possibilitam, de certo modo, chegar a Deus ou à conclusão de que existe um Ser Superior, dotado de Inteligência, Sabedoria e Amor perfeitíssimos, autor dos cálculos que o homem vai refazendo aos poucos, e Criador da energia inicial, à qual incutiu as forças e leis, precisamente definidas, de sua evolução. Tal Ser Superior – Deus – conhece os mistérios do universo e rege a sua história. O homem assim originado deve ser objeto de grande carinho da parte do Criador; para ele foi preparado o cenário que o cerca, a fim de que, contemplando-o com inteligência e profundidade, descubra os vestígios do Criador e glorifique o Senhor Deus, que o fez, a conserva e o chama à plenitude da vida. (2007).

Deus é uma afirmação, mas que se justifica pela negativa. No nosso entender, essas afirmações partem da dedução negativa para afirmar a positividade, tal qual fazíamos quando definíamos a saúde pela doença. Se não estiver doente, logo, se estará com saúde. A afirmação da vida vem de fora da vida. Exterior aos viventes e independentes deles. A conduta se mostra passiva, se avalia pela maior ou menor submissão, enquadramento, diante de um modelo idealizado e místico, por isso, transcendental. Isso tem sua importância no domínio reflexivo que não supõe subjetividade, nem autonomia, no qual se ganha a liberdade para escolhas entre alternativas oferecidas, pelo qual se será avaliado e julgado, nos fins dos tempos.

Notemos. Não está em questão a ideia de que Deus seja o criador do céu e da terra e de todos os seres vivos e não vivos, mas se a criatura criada traz ou não internamente as causas de que é efeito ou se as causas de que é efeito são externas e independentes dela. Nesse sentido seguimos Deleuze quando distingue entre emanção e imanência, sendo que o primeiro corresponde a teologia negativa e o segundo a teologia afirmativa da vida. Isso se mostra na ideia de Deus, de causa próximas, como nos mostra o autor:

... a posição de um Ser-igual: não apenas o ser é igual em si, mas também aparece igualmente presente em todos os seres. E a Causa, está igualmente próxima, em toda a parte: não existe causa distante...A imanência se opõe a toda eminência da causa, a toda teologia negativa, a todo método de analogia, a toda concepção hierárquica do mundo. Tudo na imanência é afirmação. A participação deve ser pensada de maneira inteiramente positiva, não a partir de um dom eminente, mas a partir de uma comunidade formal que deixa subsistir a distinção das essências” (Deleuze, 1969, p. 119)

Nesse sentido, a questão é de pensar qual nossa participação no que nos ocorre, porque o modo de distinguir, descrever e explicar, modela as ações realizadas, porque as ações dependem de como nos colocamos diante de nossos afazeres, no como nos nós realizamos, como percebemos, desejamos, no que investimos. O que cultivamos formam as matrizes operacional reflexiva de nossas práxis de viver, interfere nos domínios relacionais que conservamos, determina os mundos que compomos junto com outros. Podemos perguntar: sou ou não parte do que me acontece, de como me realizo, de como me conservo, de como vivo um modo de conviver no conversar? Se o que define meu ser está fora de mim, só me resta corrigir, me enquadrar. Por outro lado, se o que define meu viver depende do meu modo de fazer, não me enquadrar invento, não me corrijo, mudo.

A realidade que produzimos no modo de conviver no conversar, envolve a maneira como distinguimos as recorrências nos domínios operativo-relacional em que habitamos. A questão é diferenciar se as causas do que me faz sofrer são próximas, onde se supõe que o observador de si participe de suas observações, que entendemos que os sentimentos são legítimos, quando resultam de um encontro *consigo mesmo*, e passam a explicar *algo de si*, não por algo fora de si, mas *por si mesmo*, por outras experiências vividas, onde pode conhecer algo das causas. Ao contrário, somos determinados por um mundo transcendental, que nos orienta quanto a nossos deveres e valores, onde distinguir *algo de si* não se faz por si mesmo, mas por algo externo e independente de nós, que não temos acesso, senão por representação, analogia ou metáforas.

Mas, se ao invés de ir buscar respostas e soluções, passemos a mudar o ponto de vista, se incluir no observar. Isso significa que sofreremos influência do externo, mas esse externo não pode ser entendido no modo objetivista e transcendental. Somos parte do que nos acontece. Nosso modo de vida tem sua história ontogênica, que sente o que sente do que vive, no modo particular. E o que conservamos está o tempo todo presente a cada instante da vida. Nada que aconteça ao observador de si está fora de suas condições de operar distinções de seu modo de conviver no conversar. É como pode fazer descrições com imagens e ideias que se tramam num domínio de ações, onde gera a explicação numa coerência operacional reflexiva, que expressa *Sentimentos*. Se se transcendentaliza surgem dificuldades. Podemos via a levantar a questão do que faz sofrer, mas ao *distinguir algo de si*, as imagens e ideias que surgem encontraram sentido fora de si, num domínio de ações ao qual *não* faz parte nem tem acesso. Como gerar a explicação, se a descrição exclui suas próprias experiências vividas, mas depende de algo independente e externo?

Os Sentimentos não possibilitam nenhuma resposta ou solução, não são representações, analogias ou metáforas de sofrimentos. Diante de marcas de formas de desamor, o procedimento básico inclui o observador de si no seu modo de observar. Inicialmente opera a distinção de algo de si que lhe faz sofrer, descreve por si mesmo, se inclui, de modo a gerar uma explicação que expressa *Sentimentos* de experiências de afeto de emoção vivida por formas de desamor.

Vamos avançar nessa questão, como caranguejo, dando um passo ao lado para saltar a frente noutro. Iniciaremos por retomar a biosfera no ponto em que surgem as moléculas orgânicas, entendendo a noção de autopoiese, o acoplamento estrutural e social, até o surgimento da antroposfera, domínio das relações humanas na linguagem.

2.3. Do Cosmo a Terra Primitiva: surgimento das moléculas orgânicas



Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana. Mas, no que respeita ao universo, ainda não adquiri a certeza absoluta... Eu aceito o mesmo Deus que o nosso grande Spinoza chama a alma do Universo, não creio num Deus que se preocupe com as nossas necessidades pessoais. Albert Einstein

No texto “A árvore do conhecimento” o capítulo 2: “A *organização do Vivo*”, Humberto Maturana Romesín e Francisco Varela ⁽¹⁹⁹⁵⁾ compõe uma imagem das condições de surgimento de nossa galáxia, onde vão descrever o surgimento da terra primitiva, para situar o aparecimento dos seres vivos. Dizem: o espaço interestelar é formado por grandes massas gasosas de hidrogênio de alta densidade. Em meio a tais turbulências interestelares, produziu-se bolsões de gases. Dentro do bolsão, começa a se compor um equilíbrio, a partir de duas tendências: a formação da gravidade que produz coesão e da irradiação resultantes das turbulências de reações termonucleares que consomem parte dessa massa de hidrogênio condensada no interior do bolsão. Quando tais fenômenos chegam a um certo equilíbrio, após alguns bilhões de anos, surge a chamada “*sequência principal*” que é “*seu curso de vida como uma estrela individual*” ^(1995, p. 77).

Claro que tudo isso é muito mais complexo. Em síntese, o consumo da massa de hidrogênio produz modificações na *sequência principal*: primeiro a estrela se transforma numa gigante vermelho, que passa a condição de estrela pulsante, para chegar a condição de supernova que se explode num espirro cósmico. O que resulta no centro da estrela, após esse espirro cósmico, é uma estrela menor com alta densidade, chamada de estrela “*anã branca*”. O nosso sol se situa no meio da *sequência principal*. Nesse ponto, surge uma descrição interessante: “*muitas vezes durante a transformação de uma estrela, esta, atrai do espaço interestelar e agrupa a seu redor um halo de matéria, que gira em torno de si e depende energeticamente de seu curso de transformações*” ^(Maturana y Varela, 1995, p.78).

Em síntese, na *sequência principal* aparece duas tendências: condensação e explosão. De um lado, a tendência a gravidade em direção a coesão, de outro, continuas reações termonucleares que se irradiavam e, assim, consumiam partes da massa de hidrogênio, chegando a um certo equilíbrio. Ocorrem várias diferenciações em estados de estrelas até a grande explosão. Nesse processo, a estrela em formação reúne em torno de si matérias recolhidas do espaço interestelar com que passa a ter relações energéticas, como condição para seguir seu curso de transformações, já como sistema: “*A Terra e os outros planetas de nosso sistema planetário são desse tipo, e devem ter sido captados como remanescentes da explosão de uma supernova, já que são ricos em átomos pesados*” ^(1995, p.78).

Segundo a geofísica, nossa estrela tem aproximadamente 5 bilhões de anos. A terra primitiva se compunha de uma atmosfera diferente da atual, devido a bombardeios energéticos compostos de gases como metano, hidrogênio, hélio, amônia, resultante dos constantes bombardeios de radiações, raios ultravioletas, raios gama, impactos meteóricos e explosões vulcânicas. ^(1995, p.78). Nesse ambiente abiogênico, as moléculas que existiam era homogêneas. Foi no decorrer das transformações que surgem mutações químicas, que produziram diferenciações moleculares, aparecendo uma infinidade de espécie de moléculas, ainda homogêneas *“tanto na atmosfera como na superfície da terra”* ^(1995, p.79).

Até aqui, a nossa estrela, não havia produzido o que chamamos ser vivo. Foi nessas transformações das condições atmosféricas, que começa a surgir uma diversidade de moléculas, onde aparecem, entre elas, *“as cadeias de carbono ou moléculas orgânicas”* ^(1995, p.80). Quando essas moléculas de carbono passam a existir nos mares da terra primitiva, ocorre outras diferenciações, isso porque as moléculas de carbono podem formar, sozinhas e com a participação de muitos outros tipos de moléculas, *“um número ilimitado de cadeias diferentes em tamanho, ramificação, dobradura e composição, a diversidade morfológica e química das moléculas orgânicas é, em princípio, infinita”* ^(1995, p.80).

Devido a plasticidade das moléculas orgânicas, surgem uma enorme diversidade de combinações de cadeias de átomos de carbono, formando redes que passam a produzir um tipo especial de sistema molecular, com duas características distintas: nas redes de carbono, surge um tipo de interações entre componentes, que passou a produzir a si mesmo, formando uma membrana como limite, a partir da autoprodução dos próprios componentes, na transformação da matéria em energia, destacando uma unidade autônoma que se distingue do meio. A origem do vivo ou da biosfera, se refere ao sistema de autoprodução que surge em redes de relações moleculares. Maturana y Varela ⁽¹⁹⁹⁵⁾ apresentam sua tese: *“Nossa proposta é que os seres vivos se caracterizam por, literalmente, produzirem-se continuamente a si mesmos - o que indicamos ao chamarmos a organização que os define de organização autopoietica”* ^(Maturana e varela, 1995, p.85).

Concluindo esse ponto, podemos dizer que a história do vivo ou da biosfera, supõe que a terra estivesse em *“certas condições necessárias”* para a formação de sistemas moleculares com flexibilidade e maleabilidade suficientes para a produção de um conjunto de fenômenos associados e que foi na autoprodução de cada classe específica de fenômenos, por conservação, que passou a surgir infinitudes de linhagens, gerando cada uma, um modo de vida particular: *“Tudo nos faz pensar que, uma vez dadas as condições para a origem dos sistemas vivos, estes se originaram muitas vezes - ou seja, muitas unidades*

autopoiéticos, com muitas variantes estruturais, surgiram em vários lugares da Terra ao longo de talvez muitos milhões de anos.” (1995, p. 92).

Cada classe ou linhagem, resulta de uma diferenciação de um tipo de unidade autopoietica, que especifica uma fenomenologia particular. As diversidades de linhagens aparecem como um fenômeno espontâneo e simultâneo, de conservação de rede de relações moleculares que produz uma fronteira, formando a unidade autônoma. Tal descrição será o modo de distinguir os limites de extensão da unidade em circularidade, que tem duas funções concomitantes: *“Por um lado, podemos ver uma rede de transformações dinâmicas que produz seus próprios componentes e que é a condição de possibilidade da fronteira, por outro, uma fronteira que é a condição de possibilidade para a operação da rede de transformações que a produziu como unidade”* (Maturana e Varela, 1995, p.85).

Um primeiro aspecto do vivo. Sua condição de unidade resulta de rede de interações que se diferencia do meio, onde o observador pode distinguir um interno de um externo a unidade diferenciada. Em outros termos: a membrana separa e protege a unidade, ao mesmo tempo que se mantém em estreita relação com a rede de interações moleculares. Isso não significa que a descrição da autopoiese não satisfaça os critérios físicos e químicos, mas notam que o *“fenômeno que geram ao operar como unidades autopoieticas dependem de sua organização e do modo como está se realiza, e não da natureza física de seus componentes, que só determinam seu espaço de existência”* (1995, p. 92).

Os limites do organismo como unidade estruturalmente determinada, são de extensão, segundo seu feitio, sua forma. No nível interno a unidade, não há como distinguir na dinâmica operacional as partes do todo, sob alguma forma de manuseio, isso porque a dinâmica autopoietica celular *“depende da integridade dos processos que o possibilitam. Se interrompermos (em algum ponto) a rede metabólica celular, descobriremos que, após algum tempo, não teremos mais uma unidade para observar!”* (1995, p. 87). Por isso, para os biólogos, é impossível separar os processos dinâmicos em seus componentes isolados, com o risco de perder a autonomia⁴⁴, ou seja, se o que especifica uma unidade autopoietica são suas relações constitutiva, e se essas forem rompidas, o organismo desaparece.

⁴⁴ Maturana e Varela, define: *“Usamos a palavra "autonomia" em seu sentido corrente - ou seja, um sistema é autônomo se puder especificar suas próprias leis, aquilo que é próprio dele. Não estamos sugerindo que os seres vivos são as únicas entidades autônomas: certamente não o são.”* (1995, p. 88).

Do ponto de vista de um pesquisador, como observador num laboratório de microbiologia, uma célula é distinguível num meio como unidade fechada. Possui uma organização⁴⁵ constitutiva invariante, que são relações necessárias que caracteriza sua arquitetura, seu feitio, que aparece como unidade autônoma, já que se diferencia do meio em que surge. Porém, há algo mais na constituição de um sistema. Se as relações e interações constitutivas internas da organização são invariantes, não mudam, como totalidade, como unidade autônoma no meio, as relações e os componentes numa estrutura, encontram-se em variação contínua sendo nessa variação estrutural onde acontece as transformações. Nesse nível, as estruturas são plásticas, ocorrem as modulações que um observador percebe como as transformações a nível estrutural das condutas de um organismo num meio.

A biosfera surge com a formação dessas unidades autônomas, numa deriva evolutiva que passam a se auto produzir e se diversificar em forma e tamanho: “*De fato, podemos supor que, quando se deram na história da Terra todas as condições suficientes, a formação de sistemas autopoieticos ocorreu de modo inevitável. Tal momento é o ponto que podemos assinalar como origem da vida*” (1995, p.90).

Dois reflexões complementares, mas em domínios disjuntos: há limites em extensão da unidade celular como uma arquitetura dinâmica variável, segundo sua linhagem, dentro de uma rede de relações e interações como sistema fechado, com regularidade e coerências operacionais, onde produto e produção são indistinguíveis. Isso se refere a circularidade auto produtiva que situa o ser vivo em sua condição autônoma. Há autonomia na organização autopoietica, mas como unidade simples ou composta, entra em relação congruente com o meio, sem perda de identidade. Nesse sentido, um observador pode distinguir dois movimentos simultâneos, num mesmo ato de observar: de um lado, o acoplamento em rede de relações constitutivas entre componentes moleculares na formação de uma unidade autônoma que, assim, se diferencia do meio e, de outro, a relação da unidade composta autônoma, como totalidade com o meio que a tornou possível. Uma vez dado a unidade, essa se fecha na formação de uma identidade biológica. Essa identidade biológica, em se tratando da célula, se supõe uma organização autopoietica.

⁴⁵ Maturana. H e Varela F, A Arvore do conhecimento, 1995. Referem: “*Entende-se por organização as relações que devem se dar entre os componentes de um sistema para que este seja reconhecido como membro de uma classe específica*”. Em relação a estrutura definem assim: “*Entende-se por estrutura os componentes e as relações que concretamente constituem uma determinada unidade e realizam sua organização*” (p.87). De modo geral, a organização é invariante e a estrutura é plástica, encontra-se em estado de variação contínua.

2.4. AUTOPOIESE: *Sentimentos de Humberto Maturana*



Por tanto um sistema vivo, como sistema autônomo está constantemente se auto-produzindo, autorregulando, e sempre mantendo interações com o meio, onde este apenas desencadeia ao ser vivo, mudanças determinadas em sua própria estrutura, e não por um agente externo. Humberto Maturana

“INSISTO: o sentimento não é a emoção, o sentimento aparece ao prestar atenção a como se está na própria corporeidade na distinção que distingue como se está no emocionar, em qualquer âmbito relacional. Humberto Maturana

Para pensar a respeito da trajetória da ideia de autopoiese, na perspectiva de Humberto Maturana⁴⁶, vamos nos reportar ao pequeno livro⁽¹⁹⁹⁸⁾ “De Máquinas y Seres Vivos: *Autopoiese - la organización del lo vivo*”, escrito com Francisco Varela, na edição em que consta um segundo prefácio. Nesse segundo prefácio, escrita 20 anos após a primeira impressão do livro, o autor expressa como lhe aconteceu a ideia de autopoiese. Nesse ponto, nos colocamos a seguinte questão: ao invés de investigar o que é autopoiese para Maturana, nos perguntaremos: *quais os sentimentos de experiência de afetos de emoções vividas por Maturana que o levaram a conceber a abstração autopoiese?* Para realizar essa tarefa, distinguiremos alguns pontos no texto de Maturana do segundo prefácio, onde ocorrem descrições de condutas em domínios ações, dentro de um momento histórico, no qual expressa na escrita afetos particulares, de emoções vividas ao realizar seu modo de conviver no conversar com outros pesquisadores e alunos.

No caldeirão da porção de amar a vida, Maturana nos lega uma encantadora maneira de ver os seres vivos, que sintetiza nessa palavrinha autopoiese. Para descrever os sentimentos de Humberto Maturana no prefácio, tenho que encontrar essa distinção que distingue suas emoções, como modo de vida, surgida *do* conviver *no* conversar com outros num meio. No início de seu Prefácio, Maturana, *amorosamente*, produz um deslocamento de atenção. Volta-se a sua história de vida e nessa como pesquisador, onde descreve como Francisco Varela lhe aparece como um legítimo outro, com quem produziu o referido livro, de modo conjunto. Nesse contexto amoroso Maturana expressa: “*al escribir este nuevo prefacio hablaré de mí y de origen de las ideas que yo he puesto en el libro como aspectos de mi vida. No creo que pueda hacerse honestamente de otra manera*” (Maturana, 1998, p. 9). Esse voltar-se a sua própria história, sua vida, sua corporeidade, para distinguir, descrever e explicar experiências com outras experiências vividas, o que

⁴⁶ Maturana, H. Varela, F. “De Máquinas Y Seres Vivos: Autopoiesis: la organización del lo vivo” Editorial Universitaria, 5° ed. (1998)

consideramos a *expressão de sentimentos* de afetos de emoções vividas, ao conceber a abstração autopoiese.

Maturana comenta, no segundo prefácio, que o presente livro “De Máquinas y seres vivos” (1998, p.13) tem sua origem em dois artigos publicado em 1969, “*Neurophysiology off cognition*” e outro “*Biology of cognition*”, sendo esse último a base em que será expandida a descrição desse fenômeno de organização circular auto produtiva chamada autopoiese. Maturana expõe sua trajetória de formação, seu doutorado em Biologia na Harvard, até o retorno ao Chile na década de 1960, no qual se inseriu na cátedra de Biologia do professor Gabriel Gasic, onde propôs 6 aulas em que trabalhou a organização dos seres vivos (1998, p.10). Foi na última aula que um aluno lhe questiona: “*o que sucedeu quando se originou a vida?*” “*O que começou a começar com a vida?*” (1998, p.11). Na oportunidade, Maturana reconheceu que ainda não tinha se colocado essas questões e pede um ano para responder.

Notamos uma postura corporal, esse tomar para si a questão, assumindo como problema de pesquisa. Desde então, reordena os termos: “*O que comienza cuando comienzan los seres vivos em la tierra, y se há conservado desde entonces? O puesto de outra manera, “Que classe de sistema es um ser vivo?”*” (1998, p.11). Tais questões não remetem a perguntar o que é o vivo ou a vida, mas quais os critérios que Maturana usa para distinguir um ser vivo, no presente de suas pesquisas. De posse do problema, dá um giro em seu entorno de pesquisa e constata que nessa época a ideia de ser vivo não tinha muita expressividade ou importância, isso porque concebiam o ser vivo através de uma quantidade aberta de propriedades que se acumulavam, que tornava quase impossível e mesmo contraproducente, pensar em critérios para uma clara distinção do que é ou não um ser vivo. Maturana, reporta-se a “*Oparin Y Haldane*” (1998, p.11) que trabalhava o tema da origem dos seres vivos, sem propor uma caracterização teórica e experimental do vivo. Ressalta: mesmo o destacado cientista sistêmico como “*Bertalanfy*” (1998, p.11) que descrevia os seres vivos como totalidade, esse compreendia ser vivo como sistema aberto que funcionaria como processadores de energia. Diante desse quadro, Maturana se mostra descontente.

Diferente das ciências físicas que tratavam tais unidades discretas em termos de leis gerais, universais, para Maturana “*De hecho yo pensaba, y aún pienso*” (1998, p.11) que a Biologia como ciência, para compreender e explicar os seres vivos como sistema, deveria se ater “*tanto lo que passa com ellos em la soledad de su operar como unidades autónomas, como lo que passa com ellos em los fenómenos de la convivência com otros,*

surge y se dá en ellos en y a través de su realización individual como tales entes autónomo” (1998, p. 11). Dois olhares: um para o processo de autoprodução e, uma vez produzido, surge o espaço relacional dessa unidade como totalidade no meio. Na sequência, Maturana expressa seus sentimentos, quando descreve seus afetos de emoções vividas: *“Fue com esta visión que me entregue en mis clases a la doble tarea de contestar a la pregunta por el origen de los seres vivos en la tierra y de revelar su manera de constitución como entes autónomos, em el proceso de describir em qué consistía su operar como tales”* (1998, p. 11).

Para Maturana, até aquele momento, a ciência não havia *“planteado estas preguntas como yo lo hacía”* (1998, p.11), o que obscurecia que se observasse a importância de formular a ideia de que todos os fenômenos biológicos ocorrem através da *“realización individual de los seres vivos”* (1998, p.11), que definia, até então, como organização circular ou autorreferente. Nesse contexto da exposição, aparecem dados biográficos: conta que aos 21 anos esteve internado em estado grave, num sanatório nas *Cordilheiras dos Andes*, onde se tratava de pneumonia, quando teve oportunidade de ler *“el gral libro de Julian Haxley - Evolución: una síntesis moderna”* (1998, p.12). Comenta que no referido texto, *Julian Haxley* afirmava que a evolução poderia ser pensada como esse contínuo aumento da independência, num processo histórico que chegaria até os dias de hoje, *“Yo no estuve de acuerdo con él, y em silencio de mis horas de reposo, me pergunte por el sentido de la vida y el viver?”* (1998, p.12). A resposta que apresenta diz que *“La vida não tiene sentido fuera de sí misma, que el sentido de la vida de una mosca es el viver como mosca, mosquear, ser mosca, que el sentido de la vida de um perro es viver como perro, vale decir, ser perro en el perrear, y que el sentido de la vida de um ser humano es el vivir humano al ser humano em el humanizar.”* (1998, p.12). Conclui dizendo que o ser vivo não tem em si um propósito, por isso não lhe parece tratar-se de um aumento de independência, isso porque nascemos e nos constituímos em deriva.

A evolução, dirá Maturana, é uma coderiva cósmica dos seres vivos, com transformações em conformidade com o meio, onde a manutenção do modo de vida se realiza em suas interações constitutivas (dinâmica interna), numa organização circular, que forma uma totalidade espontâneo (dinâmica relacional) que entra em correlações com o meio que o contém e no qual se realiza. A adaptação pode ser pensada como realização de modos de viver em congruência com o meio que o tornou possível. Ambas as condições, autopoiese e adaptação, são invariantes.

Maturana reporta-se ao tempo em que participava do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) no laboratório de neurofisiologia. Nesse contexto, havia o laboratório de Inteligência Artificial (IA) que sentia que o que se estudava ali era algo diferente do que ele fazia. No laboratório de IA, diz Maturana, os investigadores de robótica, como *Marvin Minsky*, buscavam imitar ou modelar a aparência de fenômenos biológico, de modo que em sua classe, seu trabalho era o inverso, buscava falar dos seres vivos, “*de modo que mi descripción de ellos, y de lo que pasaba con ellos, reprodujese su modo de ser autónomo*” (1998, p.13).

A autonomia mostra que tudo que ocorre com um modo de vida, estruturalmente determinado, diz respeito a seu modo de operar, que é o modo de se mover, de fazer, de se conduzir, de lidar, de agir. De fato, o modo de viver de cada ser vivo surge e no qual se realiza, ocorre nesse domínio relacional da unidade autônoma e meio (emoções). Tomando essa distinção em relação ao seus desejos e interesses, percebe que “*estas reflexiones me permitieron reconocer y aceptar que el sentido de mi vida era mi tarea y mi sola responsabilidad*” (1998, p.12).

A autonomia dos seres vivos em geral e os seres humanos em particular, “*todos los aspectos del operar de su viver tenían que ver sólo con él, y que este operar no surgia de ningún propósito o relación en la que el resultado guiase el curso de los procesos que le daban origen*” (1998, p.12). O que significa que tudo que acontece no presente de um ser vivo, não é determinado na origem (determinismo genético, por exemplo), mas como deriva ontogênica que constitui cada história particular. A origem dispõe das condições iniciais de formação da unidade autônoma, mas não tem em si determinações para definir ou direcionar os modos de operar e se relacionar do indivíduo num meio. Isso resulta da deriva natural do ser vivo, que se modula segundo os encontros com outros, num meio.

A organização invariante ser vivo, tem estruturas plástica, o que quer dizer que pode sofrer muitas variações e mudanças, desde que não haja ruptura das relações constitutivas, nesse caso morre. Assim, tudo que se faz como unidade discreta na dinâmica interacional “*se refiere sólo a ellos mismos, y ocurre como una continua realización de sí mesmo em una dinámica relacional en la que el resultado no es um factor de los procesos que le dan origen*” (1998, p.12). O ser vivo se transforma, se modifica, no fluir do viver e conviver com outros, num meio.

A auto referência era o termo que na década de 1960, Maturana usava para definir essa dinâmica nos seres vivos. Mas isso lhe produzia sentimentos de desconforto, porque

a noção de auto referência subordinava o modo de operar aos componentes. Era justamente isso que Maturana queria evitar. Para fugir desse engano de definir o ser vivo por descrições de propriedades, distingue dois domínios disjuntos, entretanto, coexistentes no modo de operar de cada unidade autônoma. De um lado, no nível das interações entre componentes, Maturana podia pesquisar em termos locais (DNA, ARN e proteínas), a partir da dinâmica interna sem referência a uma totalidade. De outro, poderia mostrar como o ser vivo surge espontaneamente como totalidade noutra domínio, como resultado de um modo particular de operar em relações entre totalidade e meio, sem fazer referência a dinâmica entre rede de componentes. Nesse segundo caso, a unidade como totalidade é aberta, está em constantes interação com o meio que o tornou possível e no qual se realiza. Essa disjunção entre domínio das interações internas entre componentes e domínio das relações da totalidade com o entorno, voltaremos muitas vezes, porque as emoções, afetos e os sentimentos surgem nos domínios relacionais da unidade no meio. Surge nesse segundo momento.

Foi em 1964, em conversa com seu amigo, o micro biólogo *Guillermo Contreras* que, na época, estudava os fluxos informacionais que ocorriam no núcleo do citoplasma, onde descobre que o ADN participa da síntese das proteínas e as proteínas, por sua vez, participam da síntese do ADN, numa circularidade dinâmica. Desde então, assume que era essa circularidade que constituía a si mesmo, onde tudo que ocorria com a unidade dizia da realização e conservação dessa dinâmica auto produtiva, entendendo que era o que melhor poderia definir os seres vivos em sua autonomia. Maturana expressa: “*me di cuenta de que el ser vivo no es un conjunto de moléculas sino que una dinámica molecular, un proceso que ocurre como unidad discreta y singular como resultado del operar, y em el operar, de las distintas clases de moléculas que lo componem*” (1998, p.13). É nessa rede fechada de relações dinâmica e interações interdependentes, que produzem as moléculas da mesma classe que a constitui (autoproduz), o que dá origem a esta unidade sistêmica autônoma que “*llamamos autopoiesis*” (1998, p.13).

Por fim, coloca algo interessante: a dinâmica molecular em sua circularidade não tem por função principal se regenerar, mas constituir a autonomia na conservação da organização de um modo de viver. As ideias de defesa e de uma possível cognição de componentes moleculares que realizariam a distinções do que é um si mesmo e o que é estranho a si mesmo, presente nos estudos sobre imunologia, é um fator secundário, diz Maturana y Varela (1995; 2000). Isso porque a dinâmica molecular se refere a plasticidade com

que cada indivíduo composto como um todo vai se transformando, de momento a momento, em congruência com o entorno em que surge e se realiza. Nesse sentido, a dinâmica molecular não se interioriza. Parte dessa dinâmica molecular se ocupa do trabalho de imunidade, mas sua totalidade se mantém disposta a responder aos domínios de relações do organismo como totalidade, em correspondência como o entorno em que flui *do viver no conviver com outros*.

Maturana buscava uma palavra mais evocadora da organização dos seres vivos, diferente da expressão que usava até então de organização circular ou autorreferente. Para expressar como surgiu a palavra autopoiese, Maturana lembra que em 1965, em visita a um amigo *José María Bulnes*, que trabalhava com o dilema do cavaleiro “*Quejana*”, e depois nos estudos de “*Don quixote de la Mancha*” em torno do problema: “*seguir el camino de las armas, esto es el camino de la praxis, o el camino de las letras, esto es el camino de la poiesis*” (1998, p.17). Foi em torno dessas conversações, que acontece a Maturana a expressão autopoiese e explica: “*La palabra autopoiesis no surgió de José María, no lo propuso él ni podría haberla propuesto pues no era su problema, la inventé o propuse yo*” (1998, p.17). Na sequência, apresenta a Francisco Varela que o aceitou.

Maturana comenta que na oportunidade de compor o texto referente a esse segundo prefácio, a ideia inicial de Varela como grande matemático, foi propor que realizassem um trabalho de formalização da autopoiese. Maturana, diferente de Varela, entendia que a formalização matemática da autopoiese deveria ser um segundo momento de trabalho, isso porque o formalismo tende a anular a experiência, e “*Francisco, evidentemente, coincidió conmigo en este planteamiento, y nos pusimos a trabajar en lo que finalmente resultó ser este libro*” (1998, p.17). Desde então, passaram a pensar os seres vivos como sistema autopoietico molecular, diferenciando de outros sistemas moleculares que não possui a organização autopoietica.

Retornemos a Maturana, onde sintetiza a descrição dos seres vivos, dizendo:

a) que el ser vivo es, como ente, una dinámica molecular, no um conjunto de moléculas; b) que el viver es la realización, sin interrupción, de esse dinámica em una configuración de relaciones que se conserva en continuo flujo molecular; y c) que em tanto el vivir es y existir como una dinámica molecular, no es que el ser vivo use esse dinámica para ser, produzisse, o regenerar-se a si mismo, sino que es esse dinámica lo que de hecho lo constituye como ente vivo en la autonomía de su vivir. (Maturana Y Varela, 1998, p.15 y 16).

Reportemo-nos a um vídeo, que é o registro de uma palestra de Humberto Maturana realizado durante o simpósio: “*Autopoiesis 40 Años, Un Concepto Vivo*”; organizado por IFICC y Universitas Nueva Civilización” onde inicia sua fala se reportando ao

livro “*Das Maquinas y Seres Vivos* ⁽¹⁹⁷³⁾” para dizer que foi nos últimos anos, na escola Matriztica, que perceberam, que a noção de autopoiese molecular “*não é uma definição dos seres vivos, é uma abstração de quem olha o que sucede quando olha o que sucede na realização do viver de um ser vivo*” ⁴⁷ (Tradução nossa, sic, 3,57s).

A ideia de Maturana é acentuar que a autopoiese é uma abstração, não uma definição. Lembra que a noção de autopoiese surge da pergunta levantada por um aluno, a respeito do que havia ocorrido quando surge o ser vivo a 3,8 bilhões de anos. Comenta que refez o problema segundo seus interesses, de formas que sua postura de pesquisa era outra. Tratava-se de interrogar sobre o critério de definição usado para descrever o processo molecular que se considerava um ser vivo. Por isso, o processo molecular é uma abstração do que viam no laboratório molecular, nos anos 1961, 1962, onde perceberam que ADN e proteínas realizavam um processo circular, que constituía uma entidade discreta, num espaço molecular. Nesse caminho reflexivo, Maturana realizou essa distinção a partir do termo grego autopoiese, para distinguir essa autoprodução molecular como descrição da unidade meta-molecular como sistêmica básico do ser vivo.

⁴⁷ Maturana, H. vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=yKey4F3jbmk> publicado em 27 de dez de 2013, tradução nossa. Maior información: ww.ificc.cl/autopoiesis. Acesso dia 22.12.2014. Duração 39m19s.

2.5. Unidade Autopoiética Simples e Compostas



Nesse momento, nos interessa distinguir unidade simples de composta, sem nos referir ao meio que os contem e no qual se realizam. No terceiro ensaio de o livro “*Habitar Humano, “Leis sistêmicas e meta sistêmicas”*”, Maturana y Dávila⁴⁸ descrevem as moléculas como se sua estrutura fosse uma “*arquitectura dinâmica espontânea variável*”. A partir de interações espontâneas no encontro entre moléculas, ocorre encaixes recíprocos que formam entes meta-moleculares estruturalmente determinados (2004, p. 120). A célula como unidade mínima, surge de uma rede de interações *meta-moleculares*, num acoplamento de primeira ordem. Os seres meta-celulares são acoplamentos de segunda ordem, formando sistemas meta-celulares, onde cada célula não perde sua autonomia, mesmo sendo parte de um composto muito justo de um número muito grande de células.

Estamos distinguindo duas arquiteturas dinâmicas estruturalmente determinadas, mas que conservam em comum a organização autopoiética e adaptação. Na unidade simples, se distingue como totalidade num meio, sem que o observador tenha acesso aos elementos de composição. Por exemplo, a célula como unidade meta-molecular entra em relações com o meio onde faz trocas com certos íons (sódio, cálcio) e não com outros. Como ocorre essa seleção? Para responder essa questão Maturana y Varela (1995), no texto “*A árvore do conhecimento*”, se reportam a história de transformações na classe de células a que pertence a unidade distinguida, “*quer dizer, é um momento na deriva natural dessa linhagem, resultante da contínua conservação do acoplamento estrutural de cada célula ao meio em que se realiza*” (1995, p. 114).

A unidade composta ou sistema-indivíduo, resulta de acoplamento em encaixes meta-celulares “*Isso significa que duas (ou mais) unidades autopoiéticas podem ter suas ontogênias acopladas quando suas interações adquirem um caráter recorrente ou muito estável*” (Matura y Varela, 1995, p.113). Tal unidade composta exige um duplo olhar: de um lado, a organização invariante, constituída de infinitudes de elementos em torno de relações constitutivas que definem a identidades de classe de um sistema composto; de outro, pode-se distinguir os componentes e as relações entre componentes, que se referem as estruturas plásticas, que estão em regime de variação contínua.

⁴⁸ Maturana, Humberto e Dávila Ximena. “*HABITAR HUMANO: Seis ensaios sobre biologia-cultural*”, no ensaio “*Leis sistêmicas e meta sistêmicas*”. Instituto Matriztico: Chile, 2004, p. 120,

Uma vez formada as unidades compostas, as transformações pelas quais podem passar, ocorrem nas estruturas plásticas e dependem da integridade de sua organização, em conformidade com a dinâmica das relações constitutivas. O que muda, diz de uma reconfiguração na dinâmica estrutural variável, sem perda de organização invariante. Por fim, nas formações das células e dos sistemas compostos, nas interações meta-moleculares e nas relações meta-celulares, resultam de composições espontâneas, não respondem a nenhuma finalidade, força superior direcionando ou organizando o encontro no espaço molecular, mas de interações recíprocas recorrentes e recursivas que configuram unidades discretas estruturalmente determinada, com organização invariante e estruturas plásticas. Mas o que quer dizer que os seres vivos sejam estruturalmente determinados?

2.6. Determinismo Estrutural: os sistemas vivos



Essa noção de determinismo estrutural, nos remete a uma abstração que o observador faz para operar suas explicações a respeito das condições estruturais dos seres vivos. Partindo da imagem de um sistema-indivíduo composto, num meio que o contém e no qual se realiza, um observador pode dizer que existe um interno, onde distingue a dinâmica fisiológica e anatômica e notar que ela se diferencia de tudo que o rodeia, modo como pode inferir um externo. A ideia de determinismo estrutural corresponde tanto às redes de interações internas ao sistema-indivíduo, quanto à relação entre indivíduo, como totalidade e meio. Contudo, existem diferenças.

No domínio das relações internas, em conformidade com a noção de *máquina autopoietica*⁴⁹, podemos distinguir: a) um organização invariante de produção moleculares que estão *abertas* ao fluxo de trocas de matérias em interações energéticas (químicas, hormonais, sinápticas), maneira com que passa a produzir as mesmas redes moleculares que o constituem, como autoprodução; b) ao mesmo tempo, se notará que esse sistema contém *estruturas plásticas* que se encontram em variação contínua, ocorrendo transformações no nível de seus componentes e na dinâmica de relações entre componentes; c) isso significa que os componentes e as relações entre componentes se reportam à organização, mas a organização invariante, não se reporta aos componentes nem às relações

⁴⁹ Nos diz Maturana: “*Nesse sentido, sistemas vivos são máquinas. Apesar disso, são um tipo particular de máquinas: são máquinas moleculares que operam como redes fechadas de produções moleculares tais que as moléculas produzidas através de suas interações produzem a mesma rede molecular que as produziu, especificando a qualquer instante sua extensão*”. (Cognição, ciência e vida cotidiana, 2001, p.175).

entre componentes, porque funcionam como totalidade fechada sobre si mesmo. Com isso, se compreende que nada externo pode especificar a maneira como o sistema-indivíduo vai configurar estados de corporeidade. No entanto, grande parte das mudanças estruturais são desencadeadas por perturbações externas, sem serem determinadas externamente. Como entender isso?

Na lógica das ciências clássicas, que assume os critérios objetivistas e transcendentais, o sistema-indivíduo é distinguido a partir de unidades independentes umas das outras, excluindo os processos coletivos e suas correlações com a complexidade cultural. Trabalha-se com a ideia de que os sistemas são objetivos e podem sofrer interferências. Em tais condições, as transformações operadas estariam geneticamente pré-formadas nos sistemas, aguardando a ativação por estímulos externos que especificariam quais alterações são possíveis ou não.

Maturana e colaboradores discordam dessas teorias, propondo estudos da percepção e do funcionamento do sistema nervoso em *clausura operacional*. Em síntese: a) o sistema-indivíduo é estruturalmente determinado, existem em contínua transformação no presente, operando como totalidade e não através de seus componentes; b) pelo fato de que nada externo pode especificar o que ocorre na variação contínua das estruturas, é o próprio sistema biológico que especifica quais perturbações admite ou não, desde que não comprometa suas relações constitutivas; c) por isso, o sistema não realiza avaliação ou apreciação do meio externo, o que significa que suas condutas respondem ao dinamismo de sua organização interna, sem diferenciar, o que um observado pode chamar de conduta *adequada ou ilusão*. Qualquer avaliação ou apreciação da conduta realizada ocorre depois de essa ter acontecido e surge no processo relacional na linguagem, do observador no seu modo de observar. Como explica Maturana:

Nós, os seres humanos, somos sistemas determinados estruturalmente, mas somos mais complexos, de modo que nem sempre desencadeamos no outro a mesma coisa. Justamente porque somos sistemas determinados estruturalmente é que não podemos distinguir entre *ilusão e percepção*. Os sistemas determinados estruturalmente *não* podem distinguir entre distintos agentes perturbadores que um observador pode distinguir, porque a estrutura do sistema determina o que ele admite como perturbação, e cada vez que admite uma certa configuração de perturbação não pode distinguir variações na constituição desse agente perturbador que vão além da configuração de perturbação que admite. Então, não podemos distinguir entre ilusão e percepção. A distinção entre ilusão e percepção é feita pelo observador, não pelo sistema. (Maturana, 2001, p. 73)

De modo geral, essa noção de determinismo estrutural, reporta-se a uma abstração suposta na ciência, como perspectiva do observador, que parte da compreensão de que tudo que ocorre a um sistema depende de sua estrutura, sua feitura, seus encaixes arquitetônicos, em cada momento. O presente de um sistema-indivíduo é o resultado de uma história de transformações estruturais no suceder do viver. Nesse sentido, a ideia de determinismo não supõe previsão. A ideia de prever surge de um observador que busca antecipar o que pode ocorrer em outro sistema indivíduo. Para tanto, teria que ter à mão todas as possíveis modulações internas e externas que poderiam ocorrer até o momento do estado previsto. A ideia de determinismo diz de uma reconfiguração em sua própria estrutura, dependem de seu feitio. Referem: *“Os sistemas determinados estruturalmente são sistemas tais que qualquer agente que incida sobre eles apenas desencadeia neles mudanças estruturais determinadas neles próprios”* (Maturana e Dávila, 2001, p. 174).

Quando Maturana fala de instruções invasivas e diz que essas podem provocar mudanças na organização invariante, podemos entender em dois níveis: de um lado, mais amplo, quando a interferência coloca em questão a continuidade de linhagem, da classe de ser vivo em questão. Por exemplo: uma contaminação pandêmica viral, poderia colocar a linhagem humana em risco de conservação. Havendo interferência nessa organização das relações constitutivas que atingisse toda uma linhagem, essa se decomporia e desaparecia. Diferentes são as estruturas plásticas, que são variações contínuas particulares, geradas por alterações internas ou externas. Nestas, as mudanças ocorrem sem prejuízo das relações constitutivas invariantes de uma linhagem particular.

O determinismo estrutural indica que as transformações nas estruturas plásticas produzem a mudança na unidade, não na classe. Ocorre variação contínua em cada indivíduo. As alterações são particulares e não coletivas. No domínio da unidade composta particular, as transformações podem chegar a um estado em que ocorre perda da organização invariante, essa unidade, pode decompor, desaparece ou morrer, mas sem comprometer sua linhagem. O que queremos destacar é que o curso das mudanças, sejam quais forem, opera a partir da unidade por transformações particulares (ontogenia), que só sobrevivem se não houver ruptura com suas relações constitutivas, podendo desaparecer ou morrer, se estas relações enquanto unidade se romperem.

Agora, se olharmos o indivíduo extrinsecamente, como totalidade em sua relação com o entorno, notaremos que o ato de explicar, depende da distinção da experiência

vivida que só pode se realizar a partir de outras experiências vividas pelo observador, já que toda perturbação (experiência), desencadeia mudança estrutural interna e que a perturbação externa não pode determinar um modo de configuração. Portanto, não há como fazer distinção de experiências vividas, adequadamente ou não, supondo uma objetividade transcendental, uma realidade em si, última e independente do observador, em função de seu determinismo estrutural. No dizer do biólogo: “*Os seres vivos somos sistemas determinados por nossa estrutura. Nada externo a nós pode especificar o que nos acontece. Cada vez que há um encontro, o que nos ocorre depende de nós*” (Maturana, 2002, p. 84).

Na explicação do que nos ocorre, diz Maturana, se realiza a coerência operacional-relacional de como vivemos o que vivemos. Não se pode explicar nada fora da linguagem, porque é por meio dela que o observador e o observar surgem e operam. Ao distinguir domínios de experiências como totalidades, só podemos realizar correlações gerativas na linguagem, a partir de outras experiências vividas, já que qualquer distinção, reflexão, conhecimento, qualquer domínio relacional que seja distinguido, envolve a coerência operacional-relacional do viver do observador na linguagem, como sistema determinado em sua estrutura, de modo particular. Como nos mostra os autores, na explicação, na compreensão do observador, quando descreve tal unidade como totalidade se “*distingue de maneira implícita ou explícita como elemento de uma matriz de relações arquitetônicas mais amplas que o sistema distinguido, matriz que surge definida pelas características com que o sistema distinguido aparece em sua distinção*” (Maturana y Dávila, 2008, 152).

A distinção surge no processo de descrição de imagens e ideias, de modo que o distinguido traz à mão o domínio relacional onde essa imagem e ideias fazem sentido, para o observador. A matriz operacional relacional não é uma invenção do observador, podendo ocorrer mais ou menos adequada, mas será essa a sua coerência operacional reflexiva ao explicar com imagens e ideias. Operar distinções, processar descrições e gerar explicações produzem relações e expressam *Sentimentos*, congruente com o modo como o distinguido faz sentido. Surge algo interessante: “*isso é válido em todos os domínios operacionais que o observador traz a mão em seu operar como observador, inclusive o âmbito de suas próprias distinções reflexivas como ser vivo e como ser humano que opera no linguajar*” (Maturana e Dávila, 2004. p. 151 – tradução nossa).

Assim, no suceder do viver, vivemos em contínua interação com o entorno, que nos surgem com suas regularidades, onde as explicações e descrições expressam as coerências de experiências vividas com as regularidades operacionais e relacionais das coerências em que vivemos tais experiências. Tal descrição expressa um sistema de relações, de modo que, ao tocar em uma parte se toca no todo. É como a teia de aranha para a aranha.

Quando o observador faz distinção, descreve e produz explicação, o faz trazendo a mão a matriz onde o distinguido existe e faz sentido, que surge no âmbito de coerência operacional do fazer do próprio observador. Maturana y Dávila, nos indicam que toda coerência operacional e experiencial de nossas práxis de viver constitui a matriz de nossa existência biológica-cultural, sendo a maneira com que ocorre a realização e conservação de todas as dimensões do nosso viver humano. (Maturana y Dávila, 2008, 152).

Concluindo esse ponto. É importante destacar que Maturana alerta que a noção de determinismo estrutural não aponta a uma definição de algo em si, mas uma abstração do observador, ao distinguir experiências, descrevendo e explicando por meio da coerência operacional-relacional de outras experiências vividas e não por validação de suposta objetividade independente e externa ao observador. As distinções, descrições e explicações, sejam quais forem, surgem junto com o domínio operacional-relacional em que esse distinguido faz sentido para o observador. No dizer de Maturana⁵⁰: “*à noção de determinismo estrutural reflete as regularidades e coerências de nosso viver ao explicarmos nosso viver com as regularidades e coerências de nosso viver, e não com qualquer aspecto transcendental de uma realidade independente*” (Maturana, 2001, p.174).

Bem, mas não existe unidade simples ou composta estruturalmente determinada sem um entorno onde vive e convive e no qual sua plasticidade modula-se, o que nos leva a incluir o meio. Como Maturana pensa essas regularidades relacionais-operacionais no cotidiano de sistema-indivíduo e meio? Parece-nos importante retomar a ideia de acoplamento estrutural e a formação da unidade ecológica organismo-nicho, que nos ajudará a compreender o espaço psíquico.

⁵⁰ Maturana, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana/ Humberto Maturana; organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes.* - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 174.

2.7. Acoplamento Estrutural: *unidade ecológica organismo-nicho*



Diz Maturana, o indivíduo, nos seres humanos, somos “sistema constituído como um sistema de estrutura variável — um ser vivo é um sistema de estrutura dinâmica variável. Está mudando de qualquer modo. Movimento-me, minha estrutura muda; não me movimento, minha estrutura também muda. Muda de maneira diferente? Sim. De modo que toda vida individual — a vida de cada um de vocês, a minha vida — é uma deriva de mudança estrutural contingente com nossas interações. E como resultado disso, a cada instante nos encontramos em correspondência com o meio” (Maturana, 2001, p. 82).

O camaleão vai vivendo *seu* nicho, estruturalmente determinado num feito, um modo de vida, no qual o observador distingue, como uma das maneiras com que sua potência se expressa, na enorme capacidade de se transformar, a ponto de ser quase confundido com o entorno mais imediato em que se acopla. Essa maneira de configuração estrutural está ligada ao modo de viver de sua linhagem, mas cada camaleão, na autonomia e singularidade, vive em seu nicho, constituindo sua história particular de transformações, de modo que seu *nicho* é o modo de acoplado ou adaptação camaleão e meio, enquanto sistema composto autopoietico particular.

Maturana y seus colaboradores vão nos mostrar que o ser humano pode ser abstraído como *unidade ecológica organismo-nicho*. Notemos que a noção de determinismo estrutural se reporta ao sistema, seja na dinâmica das interações internas, seja nas relações externas entre indivíduo e meio, onde surge a unidade ecologia organismo-nicho. Destaquemos essas diferenças. Todo ser vivo é um sistema. Como vimos, se a organização é invariante as estruturas são plásticas. Há transformações, mas nos limites de extensão das relações constitutivas, resultantes dos encaixes meta-moleculares, como unidade autônoma de um certo tipo. Esse tipo é um sistema determinado em sua estrutura, na medida em que tudo que ocorre nele, depende de seu feito, de sua arquitetura dinâmica variável. Por isso, o ser vivo, na sua organização autopoietica, é estruturalmente determinado como sistema que muda, se transforma em limites de grau máximo ou mínima, sem perda de organização ou relações constitutivas.

O meio ou entorno para o sistema indivíduo é tudo que lhe aparece independente dele. Os demais indivíduos num coletivo, surgem como parte do meio para esse. O meio é independente, tem suas estruturas, que seguem o curso de suas transformações. Nota-se que as relações entre organismo e meio, em suas derivas, supõe a coexistência, modulando-se, compondo, decompondo e recompondo relações e interações, fluindo em domí-

nios de existências disjuntos, mas congruentes no acoplamento estrutural⁵¹, como sistemas vivos num meio. Nessa perspectiva, um observador pode distinguir em um só olhar, organismo e meio. O que se vê nesse duplo olhar, é que há uma *congruência natural* entre organismo e meio, mesmo sendo domínios disjuntos, diferentes e autônomos, um em relação a outro. Há o que os biólogos chamam de adaptação. A conservação da adaptação envolve reciprocamente a conservação da autopoiese: são condições invariantes dos seres vivos. Os biólogos sintetizam da seguinte forma: “*a conservação da autopoiese e a conservação da adaptação são condições necessárias à existência dos seres vivos*” (Maturana y Varela, 1995, p. 137).

De fato, biologicamente seria estranho pensar que o meio seja nocivo ou destrutivo ao ser vivo que nele se autoproduz e no qual se realiza. Organismo e meio são indissociáveis, sempre congruentes, em relações harmoniosas. Essa congruência não significa simbiose ou determinação. Coexistem, mas são domínios disjuntos. Um corpo se observa como autônomo, porque se fecha sobre si mesmo, distinguível do meio, mas em total correspondência a esse entorno em que vive e realiza seu modo de viver, onde surge o *nicho*. É necessário que a unidade seja autônoma, para assim se diferenciar do meio e passe a entrar em relação com o meio. O meio, por sua vez, também está sempre em contínua transformação, mas o meio não pode estar em conflito com o organismo, porque assim o indivíduo simplesmente morre. É necessário que as relações e interações entre organismo e meio sejam congruentes, que aconteçam em torno da harmonia e bem-estar.

Surge a questão: qual é a forma de interação entre organismo e meio, uma vez que o entorno não instrui, nem determina o que pode ocorrer a um organismo, nem vice-versa? O que se torna importante notar é que o organismo é suposto como estruturalmente determinado, o que significa que é o organismo, como totalidade, que delimita as relações e interações possíveis com o meio. Notemos: o meio produz perturbações que desestabilizam o organismo, que produz interações entre seus próprios componentes internamente na busca de recompor a harmonia do todo, não em respostas a perturbação do meio, “*Por isso, usamos a expressão "desencadear" um efeito. Desse modo nos referimos ao fato de*

⁵¹ Maturana y Varela, explicam “*Existindo tal compatibilidade, meio e unidade atuam como fontes mútuas de perturbações e desencadeiam mudanças mútuas de estado, num processo contínuo que designamos com o nome de acoplamento estrutural*” (1995, p.133).

que as mudanças que resultam da interação entre o ser vivo e seu meio são desencadeadas pelo agente perturbador, mas determinadas pela estrutura do sistema perturbado”

(Maturana y Varela, 1995, p. 131)

Em síntese: entre o organismo, como unidade autônoma e meio, como algo mais amplo, se forma um espaço particular, um *nicho*. Desde então, *organismo/nicho* se tornam em unidade operacional mínima do ser vivo. O *nicho*, o domínio existencial do ser vivo, se distingue do meio mais amplo, por ser o entorno de contato mais imediato do sistema indivíduo e meio. O nicho surge como domínio de existência, seu modo particular de se conduzir em domínios de interações recíprocas. As emoções, afetos e sentimentos, surgem nesse dinamismo de modulações em que cada sistema-indivíduo convive em interação recorrente e recursiva como o meio em que se conserva (autopoiese) e se realiza (adaptação).

Dois movimentos perceptíveis ao observador. Um, o fisiológico anatômico, o determinismo estrutural, outro, o acoplamento estrutural, quando nota as relações da unidade como totalidade num meio. Aqui surge o *nicho*. A unidade operacional *organismo/nicho* diz que organismo e meio são inseparáveis, no sentido em que não há um sem o outro. São disjuntos, no entanto, coexistem como dois domínios autônomos, mas em congruência e harmonia, nesse acoplamento estrutural que chamam *nicho*, em estreita relação de modulação, não de determinação. Nesse sentido, o *nicho* como esse entorno mais próximo do indivíduo, é o ponto em que ocorre o encontro do sistema indivíduo com o meio, que sempre é congruência (adaptação), em deriva ontogênica, numa trajetória em que as transformações no *nicho* muda em conformidade ao seu viver no conviver com outros, no contínuo presente, como parte do processo de história particular.

O nicho não é algo que o sistema-indivíduo faça ou possua, mas algo que se vive, que resulta no contínuo viver ao encontro com o mais próximo, onde podem ou não acontecer acoplamentos, estabilizações. Se ocorre uma convivência muito intensa, ou uma experiência que se torna recorrente e recursiva, esse processo cria uma história, que envolve o fisiológico, mas o que ocorre se determina no domínio cultural da linguagem. Como diz Maturana, tem coisas que acontecem no domínio das relações e não no domínio fisiológico.

De fato, as contradições psíquicas não são geradas pelo fisiológico, embora envolvam o biológico, na medida que a corporeidade é suporte de toda a experiência. Há uma transformação determinada nas estruturas do indivíduo, modulada internamente por perturbação no domínio relacional, que pode passar a se conservar como algo que marcou, como afeto de uma experiência de emoção vivida. Mas, que a estrutura esteja em variação contínua e que os acontecimentos no domínio relacional promovam modulações determinadas por sua estrutura, não quer dizer que cada organismo tenha um destino traçado ou seja restrito. É determinado no feitio de uma linhagem, (humanos, aves, vertebrados, camaleão...) que como totalidade existe, vive em acoplamento estrutural, num domínio relacional, emocional, psíquico, na multidimensionalidade do *nicho*.

Notemos, o *nicho* não é mistura indiferenciada entre organismo e meio, porque não há instrução direta de um pelo outro, o que nos mostra que o *nicho* corresponde a maneira como o indivíduo se encontra com o meio, na perspectiva do indivíduo, que vai se transformando no suceder do viver. Nesse sentido, a adaptação, a coerência e harmonia é necessária, na interação com o meio de onde surge (autopoiese) no qual se realiza (adaptação), senão o indivíduo morre. Mas no nível da convivência com outros, na diversidade de encontros em domínios relacionais, o sistema indivíduo-nicho é *dependente* no acoplamento social. É no nível do acoplamento, no domínio relacional, onde o indivíduo é *dependente*, que surgem as contradições e, com elas, o sofrimento e a tristeza.

Nesse ponto, Maturana y Varela⁵² distingue quatro tipos de composição relacional entre ser vivo e meio. A unidade composta *indivíduo-nicho*, tem em sua organização sistêmica de ser vivo, um corpo fisiológico num funcionamento metabólico em contínua autoprodução, que é seu domínio invariante autopoietico: não havendo *interações destrutivas*, as relações constitutivas conservam-se. Mas, suas estruturas plásticas mudam, no acoplamento estrutural, em congruência com as *perturbações* do meio, no processo de coderiva histórica do indivíduo e meio (adaptação). Nos diz Maturana: haverá *mudança destrutiva* quando as interações alterarem as relações constitutivas da unidade, quando o

⁵² Os biólogos assim descrevem: “a) *Domínio de mudanças de estado*: todas as mudanças estruturais que uma unidade pode sofrer sem que sua organização se modifique: ou seja, mantendo sua identidade de classe; b) *Domínio de mudanças destrutivas*: todas as mudanças estruturais que causam a perda da organização da unidade, que portanto desaparece como unidade de uma certa classe; c) *Domínio de perturbações*: todas as interações que desencadeiam mudanças de estado; d) *Domínio de interações destrutivas*: todas as interações que resultam numa mudança destrutiva”. (Maturana y Varela, 1995, p. 133).

indivíduo perde sua dinâmica autopoietica e adaptação e morre. Outra coisa, são as *mudanças de estados* corporais na dinâmica das estruturas plásticas em variação contínua, que ocorrem por dois motivos: seja por alterações na dinâmica química hormonal interna do indivíduo, seja por *perturbações do meio*, que alteram a estrutura, o estado, sem perda de organização. Os limites são colocados pela organização das relações constitutivas invariantes do sistema, em relação às interações que suporta. Assim, a diferença entre *dinâmica instrutiva e dinâmica de perturbações*, é que a primeira é letal, a outra, exige da unidade composta uma reconfiguração estrutural, que os autores chamam de adaptação.

Dinamicamente. A *interação destrutiva* rompe com a organização, produz a decomposição dessas relações constitutivas, sendo fatal. O sistema-indivíduo é totalidade autônoma e estruturalmente determinado, segundo sua arquitetura variável. O meio tem sua estrutura, sua arquitetura própria e variável, segundo sua deriva natural. Por isso, o organismo não determina o meio, nem o meio instrui o organismo, são disjuntos. As correlações entre organismo e meio são gerativas e dependem do observador. Nesse olhar, um observador percebe que o organismo e meio são diferentes e distinguíveis. Mas o organismo se conduz, interatua num meio que o contém e no qual se realiza, sem sofrer determinação. Nesse olhar, surge o acoplamento estrutural *indivíduo-nicho*.

Nem meio nem nicho surgem antes que o indivíduo realize a distinção e se conduza dessa ou daquela maneira. O nicho não é algo que se faz, mas resulta do como se vive. Surge desde a concepção, e vai se transformando no suceder do viver, no modo de se conservar e se realizar do sistema-indivíduo. A distinção do *nicho* e meio como algo mais amplo, surge parcialmente ao observador, a partir da distinção do sistema-indivíduo por suas recorrências no seu operar em domínios relacionais, no meio. Será por meio dessas interações recorrentes que surgirá algo novo, a recursividade que possibilita a linguagem, resultante da especificidade do modo de viver amoroso dos seres humanos.

De outro modo, há uma circularidade interna ao organismo, na manutenção da autopoiese, que ocorre em *interações correspondentes*, no nível metabólico do corpo, que efetua o esquema sensorio motor, segundo *determinismo estrutural*, em torno da manutenção da harmonia interna do todo, sem fazer referência ao externo. De modo disjunto, ocorre a circularidade das *relações congruentes* entre *indivíduo-nicho* e meio no acoplamento estrutural, em adaptação. Vimos que o domínio fisiológico, anatômico, e o domínio de conduta, são domínios disjuntos, mas no fluxo do viver, por recorrência e recursividade, como parte do processo histórico, se produz um entrelaçamento entre *interações*

recorrentes no domínio fisiológico, e *relações congruentes* entre sistema indivíduo-nicho e meio, o que chamam de acoplamento social.

Como surgem as correlações congruentes entre determinismo estrutural e acoplamento estrutural? Como surge o nicho no qual o indivíduo vai se modulando na sua relação com o entorno mais próximo? Maturana nos mostra que tais coerências operacionais-relacionais resultam de processo histórico. A conservação da autopoiese estruturalmente determinada estabelece as *correlações internas* possíveis nas estruturas plásticas, compondo o esquema sensorio motor que viabiliza fisiologicamente a conduta. A adaptação refere a *relações congruentes* da unidade como totalidade com o entorno no qual se realiza. São domínios disjuntos, mas no processo histórico, na deriva evolutiva, as *correlações internas* na dinâmica fisiológica do esquema sensorio motor se modulam contingentemente as *relações congruentes* às condutas recorrentes e recursivas do indivíduo e entorno. Da mesma forma, as *relações congruentes* às condutas com o entorno, modulam a dinâmica nas *correlações internas* da dinâmica fisiológica do esquema sensorio motor. De modo que a dinâmica corporal e dinâmica condutual estão sempre em correlações congruentes no encontro entre indivíduo e entorno, onde o *nicho* se modula com o devir histórico de dois domínios disjuntos. Um exemplo: a orquídea e a vespa, onde se observa uma relação de confiança entre planta e inseto, onde suas continuidades como linhagens dependem, mas numa trajetória bem diferente a cada uma, tendo esse encontro de acoplamento estrutural, como um ponto de transformação ou modulação recíproca, a continuação de suas linhagens. Essa relação não surge do nada, tem sua história consensuada num tipo de acoplamento estrutural de interações em correlações congruentes há milhões de anos.

Trazendo essa imagem e ideia para o sistema humano, nota-se que a congruência adaptativa no acoplamento estrutural entre o sistema-indivíduo e sistema-meio, compõe esse domínio relacional multidimensional íntimo – corporal-cultural, emocional-psíquico - que chamam *nicho*. Nossa tese entende que quando alguém, no processo reflexivo, volta-se a atenção a sua corporeidade, entra na relação consigo mesmo e passa a distinguir *algo de si*, uma experiência vivida, é esse *nicho* que aparece. Esse movimento ativo nos parece resultar de uma atitude de tornar visível o *nicho*, esse espaço onde ocorrem as correlações (congruentes ou *não*) de si consigo mesmo, algo que supõe uma certa (auto) consciência. Essa disposição de cuidado de si, nos mostra que esse ato surge conduzido pelo observador de si que se pergunta como *sente o que sente que vive*. Como diz Maturana, se nós não refletirmos no como fazemos o que fazemos, simplesmente fazemos. Se

não colocar em atenção como vivemos o que vivemos, simplesmente vivemos. Da mesma maneira, se não problematizarmos como sentimos o que sentimos, sentimos, mas não distinguimos o que sentimos. Os sentimentos pressupõem esse movimento de reflexão de distinguir no fazer, no viver o *sentir que sente o que sente que vive*, para chegar a descrever e explicar a experiência das marcas de afetos de emoção vivida, que surge um *sentir como sente* na expressão de *Sentimentos*.

Sentimos. E isso é ótimo. Nada mais suave, leve, simples, fluido, fácil, que ir fazendo, vivendo e sentindo, sem conflitos, contradições, impasses, coerções, no suceder de *emoções*, na passagem de domínios de ações a outros, sem quebras bruscas de mudanças de estados corporais, sem ser intensamente *afetado* de modo estranho ao bem-estar, deslizando no suceder do viver em deriva harmônica em consensualidades colaborativas, afirmativas, amorosas. Mas, no contemporâneo, nosso cotidiano está dominado por modos de agir, pensar e se realizar, pautados por velhas dicotomias entre sujeito e objeto, objetivo e subjetivo, particular e coletivo, indivíduo e sociedade, natureza e cultura, produzindo sofrimento. Nossa cultura ocidental judaico-cristã, capitalista, constitui um tecido social na linguagem marcado pela dominação, sujeição e violências. Este meio que habitamos como seres humanos, modula nosso *nicho, por acoplamento estrutural*, no qual se conservam e proliferam conflitos e contradições entre domínios relacionais de convivência social.

Entender que o sofrimento psíquico, formas de tristezas, não decorrem das contradições no domínio do corpo, mas no domínio relacional do encontro entre indivíduo e entorno, nos remete ao fato de que o sofrimento dos indivíduos e famílias em comunidades periféricas, resultam do acoplamento estrutural no domínio relacional na cultura específica em que convive. O que importa destacar é que o sofrimento, dentro do contexto reflexivo em que nos encontramos, surge na ruptura da espontaneidade do viver no conviver com outros, que promovem recorrentes e recursivas quebras de estado corporal, numa certa configuração condutual de experiências vividas em formas de desamor (rejeição, negação indiferença...), que torna um modo de viver afetado de tristeza, resistindo no esforço da manutenção do equilíbrio entre forças opostas, distante da harmonia e do bem-estar, na convivência social.

Nessas condições, surgem maneiras de distinguir, descrever e explicar nossas práxis de viver, com a coerência operacional-relacional de nossas práxis de conviver, em modos que conservam, por recorrências e recursividades, certas configurações estruturais em correspondência congruente com o entorno em conflitos e contradições. Sofremos.

Algo dura e se conserva na maneira do que faz sofrer. Entendemos que o *nicho* é o que ocorre no encontro, onde somos *dependentes*, onde ocorrem as modulações em torno das marcas que se conservam, que surgem para nós por essa proximidade corporal com o imediato, na convivência em interações. Esses domínios relacionais surgem como experiências vividas em formas negativas, forçadas, como meio que não se dispõe em harmonia, segurança, acolhimento, mas na manutenção de modos de agir, de pensar, de dizer, que conservam maneiras de sentir em formas de negação, indiferença, rejeição, maus tratos, medos. Depois, num momento de conversação, distinguimos, descrevemos e explicamos como *Sentimentos* do que nos faz sofrer. Notamos esses sofrimentos, nos pedidos de ajuda de indivíduos e famílias na comunidade em situação periférica, quando, em conversação, percebemos que na distinção de algo do que faz sofrer, surgem descrições e explicações de experiências de marcas de afetos de emoções vividas, quando *expressam Sentimentos* de auto depreciação, baixa autoestima, e outras formas de desamor.

Fechamos esse ponto. Partimos da distinção entre *unidade simples e composta*, para situar o sistema-indivíduo como autopoiese de segunda ordem. Seguimos destacando o sistema-indivíduo como uma unidade composta *estruturalmente determinada*, no que ressaltamos a variação contínua na dinâmica corporal, por transformações em suas estruturas plásticas com conservação de suas relações constitutivas, sem perda da identidade. Passamos à noção de *acoplamento estrutural* que nos ajudou a compreender as interações na formação do *sistema indivíduo-nicho*, em relação a um meio muito mais amplo, onde ocorrem, na deriva histórica de cada unidade, as modulações recíprocas entre domínio fisiológico e domínio condutual. Agora vamos avançar para o *acoplamento social*, que vai nos ajudar a compreender como se operam as transformações nos domínios relacionais existenciais, *nicho*, como domínios das emoções, onde surgem, para nós seres humanos, a linguagem, a reflexão, a consciência: o *espaço psíquico*. Este possibilita o voltar para a relação consigo mesmo, num *espaço de conversações de enfrentamentos às tristezas*, oportunidade em que o observador de si pode operar distinções de recorrências e recursividades do que lhe faz sofrer, por meio de descrições de marcas, que explicam, numa coerência operacional-relacional reflexiva, como parte da experiência de afeto de emoções vividas. Assim, expressa ou produz *Sentimentos*.

2.8. Acoplamento Social: *domínio operacional-relacional das emoções*



A perseverança é mais eficaz do que a violência, e muitas coisas que, quando reunidas, são invencíveis, cedem a quem as enfrenta um pouco de cada vez. Plutarco
Infeliz daquele que, nos primeiros instantes de uma ligação amorosa, não acredita que ela vai ser eterna. Benjamim Constant

As relações no acoplamento social surgem no *conviver* entre dois ou mais indivíduos. O social é o modo como ocorre a realização, simultaneamente, a cada indivíduo e ao todo coletivo. Não há indivíduo sem coletivo, como não há coletivos que não se componham em interações recorrentes entre dois ou mais indivíduos.

O acoplamento social, como unidade de terceira ordem, surge na espontaneidade do prazer de estar juntos, na sensualidade, no cuidado e atenção ao outro, em gestos colaborativos e na proximidade acolhedora. O acoplamento surge de ações recorrentes e recursivas entre membros de uma mesma linhagem, numa disposição corporal de interação, em coordenação de condutas consensuais em harmonia ao meio que os contém e no qual se realizam. Essa experiência coletiva em domínio relacional consensual, que descreve a convivência entre dois ou mais indivíduos num meio, explica a noção de acoplamento social, que supõe a emoção de amar como experiência de viver em domínios relacional de convivência.

As interações entre indivíduos, e entre indivíduo e meio, nos remetem às relações. Nelas, as condutas consensuais coordenadas em domínios de ações possíveis, tais como: olhar, tocar, agir, lidar, portar, habitar, compartilhar, sensualizar. Entramos em domínios relacionais, estamos nos mundos das emoções, no dinamismo das modulações no *nicho* ou como veremos, estamos no *espaço psíquico*.

Para Maturana y Varela, o fluir do viver não se faz, simplesmente acontece, espontaneamente. A conduta resulta dessa espontaneidade de viver, não é algo que o organismo faça, mas a configuração particular de movimentos ou um modo de se conduzir num meio. A conduta é o que o organismo *vive*, na relação congruente entre iguais, num meio onde se conserva e se realiza. Nos conduzimos espontaneamente, sem esforço, até que ocorram encontros de emoções que produzam ação contraditórias, que geram conflituosas. Nesse sentido, as condutas são apreciações de um observador no seu observar, distinguir e explicar a dinâmica de mudanças de estado corporal, percebidas no encontro do organismo e meio. Diferencia-se: de um lado, quem se conduz, vive seu fluir de interações, no tempo zero, a cada instante, não tem consciência de tudo o que cada gesto ou

movimento expressa em seu corpo. De outro, o observador vê o organismo a se conduzir num meio e chama isso de conduta, onde observa e descreve uma disposição corporal em domínios de ações entre indivíduos que se realizam em adaptação ao meio. O que o observador distingue, para nossa pesquisa, são modos de fluir das emoções de viver no conviver com outros.

Maturana y Varela vão descrever o acoplamento social partindo dos insetos sociais: “*No emocional, somos mamíferos. Os mamíferos são animais em que o emocionar é, em boa parte, consensual, e nos quais o amor em particular desempenha um papel importante. Mas o amor, como a emoção que constitui o operar em aceitação mútua e funda o social como sistema de convivência, ocorre também com os chamados insetos sociais*” (Maturana, 2002, p.25). As relações entre formigas no formigueiro formam a unidade de terceira ordem, o que ocorre por coordenação de condutas consensuais, através do acoplamento químico hormonal, em trocas de secreção e substâncias, que chamam *trofolaxes*⁵³.

Em relação ao acoplamento social nos vertebrados, distinguem-se as ações e interações coordenadas pelo *visual e o auditivo*, que ampliam em muito os domínios de atenção, passando a coordenar ações que seriam impossíveis de se realizar por alguém isolado: “*Essa forma peculiar de conduta, em que animais distintos cumprem papéis distintos, permite que os membros do rebanho se relacionem em atividades que não lhes seriam possíveis como indivíduos isolados*” (1995, p.213). Veremos que a capacidade de *ver e ouvir* é biológica nos seres vivos, mas o que distingue como *visível e audível* depende das emoções envolvidas, que estão ligadas ao modo de realização do viver e conviver em domínios relacionais em harmonia e consensualidade.

Outro exemplo, são os lobos. O acoplamento social nos lobos se compõe de contato *olfativo, faciais, corpóreos*, como mostrar os dentes, mexer o rabo, modos de se conduzir (emoções) que não são diferentes do que ocorre com os cachorros domésticos. Os lobos, com sua sociabilidade conseguem fazer coisas que seria impossível para um lobo solitário, como caçar um alce, que é maior e mais forte que ele. Os traços do acoplamento social, se referem as ações consensuais, coordenadas, que fazem parte de como se dão as

⁵³ Como referem Maturana y Varela: “*O mecanismo de acoplamento entre a maior parte dos insetos sociais se dá por meio do intercâmbio de substâncias, sendo assim um acoplamento químico...Vale dizer, todas as ontogenias dos diferentes membros da unidade social estão atreladas a sua história contínua de interações trofoláticas seletivas, que de maneira dinâmica orientam, mantêm ou mudam seu modo particular de desenvolvimento.*” (1995, p. 211).

relações entre lobos, onde aprendem e vivem espontaneamente, na convivência com outros, num meio onde realizam coisas juntos, que sozinhos não realizariam. O acoplamento social é domínio consensual de relações e interações coordenadas na convivência em grupo, que expande cada indivíduo como ser coletivo, capaz de condutas comunicativas, na forma de coordenações de ações consensuais.

Em relação aos primatas, Maturana y Varela ⁽¹⁹⁹⁵⁾ lembram os babuínos, que não deixam de conservar, em maior ou menor grau, o modo de interação já referido. Neste grupo, a hierarquia, o domínio do macho como acoplamento intragrupo, surge como princípio organizador do grupo, que assim consegue se articular em diferentes ações coordenadas, como enfrentar predadores maiores e mais fortes, como o leão. Mas, a socialização não se define pela emoção de caça, nem pela emoção de fuga, que levaria a supor a emoção de competição, de sujeição, de exploração, como emoções de base e, portanto, ordenadoras da unidade de terceira ordem nos primatas. Ao contrário, o acoplamento social surge no prazer de estar junto, do contato diário, prolongado, de brincar, tirar pulgas, coçar uns aos outros, compartilhar comida, cuidar dos filhotes, sensualizar, reproduzir, andar, dormir, catar, colher... Emoções afetuosas em interações recorrentes, que um observador descreve como modo de vida social dos babuínos e, por isso, também, se protegem mais eficientemente. Uma grande parte dessas emoções, que não supõem as condutas verbais da linguagem, permaneceram como parte das emoções básicas humanas.

Coordenação de ações como conduta ou modo de conviver entre seres vivos num território é determinado pelo vivido como emoção. No caso dos lobos e babuínos, cada indivíduo realiza sua história individual e social, simultaneamente, como parte da rede de relações e interações recíprocas, que compõem o coletivo, “*segundo seus acoplamentos mútuos na rede de interações recíprocas que formam ao constituir as unidades de terceira ordem*” ^(1995, p. 216). Terceira ordem, fenômeno social, produção coletiva consensual, são maneiras de descrever a coerência operacional-relacional do viver (animal ou humano) no conviver com outros semelhantes, em consensualidade. A emoção supõe a matilha para os lobos, o bando para os babuínos, o social para o indivíduo. Este surge da experiência de se conduzir consensualmente, em harmonia e bem-estar na convivência com outros, num meio acolhedor.

Notemos a dinâmica entre indivíduo e grupo, no acoplamento social. O indivíduo se realiza na conservação da unidade grupal, como a unidade grupal depende da conservação de cada indivíduo. Há uma circularidade, que não é fechada, uma vez que muda ao

mudar os domínios relacionais. Assim, cada indivíduo não deixa de ter sua singularidade, de ser uma unidade autônoma (um lobo), mas parte de seu modo de viver, se realiza na relação, na formação e conservação dessa unidade de terceira ordem, a matilha como acoplamento social. O que se produz em matilha, por sua vez, só se conserva se conservar cada indivíduo, lobo. Há congruência no acoplamento social, correlações afirmativas de acolhimento na adaptação, na existência e sua conservação, na produção e na realização da unidade de terceira ordem, seja entre lobos, babuínos ou, para nos humanos, como família, comunidade, numa ordem religiosa ou sociedade secreta. Notemos que a lógica segue a maneira de abstrair o sistema, no qual resulta da conservação de um domínio de relações constitutivas, que caracteriza a matilha, o bando, a malta, a sociedade, que surge como totalidade, que tem a capacidade de transformação em cada elemento e nas relações entre elementos (lobo, babuíno, humano), operando, dinamicamente, na modulação das partes e do todo.

Sem esforço, reconhecemos as emoções básicas, que compartilhamos com os animais, como transculturais. Interessante notar que nas emoções básicas não há negatividade, são vividas sem serem valoradas, como maneiras espontâneas de se conduzir num meio. A negação, a indiferença e desprezo, e todas as formas de desamor, são emoções que só surgiram com a linguagem e reflexão. São próprias à cultura dos seres humanos, os quais podem expressar *Sentimentos* na explicação.

Já reunimos um conjunto razoável de elementos que estão ligados ao acoplamento social. Iniciamos pelas interações químicas, secreções e líquidos, o olfativo, o encontro facial e outros toques agradáveis entre membros de um mesmo grupo: os gestos expressivos, posturais, o visual e o auditivo. Essas condutas, resultantes do acoplamento social, são consensuais, senão os membros não coordenariam ações nem compartilhariam de um reconhecimento comum. Não há dúvida de que compartilhamos dessas emoções. Um beijo envolvente já faz os seres humanos executarem todas essas emoções: babar, se esfregar, se cheirar, se tocar, se ver, se ouvir, se amar, e quem duvida que nossas secreções e hormônios não estão presentes?

O acoplamento social, essa unidade de terceira ordem, envolve a plasticidade condutual dos indivíduos em suas relações entre si e com os outros, num meio também em transformação. O acoplamento social é um domínio relacional *entre*. De coisas comuns, consensuadas em coordenação de ações, que produzem a condição do reconhecimento

recíproco de si mesmo e do outro envolvido nesse comum. O acoplamento social é condição biológica. O domínio relacional supõe o encontro recorrente de dois ou mais indivíduos em coordenação de ações consensuais, ou seja, fazendo juntos o que fazem. Do ponto de vista de um observador, o que distingue na coordenação de condutas consensuais, como modos de se conduzir num meio, são emoções. As emoções são “*disposições corporais que especificam domínios de condutas possíveis*” (Maturana, 1973, 1995, 2001, 2002), num domínio relacional congruente, recorrente e recursivo. Assim, podemos distinguir o acoplamento social, a unidade de terceira ordem, desde o domínio das emoções nas formigas, nos lobos, nos babuínos e em nos seres humanos.

Essa unidade social resulta do encontro, é algo que só existe no coletivo, só surge na relação com outros, como modo de comunicação, *sem* linguagem verbal. As emoções de base, essas que estamos estudando, são condutas comunicativas não verbais, que nos seres humanos conservamos como “*inatas*”, embora sejam resultantes de acoplamentos sociais adquiridos ao longo de gerações e gerações de seres vivos, anteriores aos seres humanos, porque resultam do domínio de relação do vivo com a vida que nele se conserva e o faz perseverar.

Nós, seres humanos, conservamos como herança da deriva dos seres vivos, da qual somos parte, esses e outros componentes de acoplamento social, que são domínios relacionais que fazem parte da nossa pré-história de linhagem biológica. Isso que surge na linguagem, mas anterior à expressão verbal, são maneiras de coordenação de conduta consensuais, são nossas *emoções de base*. A emoção não é anterior a linguagem, mas ocorre antes e fora da semantização, pertence ao domínio da vida e não só ao modo de viver humano.

Para um observador que observa outros num meio, quando dois ou mais indivíduos se conduzem, vivem o que vivem, no coordenar ações com outros semelhantes, esse observador poderá inferir da coordenação de ações consensuais realizadas, um nome reconhecido como tal *emoção*, expresso na postura dinâmica de corpo – no modo de agir, de se conduzir, de fazer, nos gestos, nas manifestações faciais –, dentro de um domínio operacional-relacional de condutas possíveis (a emoção de amar, não tem as mesmas condutas que temer ou odiar), já que cada emoção tem um número limitado de modos de se conduzir dentro de seu domínio relacional. As emoções não existem em si mesmas, re-

sultam de domínios relacionais que comportam dimensões e situações diversas, que podem estar em conflito e se tornar parte do que interfere no modo de viver em convivência com outros.

Na sequência, ao falarmos de sentimentos e tristezas, veremos que essas maneiras de se emocionar são marcas de experiência vividas no conviver com outros seres humanos, onde há conflito e contradições que fazem sofrer. Esse sofrimento resulta do conflito que se conserva como marca de afeto de emoções que, mesmo tendo ocorrido num longínquo passado, é presente. Essas marcas estão no presente, são vividas como presença. Se colocam na trama presente do drama de conviver, em seus diferentes modos de se conduzir, seja na afirmação ou na negação de si e dos outros seres humanos.

Os domínios de relações vividas pelos seres vivos, supõem uma correlação com o meio mais próximo, o *nicho*, que se modula no acoplamento estrutural, que supõe o meio acolhedor em que um modo de vida se produz e no qual poderá se realizar. Vimos que o indivíduo e meio estão em constantes transformações, segundo seu devir, porém congruentes com o processo histórico onde se encontram, onde ocorre a formação e transformação do acoplamento social ou *nicho*. O acoplamento social, essa unidade de terceira ordem, ocorre nos espaços relacionais nos quais surgem os fenômenos sociais, como conduta comunicativa. O que são condutas comunicativas e como são definidas como fenômenos sociais, veremos no ponto a seguir.

2.9 Comunicação e Fenômeno social: *emoções não verbais*



Toda vez que há um fenômeno social, há um acoplamento estrutural entre indivíduos. Portanto, como observadores, podemos descrever uma conduta de coordenação recíproca entre eles... Chamaremos de comunicação as condutas coordenadas, mutuamente desencadeadas, entre os membros de uma unidade social. Maturana y Varela

Maturana y Varela ⁽¹⁹⁹⁵⁾ são diretos: quando a unidade composta se relaciona, num meio, com outras unidades compostas, em interações recorrentes e recursivas, ocorre o *acoplamento social*. O fato de que dois ou mais indivíduos autônomos, comecem a realizar ações coordenadas, faz surgir o *fenômeno social*. O fenômeno social estará associado às condutas coordenadas que dependem da consensualidade *na* convivência, que chamam de *condutas comunicativas*. Essa coordenação recíproca de ações supõe a consensualidade entre indivíduos no modo de se conduzir, que será vivida como modo de emocionar, sem linguagem verbal.

Cada linhagem estruturalmente determinada num feitio, compõe um modo de vida em correlações entre membros de um mesmo grupo, num meio que o tornou possível e no qual se realiza. Esse domínio relacional, onde ocorrem condutas consensuadas, definem as emoções específicas de uma linhagem. Daí, para os autores, os fenômenos sociais são “*aqueles associados à participação dos organismos na constituição de unidades de terceira ordem*” ^(1995, p. 217). A comunicação surge no acoplamento social, no domínio das emoções, na recorrência da coordenação de ações consensuais, que são expansões de domínios relacionais, que ampliam os domínios existenciais dos indivíduos. Estamos pensando que esse domínio pode se distinguir como domínio das imagens e sons. O domínio das ideias supõe a linguagem e especifica a linhagem de seres humanos.

Mas, o que são coordenações de conduta (linguajar) que pode ser chamado de comunicação? Maturana y Varela ⁽¹⁹⁹⁵⁾ vão apresentar vários exemplos de coordenação de conduta. Descrevem o *canto* no *encanto* entre os papagaios. Explicam que os estudos da conduta sonora reprodutiva dos papagaios, mostraram que são singulares a cada um, a cada par e a cada vez, tendo como material criativo, o *encanto* da história singular de cada ave, que entoam uma melodia em que formam um dueto, no *encontro* de acasalamento. Esse encontro amoroso é singular. Tantos os “*pais*” como os “*filhos e netos*” desse casal de papagaios, tiveram e terão, em cada encontro, seu singular *canto* amoroso.

Essa conduta é comunicativa porque coordena ações na formação de um encontro amoroso, algo que sozinho seria impossível de realizar. Cada entonação faz parte de uma melodia singular, resultante da trajetória de cada papagaio, que se realiza no encontro, o que faz desse acoplamento social uma forma de conduta ontogênica que especifica a linhagem dos papagaios. Esse aprendizado ontogênico, faz parte da história particular de cada papagaio, que no suceder do viver, em domínios relacionais de emoções consensuais, vai compor sua entonação. Enquanto parte da deriva natural, no *encontro* de histórias de modos de vidas, o *encanto* dos papagaios é *gesto e proximidade* na convivência espontânea, onde surge o *canto amoroso* como acoplamento social.

Outro exemplo de conduta ontogênica entre aves, foi estudado na Inglaterra, quando as garrafas de leites depositadas ao alvorecer nas portas das casas, deixaram de ter o papelão como tampa e foram substituídas por uma fina lâmina de alumínio. Ocorre que os pássaros aprenderam que podiam furar essa fina lâmina e saborear a nata. Mas, o instigante é que “*a conduta se expandiu do foco central até todas as ilhas britânicas. Em pouco tempo, todos os pássaros haviam aprendido o truque de como conseguir um bom café da manhã*” (Maturana y Varela, 1995, p. 219).

Os biólogos reconhecem que uma das características marcantes dos vertebrados é a imitação. Imitar é um tipo de emoção. Entendem que nas condutas localizadas, como produção de conhecimento, ocorreu uma expansão de coordenação de condutas em relação a essa forma de ação (picar a lâmina tampão do vidro de leite), que passou de geração a geração, onde os filhotes que nasciam executavam essa prática sem ter que produzir o conhecimento a cada vez. A imitação, como modo de se conduzir na ação como um tipo de emoção, “*permite que um certo modo de interação ultrapasse a ontogenia de um indivíduo e se mantenha mais ou menos invariante ao longo de sucessivas gerações*” (Maturana y Varela, 1995, p.221). As condutas culturais na linguagem, serão assimiláveis a esse modo de produção de hábitos num nível semântico, como veremos.

Outro exemplo de expansão da conduta comunicativa, foi descrito numa pesquisa realizada numa reserva com macacos, em um arquipélago no Japão. O procedimento foi colocar batatas e trigos na praia, o que possibilitou que os macacos saíssem das árvores e se aproximassem do oceano. Nesse encontro com o oceano, ocorreu uma transformação que rapidamente se alastrou por toda a costa, quando uma macaca (Ilma) passou a lavar

os alimentos (batata e depois o trigo) na água, tirando a areia e tornando-os mais agradáveis à ingestão. Essa descrição mostra como uma coordenação de conduta de interação social ontogênica quando se torna comunicativa, ganha o domínio coletivo. E essa conduta comunicativa como fenômeno social, via imitação, ao se conservar geração após geração, se torna em uma conduta cultural⁵⁴. Ressaltam ainda que o aprendizado dos macacos jovens se dava muito mais rápido que nos mais velhos. Algo se passa nas aprendizagens espontâneas dos filhotes, sem esforço, como natural nas relações sociais de grupo num meio.

Até aqui podemos reter que o acoplamento de terceira ordem expande as capacidades dos indivíduos que se integram *no* conviver com outros, já que surgem outros modos de realização *do* viver de cada unidade envolvida no fenômeno social. Surge de ordenação de ações consensuais num meio, por isso são condutas comunicativas ou fenômeno social. São comunicativas porque surgem da relação entre dois ou mais indivíduos, segundo suas interações na convivência em grupo. Agora, quando essas condutas comunicativas se conservam em recorrência, geração após geração, pelo aprendizado espontâneo dos mais jovens, surgem para um observador, como domínios linguísticos. Há um outro passo. Quando essas condutas de coordenação de ações consensuais se tornam comunicativas, passam a aparecer a um observador como domínios linguísticos, e a recursividade nesse domínio linguístico, possibilita expressar-se em palavras, como meio de descrição semânticas na linguagem dos seres humanos. Desde então, entramos no domínio dos acoplamentos de terceira ordem ou fenômenos sociais humanos.

Para chegar a esse movimento em que a linguagem surge como algo espontâneo nas relações sociais entre indivíduos da mesma linhagem, vamos destacar a importância dos *gestos e da proximidade* do viver no conviver com outros, como parte da história natural da linguagem. Na sequência, vamos nos perguntar qual a especificidade dos *gestos e da proximidade* nos primatas que possibilitaram o surgimento da linguagem verbal.

⁵⁴ Maturana y Varela, referem: “*Chamaremos as configurações comportamentais adquiridas ontogeneticamente na dinâmica comunicativa de um meio social, e mantidas estáveis através de gerações, de condutas culturais*” (1995, p. 225). Voltaremos, na sequência, ao tema da cultura, mais ligadas a semantização em domínios linguísticos, onde surgem as explicações de emoções vividas, de modos de conservação, de fixação, de marcas, de conflitos, que não são biológicos, mas culturais. Com a cultura surgem os sentimentos ou as explicações na linguagem de emoções vividas.

III. DOMÍNIO DA LINGUAGEM



A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. O amor é o fundamento do social. O amor é a emoção que constitui o domínio das condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quanto falamos do social. Maturana

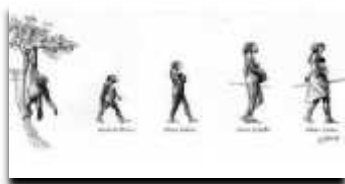
Se vocês não veem coordenações de ações ou, segundo o jargão moderno, não veem comunicação, nunca falarão de linguagem. A linguagem está relacionada com coordenações de ação, mas não com qualquer coordenação de ação, apenas com coordenação de ações consensuais. Mais ainda, a linguagem é um operar em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações. Maturana

Iniciaremos a descrição para destacar que as condições da linguagem supõem os *gestos e a proximidades*, como anterior e condição da semantização. No contexto das pesquisas dos biólogos, percebemos como a linguagem foi estudada a partir de experiências com primatas. Os estudos de genomas mostram que os primatas possuem 98% de material genético em semelhança aos seres humanos, sendo 2% toda a diferença. Maturana y Varela (1995), recortaram o estudo sobre os primatas nas pesquisas da década de 1930, com os experimentos dos *Kellogs*, que analisavam a experiência *vocal* com chimpanzés, o que se demonstrou um grande fracasso. Na dec. 60/70 os estudos diferenciaram-se. Diz os biólogos, os *Gardner*, em suas pesquisas, identificaram que as habilidades dos primatas em relação à linguagem eram *gestuais* e não *vocal*, o que possibilitou o uso do “*sistema de interações linguísticas o Ameslan - o idioma gestual mais rico e amplo, internacionalmente usado pelos surdos-mudos*” (Maturana y Varela, 1995, p. 235). Em 4 anos de trabalho, o chimpanzé “*Washoe, o chimpanzé do Gardner*” apresentava repertórios de mais de 200 gestos, “*incluindo alguns equivalentes às funções de verbos, adjetivos e substantivos da linguagem falada... não só aprendeu o Ameslan como o dominou de tal maneira que era tentador dizer que aprendera a ‘falar’*” (Maturana y Varela, 1995, p. 235). Junto a essas pesquisas, estava a chimpanzé *Lucy*, que distinguia o objeto melancia com “*fruta ou doce de beber*” e rabanete como “*comida-chorar-forte*”. O destaque para o chimpanzé *Washoe* foi que descrevia refrigerador como “*abrir-comer-beber*”. Porém, o fato de que os chimpanzés consigam se comunicar por *gestos* em relações de *proximidade*, através do *Ameslan*, não significa que assim realizem processos reflexivos tal qual os humanos. A reflexão implica a *recursividade* nas descrições de condutas consensuais, o que se notou que é muito restrito nos primatas.

Outro ponto relevante levantado nos estudos, foi a importância da *proximidade*, do processo interativo entre seres da mesma linhagem. Foram realizados nos Estados Unidos diversos experimentos pelos *Kellogs*, onde buscavam aprofundar essa limitada capacidade dos *chimpanzés* e *gorilas* de fazerem *descrições de descrições*, a recursividade. Nos estudos de 3 chimpanzés, *Lena*, *Shennan* e *Austin*, realizaram dois procedimentos distintos: *Lena* foi treinada junto ao computador a relacionar signos com objetos, depois imagens com lexicogramas de objetos comestíveis e não-comestíveis e, por fim, lexicogramas com outros objetos. Nesse momento, constataram maiores restrições nas interações linguísticas de *Lena*, enquanto *Shennan* e *Austin*, foram treinados em interações mais amplas, na convivência com outros animais de sua espécie. O fator *proximidade* revelou um aumento das interações linguísticas desses animais, em função da convivência entre iguais, o que mostra que a linguagem não surge como soliloquio, mas da interação recorrentes entre diferentes indivíduos num grupo em espaço de convivência. As relações entre iguais em *proximidade*, na convivência, aumenta a capacidade dos indivíduos que neles participam, na medida em que as coordenações de ações são produzidas no coletivo.

Tais estudos sobre os modos de interação linguísticas, distinguíveis entre trabalho estereotipado sem a presença de iguais e interações com outros semelhantes, será um dos critérios de validação dos estudos da origem da linguagem nos seres humanos. Os seres humanos possuem, diferente dos animais, uma alta capacidade de tomar as descrições como objetos de outras descrições, compondo em recursividade o domínio semântico, que caracteriza o surgimento da linguagem humana. Mas, que tipo de interação de *gestos* e *proximidade* entre homínídeos possibilitou o surgimento da linguagem? Vamos nos deter nas relações entre *gesto* e *proximidade*, nas interações recorrentes e recursivas entre humanos, para buscar a especificidade da linguagem como um fenômeno biológico em torno da *emoção de amar*, que está diretamente ligada com as condições do surgimento da linguagem e o domínio social humano.

3.1. Emoção de Amar e Socialização: surgimento da linguagem humana



O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. (Maturana, 2002, p. 22).

Supondo o ambiente acolhedor por natureza, o animal nasce e se desenvolve seguindo o suceder de seu viver num contínuo presente. As relações e interações que ocorrem nesse entorno, são para o recém-nascido naturais, recursivamente extensivo ao útero e o espaço materno acolhedor. Então, partindo da história dos seres vivos, o surgimento da linguagem como modo de vida humano, se especifica na deriva evolutiva, não tanto pelas capacidades autopoieticas (qualquer ser vivo assim se realiza), mas pelas coordenações de coordenação de ações consensuais, nas relações que se dão *no* conviver juntos entre humanos, de forma recorrente e recursiva. O que se torna relevante, é que nas relações e interações entre humanos e meios, predominavam emoções afetuosas e espontâneas de acolhimento, ternura, cuidado e atenção uns com os outros, o que supõe o *gesto e a proximidade* antes dos símbolos. Em síntese, o que veremos é que essa especificidade na convivência descrita como amorosa é base do acoplamento social, que se torna nas condições da linguagem humana, em torno da *emoção de amar*.

A descrição que segue, distingue cada coordenação de coordenação de conduta consensual, dentro de domínios relacionais da emoção amar, que possibilita a linguagem e funda o social, como parte de um ambiente operacional-relacional no qual as experiências envolvem *gestos* e modos de *proximidades*. Diz-nos os autores: “*A forma de vida própria de nossos ancestrais era, basicamente, igual à nossa de hoje. Mas sem linguagem: eles viviam em grupos pequenos, como famílias que compartilhavam os alimentos. Viviam na proximidade sensual da carícia, pois eram animais que andavam eretos*” (Maturana e Verden-Zoller, 2004 p. 254).

Segundo os fósseis pesquisados por Maturana y colaboradores, que datam de mais de 3,8 milhões de anos, nossos ancestrais primatas eram bípedes; se moviam, podiam caminhar longas distâncias, mantendo a convivência cotidiana, o que mostra que habitavam a terra e não mais as árvores. Viviam em pequenos grupos de 8 a 12 membros, incluindo crianças, adolescentes e adultos, homens e mulheres. Sua estatura era semelhante à de uma criança de 8 anos. O cérebro era três vezes menor em relação ao que encontramos hoje nos seres humanos. Pela arcada dentária, constatam que nossos ancestrais comiam grãos, eram coletores e casuais caçadores. Tudo indica que as coordenações de

condutas consensuais ocorriam por meio de tarefas comuns: colher, descascar, triturar, onde homens e mulheres eram igualmente responsáveis no cuidar das crianças. Dispunham de muito tempo livre, se tocavam, se acariciavam, sensualizavam-se como parte dos *gestos* no relacionar-se cotidiano, envolto ao prazer da *proximidade* da convivência.

Com a transformação da fertilidade nas fêmeas, as relações sexuais eram contínuas. Pela condição ereta, mantinham relações frontais, olhando-se diretamente no rosto, o que personificava a relação, que devia ser consentida, consensuada. Essa descrição nos leva à compreensão de que as interações dinâmicas em domínios relacionais consensuais de aceitação, de prazer da companhia do outro na convivência, em ações de colaboração como modo de viver, nos remete a *emoção de amar*. No caso dos hominídeos, seu modo de se conduzir em harmonia com a natureza, na emoção de amar, passa a configurar um modo de acoplamento estrutural, no qual surge como modo de vida de nossos ancestrais, que conservamos até hoje como base de nossa convivência na linguagem. Tais transformações e distinções entre hominídeos e outros primatas, na deriva histórica dos seres vivos, são simultâneas, mas não lineares, ocorrem em ritmos distintos ao longo de milhões de anos. Como não se têm registros fósseis da linguagem, fica difícil precisar as formas de coordenação de condutas que vão se compondo e os momentos em que se deram, mas, nos dizem os biólogos, o “*enriquecimento do domínio linguístico, associado a uma sociabilidade recorrente, levou à produção da linguagem*” (Maturana y Varela, 1995, 241).

A descrição revela um modo de estar junto, em coordenação de condutas consensuais, tendo como horizonte o bem-estar, que se apresentava nas relações e operações *do viver no conviver* de nossos ancestrais, num modo de vida diretamente ligado a natureza. Tudo isso existia na espontaneidade, como algo natural, tal qual ocorre a todos os seres vivos que nascem na confiança de um mundo acolhedor. Nesse sentido, a *emoção de amar* é biológica relacional, fundada na aceitação de si e do outro, como parte de modos de viver e conviver nas relações de coordenação de ações consensuais em domínios linguísticos, em torno do bem-estar. Daí a *emoção de amar* ser considerada por Maturana a condição biológica que expande a capacidade individual e funda o social.

Dos sítios arqueológicos, observou-se que não havia delimitação entre povoados; os campos de coletas não eram divididos; não havia a ideia de propriedade nem de privado; não havia diferença hierárquica, já que as vestes e túmulos eram semelhantes para homens e mulheres, que compartilhavam os cuidados da criança. As fases da lua, as transformações observadas nos insetos, faziam parte do cultivo das conversações. Quanto aos cerimoniais, as figuras lembravam o feminino, onde o culto evocava o sagrado da vida

cotidiana, na harmonia dos *gestos e da proximidade do viver no* conviver juntos, como parte integrante da natureza. No texto, *Habitar Humano*, Maturana e Verden-Zöller⁽²⁰⁰⁴⁾, notam algo assim: “*Para eles, toda a natureza deve ter sido uma contínua fonte de recordação de que todos os aspectos de sua própria vida compartilhavam a sua presença e estavam plenos de sacralidade*” (Maturana e Verden-Zöller, 2004, p. 33).

O quadro apresentado das coordenações de condutas consensuais indica a presença de ações de respeito mútuo, centrado nas tarefas diárias, no prazer de estar juntos, no contato sensual, no compartilhar o cuidado das crianças por homens e mulheres, numa rede de relações harmônicas, de modo que tudo surgia como processo de transformação em correspondência com o ciclo natural, que se conservava no modo de conviver por gerações e gerações, um cultivo aprendido espontaneamente pelas crianças, em domínio relacionais pautados pela emoção de amar. Referem: “*A vida é conservadora. As culturas são sistemas conservadores, porque são os meios nos quais se criam aqueles que as constituem com seu viver ao tornar-se membros delas, porque crescem participando das conversações que as produzem*” (Maturana e Verden-Zöller, 2004, p. 35).

Vimos que a cultura faz parte do acoplamento social. Surge em relações que se mantém de geração a geração, de formas que os descendentes aprendem de maneira espontânea e natural, no suceder do viver como próprio das condições de conservar sua autopeise e realizar sua adaptação de seu modo de conviver no meio que os possibilitam e no qual se realizam. Essa espontaneidade em relações e interações harmoniosas e consensuais entre indivíduos, tendo a natureza como inspiração, foi o que possibilitou o surgimento da linguagem. O acoplamento social, as condutas e ações consensuais, como descascar, moer, pegar, comer juntos, se tocar, tocar o outro, compartilhar, se acariciar, cuidar, sensualizar, são ações congruentes ao domínio da emoção de amar.

Diz Maturana, as ações não têm sentido em si, surgem espontaneamente, de momento a momento, no fluir dos domínios relacionais por onde passam e se conservam as interações recorrentes e recursivas consensuais nos afazeres diários, na proximidade do bem-estar, no compartilhar, adaptados num acoplamento social que conotam relações e operações no domínio da *emoção de amar*, como condição biológica na origem da família ancestral: “*Em outras palavras, digo que só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito*” (Maturana, 2002, p. 22).

3.2. LINGUAGEM: *domínio de existência humana*



O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. (Maturana, 2002, p. 25).

Nós, seres humanos, somos humanos no domínio relacional em que nos tornamos humanos: na linguagem. Pensar a origem da linguagem, na perspectiva da *biologia do amar* de Humberto Maturana, nos coloca a perguntar qual foi o modo de vida que surge na convivência de nossos ancestrais, que conservamos hoje como sistema vivente. Em suas palavras: "*Sem uma história de interações suficientemente recorrentes, envolventes e amplas, em que haja aceitação mútua num espaço aberto às coordenações de ações, não podemos esperar que surja a linguagem.*" (Maturana, 2002, p. 22).

O aprendizado espontâneo das crianças em domínio relacional da emoção de amar de nossos ancestrais, surge e passa a se conservar de geração a geração, como modo de convivência no prazer de estar juntos, no desfrutar a companhia do outro, na sensualidade, na carícia, no compartilhar o cuidado das crianças entre homens e mulheres, na proteção, na colaboração e confiança. O espaço operacional de coordenação consensuais de ações surgia na cooperação dos afazeres diários, de catar, coletar, triturar, moer, preparar, cozer, comer.

Dentro desse quadro, Maturana sugere que nossa origem biológica é amorosa, resultante de domínios relacionais recorrentes e recursivos como modo de vida afetuosa de nossos ancestrais. Nesse sentido, a constituição do social resultou de domínios relacionais onde predominavam as atitudes de acolhimento e aceitação: "*Sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social*" (Maturana, 2002, p. 31). Foi o modo de convivência colaborativa e a conservação de domínios relacionais com condutas e ações na *emoção de amar*, o que possibilitou o surgimento da linguagem. Nesse ponto, vamos refletir essa ideia de que com a linguagem surgem o fenômeno social e o fortalecimento das capacidades individuais.

Notemos: um observador pode perceber um modo de acoplamento social como conduta linguística, nos movimentos coordenados de caça, se atendo a atitude coletiva dos lobos, no modo de convivência dos babuínos, na maneira de desfrutar do prazer do

estar juntos dos primatas, como modo da convivência que se conservou como unidade de terceira ordem ou fenômeno social. Mas isso não diferencia animais e humanos. Por exemplo: quando dizemos que o leopardo caça, que se posiciona ao ataque, que corre e salta cravando as unhas e as presas, no mais das vezes certa, é uma descrição de *coordenação de ações consensuais*, que só tem sentido para nós humanos. Para o leopardo, o que faz é seguir sua história filogenética e ontogenética em conformidade a sua linhagem, num acoplamento histórico com sua presa, bem como, a correspondência de seu metabolismo que vai se alterando na dinâmica corporal, na sequência das relações em congruência as ações no meio. Nada disso precisa da linguagem. É o observador que faz a descrição e realiza as correlações dos diferentes momentos da conduta de caça do leopardo. Essa ação descritiva supõe o linguajar, mas como surge a linguagem em nossos antepassados e em que se diferencia das condutas linguística dos animais? Desdobremos essa questão.

Veremos que o surgimento da linguagem humana decorre da contínua cooperação e na coordenação consensuais de ações, que deram origem aos domínios linguístico, gerado na socialização recorrente, com o aumento das capacidade dos indivíduos, ocorrendo a “*ampliação de tais domínios até a reflexão que deu origem à linguagem - quando as condutas linguísticas passaram a ser objeto da coordenação comportamental linguística, da mesma forma que as ações no meio são objetos das coordenações comportamentais*” (Maturana y Varela, 1995, p. 243), o que promoveu uma transformação na deriva da linhagem de homínídeos, com o surgimento da linguagem humana. No texto “*Emoção e Linguagem*” Maturana (2002) especifica que a “*linguagem se constituiu quando se incorpora ao viver, como modo de viver, este fluir em coordenações de conduta de coordenações de conduta que surgem na convivência como resultado dela — quer dizer, quando as coordenações de condutas são consensuais*” (Maturana, 2002, p. 59).

O surgimento da linguagem está associado as coordenações de condutas consensuais com a conservação de geração após geração de domínios relacionais na convivência amorosa de nosso ancestrais. A linguagem supõe a convivência recorrente, intensiva, numa disposição corporal de colaboração e interação, onde os participantes vão se transformando de maneira recíproca, congruente com seu modo de vida e sua maneira de habitar um território, onde realizam suas atividades cotidianas de viver e conviver com outros de sua linhagem, em processos de *coordenação consensual de ações*. Mas isso é comum a humanos e animais, resulta do acoplamento social em que surge os domínios linguísticos.

Maturana entende a linguagem, não como símbolos, representações, mas como condutas coordenadas entre dois ou mais indivíduos. Nesse sentido, propõe dois níveis de coordenação: de um lado, o domínio linguístico de primeira ordem, que corresponde as coordenações consensuais de ações *básicas*, característica dos animais, como vimos nos cantos dos papagaios, na articulação de caça dos lobos, na convivência prazerosa dos primatas. Nesse caso, a expansão se limita a adição. De outro, o domínio linguístico de segunda ordem, que corresponde a linguagem humana, que supõe a *recursividade* nas coordenações consensuais de ações. Os dois domínios são muito amplos e variados, com grande riqueza expressiva, mas o primeiro tem um caráter aditiva, enquanto que o segundo supõe a *recursividade*, onde surge a possibilidade do novo. Aqui a possibilidade de expansão é multiplicativa.

Com isso nos deparamos com duas noções a ser distinguidas: qual a operacionalidade da *consensualidade* e da *recursividade* nas *coordenações de ações* entre dois ou mais indivíduos?

-) A *consensualidade* – essa noção supõe a distinção que caracteriza o domínio de condutas entre o organismo como totalidade e o meio, onde ocorre o fenômeno social, a unidade de terceira ordem no acoplamento social. Envolve os animais e os humanos, que implica a disposição corporal entre dois ou mais indivíduos num encontro, no qual suas interações recorrentes produzem algo comum (ação) que não é inato, instintual ou determinado geneticamente, mas aprendido, construída na relação. Essas condutas consensuais são chamadas ontogênicas, por resultar de um modo de aprendizado. Os autores comentam que a consensualidade pode ser associada como modo de conhecer, de aprender, surge de maneira espontânea, diferente do acordo, do contrato ou de aliança, que supõe intencionalidade e deliberação, que só ocorre depois da linguagem verbal surgir;
-) Em relação a *recursividade*, essa se refere aos fenômenos históricos, desencadeados em processos fluído, como veremos, do modo de vida que se vive ao conviver no conversar. Dinamicamente: de uma ação a outra, a segunda ação coordena a primeira, entrado em devir, produzindo processos e outros acontecimentos, mas sem configurar uma repetição fechada, mas em espiral. Não se trata de um simples acréscimo, mas de multiplicação, já que surge o novo. Maturana nos dá o exemplo do espaço numérico, diferenciando-os, onde, de um lado, ocorre a *recorrência do mesmo* ($a \times b = c$; $a \times b = c$; $a \times b = c$, etc.) e, de outro, distingue a *recursão que opera uma multiplicação* ($a \times b = c$; $a \times c = d$; $a \times d = e$, etc.). O que mostra que é

na recursividade que se produz algo outro, um novo. A recursividade opera uma *coordenação* na coordenação consensual de ação, o que faz surgir outro domínio de existência, que possibilita a linguagem.

Agora temos que pensar mais duas coisas: como ocorre as transformações recíprocas? E como a recursividade produz esse algo novo, isso que especifica a linguagem como domínio relacional, que se torna no meio que contém e no qual os seres humanos se realizam? Maturana⁵⁵ descreve um diagrama para explicar como surgem as transformações como fenômeno social de convivência e as interações recorrentes na consensualidade, num domínio de condutas estáveis. Supõe dois indivíduos (animal ou humano) que pertencem a um mesmo espaço de convivência, onde realizam coisas juntos, em interações recorrentes e recursivas, constituindo um processo histórico que produz transformações congruentes entre os participantes: Seja 'A' e 'B' indivíduos autônomos, sendo 'C' o meio. Então, 'C' é meio para 'A' e 'B'. Entendendo que 'A' faz parte do meio de 'B', como 'B' faz parte do meio de 'A'. Mas, dado a autonomia de cada indivíduo como unidade fechada em relação ao meio, não há inferências ou especificação de um sobre o outro. Cada indivíduo é um sistema determinado em sua estrutura, o que ocorre com 'A' depende de suas interações históricas particulares, isso porque 'A' conserva muitas outras experiências vividas que não incluem 'B'. O que ocorre na ontogenia de cada indivíduo, corresponde as modulações estruturais congruentes a conservação de suas relações constitutivas e adaptação ao meio, particularizando 'A' e 'B'. Importante notar⁵⁶: cada indivíduo (A e B) chega ao encontro (C) *independente*, segundo sua história particular de transformações, mas no acoplamento social são *dependentes* nas interações recíprocas. Essa *dependência* refere-se ao que se produz nas interações recíprocas, na composição da unidade de terceira ordem, o fenômeno social, que surge ao observador como as coerências operacionais-relacionais na coordenação consensual de ações. Esse aprendizado diz das mudanças, das transformações recíprocas:

Mas é interessante notar que este pertencer à mesma história, que se vê na congruência de conduta de dois ou mais organismos em convivência, é o resultado de uma história de mudanças estruturais congruentes num âmbito de interações recorrentes que, direta ou indiretamente, contribuem recursivamente para configurar as mesmas mudanças que surgem dessa história” (2002, p. 65).

⁵⁵ Maturana, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política / Humberto Maturana; tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 63-65.

⁵⁶ Maturana comenta: “No encontro de A e B, A não especifica o que ocorre com B, nem B o que ocorre com A. Os seres vivos somos sistemas determinados por nossa estrutura. Nada externo a nós pode especificar o que nos acontece. Cada vez que há um encontro, o que nos ocorre depende de nós” (1998, p. 65).

Mas como nos diferenciamos dos animais? Como surge esse outro domínio existencial, próprio aos humanos, que chamamos linguagem? Humanos e animais compartilham do domínio linguístico de primeira ordem, que não supõe a linguagem (verbal). Já o domínio linguístico de segunda ordem supõe a recursividade sobre a coordenação consensual de ações. Aqui surge a linguagem, dando um salto na deriva evolutiva dos seres vivos, onde os seres humanos passam por recursividade, a compor processo histórico de coordenação de coordenação, por isso o *linguajar*, as conversações no fluir na linguagem, são descritas como *coordenação de coordenação consensual de ações*.

A consensualidade é a recursividade, entrelaçam-se na composição de uma linha que conserva sua historicidade, resultante da convivência recorrente e recursiva, em que indivíduos diferentes encontram-se em coordenações de ações consensuais, onde passam a fazer coisas que sozinhos lhes seriam impossíveis de realizar. Nesse processo, não só os indivíduos mudam, como as consensualidades que compartilham vão se ampliando, multiplicando e diversificando, no processo recursivo de refletir o agir:

Afirmo que a linguagem acontece quando duas ou mais pessoas em interações recorrentes operam através de suas interações numa rede de coordenações cruzadas, recursivas, consensuais de coordenações consensuais de ações.... Ou seja, afirmo que nós, seres humanos, existimos como tais na linguagem, e tudo o que fazemos como seres humanos fazemos como diferentes maneiras de funcionar na linguagem. (Maturana 2001, p. 129)

A consolidação do coletivo de hominídeos e a expansão das capacidades individuais, nos mostra um salto, que acontece ao surgir da linguagem. Inicialmente coordenávamos ações como os animais, como condutas linguísticas de primeira ordem, pautados em gestos e proximidades. Mas, tudo indica, foi se compondo recorrências em que as coordenações de ações foram se tornando cada vez mais frequentes, e a cada vez que se coordenavam ações entre membros em um grupo, algo na *disposição íntima* para o encontro mudava, faziam outras coisas, surgia uma familiaridade, um espaço relacional diferente. As interações envolventes, nessa nova *disposição corporal íntima*, fez surgir algo novo. A recorrência operando sobre a própria recorrência num processo espiral, produziu uma diferenciação, que fez surgir a *recursividade*. A recursividade refere-se à aplicação de uma coordenação sobre uma coordenação, criando um processo histórico onde surge outro domínio, outra dimensão, fruto dos encontros em interações consensuais recorrentes. Uma intimidade que não ocorre só no coordenar ação, mas envolve a particularidade do estar junto, a proximidade, o prazer, a individualização do outro, das coisas e dos objetos, e a própria individualização. Surge o *espaço psíquico*, outro domínio de existência,

até então desconhecido na história da deriva natural. Um outro mundo multidimensional (subjetivo), que faz surgir a *reflexão* e a (auto) *consciência*. Foi com o surgimento da *recursividade* que as coordenações consensuais de ações, passaram a ser *coordenação de coordenação de ações consensuais*. Com a recursividade, surge outro domínio relacional, outro domínio de existência próprio ao modo de vida humano, que se diferencia do meio em que os animais operam sua coordenação de ações. Surge a linguagem.

O observador pode perceber que por baixo de uma coordenação de ação ocorre a recursão de coordenação de ações, o que surge é outro domínio, que resulta de coordenação de coordenação de ações consensuais, como o domínio em que todas os fenômenos da linguagem na vida diária ocorre. Isso demarca as condições de constituição da linguagem que surge entre indivíduos em coordenação de coordenação de ações consensuais, em deriva estrutural coontogênica. (Maturana 2007, p.53 – tradução nossa).

E semelhante ao que ocorre hoje, quando conhecermos alguém que nos agrada, de modo que na próxima vez que nos encontramos, não é o mesmo encontro, não o fizemos nas mesmas condições estruturais, nossa *disposição íntima* é outra. Entramos numa recursividade, onde o segundo encontro opera em cima do primeiro e compõe um processo histórico, que se estende como uma linha existencial que passa a se conservar e se torna no meio onde os seres humanos se humanizam. Esse novo encontro, não surge como sequência do anterior. Pela intimidade, o processo histórico produz algo que acompanha as coordenações de ações, mas não se confunde com essas. Do encontro anterior a esse outro, e no decorrer dos seguintes, vai se formando algo diferente, outras coisas acontecem, de modo que com a interação recorrente a intimidade aumenta, conservamos mais consensualidades: passamos a sentir que nos conhecemos. Foi mudando nossa atitude interna no encontro, vivendo com o outro, nesse novo espaço coletivo consensual de modulações recíprocas e congruentes, o que fez surgir a linguagem.

Retomando nosso diagrama, agora dando ênfase ao *espaço psíquico*. Notemos, a linguagem como meio das coordenações consensuais de ações ‘C’, com a recursividade das interações recorrentes entre ‘A’ e ‘B’, faz surgir essa intimidade de encontros sucessivos, que se refere a esse outro domínio existencial específico aos seres humanos “C²”, o *espaço psíquico*. O *espaço psíquico* como meio resultante de experiências mais íntimas, que ocorre enquanto domínio relacional, surge como resultado da trajetória histórica coontogênica, moduladas pelas transformações estruturais em congruências as interações recíprocas.

A linguagem não surge do corpo, não é uma propriedade intrínseca, mas resulta das condições biológicas do encontro, operando modulações estruturais recíprocas entre

os participantes, como resultado de fenômenos históricos de interações recorrentes e recursivas de nossos ancestrais. Tal modo de vida passou a se conservar de geração a geração como domínios relacionais, surgida na convivência na *emoção de amar*, que produziu, simultaneamente, a constituição do social e a expansão das capacidades individuais.

O que descrevemos até aqui, nos remete ao domínio existencial operacional-relacional, como modo de refletir sobre o nicho no domínio da coordenação consensual de ação e o salto, com a recursividade na linguagem, para pensar o *espaço psíquico*. Mas, fica a questão: aceitamos que o ser humano, como unidade discreta autônoma, se compõe em dois domínios de existência: o fisiológico e o relacional. Se a consensualidade e a recursão são operadores da leitura do domínio relacional, como ocorre as transformações no domínio biológico do determinismo estrutural, se esse é disjunto do domínio da linguagem? Esses dois domínios não se intersectam, modulam-se reciprocamente, e vimos que, de um lado, nos limites do determinismo estrutural, ocorria as correlações dinâmicas nas transformações plásticas na conservação da autopoiese e, de outro, congruência adaptativa no domínio de condutas, no acoplamento social. Duas dinâmicas diferentes, um interna outra externa. Como ocorre esse entrelaçamento estrutural?

Vamos aspectos dessa dinâmica, de maneira rápida, porque retoma os conceitos trabalhados no início desse capítulo: determinismo estrutural e acoplamento estrutural, para pensar melhor essas modulações por meio do nicho ou *espaço psíquico*. Com essa reflexão poderemos fechar esse ponto, com a noção de *linguajar* que surge entrelaçado com o *emocionar*, como o fluir nas emoções, que possibilita o *conversar*, o que supõe e faz surgir a reflexão e a consciência, juntamente as formas de semantização. Tais condições são meios para explicar o modo de fazer que expressa *Sentimentos*, que decorrem da distinção, descrição e explicação de algo de si por si mesmo, que expressam marcas de experiências vividas, que para nossos estudos são formas de desamor.

- a) *Determinismo estrutural* (autopoiese) - Isso significa que tudo que acontece com cada unidade autopoietica, depende de sua feitura, de seu modo de vida. Nada externo pode instruir, especificar a dinâmica de transformações estruturais, isso porque: “*na medida em que é um sistema determinado estruturalmente, qualquer interação apenas desencadeia nele uma mudança estrutural determinada nele mesmo*” (Maturana, 2001, p. 75). Nosso corpo é um sistema altamente composto, que surge, conserva e se mantém, na dinâmica constitutiva de uma forma de organização invariante e suas estruturas plásticas em variação contínua. Isso mostra que as variações que o corpo pode passar, surge de alteração dinâmica dos elementos

e nas relações entre elementos, que compõe as estruturas plásticas, que devem satisfazer a autoprodução, que correspondem as relações características da organização invariante da unidade sistêmica autopoietica. Conservamos essa ideia: o corpo humano como totalidade dinâmica não sofre determinação externa, mas modulação por interações recorrentes e recursivas num processo histórico, no qual as perturbações desencadeiam transformações estruturais internas ao corpo, sem comprometer as relações constitutiva, senão essa se desintegraria;

- b) *Acoplamento estrutural* (condutas adaptativas) – Na perspectiva do observador, esse pode distinguir a unidade composta ou sistema, num duplo olhar: nas interações entre componentes na formação de uma totalidade, enquanto dinâmica autopoietica e, também, pelo modo dessa totalidade se conduzir num meio, enquanto domínio relacional (emoções). Retomemos: a linguagem como “C” ocorre na recursividade das interações recorrentes entre ‘A’ e ‘B’, que faz surgir um outro domínio existencial específico aos seres humanos “C²”, como meio resultante de experiências de aberturas íntimas ao encontro, que ocorrem nos domínios relacionais pautados pela emoção de amar, como resultado da trajetória histórica congruente, coontogénica, em transformações contingentes as interações recíprocas: *“De modo que uma história de interações recorrentes é uma história de desencadeamentos estruturais, de mudanças estruturais mútuas entre o meio e o ser vivo, e o ser vivo e o meio”* (Maturana, 2001, p. 76).
- c) *Domínio de existência particular* (nicho) - As transformações ocorrem nos encontros recorrentes e recursivos, no modo de operar em coordenação **de** coordenação consensual de ações entre dois ou mais indivíduos, num meio mais amplos que os contém e no qual se realizam, que também se encontra em continua transformação. O *nicho* se diferencia do meio, por ser o âmbito mais próximo, o domínio relacional existencial do indivíduo, domínios dos encontros, das modulações, das consensualidades, da aprendizagem, da linguagem, da reflexão, da consciência; trata-se do *espaço psíquico*, resultante da deriva coontogénica em entorno, constituindo a história de transformações particulares de cada unidade autopoietica. Como refere Maturana: *“O que conotamos quando falamos da psique e do psíquico tampouco ocorre no cérebro, mas se constitui como um modo de relação com a circunstância e/ou com o outro, que adquire uma complexidade especial na recursividade do operar humano na linguagem”* (Maturana, 2002, p. 28). É importante notar que cada indivíduo-nicho chega no encontro *independente* com sua história

de transformações particulares (mas sempre coletivas, surgidas em outros encontros, em outros domínios relacionais que não esse que distinguimos), mas se tornam *dependentes* no processo de interações recorrentes, onde ocorrem as transformações no seu *espaço psíquico*, na convivência. Por isso, nos alerta Maturana, “*se não se dão as condições de possibilidade para que o ser vivo gere, realize e conserve seu nicho no meio, se o meio não se mostra estruturalmente acolhedor, o viver do ser vivo torna-se impossível*” (Maturana y colaboradores, 2009, p.10).

- d) *Dinâmicas de transformações no nicho* – Partindo da compreensão que mostra que o indivíduo como totalidade e meio, são disjuntos. Em encontros recorrentes entre os participantes de uma conversação, no qual são *dependentes*, ocorrem a recursividade, onde decorrem transformações recíprocas nas interações, compondo a unidade de terceira ordem. Do ponto de vista de cada participante do encontro, mesmo que as transformações sejam recíprocas, supõe de cada um à disposição íntima. Senão ocorrer a abertura para o encontro, as transformações não ocorrem. Isso significa que a dinâmica operacional-relacional indivíduo-nicho e meio ‘C²’ entram numa linha de modulação contingente a coordenação **de** coordenação consensual de ações no domínio de condutas (verbais ou não) do indivíduo como totalidade, no encontro com outros na conversação. Da mesma maneira, as formas de condutas realizadas no domínio relacional, pelo indivíduo como totalidade, opera transformação no domínio fechado das correlações internas no corpo desse indivíduo, que modula operando mudanças estruturais. Essa diz de sua trajetória ontogênica, sua história particular. Lembrando, o fisiológico não determina a condutual, nem o domínio relacional determina a plasticidade corporal. No entanto, pela maneira como indivíduo e meios entram, contingente-mente, em correlações congruentes, o fisiológico acompanha dinamicamente as condutas realizadas. Mas não especifica as condutas. As condutas se definem no encontro, no domínio relacional. O fisiológico configura a disposição corporal, em resposta a conservação de sua harmonia, perturbada pelas condutas do indivíduo no meio. Como as interações do indivíduo no meio se encontram constantemente mudando de domínio de ações, a dinâmica fisiológica opera correlações com a condutas realizadas, sem determinação. Tais modulações fisiológicas que surgem modulando a dinâmica corporal, é o observador que faz a correlação com a conduta realizada. O dinamismo no *nicho*, o *espaço psíquico* de cada indivíduo, no encontro, resulta dessas interações congruentes entre indivíduo e meio, que

envolve uma correspondência (pela invariância da conservação autopoiese e adaptação) com o dinamismo fisiológico. O que é vivido no *nicho*, depende das transformações na plasticidade do indivíduo em congruência ao modo de se conduzir desse indivíduo no meio e vice-versa: “*A história de um ser vivo é uma história de interações que desencadeiam nele mudanças estruturais: se não há encontro, não há interação, e se há encontro, sempre há um desencadear, uma mudança estrutural no sistema. A mudança pode ser grande ou pequena, não importa, mas desencadeia-se nele uma mudança estrutural*” (Maturana, 2001, p. 76).

O ser humano surge como modo de vida na linguagem. É importante ressaltar que a linguagem não está no corpo, não é uma propriedade intrínseca, surge em domínios relacionais. O corpo não determina a linguagem, nem a linguagem determina o corpo, são dois domínios disjuntos, mas existem e se modulam no processo histórico, em interações recorrente e recursivas de *coordenação de coordenação consensual de ações* que chamam *linguajar*.

A emoção, afeto & *Sentimentos* supõe a consensualidade e recursividade no acoplamento social. A consensualidade diz de convivência em interações recorrentes e a recursividade remete a historicidade em que indivíduos diferentes encontram-se e modulam-se num curso coontogênico, num meio que também se transforma. As coordenações de ações são consensuais no acoplamento social, porque resultam de domínios relacionais. A linguagem emerge dessa recursividade em consensualidade de interações recíprocas entre indivíduos.

Em síntese: essas relações e interconexões entre os corpos vão gerando domínios relacionais congruentes, distinguíveis como linguísticos e explicáveis recursivamente como descrições semânticas, mas como parte de processo histórico, da deriva cósmica num fluir de transformações recíprocas. Foi o que vimos, a linguagem não está inscrita como uma determinação genética *no* corpo; não é uma propriedade intrínseca, é um fenômeno relacional. Surge em interações recorrentes e recursivas, *no* conviver fluido com outros. Em sua pena:

embora a linguagem aconteça através das interações corporais e das mudanças corporais envolvidas nas coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações daqueles que estão linguajando, ela não acontece no corpo dos participantes, porque acontece no fluxo de suas coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações e o curso de suas coordenações de ações

entrelaça-se com o curso de suas mudanças corporais, ao surgirem estas no fluxo de seu linguajar” (Maturana, 2002, p. 130).

Dinamicamente, a linguagem não surge da experiência, mas da recursividade sobre a experiência. Surge da distinção das experiências vividas e das descrições dessas com outras experiências vividas. A linguagem surge no movimento reflexivo de distinguir distinções e fazer descrições de descrições, de explicar e explicar explicações, nas conversações recorrentes e recursivas entre indivíduos. A linguagem não se encontra *no* corpo, mas surge *do* corpo como totalidade, como dinâmica, nas relações com outros corpos, na descrição semântica de coordenações **de** coordenação de condutas consensuais, no acoplamento social.

Algo que retomaremos no ponto seguinte, mas que surge nesse momento como parte dessa discussão entre corpo e linguagem. A corporeidade sofre modulações correspondentes a suas capacidades de transformações estruturais. Enquanto arquitetura dinâmica variável, o metabólico refere-se à existência de interações entre seus próprios componentes, que muda de instante a instante, produzindo outras configurações ou interações químicas e hormonais *no* corpo. Mas não em resposta as relações *do* corpo num meio, mas em correlações autônomas e congruentes com o conduzir *do* corpo no meio. Até aqui notamos que corpo e linguagem pertencem a domínios disjuntos.

Do ponto de vista do corpo, notamos que as transformações corporais significam uma mudança estrutural, que se entrelaça em coordenações de ações e muda a coordenações de condutas consensuais, sem perda de organização de base. Notamos isso em mudança de olhar, num gesto, um tom, a troca de ideias, onde algo muda, a cada instante, na interação recorrente e recursiva entre dois ou mais indivíduos num meio. O corpo não lida com representações, mas com transformações internas, com configurações adaptativas a harmonia em bem-estar, sem fazer referência ao externo. A linguagem não pode estar *no* corpo, não é uma propriedade genética *no* corpo, mas surge das relações recursivas da unidade como totalidade com outras unidades, numa forma de acoplamento social. Nesse ponto de vista, as emoções, afetos & *Sentimentos*, podem modular o corpo ao operar como perturbação que produz transformação na dinâmica de interações moleculares, mas não tem sua origem *no* corpo, mas resulta de processo histórico de convivência em domínios relacionais de emoções em interações recorrentes e recursivas, que marca, que afeta, que se pode retornar no depois da experiência vivida, por meios de distinção, descrição e gerar uma explicação que expresse ou produza *Sentimentos*.

No primeiro movimento, notamos que a dinâmica corporal, fisiológica, se entrelaça com coordenações de ações, modo como efetua o esquema sensório motor. Lembremos: o corpo é estruturalmente determinado. As plasticidades das estruturas respondem a conservação da *independência* da organização autopoietica em correspondência a adaptação biológica. Aqui o corpo é autônomo, independente, se auto produz. Outra coisa, são as condutas no domínio relacional. Aqui o sistema indivíduo como totalidade é *dependente* ao entrar em interações consensuais recorrentes e recursivas no processo histórico coontogênico. Aqui se vive as emoções, os afetos e de onde se pode produzir *Sentimentos*.

São domínios disjuntos, não se intersectam, mas modulam-se. Essa modulação não é determinada pelo corpo biológico, mas pelo domínio relacional. Mas, nas coordenações de ações, o sistema indivíduo como totalidade sofre modulação por perturbação interna e externas. Esse diz de um segundo movimento que, sim, supõe domínios de relações (*emoções*) e a disposição íntima ao encontro, onde ocorre o acoplamento estrutural ou fenômeno social onde são *dependentes*, mas que marca, (*afeto*), no modo particular.

No processo fluido dos seres vivos em geral, corpo e ação se modulam, sem linguagem verbal – até aqui animal e humano não diferem. É a partir de um observador que distingue, que observa o curso das interações entre indivíduos num meio, que surgem recursivamente as distinções e descrições e descrições de descrições, como explicações que expressão *Sentimentos*. Esse segundo momento *corpo e linguagem* são congruentes, são descritos no fluxo do *linguajar*, como condutas semânticas. O *palavreado* ocorre do meio comum entre indivíduos e indivíduos e meio, no acoplamento social. Portanto, as modulações entre linguagem e corpo surge na linguagem humana, não no corpo. Veremos que os sofrimentos surgem com o linguajar humano.

O corpo modula-se na reconfiguração do dinamismo postural, em resposta a busca da harmonia biológico do todo, dentro da dinâmica estrutural própria as interações moleculares. Essa transformação não responde a estímulo externo, mas refere-se à plasticidade fisiológica de suportar perturbações do meio. A linguagem amplia em muito essa plasticidade do corpo em se adaptar as perturbações do meio. Mas são domínios disjuntos. Modulam-se, não se determinam. Nota-se porque a linguagem não é interior a nosso corpo, não é produção cerebral. Nos dizem, “*na rede de acoplamento social e linguístico, o mental não é algo que está dentro de meu crânio, não é um fluido de meu cérebro: a*

consciência e o mental pertencem ao domínio do acoplamento social, e é neste que se dá sua dinâmica” (Maturana y Varela, 1995, p.150).

Nesta perspectiva, o que se chama de afeto corporal é uma modulação no encontro entre corpos recorrentes e recursivos que marca, nutrindo ou intoxicando. Não que o corpo determine, por si mesmo, algum afeto (envenenamento ou ideia inadequada), mas transforma-se com as emoções que vive nos domínios relacionais em que age. Da mesma forma, as afecções que determinam afetos ditos mentais, surgem na recursividade do linguajar no fluxo da linguagem. Não no corpo, nem na mente, mas, simultaneamente, no corpo (imagens) e na mente (ideias), por meio do acoplamento social. Veremos que na distinção de uma marca ou afeto de emoção vivida, surge junto, nas descrições de afecções as circunstâncias em que essas marcas fazem sentido. Seja ele qual for, as imagens e ideias que surgem como afecção, ocorre no dinamismo de um tipo de relação. Desde então, temos um modo de operar: parte-se da marca, do afeto de emoções vividas em domínios relacionais, no qual se descreve a trama de ideias e imagens ligadas em correspondência ao domínio relacional onde faz sentido. Isso nos joga a ter que refletir o *linguajar* e o *emocionar*, para entender como ocorrem e se diferenciam as emoções das afecções e dos afetos, donde se pode produzir um modo de fazer em que deriva os *Sentimentos*, no domínio da linguagem.

3.3. LINGUAJEAR: *reflexão. consciência e condutas semânticas*



Ao conversar tocamos-nos uns aos outros. ao fazê-lo desencadeamos mudanças em nossa fisiologia. (Maturana & Verden-Zöller)

Cem vezes todos os dias lembro a mim mesmo que minha vida interior e exterior, depende dos trabalhos de outros homens, vivos ou mortos, e que devo esforçar-me a fim de devolver na mesma medida que recebi. Albert Einstein

Partimos da abstração de Maturana, que sugere que as coordenações consensuais de ação é um *domínio linguístico* de primeira ordem. O consensual é o importante, o que se produz como fenômeno social *ontogênico*, apreendida como parte da convivência entre iguais, num território que os contém e no qual se realizam, mas sem fazer a *recursividade*. O canto dos papagaios, a dinâmica na matilha de lobos, o congresso dos babuínos e demais primatas, surgem como unidade de terceira ordem. São ditos fenômenos sociais que ocorrem em domínios das experiências, o que distingue um modo de vida que opera em domínios relacionais por coordenação consensual de *ações linguístico* de primeira ordem. Esse domínio pode ser compreendido como da *experiência vivida*, ocorre no contínuo presente, no tempo zero. A experiência vivida surge em processos instantâneos, não respondem as expectativas, nem a promessas ou esperanças, acontece no agora de cada instante, na espontaneidade do viver no conviver com outros semelhantes. Mas as experiências vividas pelos animais não fazem a recursividade multiplicativa, não produzem o novo, só reações aditivas, mais do mesmo.

Nós, seres humanos, quando surgimos coordenávamos nossas ações como todos os demais animais. Mas, essa coordenação consensual de ações surgia dentro de um modo de conviver colaborativo, o que sugere a ampliação de domínios consensuais, de coisas realizadas e aprendidas juntos, que fortaleceram os laços sociais e ampliaram as potencialidades individuais. A convivência foi compondo uma intimidade das interações recorrentes que começam a multiplicar as condições de consensualidades, onde ocorrem as experiências comuns, um conhecimento compartilhado, que passam a se conservar. Supomos que esses conhecimentos que se conservam em torno do bem-estar da convivência se interconectam, o que nos faz pensar que ocorrem expansões no domínio existencial, em decorrência de interações recorrentes de coordenação consensual de ações, o que possibilitou o surgimento do *fenômeno da recursividade de segunda ordem*, que compõe um outro domínio linguístico (C^2), que passa a se conservar. O espaço psíquico se especifica aqui.

A linguagem é descrita como esse outro domínio existencial. Esse domínio linguístico de segunda ordem (C^2), que se torna o meio das interações entre seres humanos,

que além de operar por coordenação consensual de ações como os animais, passam a existir nesse outro domínio de ações linguísticas, que surge da consensualidade recursiva. Destaquemos o fato de que a máquina recursiva leva a consensualidade para outro patamar, onde surge a linguagem, a reflexão e a consciência, na *coordenação de coordenação consensual de ações linguísticas* de segunda ordem. Desde então, o fluir na linguagem distingue a ideia de *linguajear*.

O ser humano, para Maturana é o observador. O observador surge na linguagem, como o observar, quando ocorre a *recursão de segunda ordem*, que é o que chamam de *linguajear*, essa *coordenação de coordenação consensual de ações*, que possibilita a *distinção*. A distinção é um fenômeno do acoplamento social na linguagem. A distinção é um modo de entrar no linguajear. A linguagem acontece juntamente com a conservação do *observar* de um observador, que chega a *distinção* e, assim, passa a *linguajear*. Mais um passo. Com a *distinção* surge a possibilidade operacional da auto-observação *corporal*, como recursividade de terceira ordem. Na distinção de nós mesmos, surge na distinção que a recursividade do linguajear possibilitou – fazer um olhar, fazer um se olhar, fazer um olhar olhando, *dizer* do olhar olhando e se olhando... tem ressonância com o processo de distinguir, descrever e explicar... Como nos mostra os biólogos: “*Essa nova dimensão de coerência operacional de nosso linguajar é o que experimentamos como consciência e como "nossa" mente*” (Maturana y Varela, 1995, p.150).

Nessas condições, passam a surgir os *objetos*, que até então não existia. A ideia de objeto, nosso corpo, mente, coração, surge na linguagem. A maçã e a proibição surgem na linguagem. O pecado e o castigo também. Não há como fazer distinções, descrições, explicações, sem linguagem. Nada, para nós humanos, existe fora da linguagem. Por isso, a capacidade de distinção do observador supõe o observar e o linguajear, que distingue com o que distingue, onde surge o corporal, a recursão de terceira ordem, que segue operando *distinções de distinções*, onde surgem os objetos, as coisas e nós mesmos. Mas Maturana diz algo estranho: “*Por certo quando o observar e o linguajear ocorrem, os objetos ocorrem como distinções de distinções que ocultam as coordenações de ações que estas coordenam*” (Maturana, 1997, p. 53 – tradução nossa). Como assim? O que se oculta nos objetos distinguidos? Seria por isso que, inicialmente, desconhecemos ou ignoramos o que nos faz sofrer?

No livro “*Arvore do conhecimento*” (1995) encontramos uma explicação. Entendendo que nada externo e independente de nós pode especificar o que nos ocorre, pois,

somos estruturalmente determinados. Tomemos essa ideia como critério para distinguir dois modos de conhecer, herdado da tradição: a) o mundo como representação, onde as palavras expressariam as essências das coisas, tornado a linguagem um jogo simbólico, no qual nosso cérebro⁵⁷ teria essa capacidade de representar, não se sabe como, e; b) o idealismo que supõe um “eu” que pensa e delibera, operando a separação de sujeito e objetos, no qual se sugere que devemos buscar as ideias verdadeira como algo em si, fora da matéria, mas emanada de uma transcendência, no qual nosso espírito deveria, no melhor dos casos, imitar ou copiar.

Maturana y Varela, propõe algo diferente. O cérebro não produz representação, porque funciona em clausura operacional. Não existe o externo ao sistema nervoso que realiza suas transformações em torno das perturbações internas ao próprio sistema e, também, em decorrência de perturbações de outras células não neuronais, mas seja como for, sua transformação na configuração de sua rede neuronal, responde a manutenção da harmonia dinâmica do organismo como um todo, e não ao estímulo externo. Com a linguagem construímos os domínios linguísticos que vivemos, que surgem por meio da recursividade do observador. Maturana diz que o sistema nervoso não distingue significados, objetos, coisas, não opera com representação, por isso insiste: o sistema nervoso não pode distinguir *ilusão de percepção*.

Ainda, sendo a explicação da experiência disjuntos da própria experiência, isso nos mostra que só podemos explicar as experiências distinguidas pela recorrência e coerência de outras experiências vividas, o que equivale a dizer que, o que distinguimos, depende de nós mesmos. Ou seja, não sabemos o que não sabemos, não vemos o que não vemos, e os mundos que distinguimos, descrevemos e explicamos, surgem na nossa distinção, antes não existem para nós. Na distinção, as regularidades e coerências que o observador encontra, surge de sua maneira de produzir distinções, de sua constituição no momento em que distingue:

Biologicamente, não há meio de desvendar como ocorreram as regularidades do mundo a que estamos acostumados, desde os valores ou preferências até as tonalidades das cores ou os odores. O mecanismo biológico nos indica que uma estabilização operacional na dinâmica do organismo não incorpora a maneira como este se originou. Nossas visões do mundo e de nós mesmos não conservam registros de suas origens. As palavras da linguagem (na reflexão linguística) passam a ser objetos que ocultam as coordenações comportamentais que as constituem operacionalmente no domínio linguístico. (Maturana y Varela, 1995, p. 260).

⁵⁷ Maturana, como neurobiólogo, sugere: “A linguagem como fenômeno, como um operar do observador, não ocorre na cabeça nem consiste num conjunto de regras, mas ocorre no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas” (Maturana, 2002, p. 27).

Os autores falam de linguajar, de coordenação **de** coordenação consensual de ação, que não se reduz ao palavreado. Mas palavreamos! O que é isso que fazemos quando palavreamos? De fato, as palavras fazem parte do linguajar humano, mas não são determinantes da linguagem. Estando dentro da linguagem, com o linguajar surge os objetos e nosso corporeidade. Ainda, com a recursividade no linguajar surge a reflexão e a consciência. Vamos descrever de maneira rápida esses pontos porque se deduz do que conversamos até aqui.

Maturana y Varela ⁽¹⁹⁹⁵⁾ trazem ao debate os limites das ferramentas de pesquisas linguísticas, na perspectiva paradigmática das ciências clássicas. A ideia geral mostra que a linguagem é tratada como fenômeno simbólico, que surgem nas relações de signos que, para os biólogos⁵⁸, é secundário. No vivido, as palavras não são representações e nem surgem de um cérebro privilegiado, mas da dinâmica relacional. Nesta visão, a linguagem não é um instrumento que possuímos para se comunicar, não é algo intrínseco a natureza biológica humana, que se reduziria a capacidade de lidar com símbolos. Colocar a origem da linguagem na capacidade de simbolizar restringe a compreensão, porque o processo de simbolização pressupõe a linguagem. Não há simbolização fora da linguagem, mas há domínios linguísticos fora da simbolização. Daí a ideia de que antes dos símbolos, *os gestos e proximidades*.

As palavras são coordenações de ações, não são símbolos, nem representações, embora também sejam, mas descrições de um observador de situações comuns, entre indivíduos que interagem num entorno. Se as palavras não são representações, o que são então? O que é esse palavreado que surge nas conversações? Partimos dessa ideia: o objeto e a palavra que o designa, resultam do acoplamento em processo histórico, não em torno de equivalências ou analogias. As palavras, diz os autores, “*denotam elementos do domínio comum entre os seres humanos, seja objetos, estados de espírito, intenções e assim por diante*” (Maturana y Varela, 1995, p. 131). Como explica Maturana ⁽¹⁹⁸⁸⁾ no texto “*Emoção e linguagem...*”, com “*isto resulta que as palavras são nós nas redes de coordenação de*

⁵⁸ Maturana, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana - organização e tradução* Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, traz: “*os símbolos não preexistem à linguagem, mas surgem depois dela e nela como distinções, feitas por um observador, de relações consensuais de coordenações de ações na linguagem*” (Maturana, 2001, p. 131). Noutros texto, os biólogos referem, “*Quando descrevemos as palavras como designadoras de objetos ou situações no mundo, fazemos, como observadores, uma descrição de um acoplamento estrutural que não reflete a operação do sistema nervoso, posto que este não opera com representações do mundo*” (Maturana y Varela, 1995, p. 232).

ações, e não representantes abstratos de uma realidade independente dos nossos afazeres” (Maturana, 1988, p.90). As palavras não são símbolos, sem que antes surjam como parte descritiva de ações num domínio de condutas de coordenação **de** coordenação consensual de ações.

As palavras são *nós* na teia das operações-relacionais na linguagem, portanto, surgem em domínios de acoplamento social coontogênico. Ainda, diz o autor, o palavreado são distinções de coordenações **de** coordenações consensuais de ações, no fluxo de coordenação consensual de ações, por isso, nem os sons, as marcas ou os movimentos constitui as palavras, muito menos a linguagem, essas não surgem de si mesmos ou são determinadas por alguma parte do corpo, mas resultam em interações recorrentes e recursivas de coordenação **de** coordenação consensual de ações entre indivíduos, em circunstancia em que se encontram onde se encontram, no curso de uma história congruente em domínios de relações consensuais coontogênicas.

Importante manter clara essa ideia. A linguagem possibilita a distinção. Com a recursividade na linguagem surge o linguajar, modo como operamos as descrições do distinguido em relação ao domínio comum de interações recíprocas entre dois ou mais indivíduos num meio, no acoplamento social. Por isso o palavreado, as marcas, os movimentos ganham sentido no domínio relacional em que surgem, não denotam objetos independentes da experiência vivida num acoplamento social, não são representações, mas conotam coordenação **de** coordenação consensual de ações. Nem as imagens, nem as palavras tem sentido em si, supõe as circunstancias onde ganham sentido.

O linguajar não se reduz ao palavreado, mas opera uma recursividade sobre os domínios linguísticos, para produzir elementos semânticos, maneira com que surgem as descrições. E, por sua vez, as descrições podem se tornar objetos de outras descrições. É na *descrição de descrições* que surge a reflexão. O que possibilita a linguagem produzir a reflexão é o operar da recursividade sobre os domínios linguísticos, onde surge o *palavreado* como meio das interações recíprocas entre humanas. A recursividade no linguajar sobre nossa corporeidade, nos possibilita distinguir e descrever a nós mesmos e o domínio de ações onde faz sentido, nos dotando de condições de descrever descrições⁵⁹ e explicar explicações ampliando os domínios de interações na linguagem.

⁵⁹ Maturana nos coloca a questão da consciência de si nessa ampliação de domínios consensuais de ações a partir da distinção que: “*permite a quem opera nela descrever-se a si mesmo e às suas circunstâncias... as*

As descrições realizadas sobre lobos, babuínos, bem como, o *canto* de acasalamento dos papagaios e um linguajar dos papagaios, que nós seres humanos semantizamos, transformamos em *palavreado*. São dois movimentos: a) coordenar condutas consensuais *recorrentes* que formam o domínio linguístico de primeira ordem; b) se um observador resolver distinguir um domínio linguístico, o fará com experiência surgida de outros domínios linguísticos. Realizará a *recursividade* de coordenação de conduta linguística sob coordenação consensual de ações, onde surge o domínio semântico. É o fluir do *linguajar*⁶⁰ que possibilita o domínio semântico. Todo *palavreado* é uma recursividade, já que nenhuma palavra existe em si mesmo, mas surge em relação a um conjunto onde faz sentido.

A reflexão e o que chamamos de consciência surgem a um observador, nesse movimento recursivo das descrições semânticas dos domínios linguísticos. Desde então, “*é que existe linguagem, surge o observador, e os organismos participantes passam a operar num domínio semântico. E é somente quando isso ocorre que o domínio semântico passa a fazer parte do meio de conservação de adaptação de seus participantes*” (1995, p. 233). Disso ressaltamos duas coisas: que o *palavreado* opera como meio, na modulação do nicho, opera no *espaço psíquico*. Outra, é que a forma verbal é importante, mas não funda a linguagem, deriva dela como algo próprio aos humanos, mas se torna parte do modo como nós seres humanos lidamos com o meio que nos concerne. Daí as palavras⁶¹ serem tão fortes a ponto de acalantar e acariciar, mas, também, de judiar e fazer sofrer. O *palavreado* é condição de expressar *Sentimentos*, embora não seja das emoções nem dos afetos. Mas todos supõem a linguagem.

Em síntese: a reflexão e a consciência, surgem das coerências com que lidamos no cotidiano com nosso operar na linguagem, que são associadas à nossa identidade no processo reflexivo que pode se tornar consciente. De fato, o “*Surgimento da linguagem humana, bem como todo contexto social em que este aparece, gera o fenômeno inédito - até onde sabemos - do mental e da consciência de si como a experiência mais íntima do homem.*” (1995, p.150). Esses estudos mostram que na rede de interações linguísticas em que

descrições podem ser feitas tratando as outras descrições como objetos ou elementos do domínio de interações” (Maturana, 1995, p. 233).

⁶⁰ Maturana acentua o fluir da recursividade na coordenação consensual de ações: “*aquilo que o observador vê como o conteúdo de um processo de linguajar é uma distinção na linguagem, que um observador faz, das relações de um processo de linguajar numa rede de linguajar*” (Maturana, 2002, p. 130).

⁶¹ Maturana enfatiza a importância do operar no linguajar: “*As palavras que usamos não somente revelam nosso pensar, como também projetam o curso do nosso fazer*” (Maturana, 1988, p.90).

nos movemos, “*mantemos uma contínua recursão descritiva que chamamos de “eu”, e que nos permite conservar nossa coerência operacional linguística e nossa adaptação ao domínio da linguagem*” (1995, p.150). Para os biólogos, a linguagem não é o que temos como propriedade, nem o que se usa para se comunicar, mas algo muito diferente, a linguagem é o meio em que somos o que somos como seres vivos no linguajar.

No cotidiano, vivemos o fluir dos acontecimentos de forma espontânea. Sem esforço, no fluxo dos acontecimentos, de modo que “*Realizamos a nós mesmos em mútuo acoplamento linguístico, não porque a linguagem nos permita dizer o que somos, mas porque somos na linguagem, num contínuo existir nos mundos linguísticos e semânticos que produzimos com os outros.*” (Maturana, 1995, p.253). Nossas condutas linguísticas resultam do processo histórico de acoplamento social, em coerência operacional ao se conduzir congruente num meio. Ocorre que nosso acoplamento social pode fracassar, então, nos perturbamos. Nesse momento, paramos, nos colocamos em atenção, distinguimos a nós mesmo, num movimento de produção de consciência de si.

A autoconsciência não está no cérebro — ela pertence ao espaço relacional que se constitui na linguagem. A operação que dá origem à autoconsciência está relacionada com a reflexão na distinção do que distingue, que se faz possível no domínio das coordenações de ações no momento em que há linguagem. Então, a autoconsciência surge quando o observador constitui a auto-observação como uma entidade, ao distinguir a distinção da distinção no linguajar. (Maturana, 2002, p. 28).

Nessas situações, em que nos perturbamos em nosso modo de viver e conviver com outros, temos a oportunidade de refletir e nos dar conta de que nossas coordenações de condutas, o modo como lidamos com nosso entorno e nossas descrições semânticas, são inseparáveis das experiências vividas: “*Além disso, já que pertencemos a um domínio de acoplamento humano, podemos tratar a nós mesmos como fontes de interações linguísticas seletoras de nosso vir-a-ser... É também nesse domínio que o mental e a consciência operam como seletores do caminho que segue nossa deriva estrutural ontogênica.*” (Maturana e Varela, 1995, p.150)

Vale repetir. Experiência e explicação da experiência vivida existem em domínios disjuntos. A explicação não é representação, nem reconstrução das experiências, mas a geração da própria experiência na linguagem. Daí, distinguir uma marca, palavra ou movimento, supõe as circunstâncias onde fazem sentido. Essas circunstâncias são domínios relacionais, onde descrevemos por imagens e ideias, ao gerar uma explicação. Não podemos mudar a experiência, que é irreversível, mas a explicação da experiência pode mudar.

Ao distinguir uma marca, descrevemos em imagens e ideias que fazem sentido no domínio relacional de onde surgem, como condições de gerar explicação, que expressão *Sentimentos*. E se operarmos uma recursão sobre os sentimentos, produziremos outras explicações ou outras correlações entre imagens e ideias na descrição, que opera algo novo na distinção inicial, e produz outros *Sentimentos*.

Concluindo esse ponto, ligando a nosso foco de pesquisa. Na reflexão, com certa consciência, ocorre de alguém distinguir algo de si, uma experiência, e descrever com ideias e imagens, num palavreado, que produz uma explicação. Notemos: o modo de operar do observador ao fazer distinções na linguagem, segue o curso da recursividade do linguajar na conduta linguística⁶² como condição da descrição em termos semânticos, assim explica e, como explica, expressa *Sentimentos*. Nesse sentido, a explicação na linguagem é um processo gerativo, *não* é captação de algo objetivo e independente do observador. Não há como excluir o observador de suas observações. Esse surge e flui nos acoplamentos de terceira ordem, em domínios linguísticos, onde opera em recursividade no linguajar, na produção de condutas semânticas. Ou seja, distingue, descreve e explica. Importante: essas descrições não substituem, não reconstrói, nem representam a experiência vivida. A explicação da experiência não é a experiência, mas explicação, supõe a geração de uma coerência operacional reflexiva. Por isso, nos mostra Maturana, toda explicação é uma explicação de explicação. Se na primeira explicação alguém expressa *Sentimentos*, na sequencia explicativa cria, inventa, produz *Sentimentos*.

Já refletimos em diferentes momentos desse texto, que os biólogos mostram que a linguagem não resulta de jogos de representação, isso porque os jogos simbólicos requerem um acordo entre os envolvidos. E todo acordo entre os corpos dependem da linguagem. O simbólico não pode fundar aquilo do qual precisa para existir. Mas, na linguagem, a representação simbólica de um observador, surge como mais uma distinção de consensualidades, entre outros modos de distinção. Ariscaremos uma ideia. O domínio das representações, quando tem a pretensão de substituir o vivido, produz um desvio que transcendentalizar o *palavreado* no modo de reconhecimento. Reconhecimento não tem recursividade, é uma circularidade em que sua recorrência e uma repetição do mesmo. Pode ser

⁶² Importante marcar que o palavreado surge das interações recorrentes coontogênico e não de simbolização ou convenção representacional: “*Equivale a afirmar que as condutas linguísticas humanas pertencem de fato a um domínio de acoplamento estrutural ontogênico recíproco, que os seres humanos estabelecem e mantêm como resultado de suas ontogênias coletivas*”. (Maturana y Varela, 1995, p. 232).

aditiva, mas não traz o novo, não possibilita a invenção, a criação, só a imitação ou cópia. Isso porque a representação não remete o *palavreado* para o vivido, para a circunstância onde faz sentido, mas para uma rede simbólica independente do observador que interpreta e se interpreta nessa circularidade fechada. Diferente é a cognição que implica um fazer, não um ser, resulta da recursividade da coordenação **de** coordenação consensuais de ação. O linguajar recursivamente opera uma distinção de experiência vivida, onde surge junto imagens e ideias, modo como descreve e, assim, produz a explicação, que expressa *Sentimentos*.

Daí as palavras não determinam as coisas, nem as coisas instruem as palavras, elas surgem num domínio comum consensual, onde o observador é quem faz a ligação (palavra e coisa) segundo processos relacionais contingentes, por isso dizem os biólogos, “*o caráter aparentemente tão arbitrário dos termos semânticos (há alguma relação entre a palavra "mesa" e o objeto mesa?), é algo completamente previsível e consistente com o mecanismo que subjaz ao acoplamento estrutural.*” (Maturana y Varela, 1995, p. 232).

Importante notar: é do acoplamento social na linguagem que certas imagem e ideias nos ocorrem diante das circunstâncias onde elas fazem sentido. Pedro e Paula, por exemplos, não existem fora da linguagem: se vejo Pedro, com ele surge junto o domínio relacional onde Pedro faz sentido para mim. E se Paula surge, não é o mesmo domínio de relação; a Paula como imagem e como ideia, faz outro sentido. Podemos dizer que tais experiências compõem ou que decompõem minhas relações constitutivas, na medida que a modulação que resulta dos encontros pode produzir variações que aumentem ou que diminuam a intensidade vividas na recorrência e recursividade nos encontros. Mas uma coisa é o domínio relacional onde é vivido a experiência com Pedro e com Paula, outra é como foi sentida por mim. O que vivemos como experiência foi emoções, mas o que se conservou, ficou como marca, é o modo como me afetou. Se me faz sofrer, não posso voltar ao instantâneo da experiência vivida (emoção e ações afecções), mas só do que se conservou, como afeto no modo particular. E as imagens e ideias? Toda marca ou afeto, traz junto a circunstância em que faz sentido. Ao distinguir essa marca, surge junto a trama de ideias e imagem com que descrevo. O modo como descrevo se produz numa coerência operacional-relacional reflexiva que gera uma explicação. E como se explica, se expressa *Sentimentos*. Essa é nossa hipótese de pesquisa.

Lembremos: há *correlações* entre componentes no organismo para formar a unidade como totalidade autônoma, como há *congruência* na relação entre totalidade autônoma e meio. Essas correlações e congruências são em domínios disjuntos, mas se modulam, e é nesse processo histórico entre os dois domínios, que surge a unidade social, o *palavreado*, que aparecem como elementos na conversação. Surge na distinção do observador, no processo histórico e não porque tem capacidade simbólica de representar.

Daí a expressão de *Sentimentos* na explicação, não é uma representação da experiência, mas a geração dessa experiência na linguagem: “*Encontramos a nós mesmos nesse acoplamento, não como a origem de uma referência, nem em referência a uma origem, mas sim em contínua transformação no vir-a-ser do mundo linguístico que construímos com os outros seres humanos*” (Maturana y Varela, 1995, p.253).

A experiência vivida é irreversível, mas a explicação da experiência não. Ela só existe para nos humanos na linguagem, portanto, uma experiência só surge como experiência na distinção, que descrevemos como imagens e ideias, numa coerência operacional-relacional reflexiva, como explicação que expressa *Sentimentos*. A experiência não pode mudar, mas a explicação da experiência sim.

3.4. EMOCIONAR: *O fluir em domínios de ações*



Os seres humanos vivemos um tipo especial de emocionar que tem que ver com nosso viver na linguagem, com nosso sistema nervoso, com o particular de nossa corporeidade e com nosso modo de relacionarmos. Assim, em nós, o emocionar tem que ver com o que fazemos enquanto seres que vivem em mundo de coisas e de ideias, de tu e eu, de entes que surgem na linguagem, e de onde as relações humanas se vive em fluir de um contínuo a conversar que implica o pode implicar todas as dimensões da corporeidade, e, muitos espaços relacionais distintos que só existem na linguajar. (Maturana e Block, 2009, p. 131 – tradução nossa).

O modo de vida de nossos ancestrais se deu em domínios relacionais por meio de gestos e proximidades, em coordenações consensuais de ações primárias. Esse modo de conviver surgia do prazer da companhia, na colaboração, na confiança, no respeito pelo outro, na harmonia do bem-estar individual e coletivo, tendo como inspiração a natureza como um todo. Nesse ponto, vimos que a origem de nossa linhagem, que se conserva até hoje, se estruturou em maneiras de viver e conviver em domínios relacionais em que as ações cotidianas se pautavam na emoção de amar, *sem linguagem*. Maturana e Verden-Zoller⁽²⁰⁰⁴⁾, explicam que “*Na história da humanidade, as emoções preexistem à linguagem, porque como modos distintos de mover-se na relação são constitutivas do animal*” (Maturana, 2008, p.26).

Com a disposição íntimas para o encontro, em interações recorrentes, surgem as condições da recursividade, possibilitando a linguagem, como outro domínio existencial que, desde então, se torna nas condições do modo de vida dos seres humanos. Desde a fecundação ao nascimento, somos recobertos em conversações que envolvem a gestante e a gestação num meio. A criança vai sendo envolvida em domínios relacionais, que vão surgindo como entorno mais imediato, a maternagem. O meio mais amplo vai aparecendo com outros adultos, animais, coisas, no qual a criança vive *sem linguagem*.

Surgimos imersos em emoções na maternagem, no prazer do toque, das carícias, dos beijos, do cheiro, do olhar, assim, a criança vive a presença. Rapidamente começa a se movimentar, a emitir sons, a querer colo, mamar. Já nos primeiros meses vai ampliando sua desenvoltura sensório motora. Em seguida ganha mais domínios relacionais, surgem outras emoções, engatinha, explora seu entorno, tem iniciativas de se agarrar, se levantar, quando menos se espera dá seus primeiros passos. Nesse período expressam monossílabos, dissílabos, já esboça um palavreado desengonçado. A disposição íntima da convivência, faz a criança ganhar integração, sua corporeidade faz surgir a recursividade e começa a relacionar palavras e objetos, passando a operar na coordenação **de** coordenação consensual de ações, surge o linguajar entrelaçado no emocionar.

Essa simples descrição quer mostrar duas coisas: a) a origem da linguagem como condição do modo de vida humano na emoção de amar e a disposição íntima para o encontro que produz a recursividade, que faz surgir o linguajar, que se entrelaça desde as origens na formação do conversar.; b) que tal condição se mantém até hoje, a cada nascimento, o infante surge sem linguagem, onde o fluir da maternagem no emocionar é vital para a integração e amadurecimento da criança em seus esquemas sensorio motores que possibilitam a coordenação consensual de ações e, como parte do processo, a recursividade na coordenação consensual de ações, que faz surgir o linguajar. O linguajar já surge entrelaçado no emocionar, maneira como a criança entra no conversar.

Então, o que se refletiu até aqui, diz da origem de nossos antepassados, mas também nos ajuda a compreender o nascimento de cada vida humana na linguagem. Nesse ponto vamos descrever as bases reflexivas da noção de emoção, para refletir a maneira como Maturana diferencia de *Sentimentos* como um *modo de convivência no conversar*.

As emoções surgem nas interações que envolvem as circunstâncias em que todos os presentes participam na configuração dos domínios relacionais na convivência. A criança vai aprendendo com o emocionar dos outros com quem convive e, assim, vai configurando seu emocionar até surgir o linguajar, onde se entrelaçam no conversar. A humanização pode ser entendida como a ampliação do domínio de existência, com a multiplicação de domínios relacionais, que são considerados pelos autores como domínios de realidades.

Essa anterioridade do emocionar em relação ao linguajar, não é algo a ser pensado só em relação aos nossos ancestrais. A emoção de amar continua sendo a base de cada novo nascimento. Do ponto de vista da criança, por natureza biológica, surge como indivíduo num meio no qual supõe implicitamente um mundo acolhedor, uma maternagem suficientemente boa. Como todo modo de vida, cada criança traça o curso de sua história em epigênese, integrada num entorno que o contém e onde deve se realizar.

Na convivência com outros seres humanos, a criança começa o aprendizado espontâneo das emoções, pelas interações corpóreas recorrentes e recursivas, no acoplamento social, *sem linguagem*. No livro “Amar e Brincar” de Maturana e Gerda Verden-Zoller, referem (2004): “*A vida humana, como toda vida animal, é vivida no fluxo emocional que constitui, a cada instante, o cenário básico a partir do qual surgem nossas ações*” (Maturana, 2004, p. 23). Mas a conduta e ações não são determinadas pelo organismo, nem pelo sistema nervoso da criança. Essas emoções não são de origem fisiológica, mas ocorrem nos domínios relacionais consensuais de ações, em que a criança é acolhida e

cuidada na maternagem, junto ao entorno mais amplo, que vai surgindo como expansão de seus domínios relacionais de emoção.

A criança chega ao mundo espontaneamente. A criança vai fluindo na convivência com os adultos num meio acolhedor, ou *não*. Já em seus meses iniciais conta com a capacidade de coordenação consensual de ações primárias: o modo de olhar, de sorrir, de se mexer, de explorar seu entorno mais próximo. O sistema neurobiológico pouco a pouco vai acompanhando o processo de integração da criança no meio (a maternagem), possibilitando as articulações do esquema sensório motor, sem determinar. Assim, a criança, no processo de integração, vai configurando diferentes modos de *disposições corporais dinâmicas* em congruente com as contingências da criança no meio. Nesse contexto, Maturana retoma sua abstração sobre emoções, num sentido biológico: “*o que conotamos ao falar de emoções são distintas disposições corporais dinâmicas que especificam, a cada instante, que espécie de ação é um determinado movimento ou uma certa conduta*” (Maturana e Block, 2009, p. 26)

O que quer dizer *disposição corporal* e como essa *especifica domínios de ações* possíveis? Podemos destacar três pontos: a) as experiências vividas em domínios de ações são apreendidas espontaneamente pela criança na convivência com os adultos em seu entorno; b) esse aprendizado tem correlações com a composição de *coerência operacional interna*, que se expressa numa maneira de se conduzir, que surge ao observador como um *modo de emocionar*; c) esse modo de emocionar tem correspondência com diferentes *disposições corporais* dinâmicas, que *especificam ações possíveis*. Diz-nos o neurobiólogo: “*Estas distintas configurações de dinâmicas estruturais aparecem diante do observador como distintos modos relacionais ou emoções*” (Maturana e Block, 2009, p. 129)

Maturana mostra que as emoções não se expressão, mas *se vive*. Nesse sentido, é importante notar que tais distinções são produções de um observador. É o observador que faz a correlação entre a classe de condutas relacionais que percebe e denota um nome. Esse nome, amar, odiar, acolher, negar, conota um modo de relacionar-se que se distingue por um número limitado de ações possíveis. Não especifica a conduta porque essa não tem sentido em si. A conduta se torna ação quando ligada ao domínio relacional ou emoção.

Maturana diz que a emoção determina a ação. Cada conduta sensória motora não tem sentido em si, nem para o sistema nervoso, mas depende do domínio relacional onde essa ação, determinada pela emoção, ganha sentido. As emoções fazem parte do modo de

relacionar-se que, de momento a momento, determina a classe de ações possíveis. A conduta de se tocar, olhar, pegar no amar ou no odiar não mudam enquanto condutas, mas o sentido. Tem seu sentido como ação dessa ou de outra classe, em conformidade a emoção de base. Para o observador, a descrição do emocionar envolve essa relação entre conduta e domínio relacional, em que a ação ganha sentido. Mudando de emoção, muda o domínio de ações. Como a alteração de domínio de ações, muda o emocionar, muda o sentido da ação.

Vive-se o emocionar num processo dinâmico que sucede no fluir do contínuo presente em ato. É instantâneo, diz do vivido como experiência. Como refere Maturana:

Se queremos entender as ações humanas não temos que observar o movimento ou o ato como uma operação particular, mas a emoção que o possibilita. Um choque entre duas pessoas será vivido como agressão ou acidente, dependendo da emoção na qual se encontram os participantes. Não é o encontro que define o que ocorre, mas a emoção que o constitui como um ato.... Por isso mesmo, sustento que não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato. (Maturana e Block, 2009, p. 129).

Poderíamos perguntar qual o domínio de ações que define essa ou aquela emoção, e veremos que são domínios diferentes. É a emoção que especifica o domínio de ações possíveis, nesse sentido há limites, “Assim, ao falar de amor, medo, vergonha, inveja, nojo...conotamos domínios de ações diferentes, e advogamos que cada um deles - animal ou pessoa - só pode fazer certas coisas e não outras” (Maturana e Block, 2009, p. 26). A cada emoção se supõe certas ações possíveis, mas num limite, em que muda. Da mesma maneira, os domínios relacionais de encontros corporais, não ocorrem da mesma maneira para indivíduos diferentes, depende do como cada um se encontra estruturalmente nesse momento em que um vive as interações consensuais, que podem ou não se harmonizar, conforme a disposição íntima de cada um para o encontro.

Assim, ao mudarmos de emoções, mudamos de domínio de ações, mudando de disposição corporal interna, mudamos nosso modo de ver, de ouvir, de agir, de fazer, de querer, de pensar, de sentir, mudamos de domínio de existência. “Em outras palavras, é a emoção sob a qual agimos num instante, num domínio operacional, que define o que fazemos naquele momento como uma ação de um tipo particular naquele domínio operacional...” (Maturana, 2001, p. 129, 130). Isso também indica que as mudanças não são intelectuais, mas requerem transformações na dinâmica corporal, que supõe mudanças de domínios de interações entre os corpos em ações num meio que também se encontra em contínua mudança.

O emocionar surge com a recursividade no fluir das emoções, supõe a processo histórico, no qual passamos a conservar transformações no dinamismo estrutural contingente aos domínios relacionais de convivência. Esses domínios especificam posturas internas, que aparecem ao observador como disposições corporais dinâmicas, a partir de certo domínio em que se interatua: “*quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção*” (Maturana, 2001, p.16). Assim, as emoções tornam-se distinguíveis por atitudes, modo de se conduzir, relacionar-se, de interagir, de querer, que *especifica domínio de ações possíveis*. Podemos descrever distintos modos de emocionar, em diferentes situações, entre as pessoas, famílias, instituições, culturas, onde reconheceremos por sua tonalidade emocional, diz Maturana e Susana.

A questão da temporalidade. Para Maturana, o corpo existe no contínuo presente, sem passado nem futuro: “*Em nosso discurso cotidiano, embora falamos de emoções como estado e, ao fazê-lo, os distinguimos com duração potencial que observações posteriores podem modificar e, com efeito, modificam. Mas, dessa maneira, ao fazê-lo, damos ao emocionar uma certa rigidez saltitante de mosaico, sem fluidez nem multidimensionalidade*”. (Maturana e Block, 2009, p. 129). O que seria essa *duração potencial*? Como a emoção surge na circunstância, em ato no vivido, a emoção não pode se conservar, porque o fluir do viver é contínuo e vamos mudando continuamente de domínio de ações, de dimensões, no qual vai mudando o emocionar. Nesse sentido, a configuração dinâmica de um emocionar revela uma maneira de viver, como nos mostra Maturana: “*As emoções não são estados senão dinâmicas relacionais, e, portanto, estão em contínuo fluxo mesmo quando pareçam estacionados. Por isso alguém está continuamente, de maneira inconsciente, ajustando sua “mirada” do emocionar*” (Maturana e Block, 2009, p. 129).

Importante notar: ao inferirmos que a emoção não pode durar, partimos do entendimento de que a emoção é instantânea, que depende das circunstâncias em que ocorre, *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre no encontro. Mas, os seres humanos se definem por uma duração indeterminada, que conserva enquanto vive. Nossa hipótese: a emoção não dura, é vivida, mas quem vive essa ou aquela emoção, pode conservar no modo particular, em função de sua condição constitutiva de duração, mesmo que indeterminada.

Outro aspecto. Partimos da ideia de Maturana que diz que as emoções determinam as ações. As ações não são condutas físicas, essas não têm sentido. Uma ação é uma conduta com sentido. E o que dá o sentido de uma ação é uma emoção, um domínio de relações. Por isso, Maturana insiste que a emoção não o que se faz, mas o *que se vive* no que

se faz. As emoções, diz Maturana, é “*como se vive o que as condutas fazem nas relações, e não com o fazer mesmo que esta realiza*” (Maturana, 2008, p.123). A emoção sendo o que se vive, está se transformando no contínuo presente, por isso inferimos que a emoção é instantânea. Aqui encontramos uma abertura para os *afetos*, que se define como algo que ocorre na passagem de um estado de corpo a outro, operando transformações na dinâmica de sua variação contínua de existir. Essa vivência se conserva numa forma de sentir. Um *sentir que sente* a experiência vivida na emoção, no modo particular. Apostamos que esse *sentir que sente* pode ser pensada como afeto (no spinozismo de Deleuze), que corresponderia uma variação contínua na intensidade de existir, que pode ser observada no dinamismo corporal, como mais ou como menos que antes, mesmo que não se saiba quanto.

Ocorre que, para um observador, as emoções surgem de um domínio relacional, que se identifica topologicamente como *entre indivíduo* como totalidade e entorno. Do ponto de vista do observador de si, no instante da experiência vivida não se expressa, *vive* um modo de relacionar-se no encontro espontaneamente ou não, mas vive tranquilo ou tenso, *vive*. Se o viver é uma transformação contínua, a emoção é uma transformação contínua. O afeto se vive no modo particular, e conserva-se pela condição do modo de vida humano existir numa duração indeterminada, podendo fazer as correlações de um estado a outro de ânimo. Pode distinguir a diferença na passagem de uma emoção a outra. Há uma sutileza: a passagem de uma emoção a outra é o emocionar, é o fluir nas emoções. É a passagem de um domínio de ações a outro. Mas, a experiência vivida no modo particular dessa passagem, é um *sentir* que se conserva. Optamos por chamar essa experiência de emoção vivida de *afeto*, tendo como intercessor o spinozismo de Gilles Deleuze, como veremos o ponto a seguir.

Partindo dessa compreensão de que o vivido na passagem de estados corporais é uma experiência particular. É mudança na sua variação contínua de existir contingente a circunstâncias do encontro, que conserva como um modo de sentir particular. Esse sentir particular é determinado no fluir de uma emoção a outra. Mas conservada na correlação como afeto que distingue por um aumento ou diminuição de sua potência de agir e força de existir singular. Esse afeto, quando distinguido como experiência de emoções vividas, surge como expressão numa coerência operacional-relacional reflexiva. Como veremos, o afeto não tem forma, nem é representável, mas conserva imagens e ideia dessa experiência de emoção vivida. De certa forma, o afeto tem que enfrentar a máquina burocrática do mental, que supõe a linguagem. Tem que ser distinguido, descrito e explicado, para assim ganhar uma forma que expressa *Sentimentos*. Antes disso o afeto não é *Sentimento*,

mas um *sentir* a experiência de emoções vividas sem se expressar na explicação reflexiva. Nessa circunstância emoção e afeto não se distingue. Continua algo vivido, o que se sente, mas ainda não foi distinguido por um sentir que sente o que sente. O sentir sente que algo faz sofrer, embora ainda não saiba as causas.

Maturana traz o exemplo da hipocrisia, onde a emoção é representada e não vivida. O contexto é que a emoção é o que se vive não o que se expressa. Não dispomos de emoções para se expressar, se comunicar, mas vivemos emoções que os outros podem distinguir pela classe de conduta que ela conota. Por exemplo: no mundo das representações, podemos atuar de maneira a evocar emoções nos outros, como as emoções que vivemos no cinema, no teatro e no cotidiano de nossas relações interpessoais. Nesse contexto, podemos fingir emoções. Fingimos quando representamos certas configurações corporais, produzindo condutas de juízos de manipulação, indução, interpretação, de modo que uma emoção representada pode revelar uma ação hipócrita, já que a emoção e atuada e não vivida.

Outro caso: como o sistema nervoso não pode distinguir *ilusão de percepção*, no momento vivido, sua reposta é tão perfeita quanto pode ser em função do tipo de perturbação no qual reconfigura suas interações neuronais com vistas a efetuar um esquema sensorio motor, na busca da harmonia do todo do organismo que integra, não em resposta a perturbação que só tem sentido no mundo relacional. Nesta linha, o afeto não é biológico, mas relacional, diz dos encontros, embora envolva toda a fisiologia. O exemplo aqui é o da mentira e do erro. Podemos notar que num segundo momento, nossa conduta foi equivocada ou errada, porque comparamos com outras que consideremos mais adequada e aprendemos. Porém, se no momento de efetuar uma conduta, sabemos que essa não tem validade, mentimos. Assim, a diferença entre o erro e a mentira, é que no erro percebemos depois, na distinção, descrição e explicação, enquanto que a mentira, desde o início da conduta já sabíamos que não tinha validade. Hipocrisia e mentiras pertencem ao mesmo domínio de relações em que se finge que se age e se mente. Não é a mesma emoção, tampouco o mesmo afeto.

Na emoção vivida de modo espontâneo a paisagem é outra. A passagem de uma emoção a outra, no fluir do emocionar, se supõe modulações na dinâmica da disposição corporal. O que nos indica que cada emoção envolve uma certa dinâmica de configuração estrutural própria. Supõe a recorrência e recursividade de domínios relacionais. Em tais condições pode vir a se conservar. A emoção como domínio de relações conserva como algo coletivo, aprendido, extrínseco, por meio de classes de ações definidas em processo

histórico. Se sabe diferenciar *amar de odiar*. Enquanto afeto, se conserva como um modo de sentir na individualidade, porque esse modo dura, como um modo em que se *ama ou odeia*. O que pode nos ajudar a pensar as marcas, impressões psíquicas, que veremos como afeto, que altera a dinâmica do existir do modo de viver particular.

A emoção tem algo de espontaneidade, de sinceridade. Quando vivida, o emocionar envolve e faz com todo o corpo. Essa marca não é determinada pelo corpo, mas refere-se ao domínio relacional, indicada pelo acoplamento estrutural (organismo-nicho), resultante da recorrência e recursividade da convivência consensual do *modo de conviver no conversar*. Por isso, a compreensão de que todo afeto conserva ideias (afecções) de misturas de corpos, da ação de um corpo sobre o outro, mas não exclui de todo o corpo que vive. Nossa hipótese nos leva a pensar que o corpo afetado que vive os encontros, surge como algo que não se limita as misturas de outros corpos externos, mesmo que esses determinem a pensar e agir dessa ou de outra forma, segundo o domínio relacional de emoção em que está implicado. O corpo como unidade complexa autônoma (autopoiese e adaptação) não se confunde com o que se conserva na duração como afeto, enquanto ideia inadequada. Essa ideia nos surge porque no sofrimento, o observador de si, o indivíduo que sofrer, entra em enfrentamento ao que faz sofrer, ao que reduz sua potência de agir e força de existir, mesmo não sabendo as causas. Pode não saber ou ignorar as causas, mas o observador de si não desconhece que algo faz sofrer no modo particular.

Diante disso, Maturana propõe que cada observador de si, pode perceber as emoções nos outros ou em si mesmo: “*Convido-os a refletir sobre como vocês reconhecem suas próprias emoções e as dos outros. Se o fizerem, verão que vocês distinguem as diferentes emoções fazendo algum tipo de apreciação sobre o domínio de ações em que se encontra a pessoa ou o animal, ou fazendo uma apreciação sobre o domínio de ações que sua corporeidade conota*” (Maturana, 1988, p. 16). Bem, fazer isso implica distinguir algo em si por si mesmo. E se faz apreciações, terá que descrever por meio de ideias e imagens, que surgem nas correlações entre a marca do afeto e o domínio relacional onde faz sentido, no qual produz uma coerência operacional-relacional reflexiva, como meio de gerar uma explicação que expressa, o que Maturana chama de *Sentimentos*.

Maturana distingue emoção de *Sentimento*. A emoção não supõe a linguajar, embora esse linguajar se entrelace como o emocionar no conversar, a emoção preexiste a linguagem, e se tornou condição dessa. Já os *Sentimentos* pressupõem a linguagem, porque surge na reflexão, supõe uma certa consciência, quando distingue um modo de emocionar voltando-se para a relação consigo mesmo, tocando seu corpo e apreciando seu

emocionar, que explica no linguajar, modo como expressa *Sentimentos*. *Sentimentos* não são emoções, porque a emoção é instantânea e *Sentimentos* surgem depois, quando um observador de si faz uma distinção, descreve e explica marcas de experiências vividas em formas de desamor, como seus *Sentimentos*. Os *Sentimentos* têm esse algo de buscar o que se conserva, o que dura de modo particular, já que a emoção como experiência vivida seguiu seu processo em devir, o que se conserva fica como *síntese do tempo*, algo que tem correspondência a uma *síntese do instante*. Esse instante da síntese não é síntese do tempo, mas uma instantaneidade conservada no modo particular como intensidade. Para essa pesquisa, os *Sentimentos* surgem no movimento em que alguém se reporta em primeira instância ao afeto vivido no modo particular.

Bem, deixemos *Sentimentos* para depois dos afetos. O conceito de afeto vamos buscar em dois comentadores do spinozismo. Partindo de Chantal Jaquet que nos ajudará a compreender o ser humano como unidade psicofísica. Nesse ponto, vamos iniciar por distinguir paixões, que nos remete as maneiras de pensar a tristeza, onde veremos que em Descarte, a paixão tem como causa o corpo, por partículas sanguíneas, o que Spinoza não acompanha. Para Spinoza, a paixão é descrita como uma ideia inadequada, portanto, sua causa é mental. Veremos no segundo ponto da divergência, que diz dos meios de enfrentar as paixões. Para Descartes, a ideia é definida enquanto parte do domínio absoluto da mente sobre o corpo. Spinoza também difere, propõe que se busque um confronto entre ideias na mente, já que a paixão é uma ideia inadequada, que se explica como efeito separado de suas causas. Nesse olhar, a produção da ideia adequada surge como resposta, que será iniciada pelas *noções comuns*.

Em continuidade, veremos que Jaquet vai trabalhar as duas formulações dos conceitos de afeto em Spinoza, fazendo uma correlação com as afecções que são psicofísicas. Assim, as afecções podem ser consideradas desde três perspectivas: a condição psicofísica, envolvendo simultaneamente corpo e mente, ou do ponto de vista só físico corporal, ou só mental. Dentro desse quadro, busca mostrar que os afetos podem ser explicados levando em conta essas três maneiras de afetação. Lembrando que o indivíduo, como unidade composta, os domínios de ideias e do corpo, se compreende como uma e mesma coisa, porém distinguidos por atributos diferentes, ora pela extensão, ora, pelo pensamento, ora pela que se expressa em simultaneidade. Com Deleuze, vamos ver a diferença entre domínio das intensidades e domínio das relações, afeto e afecção, depois vamos distinguir noções comuns, seguida de uma breve descrição de casos.

IV. DOMINIO DOS AFETOS



Spinoza quer dizer algo muito simples, que a tristeza não nos torna inteligentes. Na tristeza estamos arruinados. É por isto que os poderes têm necessidade de que os sujeitos sejam tristes. A angústia jamais foi um jogo de cultivo da inteligência ou da vivacidade. Enquanto vocês têm um afeto triste, é que um corpo atua sobre o seu, uma alma atua sobre a sua em condições tais e sob uma relação que não convém com a de vocês. Desde então, nada na tristeza pode induzi-los a formar a noção comum, isto é, a ideia de qualquer coisa em comum entre os dois corpos e as duas almas. (Deleuze, 1980, p. 18.)

Entramos no problema de nossa pesquisa. Como situar os afetos numa perspectiva em que possa ser entendida como particular, sem alterar o conceito de afeto em geral de Spinoza? Nossa hipótese será distinguir as duas formulações de afetos explicadas por Chantal Jaquet, em dois movimentos: a) os afetos são comuns a todos os seres humanos. Isso está marcado pelos três afetos primitivos, *desejo, alegria e tristeza*, que são partes da natureza humana e do qual surge o discurso misto ou os afetos derivados; b) partimos dos conceitos filosóficos dos afetos mistos, como ódio, ciúmes, inveja, desprezo, aversão, medo, desespero, em sua definição particular, entretanto, em psicologia, os afetos primários e os mistos servem de baliza, mas não são operativos, uma vez que não basta dizer que alguém esteja vivendo em ódio, ciúmes, inveja, desprezo, aversão, sem que esse alguém construa a trama em que esses afetos acontecem (afetos contraditórios) e o drama em que vive em domínios relacionais.

A construção do *drama dos afetos* nos remete a um outro patamar, que surge na explicação da *trama das afecções* pelo qual cada indivíduo vive tais afetos em seu modo particular. Há os afetos primários que assumem a condição universal, no sentido em que se constata em todos os seres humanos, mas *não* no sentido de que todos tenham as mesmas experiências vividas de tais afetos primários. Da mesma maneira, os afetos mistos assumem a condição particular: amar não é odiar, nem a segurança é desespero, mas em psicologia, *não* se torna suficiente para o trabalho com Sentimentos partir do conceito de cada afeto primário ou misto.

Queremos sugerir um entrelaçamento conceitual, onde os *Sentimentos* supõem a explicação dos afetos pelas afecções, uma vez que a afecção determina o afeto, embora com esse não se confunda. Ocorre que a afecção é determinada num domínio de ações, definida como emoção, onde surge e faz esse e não aquele sentido. A emoção determina a afecção e a afecção determina o afeto – essa é a ordem da experiência vivida. O instântaneo, em ato, o presente enquanto vivido. Diferente são os *Sentimentos*, esses supõem

um movimento inverso, no qual o tempo é recortado. Embora os *Sentimentos* sejam vividos no instante em que surgem, ocorre de imediato, sua composição supõe a linguagem, a reflexão e certa consciência de algo já vivido. Dinamicamente: parte-se do presente ao distinguir um afeto, uma marca de desamor, onde evoca-se um passado para compor uma descrição onde surge a trama de afecções de ideias e imagens que ganham sentido em correlação e em correspondência a domínios relacionais de emoções, pela linguagem, configurando um mapa, no qual surge a explicação que expressa *Sentimentos*.

Veremos que se parte do particular, do afeto que o observador de si distingue como mudança de intensidade. Essa intensidade ao entrar numa descrição, ocorre numa trama de ideias e imagens em correspondência a domínios de ações de emoções vividas, que determinam o sentido das ações, das afecções. A descrição é do afeto de formas de desamor, distinguido no modo particular como o que faz sofrer a alguém singular: um ser humano. Daí a descrição do distinguido, gera a explicação que expressa *Sentimentos*. De outro modo, se não houver uma explicitação do como e em que situações, cada um sente seus afetos primários de desejo em estado de tristeza, os *Sentimentos* não surgem. Os *Sentimentos* surgem na explicação em que expressa a trama de imagens e ideias num domínio de relações (emoções) que lhe concerne como história pessoal, que se conserva como drama dos afetos mistos vividos no modo particular.

Sem alterar a ideia de afeto como conceito filosófico, mas, para o trabalho em psicologia, se torna necessário que tais conceitos sejam desdobrados na explicação, onde não surge o amor, o ódio em geral, mas o *como, onde e quando* se dá essa forma de amar e de odiar, na existência desse indivíduo em particular. Outro aspecto que temos que trabalhar. O afeto depende de uma afecção, mas na perspectiva das tristezas, quando nossa potência de agir e força de existir se mostram em condições relacionais que se vive como diminuído, conserva-se uma ideia dessa mudança. São ideias que envolvem um afeto que dura. Uma ideia afeto se conserva e se diferencia das afecções que são instantâneas, num domínio de ações em que faz esse e não outro sentido, que marca.

O que se vive em ato são afecções paixões. São condutas, relações entre os corpos num meio fluido e dinâmico. Seus efeitos, na tristeza, conservam-se em torno de uma passagem de um estado a outro do corpo, uma mudança na intensidade na variação contínua de existir, que dura ao observador de si, que conserva como marca de afeto do que faz sofrer. Na tristeza, parte da potência do indivíduo particular está consagrada a anular as forças das marcas do que o faz sofrer. Quando busca ajuda, o faz depois da experiência de afetos de afecções contrárias terem sido vividas. Ao trabalhar as tristezas, não se volta

à experiência instantânea das afecções, mas à marca dos afetos vividos em contradição, que se conserva como marca do que faz sofrer. Isso é importante para nossa pesquisa. Destacar esse movimento da explicação, o modo de operar sobre o que se conserva, as marcas, e não sobre a própria experiência vivida, que já passou e, enquanto tal, é irreversível. A explicação não substitui, nem pode modificar a experiência vivida em formas de desamor, mas pode mudar a configuração afetiva presente de um modo de viver que surge como explicação que expressa *Sentimentos*. Daí expressar os *Sentimentos* não são respostas, mas caminhos, meios de produzir as explicações e transformar as explicações, pois essas, sim, podem mudar. Os *Sentimentos* são meios.

Iniciaremos de maneira direta, distinguindo os termos afetos e afecção, tal qual estão pensados em sua história nominal, tendo por material um tópico do texto de Chantal Jaquet que não é diferente de quando Gilles Deleuze sintetiza o percurso desses termos “*affectus*” e “*affectio*”, afeto e afecção, em sua aula sobre o spinozismo.

Descreveremos esse capítulo, partindo do ponto em que Jaquet trabalha a unidade psicofísica e a ideia de paixão em Descartes e Spinoza, marcando as diferenças. Sendo a paixão o que está implicado no que faz sofrer, as paixões enquanto afetos tristes devem ser situados no contexto da reflexão do spinozismo. Em Descartes a paixão tem por causa o corpo. Diferente para Spinoza, para quem a paixão é uma ideia inadequada, supõe o mental no atributo pensamento. Descartes supõe um império da razão que poderia dominar as paixões do corpo, já em Spinoza, não se trata de império, mas a superioridade da ideia adequada sobre a ideia inadequada, onde o trabalho se dá no nível das ideias, no domínio mental, sem determinar ou ser determinado pelo corpo.

Seguiremos a descrição da dupla definição de afeto: uma no início e outra no final da *Ética* III, mostrando que apesar de suas diferenças, elas constituem um todo coerente. Distinguindo afeto de afecção, a autora propõe mostrar sua tese das três modalidades de afeto: o psicofísico, só psíquico e só físico, no mesmo caminho em que define afecção. Isso porque uma afecção envolve um afeto e não há afeto sem afecção, embora sejam de natureza distinta. Nesse ponto, nos limitaremos a marcar as distinções e a congruência do todo, destacando a diferença entre afetos em geral e como podem ser distinguidos como vividos no modo particular a cada ser humano.

Com Deleuze destacaremos dois movimentos rápidos: a diferença na existência do modo em seus dois domínios: intensivo e relacional e sua dinâmica existencial. Consideramos esse ponto importante, porque nos coloca a distinção entre intensidade enquanto grau de potência singular e domínios relacionais onde as emoções são vividas,

mas descritas por ideias e imagens, maneiras de afetar e ser afetado no modo particular. Na sequência, após distinguir sistemas de intensidade de sistemas de relações, descreveremos os conceitos de afeto (que ocorre no modo intrínseco, na modulação de intensidade de existir) e afecção e noção comum (que ocorre extrinsecamente em domínios relacionais de emoções) destacando a condição “afeto” no modo particular e “afecção” como ligado a domínios relacionais de emoções vividas.

4.1. **Nominalização:** *afeto, emoção & Sentimentos*



Meu coração é escrito a lápis. Apago nomes, escrevo outros, apago e reescrevo. Quantas vezes eu quisier. Na verdade, eu apago sem querer, e escrevo sem perceber... Duas vezes se morre: Primeiro na carne, depois no nome. Os nomes, embora mais resistentes do que a carne, rendem-se ao poder destruidor do tempo, como as lápides.
Manuel Bandeira

No capítulo III de “*A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*”, Chantal Jaquet⁶³ ressalta as diferenças em Spinoza do uso terminológico para designar os movimentos intensivos no homem: *afeto, paixão, emoção, sentimento e afecção*. De modo geral, nos mostrará que *afetos* podem ser intercambiáveis com *emoção* e *sentimento*, mas *não* com *paixão* e *afecção*.

- a) *Afeto e paixão* – Tais termos não podem se recobrir, uma vez que, para Descartes, a paixão tem origem no corpo, enquanto que em Spinoza a paixão concerne à mente, e resulta das ideias inadequadas. O termo paixão é, também, considerado inadequado, porque não viabilizaria, como na *Ética*, o esquema da passagem dos afetos passivos aos afetos ativos, por meio das ideias adequadas. Portanto, como mostra Jaquet, paixão e afetos não se recobrem, na perspectiva de Spinoza;
- b) *Afeto e emoção* - a palavra emoção tem raras aparições, mas é compreendida por Jaquet⁶⁴ como intercambiável em relação ao afeto, como mostra “*o verdadeiro conhecimento do bem e do mal excita emoções da alma*” (*animi commotiones*) (*E*

⁶³ Jaquet, Chantal. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Tradução Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

⁶⁴ Chantal Jaquet, retoma as passagem em que Spinoza usa emoções nas mesmas condições que afeto: “a proposição 2 da *Ética V*, onde se refere a “uma emoção da alma ou um afeto” (*animi commotionem*, seu *affectum*); no escólio da proposição 20 da *Ética V*, onde sustenta que “os afetos são fortes [...] quando comparamos entre si os afetos de um só e mesmo homem e o encontramos mais afetado *ou comovido* (*affici sive moveri*) por um do que pelo outro”; no Tratado político, capítulo I, parágrafo 4, onde ele afirma ter “considerado os afetos humanos (*humanos affectus*) como o amor, o ódio, a cólera, o ciúme, a glória, a misericórdia e o resto das emoções da alma (*animi commotiones*) – não como vícios da natureza humana, mas como propriedades que lhe pertencem a mesmo título que o calor, o frio...” (Jaquet, 2011, p. 67).

IV, prop. 17, esc.). Ora, visto que o verdadeiro conhecimento do bem e do mal é definido como um afeto, é claro que os dois termos remetem um ao outro e se recobrem” (Jaquet, 2011, p.67). Nesse texto, Jaquet usa muitas vezes emoções e sentimentos no lugar de afetos;

- c) *Afeto e sentimento* – Nesse caso não há tanto inconveniência, diz Jaquet, embora sentimento ganhe a conotação de passividade ou receptividade, sendo inapropriado, o que poderia ser dissonante com a atividade do afeto nas ideias adequadas. Outro aspecto, diferente das paixões que têm por causa o corpo, os sentimentos têm o problema de serem compreendidos mais em relação à mente, sem destaque para o aspecto corporal. Por fim, sentimento difere de afetos, porque além de ser algo ligado à alma, “*remete a suas efusões e permanece, portanto, marcado por uma certa subjetividade pouco compatível com a vontade spinozista de tratar a vida afetiva à maneira geométrica*” (Jaquet, 2011, p. 67).
- d) *Afeto e afecção* - Jaquet destaca que os comentadores são unânimes em discordar de Charles Appuhn, que optou por traduzir as duas palavras latinas “*affectus* e “*affectio*”, pelo mesmo termo “*afecção*” (Jaquet, 2011, p. 67). Afecção remete a estados do corpo e afeto a aumento e diminuição de potência. Embora todo afeto suponha uma afecção, nem toda afecção produz um afeto.

Assim, em Spinoza a paixão não tem por causa o corpo, mas a mente, e possibilita a passagem reflexiva à condição ativa da potência de agir, por meio de ideias adequadas. Em relação à emoção, os termos se recobrem por convenção, pelo uso, não sendo explicitado o porquê de tais termos serem intercambiáveis. Já em relação aos sentimentos, esses têm o problema de só referirem-se à mente e terem um caráter mais subjetivo, o que não é apropriado ao conceito geométrico de afeto em Spinoza. Por fim, afeto não é afecção, porque afecção remete ao extenso, a imagens e ideias dessa imagem, já o afeto remete a variação na intensidade, no modo particular.

Aqui nos possibilita perguntar: essa diferença não seria um indício de que as afecções assumem uma conotação externas, supõe a consensualidade, no modo em que as imagens e ideias se tramam de tal sorte que ganham sentido em domínios de ações consensuais, enquanto os afetos, por referirem-se a aumento e diminuição no grau de potência singular, remeteriam a algo de particular?

O termo “*affectus*”, afeto, predomina na obra de Spinoza. Mantém a relação etimológica “*que une os substantivos “affectus”, “affectio” e os prende ao verbo “afficere”*” (Jaquet, 2011, p. 67). Chantal Jaquet fará uso dos termos emoções e sentimentos, em diferentes

momentos, no lugar de afeto, entendendo que para a filósofa, os termos se recobrem. Para nossa pesquisa, a emoção não se confunde nem com afeto, nem com afecção, nem com sentimentos. Embora *afeto e emoção*, num primeiro momento, possam *não* ser distinguíveis, não são intercambiáveis quando são descritos na explicação que expressa *Sentimentos*. *Sentimento* sendo expresso, no depois, numa explicação, não se intercambia nem com *afecção ou paixão* que são vividos instantaneamente, em ato, num domínio de relações (emoção) onde ações (afecções) são realizadas. Daí emoção, afecção, afetos & *Sentimentos* não se confundem, embora surjam num processo em entrelaçamento, que se expressa na explicação de afeto de afecção de emoção vivida, um modo de *sentir que sente* (afeto) *que algo faz sofrer* (afecção), *no modo que sente que vive* (emoção) formas de desamor, como parte do modo de conviver no conversar entre seres humanos.

4.2. Psicofísica e as Paixões no spinozismo - Chantal Jaquet



Chantal Jaquet, no texto “*A unidade do corpo e da mente – Afetos, ações e paixões em Espinosa*” nos conduz a compreender a condição psicofísica do indivíduo e a trama das afecções e afetos. Apresenta o problema de estudo, lembrando que em diferentes campos e linhas de pesquisas, Spinoza surge como quem anteviu coisas que só agora no contemporâneo se tornaram objeto de reflexão científica. Destaca, como exemplo, o neurobiólogo português Antônio Damásio, que se reporta ao autor da *Ética* como precursor da neurociência contemporânea, no seu livro “*Ao encontro de Espinoza*”⁽²⁰¹¹⁾. Nesse texto, se nota o entusiasmo do autor português, que se empenha em dar conta da provocação spinozista, quando pergunta “*o que pode um corpo?*” Damásio propõe uma perspectiva cerebral, de onde deduz a origem das emoções, afetos e sentimentos, numa perspectiva da qual Jaquet não compartilha.

Jaquet inicia sua reflexão, colocando o problema em torno da “*natureza da união do corpo e da mente*”. Parte da condição psicofísica humana, reportando-se à *ética* de Spinoza, na qual situa que “*a Mente e o Corpo são um só e o mesmo indivíduo, o qual é concebido seja sob o atributo do Pensamento, seja sob o da Extensão*” (Scf. E II, prop. 21, esc.). De um lado, a identidade na união psicofísica, de outro, duas maneiras diferentes que se expressam segundo seu atributo.

Há muitas sutilezas que nos conduzem a nos deter cautelosamente em três movimentos: a definição de mente, a união na identidade mente e corpo e as diferenças expressivas. Em relação à mente (*mens*) situa que essa corresponde ao atributo pensamento e se produz como *ideia do corpo*. A mente é *ideia do corpo*. Nesse sentido, diz Jaquet, a mente

não pode ser reduzida a uma simples percepção, mas ganha o estatuto de conceito, enfatizando a potência de pensar na produção das ideias que “*o homem se faz sobre seu corpo – e, por extensão, do mundo exterior – através dos diversos estados que o afetam. A ideia, com efeito, se define como um conceito que a mente forma porque ele é uma coisa pensante (cf. E II, def. 3)*” (Jaquet, 2011, p. 13). Essa compreensão de que a ideia surge da mente e a mente, a princípio, surge da ideia da imagem do corpo, possibilita situar esse movimento de voltar-se ao domínio relacional consigo mesmo, onde o observador de si distingue algo de si, uma experiência e descreve por si mesmo, com outras experiências vividas, onde gera uma explicação que expressa *Sentimentos*.

Jaquet mostra como Spinoza indica que a *união mente e corpo* se dá no modelo da relação entre ideia e o objeto⁶⁵. Tomando o exemplo de Spinoza, diz que o círculo como a *essência formal* e a *ideia do círculo* como essência objetiva, enquanto unidade, não constituem dois seres diferentes, tratam-se de um só e mesmo indivíduo, “*A mente, enquanto ideia, é, portanto, a essência objetiva do corpo, isto é, compreende a título de objeto de pensamento tudo o que a essência do corpo compreende formal ou realmente, segundo a mesma ordem e a mesma conexão*” (Jaquet, 2011, p. 14). Mas tal formulação não é evidente, há uma sutileza a ser desdobrada⁶⁶. Ora, dizer que a união mente e corpo assume o modelo da relação ideia e seu objeto se tornou fonte de vários problemas, seja porque pode levar a supor que sendo a mente ideia do corpo, essa pode determinar o corpo ou, ao contrário, o corpo ou imagem tendo por realidade formal a matéria, pode definir a ideia e com isso a mente. Mas não se trata de nenhum dos dois casos. A questão que a autora desenvolve, remete a como se concebe a compatibilidade da igualdade na união psicofísica e a alteridade na diferença entre corpo e mente, seguindo o modelo ideia e objeto, num mesmo indivíduo como unidade composta autônoma.

A diferença se assenta nas duas maneiras de conceber a realidade, de um lado, o corpo como realidade formal e a ideia desse corpo, como realidade objetivo e diz: “A

⁶⁵ Jaquet retoma a proposição 13 da Parte II, no qual Spinoza define que “*o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo*”, ele conclui no escólio que “*disso não somente inteligimos a Mente humana se unida ao Corpo, mas também o que se há de inteligir por união da Mente e do Corpo*”. (2011, p. 13). Mas, afirma que tal modo de expressar não torna evidente a natureza da união entre uma ideia e seu objeto.

⁶⁶ A sutileza se mostra no fato de que “*Para Espinosa, toda coisa possui uma essência formal, que exprime sua realidade, e uma essência objetiva, que é a ideia dessa realidade*” (Jaquet, 2011, p. 13). Mas entendendo que a substância infinitamente absoluta se expressa com infinitos atributos, cada um em seu gênero, os atributos extensão e pensamento, que corresponde ao modo de vida humano, não se reduzem, não se limitam, pois assim perderia sua condição infinita. Há diferença, o ser formal da ideia deve ser entendido como propriedade do pensamento, como o ser formal da extensão a matéria, do contrário teríamos que aceitar a determinação de um sobre o outro, seja da ideia sobre o corpo, porque a mente é ideia do corpo, ou do corpo sobre a ideia, porque a ideia dependeria do corpo. Mas isso não procede.

essência objetiva de uma coisa não é, pois, nada outro que a ideia dessa coisa” aqui mostra a diferença, “*e se distingue da essência formal, que visa à coisa em sua realidade material ou sua forma*” (Jaquet, 2011, p. 13). Se trata de um só e mesmo indivíduo que se expressa de duas maneiras diferentes, mas não possuem a mesma realidade formal, por isso corpo e ideia não se reduzem um ao outro.

A diferença atributiva mostra o segundo movimento que nos remete à alteridade entre corpo e ideia⁶⁷. Se o corpo é uma realidade formal, tem forma, a ideia objetiva, ideia do corpo, “*Sendo distinta de seu objeto, ela possui uma essência formal própria e pode ser, por sua vez, o objeto de uma ideia*” (Jaquet, 2011, p. 14). Quer dizer, a realidade objetiva que a mente forma é a ideia do corpo, que tem por intensidade ou potência uma realidade formal própria (entendimento infinito de Deus) do qual se formam outras ideias, enquanto a realidade formal do corpo se reporta à composição da matéria, a forma ou imagem em que se constitui.

Por isso, a ideia de corpo que se compõe na mente, não se reduz ao corpo como matéria: “*Assim como o círculo e a ideia do círculo, o corpo e a mente são duas expressões de uma só e mesma coisa, mas essas duas expressões não são estritamente redutíveis uma à outra*” (Jaquet, 2011, p. 14). Quer dizer, embora toda ideia seja ideia de corpo, e mude a partir de outra ideia, da mesma maneira que todo corpo muda seu movimento e repouso, a partir da afecção de outro corpo⁶⁸, o corpo não determina a ideia a pensar, nem a ideia determina o corpo ao movimento e repouso, mas se constitui de duas maneiras de expressar um só e mesmo indivíduo. Essa diferença fala da essência ou potência formal da ideia, que não mais se reporta ao corpo.

Até aqui vimos a identidade na união psicofísica e a alteridade na diferença de expressão, mas não sabemos ainda qual é de fato a relação entre corpo e mente, nem entre ideia e seu objeto. Jaquet recusa a proposta de paralelismo, primeiro porque não faz parte do sistema de pensamento de Spinoza, mas tem sua fonte em Leibniz, que distinguia a mente como separada do corpo e não em termos de união psicofísica como em Spinoza, que propõe tratar essa relação enquanto igualdade.

⁶⁷ Pedindo ajuda a Deleuze, no texto “*Spinoza e a filosofia prática*” no verbete sobre “*o entendimento infinito e ideia de Deus*”, trata o problema mostrando que a ideia de deus, a objetividade da ideia, não seria nada se não fosse formado enquanto modo do atributo pensamento, no qual “*a ideia de Deus é ideia no seu ser objetivo, e o entendimento infinito é a mesma ideia tomada no seu ser formal*”. (2002, p. 72)

⁶⁸ Jaquet: “*O círculo é um modo da extensão, determinado unicamente por modos da extensão. A ideia do círculo é um modo do pensamento, determinado unicamente por modos do pensamento*” (2011, p. 14).

Para Jaquet, a doutrina do paralelismo pode parecer cômoda, já que mostra a correlação entre as ideias e as coisas de modos de atributos diferentes, que não são causa um do outro, mas conduzem a pensar a realidade a partir de uma pluralidade de linhas paralelas similares e concordantes que não se recortam, o que prejudica a compreensão da união psicofísica, e não acentua as diferenças.

Jaquet contesta. O paralelismo supõe a dualidade. De fato, entende a doutrina de Spinoza como monista ou unívoca⁶⁹, na qual a união psicofísica se explicita na mesma ordem e na mesma conexão em um só e mesmo indivíduo, mas podem divergir. O exemplo é o erro. O erro dá a chave de compreensão da diferença, já que não é o mesmo que se passa na mente e no corpo “*e testemunha uma divergência radical entre o que se passa no modo do pensamento e o que se passa no modo da extensão*” (Jaquet, 2011, p. 17).

Há uma diferença entre pensar, dizer e escrever. Pensar corresponde ao atributo pensamento, enquanto o *dizer e escrever* são corpos, são fenômenos físicos, pertencem à extensão⁷⁰. A modalidade do falso e do verdadeiro pertence a ideia e não às composições entre corpos. O corpo não se engana, mas a mente sim, daí “*A inversão das palavras em relação às ideias resulta, com efeito, de um movimento corporal que manifesta fisicamente a comoção, a surpresa ou confusão...*” (Jaquet, 2011, p. 17,18).

O erro rompe com a suposição de uma homologia entre ideias e imagens, a mente e corpo, como se a natureza nada mais fosse que uma perpétua ecolalia, uma uniformidade, mas isso não condiz com a realidade vivida, onde somos tomados por erros e ilusões. Por isso, diz Jaquet, o paralelismo até pode dizer algo sobre ideias adequadas e afecções de corpos, os afetos ativos, mas nada pode mostrar sobre as paixões e os afetos passivos, que supõe as ideias inadequadas, “*Ora, se a ordem e a conexão das ideias são a mesma que a ordem e conexão das coisas, isso não significa que os modos da expressão das ideias e das coisas sejam estritamente idênticos e revistam sempre a mesma importância*” (Jaquet, 2011, p. 18,19).

⁶⁹ Jaquet entende que o corpo e a mente não são linhas paralelas, baseando-se no escólio da proposição 7 da Ética II, no qual Spinoza mostra que a ordem e conexão é uma “*quer concebamos a natureza sob o atributo Extensão, quer sob o atributo Pensamento, quer sob outro qualquer, encontraremos uma só e a mesma ordem, ou seja, uma só e a mesma conexão de causas, isto é, as mesmas coisas seguirem umas das outras*” (Jaquet 2011, p. 16,17).

⁷⁰ Jaquet refere: As ideias são, com efeito, fenômenos mentais, enquanto as palavras, sejam elas proferidas ou escritas em papel, são fenômenos físicos. “*A essência das palavras e das imagens é constituída só por movimentos corporais, que não envolvem de jeito nenhum o conceito de pensamento*” (E II, 49, esc.). (Jaquet, 2011, p. 17).

Não há equivalência entre relações de ideias e movimentos corporais. Os estados físicos não são homólogos aos estados mentais, isso porque, ressalta Jaquet, certos eventos se revelam melhor num registro (mental ou corporal) do que no outro. Não há tradução de um registro pelo outro. Para Jaquet, o paralelismo encobre tanto a realidade da união psicofísica, quanto as diferenças e divergências entre expressão do pensamento e da extensão. A palavra que corresponde à relação psicofísica da união mente e corpo, ao sistema de pensamento de Spinoza, é “*igualdade*”. Explicita:

A presença do adjetivo “*aequalis*” não é um acaso, pois o autor utiliza a mesma palavra quando compara a potência de pensar da mente e a potência de agir do corpo. “*Mas o esforço ou potência da Mente ao pensar é igual e por natureza simultânea (aequalis et simul natura) ao esforço ou potência do Corpo ao agir*” (E III, prop. 28, dem.). Quando Espinosa quer explicar que a ordem das ideias das afecções na mente é simultânea à das afecções do corpo e constitui uma só e mesma coisa, ele recorre seja ao adjetivo “*aequalis*”, seja ao advérbio “*simul*”, seja a ambos ao mesmo tempo. (Jaquet, 2011, p. 20).

Jaquet vai mostrar que o termo *igualdade* tem pouca recorrência e assume sentido diverso em diferentes obras de Spinoza. Reporta-se ao *Breve Tratado* onde Spinoza mostra que não existem duas substâncias ou naturezas iguais: pensamento e extensão são diferentes, afirmando que cada atributo é infinitamente perfeito em seu gênero, por isso um não pode limitar o outro. Com isso, vemos a identidade da unidade na substância e a diferença na multiplicidade de coisas do mesmo gênero, seja de ideias na mente ou misturas de corpos, mas em nenhum dos casos há limitação de uns pelos outros. Embora uma ideia possa limitar outra ideia, como um corpo pode mudar o movimento e repouso de outro corpo, o corpo não pode limitar a ideia, nem a ideia alterar o movimento e repouso. Essa condição de limite, que diz da finitude na pluralidade de modos, é o que mostra que o homem não é substância, mas modo ou maneira de ser na substância, que se concebe por dois atributos: pensamento e extensão, que, enquanto atributos, não se determinam, nem se limitam, já que são infinitos e perfeitos em seu gênero, mas uma só e mesma coisa enquanto substância.

Jaquet mostra que na ética Spinoza usa o termo *igualdade* de outra maneira. Não se trata mais de qualificar coisas diferentes, mas mostrar que não podem existir coisas na natureza com várias substâncias. Não há duas naturezas para a mesma coisa, há igualdade na potência de pensar e de agir em Deus (infinitamente) e nos homens (finitamente), onde a igualdade se coloca diretamente ligada ao atributo pensamento. Este pode produzir a constância da alma entre os homens em sociedade, diante das adversidades, modo pela qual pode suportar em diferentes situações as reprimendas, injúrias e ofensas, com igual

ânimo na potência de pensar: “*Ele indica, deste modo, que a igualdade da alma implica a comparação entre dois estados diferentes, até mesmo opostos, e se afirmar como uma potência de resistência e neutralização das desigualdades de humor*” (Jaquet, 2011, p. 21).

Surge algo importante para nossos estudos, que busca circunscrever o lado particular dos afetos nos seres humanos. Jaquet mostra que a *igualdade* no texto do “*Tratado Político*” ganha uma certa relatividade, dependendo das relações em que a concebemos. De um lado, as coisas comparadas podem e são desiguais, quando remetidas às aptidões particulares do corpo de cada homem, enquanto potência, “*Assim, é claro que a potência de agir e de pensar dos homens é muito diferente em função das aptidões diversas de seu corpo e que a do sábio supera a do ignorante.*” (Jaquet, 2011, p. 22). Essa particularidade nos possibilita pensar a importância da expressão das afecções correspondentes ao caso-a-caso para poder trabalhar as aptidões dos afetos que estão envolvidos com a redução de potência enquanto tristeza no modo particular.

De outro, do ponto de vista do Estado, as coisas são consideradas como iguais, desde que se negligencie a potência, o que de modo algum deve ser pensado no momento de uma conversação sobre sofrimento. Jaquet cita Spinoza, quando se reporta ao Estado civil, (*Tratado político, cap. IX, §4*), “*é a justo título que os cidadãos são vistos como iguais, já que a potência de cada um deles é negligenciável comparada à potência do Estado inteiro*” (Jaquet, 2011, p.). Assim, podemos distinguir que, enquanto potência, todos os seres humanos são iguais, porém, diferenciam-se por suas aptidões do corpo, seus afetos. Podemos entender que há igualdade entre os homens no tocante às ideias adequadas, na correlação necessária entre potência formal e potência objetivo, mas discrepam quando se trata de ideias inadequadas, não só porque não há correlação entre a essência formal e essência objetiva, mas, também, nos parece, pela história particular de cada indivíduo. De outra maneira, somos iguais porque todos e cada um se define enquanto grau de potência. Diferenciamo-nos, porque cada um, no modo particular e por sua ontogenia, assume uma configuração afetiva própria.

Jaquet mostra que na *Ética I*, Spinoza fala dos infinitos atributos sem especificar a relação entre pensamento e extensão, mostrando que no livro II da *Ética* o autor se atém a explicar a natureza da mente e não do homem em geral, ressaltando o atributo pensamento, excetuando as proposições 13 e 14 no qual surge a física de Spinoza, onde versa sobre o atributo extensão. Da proposição 14 a 31, lembra Jaquet, surge o discurso misto. Há correlação ente afecções físicas e as ideias dessas afecções, no nível mental, onde aparece a teoria da percepção e da imaginação. Será, então, no livro III, no estudos dos

afetos, que exprime a simultaneidade que aparece no discurso misto, que envolve a união do corpo e da mente, e explicita a importância de estudá-lo em conjunto, pois, cita Jaquet, os afetos como potência de agir para Spinoza, designa: “*as afecções (affectiones) do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada (augetur) ou diminuída, ajudada ou coibida (coercetur), e simultaneamente (simul) as ideias dessas afecções*” (E III, def. 3)”. (Jaquet, 2011, p. 25).

Não há primado da mente sobre o corpo nem do corpo sobre a mente. Não há sequência, onde um viria antes depois o outro. A palavra *simultaneidade* tanto lógica e cronologicamente se reporta à natureza da união psicofísica nos afetos, que expressa uma *correlação* que funda um discurso misto. Mas a originalidade de Spinoza não será o discurso misto, a manifestação conjunta de mente e corpo, já era proposto por Descartes.

No terceiro capítulo, Jaquet descreve como Descartes trata a união psicofísica em três movimentos que entende ser semelhante em Spinoza, lembrando a proposição 13 da parte II da *Ética*, onde é tratada a realidade física, seguida da abordagem mental onde explica a natureza e a origem da mente, para, finalmente, tomá-los em conjunto por meio dos afetos. Mas, a diferença aparecerá nas razões da ruptura entre Spinoza e Descartes, que se explicita na *Ética* III, onde entram em questão as causas das paixões e a natureza do poder da mente sobre elas.

A filósofa passa a mostrar dois movimentos: a causa das paixões e a força da mente sobre os afetos. Há paixões na alma e no corpo, conjuntamente, mas em Descartes, diferente de Spinoza, “*A paixão é uma realidade física, quanto a sua causa, e mental, quanto a seus efeitos*” (Jaquet, 2011, p.27). O que Spinoza discorda é quanto à origem da paixão. Para ele o corpo não é a causa, embora concorde que a paixão se refira a duas maneiras de falar de uma e mesma mudança, no corpo e na alma.

Jaquet mostra que o procedimento de Descartes no estudo da paixão é seguido por Spinoza, e segue descrevendo onde ocorrem as diferenças. Spinoza fala de afetos ativos e passivos, verificando que essa distinção já ocorria em Descartes, entre “*emoções ativas*” que correspondem às incitações “*na alma só pela própria alma*”, e “*emoções passivas*” causadas pelo corpo. Assim, a paixão é psicofísica, expressa-se na união corpo e alma, embora possa ter duas causas, a alma e o corpo.

As paixões são para Descartes percepções. Envolvem à vontade, que são percepções ou imaginações, que expressam as paixões como ações da alma. Mas surgem as diferenças. Jaquet mostra que em Descartes, a paixão é vista em dois pontos: como paci-

ente e como agente. Paixão que ocorre ao sujeito que sofre, no qual é “*movido e comovido*” e como ação que o sujeito realiza quando “*move e comove*”. Jaquet nota que a ação da alma, assim definida, subordina a alma à ação física. Mas, pelo fato de Descartes supor, no mesmo sujeito, uma paixão que age e que sofre uma mesma mudança, a paixão ganha um sentido fraco. A diferença no conceito de paixão aparece na causa. A paixão tem por causa uma ação do corpo, o que será diferente em Spinoza. Descartes entende a paixão como física, como lembra Jaquet:

No sentido mais preciso e determinado, as paixões da alma são causadas pelo movimento dos espíritos animais, essas pequenas partículas sanguíneas peneiradas pelo cérebro, as quais se deslocam muito rapidamente e prosseguem mecanicamente sua agitação em circuito fechado. No artigo 27, Descartes define exatamente as paixões como “*percepções ou sentimentos ou emoções da alma que se referem particularmente a ela e que são causadas, mantidas e fortificadas por algum movimento dos espíritos*”. (Jaquet, 2011, p. 37).

Dois movimentos, nos quais Spinoza discorda do segundo. O primeiro diz que as paixões são percepções ou sentimentos ou emoções, no que Spinoza concorda. Porém, o filósofo discorda quanto a segunda parte, que se refere as causas próximas. Em Descartes a paixão é mantida e fortificada pelos espíritos animais. Em Spinoza, haverá duas causas dos afetos - a ação e a paixão - que não se confundem. A *ação* envolve as *ideias adequadas*, a causa é nossa natureza. Os afetos passivos são *paixões*, porque remetem a *ideias inadequadas*, que envolvem causas exteriores. Mas em nenhum momento supõe “*partículas sanguíneas pairando sobre o cérebro*”, ou seja, determinação corporal.

Jaquet acrescenta: de um lado, Spinoza aceita que as ações dependam somente da mente, mas rejeita a ideia de que as paixões sejam causadas pelo corpo, pois, com isso rompe a união psicofísica. Para Spinoza, as paixões não dependem do corpo, mas das ideias inadequadas. A reflexão mostra que o homem é finito, parte da natureza, que só pode ser concebida com as outras partes. Também, pelo fato de que existem outras partes que são mais fortes que ele e que o afetam do exterior, de maneira que esses afetos paixões não são explicados pelas leis de sua própria natureza, por isso o homem sofre. Aqui vemos a diferença em Spinoza, não é mais o corpo a causa das paixões, mas a mente que se torna causa parcial das ideias, porque está submetida a causas externas, motivo pelo qual padece.

A primeira divergência de Spinoza se explica pela causa da paixão, que não é o corpo, mas as ideias inadequadas. A segunda nos remete à maneira como a mente pode agir para moderar as paixões. Em Descartes a alma é entendida como dotada de poder absoluto, enquanto vontade infinita sobre as ações, mediante a força do livre arbítrio.

Mas, pondera Jaquet, de fato isso é relativo, esse poder só se exerce efetivamente sobre as emoções fracas, aquelas que podemos desviar ou contornar com a força do pensamento, não as emoções fortes, que continuarão até que os espíritos animais (partículas físicas) em nós se acalmem.

Ocorre que, para Descartes, a união corpo e alma ocorre na glândula pineal, corresponde à extensão. O poder da mente surge da força dos hábitos, da necessidade do exercício, da maneira como o pensamento pode conter as paixões impulsivas. A ideia de domínio da mente sobre as paixões, se justifica em Descartes no fato de que o corpo pode ser a causa das paixões, mas a alma dotada de vontade infinita, a mente, pode vir a ter o poder absoluto sobre o corpo.

Diferente em Spinoza, diz Jaquet, não se trata de um império absoluto da alma sobre o corpo, porque a alma não determina o corpo ao movimento e repouso, mas sobre a própria alma. Daí a importância de se conhecer a potência da mente sobre a mente. E a medida do poder da mente se faz pelas causas, pelas ideias adequadas sobre as paixões, enquanto ideias inadequadas. Mas como o homem não pode não ter paixões, há sempre forças maiores e mais potentes que ele, daí estar sempre à mercê da “*ordem comum da Natureza*”, acomodando-se em conformidade as circunstâncias. O que nos faz sofrer surge como ideia inadequada, resultante de misturas de corpos, da força de um corpo sobre outro que acolhe ou retém. Entender as paixões nos coloca diante de formas de desamor, o que diz de nossa diminuição de potência de agir e redução de capacidade de existir, que Spinoza define como tristeza.

Algo interessante para nossa pesquisa. Como pode ocorrer essa transformação das paixões tristes em ações alegres? Como mostra Jaquet em Spinoza, “*O afeto que é uma paixão deixa de ser paixão tão logo formemos uma ideia clara e distinta dele*” (cf. *E V, prop. 3*)”. Jaquet mostra que tal reflexão ganha validade para todos os afetos, na medida em que “*não há nenhuma afecção do Corpo de que não possamos formar um conceito claro e distinto*” (cf. *E V, prop. 3*). O poder de compreender pode transformar a paixão, um afeto passivo, por meio da produção de ideias adequadas, já que não há nada que afete o corpo que a mente não possa fazer uma ideia adequada. Jaquet mostra que o sábio não deixa de ter paixão, mas é aquele que pode impedi-la quando surge na mente na forma de um saber fazer, de um lidar com a situação, como salienta Jaquet “*Para Espinosa, o conhecimento da causa das paixões e a determinação dos remédios ou dos meios de contê-las não são duas questões separadas. Elas se reduzem a uma só e mesma coisa – a saber,*

o conhecimento exato da potência da mente, a uma confrontação da natureza do homem e da Natureza inteira. (Jaquet, 2011, p. 40).

Fica-nos a questão: como um ser humano simples, com histórias de perdas, dores, sofrimentos que se arrastam por sua vida inteira, poderia vir a ter essa atitude de sábio, de confrontar as paixões tristes? Jaquet fecha o capítulo deixando dois problemas que nos ajudam a pensar nosso trabalho. Primeiro engano que Descartes nos conduz: “*Se Descartes se engana sobre a causa das paixões é porque ele crê que a mente pode ser afetada pelo corpo*” (2011, p. 40). Quanto a essa questão, pensamos avançar, pois, não supomos que o corpo vá encontrar respostas para os sofrimentos da alma, mas que a mente deve enfrentar o que o faz sofrer, como caminho a compreensão. A outra, quanto aos remédios para os afetos tristes: “*Se Descartes se engana sobre os remédios para as paixões, imputando à alma o poder de agir sobre o corpo e de adquirir, se bem conduzida, um poder absoluto sobre as paixões, é porque crê que podemos voluntariamente juntar movimentos do corpo a julgamentos firmes e determinados da alma*” (2011, p. 40). Nesse caso, supomos que quem busca ajuda esteja fazendo por um movimento ativo de enfrentar o que faz sofrer, mas não achamos que ao explicar o que faz sofrer, se está julgando ou determinando nada da alma em relação ao corpo, mas criando uma explicação do que o faz sofrer e operando a recursividade sobre essa explicação, de modo que não se supõe um livre arbítrio, uma ação voluntária, mas ao contrário, pensamos que o espaço de enfrentamento as tristezas é aberto ao inusitado, que a própria tensão de explicar e expressar por meio de *Sentimentos* não está dada, mas é inventada a cada vez, por cada um que assim se coloca a buscar compreender o que o faz sofrer. E, talvez, para esse esforço, não precise ser sábio, mas estar vivo e querer continuar a viver.

Assim, em nossa pesquisa, não supomos que o corpo determina a mente, nem a mente determina o corpo, mas a mente ao entrar no vivido, no presente da explicação, entra em contato com algo de si, como marca de sua dor, uma intensidade conservada de experiência vivida de afeto particular, e a descreve numa trama entre ideias e entre corpos, gerando uma explicação que expressa como seus *Sentimentos*, de forma ativa, porque está enfrentando o que o faz sofrer. Esse movimento de romper o silêncio sobre sua tristeza, de viver afetos passivos e passar a questioná-los, a mostrar seus desconfortos, não se coloca como resposta, mas como caminho. É abrir um caminho, uma transversalidade sobre a corrente linear do cotidiano, num tempo em que surge nos entre tempos, nas pausas, nas tensões, que coloca cada um em contato com a vida, na relação de si consigo

mesmo. De fato, o que nos faz sofrer é o que está em jogo, quando nossas tristezas nos impedem de seguir e nos atolam em sofrimento.

Não chegamos à definição de afeto. Mas já intuimos que ele envolve o indivíduo em sua condição psicofísica. Abre-se uma questão: entendemos que, enquanto potência, todos os seres vivos, todos seres humanos a possuem, nesse sentido não há diferença, mas será que essa potência natural de cada um se conserva ou se modula da mesma maneira? Entendemos que cada um se define, não por ter ou não potência, todos têm, mas pelos afetos, pela configuração de marcas, onde distingue algo que faz sofrer, que descreve como experiência vivida, onde se opera uma recursão quando explica seus *Sentimentos* com outras experiências vividas, maneira onde algo novo, inusitado, pode acontecer.

Nossa tese nos conduz às condições particulares (potência) de cada ser humano, fruto do seu modo de vida, das circunstâncias que lhe couberem viver no conviver com outros, onde traz as marcas de afetos de conflitos e contradições no existir e agir que o fazem sofrer por formas de desamor. Na prática, busca ajuda para mudar, sem saber como e, às vezes, nem mesmo o que o faz sofrer. Nossa hipótese é que esse desejo de mudança abre o espaço de enfrentamento as tristezas. Surgem das próprias experiências vividas; o modo de afetar e ser afetado de maneira particular, onde os *Sentimentos* têm a ocasião de surgir, não como resposta, mas na criação de um caminho que até então não existia, mas que ao ser caminhado, no próprio caminhar, algo pode acontecer.

Supomos, também, que mesmo que esse indivíduo não venha a produzir uma profunda compreensão, poderá acontecer de que algo venha a se transformar na sua maneira de se conduzir no seu modo de viver e conviver no conversar, e com isso se verificar, justamente, que com isso se alterou o que o fazia sofrer. Então surge outra questão: Seria possível um ignorante, sem os atributos de um sábio, chegar a enfrentar a natureza inteira? Poderia ele fazer, num espaço em que compõe com outros uma conversação, que tematize o que o faz sofrer, ao explicar seus afetos passivos e assim expressar seus *Sentimentos*, vir a mudar? Nossa prática diz que sim. Não sabemos, ainda, como explicar.

4.3. Definições Geral de Afeto na Ética - Chantal Jaquet



Chantal Jaquet trabalha as duas definições de afeto em Spinoza: uma no início, outra no final do livro III da *Ética*. Lendo em separado, observa-se que na definição geral do final, Spinoza prioriza o atributo pensamento, buscando tratar do modo como a mente pode moderar os afetos, que são vistos a partir de um gênero, os afetos-paixões, que resultam de ideias inadequadas. Não fala de ação, nem de afetos ativos (ideias adequadas). Diferente será a definição 3, do início da E. III, os afetos se expressam de três maneiras: afetos psicofísicos, afetos que envolvem prioritariamente o corpo e afetos que envolvem prioritariamente a mente. Como corpo e mente não se recobrem, são disjuntos, fica a questão da unidade psicofísica. Qual a relação entre atributo extensão e atributo pensamento, se esses diferem por natureza, mas constituem dois modos de expressão, de um só e mesmo indivíduo? Como se expressam o corpo e a mente? Poderíamos acrescentar: como se expressa o psíquico? O contexto dessa pergunta surge do fato de que com Deleuze, em seu spinozismo, aprendemos que a mente é ideia do corpo, e que toda ideia contém um afeto, mas ideia e afeto não são da mesma natureza. O afeto pode depender da ideia, mas não se reduz a ela. Assim, surge a questão: se é possível distinguir afeto de ideia, enquanto diferença de natureza, e como se produzem ideias na mente, os afetos estariam modulando, em seu domínio, o que se chama psíquico? Ocorre, também, que nas relações de movimento e repouso entre os corpos, a mente produz uma ideia dessa afecção e essa ideia teria um afeto. Seria a ideia ou esse afeto, o que surge no psíquico?

Chantal Jaquet realiza um levantamento dessas duas definições. Comenta a respeito de possíveis contradições surgidas em diferentes comentadores, para mostrar que não há incoerências, mas que no conjunto se mostram algo preciso, que assumem dois movimentos distintos, mas complementares. As duas definições de afetos são compreendidas por Jaquet por níveis de prioridades.

Focaremos, no percurso de Jaquet, começando pela *definição no final*⁷¹, onde encontramos: “*O Afeto, que é dito uma paixão da alma, é uma ideia confusa pela qual a Mente afirma de seu Corpo ou de uma de suas partes, uma força de existir maior ou*

⁷¹ Na versão brasileira do texto da *Ética*, com tradução de Tomaz Tadeu, encontramos: “*O Afeto, que se diz pathema (paixão) de ânimo, é uma ideia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir, maior ou menor que antes, de seu corpo ou de uma parte dele, ideia pelo qual, se presente, a própria mente é determinada a pensar uma coisa em vez de outra*” (Spinoza, 2009, p. 152).

menor do que antes e cuja presença determina a Mente a pensar uma coisa de preferência a outra” (Jaquet, 2011, P. 69).

Dessa definição, Jaquet destaca três aspectos:

- a) O afeto se liga às paixões e não faz referências diretas a ação ou ideias adequadas. Assim, embora nem toda paixão resulte em tristeza, na redução de potência, toda tristeza supõe a paixão, resultantes de ideias inadequadas;
- b) Entendendo a Mente como ideia que afirma a força de existir do corpo no atributo pensamento, Jaquet destaca que essa definição prioriza o atributo pensamento e faz referência só ao mental, reportando-se à “vontade” que, em Spinoza, corresponde a afirmação ou negação que a ideia contém, presente na expressão “*força de existir maior ou menor que antes*”, onde localiza, na explicação da definição, os afetos primitivos de “*alegria e tristeza*”.
- c) Para clarear o terceiro afeto primitivo, Jaquet o deduz, reportando-se às ideias confusas e inadequadas que “*determina a Mente a pensar uma coisa de preferência a outra*”, que faz alusão ao “*desejo*”;

Na explicação de Spinoza, na definição geral, traz outros elementos que nos servem para nossa pesquisa, ao mostrar que as ideias que temos do corpo “*indicam, antes o estado atual de nosso corpo, do que a natureza do corpo exterior*”. Nesse sentido, a tristeza ocorre desde a Mente, pois essa “*padece apenas à medida que tem ideias inadequadas, ou seja, confusa*” (Spinoza, 2009, p. 153). Destaca-se, para Spinoza, a mente afirma a essência atual do corpo, que corresponde a um grau de perfeição ou realidade. Esse estado atual do corpo, diante de estados de tristezas, não há comparação entre “*o estado presente do corpo com os anteriores, mas, sim, que a ideia que constitui a forma de um afeto afirma, a respeito do corpo, algo que envolve, de fato, mais ou menos realidade que antes*” (Spinoza, 2009, p. 152). Ou seja, todo sofrimento, seja ele qual for, atuais ou distantes no tempo, a ideia que a mente forma do seu corpo, a perfeição reduzida, é sempre atual. No trabalho com *Sentimentos*, veremos que se parte dos afetos, de uma marca vivida no atual, para dessa saltar em ideias e imagens lembranças (passado) e retornar, na recursividade do presente, na forma de uma explicação que expressa *Sentimentos*.

Na tristeza, a realidade que a mente forma do corpo ou de uma de suas partes, se mostra reduzida em relação ao que afirmava antes de ser tomada por paixões ou ideias inadequadas, o que conduz a mente a “*pensar uma coisa em vez de outra*”, que faz referência ao desejo. Ainda, sendo o corpo humano o objeto em questão, “*a superioridade das ideias e a potência atual de pensar avalia-se pela superioridade do objeto*” (Spinoza,

2009, p. 153). Entendemos que a tristeza que se expressa por um modo de pensar a respeito de seu corpo, deve ser avaliada pelo que a faz sofrer e, em psicologia, só temos acesso a esses objetos se quem sofre se explicar, maneira como expressa seus *Sentimentos*.

A tristeza, a servidão, surge com a diminuição da potência, na qual a mente forma ideia de seu corpo ou partes dele, menor que antes. Filosoficamente, a definição é precisa, mas em psicologia, necessitamos que surja, no espaço de conversação, *como, onde, quando*, alguém passou de uma maior realidade para uma menor perfeição, por meio, também, de explicação, onde pode vir a ocorrer a avaliação, por quem explica, do poder do que reduz sua potência de agir e suas forças de existir. É importante notar: não entendemos *Sentimentos* como produção de respostas ou de soluções, mas um movimento de desdobramento de um estado mental e corporal, por afecções externas, que surge na descrição, que gera a explicação dos afetos do que faz sofrer, que pode ser um caminho para a compreensão, podendo vir a operar na mudança ou alteração, no seu modo de viver. Mas essas mudanças não são dadas pelos *Sentimentos*, mas através da explicação e explicação da explicação, uma certa compreensão, parcial, local, focal, pode acontecer.

No contexto da definição geral, Jaquet trabalha o adjetivo “*generalis*”, que faz referência a *gênero*, mas especifica que se trata dos afetos passivos, das ideias confusas, reportando-se a definição V da *Ética IV*: “*Por afetos contrários entenderei na sequência os que arrastam o homem em sentidos diferentes, ainda que sejam do mesmo gênero (quamvis eiusdem sint generis), como a gula e a avareza, que são espécies de amor*” (Jaquet, 2011, p. 74). A Mente, como ideia do corpo, surge como potência para classificar e avaliar as forças das paixões, com vistas a moderar os afetos contrários, pela potência do entendimento. Para essa tese, o entendimento pode, também, se chegar por meio da explicação que expressa *Sentimentos*.

Quando Jaquet pensa essa ideia de gênero ou espécie associada à paixão, aos afetos passivos, reporta-se ao conceito de perfeição ou imperfeição em Spinoza, o que possibilita distinguir indivíduos entre indivíduos, segundo surjam com mais ou menos realidade. Como opera essa classificação entre indivíduos? Spinoza parte do que é comum a todos os indivíduos da natureza e diz que esses são classificados pela noção genérica de Ser, “*E assim, enquanto remetemos todos os indivíduos da Natureza a esse gênero e os comparamos uns aos outros, e descobrimos que uns têm mais ser ou realidade que outros, nesta medida dizemos que uns são mais perfeitos que outros*” (Jaquet, 2011, p. 74). Todos os indivíduos são iguais em sua constituição natural. Todos existem enquanto grau de potência, mas diferenciam-se uns dos outros por maior ou menor perfeição ou realidade,

“Essa operação permite então comparar os indivíduos e classificá-los do imperfeito ao mais perfeito em função de seu grau de ser ou realidade” (Jaquet, 2011, p. 74). Jaquet mostra que com a ideia de gênero de afetos tristes, Spinoza não busca mostrar só as causas da servidão, mas o que tem para reconhecer de bom e de mau nos afetos.

Entendemos que um indivíduo em situação de tristeza continuada no tempo encontra-se em estado de servidão, com redução de realidade (potência) em função das paixões que o atravessam. Nossa prática nos mostra que, em psicologia, não basta constatar a servidão, é necessário desdobrar no caso-a-caso, *como, onde e quando*, essa trama de paixões tristes é sentida. Essas ideias confusas que envolvem a tristeza, tem componentes externos em relação a um domínio de ações consensuais onde fazem esse e não aquele sentido. Essa descrição de paixão surge em meio ao caminho da explicação do drama de seu modo de viver e conviver no conversar, maneira como se expressa nos *Sentimentos*.

Outro aspecto importante. Essa ideia de gênero cumpre um papel importante em filosofia, ao classificar os afetos entre ativos e passivos, ideia adequada e inadequada, paixões e ações, como parte do terceiro preceito do método que busca determinar ordens para evitar fadigas, “Para nosso desígnio, que é determinar as forças dos afetos e o poder da mente sobre eles, basta-nos ter uma definição geral de cada um dos afetos [...] basta-nos, digo, compreender as propriedades comuns dos afetos...” (E III, prop. 56, esc.) (Jaquet, 2011, p. 74). Spinoza não busca detalhar as peculiaridades, discriminar cada caso, de cada espécie de afeto, nem de todas as formas de flutuação de alma, ao contrário, o que se deve ter como critério no trabalho dos afetos é o uso que esses têm na vida, que pode nos ajudar a perceber seu poder, avaliando em sua força, o quanto é nocivo ou útil, “O uso da vida serve de princípio de discriminação entre os afetos que merecem ser nomeados e definidos e aqueles que podem ser negligenciados” (Jaquet, 2011, p. 76). As definições dos afetos mantem-se dentro das características comuns, em conformidade ao segundo gênero de conhecimento, dentro de uma definição racional, isso porque “O estudo da natureza dos afetos não é um fim em si mesmo, ele é um meio em vista da beatitude. Eis por que não trata, de modo algum, de tudo deduzir, mas de só reter o que pode ‘nos conduzir, como que pela mão, ao conhecimento da mente humana e de sua beatitude’” (Jaquet, 2011, p. 76).

Jaquet⁷² lembra que todos os afetos mistos, todas as paixões, flutuações de alma, podem ser deduzidas e compreendidas na diversidade de suas relações, tendo em conta a

⁷² Chantal Jaquet parte da definição 48: “Se agora quisermos prestar atenção a esses três afetos primitivos e ao que nós dissemos acima sobre a natureza da mente, poderemos definir os afetos enquanto se referem somente à mente da maneira que se segue” (2011, p. 73)

natureza da mente e dos afetos primários *desejo, alegria e tristezas*. Nesse sentido, todos os afetos da parte III da Ética, seguem o princípio do segundo gênero de conhecimento, pois, para o uso da vida, não é necessário “*extrair os grandes traços comuns a todos os desejos, alegrias, tristezas, amores, ódios, sem se sobrecarregar com todas as suas espécies e todas as suas denominações possíveis*” (Jaquet, 2011, p. 74).

Notemos: aqui Jaquet está se referindo ao trabalho de investimento particular a cada afeto (amor, ódio, raiva), o que *não* corresponde ao que entendemos por “particularidade” de explicação de afetos. Uma coisa é aprofundar a definição de um afeto por sua essência, no nível do terceiro gênero de conhecimento, outra, é distinguir a maneira como é vivida o drama de afetos (sejam eles quais forem) por um indivíduo no modo particular de viver sua tristeza. Não excluimos a conceituação filosófica de cada afeto explicado por Spinoza, mesmo em seus traços comum, como ferramenta, mas em psicologia, nos interessa apontar a importância da explicação do drama afetivo, como expressão de *Sentimentos*, na descrição da trama de afecções vividas, como caminho a inventar, criar, produzir outras explicações como maneira possível de transformar um modo de viver. Nesse sentido, o afeto expresso na sua forma particular remete à história decorrida no tempo de cada um, com suas experiências vividas, suas marcas sentidas e conservadas no seu modo atual, como modo de sofrer que lhe produz tristezas, no seu existir particular. Distinguir um afeto, descrever em imagens e ideias dessas imagens e explicar sua simultaneidade, é o trabalho de cada um, na forma particular, onde se expressam *Sentimentos*, no espaço de conversão.

4.4. Natureza dos Afetos na definição III - Chantal Jaquet



Vimos que o afeto na definição geral, ocorre na perspectiva Mental, priorizando o atributo pensamento, no qual Spinoza⁷³ busca associar o afeto a paixão, sem se referir as ações, possibilitando critérios de classificação particular, segundo o grau de realidade ou ideias confusas. Partindo da compreensão de que, por natureza, a Mente afirma a existência atual do corpo, indicando assim o modo como se pode operar para problematizar o que faz sofrer, como meio de conhecer e atuar sobre as paixões, podendo vir a produzir ideias adequadas e fugir da servidão, mudando seu modo de viver. Diferente, sem contradição, mas complementar, será a explicação dos afetos na definição 3 do início da Ética III, no qual define por afeto, “*as afecções do corpo que aumentam ou diminuem, ajudam ou contrariam a potência de agir desse corpo e simultaneamente (et simul) as ideias destas afecções*” (E III, def. 3) e distingue duas espécies, a ação e a paixão” (Jaquet, 2011, P. 69).

Notemos que nessa definição III, surgem o corpo e a mente, as ações e paixões, as ideias adequadas e inadequadas conjuntamente, tornando o conceito de afeto muito mais complexo que o anterior. Nessas condições, Jaquet mostrará que o afeto será explicado em três movimentos: a) o afeto enquanto psicofísico, que supõe a compreensão em conjunto da mente e do corpo; b) a especificidade dos afetos que correspondem só ao corpo, o físico e; c) os afetos que correspondem as ideias da mente.

Jaquet mostra que para realizar essa tarefa, Spinoza vai partir da definição geral dos afetos, mostrando duas grandes categorias, ação e paixão no corpo e suas causas, por meio de ideias adequadas e inadequadas, como produção mental. O texto nos conduz a compreender o que afeta o corpo e, em separado, o que afeta a mente, para problematizar o que Spinoza quer dizer com o “*ao mesmo tempo*”, pois, diz Jaquet: “*A compreensão da natureza do afeto implica de fato a elucidação da significação da expressão “et simul”, que religa na definição III as afecções do corpo e as ideias dessas afecções*” (Jaquet, 2011, p. 78).

Em relação ao afeto corporal, esse tem a prioridade. Nada pode acontecer que exclua o corpo, no atributo extensão. As afecções ocorrem no encontro e não há encontro sem corpos. Se para Spinoza a mente é ideia do corpo e das afecções do corpo, daí para

⁷³ Na edição brasileira da Ética de Spinoza, com tradução de Tomaz Tadeu, no livro III, def. 3, encontramos: “*Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias destas afecções*”. “*Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão*”. (Spinoza, 2009, p. 98)

chegar a conhecer o que afeta a mente, temos que buscar saber previamente o que afeta o corpo. Há uma sutileza a ser destacada. O corpo está exposto ao acaso dos encontros, está ininterruptamente sendo afetado e a mente faz ideias dessas afecções, tanto que Spinoza diz que não podemos formar uma ideia sem objeto. Mas isso não significa que a mente se reduza a refletir as mudanças físicas, o que colocaria o corpo a determinar as ideias e, por conseguinte, a mente. A extensão não determina o pensamento, nem o pensamento a extensão. A mente tem sua própria potência e as ideias não se reduzem a “*algo mudo como uma pintura em um quadro*” (Jaquet, 2011, p.78), como refere a autora.

Jaquet nos mostra que Spinoza trabalha em termos de prioridades. Se na definição final a mente surge em destaque, é porque, nessa definição, os afetos estão ligados à paixão como ideias confusas, não aparecendo a ação como ideias adequadas. Diferente, na definição inicial, o acento das prioridades na definição de afeto parte do corpo e sua capacidade de aumentar ou diminuir, ajudar ou contrariar a potência de agir, “*antes de se referir à mente para operar uma partição das emoções*” (Jaquet, 2011, p. 78). Por isso, Jaquet chama a atenção para o “*et simul*”, ao *mesmo tempo*, em que a potência de pensar produz “*as ideias dessas afecções*” (Jaquet, 2011, p. 78).

De modo geral, o corpo não pensa, segue as leis determinadas do movimento e repouso. Nesse sentido, o corpo em suas misturas e composições, não diferencia entre paixão e ação, entre passivo e ativo. É o mental que avalia, que classifica, que distingue, ou pode distinguir, entre o adequado e o inadequado na ideia do corpo. E o critério dessa distinção é descrito em condições tais que uma ideia é adequada quando a compreendemos por meio de nossa própria natureza, que define o afeto-ação, a atividade. Ao contrário, será afeto-paixão ou ideia inadequada, quando a causa depender de referências exteriores.

Não há dúvida de que a prioridade do corpo se mostra no vivido da experiência, mas a distinção dos afetos em dois gêneros, surge da mente que avalia, que pode perceber sua adequação ou não. É um modo de pensar que faz a partição, como diz Jaquet, “*Ainda que os conceitos de ação e paixão se apliquem ao corpo, não deixa de ser verdade que o critério que os diferencia é antes de tudo intelectual e pressupõe uma aptidão da mente para conceber a causa, de um lado, e para verificar se seu efeito é inteligível por ela somente, de outro*” (Jaquet, 2011, p. 78). Mas o que diferencia afecção de afeto, já que não há afeto sem afecção e, ao mesmo tempo, se diz que se vive as afecções corporais, mas sua distinção só ocorre no mental?

Jaquet retoma Spinoza, que define “A *afecção da essência humana em geral designa, portanto, seja um estado mental que se explica por referência ao pensamento, seja um estado psicofísico que se explica por referência aos dois atributos*” (Jaquet, 2011, 79). Nota-se que as afecções são estados e aparecem nos dois domínios de explicação, o mental e o corporal, e Jaquet acrescenta que a afecção “*envolve toda a realidade humana e suas diversas formas de apreensão*”. Mas, na origem, a afecção é ainda mais abrangente, “*Esses estados são inatos ou adquiridos e remetem tanto a uma constituição dada quanto a suas modificações no decorrer do tempo*” (Jaquet, 2011, 79).

Notemos algo interessante. Temos afecções que se revelam em estados corporais e algumas dessas se mostram como inatas, herdadas filogeneticamente. E temos afecções que são estados corporais que surgem de nossa ontogenia, ocorrem no decurso de nosso viver no conviver com outros. Nesse caso, as afecções surgem por meio de aprendizagem. Não há afetos mentais inatos, uma vez que a mente não surge antes do corpo e o corpo do ser vivo tem por natureza uma história muito maior que a ideia que dele fazemos, na formação de nossa mente. Nesse sentido, podemos dizer que os afetos da mente surgem nas relações atuais do presente vivido, sem referência à história geral dos corpos (partículas e moléculas).

Interessante essa distinção de afecção como estado corporais, pois, me lembra a abstração de Maturana quanto a emoção, como a dinâmica no domínio das relações em que especifica ações possíveis. Vamos seguir, tentando acompanhar essa possível correlação entre *afecção (imagens e ideias) e emoção (domínio de ações consensuais)*, mesmo sabendo que se trata de dois domínios distintos: o filosófico e o científico.

Jaquet ressalta que a afecção como estado humano, tem tripla explicação, seja só por *determinação* do corpo (tremor, a lividez, o riso e as lágrimas) ou por *decreto* só na mente (imaginação de uma coisa singular) ou, ainda, em conjunto, no estado psicofísico. O interessante é que uma e mesma afecção, um e mesmo estado, pode vir a ser explicado e nomeado de modo diferente, seja como determinação do corpo, seja por decreto da mente ou de ambos. Jaquet traz o exemplo do *apetite, como inato* (sendo comum, por natureza, a todos os seres humanos) que se define como estado psicofísico, envolvendo, simultaneamente, o corpo e o psíquico, como define Spinoza “*são uma só e a mesma coisa que, quando considerada sob o atributo Pensamento e por ele explicada, denominamos decreto e, quando considerada sob o atributo Extensão e deduzida das leis do movimento e do repouso, chamamos determinação*” (E III, prop. 2, esc.) (Spinoza, 2009, p.103).

Fiquemos atentos a essas duas distinções: *decreto* no atributo pensamento e dedução por *determinação* no atributo extensão. Isso quer dizer que a explicação das afecções na mente são os discernimentos, as percepções que possibilitam as classificações de adequado e inadequado, já as afecções do corpo, enquanto ações físicas, não são explicadas, mas deduzidas como determinações das leis do movimento e repouso. Maturana, na perspectiva neurofisiológica, nos mostra que o sistema nervoso como uma rede muito complexa de neurônios que junto aos *axônios e dendritos*, se espalham por todo o organismo. Mas o sistema nervoso é compreendido como fechada sobre si mesmo, estreitamente acoplado ao organismo, mas se distingue, como coração e cérebro. Estão no mesmo corpo, mas não da mesma maneira. Por isso, não se determinam.

Sistema nervoso e organismo modulam-se por perturbações não instrutivas. O sistema nervoso encontra-se em correlações com as partes e o todo do organismo. O organismo como totalidade, por sua organização autopoietica invariante, se compõe de uma rede dinâmica de relações constitutivas de autoprodução e a conservação da congruência como o meio, na adaptação. O sistema nervoso estabelece interações na rede neuronal em clausura operacional. Diante das perturbações do organismo, o sistema nervoso responde sem fazer nenhuma referência ao externo ao organismo, suas respostas vêm ao encontro da manutenção da harmonia do todo, do indivíduo como totalidade, fisiológica, não condutual. O sistema nervoso é o responsável por efetuar o esquema sensorio, opera nas transformações dinâmicas pelas quais os estados corporais passam, desde sua rede fechada de interações neuronais, que se alteram, promovendo uma (re) configuração estrutural, por três motivos:

a) *Por auto afetação* - transformação desencadeada e ocorrida internamente à rede de interações neuronais, pelas relações entre seus próprios componentes, que tem por efeito dinâmico as (re) configurações na efetuação do esquema do sensorio motor e em extensão na dinâmica da disposição corporal; mas essas transformações surgem internas ao sistema nervoso, na sua condição de unidade autônoma, distinguível num meio em que se encontra estruturalmente integrado (organismo), mas que inclui nos seus modos de produção de mudança na sua rede de relações constitutivas a auto afetação;

b) *Transformação por outras células não neuronais do organismo* - O sistema nervoso é parte constitutiva do organismo como um todo, mas não se confunde com o organismo ao qual pertence, daí há transformação que surge a partir dos pontos sensitivos onde os neurônios se intersectam com outras células (não neuronais) do organismo. Nessas condições de perturbação, o sistema nervoso desencadeia mudanças na sua rede de

interações neuronais em correspondência a perturbação de outras células não neuronais do organismo, sem fazer referência ao externo. Mas, essas mudanças, resultam em transformações na dinâmica da disposição corporal, está em congruência como a conduta no externo. Lembrando: o sistema nervoso operando assim, não responde ao externo, mas a harmonia interna do organismo que gira em torno do bem-estar. Essa forma de perturbação do organismo e sistema nervoso, um observador nota na mudança de conduta, que infere uma reconfiguração estrutural, por ações ortogonais entre organismo e sistema nervoso. Maturana e Varela ⁽¹⁹⁷²⁾ nos sugerem que não há externo para o sistema nervoso, esse funciona em clausura operacional;

c) *Modulações desencadeadas por meio das superfícies sensitivas* - o sistema nervoso é uma rede de relações e interações fechadas, não tem acesso ao exterior, suas ações resultam sempre na reconfiguração de sua dinâmica de relações interna, em função da busca do equilíbrio do organismo como um todo, não em resposta a um estímulo externo. Nesse sentido, as perturbações externas são distinguidas pelo observador, que faz a correlação. Um exemplo: o indivíduo, na sua relação com o meio, distingue o que o tocou ou perfurou, mas o sistema nervoso não, suas reações internas, surgem justamente nos pontos onde células do corpo estão ligadas aos neurônios. O sistema nervoso não responde a perturbação externa, mas ao efeito que essa perturbação provoca na desestabilização do corpo, internamente. Isso vai mostrar que não há relação do sistema nervoso com o externo, e suas transformações, que resultam em mudanças estruturais na sua dinâmica interna, não surge da perturbação externa, mas do modo como o sistema nervoso opera para manter a harmonia do todo do corpo em torno do bem-estar, na conservação da auto-poiese e na adaptação do organismo. Parece congruente com a ideia de Spinoza onde se pode explicar as afecções da mente, pelo modo de formação de ideias, mas não se pode fazer relações biunívocas com as mudanças do corpo, que respondem às leis moleculares de movimento e repouso, onde são deduzidas, enquanto determinação no processo histórico de acoplamento estrutural, segundo a deriva ontogênica do organismo.

Jaquet parte do apetite como o que pode se modificar no decorrer do tempo, mas sua natureza é ser inato, “*um estado dado que determina o homem a agir em vista de se conservar*” (Jaquet, 2011, p. 80). Seria compatível pensar, com Maturana, que esse “*estado dado*” tem ressonância com a ideia de que a ciência só pode trabalhar com sistemas determinados em sua estrutura? O determinismo estrutural remete ao ponto de partida, nascimento, por exemplo, de um organismo que *conserva* suas relações constitutivas, que não mudam, mas que têm um alto grau de plasticidade, que se modica no decorrer do

tempo, que chama epigênese. Daí, existirem afecções corporais inatas e adquiridas, e afecções mentais que são sempre adquiridas, no processo histórico do acoplamento social, que supõe a linguagem que surge em domínios relacionais (emoções) de consensualidade, como vimos.

O *conatus*, como esforço de perseverar no seu ser é definido por Spinoza como a essência atual do homem. Nesse sentido, *conatus* não se distingue do apetite:

Mas se os dois conceitos são sinônimos, o apetite designa mais particularmente o esforço para perseverar no seu ser enquanto referido simultaneamente ao corpo e à mente (E III, prop. 9, esc.) E implica, portanto, a dupla referência à extensão e ao pensamento. A mesma afecção chamada apetite pode ser explicada sob um ângulo puramente físico e referir-se unicamente ao corpo e à extensão. Nesse caso, não se falará mais em termos de apetites, mas de determinações. Ela pode enfim ser visada sob um ângulo puramente mental e referir-se unicamente à mente, caso em que se falará de preferência em termos de decretos. Essas três explicações⁷⁴ não se contrariam, pois constituem maneiras diferentes e concordantes de pensar a mesma coisa. (Jaquet, 2011, p. 80).

Diante dessa definição de afecção, Jaquet se pergunta se os afetos seguiriam essa mesma estrutura, na qual se poderia deduzir afeto psicofísico, afeto corporal e afeto mental? Mostrará que existe em Spinoza uma separação entre as afecções que podem dar origem a afetos e outras que não, conforme sua ação sobre a potência de agir do corpo, reportando-se ao postulado na Ética III, onde se encontra: “*O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída e também de outras que não tornam sua potência de agir nem maior nem menor*” (Jaquet, 2011, p. 81).

Tal distinção se reporta aos 6 postulados da Ética II, no qual Spinoza define o corpo humano: 1) o corpo humano é altamente composto de infinitudes de partes que, por sua vez, são corpos altamente compostos, o que significa que o corpo pode estar disposto em uma variedade indefinida de estados corporais; 2) tais indivíduos que compõem o corpo humano, “*são fluidos, outros moles, e outros, enfim, duros*” (Spinoza, 2009, p. 66); 3) de modo que o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras por corpos exteriores; 4) o corpo necessita de muitos outros corpos, nos quais se conserva e se regenera; 5) e, nesse processo de conservação e regeneração, as partes fluidas podem ser determinadas por corpos exteriores, por inúmeras recorrências de encontros ou choques com partes moles, de tal maneira que a parte fluida transforme a parte mole, e “*nela imprime como que*

⁷⁴ Lembremos que seja a explicação que for, essa só surge com a linguagem, a reflexão e certa consciência. Mesmo para explicar que tal afecção é inata, essa supõe o domínio relacional que possibilita a linguagem. Do contrário, temos afecções corporais, mas não temos consciência nem podemos formular explicação de sua determinação.

traços do corpo exterior que a impele” (Jaquet, 2011, p. 66); 6) Por fim, “*O corpo humano pode mover e rearranjar os corpos exteriores de muitas maneiras*” (Jaquet, 2011, p. 66).

Jaquet destaca da *Ética II* os lemas 5 e 7 onde Spinoza pondera sobre as mudanças corporais para mais ou para menos, mas, ressalta, sempre mantêm a proporção de relação de movimento e repouso, conservando a mesma forma, assim, mantendo sua natureza, quer se mova mais rápido ou encontre-se em repouso, quer altere a direção. O que se conserva, independente do estado, é que as partes mantenham sempre em movimento e transmitam esse movimento as outras. Assim, o corpo humano pode passar por uma infinidade de estados, desde que se conserve sua proporção nas relações constitutivas que o caracterizam. Com isso, se justifica a existência de certas afecções que *não* se tornam afetos, já que não comprometem a potência de agir do corpo, nem ameaçam sua conservação. Para Jaquet, o conceito mais importante que nos ajuda a delimitar a extensão do afeto é a potência de agir: “*O afeto não tem existência absoluta e independente da potência de agir; ele não é simplesmente relativo a uma causa e a seus efeitos, mas qualifica um tipo de efeitos particulares*” (Jaquet, 2011, p. 83). Ela aumenta ou diminui, o que evoca algo no vivente em particular.

E como é definida a potência de agir? Agir em Spinoza, nos mostra Jaquet, tem duas esferas de abrangência: uma mais larga, quando agir é compreendido como o que produz efeitos, e nesse caso não importa se é total ou parcial, o que leva a concluir que nessa definição de agir, envolve tanto as ações como as paixões. A segunda esfera é mais restrita, porque remete à ideia de causa adequada, tal qual a definição 2 da *Ética III*, “*digo que agimos, quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada*” (Jaquet, 2009, p.98). No caso das tristezas, o agir se refere as ações no sentido mais abrangente porque envolve as ideias inadequadas enquanto afecções de causas exteriores.

Em relação à potência, Jaquet a descreve como a realidade ou perfeição, e nos reporta ao *conatus*, como esforço de perseverar no seu ser, que deve ser percebida tanto no que é atualmente dado, como em relação às modificações por forças exteriores. Mas a “*verdadeira potência de agir*” surge do conhecimento adequado, na medida em que somos a causa total, sendo compreendida só por nossa natureza. Mas, potência de agir é, também, remetida às paixões ou causas parciais, que têm sua referência em causas exteriores, correspondendo à capacidade de sofrer. Para essa tese, buscar apoio ao que faz sofrer é parte da potência de sofrer do observador de si, que envolve um voltar-se para a relação consigo mesmo e distinguir algo de si por si mesmo, para gerar uma explicação

que expressa *Sentimentos* que podem ser avaliados e classificados em conformidade ao domínio relacional onde faz sentido.

Aqui surge outro traço que ajuda a distinguir a particularidade entre os indivíduos humanos, quando Jaquet se reporta a proposição 13 da *Ética II*, onde Spinoza explica que um ser humano se distingue de outro ser humano, por suas capacidades. Dois movimentos: se a mente é imagem do corpo, quanto mais for capaz de agir ou padecer, simultaneamente, de um grande número de coisas, sua mente será capaz, simultaneamente, de perceber, também, um maior número de coisas. E quanto mais o corpo for capaz de realizar um número maior de coisas, que dependam somente dele, e quanto menos outros corpos participem na realização dessa ação, mais a mente será capaz de compreender de maneira clara e distinta. Diz Spinoza, “*É por esses critérios que podemos reconhecer a superioridade de uma mente sobre outras, bem como compreender por que não temos de nosso corpo senão um conhecimento muito confuso*” (Jaquet, 2009, p. 62). Para essa tese, para chegar a compreender a diferença de capacidade de uma mente sobre as outras, bem como de conhecer que temos ideias confusas sobre nosso corpo, a explicação que expressa *Sentimentos* pode ser parte de composição de alternativas de enfrentar o que faz sofrer. Antes disso, padecemos, mas desconhecemos ou ignoramos o que nos faz sofrer.

Ligado à distinção anterior que nos mostrava que a avaliação, a distinção, a classificação do adequado ou inadequado, da ação ou de paixão, se fazem pela mente. O que distingue dois seres humanos é sua capacidade de discernimento, de realizar coisas em que a causa se faz por sua própria natureza, sendo esse critério o que diferencia um sábio de um ignorante. Agora, se juntarmos o fato de que nossa cultura se encontra assombrada por ideias inadequadas, por misticismos, e que o povo simples, das comunidades em situação periférica, é sujeito dessas alienações, bem como, da realidade violenta que os cerca, o que esperar desses seres em relação a vir a compreender seus afetos? Como não perceber que sua maneira de pensar está impregnada por seu modo de viver e conviver num meio hostil? Como esperar que suas explicações do que os faz sofrer possa chegar a produzir alteridades? Como não supor que seus *Sentimentos* expressem essa realidade confusa de seus afetos contraditórios?

É desolador pensar que o apoio psicológico não possa chegar até a população simples, senão por meio de remédios, anestésicos mentais, além do peso que assume o diagnóstico, que mais reforça sua incapacidade do que o ajuda a superá-las. Nossa prática tem mostrado algo diferente. Muitas pessoas conseguem, mesmo sendo de poucos recursos econômicos, intelectuais, fruto de experiências vividas na dor e sofrimentos, com perdas,

abandonos, rejeição, descasos, estigmas, preconceitos e negligências. Todos esses modos que produzem afetos contraditórios estão presentes na comunidade. São de origens externas, agenciadas pelo Estado, na sua condição burocrática e seus interesses, sem perspectiva ética, bem como, do território onde a violência do tráfico, das milícias, UPPs, da própria condição de saneamento básico, condições de moradia precárias na forma de puxados, barracos. Soma-se a tudo isso, histórias de vida que trazem de sua intimidade familiar, marcas de perdas, indiferenças, negações e tantas outras formas de desamor. Mas, apesar disso, além e aquém disso, dessas condições reais de viver e de conviver em situação de periferização, falar, distinguir uma experiência vivida, descreve a circunstância onde essa dor faz sentido, explicar o que faz sofrer, expressar seus *Sentimentos*, tem produzido mudanças. Como?

Se dizemos que os *Sentimentos* surgem na explicação de marcas de afetos de afecções de emoções vividas, que ocorrem nesse voltar-se para relação consigo mesmo e distinguir no seu modo de viver no presente, uma marca do que faz sofrer, como podem mudar? Se a avaliação, a classificação e o entendimento se fazem por modos de pensar, e o mental sendo imagem do corpo e o corpo um traçado de violações, como podem mudar? Como não ver que os *Sentimentos* são expressões de ideias confusas e inadequadas, de passividade e servidão? A não ser que a expressão do *Sentimentos* se depare com o novo, algo que surge na recursividade de colocar seu viver em questão, que abre a possibilidade de fuga, de produzir outro domínio relacional, que venha a decompor o anterior. Mas como, se o passado é irreversível? O passado sim, a explicação não! Diz Spinoza “*Acredito, que todos sabem, por experiência, que a mente não é capaz de pensar, a cada vez, de maneira igual, sobre um mesmo objeto, ao invés disso, a mente é tanto mais capaz de considerar este ou aquele objeto, quanto mais o corpo é capaz de ser determinado pela imagem desse ou daquele objeto*” (Spinoza, 2009, p. 101). Daí, ao expressar os *Sentimentos* de experiências vividas, pelas recorrências e coerências próprias de outras experiências vividas, surge algo novo, uma criação, uma invenção, outra experiência, que vem a produzir outras explicações, que decompõe um estado atual de sofrimento, que se expressa em outros *Sentimentos*.

Mas Spinoza diz algo interessante, na explicação da definição geral, no final, que não devemos comparar “*o estado presente do corpo com os anteriores, mas, sim, que a ideia que constitui a forma de um afeto afirma, a respeito do corpo, algo que envolve, de fato, mais ou menos realidade que antes*” (Spinoza, 2009, p. 152). A comparação é entre dois

estados de corpo, mas o ponto de partida diz de um estado atual. Nesse sentido, os *Sentimentos* que se expressam no momento da explicação não são recordações, mas revelam o estado de um corpo afetado no presente. E no postulado 2 da ética III, diz “*o corpo humano pode sofrer muitas mudanças, sem deixar, entretanto, de preservar as impressões ou os traços dos objetos e, conseqüentemente, as mesmas imagens*” (Spinoza, 2009, p. 99). Aqui estão as marcas de experiências vividas. O corpo conserva as marcas, impressões, e as imagens dessas marcas. É a essa marca de afeto no modo particular, que o indivíduo volta, no depois, que surge junto às circunstâncias do ocorrido, como domínio relacional (emoções) em que tais imagens e ideias fazem sentido, quando explica e expressa seus *Sentimentos* do que o faz sofrer. A questão a se ater, diz do que surge junto com essas marcas: se inclui o observador, sua história, as circunstâncias *como, onde e quando* aconteceu, ou se a marca é descrita de uma forma particular, mas explicada de maneira transcendental, por algo externo e independente do observador de si. Isso diz da passividade ou atividade na expressão dos *Sentimentos*.

Como se observa em Spinoza, na prop 17 da E II, “*Se o corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de algum corpo exterior, a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente, até que o corpo seja afetado de um afeto que exclua a existência ou a presença desse corpo*” (Spinoza, 2009, p. 67). Sugerimos que o processo de produzir explicações, de expressar os afetos, num espaço de conversação, é uma alternativa a produção de outra explicação, que envolve o acontecer de outros estados corporais, onde na passagem de um a outro, algo potente pode, não necessariamente, vir a acontecer. Mas aqui não se trata mais de expressar *Sentimentos*, mas de produzir *Sentimentos* que se expressam no modo de outras explicações de experiências vividas. Nada é garantido, mas, também, não está impossibilitado. A questão é agir.

Será que a imagem de um afeto, uma marca vivida, que está presente na mente do indivíduo, se expressa exatamente *como, onde e quando* foi afetado pelo corpo exterior? Ou, será que trazer para o presente, no enunciado da explicação algo pode mudar? Será que as imagens, por serem confusas, não guardam algo que as desestabilize, em relação ao momento anterior, quando era algo que conservava, sem se debruçar em distinção, descrição e explicação que expressam *Sentimentos* sobre o problema que o faz sofrer? Será que essa mudança não é um afeto mais forte, nascido da própria natureza do *conatus*, que tende a perseverar, tende a resistir ao que faz sofrer? Ainda, será que as imagens que se conservam não são uma versão do ocorrido, que ao explicá-las, abre-se a possibilidade

de sentir algo que, enquanto guardava em seu silêncio, não percebia? Se for assim, os *Sentimentos* não podem ser reduzidos a pura cópia das experiências vividas. Será que o movimento de explicação, tomado pelo presente em que busca enfrentar o que faz sofrer, poderia trazer o novo, algo que uma vez expresso muda o ponto de vista nas tramas entre imagens de afetos e paixões, e sem a pretensão de uma revolução, possa vir a possibilitar pequenas transformações, mesmo pontuais, mas o suficiente para mudar a configuração das ideias e imagens dos corpos exteriores que o arrastavam para o sofrimento continuado, causando sua tristeza?

Nesse sentido, os *Sentimentos* não podem se confundir com representações de imagens, mas criação, no domínio dos enunciados, de uma outra configuração de sentir, por meio da explicação do que o faz sofrer. Mais, se a mente é ideia do corpo, a mudança de atitude de enfrentar sua dor, não muda a ideia do corpo? Manter seu sofrimento sem expressar seus *Sentimentos*, produzindo explicação, não seria um meio de conservar sua tristeza? Compreender que seu modo de agir, mesmo sem produzir uma profunda consciência, mas maior do que antes de ter problematizado sua tristeza, não seria um apoio? Ainda que a narrativa não seja uma interpretação, segundo modelos conformes, aceitando sua legitimidade como uma realidade, mas investir em se perguntar se quer ou não conservar o que faz sofrer, não seria uma atitude ativa? Não contribuiria para ampliar o alcance de compreensão por meio de ferramentas concretas, mudança de domínio de ações, com outra disposição íntima, construída na própria explicação que expressa *Sentimentos*? Não se trata de buscar soluções, respostas, mas distinguir a marca que afeta no contexto em que faz sentido, por meio da reflexão, onde pode ocorrer a contraposição de dois modos de pensar que se aproximam em imagens e ideias, mas que não são iguais, no modo de sentir.

Um exemplo cotidiano: é comum aparecerem crianças encaminhadas pela escola, que vêm com a queixa de que são desobedientes, onde familiares e parentes explicam que já fizeram de tudo (bateram, castigaram, restringiram sua mobilidade) na tentativa de corrigir o filho/filha. É frequente a suposição de que os filhos/filhas devem obediência cega aos pais (dado cultural), só por serem pais. Nessa coerência reflexiva, os filhos têm problemas. E no mais das vezes, os familiares não buscam a psicologia porque estão preocupados com o sofrimento dos filhos, mas esperam que a psicologia ajude a fazer o filho a ficar mais obediente. Percebe-se a coerência operacional-relacional reflexiva dos familiares, mas se nota que não se dão conta do que estão pedindo à psicologia. Não percebe que o filho sofre por algo que corresponde a todo o espaço de vida dele, onde ele assume

essa condição de desobediente, mas como efeito de outras coisas que não surgem nas queixas dos familiares. Nota-se que essa explicação, com acréscimos de outras experiências, como modelo educacional, hábitos culturais pautados no patriarcalismo, questões de gênero, e muitas outras maneiras de produzir uma reflexão que não é erudita, mas cotidiana, não teria efeitos no modo com que os familiares descrevem e explicam o que faz sofrer naquela criança? Será que não se torna possível combinar, diretamente na circunstância, outros modos de se conduzir, fazer pequenas experiências que mexa na dinâmica relacional conservada? Essa mudança não traria alguma consequência no modo de lidar dos familiares, de maneira que passem a perceber que a criança, o como ela se mostra, é como se percebe, se sente, se concebe e se explica? Será que isso não ajuda a perceber que confrontá-la pode não ser a melhor caminho, mas, ao invés, devolver à criança a responsabilidade por ser o que é, ajudando-o a se organizar? Não precisa de tanta inteligência, mas atitude e mudança de postura diante da mesma situação. Isso é corroborado quando os *Sentimentos* de pais ou familiares, são de amorosidade, de bem querer, que podem se esforçar em mudar de atitude. O fato que nossa prática nos mostra, é que esse esforço dos pais ou familiares, de mudarem sua atitude, vem mostrando efeitos que se notam muito rapidamente na criança, que está junto e que é incluída na conversação, nas combinações, na tomada de decisão. No decorrer do trabalho, percebe-se que mudou a explicação, que o problema passou, e que os *Sentimentos* não são mais os mesmos.

Jaquet nos ajuda a pensar essas questões. Quando retoma a ideia de potência de agir, mostra que essa surge como aptidão para agir e padecer, e como resistência a forças exteriores. Quando o corpo é sentido como efeito, expresso por causa inadequada de suas ações, nas referências externas, isso não exclui totalmente o corpo, como potência de agir e de resistir. Vale uma longa citação:

Cumpra notar que a aptidão a padecer figura entre os critérios que permitem determinar em que um corpo supera um outro e contém mais realidade. A passividade não é, portanto por natureza manchada de negatividade, pois um corpo que pode padecer de maneira variada tem mais aptidão que um corpo que padece de poucas maneiras. A passividade é em realidade sempre uma atividade parcial, pois, embora causa inadequada, o corpo contribui para a produção de efeitos com o concurso de causas exteriores. É por isso que ela é integrada à potência de agir. Logo, não há oposição entre ação e paixão. Todo o problema consiste em aumentar a parte ativa do corpo na produção dos efeitos. É por isso que sua potência se mede pela proporção de atividade que entra na realização de uma coisa. (Jaquet, 2011, p. 85).

Vemos que a potência de agir é uma aptidão do corpo, no atributo extensão, como a mente é uma potência de pensar, no atributo pensamento. As potências na sua condição psicofísica do indivíduo, são inatas, dizem do apetite, do *conatus*, e concerne, mesmo em

graus diferentes, tanto ao sábio quanto ao vulgo. Como os afetos primários também são condições de natureza, o sábio e o ignorante, vivem em torno do desejo, de alegrias e tristezas. Afetos mais passivos para uns que para outros, mas não são desprovidos de resistências e eventuais favorecimentos. O fato é que, diante do que faz sofrer, uma diminuição da capacidade de ação, nem o sábio é imune à ordem natural das coisas no mundo: “*O afeto, notadamente quando ele é uma paixão, manifesta a diferença entre uma potência de agir, tomada como aptidão, e sua existência atual, enquanto ela envolve uma negação, visto que o homem é só uma parte da natureza*” (Jaquet, 2011, p. 85).

Os afetos, aqueles que nos espaços de conversação a atenção distingue, na descrição e na produção da explicação que expressa *Sentimentos*, quando o faz: “*relata a história da ‘potentia agendi’ e descreve a maneira como ela é modificada*” (Jaquet, 2011, p. 85). Tais condições resultam do fato de nosso corpo ser constituído de tal sorte que pode sofrer mudanças por forças de corpos exteriores como, também, por sua natureza, pode mover os corpos exteriores de inúmeras maneiras. Com isso se entende que entrando em atividade, outras atitudes, mudando o domínio de ações, podemos alterar a disposição dos corpos exteriores, como também, mudar de estado de corpo, ou seja, transformar as relações que conservamos por outras, que surjam no próprio processo de descobri-las ao explicá-las, no expressar *Sentimentos*: “*A esfera do afeto engloba todas as variações dessa potência, as passagens e as transições entre a afirmação de uma maior ou menor realidade*” (Jaquet, 2011, p. 85).

É em relação à vida, à potência de agir, a aptidão natural do modo de existir, que surge a resistência contra a negação, por meio de atitudes no presente, em atividades em curso, que os *Sentimentos* devem ser pensados. Não como respostas ou soluções, mas como mais uma estratégia que se expressa nas explicações do que nos faz sofrer. Entendendo, que o que faz sofrer é uma distinção de quem sofre, uma marca, impressões, que conservam imagens e ideias dessas imagens, maneira como descreve e assim explica, expressando *Sentimentos*.

Sentimentos como um mapa, que não gera solução ou resposta, mas modo de abrir o problema. Bem, se houver recursividade sobre esses *Sentimentos*, de maneira que surjam outras distinções e descrições de descrições gerando explicações de explicações, no fluxo de transformações, notemos que não mais se estaria expressando *Sentimentos*, porque não mais se reportaria a algo que faz sofrer, mas seria *produzir Sentimentos* que expressam algo outro, um novo modo de *sentir que sente*, um afeto que não se reporta a

explicar como *sente o que faz sofrer*, mas, por recursividade, pode passar a *sentir que faz como sente, o que sente que vive*.

Em síntese: parte-se do distinguir um *sentir que sente*, um afeto, que descreve o *que sente que algo faz sofrer (afecções)*, onde se gera um mapa que explica e expressa *Sentimentos*, como modo de conhecer, de *sentir como sente*. Podendo avançar, operando a recursividade nos *Sentimentos* que produz outras distinções, descrições e gerando explicação de explicação, onde os *Sentimentos* expressam um *Sentir que faz como sente*.

Podemos dizer: o trabalho de distinguir, descrever e explicar é uma prática de produzir *Sentimentos* que supõe, no próprio exercício da experiência, colocar a potência de agir e de pensar no fluxo do desejo de mudar. Mas isso só é possível se o afeto, a marca, a impressão em questão, for tomado no modo particular. A distinção de experiência vivida, diz desse afeto no modo particular. O afeto distinguido traz junto um domínio de ações, diz de uma experiência distinguida onde alguém age (passiva ou ativamente), e conserva as *imagens e ideias-afecção* que aparecem na descrição como explicação. Essas explicações expressam *Sentimentos*.

4.5. Gilles Deleuze: Spinozismo



O que permite a Spinoza abrir-se, por exemplo, sobre um problema moral e político fundamental e que será sua maneira de formular o problema político: como sucede que as pessoas que têm o poder, não importa em que domínio, tenham necessidade de afetar-nos de uma forma triste? As paixões tristes como necessárias. Inspirar as paixões tristes é necessário ao exercício do poder. E Spinoza diz, no Tratado Teológico-Político, que é este o laço profundo entre o déspota e o sacerdote, eles têm necessidade da tristeza de seus sujeitos. Aqui, vocês compreendem bem que ele não toma a tristeza num sentido vago, ele toma a tristeza no sentido rigoroso que ele soube lhe dar: a tristeza é o afeto enquanto envolve a diminuição da potência de agir. (Deleuze, 1980, p.9.)

François Dosse ⁽²⁰¹⁰⁾ nos conta que a tese de 1968 “*Spinoza e o problema da expressão*”, já estava praticamente concluído nos anos 1950, ^(Dosse, 2010, p. 123). De modo geral, o spinozismo de Deleuze reúne um número razoável de textos, mas tais textos mantêm um modo de compor a trama do sistema conceitual de Spinoza, em torno de sua tese de 1968. No geral, tem poucas modificações, uma delas é o abandono do termo *sentimentos* e manutenção do afeto. Os conceitos de *affectio* e *affectus* de Spinoza, são retomados diversas vezes em suas aulas e ensaios, mantendo a mesma dinâmica, mas ampliando suas maneiras de explicar, diversificando os domínios de correlações que nos ajudam na compreensão desses operadores na obra de Spinoza.

Na tese de 1968, Deleuze traduz *affectios* por afecção e *affectus* por afeto ou *sentimento*, usando ora um ora outro, como equivalentes, mas ficamos com a impressão de que tinha uma certa queda pela palavra *sentimentos*, embora não conste nenhum comentário sobre essa equivalência. Na aula de 24/01/1978, Deleuze dedica um parágrafo para o problema da tradução dessas palavras. Considera boa a tradução de *affectios* por afecção, mas passa a entender que *affectus* deveria ser melhor traduzido por uma palavra mais bárbara, *afeto* e não por *sentimento*. E aí faz algo estranho, abandona a palavra *sentimento*, assumindo afeto: “*Então, quando emprego a palavra afeto isso remete ao affectus de Spinoza, quando digo a palavra afecção, esta remete a affectio*” (Deleuze, Aula 1978).

Desliga-se de sentimentos e assume *affectus* por afeto e *affectio* por afecção, entendendo que assim mantem a mesma raiz (*affec*), mas não problematiza essa separação, nem nos explica sobre o destino da palavra *sentimento*, afirmando, na aula de 20/01/1981, que retoma o mesmo parágrafo, com uma pequena informação, quando coloca que a *diferença entre afecção e sentimento* não faz muito sentido no francês. Comenta Deleuze, a tradução de *affectio* e *affectus*, usando a mesma palavra *afecção* não parece adequada.

Nesse contexto de tradução, imaginamos que a palavra *sentimento* se apaga tanto quanto *afeto*, quando reduzidas pela palavra *afecção*.

Interessante. No texto de 1970, “*Spinoza e a filosofia prática*”, mesmo atualizado em 1981, no glossário, a tradução de *affectus* se mantém na ambiguidade entre *sentimento* e *afeto*, sendo usados de modo alternado. No texto 1977, “*Spinoza e nós*”, não aparecem *sentimentos*. Da mesma forma, no curso sobre Spinoza, nas aulas de 1980 e 1981, não ocorre a equivalência entre *afeto* e *sentimentos*. No último texto, 1993, “*Spinoza e as três éticas*” também não surge a palavra *sentimento*. Enfim, Deleuze abandona a palavra *sentimento* que navegava de mãos dadas com *afeto*, nos deixando a possibilidade de pensar o que há com o *sentimento* que parece não ter potência suficiente para se auto manter, existindo como parasita de outros conceitos como *emoção* e *paixão*.

No que segue, vamos trabalhar o modo existente a partir de suas dinâmicas: sistemas de intensidades e sistemas de relações como base a propor um modo de entrelaçamento conceitual a partir dos sentimentos. Veremos que o sistema de intensidade corresponde a variação contínua do existir, que se liga ao *afeto*, e o sistema de relações, como domínio das *afecções* e *noções comuns*. Enquanto ideia inadequada, a *afecção* resulta de misturas de corpos, efeito de um corpo sobre outro que pode operar na redução de potência, que nos coloca com um dos elementos de nossa tese: modos de enfrentar o que faz sofrer por formas de desamor, o que nos parece ter ressonância com o conceito spinozista de tristeza – “*a tristeza é o afeto enquanto envolve a diminuição da potência de agir*” (Deleuze, 1980, p.9.). Mas será, também, no *domínio de relações* que se poderá pensar e aprender a trabalhar com *noções comuns* entre dois corpos, que entram em relação sem que ocorre a perda de potência de um deles, podendo legar pequenas alegrias, que se tornam num ponto de partida para o trabalho de preparação ao enfrentamento do que faz sofrer. Na sequência, vamos pensar os conceitos de *afeto* (variação contínua no sistema de intensidades do modo de existir), *afecção e noções comuns* (como resultado de domínios relacionais onde ocorre a composição e decomposição entre corpos num meio), concluiremos com exemplos.

4.5.1 Potência e Existência no Spinozismo de Gilles Deleuze



Nessa tese já falamos da origem. Buscamos salientar duas maneiras teológicas de conceber o sentido da vida. Uma mais próxima, onde *criador e criatura* se diferenciam sem abandono, ruptura, separações, somos próximos: assim, bem assim, juntinhos. Outro modo: nesse se sente a necessidade de um criador distante, soberbo, austero, exigente, diretivo, que pune, castiga, faz sofrer pela eternidade. Nessa lógica, temos a ideia de um deus que nos deixou preso a esse corpo, nesse planeta, com esses seres vivos que vivem do comer uns aos outros. Ferozes, incontroláveis, instintivos, do qual somos parte, que nos lega algo impuro, desvirtuado, carregado de um passado de besta. Sem falar do entorno. Nunca se sabe o que vem dali ou de lá. E para apagar as ligações históricas com os animais, somos vigiados e temos que nos vigiar, para não deixar o mal brotar de nossas entranhas, que nos visita revestido de desejos, prazeres impuros, que nos tentam e consomem. Essa paixão não é em vão, somos derivados, não temos a marca direta do ato criador, somos criaturas de origens desvirtuadas, não viemos do barro, mas do sexo, somos pecadores. Temos uma purgação, devemos assumir a culpa e os desígnios a que estamos jogados; aceitar a orientação, buscando ser útil, ter uma finalidade, servir, se docilizar.

Seguindo a lógica negativa, nos informam que as provas do criador estão na sua perfeição, na sua infinitude absoluta, na sua precisão, na sua inteligência divina, sem a qual *nada* existiria. O criador nos deixou deveres claros e distintos, que devemos seguir para que nos reconheça, dando-nos a liberdade, mas tendo retirado a autonomia que deixou com as bestas. Isso tudo fez de nossa existência uma procura de resposta para ser similar ao que devemos ser ou purgar o mal herdado do pecado original. Podemos escolher o bem ou o mal. É por bem se sacrificar, se docilizar, e esperar os fins dos tempos, quando a glória chegar, no qual poderemos nos regozijar de não sermos iguais a “eles” que viveram a felicidade carnal, mas não terão direito à eternidade espiritual. Um modo de conviver, de ver, de dizer, de fazer e de sentir...

A ciência que lhe corresponde *não* pode partir do ser humano e sua unidade psicofísica. De fato, enquanto unidade, a ciência clássica teria que aceitar e considerar caso-a-caso, um a um, e não como espécie de modo geral, abstrato, convencional. Isso traz problemas ao domínio das certezas. Evoca-se o procedimento racional: extrai toda subje-

tividade da singularidade do ser humano e os tratar de modo objetivo como “*semelhantes*”. Mas, sem subjetividade e definindo-o objetivamente, temos, ainda, desse corpo, o fato de que precisa ser animado por uma energia externa, isso se percebe na experiência: precisam comer, dormir, estar juntos desde que nascem, mas não podem estar entregues a si mesmos e por si mesmos. Na sua solidão, as partículas animais precipitam. Mas, como não se pode e nem se deve tomar caso-a-caso, seria impossível de controlar, temos que uniformizar. Mas não podendo fazer pelo corpo, que além de ser um estorvo, é incapaz de produzir resposta. Tem que ser por ideias, único modo como todos podem ter acesso ao universal, e se unir nele, e podem fazer isso, sem que os corpos estejam juntos, próximos. Assim, para esses corpos que se agitam, que dormem, que comem, que fornecem, devem-se dar ideias que os façam produzir ordenadamente, para que corram adequadamente ao mercado e tudo siga as graças dos favorecidos. Bem, e outro modo de conviver, de ver, de perceber, de fazer, de dizer e sentir...

Com Gilles Deleuze encontramos essa história da origem na maneira de compreender os modos de vida pelos afetos primários: *desejo, alegria e tristezas*. Nosso estudo não privilegia as tristezas, mas foca nelas para pensar o que faz sofrer. O desejo já nos é dado por natureza, no sistema ecologia que nosso corpo, composto de aglomerados de partículas, corpúsculos, que vão se encontrando, compondo e se decompondo, numa mecânica que produz formas, que tem sua história de existência muito antes do planeta terra, dos seres vivos e de nós seres humanos. Nosso corpo reúne a cosmologia e a ecologia, formando uma totalidade singular, indivíduo multidimensional, porém, estranhamente sua existência surge na convivência, mas desde “uma vida”, no modo particular.

O modo existente, no spinozismo de Deleuze, envolve, simultaneamente, o sistema intensivo e o sistema de relações. Há uma dinâmica de entrelaçamento entre os dois sistemas. Possuem causas diferentes, mas surgem juntos, na passagem à existência: o indivíduo como um composto muito grande de relações onde infinitudes de partes se reúnem nessa relação e juntos produzem uma dinâmica de intensidade enquanto grau de potência. A dinâmica na potência funciona na lógica das multiplicidades, não é que todos os graus estejam em cada um, mas o todo se dispõe na composição de cada um, nos mostra Deleuze.

O conceito de essência⁷⁵ ou grau de potência traz muitos problemas, por se encontrar muito ligado ao pensamento teológico. Em Spinoza, essência passa a ser definido como potência. Em nosso estudo, pensamos em termos de ser humano, que corresponde a um modo existente. Como seres humanos somos, cada um de nós, uma intensidade, enquanto grau de potência singular “*A essência é sempre uma determinação singular. Há a essência deste, daquele, nunca temos a essência do homem. Há vocês, este, aquele, há as singularidades*” (Deleuze, 1980, p. 37). Estudar os afetos, remete a traçar linhas em torno da potência do corpo, o que pode cada indivíduo no modo particular.

Deleuze mostra que para Spinoza a ideia de essência não é uma abstração, mas realidade física: “*as essências de modos não são nem possibilidades lógicas, nem estruturas matemáticas, nem entidades metafísicas, mas sim realidades físicas, res physicae*” (Deleuze, 1968, p. 130). Para compreender isso, me reportei ao texto sobre cosmologia. Lembrei de Frei Betto quando nos lega a imagem em perspectiva, partindo da superfície de nosso corpo, exposto ao mundo microscópico, partindo da pele, que surge como um mapa. Segue viajando pelas camadas, até chegar no núcleo do átomo. Mostrando que esses componentes do núcleo, têm sua origem em torno de 10 bilhões de anos. Avança até encontrar o trio dos quarks na formação do próton e nêutron do núcleo, que nos remetem aos primeiros milésimos de segundo, antes da grande explosão. Ou, Maturana y Varela, ao refletir as mutações atmosféricas, mostram como surgem as moléculas de carbono, como condições da vida orgânica, que irá se constituir a partir de um conjunto de relações que formariam a unidade autopoietica simples e composta. Ou, na perspectiva de Pa. Paulo Monteiro Ramalho (2007), quando lembra que após a segunda grande explosão, com durações de bilionésimo de segundos, surge o que os astrofísicos chamam de partícula X, como partícula originária, como campo de forças sem nada de matéria.

Na aula V do curso de Spinoza⁷⁶, Deleuze⁷⁷ fala que cada indivíduo é altamente composto, suas *relações diferenciais constitutivas*” se compõem de infinitudes de partes

⁷⁵ O sistema intensivo traz a ideia de essência, mas essa ideia assume outro estatuto, deixa de ser algo transcendental, para ser assumido como potência. Deleuze comenta que a palavra essência não é o mais importante: “*Spinoza fala frequentemente da essência, mas para ele, a essência jamais é a essência do homem...A palavra essência tem forte risco de mudar de sentido. Quando fala de essência, o que lhe interessa não é a essência, o que o interessa é a existência e o existente*” (Deleuze, 1980, p. 37).

⁷⁶ Deleuze, Gilles. Em Medio de Spinoza. Cactus. Série CLases. Buenos Aires 2008. 2º edición. Classe III Las distinción ética de los existentes. Potencia y afecto. Traducción equipo editorial Cactus.

⁷⁷ Deleuze comenta que a expressão “*relações constitutiva*” não é um termo de Spinoza “*relações constitutivas. Lo digo, por comodidad, no es un término que use Spinoza*”. Na sequência, retoma a questão do

simples, que formam conjuntos de diferentes tamanhos. Cada conjunto se compõe de suas relações de movimentos e repousos, que se acoplam numa unidade composta mais ampla, que conserva, como totalidade, a proporção de movimento e repouso, que corresponde a dinâmica em suas relações característica, enquanto grau de potência.

Descreve que a *definição de relação* implica *termos*. E se pergunta: na relação que compõe o modo existente, quais são os *termos* entre os quais se estabelecem as relações? Sua resposta: “*eu estou, então, constituído por um conjunto de relações constitutivas, relações de movimento e repouso entre partículas*” (Deleuze, 1981, p.128). Mas, o sistema das relações reporta-se às partes extensivas, externas umas às outras, que formam conjuntos maiores ou menores de relações de movimento e repouso. Porém, “*É nessa relação que um conjunto infinito corresponde a determinada essência de modo (isto é, a determinado grau de potência), logo, constitui na extensão a existência do próprio modo*” (Deleuze, 1968, p. 139). Por fim, tem-se o indivíduo composto como totalidade constante em relações diferenciais constitutivas, que mantem a proporção total de movimento e repouso, que efetuam todos os demais conjuntos das relações entre as partes, que corresponde a um grau de potência. Deleuze nos remete a pensar que essa maneira de se compor por relações, ao ser estendido ao infinito, reúne todas as relações da natureza, de tal sorte que “*Se considerarmos o conjunto de todos os conjuntos infinitos, em todas as relações, temos a “soma de todas as variações da matéria em movimento”, ou “a figura de todo o universo” no atributo extensão*” (Deleuze, 1968, p. 139). E, por consequência, a potência infinita de Deus.

Vamos descrever brevemente essas duas *lógicas intensiva e extensiva*, como modo de situar as condições da individuação do modo finito, que não é qualitativa nem quantitativa, mas intrínseca e intensiva. Em termos de sentimentos, isso nos remeterá ao afeto no modo particular, a variação contínua de intensidade enquanto grau de potência que muda para mais ou para menos que, mesmo sem saber quanto, nos lega uma ideia das transformações no nível singular.

Partimos da essência ou grau de potência. São intensidades que se descrevem como singularidades. Cada indivíduo composto, como singularidade, diferencia-se enquanto grau de potência. Essa diferença de intensidade não se faz entre dois indivíduos,

que compõe os termos nessa relação “*eu diária que são particulares... nós poderíamos dizer que são relações entre moléculas e, logo componentes de moléculas, e finalmente cairíamos também sobre relações entre partículas*” (Deleuze, 1981, p.128).

não é uma distinção comparativa, se define *intrinsecamente*. Cada indivíduo se define por uma quantidade diferencial de seus agrupamentos singulares de partículas, que correspondem a uma intensidade. A intensidade é instantânea. A cada instante, sua intensidade é singular. Ao compararmos dois instantes, um agora e um anterior, veremos uma diferença. Essa distinção de duas grandezas de intensidades diferentes, se faz em relação a distância a um grau zero (morte). Entre o nascimento e a morte, nosso grau de potência, enquanto intensidade, se encontra em variação contínua, no qual só podemos dizer que aumenta ou diminui, sem saber quanto. Como refere Deleuze: “*Então, seria necessário conceber que a essência singular de cada um seja essa espécie de intensidade, ou limite de intensidade. Ela é singular porque, qualquer que seja nossa comunidade de gênero ou de espécie, nós somos todos os homens por exemplo, nenhum de nós tem os mesmos limiares de intensidades que o outro.*” (Deleuze, 1978, p. 22).

Deleuze diz que a potência é distancia que se expressa em relações diferenciais, tendo como limite mínimo o grau zero. Esse diferencial em relação ao grau zero, é o que possibilita dizer que a intensidade aumenta ou diminui, que está mais ou menos em relação ao zero, a morte. São instantaneidades vividas numa diferença em ato. Por isso, se diz que a cada instante se está tão perfeito quanto se pode em função das afecções que nos preenchem. As modulações das afecções que preenchem o modo e compõem estados de corpo que vai mudando, conforme as afecções que o preenchem, produz a passagem de um estado a outro do corpo. Nessa passagem, surge o afeto, que será ligado a variações contínuas do existir no modo particular.

A expressão das essências como intensidade, ocorre por limites quantitativos, mas quantidade enquanto grau, não tem partes, funcionam por infinitudes maiores ou menores. Deleuze (aula 1980, p. 407) fala dessa multiplicidade intensiva como magnitude não aditiva, não mensurável. Uma multiplicidade que se apreende a cada instante em ato. Trata-se de uma quantidade não numérica, quer dizer, não se pode dizer *quanto*, mas podemos inferir como mais ou menos que antes. A intensidade se define por infinitudes inseparáveis entre si. Como mostra Deleuze: “*Na verdade, as essências dos modos são, portanto, inseparáveis, elas se definem pela sua total conveniência..., entretanto, nesse sistema concreto, cada essência é produzida como sendo um grau irreduzível, necessariamente apreendido como unidade singular*” (Deleuze, 1968, p.134). Sua graduação ocorre em relação ao grau zero, que é a morte. É por meio dessa relação ao grau zero que, entre dois

instantes, se pode inferir que um é mais ou menos intenso que o outro. Daí, quando distinguida como afeto, no aumento, no distanciar da morte, temos a alegria, ao contrário, na redução ou diminuição, encontramos a tristeza.

A essência é dita eterna. Deleuze diz que a essência não dura. Essa ideia de eternidade da essência em Spinoza corresponde a instantaneidade. A intensidade é vivida no instante. Deleuze chama de “*síntese do instante*” (Deleuze, 2080, p. 407), e nos dá o exemplo do calor. Não podemos quantificar, quando sentimos algo quente, mas podemos dizer, comparando dois instantes, que um é mais ou menos quente que outro. São magnitudes não aditivas, quantidades não numéricas. Instantaneidades em ato, sem duração.

Diferente do sistema de multiplicidades intensivas é o sistema extensivo que fala das relações. Surgem juntos, mas não tem a mesma natureza. Agora, são multiplicidades extrínsecas, ocupam um espaço homogêneo, sucessivo, divisíveis ao infinito. Compõe-se de infinitudes de corpos simples, exteriores uns aos outros, que entram em processo de composição e de decomposição de relações, formando conjuntos maiores ou menores, que correspondem à existência do modo: “*Esse modo “acaba existindo”, passa a existir, quando uma infinidade de partes extensivas entra nessa relação; continua a existir enquanto essa relação for efetuada. É, portanto, nas relações graduadas que as partes extensivas são reunidas em conjuntos variados que correspondem a diferentes graus de potência.*” (Deleuze, 1968, p. 141). Nota-se: o corpo não se define por suas partes, mas na dinâmica das relações nas quais essas partes passam a pertencer. Isso porque as partes só pertencem ao corpo, enquanto participam de uma relação que se definem como de movimento e repouso, de velocidades e lentidões, em correlação a variação contínua do grau de potência, num corpo como totalidade dinâmica. Um corpo difere do outro, não pela forma, nem por espécie, mas pelo conjunto de relações diferenciais que compõe como totalidade, que corresponde a um grau de potência singular. Por isso se diz que duas pessoas diferem por seu grau de potência, pelo que pode, pelo que é capaz de fazer e sofrer. Para essa tese, a distinção dos afetos opera-se no modo particular, que corresponde a sua potência de sofrer, que envolve sua história ontogênica de existir como unidade composta singular.

Deleuze mostra que a multiplicidade extensiva deve ser pensada pela duração. Uma vez que o modo passa à existência, esse dura, tem uma duração indeterminada. O sistema de quantidades extensivas é constituído de *síntese do tempo* (Deleuze, 1980, 406), uma síntese das partes homogêneas no tempo, que conserva. Veremos isso quando falarmos

de afeto que é determinado por uma afecção, do qual faz uma ideia que dura, enquanto síntese do tempo. Outro aspecto. Deleuze coloca que a lei de composição das intensidades e a lei de composição dos corpos são diferentes. A mecânica é a lei da extensão, no qual infinitudes de corpos simples são determinados do exterior a entrar em determinadas relações pela lei de movimento e repouso. Essa relação corresponde a um grau de potência, que existe até que as partes sejam determinadas do exterior a entrar em outra relação, que corresponde a outra intensidade: “*Os modos passam à existência, e deixam de existir, em virtude de leis exteriores as suas essências*” (Deleuze, 1968, p. 142). Essa experiência de determinação externa, que modula o grau de potência, quando opera na decomposição de relações características em direção ao grau zero (a morte), surge como perturbação, será o afeto, que é vivido no modo particular, segundo sua potência de sofrer.

Se o corpo se compõe de uma infinidade de corpos simples em relações graduadas, formando conjuntos variados, sendo cada conjunto a passagem a existência de um modo, como o grau de potência vem a pertencer ao modo? “*Partes extensivas formam um conjunto infinito maior ou menor, enquanto entram em determinada relação; nessa relação elas correspondem à determinada essência de modo e compõem a existência desse próprio modo*” (Deleuze, 1968, p. 141). Por fim, partindo da ideia de indivíduo composto, compreende-se que esse modo passa à existência na medida em que uma infinidade de partes simples se agrupam em infinitudes de relações variáveis de movimento e repouso. Mas essas infinitudes de relações variáveis passam a formar um conjunto maior, que engloba todos os demais conjuntos, como totalidade, que permanece constante, como relações diferenciais constitutivas, que conservam a proporção de movimento e repouso da totalidade, que corresponde um grau de potência. As relações diferenciais constitutivas (intensidade), como totalidade, se mantendo constantes, os demais conjuntos de relações passam a seguir as leis mecânicas de composição e decomposição de relações, onde se operam as transformações, dada essa plasticidade (lembrando Maturana).

O modo passa a existir e continua a existir, numa duração indeterminada seguindo o fluxo de sua variação continua de existir, no qual sua potência de agir pode ser distinguida, enquanto dois instantes diferentes, ora para mais, ora para menos, não se sabe quanto, mas essa oscilação terá dois patamares, de um lado, quando ocorre um aumento se dirá que se está em alegria e, ao contrário, quando ocorrer a diminuição, se dirá que se está em tristeza. Para nossa pesquisa estamos distinguindo só a tristeza. Segue diagrama de diferenças na composição do modo finito.

MODO EXISTENTE – Desejo	
Sistemas das Potências	Sistemas das Relações
Multiplicidade Intensiva	Multiplicidade extensiva
Síntese do instante	Síntese do tempo
Simultaneidade	Sucessivo homogênea
Instantaneidade	Duração
Latitude	Longitude
Intrínseco	Extrínseco
Indivisível	Divisível
Não mensurável	Mensurável
Relações diferenciais	Relações variáveis
Magnitude não aditiva	Magnitude aditiva
Ordenada - aumenta e diminui	Composição e Decomposição
Corresponde ao que sou	Corresponde ao que tenho
Afetos	Afecções e noções comuns
Entrelaçamento das Multiplicidades = Alegrias e Tristezas	

Para nossa pesquisa, a operação de distinguir, descrever e gerar um mapa como explicação que expresse *Sentimentos*, nos ocorre como um modo de fazer que supõe a compreensão dessas diferenças entre *afetos* (variação contínua no existir) e *afecções* (ligados aos domínios relacionais) com Gilles Deleuze. Nessa perspectiva, surge mais uma maneira de intervenção, que não partirá do agir sobre o que faz sofrer, mas desde experiências alegres, como meio de conhecer a prática das noções comuns, como sugestão importante do spinozismo no enfrentamento as tristezas e inferir um outro passo, que corresponde a produção de *Sentimentos*, ou sentimentos como produção de realidade na linguagem.

Concluiremos levando em conta o entrelaçamento entre corpo e domínio relacional, a partir da abstração de Maturana quanto a lei sistêmica # 8 “*Conservação e Mudança*”. Partindo da abstração que distingue o ser humanos em dois domínios da existência: de um lado, surge a autopoiese como unidade composta com uma organização invariante e suas estruturas plásticas, que corresponde as interações na composição do corpo biológico que se orienta pelo que conserva e restringe o que pode mudar, com o risco de morte e, de outro, o domínio das condutas, que no modo operacional-relacional um observador pode distinguir uma unidade composta, mas, agora, esse modo pode mudar tanto em relação ao que se conserva do sistema ou pode ocorrer a ruptura da conservação da organização dessa unidade composta relacional, onde surgirá outra coisa, sem que para isso implique que o corpo biológico sofra decomposição. Concluiremos com experiências práticas.

4.5.2 AFETOS: *Sentir que sente*



O importante é que vocês vejam como, segundo Spinoza, nós somos fabricados como autômatos espirituais. Enquanto autômatos espirituais, todo o tempo há ideias que se sucedem em nós, e seguindo esta sucessão de ideias, nossa potência de agir ou nossa força de existir é aumentada ou diminuída de uma maneira contínua, sobre uma linha contínua, e isto é o que nós chamamos afeto, isto é o que nós chamamos existir. (Deleuze, 1980, p. 10).

Na aula de 4.1.1978, Deleuze retoma os conceitos de afeto, afecção e noção comum, numa reflexão madura. Inicia pela ideia, entendendo que todo afeto é envolvido por uma ideia-afecção. Diz que Spinoza compreende a ideia como “*um modo de pensamento que representa qualquer coisa*” (Deleuze, 1980, p.6). Mostra que a ideia representativa é entendida como a relação entre ideia e seu objeto. Essa relação entre ideia e objeto é conhecida na história da filosofia como *realidade objetiva*.

A ideia como representação de um objeto ligada a realidade objetiva, vai possibilitar uma primeira formulação de afeto, mas enquanto um conceito nominal. Se a ideia representa um objeto, o afeto que a ideia envolve *não* é representativo. O afeto não é uma representação, quer dizer, o afeto não é uma afecção. Dois componentes: o afeto supõe uma ideia e nesse nível, toda ideia está ligada ao objeto que representa. O afeto não representa o objeto da ideia, mas delata seu efeito num modo de vida. Essa condição do afeto estar envolvido por uma realidade objetiva nos remete às tristezas, já que a ideia-afecção é inadequada, porque tem por causa um objeto externo e independente.

As afecções são consideradas imagens do corpo resultantes de misturas, do qual desconheço ou ignoro a causa, mas sinto efeitos vividos enquanto redução de potência por causas externas, que me afetam de modo a impedir ou reduzir a capacidade de efetuar relações, numa parte ou no todo de meu corpo e na maneira de pensar. Tais condições exigem um esforço de uma parte de minha potência para neutralizar ou minimizar os efeitos dessa realidade objetiva, que vivo no modo de sentir uma diminuição da intensidade (tristeza), na variação contínua do existir.

Deleuze nos dá um exemplo, no qual vamos tirar um primeiro componente que nos ajuda a pensar que o afeto opera nas relações diferenciais, distinguível como modo particular. A ideia objetiva supõe um objeto que representa. A ideia envolve um afeto, e o afeto é *não* representativo. O afeto não tem forma, mas intensidade, diz da potência, do que *sou* e não do que *tenho* (ideias). O afeto pode ser pensado como a variação contínua,

a transformação na potência de agir e na força de existir, o que temos acesso quando nos colocamos em questão o que nos faz sofrer, enquanto maneira de cuidado com nosso modo de vida. Deleuze nos aproxima do conceito, com exemplos:

Todo modo de pensamento enquanto não representativo será denominado afeto. Uma volição, uma vontade, implica bem, a rigor, que eu quero alguma coisa, isto que eu quero, é objeto de representação, isso que eu quero está dado em uma ideia, mas o fato de querer não é uma ideia, é um afeto porque é um modo de pensamento não representativo. (Deleuze, 1980, p.6).

O afeto é uma intensidade não representativa, remete à capacidade de querer, de desejar, que afetado por representações negativas, como forma de desamor, produz diminuição de potência, vivida como tristeza, que pode levar a buscar apoio para enfrentar o que faz sofrer. Quando alguém distingue algo de si mesmo, uma marca de um afeto de experiência vivida, coloca em reflexão seu *sentir que sente* que algo faz sofrer. Esse movimento de voltar-se para relação consigo mesmo, diz de uma disposição íntima para pensar e *sentir que sente* algo de si por si mesmo.

Essa disposição íntima, no enfrentamento do que faz sofrer, não é uma ideia representativa, mas mostra uma variação na dinâmica existencial, afirmativa porque emerge em atitude de busca de meios para recompor relações diferenciais constitutivas. Esse *sentir que sente* não é um objeto externo, mas um *sentir que sente*, não sabe quanto, uma diferença que é vivida *intrinsecamente* como diminuição da capacidade de agir e pensar, algo que se reporta à intensidade de viver no conviver com outros. Quem busca apoio para enfrentar o que faz sofrer, pode estar cheio de imagens e ideias, que não surgem como problema, mas como meio de descrever um problema não representável, um modo de *sentir que sente*, um afeto. Para pensar a prática dos *Sentimentos*, o ponto de partida que possibilita operar uma distinção, é algo *não* representativo, um *sentir que sente*, um afeto, uma alteração na duração, que será descrito por imagens e ideias, para compor a explicação e expressar os *Sentimentos*. Esse é o primeiro ponto.

Outro, é quando volto para distinguir algo de si, *sinto que sinto*. Mais aí há um problema. As imagens e ideias que surgem são as que me fazem sofrer e elas são representativas de algo confuso, conflitivo, contraditório, que opera no que *sou*, uma limitação do que *posso*. O segundo ponto aparece no movimento seguinte à *distinção* do afeto: a *descrição*. Se distingo uma redução de minhas capacidades de agir, um *sentir que sente*,

passo a descrever. Aqui surge o problema. Se a descrição ocorre por imagens e ideias que suponho que existam independente de mim, por uma lógica objetivista, a descrição rompe a relação comigo mesmo, o que significa que passo a validar minhas avaliações com algo externo a minha experiência. As imagens e ideias vão remeter ao objeto da representação, a deus, ao patrão, a economia, ao marido, aos pais. Ao fazer isso, remeto o que me faz sofrer a um domínio externo, que não inclui minha capacidade de sentir. Meus *Sentimentos* que aqui se expressam, mostram a passividade dos afetos paixões.

Parto do suposto de que qualquer imagem e ideia que distingo vem junto a circunstância em que essas representações fazem sentido para mim. Quando distingo mãe pai, filha, não se trata de representações em geral, mas como vivo ser mãe, pai, filha. Esse vivido me concerne. São dois domínios relacionais diferentes. Magoar, odiar, rejeitar, negar, não é o mesmo de como magoei ou fui magoado, de como odeio e como sinto que sou odiado, de como rejeito ou sou rejeitado, de como nego e sou negado. Se distingo uma intensidade, magoar, odiar, negar, e remeto ao domínio da mágoa, do ódio, da negação em geral, intelectualizo. O domínio relacional que aparece não concerne ao vivido, se mantém no geral, no externo e não no modo particular. Quando abro mão de meu vivido, perco as condições de produzir uma experiência na explicação e faço constatações, interpretações, julgamentos, já que a validação do que distingo que me faz sofrer é externa a minha experiência vivida. As afecções como imagem do corpo que me preenchem são efeitos, mas quando coloco em questão a imagem do corpo por mim mesmo, coloco as afecções e seus efeitos em questão. Posso não saber a causa, mas a esse efeito que distingo posso dizer sim ou não.

Partimos do fato de que a imagem e ideias que surgem, mesmo sendo representativas, numa unidade social, só ganham sentido existencial se o domínio de relações correspondentes surgirem de minhas próprias experiências vividas. O observador se coloca a fazer as correlações *entre* imagem e ideia e o domínio relacional em que faz sentido. Nessas condições, as correlações surgem como produção, criação, uma vez que a experiência, enquanto experiência, pertence a outro domínio. Se explicar uma experiência não é recompor nem representar uma experiência, mas gerar uma experiência de segunda ordem na linguagem, essa experiência de segunda ordem só surge como explicação se envolver outras experiências por mim vividas. Isso quer dizer que o que me faz sofrer não

é algo mágico, mas faz parte de minha história, onde posso aprender algo e vir a me conhecer um pouquinho mais.

Porém, se o domínio relacional das imagens e ideias que expresso for remetido a algo objetivo e externo a mim, reforço minha servidão, nego minha existência, me torno passivo. O segundo ponto quer marcar que no espaço de conversação nada é representação, mesmo que diga que minha tristeza surge porque deus me abandonou, porque os outros me invejam, porque fizeram macumba para mim. Do ponto de vista do afeto isso não representa nada, mas diz de como vivo o que vivo, como faço o que faço, como sinto esse sentir que deus me abandonou, como sinto esse sentir que me invejam, que fizeram macumba para mim? Esse é um apoio da psicologia, dar a “*Cesar o que é de Cesar*”. Assim, o observador de outro pode sugerir ao *observador de si* que diga desde si mesmo isso que expressa como representação geral.

Seguindo Deleuze, ele salienta que o afeto depende da ideia, “*primado da ideia sobre o afeto por uma razão muito simples e é que para amar é necessário ter uma ideia, por mais confusa que ela seja, por mais indeterminada que ela seja, do que se ama*” (Deleuze, 1980, p.6). Esse destaque serve para dar o próximo passo. Mesmo o afeto dependendo da ideia representativa, o *sentir que sente* não se reduz a ideia. O afeto, a intensidade que se distingue antes das imagens e ideias surgir como descrição, não se reduzem a imagens nem as ideias representativas. É outra coisa, e essa outra coisa diz do vivido da experiência, não das representações que dela se conservou.

Para esse próximo passo, Deleuze diferencia a *ideia objetiva* representativa, que remete a algo externo, da *ideia formal*, que não remete à realidade objetiva, mas à ideia enquanto ela é alguma coisa enquanto ideia. O que é essa alguma coisa que a realidade da ideia formal aponta? Deleuze diz: “*enquanto ela é alguma coisa, eu posso formar uma ideia desta coisa, eu posso sempre formar uma ideia da ideia*” (Deleuze, 1980, p.6). Essa ideia da ideia, ideia que não corresponde a uma representação, será para Spinoza, diz Deleuze, “*a realidade formal da ideia, a saber, a coisa de que é a ideia ou o grau de realidade ou de perfeição que ela possui em si, é seu caráter intrínseco*” (Deleuze, 1980, p.7).

No modo existente, a mente é ideia do corpo, pertence ao atributo pensamento, mas enquanto a ideia se relaciona a seu objeto, quando surge como representação nos

domínios de encontros e misturas de corpos, onde imagens são afecções vividas instantaneamente. Essas afecções produzem uma mudança de estado. Nessa passagem de um estado de corpo a outro, surgem os afetos. Nesse contexto, Deleuze realiza a aproximação de ideia como realidade objetiva:

E a alma, enquanto ideia de um corpo existente, é ela mesma composta por um grande número de ideias que correspondem às partes componentes do corpo, e que se distinguem extrinsecamente. Mais do que isso, as faculdades que a alma possui, enquanto ideia de um corpo existente, são verdadeiras partes extensivas, que deixam de pertencer à alma assim que o próprio corpo deixa de existir. (Deleuze, 1968, p. 136).

No texto “*Spinoza e a filosofia prática*” nos fala que a ideia é o primeiro modo de pensar, e distingue a ideia que *temos* da ideia que *somos*. A ideia que *somos* não a temos, ela requer uma longa caminhada, uma vez que nossa mente se forma como ideia do que acontece ao corpo. Fizemos uma ideia dos efeitos dos outros corpos sobre o nosso, mas não conhecemos as causas formais nem os materiais que as compõem. Estas resultam dos acasos dos encontros, e é precisamente a partir dessa realidade objetiva que nós nos conhecemos. São chamadas afecções, são misturas de corpos, ideias inadequadas, porque resultam de marcas de corpos exteriores sobre o nosso. Já as ideias adequadas nos remetem à realidade formal, ideia da qual a causa é nossa natureza, resultam da nossa compreensão de nosso corpo e do corpo exterior, são ideia do que *somos*, e se explicam por nossa potência de conhecer pelas causas. No verbete sobre “*o entendimento infinito e ideia de Deus*”, trata o problema mostrando que a ideia de Deus, a objetividade da ideia, é um modo de atributo pensamento, no qual “*a ideia de Deus é ideia no seu ser objetivo, e o entendimento infinito é a mesma ideia tomada no seu ser formal*”. (Deleuze, 2002, p. 72).

Mas como Deleuze vai ligar essa ideia formal ao conceito de afeto? Deleuze nos mostra algo interessante: nós não possuímos as ideias, não é algo que manipulamos ou que usamos, isso porque somos “*os autômatos espirituais, isto quer dizer que é menos nós que temos as ideias do que as ideias que se afirmam em nós*” (Deleuze, 1980, p.7). O fato é que vivemos imersos num fluxo contínuo de ideias, onde cada ideia tem seu grau de realidade ou de perfeição intrínseca. Esse suceder de ideias vai modulando minha intensidade, produzindo oscilações em conformidade com as ideias ou grau de realidade que vou vivendo, de modo que no contínuo a suceder algo vai operando uma “*variação contínua*” na minha existência, numa oscilação vetorial do tipo aumento-diminuição “*da potência de agir ou da força de existir de acordo com as ideias que se tem...é esta espécie de linha*

melódica da variação contínua que vai definir o afeto (affectus) ao mesmo tempo em sua correlação com as ideias e sua diferença de natureza com as ideias” (Deleuze, 1980, p.7).

Então, afeto nominalmente se define como modo de pensar não representativo, e de maneira mais profunda, afeto é essa variação contínua de existir, operada pelas ideias que tenho. Deleuze traz algo mais, que não encontramos em Jaquet. Comenta que Spinoza não supõe uma comparação de ideias, o afeto não é algo intelectual, porque afeto e ideia são de naturezas diferentes. O afeto refere-se à transição vivida, uma passagem de uma perfeição a outra. O afeto supõe uma ideia, por mais confusa que seja, mas sua natureza é outra, difere da ideia, diz da modulação da variação contínua do existir.

Nesse momento, Deleuze passa a mostrar o que ocorre em nossa vida afetiva, enquanto se é afetado pelas ideias que se tem, enquanto nosso afeto vai acompanhando essa melodia em variação contínua de nossa força de existir. Vimos anteriormente que um grau de potência se definia como uma intensidade singular. Cada ser humano surge como uma maneira de composição de suas relações diferenciais constitutivas, cada um tem seu ritmo de movimento e repouso, cada um vive sua variação contínua. Cada intensidade se mede em função de um grau máximo de sua realização, suas ações e sua afirmação da vida, e um mínimo, o grau zero, que é a morte.

Para Spinoza, existem três afetos primários, o desejo como grau de potência, nossas relações constitutivas e dois polos: alegria e tristeza “*e será triste toda paixão, qualquer paixão que envolva uma diminuição de minha potência de agir, e será alegre toda paixão que envolva um aumento de minha potência de agir*” (Deleuze, 1980, p.7). Nosso trabalho supõe a tristeza, num espaço de conversação consensuada para tratar de enfrentar a trama de conflitos vividos por formas de desamor, e estamos supondo que ao voltar-se para si mesmo e perguntar o que faz sofrer, faz-se a distinção de uma marca, é a essa variação contínua que se reporta, antes de produzir as ideias e imagens correspondentes.

Desse ponto, notamos que o afeto não é uma ideia. Portanto, dizer que está angustiado, ansioso, nervoso, irritado, deprimido, são modos de *sentir que sente* que algo não está bem, não sabe quanto, mas percebe que sua força de existir está abalada. Distingue uma marca de afeto, uma intensidade que ao ser acessada abre um domínio relacional em que faz sentido, surgem as afecções de imagens e ideias, que aparecem na descrição, numa coerência operacional-relacional reflexiva, como explicação que expressa *Sentimentos*.

Deleuze aborda as causas das tristezas. Toda essa explicação sobre afetos são recursividades de sua tese sobre “*Spinoza e o problema da expressão*”. E sempre usa desse momento em que explicita o que seja o afeto e distingue alegria de tristeza, para marcar um ato ético-político admirável. Entende que as paixões tristes são necessárias, a vida tem suas perdas, doenças, amores não correspondidos, mas: “*como sucede que as pessoas que têm o poder, não importa em que domínio, tenham necessidade de afetar-nos de uma forma triste? Inspirar as paixões tristes é necessário ao exercício do poder... Spinoza diz que é este o laço profundo entre o déspota e o sacerdote, eles têm necessidade da tristeza de seus sujeitos*” (Deleuze, 1980, p.7).

Isso é importante, porque no trabalho com a comunidade em situação periférica encontramos muitos déspotas e sacerdotes e muitos bem intitulados, outros, pelo prazer da dominação, da cobiça. Outros ainda, nasceram tendo esse mundo para construir seus mundos. Os sofrimentos dos que buscam apoio incluem sua relação com esse espaço de convivência, onde meninos e meninas, adolescentes, são tragados por esse modo de relacionar que são subjetivados como modo de vida, onde a violência e violação se naturalizam, onde o medo, a perda e a expropriação são constantes. Fica a questão: se as ideias que circulam nesses espaços armados, invadidos, sitiados, extorquidos, envolvem um afeto e se o afeto é a variação contínua do existir, as imagens e ideias que surgem dessa circunstância *não* trazem a consciência de sua origem, como podem mudar? Como pensar que realizar uma distinção de um afeto de tristeza, que vai evocar imagens que serão descrições dessa realidade de desamor, podem servir de meio para enfrentar o que faz sofrer? O que se supõe na força de existir e na potência de agir, que seja uma abertura para compor outras explicações que expressem outros *Sentimentos*, que não sejam esses de dor e desespero?

O fato é que mudam. Apesar dessas condições, um significativo número de pessoas passa a compor, no espaço de conversação, uma explicação que não se reduz às imagens e ideias com que descrevem seu sofrimento. O processo de explicar parece abrir um portal onde algo que corresponde a cada modo de vida, compõe um caminho, às vezes nunca imaginado. Parece-nos que a vida, quando colocada em xeque, salta sobre si mesma, inventa o improvável, o inusitado, o novo, uma fuga, não em relação a realidade familiar, comunitária, social, religiosa, mas na relação consigo mesmo.

Fico pensando no quanto ainda apostamos pouco na consciência. Todos esses pensadores maravilhosos, de alguma forma, quando se referem à consciência, essa lhe aparece como algo menor, pouco confiável na condução da vida. De fato, hábitos são muito difíceis de mudar. Reconfigurar o modo como nossa estrutura biológica está acoplada à cultura e o que cultivamos a céu aberto, numa sociedade onde seus governantes são réus confessos, que até delatam para reduzir pena, onde as escolas não fazem sentido, onde as comunidades sitiadas por milícias e facções, que não são outra coisa que réplicas do modelo de Estado em que nos encontramos. E isso não é de hoje. Que consciência se espera que se tenha, se sou atravessado por essas ideias que se afirmam em mim? Mas não são só ideias, meu corpo está exposto ao estado de guerra constante nos espaços comuns. Como mudar?

Tendo como referência o trabalho em comunidade, onde as ações são muito mais motoras que mentais, onde a atenção se concentra no imediato, onde a necessidade é para ontem, onde o medo é constante, onde o sexo é brinquedo, onde em pequenos cubículos, dormem cinco ou seis: que consciência pode surgir dessas condições? É comum dizer que a consciência é produzida. A mídia não para de apostar nessa ideia. Depende dela. A televisão, também. Os políticos, também. Não há dúvida de que a consciência é produzida. *Mas não no meu corpo.* Meu corpo não tem consciência, mas é a condição para se produzir consciência.

A consciência humana é produzida na cultura em que se convive. Diferentes culturas têm diferentes consciências. Mas, se tenho consciência de que a consciência é produzida pela cultura, essa consciência de ter consciência é produzida por cada um. A recursividade da consciência de que a minha consciência é produzida, me inclui na minha vida. Quando era consciente sem saber que minha consciência foi produzida, tomava minha consciência como verdade, como inocente e como culpado. Me confundia com os conflitos entre as ideias que se afirmavam em mim. Sou eu quem estou doente, sou eu que tenho problemas, sou eu que não presto, sou eu que não aprendo, sou eu... também posso dizer que sou o superior, eu homem, eu o bem-dotado, eu o privilegiado, eu o branco, eu o rico, eu o formado, eu...

Quando aquela dor me atravessa, aquele aperto no peito, aquela angústia, aquele medo, aquela dúvida, aquela ferida, aquela bala perdida ataca meu corpo, surge uma outra relação comigo, que não está prevista pela produção da consciência. Penso que quem

busca apoio traz essa experiência. Uma disposição íntima de pensar sua consciência. Não é se dar conta de algo escondido, se conscientizar de alguma coisa que estava encoberta, mas reinventar a vida. Porque se a vida é feita dos mundos que criamos com os outros, e se não podemos mudar os outros, nem esperar que os outros mudem para então mudar, parece-me que agir é um começo. Agir na consciência que se tem. Produzir consciência na consciência produzida. Penso que enfrentar a pergunta “*o que me faz sofrer?*” Supõe, na consciência produzida, condição de produzir consciência. Expressar os *Sentimentos*: um caminho...

Deleuze aponta algo interessante. Diz: o afeto é a variação contínua da força de existir, e essa é determinada pelas ideias que se tem. Mas diz mais:

Porém, uma vez mais, “determinada” não quer dizer que a variação se reduz às ideias que ele tem, posto que a ideia que eu tenho só dá conta de sua consequência, a saber, que ela aumenta minha potência de agir ou ao contrário, a diminui em relação à ideia que tinha até um instante, e não se trata de uma comparação, se trata de uma espécie de resvalo, de queda ou de elevação da potência de agir. (Deleuze, 1980, p. 9).

A ideia que tenho do meu corpo me diz do aumento ou diminuição da potência de agir, mas não as causas. Essa ideia tem sua causa externa, não foi produzida por mim. Não envolve minha natureza, o que retenho dela é o efeito das ações de um outro corpo sobre o meu. Deleuze passa a falar da afecção.

4.5.3. AFECÇÃO: *Sente que algo faz sofrer*



Essa ideia afecção tem causas externas. Deleuze coloca que afecção é um estado do corpo que sofreu ação de outro corpo, misturas de corpos, de maneira que um corpo retém as marcas do outro, os efeitos, por isso a afecção diz mais do corpo afetado, o meu, do que do corpo afetante. As ideias que se tem são as consequências do que o corpo sofreu, sem saber das causas. Mas tem algo interessante, “*Spinoza dirá que uma affectio indica a natureza do corpo modificado melhor do que a natureza do corpo modificante, e ela envolve a natureza do corpo modificante*” (Deleuze, 1980, p. 10). Nos interessa saber que a afecção envolve a natureza do corpo que afetou, embora não se tenha consciência ou conhecimento para discernir. Como compreender isso?

A argumentação diz que Deus é a causa de todas afecções, e sendo Deus a causa de si, Deus pode explicar todas afecções, por isso Deus age e não pode padecer. Diferentes são os modos existentes, o indivíduo: primeiro não é causa de si, surge na extensão, pode ser afetado de inúmeras maneiras por ações de outros corpos exteriores. Sua condição, por ser efeito, é passiva. Não é causa de suas afecções. Esse modo existente, dura. E, enquanto dura, não cessa de passar de um estado a outro. Nessa linha, cada indivíduo, sua existência, a cada instante, está preenchida pelas afecções que tem. Pelos efeitos de outros corpos sobre esse. Embora não saiba as causas do que lhe afeta, surge um *sentir que sente* uma diferença afetiva entre esse instante presente e outro anterior. Algo muda na potência de agir, para mais ou para menos, não se sabe quanto. Mas isso diz algo importante: quando aumenta minha capacidade de agir, se diz que se tem uma experiência de alegria, quando diminui, encontramos a tristeza. Nessa mudança, nessa modificação de afeto, a variação contínua do existir é determinada por uma afecção.

Deleuze lembra: a diferença de intensidade (não se trata de comparação) não é um conhecimento intelectual, mas experiência vivida, que a cada instante é singular. Mas se as intensidades são singulares, instantâneas, a ideia que delas fazemos se encadeia umas com outras. Como mostra Deleuze: “*Por isso, a toda ideia que indica um estado do nosso corpo está necessariamente ligada a uma outra espécie de ideia que envolve a relação desse estado com o estado passado*” (Deleuze, 1968, p. 149). As ideias do meu corpo se concatenam umas com as outras. Mas como venho a ter ideias? Surgem do meu corpo? Ou, meu corpo se encontra num espaço mais amplo onde as relações se fazem pela linguagem, meio pelo qual o corpo e ideia do corpo, se tornam algo meu?

Importante marcar que são dois tipos de efeitos de ideias afecções, as que aumentam e as que diminuem. As que nos conduzem a alegrias, mesmo passivas, porque não sabemos a causa, e as tristezas, que dizem de uma redução da potência de agir, cujas causas também desconhecemos. Notemos que nas duas condições não se é a causa dos afetos, mudamos, mas ignoramos o que nos fez mudar, o que nos faz oscilar na força de existir, o que promove a instabilidade, o que nos faz vacilar na potência de agir. Nessas condições, somos passivos. Mas Deleuze nos coloca que os afetos que daí decorrem “*envolvem a relação concreta do presente com o passado em uma duração contínua: eles envolvem as variações de um modo existente que dura*” (Deleuze, 1968, p. 149). O modo existente que dura, o modo existente que conserva, é o modo existente que pode distinguir, descrever e explicar. O modo existente que pode expressar *Sentimentos*, mesmo que desconheça a causa. Abre-se a questão: como os *Sentimentos* podem produzir mudanças se desconhecemos o que nos faz sofrer?

Nesse contexto, Deleuze coloca a pergunta ética no spinozismo: como se chegará a ter afecções ativas, como se conseguirá compreender as causas do que nos faz sofrer? Até aqui, podemos destacar duas diferenças: os afetos como variação contínua do existir, diz de algo intrínseco e não se confundem com as afecções que o determina que tem um caráter externo e, por fim, algo interessante de conservar: “*que nós não podemos conhecer-nos a nós mesmos, e nós não podemos conhecer os corpos exteriores, a não ser pelas afecções que os corpos exteriores produzem sobre o nosso*” (Deleuze, 1980, p. 10). Conhecemos por efeitos de experiências vividas.

Nesse sentido, entendemos: por meio da explicação do que faz sofrer, distingue-se um afeto e o descreve com afecções de imagens e ideias, produzindo explicações, como modo de expressar *Sentimentos*. Isso porque: “*Eu não conheço mais do que as misturas de corpos e somente me conheço a mim mesmo pela ação de outros corpos sobre o meu, e pelas misturas*” (Deleuze, 1980, p. 10). Mais uma vez nos deparamos com o destino de expressão de *Sentimentos* como passivos, mas como pensar *Sentimentos* ativos se só nos conhecemos por efeitos de misturas de corpos, sem ter acesso as causas?

Deleuze remete ao exemplo da argila e da cera ao calor: uma endurece e a outra se liquefaz. Diante dessa afecção temos ideias, sensações, percepções dos efeitos, mas desconhecemos “*Em virtude de qual constituição corporal a argila se endurece sob a ação do sol?*” (Deleuze, 1980, p. 10). Outro exemplo, o efeito do sol sob meu corpo indica como

sou afetado, mas não me diz nada do sol: “*Mas as causas, a saber, o que é meu corpo, o que é o corpo do sol, e a relação entre estes dois corpos de tal maneira que um produza sobre o outro tal efeito melhor do que outra coisa, disto eu não sei absolutamente nada*” (Deleuze, 1980, p. 10). Outro exemplo: a condição da criança. Essa nasce totalmente dependente de causas exteriores. Por isso, diz Deleuze, suas afecções são paixões, são ideias inadequadas, desconhecemos as causas das ações dos outros corpos sobre o nosso.

Essas descrições sobre a afecção e como a ignoramos, nos deixa preocupado. Nos parece muito difícil chegar ao nível de conhecimento exigido, para sair da passividade. Quando Deleuze fala dessa natureza do corpo afetado e a capacidade do outro corpo me afetar, será que quer dizer que as relações entre os corpos ocorrem entre partículas ou moléculas? Parece que não: “*Ora, um corpo deve ser definido pelo conjunto das relações que o compõem, ou, o que vem a ser exatamente o mesmo, pelo seu poder de ser afetado... Não como uma questão de moral, mas sim antes de tudo como uma questão física, como uma questão do corpo e da alma...*” (Deleuze, 1980, p. 10). Outra linha de questão: será que depois do modo passar a existência ele está por si, sozinho no mundo? Ou será que somos por natureza coletivos (não nascemos de nós mesmos, não somos causa de si) e que, enquanto totalidade, não inter-relacionamos só por meio de nossas partículas e moléculas, mas pela relação entre unidades compostas e entorno, em acoplamento social?

Nos preocupam as exigências feitas para nos livrarmos de uma afecção. Mas acho que não é bem assim, “*A única questão é esse poder de ser afetado. O que distingue uma rã de um macaco? Não são os caracteres específicos ou genéricos, diz Spinoza, mas sim que eles não são capazes das mesmas afecções...*” (Deleuze, 1980, p. 7). Entendemos que esse aspecto diferenciante não é genético, mas ontogênico. Envolve as condições de bases, as relações constitutivas singulares, como um grau de potência, mas, também, supõe o meio no qual se encontra, em adaptação e conservação de sua autoprodução, além da história particular de cada um. E isso é suposto por Spinoza, como mostra Deleuze “*E igual para os homens: os afetos de que um homem é capaz. Nesse momento perceberemos que, segundo as culturas, segundo as sociedades, os homens não são capazes dos mesmos afetos.*” (Deleuze, 1980, p. 7). Há uma relação indivíduo e meio que interfere em suas relações constitutivas, de modo a que suas capacidades sejam em conformidade com as circunstâncias onde surge e vive no conviver com outros. Como exemplo, podemos notar que um esquimó não tem as mesmas capacidades de um beduíno e vice-versa.

Deleuze se reporta a outro exemplo que fica difícil de entender, porque remete a uma comparação de interações químicas e hormonais no domínio fisiológico, com as relações entre indivíduos como totalidade no domínio social. “*Que quer dizer isto: eu não gosto de queijo? Quer dizer que isso se mistura com meu corpo de tal maneira que isso que eu sou se modifica de uma maneira desagradável, não quer dizer outra coisa. Então não há nenhuma razão para fazer diferenças entre as simpatias espirituais e as relações corporais*” (Deleuze, 1968, p.148). Que seja uma metáfora. Mas, as exigências para enfrentar a afecção, o estatuto de total ignorância sobre a imagem do corpo que nos afeta, biologicamente é viável: sou infectado por um vírus, uma bactéria, na comida, no sexo, e isso me decompõe, fico triste. Como algo delicioso e isso me alegra. Mas, a imagem de alguém que surge diante de mim, tem esse mesmo poder? Como distinguir esse alguém sem ter entrado em alguma forma de experiência vivida com ele? E se entrei numa relação num encontro, e se vier a me fazer mal, não desconheço totalmente o que me deixa triste.

No texto de 1968, Deleuze coloca algo interessante: “*Uma afecção só é uma paixão quando não for explicada pela natureza do corpo afetado: ela certamente o envolve, mas é explicada pela influência de outros corpos*” (Deleuze, 1968, p.148). O modo existente surge como um todo. Parece-nos que a questão não é tanto a afecção, mas não dispor de uma explicação, pois, se puder explicar o que produziu minha redução de potência de agir, a afecção deixa de ser uma paixão.

Nos ocorre uma questão instigante: e se a própria afecção, o efeito, a mistura, for uma explicação? Já que a experiência e a explicação da experiência são domínios disjuntos, a ideia que tenho não seria uma explicação? E se a afecção, por mais que não nos dê a natureza do corpo exterior, ela envolve esse como causa, onde estaria a causa da afecção? Ignoramos a causa porque não temos conhecimento das essências ou porque buscamos a resposta externa e independente, *na realidade objetiva*? E se remetermos a afecção para o domínio em que ela faz sentido, no vivido da experiência, que envolve o afetado, não surgiriam melhores condições de explicar essa afecção? Poderia acontecer alguma coisa no fluir do viver de um modo existente, que seria inexplicável?

Perguntamos, sem muita convicção: será realmente necessário saber das essências do meu corpo, das coisas e de Deus para chegar a enfrentar o que me faz sofrer? E se a ideia da afecção que tenho, sua natureza última e primeira, for só mais uma explicação, como tudo na linguagem? Toda afecção, imagem e ideia são expressões na linguagem.

Seria necessário conhecer minha essência e a essência do que me afetou, para sair da passividade e operar uma ação? Será que o movimento de explicar não possibilita conhecer o que se desconhece? Não a natureza última da afecção, mas o suficiente para dizer sim ou não.

Exemplo que Deleuze retoma todas as vezes que explica afeto e afecção:

Quando vejo a Pedro que me desagrada, uma ideia, a ideia de Pedro me é dada; quando vejo a Paulo que me agrada, a ideia de Paulo me é dada. Cada uma dessas ideias em relação a mim tem um certo grau de realidade ou de perfeição. Eu diria que a ideia de Paulo, em relação a mim, tem mais perfeição intrínseca que a ideia de Pedro posto que a ideia de Paulo me alegra e a ideia de Pedro me entristece... (Deleuze, 1980, p. 8)

Sim, gosto mais de Paulo do que de Pedro e percebo que me alegro, minha potência aumenta, com um e que o outro me entristece, *sinto que me faz sofrer*, minha potência diminui. Mas esse *sentir que sinto* (afeto) surgiria sem as condições em que conheci, em que tive uma experiência vivida com Paulo e Pedro? Será que uma ideia surge na minha cabeça, totalmente autônoma, sem o contexto em que ela faz sentido? Será que a linguagem é algo que se produz na minha cabeça? No meu cérebro? Correta ou incorreta, justa ou injusta, adequada ou inadequada, com mais ou menos perfeição sim, mas será que realmente ignoro porque Pedro me faz mal? Pode ser implicância minha, vaidade, mas isso já é explicação.

Quando eu digo: isso não me agrada, isto quer dizer, ao pé da letra, que o efeito de seu corpo sobre o meu, o efeito de sua alma sobre a minha, me afeta desagradavelmente, são as misturas de corpos ou as misturas de almas. Há uma mistura nociva ou uma boa mistura, tanto ao nível do corpo quanto da alma... (Deleuze, 1980, p. 8)

Uma coisa é tomar cicuta sem saber, morro. Há misturas de corpos no nível das partículas e moléculas. Mas quando se trata de dois indivíduos como totalidade, esses não se encontram por suas moléculas, mas pelo espaço relacional que se compõe no encontro, onde se vive o que se vive. Será que não faz parte de minhas preferências, desejos, vontades, o que me faz gostar de um mais que do que de outro? Pode ser de encontros ocorridos, mais aí há experiências vividas e se não gosto, não é porque desconheço as causas, mas porque não fui com a cara de Pedro, posso não saber o porquê, mas isso não me torna refém de Pedro, posso dizer sim ou não.

Simplesmente porque é uma ideia confusa, esta ideia-afecção, esta mistura, é forçosamente confusa e inadequada posto que eu não sei absolutamente nada,

neste nível, em virtude de que e como o corpo ou a alma de Pedro é constituído, de tal maneira que ela não convém com a minha, ou de tal maneira que seu corpo não convém com o meu. Eu posso dizer que isto não convém, mas em virtude de qual constituição dos dois corpos, e do corpo afetante e do corpo afetado, e do corpo que atua e do corpo que sofre, a este nível eu não sei nada. (Deleuze, 1980, p. 10)

Como venho a ter ideias? Como as ideias podem ser pensadas fora da rede de linguagem que as tornaram possíveis? Como uma ideia surge sem as circunstâncias em que ela faz sentido? Posso negar, me fazer de esquecido, mas uma ideia não surge do nada, nem um objeto pode projetar em mim uma imagem que não tenha condições de distingui-la. E não existe algo fora da linguagem. Sem linguagem não distingo, não vejo, não percebo objetos, coisas, pessoas, eu mesmo não existo, mas se distingo tem história. Pode não ser um bom encontro, mas não é ignorado. Posso sentir nojo, raiva, asco ao ver Pedro, sinto que me faz sofrer, que diminui a potência, que me faz mal, mas será que preciso saber de sua essência de corpo e de alma, para dizer não? Não posso esperar que Pedro mude nem mudar para agradar a Pedro, não serei feliz. Mas, posso dizer não. Tal qual digo sim para Paulo, sem conhecê-lo em sua essência, mas porque nossas interações recorrentes e recursivas entram em consensualidade. Compomos algo comum. Nós nos amamos.

Só estamos pensando nessas condições de alta exigência de conhecimento para enfrentar o que faz sofrer, porque se assim for, a comunidade está perdida e só os sábios se salvarão. Vale insistir: Spinoza nos coloca diante de problemas tão atuais, dessas condições socioculturais em que nos deparamos com volumes de ideias paixões, essa abundância de afecções passivas, de modo que a tristeza ganha um estatuto de coisa comum, embora *não conveniente*. Estamos condenados ao sofrimento, somos tomados por relações parciais, numa trama de ideias que nos conduzem de um lado para outro, sem início nem fim, numa moratória infinita. Trata-se de um tipo de arranjo de afecções exteriores que vão nos conduzindo a querer uma coisa em vez de outra, e como desconhecemos as causas do que nos faz sofrer, vamos nos compondo de modo que não sentimos nossas relações características, isso quando essas relações não ficam deformadas. Estamos impotentes diante de nosso poder de agir e esmorecidos em nossa força de existir.

Uma frase, de uma mulher de 50 anos: “*queria ficar quietinha, debaixo das cobertas, como num túmulo, até tudo passar... eu não mudo, mas tudo está constantemente mudando em mim*” (sic). Esse é o quadro básico da vida afetiva dos que buscam apoio.

Pergunta-se: estão passivas? Não, quando buscam apoio. Sim, estão expostas ao acaso, sujeitas a pequenas compensações, impulsividades e contenção, atropelos e atrasos. No cotidiano, sente-se empurrada em meio a correria e imobilizada para ação, propensa a esganar ao mesmo tempo no grande esforço de reprimir sua raiva. Oscilante: nem atacar nem fugir, nem ficar nem partir. Vive em linha de confusão, que não só envolve todo o corpo, a mente, o psíquico, mas, também, o reparte: algo aqui vai bem, mas ali não tanto, e lá a coisa está difícil. De repente, não está mais assim, ali melhora, mas aqui as coisas se rompem, lá só suporte. As ideias alteram a potência de agir, hora mais, hora menos, e a variação contínua do existir, mal percebe as poucas alegrias e ignora as causas das constantes tristezas. Perguntamos: e se colocar o problema o que me faz sofrer? E se vier enfrentar a sua dor, terá que saber de sua própria potência? Sim! Expandi-la? Sim! Mas será que para isso tem-se que conhecer a potência de tudo que nos perturba, de tudo que nos atravessa, de tudo que nos faz mal, de tudo que nos faz sofrer?

Sem distinguir, sem descrever e explicar, como produzir experiência? Não é à toa que os *Sentimentos* possuem uma história parasita, agarrados às emoções ou dirigidos pelos afetos, ou mesmo vinculados às paixões. Não entender, menos ainda compreender, desconhecer, ignorar, eis o destino do que nos faz sofrer. No entanto: percebem-se coisas, assombrações, vultos, fantasmas, tem-se sensações, arrepios, náusea, lágrimas, tremores, e como lampejos, aparecem ideias confusas, misturas inadequadas.

Nem sempre dá para relacionar o que se sente a essas imagens, fica estranho. O *menos* (a tristeza) se conhece mais, o *mais* (poucas alegrias) mal se reconhece. Dizem que se é passivo, porque ainda não se sabe a causa dos afetos que se vive, mas *sente-se* o cansaço constante, o desânimo, a perda de sentido, um desgosto, um amargo no peito, uma oscilação de humor, irritação, insônia, desespero, uma vontade de fugir sem ter para onde ir, um não querer ficar sem poder partir, um sair sem ir, permanecer sem estar. E presente o descaso, a exclusão: não ser escutada, nem poder falar, não ser vista, nem poder enxergar, não se tocar e ser agredida, não amar, nem ser amada, sem o acariciar, mas reincidentemente abusada. Nessas condições, vive-se o peso no desamor, num continuo a sofrer, num conviver em tristeza. De fato, não se sabe a sua essência, nem das coisas, nem de Deus. Porém, não saber o que causa o sofrimento, não impossibilita que se sinta que algo faz sofrer. Posso não saber as causas do que me faz sofrer, mas *sinto que sofro*.

Ocorre, também, de passarmos até a negar a tristeza, não querer saber das formas de desamor. Isso é fato, a princípio, até que surja a questão: *o que faz sofrer?* Desde então, cada dor entra na história de cada um, num momento. E, nota-se: ao transcorrer do tempo, acumula-se, avoluma-se, transborda. Uma narrativa: “*Antes estava sozinha, já era problema, mas agora estou desempregada, não tenho dinheiro para o aluguel, meu filho entrou nas drogas, minha mãe não fala comigo, os “home” (UPP, milícia, facção) tão sempre de olho, a vaca da vizinha não solta meu pé, e o “Pedro”, desgraçado, tem amante*”^(sic).

Abstraindo um quadro geral, tudo surge como vertigem: fazer sem saber... não saber o que fazer... não saber sentir e sentir sem fazer... fazer sem sentir. Nossa reflexão nos possibilita pensar: *o sentir*: isso é biológico. *Sentir que sente*: um afeto. *Sente que sofre*: afecção, que remete a alguma forma de sofrimento. Resta pensar: *como sente?* Nosso caminho: distinguir um *sentir*, afeto. Descrever o que *sente que faz sofrer*, afecções. Compor um mapa ao explicar *como sente*: expressar *Sentimentos*.

Retomando as questões éticas de Spinoza: como produzir afetos ativos? Como sair da servidão? Como deixar de sermos só passivos? Como enfrentar o que faz sofrer? Cabe pensar o presente de Spinoza, as *noções comuns*, como meio de sair dessa condição desagradável de existir.

4.5.4. NOÇÕES COMUNS: *Sentir como sente*



Como conseguiremos formar ideias adequadas, se são dadas tantas ideias inadequadas, que distraem nossa potência e nos separam daquilo que podemos?... A razão, no princípio da sua gênese, ou sob seu primeiro aspecto, é o esforço para organizar os encontros de tal maneira que sejamos afetados por um máximo de paixões alegres.... As leis da natureza não mais aparecem como mandamentos e proibições, mas como aquilo que são, verdade eternas, normas de composição, regras de efetuação dos poderes (Deleuze 1968, p. 102, 189 e 203)

Deleuze nos dá muitas dicas de como enfrentar o que faz sofrer. Numa linha reta, vamos tecer um roteiro mínimo, que nos serve de passagem para as *noções comuns*, que vai nos ajudar a pensar no trabalho em espaço de conversação, a partir dos *Sentimentos*. Entre as maneiras com que Deleuze nos explica os dois polos do desejo, alegria e tristeza, encontramos as ações e paixões, o ativo e o passivo, as ideias adequadas e as ideias inadequadas. Depois nos fala dos encontros, onde surge o domínio relacional, onde as afecções determinam os afetos, onde ocorre a composição e decomposição de relações, o aumento e a diminuição de grau de potência. Nesse contexto, ao tematizar a ideia clássica do mal, nos mostra como para Spinoza, o mal não existe, nem o bem, mas só *maus* encontros. Entre os exemplos, trabalha o mito adâmico, para mostrar que Adão não compreendeu nada, que confundiu a revelação de que a maçã iria decompor suas relações constitutivas, com o mandamento de obediência. Lembra-nos Deleuze, para Spinoza, o mau encontro deve ser pensado de maneira particular, isso porque cada um define o que é bom e o que é mau para si mesmo, na medida em que depende da constituição de suas relações diferenciais, de seu ritmo ou proporção singular de movimento e repouso, meio pelo qual se tem acesso à variação contínua no existir, onde se vive alegrias e tristezas.

Para Spinoza, o mau encontro tem algo que se assemelha à intoxicação, ao envenenamento, que resulta da decomposição de nossas relações diferenciais singulares, nos causando tristezas. Isso é o mau. Nesse ponto, Deleuze costuma levantar a questão ética de Spinoza: como fazer para ter afecções ativas? Como fazer para organizar os encontros? Retoma a questão das paixões e mostra que somos, desde criança, tomados por ideias paixões, e que as alegrias são como cócegas. Somos continuamente empurrados para a servidão. Fala das alegrias compensatórias, aquelas que partem de uma paixão triste, como a vingança, que pode parecer uma realização, mas sua base é a tristeza.

Diante desse quadro, Deleuze nos conduz como que pela mão, ao presente que Spinoza nos lega, com a ideia de *noção comum*, como caminho para enfrentar as paixões

tristes. Partimos da ideia de que o corpo humano é muito composto, resulta de um conjunto muito grande de relações entre infinitudes de parte simples, formando unidades maiores e menores que conservam, dinamicamente, uma totalidade, uma proporção constante de movimento e repouso, que corresponde a um certo grau de potência singular. O corpo humano assim descrito, tem um poder de afetar e ser afetado. Esse poder de ser afetado e de afetar encontra-se constantemente preenchido, modulando-se em variação contínua, onde o afeto é determinado por afecções.

As afecções resultam dos encontros em que ocorre as misturas entre os corpos, preenchendo a cada instante nosso poder de ser afetado. Nessas condições, as afecções podem aumentar ou diminuir, facilitar ou inibir nossa capacidade de agir e força de existir. Deleuze nos mostra que as afecções, as misturas entre os corpos, como as *noções comuns*, ambas ocorrem no extenso, mas são distinguíveis. O que muda das afecções as *noções comuns* no atributo extensão? Essa tese distingue a atitude ativa de enfrentamento ao que faz sofrer. Supõe as tristezas, que resulta de relações de decomposição no encontro entre corpos, onde as afecções são paixões que operam na diminuição de potência. Diferente será a ideia de *noção comum*, essas não dizem de formas de tristezas, supõe a conveniência na composição de relações entre corpos e refere-se a ideias adequadas. Mas, tanto as afecções quanto as *noções comuns*, fazem parte do sistema das relações no extenso.

Distinguindo afecção de noção comum, Deleuze é direto: não há saída do sofrimento pela tristeza. Para Spinoza, não faz sentido realizar a lista de nossos males, das dores e sofrimentos, simplesmente porque a tristeza não é o meio de enfrentar a tristeza: “*Por uma razão muito simples, é que o corpo que nos afeta de tristeza somente nos afeta de tristeza na medida em que ele nos afeta sob uma relação que não convém com a nossa*” (Deleuze, 1980, p. 10). A tristeza resulta de sermos determinados por algo externo, surgem das imagens e ideias do qual só retemos os efeitos, que não nos possibilitam conhecer sua causa, mas que inundam nosso imaginário. Essas ideias são inadequadas. Essas ideias nós não a possuímos, são elas que se afirmam em nós, respondem a certos interesses, usadas para produzir servidão. São, como diz a música de Caetano, “*os poderes poderes*”:

É por isto que os poderes têm necessidade de que os sujeitos sejam tristes. A angústia jamais foi um jogo de cultivo da inteligência ou da vivacidade. Enquanto vocês têm um afeto triste, é que um corpo atua sobre o seu, uma alma atua sobre a sua em condições tais e sob uma relação que não convém com a

de vocês. Desde então, nada na tristeza pode induzi-los a formar a noção comum, isto é, a ideia de qualquer coisa em comum entre os dois corpos e as duas almas. (Deleuze, 1980, p. 18).

Como compreender as *noções comuns*? Deleuze nos alerta: a ideia de noção não remete as essências, são ideias concretas, enunciados comuns a dois ou mais corpos. Dizem dos encontros. Nesse sentido, podemos descrever três ordens de encontros, duas em que as relações se compõem e uma em que as misturas de corpos não se compõe. Dado o encontro entre dois ou mais corpos compostos: a) pode ocorrer que dois corpos ao se encontrarem se combinem tão bem, que formam outra relação, no qual as duas partes formam uma terceira relação mais potente, em que ambos se expandem. O exemplo mais recorrente, que Deleuze usa de Spinoza, é a composição do sangue. Diz: os glóbulos vermelhos, que já são corpos compostos, se encontram com os glóbulos brancos, que também são compostos e têm sua identidade, formando uma outra relação mais ampla e complexa, de terceira ordem, o sangue; b) no encontro entre dois indivíduos, pode acontecer de as relações serem úteis, um corpo encontra outro corpo que convém, de modo que assim ajuda a manter as relações globais de um dos corpos. Nesse caso, tem-se uma pequena alegria. Aqui temos as afecções alegres passivas; c) pode ocorrer que no encontro entre corpos, um dos corpos venha sofrer a redução de potência, quando uma das partes ou a totalidade de suas relações constitutivas venham a se decompor, nesse caso, tem-se as afecções passivas que caracteriza a tristeza. Aqui, o exemplo é a intoxicação ou envenenamento.

Notemos: no primeiro caso, são ações, dizem de ideias adequadas, resultam de composição de relações em que a causa é intrínseca, envolve a natureza do indivíduo, remetem aos afetos de alegria; no segundo, se tem a experiência de paixões alegres, embora não se torne ações, porque essa paixão ainda depende de causas exteriores e, no terceiro, o corpo afetado além de encontrar passivo, experimenta a tristeza. A partir disso, Deleuze retoma duas oposições: de um lado, difere paixões e ações e, de outro, afecções de tristeza e afecções de alegrias passivas:

) **Primeira oposição:** *paixão e ação*

Cada indivíduo é um grau de potência singular, que conserva em suas relações constitutivas a proporção de movimento e repouso. As paixões dizem das afecções passivas, essas nos remetem a nossa potência de sofrer, enquanto as afecções ativas, a ações,

a potência de agir. Cada grau de potência é também um poder de afetar e ser afetado e esse poder de ser afetado é instantâneo, sempre atual, está sempre preenchido. Somos, a cada momento, tão perfeitos quanto podemos ser em função das afecções que nos pertencem a cada instante. Nos encontramos em variação contínua, somos determinados pelas afecções que nos preenchem, aumentando ou diminuindo nossa potência de agir.

Nos lembra Deleuze: “*a lista das paixões tristes em Spinoza é infinita, ele vai até dizer que toda ideia de recompensa envolve uma paixão triste, toda ideia de segurança envolve uma paixão triste, toda ideia de orgulho, a culpabilidade*” (Deleuze, 1980, p. 19). Quando somos tomados por paixões tristes, quando ocorre decomposição de relações, quando essas afecções preenchem nesse modo nosso poder de ser afetado, parte de nossa potência passa a recobrir os vestígios das marcas dos maus encontros. Diante disso, há um investimento de nossa potência para circunscrever a parte afetada. Essa parte da potência que usamos é o que nos fica subtraída, não a possuímos para nos realizar, resultando na nossa impotência. Ao contrário, quando ocorre de nós entrarmos em relações que nos são úteis, que nos convêm, nossa potência de agir é aumentada, somos ativos porque possuímos em grau maior nossa força de existir. Nesse sentido, o corpo enquanto grau de potência não muda, mas varia em proporção inversa para mais ou para menos. Nota-se: o quanto de força que destinamos a investir no que nos faz sofrer, é o tanto que se deixa de investir na expansão de nosso viver. Por isso, as afecções tristes, os afetos-paixões não explicam nossa potência, são sempre formas de negação, resultam de forças externas, referem-se as ideias inadequadas. As ações sim, dizem de ideias adequadas, são determinadas intrinsecamente, encontram-se em conformidade a nossa natureza, estamos de posse de afetos que nos legam a alegria.

)] **Segunda oposição:** *as afecções passivas tristes e afecções passivas alegres.*

As afecções tristes são responsáveis pelo nosso sofrimento, nos conduzem na impotência, nos separam daquilo que podemos, porque reduzem nossa potência de agir. Há as paixões alegres passivas, porque podemos ter encontros onde as afecções nos são úteis, boas. Aqui há um acréscimo de potência, mas não deixamos de ser passivos. São pequenas alegrias que não são ações, sua incidência é reduzida, ainda nos encontramos dependentes de causas externas. Mantemo-nos na oscilação, mesmo com pequenos aumentos, continuamos indefinidos, expostos ao acaso dos encontros. Não somos causa de nossos afetos, não produzimos noções comuns, não operamos por afecções ativas, não

agimos de modo que nossa natureza seja a causa de nossas ações. De fato, não estamos em tristezas, mas, também, ainda não possuímos nossa potência de agir.

Nesse sentido, as afecções alegres podem ser um começo, porque por menor que seja o aumento de potência, nas condições de alegria nossa força de existir é aumentada. Nos sentimos um pouquinho mais potente, mas ainda estamos sob efeitos dos poderes externos, sem nos incluir. Nesse quadro, a sugestão é que se parta de alguma afecção alegre, mesmo sendo passiva. Essa pequena alegria pode servir como um ponto de partida para aprender a compor *noções comuns*. A dica de Spinoza, nos mostra que devemos buscar o que há de comum entre dois ou mais corpos tomados numa relação. Entendendo que “*Uma noção, não é de maneira nenhuma abstrata, é muito concreta: este corpo aqui, este corpo lá...A esse respeito nós formamos a noção comum, a esse respeito nós ensaiamos ganhar localmente, entender essa alegria*” (Deleuze, 1980, p. 8, 17). Abre-se a questão: como trabalhar a partir de afecções alegres, mesmo passivas?

É interessante o contraponto entre ideia afecção e ideia-noção. Se na primeira, a ideia representativa diz do efeito de um corpo sobre o meu, uma mistura entre corpos, a *noção comum* vai nos colocar diante de uma *ideia da conveniência* e da *não conveniência* entre dois ou mais corpos. Deve-se buscar “*Em que convém a alma que me afeta e em que a minha lhe convém, do ponto de vista da composição de suas relações, e não mais do ponto de vista do acaso dos encontros*” (Deleuze, 1980, p. 8).

Dinamicamente: certas relações se distinguem. São pequenas alegrias que vivemos. Temos imagens e ideias. Nessa trama de imagens e ideias, busca-se o que convém, o que se compõe. Não importa os termos (pode ser entre dois indivíduos, entre vários indivíduos, um indivíduo e um animal, uma planta), o que se deve ter em conta é que são ideias de relações de conveniência entre dois ou mais corpos. Nota-se: as afecções passivas alegres, ainda são paixões e não ações. Isso porque no *que se sente*, não somos a causa, ignoramos o que nos produz esse pequeno afeto de alegria, mas podemos dizer que em tais condições *não* sentimos tristeza.

O trabalho que Spinoza nos sugere é que passemos a distinguir o que há de comum entre parte e todo, entre as relações do corpo que me afeta sem me decompor e as relações do meu corpo. Como ponto de partida, seguimos as linhas do que aumenta nossa potência,

uma experiência vivida, uma certa relação específica, local, focal, mas até então, ignorávamos as causas. Passemos a compreender o que se passa nessa relação que me agrada, que me é útil. Parte-se dessa experiência. Dela derivará a compreensão de algo comum entre as partes e o todo. Isso “*significa e indica que o corpo ou a alma que os afetam assim, os afeta sob uma relação que se combina com a de vocês e que se compõe com a de vocês, e isto vai da fórmula do amor à fórmula da alimentação*” (Deleuze, 1980, p. 18).

Se no início, uma certa relação me aumentava a potência, mas ignorava suas causas, no que passo a me ater em buscar compreender o que se passa nessa relação, passo a sentir o que há de comum entre o corpo que me afeta sem me decompor e o meu corpo, não só me alegro, como passo a *sentir como sinto*, passo a ser causa de meu afeto. Diz-nos Deleuze: “*Os afetos de alegria são como se estivéssemos em um trampolim, eles nos fazem passar através de qualquer coisa que nós nunca passaríamos se somente houvesse tristezas. Ele nos solicita formar a ideia do que é comum ao corpo afetante e ao corpo afetado. Isso pode falhar, porém pode lograr-se e eu fico inteligente*” (Deleuze, 1980, p. 18).

Ao compreender o que há de comum nessa relação que me traz certa alegria, ela passa a ser definida pelo que há de comum entre as partes e o todo⁷⁸. Nessa relação, passo a possuir minha potência de agir. Passo a *sentir como sinto*. E as ideias que daí decorrem, são consideradas adequadas. Esse conhecimento é uma ferramenta importante, “*porém há um apelo evidente a uma espécie de experiência vivida. Há um apelo evidente a uma maneira de perceber, e bem mais, a uma maneira de viver*” (Deleuze, 1980, p. 18).

A ideia de *noção comum* nos conduz a aprender a compor relações, a buscar a conveniência dos encontros, percebendo o que há de comum entre meu corpo e aquilo que me alegra. *Sentir como sente*. Nesse tipo de relação não se fica triste. Não se trata de fazer a lista do que me faz sofrer, nem se deve tornar um espaço de conversação num muro de lamentações, “*Spinoza propõe o inverso: em lugar de fazer a soma de nossas tristezas, tome um ponto de partida local sobre uma alegria com a condição de que nós sintamos que ela nos concerne verdadeiramente*” (Deleuze, 1980, p. 8). Podemos ensaiar conhecer o que está junto a nós e não decompõe nossas relações. Ao invés de ficarmos na ideia do efeito sobre o corpo, podemos buscar compreender, numa dada relação, o que há de comum entre meu corpo e esse outro corpo que não me decompõe: “*Então aí você*

⁷⁸ Nesse sentido, aparece uma definição de comum: “*é a ideia de qualquer coisa que é comum a todos os corpos ou a muitos corpos – dois ao menos – e que é comum ao todo e à parte*” (Deleuze, 1980, p. 17).

necessita servir-se como de um trampolim, vocês formam a ideia-noção: em que convém o corpo que me afeta e em que o meu lhe convém? ” (Deleuze, 1980, p. 17).

Ressurge nossa questão: como indivíduos que convivem em situação periférica, com baixa instrução, com experiências vividas em conflitos, com histórias recorrentes de formas de desamor, podem vir a aprender a compor *noções comuns*? Deleuze retoma a explicação em termos geométricos, onde se observa que as exigências para chegar às noções comuns são semelhantes às que se colocam para enfrentar as ideias passivas e inadequadas das afecções:

Se eu tiver a relação característica da alma e do corpo daquele que eu digo que não me convém, por relação à minha relação característica em mim, eu compreenderia tudo, eu conheceria pelas causas ao invés de somente conhecer os efeitos separados de suas causas. Nesse momento eu teria uma ideia adequada. Igualmente, se eu compreender porque alguém me agrada... não há que trocar uma só linha para as relações amorosas”. (Deleuze, 1980, p. 17).

Insistimos: será mesmo que precisamos ter a mão a essência de corpo e da alma do que me afeta para chegar a produzir *noções comuns* do que me convém? Mas, na sequência de seu texto, nos mostra que não é bem assim. A ideia de *noção comum* é o presente que Spinoza nos lega para começarmos a sair da servidão das paixões tristes, das ideias de efeitos, cujas causas desconhecemos. Para tanto, Spinoza sugere que se faça ensaios, que se efetue práticas, onde se pode aprender a compor relações desde uma experiência inicial com alegrias passivas, para depois investir nas tristezas, em distinguir, descrever e explicar, o que nos convém e o que não convém, no contexto de relações de ações em que algo me faz sofrer por formas de desamor. Diz-nos Deleuze:

Nós intentamos diminuir a porção respectiva das tristezas em relação à porção respectiva de uma alegria, e nós intentamos o seguinte golpe formidável: nós estamos tão seguros das noções comuns que remetem às relações de conveniência entre tal ou tal corpo e o meu, nós vamos tentar agora aplicar o mesmo método à tristeza, porém nós não o podemos fazer a partir da tristeza, isto é, nós vamos tentar formar as noções comuns pelas quais nós chegaremos a compreender de maneira vital em que tal ou tal corpo não convém e já não mais convém. Disso advém, não mais uma variação contínua, disso advém uma curva em sino. (Deleuze, 1980, p. 20).

Essa ideia de *noção comum*, do qual devemos partir para enfrentar o que faz sofrer, pertence ao que Spinoza chama de segundo gênero conhecimento. Nesse caso, são afetos ativos e não passivos, são ações e não mais paixões, são ideias adequadas e não mais inadequadas, porque são conhecidas pelas causas e não pelos efeitos. Isso mostra que as *noções comuns* supõem um *sentir como sente*, que implica a recursividade na produção

de explicação de explicação de experiência vivida. Essa atitude supõe operar a correlação do que há de comum entre dois ou mais corpos num encontro, em que se distingue as conveniências, as linhas de composição entre esses corpos em uma dada relação. De outro modo, partimos dessa experiência vivida como útil, alegrias passivas, que não diminui nossa potência. Distinguimos essa experiência de alegrias passivas buscando as conveniências. Ao fazer isso, realizamos uma experiência na linguagem que além de dizer de alguma alegria, passo a conhecer a causa desse afeto. Não só *sinto* a afecção, mas faço recursividade no *sentir que sinto*, o afeto, e aí passo a conhecer, a *sentir como sinto*, o que nos parece apontar para as *noções comuns*. E será essa experiência de noções comuns que nos instrumentalizará para enfrentar o que faz sofrer.

Nota-se: nessa prática de *noções comuns*, aprendemos a lidar com os domínios relacionais. Em nossa pesquisa supomos que tal prática envolve três movimentos: distinguir algo de si, uma experiência numa relação desde um encontro, onde se descreve por si mesmo a trama entre imagens e ideias, compondo um mapa das relações de conveniência, onde se gera a explicação do que se compõe, do que há de comum, como expressão de *Sentimentos*. Depois, num outro momento, opera-se com essa mesma atitude de distinguir noções comuns como parte das relações características, passando a descrever o que *não convém*, assim, gerando a explicação que expressa *Sentimentos* até então ignorados do que faz sofrer. Mas são dois movimentos. Inicialmente somos conduzidos a distinguir uma alegria passiva, operando a descrição do comum entre os corpos envolvidos, destacando conveniências, maneira com que se gera uma explicação que expressa *Sentimentos* do que produz tais alegrias. Um aprendizado a ser conquistado. Depois, no contexto da tristeza, onde se ignora as causas e se desconhece o que nos faz sofrer, operamos essa mesma prática ao distinguir uma experiência vivida, descrevendo o que *não nos convém*, gerando uma explicação que expressa *Sentimentos* do que nos faz sofrer por formas desamor. Mas, nos alerta Deleuze: isso não pode ser realizado diretamente nas tristezas, tem-se que experimentar a prática de *noções comuns*, que surge de relações de conveniências entre os corpos envolvidos, o que pode possibilitar algum suporte para enfrentar as formas de tristezas.

Para tanto, se conta com o espaço de conversação, no qual se supõe a atitude ativa do observador de si ao voltar-se para uma relação consigo mesmo e distinguir algo de si por si mesmo, onde os *Sentimentos* surgem como a expressão produzida na descrição das

relações (que convém e as que não convém) de afetos distinguidos. Desse modo, gera a explicação, que surge como uma primeira compreensão do que existia em silêncio, ignorado ou desconhecido. Nessa expressão de *Sentimentos*, na distinção de relações, na descrição que gera a explicação, algo outro surge, um novo, uma linha onde esse algo ignorado se torna conhecido, no qual podemos começar a trabalhar para mudar, tendo como suporte a prática de *noções comuns*.

A noção comum está pensada pela filosofia, na perspectiva do conhecimento das causas, na seleção das conveniências onde se pode produzir a experiência a partir de alguma alegria, que uma vez compreendida em suas relações comuns, firmada por sua maneira de se compor, passa a servir de modelo para enfrentar o que faz sofrer. Parece-nos que Spinoza pensa essa atitude de trabalhar com *noções comuns*, como algo a ser efetuado por cada indivíduo no modo particular. Isso nos ocorre, tendo como referência a ideia de decomposição de relações no encontro entre corpos, sendo definido como mau encontro em função da diminuição de seu ritmo próprio de movimento e repouso. O que se compõe por conveniência e o que se decompõe por *não* conveniência, surge desde o modo de operar particular do observador de si. Como diz Caetano Veloso, na música “*dom de iludir*”, nessas condições: “*cada um sabe a dor e delicia de ser o que é*”.

O conceito de *noção comum* e sua operacionalidade supõe um esforço na produção de conhecimento de segundo gênero. Mas, a experiência vivida no trabalho em psicologia, em comunidade em situação periférica, nos coloca diante de demandas de apoio e ajuda, em que o *observador de si* não traz algo de sua alegria para o espaço de conversação. Traz uma forma de desamor continuada no tempo que chamamos de tristeza, entendendo que isso significa uma redução de potência de agir e força de existir. Traz os efeitos de ideias e imagens que *sente* que algo faz sofrer. Apresenta sua queixa, ao fazê-lo, opera a distinção de um afeto que é um nó numa trama de experiências vividas, no presente, que surgem junto ao drama de domínios relacionais onde esse afeto faz sentido.

Operacionalmente, notemos que o *observador de si* faz as correlações entre a trama e o drama, que surgem na explicação que expressa *Sentimentos*. Essas correlações expressas num espaço de conversação, no vivido do presente em ato, não é uma mimica, uma oratória, nem uma representação, mas a criação de uma experiência na linguagem. Essa experiência na linguagem surge como *Sentimento*, que é um ponto de partida para o trabalho. Não há, ainda, *noções comuns*, isso supõe a recursividade. E a recursividade

operada sobre os *Sentimentos* expressos na explicação da experiência, envolve uma produção de realidade, uma criação, uma outra explicação do modo de conviver no conversar com outros na linguagem, tendo como base a prática de *noções comuns*.

É importante ter em conta que a explicação da experiência não se confunde com a experiência vivida. São domínios disjuntos. O vivido é irreversível, mas esse só se torna realidade na distinção, na descrição e na explicação. Antes não existe. A explicação é uma experiência de segunda ordem, operada na linguagem. Mas é necessário que o *observador de si* opere em recursividade sobre os *Sentimentos* da explicação, mudando a explicação desde a prática de *noções comuns*. Ora, se os *Sentimentos* surgem como resultado de uma coerência operacional-relacional reflexiva, as transformações na explicação são mudanças na relação, que um *observador de si* faz entre trama de experiências vividas e o drama de domínio relacional. Desde então, o que se compõe se distingue do que *não* se compõe, as descrições das conveniências dão suporte para enfrentar as inconveniências, gerando na explicação que expressa *Sentimentos*, uma outra experiência que não mais parte do que faz sofrer por formas de desamor.

Nesse sentido, o *Sentimento* como a expressão de uma distinção de um afeto que se descreve com imagens e ideias afecções, explica, produz uma versão do que faz sofrer. E se compreendermos que as imagens e ideias não têm sentido em si mesmo, mas surge em relação a um domínio de ações onde entram na rede de relações que lhes dá sentido. Quando surgem novos componentes, as correlações mudam, constrói-se outra configuração na trama entre imagens e ideias de experiência vivida em correspondência com o drama dos domínios relacionais. As imagens e ideias podem se conservar, mas o domínio onde fazem sentido pode mudar, mudando o sentido da explicação, não mais sobre o que faz sofrer, mas desde a *conveniência de noções comuns*.

Vamos nos reportar a um pequeno texto de Maturana y Dávila, a respeito da abstração da lei sistêmica # 8 *Conservação e Mudança*. Buscaremos pensar modos de agir sobre formas de tristezas, operando seja sobre o que conserva, seja no que muda, produzindo linhas de fuga. Descreveremos essa atitude de gerar um mapa na explicação que expressa *Sentimentos* e avançar, sem aprofundar, para trabalhar a partir de *noções comuns*, que parte de experiências alegres, para chegar a pensar sobre como se faz para produzir *Sentimentos*. Na sequência, vamos pensar algumas experiências vividas.

4.6. Conservar e Mudar



Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos. Eduardo Galeano

É importante distinguir: nas abstrações da unidade sistêmica de qualquer sistema, dizem que o mais importante é a conservação, não o que pode mudar. Como assim? Lei sistêmica # 8 *Conservação e Mudança*: “cada vez que em um conjunto de elementos começam a conservar certas relações, abre espaço para que tudo muda em torno das relações que se conservam” (Maturana y Dávila, 2008, 148). Há sutilezas que é importante destacar nessa maquininha de conservar e mudar. A conservação aponta para as mudanças que não comprometam suas relações constitutiva, porque está em jogo as condições de ser vivo, que não suporta interferência instrutiva, senão morre. Diferente, quando o observador distingue uma unidade composta dinâmica sistêmica, no domínio do espaço psíquico: aqui será que devemos conservar, ou fazer fugir esse sistema, para que surja outra coisa em seu lugar? Destaquemos:

- a) A conservação se torna vital, quando se refere a vida dos seres vivos, estas se compõem de uma rede de relações constitutivas, sua organização invariante, com suas estruturas plásticas em variação contínua. Há correlação interna entre organização e estrutura, em função da manutenção das relações constitutivas. É o sistema vivo indivíduo-nicho. Esse não pode sofrer intervenções invasivas, com o risco de decompor e morrer. Aqui a lei sistêmica de conservação e mudança, deve sempre priorizar a conservação, ajudar, apoiar, manter a atenção ao cuidado de sua saúde biológico. Ainda, enquanto unidade autônoma, o sistema indivíduo-nicho encontra-se em acoplamento estrutural com o meio que o contém e no qual se realiza, essa condição adaptativa, refere-se ao acoplamento estrutural, sendo invariante porque sua ruptura significa que o sistema indivíduo não suporta viver sem harmonia com o meio, onde surge e no qual se realiza. Nesse sistema, temos que cuidar para que tenha e se conserve as condições de qualidade de vida, isso fala das políticas públicas, da disposição de qualidade e quantidade de serviços e proximidade de acesso, diz da ética nas relações sociais, das práticas políticas de atenção e cuidado em saúde, educação, saneamento, etc.
- b) Por outro lado, no espaço psíquico, que não se reporta as condições biológicas de ser vivo, mas a modos de vida, a distinção de uma unidade composta, uma experiência vivida em formas de desamor (algo que faz sofrer), tem a mesma dinâmica

sistêmica: tudo pode mudar em torno do que se conserva ou, melhor, só pode mudar aquilo que a organização permite. Bem, pode ser que essa unidade sistêmica seja o que está fazendo sofrer: “*Diferentes emoções especificam diferentes domínios de ações. Portanto, comunidades humanas, fundadas em outras emoções diferentes do amor, estarão constituídas em outros domínios de ações que não são o da colaboração e do compartilhamento, em coordenações de ações que não implicam a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e não serão comunidades sociais*”. (Maturana, 2002, p. 26). Aqui é outro sentido do que muda e da conservação. Aqui o que muda assume outra compreensão, se torna no que se deve produzir, compor, criar, de modo que aquilo que conserva e faz sofrer, vire outra coisa. Nota-se: os autores quando falam de leis sistêmica no domínio relacional, não mais dizem: se a organização se romper a unidade morre, mas dizem, se decompõe e surge outra coisa no lugar. Ainda, mostram que ao distinguir uma unidade como totalidade, surge junto outro domínio operacional-relacional definida por outras dimensões que estão relacionadas como essa unidade distinguida. Noutro lugar, dizem que cada vez que distingue algo, seja o que for, surge junto as circunstancia em que esse algo faz sentido. Quando aceitamos que vivemos os mundos que criamos com o nosso fazer, que não há algo externo e independente do nosso viver, passamos a nos incluir como ator no nosso conviver. Daí a questão “*o que faz sofrer?*” Ganha sentido no auto inclusão na distinção, que surge na explicação como expressão de seus *Sentimentos* de experiência vividas em formas de desamor. Essa experiência se conserva como marca do que faz sofrer. E se faz sofrer, não faz sentido conservar. Aqui o mudar ganha outra conotação. Assim, distinguir uma marca, um afeto, uma emoção, nunca surge sem outras dimensões que envolvem essa marca de afeto distinguida. Se um indivíduo, família, grupo ou território, surge na distinção do observador, como uma rede de relações em torno de algo que conserva e faz sofrer, a indicação é operar de modo ortogonal, fazer fugir esse sistema, de modo que se decomponha ou surja outra coisa, que passa a se conservar em outra dinâmica relacional que *não* faz sofrer.

Mas Maturana nos lembra: a experiência de mudar não é algo fácil. Mas sempre é interessante se perguntar: *o que se quer conservar?* Se em nossas interações recorrentes e recursivas produzimos o que passa a se conservar, e se vivemos nosso *espaço psíquico* em torno daquilo que se conserva, o que queremos conservar? É uma pergunta que supõe uma atitude, uma disposição ativa. Por recorrência e recursividade podemos *conservar*

essa relação que pergunta o que se quer conservar, e por força sistêmica, tudo muda em torno das relações que se conservam. O que envolve uma transformação no espaço psíquico. Essa pergunta tem outro sentido: o conservar deve buscar a tangente do bem-estar, na emoção de amar, em ações, atitudes consigo e com os outros, pois é com esses que se constrói os mundos que vivemos, no respeito, na confiança e na colaboração.

Mas a experiência poderá nos ajudar a estar em condições de distinguir, “*aquelas comunidades humanas que, por incorporar mecanismos coercitivos de estabilização em todas as dimensões comportamentais de seus membros, constituem sistemas sociais humanos desvirtuados, que perderam suas características próprias e despersonalizaram seus componentes*” (Maturana y Varela, 1995, p. 224). Aqui vão surgir, nos espaços psíquicos, os sofrimentos e os fenômenos de periferização, onde a questão não é o como conservar essas marcas de desamor, mas como fugir, mudar, fazer esses sistemas incorporados, numa certa configuração estrutural, se decompor ou virar outra coisa.

Num espaço de conversação, o esforço de enfrentamento ocorre na confiança, no respeito, na colaboração. Nesse contexto, pode ocorrer a oportunidade de alguém querer distinguir e descrever o que faz sofrer. Ao fazê-lo, expressa *Sentimentos* na disposição interna de gerar uma recursividade na experiência, refletir na explicação de afetos de afecções de emoções vividas em forma de desamor. Na circunstância de um espaço de conversação entre dois ou mais indivíduos, o movimento de reflexão produz uma linha em deriva estrutural *coontogênica*, quando os participantes passam coordenar ações consensuais numa dinâmica estrutural congruente, que podem operar transformações recíprocas. Pode surgir explicações e explicações de explicações. Como os mundos que vivemos são proposições explicativas, mudando as explicações muda o mundo que vivemos. Nesse sentido, produzir *Sentimentos* é operar a recursividade na explicação da explicação, ativamente, fazer, criar, inventar a expressão de *Sentimentos*, produzir outras realidades na linguagem. E isso envolve a prática de noções comuns.

A linguagem como coordenação **de** coordenações consensuais de ações, surge por meio da deriva estrutural *coontogênica*, de indivíduos em contínua interação recorrentes. Por isso, diz Maturana, as ações passam a se coordenarem porque no encontro onde os participantes são *dependentes*, suas estruturas dinâmicas são congruentes, maneira como pode ocorrer transformações por meio dessas interações decorrentes de uma deriva estrutural *coontogênica*, contingente ao curso das coordenações **de** coordenações de ações consensuais, num espaço de conversação de cuidado e atenção, como gesto e ações na emoção de amar.

4.7. Experiências Vividas



Queremos ter certezas e não dúvidas, resultados e não experiências, mas nem mesmo percebemos que as certezas só podem surgir através das dúvidas e os resultados somente através das experiências. Carl Jung

Exemplo I - Um caso. Uma mulher de 60 anos apresenta como problema que a faz sofrer, sua relação com a irmã gêmeas. No seu modo de sentir, a irmã faz tudo para vê-la infeliz. A descrição traz três componentes que se entrelaçam na explicação dos sentimentos. A irmã nasceu primeiro, tem o tom da pele mais claro e é preferida da mãe. A irmã se chama M-C e ela se chama C-R. Podemos dizer que C-R faz correlação com M-C como seu domínio relacional. Seus corpos estão próximos, moram no mesmo terreno, convivem diariamente. Seu sofrimento começou aos 24 anos. Passou por vários psiquiatras que a diagnosticaram com depressão profunda, vindo a tomar medicações desde então. Chega ao espaço de conversação encaminhada pelo ambulatório. Seu sofrimento a conduziu a ter uma estrutura relacional com os outros pautado nos valores cristãos, numa percepção puritana. Casou, teve dois filhos e o marido a abandonou. Desde então, não teve mais experiências afetivas sexuais. Sua rigidez conduziu os filhos a se afastarem, pois, sua atitude materna se mostrava muito crítica e invasiva. A imagem de corpo em seus sentimentos envolvia auto depreciação, auto piedade e vitimização. Durante muitos encontros, fazia uso do espaço de conversação para repetir a mesma cena de imagem de corpo. E sempre encontrava divergência de outras participantes no grupo. Uma certa vez entra no espaço de conversação uma menina de 20 anos que fala do quanto sua mãe era invasiva, rígida e que preferia ficar com os namorados a cuidar dos filhos irmãos dela, que são 6. Ela tinha que fazer as vezes da mãe e não podia ter sua própria vida. As duas se encontraram. Passam a fazer coisas juntas. C-R vai à praia, coisa que não fazia a muitos anos. A menina resolve fazer vestibular e passa em direito na UERJ. Se despede do grupo. No encontro seguinte, C-R diz que não gosta do seu nome. Explica que sua irmã tem o mesmo nome como segundo nome C-R e por isso ela se acha melhor que ela. Resolveu se chamar de R sem C. Mudou e fica feliz quando alguém na rua lhe chama de R. Diz que sua irmã não a incomoda mais, não que ela não continue implicando, invadindo sua casa, fazendo fofoca, inventando coisas sobre ela. Só que agora ela não se sente tão vulnerável e consegue se impor diante da irmã. Voltou a estudar, coisa que não fazia porque se achava velha e não adiantava mais. Mas agora estuda porque sempre gostou de estudar, mas

parou em função de seu sofrimento. Um dos seus filhos, que não queria vê-la, teve problemas em relação a moradia e veio ficar com ela, cheio de medo, porque tinha uma imagem da mãe que lhe causava ansiedade. Ela diz que ele ficou com ela por 6 meses, até conseguir um emprego e mudar-se com a nova companheira. Mas deixou dois gatos, animal que odiava. Um dia sorridente, conta que havia brincado a manhã toda com os gatos, que estava amando eles. Quando outra pessoa do grupo, que a conhece, perguntou como, se ela detestava gatos, ela responde: “a C detestava, eu R, adoro”.

São três anos de encontros, recorrentes e recursivos. Sem tematizar a medicação. Sem diagnóstico, sem prescrição de condutas. Mas, a abertura para conversar sobre sentimentos onde uma explicação servia de base para outra explicação, onde mudavam os sentimentos; um sentimento serviu de base para outra explicação, que mudou os sentimentos. Ou seja, a trama de experiências vividas foi mudando as correlações com o drama de domínios relacionais. Não mudou de irmã, de casa, de comunidade, de filhos, mas os domínios relacionais mudaram. Na medida em que as explicações mudaram, mudaram os sentimentos e, à medida que os sentimentos mudaram, mudaram as explicações.

De modo muito sintético, mostramos que as relações em que o corpo de R passou para uma maior congruência, que foi criando, inventando outros modos de *sentir como sente*, produzindo sentimentos. Claro que continua tendo seus problemas, altos e baixos, contradições noutros domínio relacionais, que não comprometem suas relações constitutivas. Quando a vejo, chamo de R e de fato, não é mais a C e sim R.

Disso queremos destacar que os sentimentos podem ser um meio para compor uma primeira explicação e que a recursividade sobre a explicação tende a seguir o caminho de transformação, onde as tramas de afecções são trabalhadas pelo drama do domínio de relações, que ao mudar, mudam o efeito da afecção. Outra coisa, os domínios relacionais operaram correlações que R efetuou, mesmo que M-C não tenha acompanhado. Certamente também mudou, para outra coisa. Ao contrário, parece que a relação de M-C com R era do tipo de *não conveniência* que lhe era conveniente. Nesse sentido, R rompeu a não conveniência, não por uma conveniência com M-C, mas para outras coisas.

Exemplo II: Numa reunião com equipe multidisciplinar, médicos enfermeiras, dentistas, e profissionais do Nasf, em que fui convidado para ajudar a discutir um problema muito triste. O contexto é saúde pública. Problema: de janeiro a março de 2016, foram notificados mais de 12 mil casos de infestação pelos *zika vírus* e a descoberta posterior de sua relação com a microcefalia. O fato é que se aguarda um número muito grande de gestantes com possibilidade de gestação de risco e de virem a conceber uma criança com microcefalia, e todas as consequências que isso acarreta. No território de Irajá se constatou o maior número de notificações de contaminação de zika.

Problema desse encontro: como dar notícias à mãe de que a criança que espera porta essa anomalia viral. O instrumento de trabalho: o roteiro baseado no protocolo S.P.I.K.E.S. considerações gerais e seis etapas de preparação: a) planejar a entrevista; b) avaliar a percepção do paciente antes de dar a notícia; c) avaliar o desejo de saber do paciente e obtendo o seu pedido de informação; d) transmitir informações ao paciente; e) validando a expressão de sentimentos e oferecendo respostas afetivas e emocionais a paciente e familiares; f) resumindo e traçando estratégias.

A reflexão teve três movimentos:

- a) Os médicos e enfermeiras traziam a dificuldade de dar essas notícias em trabalho com a atenção primária porque as relações com a comunidade são diretas. Na clínica da família, a gestante vem para o pré-natal e a relação se torna mais próxima. O que torna mais difícil para o profissional realizar esse procedimento de informar e apoiar a gestante;
- b) Discutiu-se sobre a importância do profissional se preparar para dar a notícia, ter certeza do diagnóstico, compor um momento especial para esse trabalho, realizar, se possível, com outros profissionais. Cada um falou de suas experiências, da dificuldade que sentia para realizar essa tarefa difícil. Alguns mais racionais, outros muito emotivos, mas todos concordavam da importância de se estar preparado. Alguns falavam em manter uma certa distância, procurar não se envolver. Mas estar atento para o momento em que se daria a notícia.
- c) Em relação às pacientes – tinha-se consensuada a dificuldade. A mãe tem uma ideia de que vai ter um filho sem maiores complicações de saúde, tem expectativas, imaginações, tudo que uma mãe amorosa dispõe para acolher seu filho num meio de maternagem. Conversou-se sobre o luto da mãe que esperava

uma criança diferente da que viria. Falou-se da importância dos familiares, amigos e todos que pudessem apoiá-las nesse momento. Da importância de prepará-la, dar o tempo de compreender a situação, expressar seus sentimentos.

Essas observações que seguem, correspondem à escuta e perspectiva desse observador, sem com isso querer resumir ou reduzir tudo que foi produzido no encontro. Busca-se destacar como a *noção comum* foi uma ferramenta importante. A discussão foi muito afetiva e com grande abertura dos participantes na construção dessa reflexão. Mas o foco tendia a pensar dicotomicamente: de um lado, os profissionais deveriam estar preparados para dar suporte as gestantes e familiares, de outro, a perspectiva das gestantes e familiares sendo solidários com sua dor. Tive a impressão de que havia muito empenho e preocupação de fazer o melhor. Mas mantendo esses dois domínios disjuntos: técnico e paciente. Sugerimos dois movimentos para pensar algo diferente.

Se ao invés de manter essa dicotomia, pensássemos num momento em que não houvesse relações simbólicas, mas interpessoais, afetivas. Se ao invés de supor essa diferença notável, entre quem dá a notícia e quem a recebe, se pensasse em algo que não tivesse essa separação como um encontro amoroso, acolhedor. Inicialmente a ideia não pareceu ter muito sentido. Alguns achavam que deveria ser cauteloso, mas que não podia fazer nada se a paciente resistisse, ou quisesse negar, ou resolvesse entrar em pânico.

Foi colocado que pensasse em algo comum, que reunisse os dois, técnicos e a gestante, de modo que as diferenças técnicas não fossem problemas para manter esse espaço de encontro como algo comum, sem película de separação, ou distinção entre domínios relacionais diferentes. Ressaltou-se: mesmo com todas as diferenças o que fazer de modo que pudessemos compartilhar de algo colaborativo, mesmo diante de uma situação tão difícil.

Foi quando pela primeira vez surgiu a criança. Até então não tinha aparecido. Só os técnicos, as gestantes e familiares, mas é a criança? A criança tinha o problema, a mãe a dor e os técnicos os equipamentos de cuidado. O que poderia ser comum? Inicialmente surgiu a doença da criança. Porque era a microcefalia que estava gerando toda aquela discussão, que frustraria a mãe na sua expectativa de uma criança sem comprometimentos e colocava os técnicos de prontidão. Mas se for à doença, voltamos a condição dicotômica

técnico-paciente, só que agora incluímos como paciente a criança. Mas não era essa a ideia. Porque assim, não há como compor algo que fortaleça os dois. Técnico e gestante têm coisas em comuns, mas que não potencializam, só distinguem.

O segundo momento surge com a ideia de que deveríamos pensar pela saúde e não pela doença. O que teria em comum que ajudaria o médico a dar a notícia, com mais presença e proximidade e, ao mesmo tempo, sem minimizar o problema, poderia ser de grande potência para ajudar a gestante e familiares a enfrentar o problema e, ainda, seria algo que só fortaleceria a criança? Surge a ideia de cuidado comum, que a notícia fosse pensada numa maneira em que os técnicos se encontrassem com a gestante, num espírito de juntarem forças para acolher e apoiar a criança no seu vir ao mundo. Juntos, técnicos, gestantes e familiares, teriam o problema de suas frustrações, seus receios, seus medos, mas isso não seria o mais importante. O mais importante seria criar as melhores condições para acolher e cuidar da criança, juntos. Essa disposição íntima de encontrar com a mãe para ajudá-la a enfrentar suas frustrações, mágoas e dores e ajudar a perceber que isso, apesar de ser muito difícil, não era o mais importante. O que é comum é a amorosidade pelo ser que vem, que vai precisar de cuidados técnicos e de uma mãe e familiares que o aceitem e amem, mesmo com microcefalia.

Exemplo III - Mesmo não sabendo as causas das pequenas alegrias, nosso *sentir sente*. São comuns, nas comunidades periféricas, as ideias e imagens machistas, de superioridade masculina, a violência familiar, conjugal, comunitária, no qual mulheres que buscam o espaço de conversação conservam esse modelo de compor relação e não raramente se apaixonam por alguém que repete as mesmas condutas. “*Que é essa variação contínua de affectus, e como ocorre que certa não-conveniência convenha a alguns? Porque alguns somente podem viver sob a forma da cena de casamento indefinidamente repetida? Saem dali como se isso tivesse sido um banho de água fresca para eles*” (Deleuze, 1980, p. 19).

Suas queixas não são muito diferentes das de suas mães e avós. Como não é diferente o modo com que tratam seus filhos. Percebe-se a noção comum de *não conveniência*, que é transgeracional, mas se sentem incapazes de mudar. O que distinguem, o que descrevem e o que explicam, expressam *Sentimentos* de desamor. Como pensar a noção comum, se todas as ideias afecções remetem umas às outras, e na explicação expressam sentimentos de desamor? Onde, quando e como compor a noção comum? Nesse mesmo espaço, existem as mulheres que, a sua maneira, disseram não. Não sei se chegaram a

fazer uma reflexão das conveniências, mas aprenderam a lidar com as relações de *não conveniência*. Algo como um dito popular, que já escutei muitas vezes em situações diversas por pessoas diferentes: “*talvez não saiba o que quero, mas aprendi a reconhecer o que não quero*” (sic). Essas mulheres passam a assumir a conversa, trazem suas experiências e, de um encontro a outro, começam a surgir pequenas mudanças, separações que pareciam ser impossíveis, por medo de apanharem, por não terem como sustentar seus filhos, por acharem que ninguém mais iria querê-las, mas enfrentam isso. Quando distinguem, descrevem e explicam, passam a expressar sentimentos diferentes. Nesses sentimentos passam a citar umas às outras. “*Nunca tinha pensado da maneira como a senhora “A” falou*” (sic). Outras passam a enfrentar o companheiro e descobrem que ele “*só repetia o que todo mundo fazia e achava que se mudasse ele a perderia*” (sic).

Percebi que as noções comuns podiam surgir ali no encontro, quando mulheres que compartilham experiências passam a compor relações que não são tão conscientes no momento em que estão realizando, mas que produz um efeito que surge noutra modo de expressar sentimentos. Comecei a pensar que a consensualidade em que o espaço de encontro se compunha, na medida que os presentes falavam do que os fazia sofrer, expressavam seus sentimentos, aos quais outras pessoas se acoplavam, na troca de ideias que operava uma troca de ideias, só que agora ativa. Percebo uma passagem. Chegavam com o que *sente*. Descreviam o *sentir que sente*, e numa certa caminhada, passaram a sentir *como sentiam*. E nesse sentido, passamos a pensar que o sentimento expresso surge ao aberto da recursividade. Uns se reconhecem nos sentimentos dos outros, outros discrepam, mas algo muda. Algo novo surge. Não resolve a vida de ninguém, mas recompõe sua vida por ações, seja de separação ou reconciliação. Algo parcial, local, mas o suficiente para não ser mais a mesma coisa que antes.

Exemplo IV - Outras vezes, surgem outros caminhos. Mulheres passam a reverter a relação, escolhem homens dependentes, que são mais filhos do que esposo ou pai. Algumas se sentem melhor, estão dominando. Outras, aceitam: pelo menos não estão apanhando. Outras dizem que “*brincam com os homens*”. Nesses casos, parece-nos que há uma compensação e não uma atitude frente a *não conveniência*. O sentir *sente*, como algo que se justifica, como se a explicação que conserva é a melhor que tem. Ocorre que às vezes não surge contraponto, não se questiona, ao contrário, aparece mais o reforço para essa ma-

neira de conduta diante de formas de desamor. São situações mais amortecidas, se afirmam numa negação. *Sente* os efeitos do que vivem e tomam por causa. No entanto, em suas queixas, quando passam a sentir que sentem, são muito comuns a irritação, perda da paciência, dor de cabeça constante, insatisfação, falta de libido e insônia.

Deleuze nos lembra que para Spinoza a tristeza não se enfrenta pela tristeza, se aumenta o sofrimento quando se começa a fazer a lista dos males que nos arrastam. Nas condições de trabalho em que ocorre o espaço de conversação, temos que dar ao tempo, o destino do que surge como material a ser trabalhado. Nesse sentido, quando distinguem, descrevem-se e explicam-se alguns desses desconfortos, buscando uma resposta para eles, passam a expressar sentimentos de insatisfação com a própria vida amorosa, que tentam se convencer que, por ser em alguns aspectos melhor que outras experiências, aceitam, mas não sentem que são felizes. Aqui houve o salto: *sentir é biológico*, e como o afeto de tristeza não possibilita conhecer suas causas, retém só os efeitos, assume suas justificativas como o que tem de melhor para o momento. Prefiro dominar que ser dominada. Isso só se torna possível na explicação que expressa sentimentos. Já não estão em total ignorância, porque começam a fazer relações diferentes no modo de justificar suas ações, que antes surgiam como verdadeiras, mas surge um outro *sentir que sente* que são infelizes. O que abre o espaço para conversar sobre desejos, sonhos, vontades, experiências, momentos alegres, uma intervenção, não sobre o sofrimento, nem sobre a queixa de mal-estar, mas sobre essas coisas que acreditam que as fariam felizes. Mas, agora surge numa relação consigo mesma, não mais na conjugalidade, ou na queixa vazia de um sintoma, o que pode ser o foco de intensificação.

Interessante que as coisas que acreditam que as fariam felizes não são coisas de outro mundo. O que precisam, quais as dificuldades para buscar tais coisas que dizem que lhes fazem bem? Podemos fazer combinações, não com o profissional, mas com o espaço que compõe consensualmente. Na maioria dos casos, o que desejam está a mão, só que não percebem porque estão por demais agarradas em manter o estado de compensação amorosa. Muitas vezes é ir ao cinema, mudar o visual, se deixar ser vulnerável, o que se torna difícil porque para manter o poder tem que ser durona.

Não se tem a pretensão de cura, mas de mudança de realidade pela transformação da explicação. Pode ter efeitos terapêuticos, mas não dizemos que trabalhar com sentimentos seja uma técnica psicoterápica. Trata-se de um espaço de conversação, onde quem

o procura o faz porque *sente* que algo faz sofrer, descreve esse *sentir que sente* e pode ocorrer que venha a *sentir como sente*, como explicação da experiência. Como prática, o processo de produzir sentimentos, envolve esse movimento de distinguir algo de si, uma experiência, e descreve por si mesmo, com outras experiências vividas, numa coerência operacional reflexiva, que gera uma explicação que expressa sentimentos. Caso persista e passe e operar a recursividades sobre os sentimentos, o que ocorre é que passa a produzir descrições de descrições, e explicar explicações, modo como os sentimentos expressam outra realidade, outra experiência na linguagem. Nesse caso, a recursão não mais se opera sobre o que *sente* que faz sofrer inicial, desvinculado do domínio de ações em que faz sentido, mas sobre o *sentir como sente* outro afeto, uma realidade na linguagem, que pode passar a relação de apropriação de certos aspectos do modo de conviver no conversar que expressam um *sentir que faz como sente*. Desde então, entramos no *Domínio dos Sentimentos*.

5. DOMINIO DOS SENTIMENTOS



Quando fazemos tudo para que nos amem e não conseguimos, resta-nos um último recurso: não fazer mais nada. Por isso, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura que havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis, pois o amor nasce, ou não, espontaneamente, mas nunca por força de imposição. Às vezes, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue; outras vezes, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos quem melhor nos quer. Assim, repito, quando tivermos feito tudo para conseguir um amor, e falhado, resta-nos um só caminho...o de mais nada fazer. Clarice Lispector

Para essa pesquisa, que trata do que faz sofrer, sentimento não é uma coisa em si. Não tem essência, nem é algo que tem propriedades intrínsecas, mas resulta do modo de conviver no conversar, no refletir sobre as experiências vividas em formas de desamor. Como tudo na linguagem, expressar sentimento é um modo de fazer, não de ser. Resulta de composição de relações que se especifica no encontro consigo mesmo, em momentos de atenção e cuidado. Não se trata de nada mirabolante, basta tomar a si mesmo como foco de atenção, dar-se um tempo, de modo sincero num espaço consensual coletivo de colaboração, onde cada um no encontro, no modo particular, traz a mão algo que o faz sofrer e a disposição de entrar em enfrentamento, por meio da reflexão e certa consciência na linguagem.

As condições de fazer que expressam ou produzem sentimentos, supõem uma atitude ativa, de voltar-se para si e distinguir algo de si: uma experiência vivida. Descrever por meio de outras experiências vividas, de modo a compor um mapa na forma de uma explicação, que expressa sentimentos, em que pode começar a trabalhar as marcas de formas de desamor. Os operadores dessa prática surgem como alternativas a constituir mapas do *sentir como sente* que algo faz sofrer, supõe um processo entrelaçado, que o observador de si opera, numa coerência operacional reflexiva, na distinção, descrição e explicação de *experiência de afetos de afecções de emoções vividas*, no modo particular de conviver no conversar.

Vamos iniciar o processo de entrelaçamento dos sistemas conceituais que trabalhamos até aqui. Buscaremos explicar como se faz para expressar ou produzir sentimentos. No primeiro movimento, vamos compor um pequeno cenário reflexivo que supõe a *linguagem*, onde surgem as condições do *modo de conviver no conversar* que situa o *observador de si*. Este compõe o *domínio relacional num encontro* em que traz a mão

marcas de desamor, resultantes de um modo dinâmico *de determinação da emoção sobre a afecção* que, por sua vez, *determina um tipo de afeto*, num modo de *sentir que sente* que algo faz sofrer, junto a um *espaço de conversação*. Este espaço constitui o contexto reflexivo no qual *operadores da conversação* entrelaçados, como conceitos que serão aprofundados ao longo desse capítulo, almeja possibilitar um modo de fazer para expressar sentimentos.

J) *Do cosmo a terra*⁷⁹ – Com Frei Betto, Maturana e Varela vimos a perspectiva criacionista do cosmos. Distinguímos a criação como algo espontâneo, sem um princípio criador, nem um agente transcendental de criação. O universo se auto produz, sem finalidade, sem propósito, numa deriva cósmica de relações espontâneas, que surge do nada, como princípio, não como fim. Assim, surge nossa galáxia, nosso planeta, as moléculas vivas, a unidade autônoma, que se explicará como um modo de organização autopoietica, origem de infinitudes de seres vivos e as especificidades de modos de vida. A vida surge! Esse é nosso primeiro e principal operador de leitura do que faz sofrer – estar vivo;

J) *Da biosfera a antroposfera* - Nosso corpo tem relações com a biosfera, enquanto nossa mente surge com a antroposfera. Partimos da ideia geral de que a *antroposfera* faz parte da biosfera. Tal trajetória foi resultado da deriva evolutiva da *biosfera* (seres vivos) onde se deu o surgimento da *antroposfera*, o domínio dos afazeres humanos. O que queremos afirmar ao dizer que o *observador de si* surge entrelaçado no devir da antroposfera na biosfera? Se a antroposfera tem o ser humano e seus modos de afazeres como componentes, suas infinitas formas de produção, a biosfera tem como componente toda forma de vida da terra, em suas interações cósmicas. Na perspectiva da biosfera, portanto, vivemos esse contínuo presente, o agora de cada momento cósmico. E o que a cosmologia nos ensinou? Que a vida, desde que surgiu, em deriva evolutiva, persevera, se multiplica, se complexifica, juntamente com a ampliação do domínio relacional da antroposfera,

⁷⁹ Como vimos, para pensar o todo de onde surgimos, que nos contem e no qual nos nós realizamos, podemos supor a dialógica desse diagrama: da deriva natural cósmica ao surgimento da biosfera e nesse a antroposfera onde se nota: cosmo - terra – seres vivos – seres humanos – linguagem. Podemos pensar desde o inverso: partimos da linguagem - seres humanos – seres vivos – terra – deriva natural e cormos. A cada momento, por natureza cósmica, estamos imersos nesse todo, não só na nossa vidinha privada, nem mesmo na nossa comunidade, cidade, estado ou país, mas vitalmente estamos indissociavelmente ligados a cada instante ao todo do universo. Quando voltamos a nós mesmo, as forças que evocamos não são intelectuais, mas nos remetem ao todo da vida, a cosmologia.

com a participação do modo de habitar na linguagem dos seres humanos na superfície da terra. Esse é nosso potencial em potência, a linguagem que traz a cada modo de viver humano em deriva de sentidos últimos e primeiros;

) *Surgimento da linguagem* - Com isso notamos que a *linguagem*, fruto da consensualidade, caracteriza nossa particularidade de modo de conviver. A linguagem surge da convivência harmoniosa, do prazer de estar juntos, da colaboração que constitui nossas condições de humanização na *emoção de amar*, em recursividade ao fluxo do *linguajar*, compreendido como coordenação de coordenação consensual de ações, entrelaçado com o *emocionar* que fez surgir o *conversar*. O conversar, fruto de recursividade de interações recorrentes e recíprocas entre indivíduos num território, vem se compondo e transformando, formando o domínio da linguagem como esse colossal meio consensual que nos contém e no qual nós nos realizamos como seres humanos que somos. A linguagem é o que temos a mão, é a matéria prima com a qual construímos nossos mundos, nossas realidades, nosso modo de conviver no conversar. No espaço de conversação, contamos com esse recurso da linguagem, como modo de vida, maneira de viver, de sentir, de fazer, de se relacionar, de compartilhar, de consensualizar, de construir, recompor, criar, inventar, expressar e produzir sentimentos, a partir da reflexão, certa consciência que surge no modo de conviver no conversar na linguagem;

) *Modo de conviver no conversar* - existimos, somos na linguagem. O conviver envolve a condição social, surgimos no coletivo, do acoplamento social, em domínios relacionais de ações consensuais na linguagem, em circunstâncias *em que se vive em afazeres*, no qual, simultaneamente, nosso modo de vida biológico tem um *sentir*, e faz uma ideia do que *sente*. Surgimos e nós realizamos no entrelaçamento consensual do emocionar como linguajar, que Maturana chama Conversar. Nesse sentido, surge o *observador de si* como um modo de conviver no conversar, que faz dos encontros um espaço de conversação;

) *O observador de si* - Nesse trabalho, assumimos que cada ser humano se encontra onde se encontra, como parte de sua contingência de experiências vividas. O observador não é uma função, nem um papel, mas um modo de viver e conviver no conversar. Seja qual for a forma de desamor que lhe consome a alegria e força de existir, o *observador de si* é, ao mesmo tempo, o problema, o campo de problematização e quem pode produzir as saídas possíveis. Entendemos que o *observador de si* é quem distingue, quem descreve e quem gera uma explicação e assim

expressa sentimentos. Expressar sentimento é algo que se pode fazer, visto que trazemos a mão a linguagem;

) *Distinguir, descrever e explicar* – Fazer distinções, descrições e explicações supõe uma atitude afirmativa, ao correlacionar domínio de *emoções* que determinam entre as ações possíveis a ação *afecção* (entrelaçamento de imagens e ideias) realizada. Quando se anda despreocupadamente pela rua, olhando desatento ao que acontece no caminho e, de repente, avista alguém que conhece e quer encontrar, isso é uma distinção. Entra-se instantaneamente em relação que se atualiza recursivamente. Antes que você seja visto pela outra pessoa, já se encontra todo na relação, desde seu corpo, sua história, seus afetos de emoções vividas. A distinção é entrar em relações. O observador surge na distinção, na relação. Sem distinção não há observador, mas é o observador que faz a distinção. Como distingue o observador suas observações? As recorrências operacional-relacionais que surgem das práxis de viver de um observador, mostra como o *observador de si* distingue a experiência e opera sobre essa experiência com a coerência operacional-relacional reflexiva de suas práxis de conviver no conversar. O observador surge na relação criada a partir da distinção. O observador é, ao mesmo tempo, quem distingue e o distinguido, quem descreve e a própria descrição, quem explica e a própria explicação. Mas, se a distinção é feita pelo observador, como o observador pode surgir na observação? Ocorre que o observador tem uma história que se conserva pela recorrência e recursividade, que está presente a cada momento, que se compõe de suas experiências vividas e é a partir dessas experiências vividas que distingue o que distingue, que descreve o que descreve e que explica o que explica. Por esse meio pode, também, ao voltar-se para si numa relação consigo mesmo, expressar ou produzir sentimentos.

Um exemplo: estou caminhando, distingo algo, alguém, alguma coisa. Fico quietinho, observando, atento, vivendo o que se tem para viver. O que um outro observador que me observa pode perceber são minhas emoções, a classe de conduta que faço, fiz ou poderei fazer. Agora, se invento de comentar, descrever, explicar o que estou vivendo, expresso meus sentimentos de afetos de afecção de emoções vividas. Se não falar, meus sentimentos não aparecem, só minhas emoções, visíveis na minha corporeidade dinâmica, que são condutas adaptativas do meu bem-estar, comum a todo corpo que busca manter sua harmonia com o entorno. Mas se buscar explicar, num domínio relacional onde me tomo como problema no encontro comigo mesmo, expresso meus sentimentos

-) *Domínio relacional no encontro* - O que acontece no encontro, supõe que o observador de si faça a distinção e entre em relação, de onde surgem as experiências vividas. Essas experiências vividas instantaneamente são irreversíveis, visto que não podemos mudar o que aconteceu. Delas só retemos o que distinguimos, seja ativamente numa posição que se atem ao seu entorno e distingue algo em que entra em relação com a presença de quem age, convenientemente, quem o faz com certa consciência. Mas, pode ocorrer de estarmos envolvidos num turbilhão de acontecimentos simultâneos e sucessivos, em que somos levados, conduzidos, não espontaneamente, harmonicamente, porque assim se flui no conviver, mas somos induzidos aos empurrões, solavancos, atropelos, necessidades, medos, modo como vivemos experiências que nos fazem sofrer. Participamos de domínio de ações de negação, somos violados na nossa condição relacional constitutiva da emoção de amar, sofremos por formas de desamor. Como isso ocorre ao observador?
-) *Afeto, afecção e emoção* - o observador de si flui no entrelaçamento do emocionar e linguajar, se atendo ao modo de conviver no conversar, no qual passa a perceber que de um domínio de ações a outros, vão mudando as *emoções*. E cada emoção se define por uma classe de conduta que determina a ação realizada. A ação realizada é um efeito de um corpo sobre outro, de modo que se formam estados de corpos que vão se transformando, operando uma reconfiguração na disposição corporal dinâmica, onde se forma uma *ideia afecção*. Essa ideia afecção se encaixa na ideia seguinte, e nessa transição vivida de uma ideia a outra, o que se vive é uma mudança de intensidade, um *afeto*. Um modo de *sentir que sente* a diferença na diminuição da intensidade de existir e na redução da potência de agir, que vai se modulando, não sabe quanto, mas *sente que faz sofrer*, se encontra afetado de tristeza. Marquemos essa ideia: a emoção determina a afecção e a ideia afecção determina um afeto (tristeza), que faz sofrer por formas de desamor;
-) *Espaço de Conversação* – o encontro se compõe na consensualidade, no acolhimento, na atitude aberta de compartilhar a noção de que cada ser humano existe em torno de sua porção própria da emoção de amar. A consensualidade em que se compõe o encontro no espaço de conversação, o torna um domínio de convivência no conversar, onde podemos compor mapas das relações que envolvem nossa tristeza, como meio a trabalhar para compor ou decompor a trama do que faz sofrer;

-) *O que faz sofrer* - Sofremos, seja pelo que for, como forma de desamor. Essa passagem que o espaço de conversação supõe, diz de uma alteração de rota. Essa ideia do que *me faz sofrer*, não remete a uma patologia ou outra forma de enquadre, porque passamos a entendê-la como formas de desamor. Já saímos da condição de nos ater a doença, a patologia, mudamos de domínio relacional, outras dimensões são incluídas, porque o problema é tomado na linguagem, como modo de conviver no conversar, onde toda experiência é uma explicação de experiência;
-) *Experiência e explicação de experiência* - A experiência vivida é irreversível, a explicação não. Se a experiência não pode mudar, a explicação pode. A realidade que construímos, os mundos que conservamos, são explicações que aceitamos. Qualquer experiência só se torna experiência quando distinguida, descrita e explicada. Através dela, formamos um mundo, compomos mais uma realidade, que se entrelaça como nó em nossa rede de relações complexas, mas que são composições na linguagem e fazem parte do que trago a mão no meu modo de conviver no conversar;
-) *Os operadores da conversação* - A expressão de sentimentos surge no trabalho de voltar-se para si mesmo em cuidado e atenção. Como procedimento operacional, destacamos três movimentos entrelaçados: *distingue* algo de si (afeto), do qual se compõe uma *descrição*, trama de imagens e ideias (afecção), que estão em correlação com o drama no domínio de ação onde faz sentido (emoção), modo como se gera um mapa, uma coerência operacional-relacional reflexiva, que *expressa sentimentos, como explicação de experiência de afeto de afecção de emoção vivida, no modo particular de viver e conviver no conversar*;

O que entendendo por sentimentos é algo que se produz, no modo de uma explicação, num processo espontâneo, no presente, mesmo que se reporte ao mais longínquo passado. A explicação é a produção de experiência ou de realidade na linguagem. Essa realidade quando resulta da distinção de algo de si na descrição por si mesmo, gera a explicação que expressa sentimentos. O sentimento não representa, imita ou se compara à realidade vivida no tempo zero, que é imensamente mais abrangente, mas resulta daquilo que foi retido no modo particular de viver no fluir do emocionar. Mas isso só tem sentido se realizado como algo de si por si mesmo. O que entendemos como atitude de cuidado e atenção do observador de si consigo mesmo.

Diferente do observador de si é o *observador de outro*. Esse só tem acesso às emoções na apreciação da classe de conduta do outro, maneira como *infere* um modo de

sentir. Dizer o sentir do outro é uma pretensão que surge com desconhecimento de que cada ser humano é uma unidade autônoma, estruturalmente determinada, modulada por sua ontogênese, sua história particular. A condição biológica de cada ser humano possibilita o acoplamento social, onde surge o domínio relacional, embora não a determine. Mas, sem determinar, cada indivíduo se constitui no coletivo, mas, também, é como se forma seu modo particular, sua ontogenia, sua história de experiência vividas como indivíduo singular. E nada externo a cada indivíduo pode determinar nele sua dinâmica própria de existir. Daí o observador de si, não se confunde com o observador do outro, principalmente quando se trata das relações de si consigo mesmo.

O que se distingue, descreve e explica, surge da coerência operacional-relacional das práxis de viver do observador de si, num modo particular de conviver no conversar, fruto da coerência operacional-relacional das práxis de conviver do próprio observador de si. Somos, simultaneamente e indissociavelmente, coletivo e particular. Mas se nos estruturamos desde um coletivo à formação de um modo particular, mudamos, nos transformamos desde a condição particular recomposta em domínios consensuais coletivos. Essa dialógica, particular-coletivo, a composição, decomposição e recomposição de relações, é o que entendemos como o modo de viver e conviver no conversar na linguagem.

Nessa jornada, de enfrentar o que faz sofrer, o observador de si inclui na sua vida um momento em que passa a compor um mapa. Cartografa o que faz sofrer, um *sentir que sente*, um afeto, com as linhas em que trama as imagens e ideias, afecção, com o drama vividos em domínio de ações onde faz sentido, emoção. É importante situar o lugar do observador de si nesse processo de produção de sentimentos. O observador de si parte do *sentir que sente* (afeto), mesmo que não saiba o quanto, mas percebe a diferença. Desde então, ocupa o lugar entre a afecção e a emoção, desde um afeto no modo particular. Na expressão de sentimentos, a distinção é algo de si, abre o domínio relacional vivido que envolve a relação de si consigo mesmo. Distingue uma experiência vivida. Descreve a trama de imagens e ideias, que são afecções que *não* existem em si, nem por si mesmo, mas se tramam num domínio de ações onde fazem sentido.

As correlações são efetuadas pelo observador de si, que partem de um afeto, e se coloca entre afecções e emoções, entre ações e domínio de relações, entre imagens-ideias e circunstâncias, que surge na distinção de uma experiência vivida, instantânea, em ato, no contínuo presente em que tudo que ocorre, ocorre *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre, que o observador de si conserva como experiência de *afecções de emoções vividas*, que *afeta no modo particular*, no *sentir que sente* que algo faz sofrer.

A descrição é uma correlação que surge como uma coerência operacional reflexiva. Essa pode ser adequada ou não, clara ou confusa, complexa ou simples, mas algo que aparece ao observador de si como uma explicação, para si mesmo, disso que o faz sofrer. Esse mapa de interconectividade de linhas de uma explicação, aparece como totalidade composta que, para essa pesquisa, expressa sentimentos. Expressar sentimentos pode ser compreendido como um mapa. Há uma trama de relações entre ideias e imagens e domínio de ações onde fazem sentido. O observador de si, ao distinguir uma experiência, descreve essa trama, num modo que gera uma explicação que expressa sentimentos.

O modo em que passamos a pensar sentimentos surge da explicação de Maturana, embora se tenham acrescentado alguns componentes como afeto e afecção, na perspectiva do spinozismo de Chantal Jaquet e Gilles Deleuze. Mas, por enquanto, vamos pensar: como Maturana distingue Sentimentos de Emoções? Depois vamos expandir as correlações e o entrelaçamento entre os conceitos estudados para compor essa maquininha que nos mostra como fazer para expressar e produzir *Sentimentos*.

5.1 Distinção entre Emoção & Sentimentos em Humberto Maturana



Preciso despir-me do que aprendi. Desencaixotar minhas emoções verdadeiras. Desembrulhar-me e ser eu! Uma aprendizagem de desaprendizagem... Alberto Caieiro
Não posso escolher como me sinto, mas posso escolher o que fazer a respeito. William Shakespeare

Maturana é claro: emoção não é sentimento. Embora o tema dos sentimentos seja pouco abordado na sua obra, a maneira como distingue emoção de sentimento é clara: “*Conheceremos suas emoções como fundamentos que constituem suas ações. Não conheceremos o que poderíamos chamar de seus sentimentos, senão o espaço de existência efetiva em que esse ser humano se move*” (Maturana e Block, 2009, p. 129). O espaço da experiência vivida pertence a outro domínio que o domínio da explicação da experiência na linguagem. A explicação da experiência é uma experiência de segunda ordem, diz Maturana, que não reabilita, transforma, muda ou altera a experiência vivida no tempo zero, no contínuo presente, instantâneo, em ato. Essa é irreversível, aconteceu, mas a explicação que dela fazemos, essa pode mudar. Entendemos com Maturana, que a realidade é uma proposição explicativa, que não existe realidade em si, por tudo que já refletimos até aqui.

Maturana distingue sentimento do emocionar, numa diferença conceitual importante: “*as emoções não requerem a linguagem, sendo próprias de todos os seres vivos, em troca, os sentimentos sim requerem a linguagem, porque surgem na reflexão com que se olha como se está no emocionar, e a reflexão é possível só ao existir na linguagem*” (Maturana y Block, 2008, p. 128). Aqui a apreciação surge de uma reflexão que supõe a linguagem. Diferente é a emoção, essa não supõe a linguagem, é instantânea, ocorre no contínuo presente, diz de domínios de ações, se distingue por classes de condutas, modos de fazer, de lidar, de relacionar-se, envolve o sistema nervoso, o esquema sensorio motor. Já os sentimentos supõem a linguagem, a reflexão, certa consciência, a repartição do tempo em passado, presente e futuro. Os sentimentos se expressam ou se produzem no depois, na distinção, descrição e explicação da experiência, mas pela linguagem verbal.

Partindo da ideia de que as emoções não se expressam, *se vivem*⁸⁰. No cotidiano do suceder do viver, estamos sempre mudando de domínio de emoções. Fluímos no emocionar. Nota-se: o que se observa quando ocorre uma mudança no emocionar, quando ocorre a troca de domínio de ações, não é uma projeção, mas uma *apreciação instantânea*

⁸⁰ Maturana mantém essa afirmação: “*As emoções não se expressão, se vivem. Para o observador que realiza uma apreciação do emocionar do outro, a conduta do outro revela sua emoção*”. As emoções que o observador tem acesso se mostra pelas maneiras de estar em relação do indivíduo e meio. (Maturana y Block, 2008, p. 127)

do emocionar. É importante essa ideia de *apreciação instantânea*, ela nos joga a pensar a diferença entre emoção e afeto, emoção e sentimentos e sentimento e afeto.

Quanto a essa instantaneidade, o exemplo mais recorrente que Maturana usa, surge mais ou menos assim: chegamos em casa. Acendemos a luz. Eis que ali no chão, vemos aquela barata. Observamos a barata e vemos que ela circula tranquila batendo as antenas e parando para comer o que encontra. Está numa emoção de tranquilidade, em harmonia e bem-estar. Ao notar a presença de perigo, sai desasada correndo, atropelando umas às outras; busca uma fuga. Maturana faz observações: a) a barata passou de uma emoção a outra, quando mudou de domínio de ações; b) a observação de que a barata mudou de emoção, não é distinção subjetiva ou psicológica, mas *apreciação instantânea* em ato; c) por fim, que os animais não podem produzir sentimentos, por isso não podemos dizer que a mudança de emoção produziu um sentimento semelhante ao que um ser humano poderia sentir. O sentir da barata é de barata. Também diz que mesmo entre dois seres humanos diferentes, os sentimentos também *não* são iguais, porque são duas estruturas diferentes, com histórias de vida em epigenia diferentes, mas isso não impede que se constate que a emoção que se distingue por diferentes agentes seja igual. A emoção é aprendida, desde criança com os demais adultos no seu modo de emocionar, de conviver no conversar. Resulta de uma consensualidade, supõe o coletivo, se torna parte de nossa configuração estrutural.

Por exemplo: do ponto de vista dos seres humanos que chegam em casa naquele momento em que se deparam com uma barata, podemos notar que as reações são diferentes para cada pessoa diante da mesma emoção. O que se nota quando uma pessoa vê uma barata e grita subindo numa cadeira, outra começa a rir, e a outra sai com a vassoura atrás dela. Três modos diferentes de fluir no emocionar, diante de um mesmo ato instantâneo de ver a barata mudar seu emocionar. Até aqui, emoção e afeto não se distinguem. A diferença só surge na apreciação do emocionar, quando o observador de si passa a descrever e gerar uma explicação, que expressa sentimentos. Queremos manter essa ideia de que *emoção e afeto* só se distinguem nos sentimentos.

As emoções se revelam pelas condutas. A emoção não se expressa, se vive, em ato, a cada instante, mas sem linguagem: “*O que se expressa e o sentir o sentimento, em circunstâncias de que o sentimento é uma apreciação do que um faz sobre como está um ou outro em seu emocionar, ao que poderia dizer-se, um se toca a si mesmo ou ao outro, descobrindo o emocionar em que se encontra*” (Maturana y Block, 2008, p. 127). Duas coisas nos chamam a atenção: sentir sentimentos surge da apreciação do emocionar por interações

corporais, mas é igualmente válido, tanto para o *observador de si* como para o observador do outro.

Segue Maturana, “*O que passa é que ao fazer uma apreciação sobre o emocionar do outro, alguém frequentemente opina sobre o sentir dele e fala em termos de opinião, dizendo que o outro expressa suas emoções.*” (Maturana y Block, 2008, p. 127). Aqui sentimento aparece como limitado para distinguir o emocionar do outro. Há um movimento: alguém sente algo em relação ao sentir do outro, esse sentir é uma opinião que surge de como esse vive uma emoção e usa dessa opinião para inferir que a emoção do outro corresponde a essa opinião. Isso lembra a maneira de interpretar as emoções dos outros, não porque viveu em consensualidade a emoção, não operou uma *apreciação instantânea* do emocionar com o outro e, portanto, pouco teria que falar. Esse opinar sobre a emoção dos outros, surge como modo de julgar, interpretar, representar.

Notamos: Maturana compreende sentimento de modo mais amplo do que estamos tratando. Tem um aspecto negativo, uma vez que os sentimentos se coloca a explicar o modo de emocionar do outro. Se sentimento é uma apreciação do emocionar, de si ou do outro, essa apreciação pode se tornar numa opinião, porque sentimento e emoção pertence a domínio diferentes, como experiência e explicação da experiência. Um dos exemplos usados por Maturana é o medo. Imaginemos que Susana e Humberto, como amigos, depois de uma linda conversa de muito respeito e carinho, ao se separarem, Susana vive uma emoção que sente, o que um observador do outro poderia constatar como suor frio, o coração saltitante, mudança de respiração, mais ofegante, a indecisão quanto a direção a se conduzir, se vai por aqui ou por lá, feições de tensão no rosto, que se expressam no linguajar: *estou com medo*. Como Dom Quixote, Humberto levanta sua lança, e mira os domínios de ações em que Susana vive, naquele instante a emoção de medo, mas, também, nota seus sentimentos de medo ao qual responde com um abraço acolhedor. Dois movimentos: um que poderíamos dizer externo, dirige-se ao entorno e percebe o domínio de ações possíveis de riscos, entra no fluxo do emocionar, outro, os sentimentos, que remetem a algo mais íntimo, de acolher.

Ampliando a prosa, alargando a imaginação. Humberto (Maturana) se lança ao entorno e distingue no trajeto circunstancial do percurso para casa de Susana, classes de condutas. Não precisa saber de qual tipo, modo, intensidade, qualidade, quantidade da ação particular que efetivamente a coloca em perigo para distinguir que está com medo. Vai inferir a partir da emoção de medo, como domínio de ações e não como uma ação em

particular. Acoplando uma experiência do observador: no fluir do emocionar, na consensualidade da emoção de medo, Humberto percebe que ela tem que atravessar um grande bosque que, embora tenha lindos jardins, que produz muitas emoções de alegria aos visitantes diurnos, ao anoitecer esse domínio de ações ganha outra emoção, associada à negação em emoções com classes de condutas de violências e violações, que produziriam a experiência em forma de desamor. O medo supõe o perigo, remetendo por primeiro ao fluir do emocionar onde Humberto busca quais ações possíveis poderiam causar dano naquele momento, segundo sua disposição corporal naquele domínio de relações que percebia na circunstância do se deslocar de Susana para sua casa.

Vimos que a emoção determina a ação. Ao nos atermos ao domínio de ações percebemos a emoção de medo, mas quando olhamos para ação de Susana, notamos a classe de conduta da qual essa ação faz parte. E o que Maturana coloca quando diz que se queremos conhecer uma emoção, devemos olhar para a ação, e se queremos conhecer o sentido da ação, olhamos para emoção. Isso é possível na percepção imediata, instantânea. Depois, surge a atenção para as manifestações físicas de Susana, como alguém que aprecia seu domínio de ações para ir para casa e vive algo que se nomeia com a palavra medo. Mas, agora não olha para o que a emoção indica como domínio de ações, nem para ação que ela esboça, mas para o sentir sentimentos de Susana, que Humberto acolhe e tranquiliza dizendo que vai acompanhá-la até sua casa. O que Humberto diz responde à emoção de medo, vou operar coordenação de coordenação de ações consensuais até sua casa, mas o abraço acolhedor, vem ao encontro dos sentimentos de medo. Há um entrelaçamento da emoção com o sentir sentimentos, que mostra que são distintos, mas se modulam.

Outro ponto da citação, que nos chama a atenção, é quando Maturana faz relação entre sentimento e opinião. Nessa condição, sentimentos como opinião, nos parece, faz com que Maturana tenha os sentimentos como algo secundário, porque não revela a emoção, mas um modo de sentir. Seguindo o exemplo do medo, supondo que se formule uma resposta a situação em torno da opinião e não da *apreciação instantânea* do emocionar: Humberto tentaria consolar, acalmar, confortar Simone sem constatar a emoção que ela vive. Responde ao que ele sente como sentimentos de medo e não ao coemocionar onde *se vive* o perigo que Susana teme. Mesmo sem saber qual é a real ameaça entre as ações possíveis, se vive o que se tem para viver, quando nos atermos ao coemocionar. Desse vivido, da apreciação instantânea se acolhe o outro. Se não vivo a emoção, acolho o outro na minha opinião do que o outro está vivendo. E posso até ficar indignado porque o outro não respondeu a minha ação, que fiz com tanto carinho. Mas, não considerarei o outro no

seu instante vivido, só o que senti. Isso pode não estar no mesmo domínio, meu sentir medo pode ter outras circunstâncias, assumir um sentido particular que não corresponde ao modo de viver de Suzana naquele momento. Mas se vivo o coemocionar, os sentimentos têm correspondência, embora sejam diferentes. Sentimento não é emoção.

Mantemos essa ideia: na emoção não se trata do que se expressa, mas do que se vive. O que se vive é instantâneo. Em ato, na própria experiência. O sentimento vem depois, quando já se tornou uma experiência vivida. Aí, quando minha ação responde ao presente vivido com um modo de sentir sentimentos particulares, não vivo a experiência, opino, represento, julgo, interpreto. Nesse sentido, os *sentimentos são passivos*. Eles não são considerados no presente, no entrelaçamento com as emoções. Então, há diferenças entre as respostas aos sentimentos de Susana: de um lado, Humberto acolheu a emoção de medo e seguiu o fluir do emocionar e se reportou ao domínio de ações onde ela vive essa emoção, depois voltou-se para suas expressões de respiração, feições faciais, sudorese, e seu sentimento de medo, e acolheu num abraço amigo. De outro, da emoção de medo, vai para o que ele Humberto sente e não o que convive no instante, e perde a emoção, perde o vivido e cai na representação. A resposta pode ser sincera, honesta, mas não deixa de ser representação. Não inclui o outro, mas deduz o outro no seu sentir sentimentos segundo opinião que se compõe por algo exterior ao vivido, não se compõe com o presente, faz referência a uma experiência vivida no modo particular, que uso para descrever e explicar o emocionar que presencia no outro. Claro, será diferente quando usar essas experiências vividas para distinguir, descrever e explicar, algo de si por si mesmo, expressará sentimentos.

Notemos. Uma coisa é viver a emoção, entrar num coemocionar, outra, é o que um observador de outro pode descrever, apreciar, deduzir, opinar, como diz Maturana: “*o que se expressa é o sentir o sentimento, em circunstâncias em que o sentimento é uma apreciação que alguém faz sobre como está, ele ou outro, em seu emocionar, em que poderia dizer, um se toca a si mesmo ou ao outro descobrindo o emocionar que se encontra.*” (Maturana y Block, 2008, p. 127). Aqui os sentimentos são apreciações instantâneas. Imediatas, no fluir do conversar. Mas ainda há algo que nos perturba: Maturana entende que se pode expressar sentimentos sobre si mesmo da mesma maneira como se pode expressar sentimentos sobre os outros, descrevendo seu emocionar. Vimos que ao formar uma apreciação instantânea não é sentimento, é *coemocionar*. Se for sentimento terá que ter a correspondência determinada pela apreciação, o linguajar do emocionar. Parece-nos que

os sentimentos, para Maturana, são apreendidos desde a infância, como as emoções, diferindo, pois, a emoção é algo apreendido no vivido (coemocionar), enquanto que sentimento é apreendido por meio de apreciações de emocionar de outros. Um exemplo simples: a criança convive em ato um conflito familiar entre os pais (coemocionar) ou a criança convive o conversar sobre conflitos familiares (sentimentos).

Partimos das duas formas de ocorrência do *sentir sentimentos* para Maturana: o sentir sentimento é extensivo a todo modo de emocionar consensual, seja porque a apreciação do emocionar tem equivalência tanto em relação ao operar do *observador de si* como na condição de observador de outro. Essa última condição, nos parece, coloca os sentimentos tributários do emocionar sem entrar no conviver junto o coemocionar instantâneo com o outro (seria apreciação instantânea de uma emoção e não sentimento), por isso tende a assumir o caráter de opinião. Talvez, por isso, as referências de Maturana em relação aos sentimentos surjam na afirmação de que *não* são emoções, sem buscar avançar no seu desenvolvimento explicativo, a cada vez que trata o tema, como faz com a emoção.

Não é o que estamos estudando. Nossa pesquisa, por se tratar de um estudo no campo da psicologia, entende os sentimentos num sentido mais restrito e um pouco mais complexo, mas que se faz de modo simples. Entendemos os sentimentos como algo do *observador de si*, não do observador do outro. Não é geral, mas particular. Não se faz sobre os outros ou as coisas, mas sobre si mesmo. No como se faz, para expressar sentimentos, supõe um voltar a atenção sobre si mesmo e distinguir algo de si por si mesmo. Por isso, os sentimentos surgem de quem se pergunta o que lhe faz sofrer. Esse não se faz sobre a emoção, mas sobre um afeto, uma marca de uma experiência vivida na forma de desamor. Os sentimentos que pensamos não servem para os outros. Não é opinião, representação, julgamento, mas o que se faz diante de um *sentir que sente*, uma intensidade conservada no modo particular, que chamamos com o spinozismo de Deleuze, de afeto. O sentimento volta-se aos afetos, volta-se às marcas de experiências vividas num indivíduo de modo particular, que tem a duração indeterminada. Volta no seu modo de sentir que sente que algo faz sofrer, na relação consigo mesmo, pela linguagem.

Então, a emoção não supõe a linguagem, os sentimentos sim. A emoção é instantânea, os sentimentos se produzem depois. A emoção ocorre no contínuo presente, no fluir do emocionar, o sentimento supõe a repartição da temporalidade, se produz do presente ao passado, num *aposteriori*. Mas, se reconhecemos a emoção que se vive, é porque essa surge de aprendizado, o que diz que a emoção se conserva como um conhecimento consensual, coletivo, como unidade do acoplamento social.

A emoção envolve o sistema nervoso. Toda conduta supõe ação, movimentos, mobiliza o esquema sensório motor, mas o sentido da ação, não vem do cérebro, mas do domínio relacional onde essa ação faz sentido. O observador distingue a dinâmica corporal, que especifica domínio de ações possíveis, e reconhece a classe de conduta em relação a um certo tipo de emoção. Trata-se de classe de condutas possíveis. O observador não distingue uma conduta em particular, que depende das contingências ou circunstância do domínio relacional de quem vive em ato a emoção. Então, dizemos que a emoção é uma vivência que não dura, mas as condições de identificar essa vivência são aprendidas, porque como unidade social, o observador de si e do outro, se conserva na linguagem e por meio da linguagem pode operar uma distinção de momentos distintos de seu sentir. Quando o observador de si distingue momentos diferentes, o faz desde seu sentir biológico que *sente* segundo dada cultura à qual pertence. Esse *sentir que sente*, é um sentir não da emoção, que já passou, mas da experiência vivida numa emoção que marca o observador de si no modo particular, que, por ter duração indeterminada, conserva como afeto que, por se tratar de uma emoção vivida na forma de desamor, distingue como algo que o faz sofrer. Mas, distingue no *sentir que sente*, o afeto como marca de uma emoção vivida no modo particular, não a emoção em seu caráter geral.

A emoção se vive, os sentimentos se expressam. A emoção não supõe a reflexão, é espontânea nas contingências das circunstâncias onde flui num processo contínuo, no presente acontecendo, perceptível a cada mudança de domínios de ações. Podendo inferir a transformação da plasticidade estrutural, nas mudanças de configuração da disposição corporal que especifica, para um observador de si ou de outro, o drama de domínios de ações em que ele ou alguém que observa se move, onde relaciona-se, no como, no onde e no quando se conduz, no como, onde e quando habita. Em tais condições, o observador pode realizar uma constatação em ato no como, nesse instante, se vive um modo de coemocionar. Diferente são os sentimentos. Esses supõem a reflexão, porque se produzem no depois da experiência vivida, quando por atitude ativa de enfrentamento ao que faz sofrer, distingue, descreve e explica na linguagem, uma experiência de afeto de afecções de emoções vividas, expressando sentimentos.

O sentimento, no sentido amplo de Maturana, pode ser distinguida tanto no observador do outro como no *observador de si*. Para nossa pesquisa, o sentimento se expressa e se produz. Surge só no observador de si, que pode dizer de si mesmo. Nesse caso, entra num processo diferente de quando as apreciações se fazem a respeito do sentir um sentimento sobre o que o outro vive. Aqui notamos como o sentimento se diz passivo. Porque

se a correspondência entre o que distingue um observador de outro e um *observador de si*, são comuns no nível da emoção consensual, são comuns na distinção de classe de condutas possíveis, mas são diferentes no como se vive essa emoção no modo particular. Nessa mirada, os sentimentos não podem se fazer no instante da própria experiência, seria coemocionar, mas surge no depois, como algo vivido. O que conserva, quando conserva, surge de um *sentir que sente*, que ocorrendo no presente, não deixa de se conservar como experiência de afeto vivida no modo particular.

Do ponto de vista da noção ampla de sentimentos, Maturana os considera um aprendizado: “*Nós, seres humanos ao viver na linguagem, aprendemos a distinguir sentimentos na convivência, nas coordenações de coordenações condutais que trazemos a mão a própria corporeidade e a corporeidade do outro no emocionar*” (Maturana y Block, 2008, p. 127). Nesse sentido, a emoção ganha características gerais, reproduzem o que se supõe que cada classe de conduta de uma emoção faz sentir. Esse sentir sendo de um sobre o outro, surge como opinião, uma apreciação constatada no linguajar de um modo de emocionar que surge como representação do que sente ou do que supõe que o outro sente como sentimento. Mas, essa opinião não serve para enfrentar o que faz sofrer. Apenas constata os efeitos de outros corpos sobre meu corpo e deduzo que todos sentem a mesma coisa e opino com esse modo passivo de sentir, que não sente, mas representa.

É importante notar que estamos entendendo a emoção como o que se vive. Uma mesma emoção *não* se vive da mesma maneira em momentos diferentes, nem é vivido por indivíduos diferentes num mesmo momento. Essa instantaneidade da emoção, ao dizer que ela não dura, ocorre a um indivíduo que dura, que conserva a diferença entre o que vive agora e o que viveu a um instante anterior. Nessa diferença, se constata uma passagem vivida de uma emoção a outra, pelo corpo do observador de si, que pode fazer a distinção. Aqui, o que se conserva são afetos, afetar e ser afetado no modo particular, de viver uma emoção num *modo de conviver no conversar*.

Propomos uma distinção entre o observador de si e o observador do outro. E dizemos que os sentimentos são passivos quando servem tanto para expressar o que um sente, como para inferir o que o outro sente. Gostaríamos de propor que os sentimentos que surgem a um observador de si, na atitude ativa de enfrentar o que faz sofrer, não pode ser genérico, literário, intelectual, mas envolve a maneira de viver a experiência de modo particular. O modo particular de viver uma emoção não muda a emoção vivida, mas a trama dessa classe de condutas que se tornam ação na emoção, difere. Envolve toda a

história ontogênica, epigenia individual. Depende do estado estrutural do corpo no momento em que vive uma emoção. Uma mesma emoção que alguém possa vir a rir pode ser causa de tristeza de outro, dependendo das diferentes circunstâncias existenciais em que cada um está vivendo o presente num dado momento. É o observador de si que pode expressar ou produzir sentimentos de como tal emoção lhe afetou. E, por isso, pensamos que só ele pode produzir sentimentos sobre si mesmo, não de outros. Nesse caso, dizer o que significa a emoção vivida por outro, sem estar no instante em coemocionar, é um modo de opinar. Que pode estar muito distante do que foi, como realidade particular, vivida pelo outro.

O observador de si ao fazer a distinção, descrever e explicar, o faz sobre algo que vive, segundo sua trajetória de transformações na deriva existencial que lhe toca viver. Supomos, com Maturana e Block: a distinção de uma emoção não difere de um indivíduo ao outro, nem a um grupo de indivíduos. A emoção de amar não se confunde com a emoção de odiar. Isso é aprendido no conviver no linguajar. A emoção é consensual, supõe o acoplamento social em domínios de interação recíprocas, onde operam a recursividade na ação, na coordenação de coordenação de conduta consensual, no linguajar. Mas, explicar a experiência não se confunde com a experiência vivida, são domínios disjuntos.

Vale a pena retomar. A emoção ocorre instantaneamente, se vive, o sentimento surge depois. As emoções são dinâmicas relacionais, não estados, logo, seguem o fluxo do emocionar na mudança de domínio de ações, nesse sentido não duram, ocorrem no contínuo presente, se vive em ato, no instante a instante. O sentimento não pode se fazer sobre a emoção, porque essa não é um estado corporal, mas uma dinâmica relacional que flui no devir das interações entre indivíduo e meio. Os sentimentos requerem um retorno ao passado. Se vive o sentimento no presente, mas como algo que se produz com o passado. Esse passado envolve a emoção vivida, mas desde uma história particular. O sentimento, não pode derivar da emoção vivida diretamente, mas das marcas num corpo que tem uma duração indeterminada. Um modo de afetar e de sofrer, de ser afetado.

Os sentimentos surgem da perspectiva do corpo que dura, que pode fazer correlações entre um estado (imagem e ideia) de seu corpo e outro, onde distingue algo que opera na sua potência de agir e na força de existir, na sua variação contínua singular, nos seus ritmos de movimento e repouso. Nossa hipótese: o sentimento ao ser produzido no depois, distingue não a emoção que viveu, porque essa foi vivida como experiência e enquanto tal, é irreversível, passou. O sentimento se produz a partir de uma explicação na linguagem de uma experiência vivida de uma emoção, que conserva no modo particular. No

modo particular, a emoção é a mesma, mas como é o indivíduo que tem uma duração indeterminada quem faz as correlações, isso depende de como ele foi afetado por essa emoção, nessa experiência que conserva como afeto de tristeza, porque o faz sofrer.

A essa marca particular da emoção, do vivido num domínio de ações possíveis, consideramos a ideia de afeto. Então, os sentimentos não se fariam sobre a emoção, mas sobre o afeto que dura no modo particular. Daí, surge nossa proposta, ainda parcial, de distinção: a *expressão de sentimentos surge na explicação de experiências de afetos de emoções vividas*, no modo particular. Desde então, o observador de si, ao distinguir algo que faz sofrer, ocupa o lugar entre o *sentir que sente* como afeto, onde opera a descrição da trama de ideias e imagens em correlação ao domínio de ações onde fazem sentido, gerando a explicação que expressa sentimentos. Mas de onde surge o linguajar, a trama de ideias e imagens com que se distingue a emoção de afeto? Veremos nas *afecções*.

Notemos um movimento inverso em relação aos sentimentos que se volta ao que se conserva como afeto. Se as emoções causam afeto instantaneamente, em ato, os sentimentos partem da distinção de uma experiência vivida no depois, do que conserva como afeto de uma emoção. Para descrever suas relações com a emoção, temos que pensar o que se conserva, mas, também, o que na emoção produz o afeto? Parece-nos que aqui entramos na determinação do afeto. Vimos no spinozismo que o afeto é determinado por uma ideia afecção. Se a emoção é um domínio de ações, enquanto vivida ocorre a ação, essa marca. O indivíduo faz uma ideia dessa marca. O afeto supõe as ações sobre o corpo, misturas que conserva como ideias de afecções. Mas se a afecção, como ação de misturas entre os corpos, surge num domínio de ações que opera na variação contínua de existir do observador de si, supõe um drama vivido de modo particular. O observador de si, percebe a diferença entre dois estados de seu corpo, seja para mais ou para menos, sem saber quanto. Conserva a diferença, nas transformações da dinâmica de relações constitutivas, que reduzem sua força de existir e diminuem sua potência de agir, o que define para Spinoza a tristeza. Assim passamos a entender o como se faz, na atitude do observador de si, ao operar a distinção desse afeto, passando a descrever a trama de imagens e ideias, remetendo ao domínio de ações onde fazem sentido, onde surge um coerência operacional-relacional reflexiva, como mapa, uma explicação que expressa sentimentos.

Notemos algo importante. A emoção como domínio de ações ocorre entre indivíduo e entorno. As afecções são instantâneas, em ato, são efeitos, do qual se formam ideias inadequadas de misturas de corpos, que resultam da ação de um corpo externo sobre meu corpo. Essa condição mostra que emoção e afecção são *extrínsecos*, o que se vive no

encontro, são *exteriores* ao corpo do observador de si, mas interior à linguagem. O afeto tendo essa condição *intrínseca*, como singularidade de intensidade, um *sentir que sente*, que surge na diferença, para mais ou para menos, também se mantém interno à linguagem.

O extrínseco da emoção e afecção, não deixa de ser extrínseco, como o intrínseco do afeto, da modulação da intensidade na variação contínua do existir, não deixa de ser intrínseco, mas ambos são interiores à linguagem. Assim, cada emoção tem sua história, conservada e distinguida por classes de condutas possíveis. As ações dessa ou daquela natureza, são determinadas por uma emoção que lhe dá sentido. Essa ação é o que é vivido no modo particular, num domínio de convivência no conversar. As correlações entre a trama de ideias afecções e o domínio de ações, são realizadas pelo observador de si. Essas correlações surgem em função de uma vivência particular, como afeto. Por exemplo: num encontro amoroso, o observador de si está envolvido na história da emoção de amar, mas vive essa emoção de amar no modo particular, que pode ser harmônica, consensual com o amante, com muitas coisas em comuns. Mas, pode não encontrar reciprocidade, e sofre a contradição, não na emoção de amar, mas na maneira de vivê-la no modo particular.

Vamos retomar essa distinção. Nosso objetivo é mostra que emoção, afecção, afeto & sentimentos surgem nas relações entre os corpos, mas não compõe o mesmo domínio, sendo que as emoções são extrínsecas, as afecções externas, os afetos intrínsecos e os sentimentos uma produção íntima. Destaquemos alguns pontos, que nos ajudam a distinguir, descrever e explicar o *Sentir Sentimentos* para Maturana:

- a) *Domínio de existência*: supõe a linguagem, a reflexão e certa consciência;
- b) *Questão temporal*: os sentimentos são apreciações do emocionar, que podem se dar no instante ou surgir no depois. Isso marca a diferença: seja em relação ao instantâneo do coemocionar ou no depois. Os sentimentos não são emoções porque resultam da comparação entre presente e passado, por isso tendem a surgir como opinião e não da constatação do instante vivido em ato de um coemocionar.
- c) *Como noção ampla*: o sentimento resulta da apreciação, seja como observador de si ou como observador do outro no seu emocionar, no momento presente da emoção vivida. A apreciação de sentimentos em ato tende a ser opinião, porque ao invés do conviver e constatar o ato instantâneo no coemocionar, se realiza uma explicação desde um emocionar comparativo, reportado à lembrança de outras experiências particulares e não ao presente vivido em ato do coemocionar;
- d) *Domínio de ações*: o emocionar é distinguível classe de condutas ou domínio de ações, sem que seja necessário especificar uma conduta em particular

- e) *Correspondência e Correlação*: Na medida em que cada emoção tem uma identidade, como dinâmica relacional em domínio de ações possíveis, há correspondência de toda apreciação do mesmo modo de emocionar em ato. Por isso, há correlação de diferentes pontos de vista sobre a mesma emoção, seja como observador de si ou como observador do outro, onde a mesma emoção se identifica;
- f) *Disposição corporal do observador*: a) voltar-se para relação consigo e apreciar seu emocionar, num modo de tocar a si mesmo ou; b) voltar a atenção para apreciar no outro e tocar o outro para sentir o seu emocionar, a partir de si mesmo, já que não tem acesso ao sentir do outro. O que nos faz deduzir que expressar sentimento, seja como observador de si ou como observador do outro, é operar a apreciação do emocionar, desde si mesmo, mas que identifica uma mesma emoção pela dinâmica de classe ou domínio condutas relacionais em questão;
- g) *Pertença ou especificidade*: Só o ser humano tem sentimentos, os animais não, porque os sentimentos supõem a linguagem. Os seres humanos, no linguajar, podem inferir sentimentos aos animais, realizando apreciação no seu emocionar. Mas, só terá sentido para o emocionar do ser humano, não para o animal.

J) Nossa perspectiva da noção de expressar sentimentos:

- a) *Domínio de existência*: essa condição supõe a linguagem, a reflexão e certa consciência, tanto para expressar sentimentos como para produzir sentimentos;
- b) *Sentimentos para a psicologia* – como nos ensina a biologia, não há interferência ou instrução de um indivíduo sobre o outro e como não se tem acesso ao sentir íntimo do outro, os sentimentos só têm sentido quando realizados pelo observador de si sobre si mesmo, e não sobre o outro, o que vira opinião, representação, analogia, interpretação, juízo, etc. Essa noção supõe os pontos ‘C’, ‘D’, ‘E’, a seguir;
- c) *Duas disposições corporais dinâmicas*: Para Maturana a emoção se vive, no contínuo presente, fluindo de um domínio de ações a outro, em contínua transformação. O sentir sentimentos tanto pelo observador de si como pelo observador do outro, só se efetua em ato, quando expressa. Maturana supõe que os sentimentos façam a ligação do passado com o presente, por meio da linguagem. Há, para Maturana, uma tendência de o sentimento virar opinião, tanto sobre si como em relação ao outro, já que não se vive a coemocionar, mas se faz uma apreciação dela, uma comparação. **Para nossa pesquisa** - em psicologia, expressar sentimentos supõe o desdobrar do processo de distinguir algo de si, descrever por si mesmo e explicar a si mesmo, no espaço de conversação, enquanto realização de ato na

- linguagem. A explicação da experiência é uma experiência de segunda ordem na linguagem, só possível ao observador de si, que não expressa mera opinião, mas sentimentos de marca de afetos de emoções vividas em ato de explicação;
- d) *Domínio de ações*: o emocionar é distinguível pela classe de condutas ou domínio de ações, sem que seja necessário especificar uma conduta em particular. **Para nossa pesquisa**, o que se distingue é a ação vivida no modo particular, que traz consigo, necessariamente, o domínio de ações em que faz sentido. O movimento é inverso, supõe a marca de experiência de emoções vividas, um afeto no modo particular, que só tem sentido no depois, na expressão de sentimentos, não antes;
- e) *Correspondência e Correlação*: Na medida em que cada emoção tem uma identidade, há correspondência de toda apreciação ao mesmo modo de emocionar em ato. Por isso, há correspondência nos diferentes pontos de vista sobre o mesmo modo de emocionar, seja como observador de si ou como observador do outro, a emoção se identifica. **Para nossa pesquisa**, o movimento é inverso, a ação de expressar sentimentos supõe um retorno à marca da intensidade da emoção vivida, que se conserva no observador de si como afeto particular, do qual tem ideias e imagens (afecções). A correspondência e correlação ocorre desde esses afetos, como intensidade vivida e conservada, onde surgem ideias e imagens que são remetidas, por condição de linguagem, ao domínio de ações onde fazem sentido, não da emoção como algo em geral, mas na especificidade vivida de cada observador de si, conservada no modo particular. Antes, o sentido da ação pode ser ignorado, ser opinião ou representação, mas a partir dos sentimentos isso pode mudar;
- f) *Questão temporal*: como estamos no campo da psicologia e tematizamos a tristeza e a busca de apoio num espaço de conversação, o sentimento surge da relação *presente-passado-presente*. *Presente* porque surge no instante em que se encontra num espaço de conversação, onde distingue uma experiência vivida no agora (afeto). *Passado* porque descreve por meio de ideias e imagens (afecção) remetendo ao domínio de ações onde essa experiência faz sentido (emoção), na linguagem. Por fim, *presente* porque opera um ato, quando gera uma explicação por meio de coerência operacional reflexiva, no presente do instante em que expressa sentimentos. Parte do presente, evoca o passado e opera um ato no presente. Distingue, descreve e explica: expressa sentimentos;

- g) *Como noção ampla*: no linguajar de Maturana - *sentir sentimento* surge da *apreciação do emocionar* vivido, seja do observador de si ou do observador do outro, portanto, geral. **Na nossa perspectiva**, expressar os sentimentos diz de um modo de *sentir como sente* o que *sente que vive* (emoção), uma experiência de algo que faz sofrer (afecção), no modo particular (afeto); os sentimentos são expressões de um modo de conviver no conversar consensual, mas vivido no modo particular, num espaço de conversação coletiva;
- h) *Diferenças* - Para Maturana, o sentimento surge na linguagem, na apreciação do observador de si ou do outro, de um modo de emocionar consensual coletivo, porque correlaciona e corresponde ao mesmo emocionar descrito pela classe de condutas. **Para nossa pesquisa**, os sentimentos não se remetem a classe de condutas, mas surge da distinção de intensidade vivida pelo observador de si, no modo particular (afeto), que é descrito como efeitos de misturas de corpos, realizada ou sofrida (afecção), remetida ao domínio de ações ou classe de condutas onde fazem sentido (emoções), num segundo movimento, via linguagem;
- i) *Dinamismo* – em Maturana a emoção que se vive de instante a instante determina o modo de fazer, de querer, de refletir, de desejar naquele instante, fluindo no emocionar em devir ou deriva. A recorrência e recursividade produz o hábito de um certo modo de agir. O movimento seria da emoção que determina a ação e apreciação entre ação e emoção, como expressão de sentimentos. **Para nossa pesquisa**, fizemos o caminho inverso: partimos de um certo hábito de agir, de viver e sentir como intensidade particular (sem forma ou modo de representação), para poder descrever ideias e imagens, que surgem junto a domínios relacionais correspondentes na linguagem, para gerar o mapa como explicação. Assim, partimos da distinção de intensidade (angústia, tristeza, amargura), depois a descrições de ações (realizada ou sofrida) em correlação com o domínio relacional onde faz sentido, as emoções e, por fim, a explicação na coerência operacional-relacional reflexiva, que expressa sentimentos.
- j) *Distinções* - Para Maturana, ao distinguir em separado a ação como conduta, sem a emoção que a determina, temos uma motricidade fisiológica. E pode-se ver a conduta como ação pela emoção que a determina. Daí, para Maturana, se quer conhecer a emoção olha para a ação e se quer conhecer a ação olha para emoção. Mas, a emoção determina a ação, tanto no observador de si como no observador do outro. O que supõe o fluir do contínuo presente vivido. **Para nossa pesquisa**,

não é o observador do outro que realizará a distinção, nem será quem irá remeter ao domínio de ações em que fazem sentido. O observador de si ocupa esse lugar entre, no meio em que realiza a distinção de uma ação e opera a descrição na correlação aos domínios de ações em que fazem sentido, especificando um modo particular de explicar o *sentir que sente*, do que *sente que vive*. O que *sente que vive* diz de um modo de emocionar por formas de desamor, no que explica o *sentir como sente* como expressão de sentimentos;

- k) *Como noção restrita simples*: o sentimento surge da explicação, no presente do observador de si, de experiência de marcas de afetos de afecção de emoções vividas no passado, que expressa ou produz em ato sentimentos no presente;
- l) *Especificidade* – sentimentos ao supor a linguagem, caracterizam-se como um modo de fazer particular que surge do modo de conviver no conversar dos seres humanos.

5.2. Diferença entre Emoção, Afecção e Afeto



O que eu sinto eu não ajo. O que ajo não penso. O que penso não sinto. Do que sei sou ignorante. Do que sinto não ignoro. Não me entendo e ajo como se entendesse. Clarice Lispector

Na perspectiva spinozista de Deleuze, o afeto se refere à modulação na variação contínua do existir causada por uma afecção, imagem de misturas de corpos, como ideia de ação de um corpo sobre outro corpo. A afecção é imagem-ideia, a emoção diz de um domínio de ações, onde classes de condutas são realizadas num certo sentido. As condutas na emoção de amar podem ser as mesmas que as condutas na emoção de odiar, o que difere depende da dinâmica determinada pela emoção, que faz de uma conduta de pegar, largar, tocar, uma afecção de um certo tipo, que compõe ou decompõe relações. Nessa linha, as afecções que preenchem a cada momento a potência de agir, surgem de domínios de ações que perturbam de modo externo ao corpo. Essas misturas surgem sem causas, não trazem sua origem, o que acolho, consciente ou inconscientemente, são efeitos de outros corpos sobre o meu. Não são ideias em si, nem fazem parte de minha estrutura biológica, mas surge na linguagem, como produção social no domínio das relações consensuais de ações entre coletivos, por isso é necessário que a afecção, seja ela qual for, tenha um domínio de ações onde fazem esse e não outro sentido, na linguagem.

Seguimos Maturana, quando distingue emoção com disposição corporal que especifica domínios de ações possíveis, é diz que não precisa da linguagem para ser vivida, mas precisa da linguagem para ser distinguida. Se define pela classe de condutas, sem que seja necessário distinguir uma conduta em especial. Já afecção, ao contrário, se define como imagem e ideia, uma conduta, mas sem se referir à classe de ação em que faz sentido. Notemos uma disjunção entre emoção e ideia afecção. De um lado, a emoção, como domínio de ações, classe de condutas, que se definem sem especificar uma ação em particular e, de outro lado, um movimento inverso, mas que se torna complementar, porque a ideia afecção (misturas de corpos, efeito de um corpo sobre outro) é, justamente uma ação ou conduta que surge deslocada de seu domínio de ações onde faz sentido. Por isso tendemos a ignorar ou desconhecer. A partir dos sentimentos essa disjunção se explicita, correlacioná-la se torna em condição necessária para expressar sentimentos. A emoção se observa no modo de se conduzir, de relacionar-se, de lidar, de conviver no conversar. A afecção é uma ideia inadequada quando se trata de tristeza, da qual retemos somente as marcas, que nos dizem mais da natureza do corpo afetado (o meu), do que a natureza do corpo afetante, embora o envolva. Na emoção se percebe o domínio de relações em que

ações se realizam, se realizou ou que será realizada. A afecção é uma ideia de mistura de corpos, uma ação passiva deslocada do domínio de ações em que faz sentido

E nem um corpo ou ideia desse corpo existe no vácuo. Nem uma imagem ou ideia existem em si mesmo, sem sua trama de relações onde faz esse e não aquele sentido. Essa diferença entre domínio de condutas e ações realizadas, serve para nos distinguir *emoção de afecção*. As duas são instantâneas, não duram, embora tanto a emoção como a ação realizada ou sofrida, e a ideia que dela se conserva como afecção, são interiores à linguagem. A linguagem não é de um indivíduo, mas surge da consensualidade entre indivíduos que se acoplam em recursividade na coordenação de coordenação consensual de ações. Daí o aspecto extrínseco.

Conhecer as afecções, envolve evocar o domínio de ações onde fazem sentido. Ao estarmos passivos num domínio relacional, sofremos as misturas de corpos e dessas retemos uma imagem-ideia, isso é uma afecção, um modo de experiência vivida, num domínio de ações, que são emoções. Não precisamos distinguir. Assumimos os efeitos, não buscamos as causas. Nesse momento, quando não distinguimos, emoções e afetos não se diferenciam, logo, a afecção se mantém como efeito ou misturas impuras, como ideias inadequadas ou não. O importante é que se não faz sofrer, não é questão ao modo de viver, que não faz a distinção, não descreve, nem explica, não produz sentimentos. Que bom, sem tristezas. Mas, nossa tese se coloca diante de seres humanos que são afetados por formas de desamor, que buscam um espaço de conversação para enfrentar o que faz sofrer. Algo aqui difere.

Partimos da ideia de que o afeto é a modulação na variação continua de existir do observador de si. O observador de si tem uma duração indeterminada que, enquanto vive, se conserva. Suas experiências vividas ocorrem em carne e osso e imagens e ideias. Essas são evocadas na reflexão. Quando faz a distinção, não intelectualiza as imagem-ideia como conceitos gerais, mas expressa a maneira em que afetou e foi afetado, no momento vivido de modo particular. E essa relação entre *afecção e emoção*, entre imagem-ideia e domínio relacional onde faz sentido, no modo particular, que entendemos como um modo de sentir. Quando distinguido esse *sentir que sente* (afeto), que algo faz sofrer (afecção), partimos do afeto para as emoções, por meios da trama entre imagens-ideias (afecção), que entram em relação com o domínio de ações (emoção) onde fazem sentido.

Essa correspondência que o observador de si realiza não se reduz à correlação entre afecções e emoções, entre classe de condutas e ação realizada, porque ambas são extrínsecas e podem aparecer como representação, como razão, interpretação. Porém,

quando envolve o indivíduo no seu modo particular (afeto), supõe uma atitude ativa de distinguir uma intensidade, que vive como o que o faz sofrer. Essa intensidade, afeto intrínseco, supõe que o observar de si ocupe um lugar entre objetivo e subjetivo, interno e externo, intrínseco e extrínseco, intensivo e relacional, onde faz as correlações de sentido entre ideias-imagens e sua experiência vivida em domínios relacionais de emoção, mas no modo particular.

De outro modo. Como essa experiência vivida opera na modulação da variação contínua do existir do observador de si, ocorre na alteração de seu ritmo de movimento e repouso, que é singular a cada um. Surge do conviver no conversar, em encontros num domínio de ações, onde as interações corporais, como mudança da configuração estrutural dinâmica, resultam em marcas, impressões, que configuram uma experiência particular, e operam na intensidade enquanto grau de potência singular. Por isso, dizemos que o *afeto é de uma experiência de afecção de emoção vivida no modo particular*. Nesse contexto, as afecções são descrições que o observador faz de si, por meio de imagens-ideias de misturas de corpos, de efeito de um corpo sobre o seu, vivido num domínio de ações extrínsecas, mas internas à linguagem, seja como adequada ou não, como ação ou paixão.

Lembrando que estamos tratando de formas de desamor. Mesmo assim, o observador de si não precisa, necessariamente, fazer a distinção. Porém, se o fizer se reportará, de início, não a emoção, nem a afecção, mas a marca, os afetos que conserva como a diferença de intensidade vivida em forma de diminuição de potência de agir e redução de força de existir, que Spinoza define como tristeza. Desde essa posição, surgem as condições de descrever um *sentir que sente* (afeto), por imagens-ideias (afecção) em correlação ao domínio de ações (emoção) em que fazem sentido, onde o observador de si, parte de si (do que faz sofrer - afeto) para efetuar as correlações (afecções-emoções), onde gera um mapa como explicação que expressa sentimentos, que surge como conhecimento, como um *sentir como sente*, o que *sente que vive*, que faz sofrer.

No modo de pensar de Maturana, o entrelaçamento do emocionar com o linguajar, surge o conversar. É no conversar que as emoções como domínio de ações especificam uma conduta em ação de um certo tipo. Esse tipo é uma afecção imagem-ideia que o observador só pode distinguir na linguagem. É nas conversações que se produzem as transformações estruturais do emocionar consensual que opera sobre o linguajar, da mesma forma que as recursividades de coordenação consensuais de ações, o linguajar opera sobre o emocionar, produzindo modulações, mudanças, transformações. Isso ocorre tanto para alegria como para a tristeza. Tanto para formar ideias adequadas, como para

ideias inadequadas, mas na distinção do inadequado, como a imagem-ideia não é algo em si, mas algo que surge em relação na linguagem, o observador de si pode ocupar esse lugar entre afeto particular e operar a correlações entre afecções e emoção, produzindo uma descrição que surge numa coerência operacional reflexiva como explicação, que expressa sentimentos, do modo de conviver no conversar.

Bem, se o observador operar a recursividade sobre o mapa, na expressão de sentimentos, fará uma distinção na distinção, uma descrição na descrição, comporá uma explicação da explicação, que não tem sua origem na emoção anterior, nem na afecção, mas *produz sentimentos*, muda o domínio relacional, que muda o sentido da ação, que faz surgir outra coisa. Essa outra coisa pertence a ação do observador de si. Nessa, surgem as correlações em torno do que é comum, compõe uma outra unidade social, outra recursividade na coordenação consensual de ações, cria algo novo, inventa, produz sentimentos. Mas já avançamos a um outro passo.

5.3. Modo de Conviver no Conversar



Chamamos de conversação a um fluxo de coordenação de ações e emoções que nós, observadores, distinguimos como ocorrendo entre seres humanos que interatuam recorrentemente na linguagem, e é a esta distinção a que me refiro com a palavra conversação. (Maturana, 1997, p. 58)

Vimos que tanto na origem de nossos ancestrais, como a cada nascimento no presente atual dos seres humanos, a integração e o amadurecimento psicofísico e neurobiológico, segue o curso em que a emoção, o emocionar é primeira em relação ao linguajar, mas se entrelaçam quando surge o observar e a observação, modo como o observador opera o distinguir. É quando a criança começa a distinguir, começa a associar palavras a objetos e, nesse curso, passa a identificar seu corpo. Nessas condições, sugere o biólogo, a *emoção de amar* constitui esse domínio relacional em que se especifica o sentido das ações realizadas na maternagem.

O emocionar no modo de amar tem sua origem no prazer do *conviver* em relações amorosas, colaborativas, de confiança, de segurança e acolhimento, que conhecemos como maternagem, onde surge a recursividade como condições do fluir de coordenação de coordenação consensual de ações, como linguajar. Lembramos que a disposição íntima em domínios de relações consensuais, refere-se à história das interações e transformações recíprocas do observador de si, em encontros recorrentes, onde ocorre o novo, um outro domínio existencial que especifica o modo de vida humano. Assim, a emoção de amar, na recursividade, torna-se a condição para o social e para a ampliação das capacidades individuais.

Em tais condições, da emoção de amar em recursividade, surge o linguajar, como outro domínio existencial (C^2). Como o emocionar e o linguajar se entrelaçam, surge a unidade consensual, *Conversar*. *Conviver* na emoção de amar opera a recursividade no *linguajar*, dentro do *conversar*. Devido a consensualidade do emocionar e a consensualidade do linguajar, o linguajar opera em recursividade no emocionar. O fato é que emocionar e o linguajar vão se entrelaçando e, assim, produzem transformações recíprocas, contingentes ao fluxo do *conversar*, onde surgimos como seres humanos e no qual nós nos realizamos. O modo de *conviver* diz do espaço de conversação e o *conversar* a ação de distinguir, descrever e explicar na produção de sentimentos. Nos mostra Maturana:

Quando um observador distingue em um grupo de observadores, um fluxo de coordenação de ações na linguagem, ele fala de conversação. Como tal, uma conversação ocorre com a operação de um grupo de observadores, no interior de um domínio estabelecido de consensualidade, ou como uma expansão deste

domínio, o como processo através do qual surge novos domínios de consensualidade. É nosso emocionar o que determina como nos movemos em nossas conversações através de diferentes domínios de coordenação de ações. Ao mesmo tempo, devido ao traçado consensual de nosso emocionar com nosso linguajar, nossas conversações determinam o fluxo de nosso emocionar. (Maturana, 1997, p. 58).

Tendo essa retomada, em que observamos que o emocionar e linguajar surgem no processo de entrelaçamento e transformação recíprocas no *conversar*, notamos o modo como se deu a ampliação dos domínios relacionais do *modo de conviver no conversar*. Maturana entende que a conversação como uma operação consensual na linguagem, na qual os domínios relacionais podem se ampliar, restringir e mesmo vir a desaparecer, sem que outros domínios consensuais venham a surgir nesse lugar. Nos diz, essas mudanças de domínio relacional de nosso viver cotidiano, onde “*experimentamos um aumento, ou diminuição ou uma mudança, em nossa intimidade com aqueles com os quais nós conversamos, como algo que ocorre da maneira como a conversação ocorre*” (Maturana, 1997, p. 60). As transformações na corporeidade pelas quais os membros de uma conversação passam, seguem o curso contingente do entrelaçamento das coordenações de ações no linguajar e da mudança de domínio relacional no emocionar, de modo que estamos sempre em contínua modulação em encontros de conversação.

Mas do ponto de vista da origem, se nota que com o surgimento desse outro domínio existencial do conviver no conversar na linguagem, foi o que produziu a reflexão, a cultura e a consciência. Com esses outros domínios relacionais na linguagem, surgem outras emoções, nas quais as redes de conversações se entrecruzam, sem se intersectar, formando diferentes tipos e modos de conviver no conversar, que se reúnem no fluxo de nossa corporeidade, passando a existir só para nós humanos, como: culpa, arrependimento, fé, rancor, indignação, humilhação, desrespeito, indiferença. Todas os modos de negação que consideremos *formas de desamor*, surge a partir da cultura, em *modos de conviver no conversar*.

Importante notar: essas condições de fluir no emocionar que se originaram de nossos ancestrais, continuam ainda hoje sendo a base de nossas relações constitutivas, por isso sofremos pela indiferença de não ser visto, escutado, tocado, respeitado, acolhido, amado. O espaço psíquico, como a capacidade de reflexão e a consciência, não surgem do corpo, mas no domínio relacional do *conviver no conversar* desde a maternagem. As formas de desamor ocorrem no modo de *conviver no conversar*, onde se formam domínios relacionais em contradições, como conversações de queixas, desculpas e expectativas não cumpridos, pela petição de obediência, hierarquias, imposição de subordinação,

com valores negativos e caracterizações por atribuições avaliativas, cobranças, que operam nas modulações sobre o modo de existir e de agir que fazem parte de nossa configuração de emocionar, por isso temos sofrimentos psíquicos. Mas, também, é no *modo de conviver no conversar* que podemos mudar.

Nós, seres humanos, somos indivíduos compostos de uma infinidade de redes de relações que constituem nossa corporeidade. E existimos em uma pluralidade de domínios relacionais paralelos e simultâneos, que trama nós em dimensões relacionais diferentes, sendo que cada trama constitui, o que Maturana chama, uma *identidade, uma configuração estrutural dinâmica do emocionar*. É importante diferenciar: a identidade biológica define-se na organização de um tipo de rede de relações constitutivas, referente a condição de linhagem, que está configurado num determinismo estrutural, tipo humano, animais, etc., mas a identidade social se constitui no acoplamento estrutural em domínios relacionais na linguagem, supõe um *modo de conviver no conversar*. São os mundos que compomos com o nosso viver no conviver com outros. Por isso, no domínio da linguagem, possuímos muitas identidades, tantos mundos quantos domínios relacionais consensuais recorrentes e recursivos que participamos da construção, que compõe esses *modos de conviver no conversar*. Somos multidimensionais.

Diz Maturana, o que nos caracteriza como seres humanos não é a racionalidade em que nos movemos, essa diz da coerência operacional em nossa coordenação consensual de ações na prática de conviver, mas como somos na linguagem, que resulta do “*traçado constitutivo do linguajar e emocionar*” (Maturana, 1997, p. 59). Por isso, a distinção de ideia-afecção não se reduz ao modo de racionalizar, mas opera na trama de coordenação de coordenação consensual de ações (linguajar) e no drama multidimensional de domínios relacionais do emocionar. Envolve a linguagem no *modo de conviver no conversar*.

Ocorre que cada identidade, cada trama de dimensões relacionais, compõe uma configuração de emocionar, que determina o caráter das ações que realizamos no linguajar. Por isso, tudo ocorre desde uma emoção no emocionar. Mas, com a recursividade do linguajar, opera-se as modulações nessa trama, nesses nós entre a coordenação consensual de ação e a identidade social, transformando a configuração do emocionar: “*em cada instante as circunstâncias de nossas interações em domínios de ações ao qual nossas conversações ocorrem na conservação de um tipo particular de humanos que estamos continuamente sendo nas práxis de viver, o que gera o caminho consensualidade de nosso emocionar e determina o curso de nosso conversar*” (Maturana, 1997, p. 58).

Essa trama da modulação recíproca e consensual do *emocionar e linguajar*, é a experiência vivida como *drama do modo de conviver no conversar*. Isso ressoa nas voltas que juntos dão Suzana e Maturana, quando explicam a “*melodia emocional*” das diversas e distintas configurações de domínios relacionais, sejam culturais, institucionais, comunitários, familiares, que modulam o emocionar (a dinâmica nas emoções) que determinam o sentido das *tramas* nas ações no linguajar, aprendidos no viver consensual com outros na linguagem, que consideramos como *dramas de modos de conviver no conversar*.

Para pensar a emocionar, o fluir nas emoções, temos que refletir sobre a práxis das experiências vividas. A experiência vivida ocorre espontaneamente, fluímos no suceder do contínuo presente. Notemos: nenhuma experiência precisa ser explicada. Os animais não explicam e nem se explicam. A experiência é instantânea, irreversível. Como somos estruturalmente determinados, tudo que distinguimos mostra um aspecto de nossas práxis de viver que ocorre *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre. Mostra-nos o biólogo: “*a vida humana é sempre um fluxo traçado e confuso de emocionar e racionalizar através do qual agente traz a mão diferentes domínios de realidade*” (Maturana, 1997, p. 59).

A *distinção* de aspectos recorrentes de nossa prática de viver (afeto) surge com a coerência operacional-relacional de nossas práxis de conviver (emoções), no modo particular. Isso diz do que faz sofrer. As *descrições* que compomos, supõe que o observador opere as correlações na trama entre as ações conflitivas de ideias e imagens (afecções) e os domínios relacionais (emoções) onde fazem sentido. A experiência é vivida no instante em que ocorre *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre, que nos faz sofrer. Experiência dessa emoção é vivida instantaneamente, mas se conserva, no modo particular. O espaço explicativo surge ao observador de si, de sua própria coerência operacional-relacional reflexiva das práxis de *viver* com a coerência operacional-relacional reflexiva das práxis de *conviver*, por isso o que expressa são sentimentos de *modos de conviver no conversar*.

Como *modo de conviver no conversar*, somos, ao mesmo tempo, quem faz a *distinção*, o campo de *descrição* e o espaço *explicativo*. Por isso, quando pensamos em como produzir sentimentos, nos colocamos a questão “*o que me faz sofrer?* Isso não é uma pergunta feita a outro, mas supõe ao observador de si. Como essa questão produz a distinção de algo de si, algo que conserva como afeto ou intensidade do *que ocorre* e dura, descreve por meio de imagem-ideia, com outras experiências vividas na linguagem, maneira como gera a explicação que expressa sentimentos do *modo de conviver no conversar*.

5.4. Observador de si e o Observador do outro: *diferenças de domínios*



O que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesmo. Clarice Lispector
Posiciono o meu olhar, estrategicamente, para lhe observar, sem que você perceba. Quereria você, ter o privilégio de se ver. Nem o espelho seria capaz de refletir a luz que emana do seu sorriso, quando visto pelos olhos meus. Lavínia Lins

Partindo da problematização da objetividade nas ciências clássicas, de supor uma realidade independente do observador, podemos compor essa descrição que se segue. Meus sentimentos surgem, não das minhas relações e interações comigo e com os outros, mas dos valores externos a minha história, que regula e define o valor das relações e interações como algo em si mesmo, que deve me servir para interpretar os sentimentos em mim mesmo e com os outros. Se está tudo bem, nada sinto. Mas se sinto, é porque algo está errado, tenho culpa, sou condenável. O constrangedor é que o problema sendo por causa independente de mim, tenho que resolvê-lo fora de mim. Meus sentimentos são problemas objetivos, face aos quais me é proposto que os coloque em questão, mas dentro de um contexto *independente* de mim, para buscar reparar minhas relações e interações *dependentes* de mim. Ora, se as respostas das relações contraditórias e conflitivas que vivo e sofro por esse modo de conviver, que me envolvem, que dependem de mim, para serem para mim, estão fora de mim, não me envolvem, não há como mudar. Sou conduzido, diante de meus sentimentos, a estar sempre a me *corrigir*. Mas, o corrigir não passa por meus sentimentos, é exterior a minha história, surge por emoções e afetos de outros, externos ao meu viver. A objetividade como algo independente de observador, produz essa contradição no lidar com contradições. Nesse sentido, Maturana vai colocar a objetividade entre parênteses.

O observador observa suas observações, na distinção reflexiva que realiza no seu modo de operar (do sentir e fazer) na linguagem. Notemos uma circularidade: com a distinção surge o observador, mas não há distinção antes do observador, como não há observar, nem observar, exterior ao ato de distinguir. Surge a questão importante: se não nos reportamos a objetividade independente do observador para observar, de onde saem os critérios de distinção que usamos nas nossas explicações de experiências vividas? Se toda distinção ocorre no ato de distinguir de um observador, como distinguir a distinção do observador? Com que critérios o observador observa? Qual a relação entre observador e objetos distinguidos?

Humberto Maturana se inclui nessa perspectiva histórica de que *não* há uma realidade externa e independente do observador e que o observar surge nas distinções que o

observador realiza em seu modo de operar, sentir e fazer, em suas relações e interações na linguagem. O observar surge na distinção, quando faz referência a algo, de modo implícito ou explícito, em que especifica o critério que produz a observação em conformidade com as distinções que faz. Esse critério aparece na explicação do observador como a descrição das coerências operacionais, que pode ser compreendido como mecanismo gerativo do observado.

O observador não é o que somos, mas o que fazemos quando focamos, nos atemos e distinguimos em nosso operar, sentir e fazer, nas relações e interações recorrentes e recursivas, no modo de conviver no conversar com outros na linguagem. Nesse sentido, o trabalho na psicologia se faz pela subjetividade, o que corresponde a como cada indivíduo se coloca desde si mesmo, para distinguir algo de si e explicar por si mesmo. Assim, para essa tese, *o observador de si* é esse ser humano que distingue uma experiência vivida, e descreve com outras experiências vividas, para gerar a explicação do que o faz sofrer, modo como expressa seus sentimentos.

Nada existe antes e independente ao ato de ser distinguido e toda distinção é ato de um *observador de si*. Quando *o observador de si* se observa no seu observar, não há transcendência, não supõe uma realidade objetiva independente dele, como observador. E toda explicação da experiência, como toda distinção efetuada, surge da recursividade reflexiva na linguagem, de outras experiências vividas pelo observador. Como diz Maturana y Dávila, em “*Seis ensaios de biologia-cultural*” (2008), *o observar* é uma atitude do observador quando distingue (seja o que for) na linguagem, e a *observação* são as coerências operacionais (sejam quais forem), que surgem na explicação como mecanismos gerativos do fenômeno observado. Nessa circularidade, há uma recursividade, algo muda no observador, no trabalho de observar suas observações e na relação com o observado.

Nesse sentido, o observador não é um ser transcendente, não existe em si mesmo ou antes de fazer a distinção. O *observador de si* é o indivíduo, o ser humano no ato reflexivo de observar suas observações, de distinguir o que distingue e se distinguir nessa distinção. Observador e distinção surgem juntos, no ato de observar suas observações e explicar suas explicações.

A emoção é o que se vive. Embora um observador que observa outro interagir num meio, possa realizar descrições do que observa, essas não se confundem com a experiência vivida. Mas, inferirá na experiência da emoção vivida, distinguindo classes de ações que observa serem realizadas, que podem realizar-se, o que poderia se realizar. Aqui tem uma diferença. A emoção vivida não se confunde com a emoção explicada. A

descrição de uma emoção pode gerar as condições de experimentação, mas tem que ser experimentada, não pode ser só imaginada. Não é intelectualidade, mas vivência. Os sentimentos surgem do *observador de si*, não do observador de outro, este pode dar opinião, nem sempre adequada, pode falar de si e projetar no outro.

Na vida cotidiana, não refletimos na emoção que vivemos, simplesmente vivemos. A não ser que algo se distorça. Quando isso acontece, entramos em contradição, nosso modo de nos relacionar, de agir, de nos conduzir, de fazer, de pensar, de querer, de buscar, surge em nós como quebra da espontaneidade. Vivemos um conflito. Diferente do observador de outro, o *observador de si* parte de uma marca de afeto no modo particular, da ideia afecção de uma experiência de emoção vivida em contradição no *espaço psíquico*. Esse afeto diz de uma experiência distinguida na linguagem e traz as condições dessa experiência na linguagem. Por isso, pode distinguir, descrever e explicar sua experiência com outras experiências de afetos de afecções de emoções vividas.

Claro, *não* será a experiência vivida, mas explicação da experiência vivida. Mas, como não há experiência para o observador antes de realizar a distinção, toda explicação de experiência é uma experiência de segunda ordem. Se a experiência, enquanto experiência é irreversível, é imutável, a explicação da experiência pode mudar. Desde então, a explicação da experiência do *observador de si*, expressa sentimentos. Pode-se operar uma recursividade sobre os sentimentos expressos e passar a distinguir a distinção, descrever a descrição e explicar outra explicação, assim, *produzir sentimentos* que se expressam como algo novo, mudando a explicação de sentimentos que lhe deram origem. Essa é nossa aposta.

A explicação da emoção por um observador externo não se confunde com as explicações de um *observador de si*. O primeiro explica a emoção por classes de condutas possíveis, sem especificar nenhuma ação em particular, e o faz no instante vivido, no momento em que *observa o outro* interagir num meio. O segundo, traz algo particular, o *observador de si* explica as emoções depois destas terem ocorrido. Sendo a emoção vivida, esta passa, mas as imagens e ideias afecção que determinam um afeto, estas duram e se conservam.

Como dura? Ocorre que o observador de si se define por uma duração indeterminada. Sabemos de nosso nascimento, mas não de nossa morte. Tal condição de duração vai se modulando em conformidade com as contingências de experiências vividas que conserva, na medida em que o *observador de si* pode distinguir dois instantes, uma agora outro anterior, onde surge a diferença de intensidade para mais ou para menos, sem saber

quanto, mas não é igual. Essa diferença ocorre na variação contínua de existir, que o observador faz uma ideia, que conserva como afeto. Esse afeto será, no depois, distinguido como algo de si, uma experiência vivida, no modo particular. *O observador de si* se situa desde o afeto vivido no modo particular. O que distingue, quando distingue algo de si, surge desse afeto, e passa a descrever, fazendo correlações entre a trama de ideias afecções e o domínio de ações (emoções) onde faz sentido, gerando um mapa, uma explicação que expressa sentimentos. Distinguindo:

- J) *O observador de outro* se refere à emoção por dedução de classes de ações possíveis, sem especificar uma ação em particular, o que explica são gêneros de emoções (amar, odiar, temer) no instante acontecendo, ou depois por dedução no linguajar. Os sentimentos que expressa em relação ao outro são projeções de seu sentir, não do viver no coemocionar, onde faria apreciações instantâneas no fluir no emocionar. Nesse caso, os sentimentos tendem a ser passivos. Ganham uma abstração mais ampla, se dizem do observador do outro, sobre o outro, mas corre-se o risco de ser representativo, interpretativo, por serem gerais, e dizerem mais de si, como experiência particular e não do outro ao qual observa;
- J) Já *o observador de si*, ao se referir à emoção, também se atém às classes de condutas e ações ou omissões, mas por ele vividas como experiência particular. Essas experiências vividas em domínios relacionais em formas de desamor, operam um efeito de outros corpos sobre o seu, é o que produz as mudanças na variação contínua de existir. *O observador de si* retém uma ideia que determina um afeto, porque modula para menos sua variação contínua de existir, diminui sua potência de agir, onde entra em tristeza. Se resolver enfrentar o que faz sofrer, será no depois da experiência vivida. Ao recolocar o problema na reflexão, numa certa consciência, o fara *a posteriori*. Para tanto: *distingue algo de si*, esse afeto, como marca de experiência vivida, onde passa a *descrever* a trama entre as imagens e ideias e o domínio relacional de ações onde fazem sentido, gerando na linguagem uma *explicação*, um mapa da experiência de afetos de ideia afecção de emoção vivida, no modo particular, como sentimento. Pode ocorrer a recursividade sobre os sentimentos, daí não expressa sentimentos, mas *produz sentimentos* na linguagem, como algo outro, uma criação, invenção, *um novo modo de viver do conviver no conversar*.

5.5. Operadores de Leitura dos Sentimentos: *distinguir, descrever e explicar*.



Elegância é a arte de não se fazer notar, aliada ao cuidado sutil de se deixar distinguir. Paul Valéry

A alegoria chega quando descrever a realidade já não nos serve. José Saramago
E morre-se, sem ao menos uma explicação. E o pior - vive-se, sem ao menos uma explicação. Clarice Lispector

Como se distingue, se descreve e se explica a experiência? Partimos da proposta de Maturana que nos mostra que distinguimos, descrevemos e explicamos as recorrências de aspectos de nossas práxis de viver com a coerência operacional-relacional de nossas práxis de conviver no conversar. Por isso, no distinguir, descrever e explicar a experiência, só podemos fazer a partir de explicações de outras experiências vividas na linguagem. Isso mostra que a experiência não se dá no mesmo domínio que o da explicação. São disjuntos. A explicação supõe a linguagem, a experiência não.

Distinguir, descrever e explicar uma experiência vivida é um processo, desencadeia movimentos ativos produzidos pelo observador de si, que se observa em suas observações. Mas esses três operadores não se confundem e podem ser interrompidos a qualquer momento do processo. Podemos distinguir e não descrever, nem explicar. Podemos distinguir e começar a descrever, mas interrompido, não explicar. Mas, *não* podemos explicar sem distinguir e descrever. Supondo que seja fluido o processo de distinguir, descrever e explicar, um observador notará um desdobramento gerativo, intercambiável, que expressa sentimentos: Ou, o que se explica é o que se distingue e se descreve e, assim, expressa sentimentos. Ou, o que se distingue é o que se descreve quando se explica, expressa sentimentos. Ou, o que se descreve explica o que se distingue que expressa sentimentos.

Esses três operadores reflexivos, como movimentos distintos, no entanto, entrelaçados, mostram que distinguir, descrever e explicar, são partes dinâmicas do fazer que expressa sentimentos. Notaremos: a *explicação* (sentimentos) supõe o que se *distingue* (afeto, marca). E o que se *distingue* possibilita o que se *descreve* (imagens e ideias). E o que se *descreve* traz junto o domínio relacional em que faz sentido (emoções). O observador de si parte do que distingue (uma marca do afeto) e se coloca entre as imagem-ideia de afecção e o domínio relacional, e faz suas correlações gerativas, como descrição e, assim, *explica*. A explicação surge da coerência operacional-relacional reflexiva como modo de *expressar sentimento*.

Os sentimentos são do observador de si que se observa nas suas observações. A distinção é feita pelo *observador* (marcas, afetos). A descrição é do seu *observar* (imagens e ideias de emoções vividas). A explicação é sua *observação* (a expressão de seus sentimentos). A distinção seguida de descrição aparece numa coerência operacional-relacional reflexiva como explicação. E a maneira como se explica, é como se expressam sentimentos do que o faz sofrer. Por isso, se não se distingue, não se descreve nem se explica. Não aparecem os sentimentos. E sem a expressão dos sentimentos, os afetos, as marcas não se distinguem, não há correlação entre as imagens e ideias afecções das emoções vividas. É só a partir da expressão dos sentimentos que afeto se distingue das emoções. Antes não. E as experiências vividas não distinguidas, não sofrem a recursividade descritiva da explicação. E, para o observador, talvez nem existam.

5.6. **Explicação e Experiência:** ocorre, *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre.



O pouco que sei não dá para compreender a vida. então a explicação está no que desconheço e que tenho a esperança de poder vir a conhecer um pouco mais. Clarice Lispector.

Você ganha força, coragem e confiança através de cada experiência em que você realmente para e encara o medo de frente. Eleanor Roosevelt

A emoção é o que se vive, não o que se expressa. Assim, experiência vivida é uma coisa, outra, é a explicação da experiência. São domínios disjuntos. Quando vivemos, fluímos no emocionar de modo espontâneo como experiência em ato. Instantânea. Imediata. Por isso, diz Maturana, não expressamos emoções, vivemos o fluir do emocionar de momento a momento, que determina o caráter da ação (afecção) vivida. Daí a experiência vivida não se confunde com a explicação da experiência na linguagem.

A experiência é irreversível, não podemos mudar o que ocorre, como ocorre, onde ocorreu, quando ocorre. Sendo a explicação uma experiência de segunda ordem, gerada na linguagem por meio de uma coerência operacional-relacional reflexiva, essa pode mudar. Maturana fala que a explicação é algo que o observador aceita ou não. Se não aceitar a explicação não há explicação. Mas quando faz essa referência, parece-nos que está supondo a explicação de um indivíduo para outro. Para nossa pesquisa, não é assim. A explicação não é para o outro, embora possa ocorrer junto a outros, mas surge como modo de compor uma experiência de segunda ordem na linguagem pelo observador de si.

A explicação é um modo de fazer, corresponde ao como o observador de si compõe, a partir da distinção de algo de si, uma descrição que gera uma explicação que expressa sentimentos. Podemos expressar sentimentos com a explicação da experiência,

como podemos fazer recursividade sobre os sentimentos e explicar a explicação da experiência, mas, agora, surge algo novo, criamos, inventamos, *produzimos sentimentos*.

De outro modo. A emoção não é algo que usamos, que guardamos, que colecionamos, nem como agimos, como fazemos, pensamos, acreditamos, queremos, desejamos, sentimos, mas como *vivemos* no instante o que vivemos o que ocorre, *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre. Ou seja, como *vivemos* o que estamos fazendo, pensando, acreditando, querendo, desejando, sentindo. Isso não é explicação, é vivência imediata. Por isso, a emoção não é um estado, mas processo dinâmico de transformação no fluir do *modo de conviver no conversar*. E não vivemos duas emoções (amar e odiar) de modo igual, nem uma mesma emoção em momentos diferentes, da mesma maneira. Dizer que a emoção determina a ação é uma explicação na linguagem, mas no vivido a ação não é explicação, mas ato direto, instantâneo. Depois, pode-se explicar essa ação e até correlacionar com a emoção que a determinou, mas aí se trata da produção de experiência na linguagem.

Explicar é um modo de fazer. Partimos de uma distinção, seja a que for. Ao distinguir um aspecto de nossa experiência (um sentir que sente que se está angustiado, ansioso, agitado, nervoso, magoado, essa distinção não tem forma nem é representação), diferenciamos aspectos de nosso modo de viver, um modo de como nos sentimos. Para fazê-lo, precisamos da linguagem, maneira como descrevemos uma narrativa, uma fala que surge numa coerência operacional-relacional reflexiva. Essa coerência descritiva surge de modo espontâneo, supõe outras experiências vividas, que ao ser expressado gera uma explicação. Ao operar a distinção de um nó no afeto, uma modulação intensiva na variação contínua de existir, descrevemos, a partir de correlações que o *observador de si* faz desde a posição *entre* as afecções de imagem-ideias e o domínio de relações onde fazem sentido, produzindo um espaço *explicativo* de segunda ordem na linguagem, como *modo de conviver no conversar*.

Nada é em si mesmo. Qualquer coisa (imagem e ideia) é em relação aonde surge. A partir dessa reflexão, o afeto sendo determinado por uma afecção e afecção determinada por emoções vividas, é coerente aceitar que ao distinguir uma imagem e ideia afecção, surgem junto o domínio relacional de emoções onde faz sentido. E como somos estruturalmente determinados, o que *distinguimos* é um aspecto de parte de nosso modo de viver, está diretamente relacionado a nossa experiência vivida, maneira como descrevemos e explicamos toda distinção que fazemos, como *modo particular de conviver no conversar*.

No que diz respeito à explicação, podemos destacar três movimentos:

-) *A explicação de emoção no outro em ato.* Aqui a experiência do outro é descrita como abstração do observador que infere, deduz ou faz uma apreciação da maneira de se conduzir do outro (observado) em diferentes domínios relacionais. Passa a descrever formas de emocionar, usa como critério de distinção classes de condutas, que são aprendidas na cultura desde criança nas relações familiares e sociais. Sabemos diferenciar a emoção de amar ou odiar, de querer ou rejeitar, de afirmar ou negar, de desejar ou repudiar; mas não se chega ao afeto, nem se pode distinguir e descrever sentimentos, pois, esse só pode ser distinguido, descrito e explicado por um observador de si a respeito de si mesmo, no modo particular;
-) *A explicação que expressa sentimentos* - Observador de si volta-se para si, no depois (síntese temporal), numa produção entrelaçada de *emocionar com linguajar*, num espaço coletivo de *conviver no conversar*, onde passa a distinguir uma experiência vivida, no modo particular. Descreve com imagens e ideias e correlaciona com as circunstâncias em que essas fazem sentido para ele (observador de si), numa coerência operacional-relacional reflexiva recursiva como explicação (dele, observador de si) de algo que faz ele sofrer, como afeto que marca no modo particular e, assim, expressa seus sentimentos;
-) *Produzir sentimentos na linguagem* - Mas se o processo continuar, poderá ocorrer a recursividade na recursividade da explicação dos sentimentos, no *sentir como sente, o que sente que vive*, distinguindo na distinção, descrevendo outra descrição e explicando a explicação, mudando as coordenadas do mapa, seguindo as linhas de composição e decomposição de relações, destacando as noções comuns, criando, inventado, com a linguagem que traz a mão, mas, agora, não expressa, mas *produz sentimentos*. A produção de sentimentos surge como um *Sentir que faz como sente, o que sente que vive*, que transforma o modo de conviver no conversar. A produção de sentimentos que agora se expressa surge como algo novo, sem referência ao que faz sofrer, sem correlações com formas de desamor. Daí, nessas condições, trabalhar com sentimentos refere-se ao modo de produzir realidade na linguagem, como experiência vivida que muda o modo de conviver no conversar. Notamos, ainda, dois movimentos: de um lado, temos o modo em que se dá o acontecimento de *experiência vivida* em formas de desamor, de outro, requer compreender o movimento inverso, que surge com a expressão de sentimentos, *na explicação da experiência na linguagem*:

) *Experiência Vivida* – quando o observador de si surge com a questão do que faz sofrer, supomos que traga a mão experiências em domínio relacional de emoção vivida que conserva como afeto no modo particular. Trata-se de uma intensidade no *sentir que sente que vive* algo que *faz sofrer*, mas ignora o domínio relacional em que tais ideias afecções estão relacionadas. Aqui se destaca o acontecimento da marca que afeta, na forma de tristeza, mas antes de ser distinguida, o observador de si desconhece o que faz sofrer. Notemos: a emoção *determina* a afecção, a afecção *determina* o afeto, mas este afeto somente se revela na distinção, descrição e explicação, que expressa sentimentos. Antes não.

Diagrama – emoção – afecção – afeto - *sem sentimentos*;

) *Explicação de Experiência na linguagem* - a distinção de emoções, afecções e afetos só surgem depois, supõe a repartição do tempo (passado, presente e futuro) no movimento que distingue algo que faz sofrer, uma intensidade, que não se sabe quanto, mas percebe que é para menos, já que se trata de tristeza por formas de desamor. No trabalho de expressar sentimentos, surge a inversão. Se *distingue* o afeto que dura como um *sentir que sente* – o voltar-se para si e distinguir algo de si. *Descreve* por imagens e ideias de afecção o que *sente que faz sofrer* que surge junto, em correspondência, o domínio relacional de ações como emoção que *sente que vive*. Na correlação entre a ideia afecção e a emoção, surge o modo como gera uma explicação que expressa um *sentir como sente, o que sente que vive*, como sentimentos. A partir dos sentimentos, o processo se inverte. O que surge primeiro é o afeto, a intensidade vivida para menos que causa tristeza. O observador de si, se situa no afeto, e desde aí, faz as correlações entre a trama de imagem-ideias afecções em correspondência ao domínio de ações de emoções onde, para ele faz sentido, a partir da linguagem. Aqui não se fala de determinação, mas de correlação, ou decreto, lembrando Spinoza. Como se trata de explicação da experiência na linguagem, é possível mudar.

Diagrama: sentimentos – afetos – afecções – emoções vividas e tudo mais que se puder produzir a partir da linguagem.

Em síntese: a experiência e o que se vive em ato, instantâneo, irreversível. A explicação é uma experiência de segunda ordem, supõe a linguagem, a reflexão e certa consciência, onde se pode distinguir, descrever e explicar a experiência do modo particular de conviver no conversar. Essa pode mudar.

5.7. Domínio das Emoções



Não vamos esquecer que as emoções são os grandes capitães de nossas vidas, nós obedecemos-lhes sem nos apercebermos. Vincent van Gogh
Sobre as emoções tenho curiosidade. Sobre os fatos, quaisquer que venham a ser, não tenho curiosidade alguma. Fernando Pessoa

Do latim *emovere*, emoção vem de agitar, remover, mudar de lugar. É o modo de se conduzir, de lidar, de agir, supõe uma disposição corporal que especifica um domínio de condutas possíveis. O que especifica uma emoção é a classe de conduta que fez, faz ou fará, sem precisar distinguir uma conduta em particular. A emoção não supõe a linguagem. É instantânea. Flui. Diz mais da dinâmica relacional num domínio de ações. A emoção é o que se vive, não o que o observador vê como expressão. A emoção é vivida na circunstância em que o observador se encontra, operando suas práxis de viver, flui no contínuo presente, se transformando de um domínio de ações a outro. Em cada domínio de ações, um modo de fazer, de sentir, de ver, de falar, de perceber, de refletir, que a cada domínio relacional configura-se numa disposição corporal, e o modo de relacionar-se, de interagir, de se harmonizar ou não. O emocionar faz parte do modo de conviver no conversar. Dada sua exterioridade, como domínio de ações do indivíduo em interação num meio, podemos dizer que é *extrínseco*, mas é interna à linguagem.

5.8. Domínio dos Afetos



Desmediocrize sua vida. Procure seus “desaparecidos”. resgate seus afetos. Aprenda com quem tiver algo a ensinar, e ensine algo àqueles que estão engessados em suas teses de certo e errado. Troque experiências, troque risadas, troque carícias. Não é preciso chegar num momento limite para se dar conta disso. O enfrentamento das pequenas mortes que nos acontecem em vida já é o empurrão necessário. Morremos um pouco todos os dias, e todos os dias devemos procurar um final bonito antes de partir. Martha Medeiros

Affectus – afetos não é uma ideia, está envolvido numa ideia. Se a ideia é a relação com o seu objeto, por uma representação, o afeto não é representável. O afeto se define nominalmente como o que não é representável. Mais profundamente, nos mostrou Deleuze, o afeto ganha outra definição mais genética. No spinozismo de Deleuze, se explica o afeto por uma mudança de registro no conceito de ideia. Na ideia que está associada a seus objetos, se diz que é representativa, e descreve uma realidade objetiva. Daí, Deleuze e Chantal, nos falam da *ideia formal*, que é uma ideia que não está em relação de dependência com o objeto que a representa, enquanto realidade objetiva. A ideia formal, não se define pela relação com o objeto do qual é uma ideia. Nesse sentido, a ideia

formal, enquanto tal, tem uma formalidade que corresponde à produção da mente, ligada à potência de pensar e não mais representa um objeto na extensão. Dessa ideia formal, pode derivar outras ideias. Daí a ideia da ideia. A ideia da ideia é a reflexão e o modo como se produz a consciência. Essa ideia não se explica em relação ao objeto, mas por sua realidade ou perfeição que expressa. As ideias passam a ser compreendidas pelo quanto expressa de realidade ou perfeição em relação a outra ideia. Como a ideia não tem um ser em si, surge em relação, nos parece importante perguntar qual domínio de ações em que tal ideia faz sentido. Quer dizer, diante de uma ideia e seu domínio de ações, podemos considerar o quando de realizada ou perfeição essa expressa. Nesse caso, a ideia ligada ao domínio ações, não se trata de uma representação, mas de sentido de realidade ou perfeição que ela expressa, nesse ou naquele domínio de ações, que são emoções.

Somos preenchidos pelas ideias afecção no curso contínuo do viver. Essa mudança não é calculável, não tem parte, é um todo, uma multiplicidade instantânea, que sofre determinação de ideia afecção. Essa variação contínua opera no modo de existir. Nessas condições, surge ao observador de si, como diferença entre dois instantes, o que mostra uma passagem de um estado de afecção a outro, como um corte, uma transição vivida, que Spinoza chama de afeto. A afecção, como a emoção, são intensidades vividas, mas o afeto que resulta dessas instantaneidades dura. Como dura? Lembrarmos que o afeto, tal qual nos mostra Deleuze, depende de uma ideia, que pode ser adequado ou inadequado. Essa ideia da afecção se conserva no modo de vida, no observador de si, porque esse tem uma duração indeterminada. É o indivíduo, o observador de si, que conserva uma experiência vivida numa emoção, onde misturas de corpos fazem surgir uma ideia explicação de afecção. Essa afecção determina um afeto, que o observador de si conserva, faz durar. O afeto não é necessariamente consciente, dura porque a ideia operou nas relações constitutivas do observador de si, que vive a afecção, sendo ela qual for, mas em se tratando de tristeza, tende a se conservar. Essa ideia afeto, ideia de um efeito de afecção instantânea, surge, de início, como se explicando a si mesmo (é o que sinto, o que vejo, o que acho, minha opinião, confusa, inadequada, mutilada, mas uma explicação), porque desvinculada do domínio de ações em que faz sentido. E, de uma ideia que se pretende auto-explicativa a outra (nenhuma ideia se auto explica, surge sempre em relação a...), há mudança no estado corporal. E na relação entre estados corporais distintos, surge uma diferença na intensidade de sua variação contínua de existir, para menos já que diz do que faz sofrer. Isso é o afeto, segundo Deleuze, para Spinoza.

Já notamos que o afeto não é da mesma natureza que a afecção. Cada corpo tem um poder de ser afetado, um grau de potência singular, um ritmo de proporção de movimento e repouso. O afeto surge da mudança de intensidade, enquanto grau de potência. Uma instantaneidade que se conserva pelo corpo que tem duração indeterminada. Enquanto durar, se conserva, modulando para mais ou para menos. O afeto é dito paixão quando a ideia que o determina for inadequada, tem suas causas externas, resultando de misturas, que explica o efeito de um corpo sobre outro corpo. O afeto, enquanto modulação da potência de agir e força de existir, dura enquanto uma ideia que serve de explicação. Mas, vimos, a ideia afeto paixão não tem causa em si, tem seu sentido num domínio de ações. Diferente da afecção que é instantânea em ato, não dura. O que se conserva é a ideia explicação de afecção de mistura de corpos, que faz sofrer, por resultar de formas de desamor.

5.9. Distinção entre Emoção e Afeto a partir do Sentimento



A paixão é um pânico das emoções, e como o pânico - que nisto se distingue do medo - estilhaça a inibição, desorienta o espírito, vira o indivíduo contra as suas próprias aquisições mentais superiores, e muitas vezes o conduz a fazer o que mal sabe que faz, ou que a própria paixão se fosse menor, como o pânico se não fosse mais que medo, o levaria ou aconselharia a não fazer. Fernando Pessoa

Emoção e afeto só se distinguem nos sentimentos, antes se confundem ou são indiscerníveis. A partir dos sentimentos, entende-se que as emoções é o que se vive, são *instantâneas*, em ato no contínuo presente, não duram, são *extrínsecas*, supõem uma disposição corporal dinâmica que ocorre no encontro, num domínio de ações possíveis, que envolve todo o modo de conviver no conversar. O sofrimento na perspectiva das emoções surge das contradições de ações, no conflito entre emoções em formas de desamor;

Os afetos dizem da variação contínua do existir. Pode ou não ser distinguida. É o que o observador de si conserva, um *sentir que sente* que algo faz sofrer, que dura no modo particular de uma afecção de emoção vivida, de maneira *intrínseca*, que corresponde a ideia inadequada (tristeza). Se não for distinguida, a afecção é ignorada em suas causas, se retém como efeito de um corpo sobre o outro, mas não sabe quanto, mas pode se ver a diferença entre dois instantes, para mais ou para menos. Se no depois, for distinguida, surge junto ao domínio de ações em que fazem sentido. Onde o observador de si pode fazer as correlações na construção da descrição que gera um mapa, numa coerência

operacional-relacional reflexiva, como dinâmica de explicação que expressa sentimentos, diz do domínio mais íntimo.

Nota: a partir dos sentimentos, não antes, emoção e afetos são distinguíveis. A emoção surge como extrínseca, externa, instantânea, diz de um domínio de ações que determina a ação (afecção). O afeto é intrínseco, surge determinado pela ideia afecção, no domínio de ações onde ganha sentido, mas são de natureza distinta. Mas tudo isso, só aparece nos sentimentos, que parte dos afetos no modo particular, por isso diz do domínio íntimo, antes emoção e afeto não são distinguíveis.

5.10. Domínio das Afecções



A própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna astúcia da porção escura de nós mesmos, que tenta incompreensivelmente enganar-nos, ou, pelo menos, retardar que perscrutemos qualquer verdade. (Nenhum, nenhuma). Guimarães Rosa

Affectio - Afecção, é a ideia de uma ação de um corpo sobre outro corpo. Diz Deleuze: “*Toda mistura de corpos será chamada afecção*”. A afecção quando definida como efeito separado de sua causa, diz de uma ideia inadequada, porque tem determinação externa. Uma mistura confusa, porque a ideia diz mais do efeito sobre o afetado, que da causa que o afeta. A afecção é instantânea, em ato. Dispõe o corpo num estado. Esse estado do corpo composto, é de onde a mente produz uma ideia de corpo. A afecção não dura, mas o corpo sim. O observador de si é quem faz a ideia durar. Como a afecção é o que preenche a potência de agir, a cada instante, opera na variação contínua de existir, na qual o observador de si, sente a diferença, para mais ou para menos que antes, mas não sabe quanto. A ideia afecção modifica a proporção de movimento e repouso. Quando diminui a intensidade num mesmo grau de potência, se diz que ouve uma redução na força de existir, que define a tristeza. A ideia que a mente faz da afecção, seja ela qual for, não produz falta, porque o corpo se encontra tão perfeito quanto pode ser, como nos lembra Deleuze, mas encontra-se determinado pelas paixões, seu modo de conhecer, de pensar e de agir é passivo. Trata-se do primeiro gênero de conhecimento.

Até aqui o indivíduo ignora as causas do que determina a agir e a desejar isso e não aquilo. Só retém os efeitos. Porém, pode ocorrer que venha a sofrer. Sua tristeza lhe pesa muito, já não consegue suportar. Essa tristeza continuada faz o corpo gritar, o conflito contínuo, a contradição constante, pode nem ter claras as imagens e ideias, mas o

sentir sente que algo faz sofrer, não sabe quanto, nem o que, como, onde e quando, mas vive numa linha em que a proporção de movimento e repouso em que se realiza, diz de como sente o que se vive, entre dois patamares: alegria e tristeza. Quando predomina a tristeza, e surge a resistência que não quer se calar, pode aparecer a questão: “*o que me faz sofrer?*” O observador pode passar a distinguir, descrever e explicar. Expressa sentimentos.

5.11. Emoção e Afecção



Em vez de faces, jeitos, vozes, nomes, cheiros, formas, chegam-me somente emoções confusas ou palavras. Caio Fernando Abreu

A consolidação das afecções no espírito reduziria a importância das definições conceituais da matéria. Andros Urbanis

Chantal Jaquet descreve a afecção como psicofísica. É inata e aprendida. Pode-se explicar só pelo corpo, no atributo extensão, ou só pela ideia, no atributo pensamento, ou por ambos. Mas imagem e ideia de imagem, corpo e ideia de corpo, são uma só e mesma coisa, mesmo que não se reduzam um ao outro. O importante é que essa imagem e ideia ocorrem no indivíduo. É o observador de si que se define por uma duração indeterminada, *que sente* que a ideia afecção se desenvolve nele. A ideia se conserva enquanto ideia, quando o observador de si compara dois estados distintos de seu corpo e detecta a diferença para mais ou para menos, mesmo sem saber quanto. Mas, essa ideia afecção determina um afeto que lhe corresponde, porém essa determinação não aparece, a não ser na distinção, descrição e explicação que expressa sentimentos.

Quando um efeito de um corpo sobre o outro corpo ocorre, uma ideia de corpo acompanha. Aqui pensamos algo que nos ajuda a fazer o entrelaçamento de *emoção e afecção*. Uma ideia não é algo em si mesmo. Uma mesma palavra pode ser tomada como ideia e ser remetida a diferentes domínios relacionais e terá sentidos diferentes. Consideramos o fato de que a emoção corresponde a domínio de ações. Tomemos exemplos simples, a ideia afecção de *cruzeiro*. Se remetemos a emoção no domínio de ações marítimas, a ideia afecção de *cruzeiro* surge como viagem. Se remetemos ao domínio de ações econômica, a ideia afecção de *cruzeiro* surge como moeda. Se remetemos a emoção no domínio do réptil, a ideia afecção de *cruzeiro* surge como cobra. Se remetermos a emoção no domínio dos esportes, a ideia afecção de *cruzeiro* surge como time. O sentido da ideia

não é em si, mas em relação a um domínio de ações em que faz esse e não aquele sentido. Embora a palavra seja a mesma.

Toda ideia, palavra, não se diz a si mesmo. Não há um ser em si. Supõe a linguagem, onde entra em relação. Toda ideia é ideia numa relação. Aqui já podemos distinguir e relacionar *emoção e afecção*. A emoção se define como domínio de ações, conota uma classe de condutas possíveis, sem que seja necessário especificar uma conduta em particular (afecção). Já a afecção é uma conduta, uma ação particular, uma imagem-ideia de misturas de corpos, sem especificar o domínio de ações em que faz sentido. Talvez seja por isso que a afecção, como paixão, surge ao observador de si como efeito sem causa, como ideia inadequada. Quando se tem opiniões, ideologias, credences, quando se faz suposições abstratas, quando se acha, se interpreta, se julga, se desconhece a causa externa e se toma a ideia com a própria explicação, por livre arbítrio, sem remeter ao domínio de ações onde faz sentido. Nessa mirada, podemos considerar a ideia, que surge ao observador de si como explicação da afecção, mas desvinculada de seu domínio de ações, um efeito sem causa, misturas de corpos, determinada por forças exteriores, mas desconhecida a emoção de base externa.

Há coisas em comum entre *emoção e afecção*: são exteriores, tem essa propriedade da instantaneidade, de acontecer em ato, no que se vive e se sente que vive, no continuo presente. São igualmente exteriores, extrínsecas, externas. Pertencem a extensão, mas são interiores a linguagem. Caso contrário não se formaria ideia, e seria afecção de argila, para argila, da cera para cera, mudança de estado sem formar ideia de transformação. Se forma ideia, supõe a linguagem. E toda ideia é ideia em relação a um domínio de ações onde faz sentido.

Como domínio de ações, as emoções são maneiras de interagir, possuem limites. A emoção de amar não se confunde com a emoção de odiar. Nesse sentido, sempre tem as pontas entre o limite do que ainda é a mesma emoção e o limiar do que não é mais, depois disso surge outra coisa no lugar. Tem ressonância com o que Deleuze e Guattari chamam de linhas de fuga num sistema ou estrato qualquer. Mas, a ideia, seja ela qual for, não tem sentido em si, ganha sentido no domínio de ações onde se realiza. Daí, quando surgem como algo vivido, fica encoberto o domínio de ações em que faz sentido. A relação entre *emoção e afecção* não aparece senão nos sentimentos. Se define como a

ideia que descreve a afecção desvinculada do domínio de ações onde faz sentido. Desvinculada da emoção que a causa.

Desta forma, passa a encobrir o *afeto intrínseco*, já que não surge a correlação entre *afecção e emoção* extrínseca. Isso porque a afecção aparece como ideia de efeito de um corpo sobre outro, como misturas de corpos, onde se ignora a causa, se diz ideia inadequada que determina o afeto, que é um *sentir que sente*, que não sabe o quanto, mas sente que vive algo para mais ou para menos, uma diminuição ou aumento na variação continua de existir. O afeto remete a ideia de uma intensidade, a afecção a ideia de uma relação, mas que encobre seus componentes relacionais, quando separada do domínio em que faz sentido. Por isso, a intensidade vivida ganha essa obscuridade. Mas, se remetermos a ideia afecção ao seu domínio de ações onde faz sentido, teremos que distinguir, descrever e explicar para expressar os sentimentos, onde afeto se distingue como experiência de afecção de emoção vivida. Pode aparecer como inadequada, obscura, mas não ignorada. Se tem como começar a trabalhar.

DIAGRAMA DE DISTINÇÕES A PARTIR DOS SENTIMENTOS			
Emoção e Linguagem			
DOMÍNIOS	EMOÇÃO	AFECÇÃO	AFETO
Dimensões	Extrínseco	<i>Externo</i>	Intrínseco
Níveis	Extensão	<i>Espaço</i>	Interno
Definição	Classe de conduta	<i>Conduta</i>	Intensidade
Modo de operar	Ações	<i>Efeitos</i>	Para mais ou para menos
Dinâmica	Relacional	<i>Misturas</i>	Passivo ou ativo
Temporalidade	Instantaneidade	<i>Instantânea</i>	Duração
Espacialidade	Composição	<i>Decomposição</i>	Aumento ou diminuição
Determinação	Biosfera	<i>Antroposfera</i>	Linguagem
Historicidade	Deriva evolutiva	<i>Deriva antropológica</i>	Modo de existência
Composição	Determinismo estrutural	<i>Acoplamento social</i>	Variação continua
Sentir	Sente que se vive	<i>Sente que sofre</i>	Sente que sente

Emocionar – Linguajar – Modo de Conviver no Conversar

5.12. Noções Comuns & Sentimentos



Suponhamos dois corpos que convêm inteiramente, ou seja, que compõem todas as suas relações: eles são como as partes de um todo, o todo exerce uma função geral em relação a essas partes, essas partes têm uma propriedade comum em relação ao todo. Dois corpos que convêm inteiramente têm, portanto, uma identidade de estrutura. Como eles compõem todas as suas relações, eles têm uma analogia, similitude ou comunidade de composição. Gilles Deleuze

Dentro dessa hipótese, a busca de ajuda para enfrentar o que faz sofrer não pode ser considerada passiva. Mas uma atitude ativa, afirmativa da vida, mesmo que só tenha levantado a questão. Ao aceitarmos que *o que faz sofrer* é uma afecção ou a trama de afecções, percebe-se que determinam minha potência de agir para menos, que reduz minha força de existir. Isso diz que vivo em paixões, com ideias inadequadas, desconheço sua origem, recolho o efeito sem saber o que causa a minha tristeza. Parece-nos que distinguimos o afeto, mas é a afecção que devemos enfrentar, quando se pergunta: “*o que faz sofrer?*” Como? A resposta de Spinoza será a produção de noções comuns.

Seguindo a sugestão de Spinoza, segundo seus comentadores, Jaquet e Deleuze. Para diferenciar a mudança de intensidade enquanto grau de potência, a sugestão é que se considere cada intensidade distinguível, como uma singularidade, uma multiplicidade intensiva, instantânea, que varia em função de um grau mínimo, grau zero, que é a morte, e um grau máximo, que é a plena realização em ato de uma ação. Quando mais reduzido, quanto mais baixo se está, mais próximo do zero se encontra. Essa redução de potência de agir e força de existir, é o que Spinoza chama de tristeza. Bem, temos a afecção instantânea, que preenche um grau de potência a cada instante, que a mente faz uma ideia. Como toda redução de potência tem causas externas, como a afecção é uma ideia de efeito de um corpo sobre o meu, perguntamos de onde vem essa ideia? Essa pergunta procede porque a ideia não é algo em si mesmo. Ele faz parte de uma experiência vivida, num encontro entre corpos, mas, também, num tipo de relação dentro de domínio de ações onde ganha sentido. Inicialmente está encoberto. Além disso, como se pode distinguir uma ideia sem supor a linguagem?

A afecção paixão diz da ideia confusa, inadequada. Que se ignora as causas. Que se tem como efeito que se desconhece sua origem, e se toma por causa. Nesse ponto, tem algo que nos faz pensar. Na perspectiva geométrica de Spinoza, para que uma afecção deixe de ser uma paixão, tem-se que conhecer as causas. Para realizar isso, deve-se buscar

a potência do corpo externo que nos afetou ao mesmo tempo que se tem que conhecer a própria potência. Nesses termos, parece algo só para sábios, distante para o vulgo da comunidade periférica do Rio de Janeiro, que não sabe nada de essências, nem a sua, nem dos outros, das coisas, quem dirá de deus. Aqui surge a noção comum que pode ser pensada em relações congruentes com a expressão de sentimentos.

Como esse observador de si poderá enfrentar o que faz sofrer? Spinoza tem uma proposta muito interessante: aprender a conhecer as noções comuns. Para quem não sabe, sugere que pegue uma experiência vivida que lhe proporcionou alguma alegria, mesmo pequena. É importante que essa experiência não tenha reduzido a potência de agir, pode até não ter aumentado significativamente, mas não foi vivida como menos. Essa ideia diz de uma composição de relação, e devemos partir dela para produzir experiência de noções comuns. O que propõe Spinoza? Sugere que se busque, nessa relação entre meu corpo e outro, que não me decompõe, o que há de comum. Tem-se que distinguir linhas, construir um pequeno mapa dessas relações, e devemos realizar tantas vezes quantas forem necessárias, até que se tenha adquirido uma certa confiança com o procedimento. Pode ampliar com outras experiências alegres, de tal sorte que se pode dar uma virada. Voltar essa experiência de composição de relações aprendidas nos exercícios anteriores de noções comuns, e se aproximar da ideia do que faz sofrer, do que causa a tristeza, e passar a ver quais relações se compõe e quais não se compõe. Vai-se construindo um mapa das relações e distinguido o que aumenta e o que diminui, o que favorece e o que obstaculiza, e até o que é neutro, em relação a sua intensidade, enquanto grau de potência. Esse exercício deve possibilitar o observador de si operar seleções, onde se diz sim as interações que se compõe como nossas relações constitutivas, e não as que não favorece ou que nos impede de se realizar. Em nossa pesquisa passamos a pensar que o trabalho de produzir sentimentos, se encontra com essa sugestão de Spinoza de aprender a distinguir e até produzir noções comuns. Distinguir descrever e explicar, é produzir um mapa, nele aparece a relação entre afecção e emoção, que pode ajudar a conhecer a relação entre afecção e afeto e quando o afeto se distingue da emoção, gera a explicação que expressa sentimentos.

Notemos: no caso do observador de si, seu estado por afecções nos mostra que não se encontra em passividade total, nem de uma ignorância total. Como? É que a busca apoio num espaço de conversação sobre o que faz sofrer, se encontra em atitude de enfrentamento. Com mais ou menos empenho, sim, mas está no caminho da busca. Quando distingue o que o faz sofrer, o faz em função do mal-estar, do qual tem alguma ideia,

mesmo que não se saiba a causa. Por enquanto. Ao iniciar a descrever, terá que surgir junto um domínio de ações onde, adequado ou inadequado, essa ideia faz sentido. Esse domínio de ações onde a afecção faz sentido, entendemos com Maturana como domínio das emoções. A correlação entre afecção e emoção, entre ideias e domínio de ações onde faz sentido, surge desde um *sentir que sente*, um afeto, uma intensidade que entra em trabalho na explicação que expressa sentimentos. Desde então, não ignoramos de todo o que faz sofrer, mas no pouco que geramos, podemos distinguir, descrever e explicar o que convém e o que não convém, o que aumenta e o que diminui, podemos ensaiar a prática de *noções comuns*, se aceitarmos os sentimentos como expressão de experiência de afetos de afecção de emoção vivida, num modo particular de viver e conviver no conversar.

5.13. Ideia Inadequada e Explicação de Afecção a partir dos Sentimentos



Quem nunca errou nunca experimentou nada novo. Albert Einstein

Passei a vida tentando corrigir os erros que cometi na minha ânsia de acertar. Terei toda a aparência de quem falhou, e só eu saberei se foi a falha necessária... Clarice Lispector

O importante não é justificar o erro, mas impedir que ele se repita. Che Guevara

Partimos desse ponto: uma ideia afecção, como toda ideia, por não ser algo em si, surge em relação. Desde então, uma ideia afecção tem um domínio de ações onde faz sentido. Adequado ou inadequado, não é a questão. Esse domínio de ações, Maturana chama de emoção. A emoção é onde a ideia afecção faz sentido. Voltemos ao exemplo anterior: tenho a ideia afecção *cruzeiro*, mas se reportarmos a uma emoção no domínio de ações econômicas, surge a ideia afecção de *cruzeiro* como moeda. E se reportarmos a uma emoção no domínio de ações de esporte, teremos uma ideia afecção de *cruzeiro* como time de futebol. E se reportarmos a uma emoção no domínio de ações biológica de réptil, surge a ideia *cruzeiro* como cobra. Seguindo essa ideia, quando imagino cobras saindo de minha cabeça, entrando pela boca, e isso não me faz feliz, e não posso me livrar da ideia *cruzeiro*, posso pergunta em que domínio de ações essa ideia entra numa relação, onde passa a ter alguma explicação. Inadequada, mas não desconhecida ou ignorada. Com isso, passo a supor que a ideia tem um domínio de ações que faz sentido e que se não posso mudar de ideia, posso mudar de domínio onde ela faz sentido. Mas, se passo a perguntar: qual ideia de *cruzeiro* me será menos nociva? Já houve uma mudança, não mais estou

totalmente ignorante, busco na linguagem outra resposta, mas me incluo, quando pergunto qual o domínio de ação em que a ideia *cruzeiro* se torna, para mim, menos peçonhenta.

Nessas condições, já reunimos alguns movimentos: diante da pergunta o que faz sofrer, distingo algo, tenho que me a ter a qual domínio de ações a ideia afecção ganha sentido. Posso nem se quer fazer a pergunta. Desconheço, ignoro ou ela não me faz sofrer. Se fizer, inicialmente, a ideia me remete ao externo, a uma realidade objetiva, independente de mim, mas que determina o sentido da ideia que se conserva em mim. Mas, se passo a enfrentar, distingo uma experiência vivida, onde retenho a ideia ao qual remeto para seu domínio de ações em que faz sentido para o observador de si, gero uma coerência operacional-relacional reflexiva como explicação, passo a expressar sentimentos. Inadequada, sim. Ignorada, não. Temos um começo.

Os sentimentos surgem como mapa na linguagem, onde posso iniciar a trabalhar as linhas de composição ou decomposição, de ideias adequadas ou inadequadas, posso conservar e fazer fugir, posso acoplar outras linhas, posso dissolver outras. Tendo o domínio da linguagem, aumenta em muito as condições de produção de sentido. Com essa expansão, não só disponho da ideia afecção e seu domínio de emoção inicial, mas tudo que puder produzir na linguagem, para pensar no modo como a afecção de uma emoção me faz sofrer, por formas de desamor.

Com a expressão de um sentimento, constato o que? Parece-nos que é um movimento de inclusão do observador de si na ideia. Nota-se dois ou três movimentos: o observador de si estava presente de corpo, no encontro onde se deu as relações entre os corpos, em que resultou essa imagem ideia, mas, agora, essa atitude traz o domínio de ações em que faz sentido. O que até então se supunha desconhecido, surge na forma de um mapa. Não se está mais tão ignorante das causas, mas com o mapa, já se tem algumas linhas para trabalhar. Não se sabe a potência do que me afetou. Não se sabe qual é minha potência, mas que a ideia de *cruzeiro* tenha se associado a emoção de réptil, tem a ver com minhas experiências vividas, isso já é um começo. Essa ideia se acoplou numa trama de outras ideias, onde se multiplicam os domínios de ações, de correlações, de contradições, de confusões, de sorte que a ideia não é mais tão desconhecida e agora não a tenho

como fatalidade silenciosa, mas como um componente na linguagem. E, através da linguagem, uma explicação da experiência pode mudar, mesmo que a experiência enquanto tal seja irreversível.

Esse exercício de distinguir, descrever e explicar, expressa sentimento. Expressar sentimento é produzir uma experiência de segunda ordem. A experiência enquanto experiência é irreversível, o que acontece não volta mais, porque vivemos num contínuo presente ininterrupto, e todo vivido é instantâneo, em ato. Nosso corpo, vive o fluir do contínuo presente. O viver segue seu curso, vai fazendo o corpo variar em diferentes intensidades, ao qual se retém uma ideia que se explica por um domínio de ações. Bem, se não posso mudar a experiência, e toda experiência só passa a existir como experiência, quando se faz a distinção, quando se gera uma explicação, a ideia de afecção que tenho é uma explicação como qualquer outra. Nossa hipótese: *a ideia que se tem, que se conserva, é uma explicação da afecção*, desde a linguagem e não algo em si. Logo, tem pelo menos um domínio de ações onde faz sentido.

Nessa linha reflexiva, a afecção é uma ideia que conota as misturas de corpos, o efeito de um corpo sobre o meu. Assim, *se explica*. Temporalmente, esse efeito, a mistura como algo que aconteceu, isso não posso mudar, foi instantâneo, porque ocorreu, como ocorreu, onde ocorreu, quando ocorreu. O que conservei foi a *ideia explicação da afecção*. Sem causa, como efeito, mas uma explicação, como qualquer outra explicação na linguagem. *Essa pode mudar*. A explicação da explicação, muda a *ideia explicação da afecção*, que muda o modo de distinguir e descrever, que altera o modo de conviver no conversar. Essa é nossa hipótese de trabalho.

Podemos caminhar nessa linha e expressar sentimentos quantas vezes forem necessários, quantas vezes conseguirmos distinguir, descrever e explicar *a ideia explicação da afecção*, até que ocorre a recursividade, uma disposição íntima para fazer outra história a partir da *ideia explicação* inicial. O trabalho com sentimentos não se fixa em mudar o que aconteceu num mau encontro, mas a explicação da ideia afecção que determina um afeto, que me faz sofrer. As afecções, como a emoção, são instantâneas, o que retenho é uma ideia que, sem os sentimentos, me explica um efeito da afecção que sofro. Mas, se distingo uma marca de experiência vivida, me envolvo ativamente no enfrentamento ao que faz sofrer, descrevo a trama das ideias, gero uma explicação que não existia até então. Componho um mapa, expesso sentimentos. Podemos começar a trabalhar.

Podemos dizer que foi um mau encontro, que decompôs parte de minhas relações constitutivas, que alterou o ritmo de proporção de movimento e repouso, mas essa relação só se conserva enquanto explicação. Meu corpo já está em outra. O que não muda é o que conservo como *ideia explicação da afecção*, não a afecção, essa é instantânea. Então, o trabalho com os sentimentos não busca mudar o que ocorreu no vivido, o efeito de um corpo sobre o meu, mas se empenha em mudar a explicação da ideia dessa mistura, que se conserva no observador de si.

Nossa hipótese é que não se precisa ir até a essência ou potência das causas exteriores, mas pode ocorrer o aumento de potência no trabalho de enfrentamento, ao operar a inclusão da *ideia explicação da afecção* no domínio de emoções, onde essa ideia explicação de afecção faz sentido, como primeiro movimento. A ideia de afeto faz parte do meu conviver no conversar, tanto que passo a distinguir, descrever e explicar essa experiência vivida, por meio de outras experiências vividas na linguagem. A explicação da explicação da ideia afecção na linguagem, pode mudar a explicação da experiência vivida, não a experiência. Mas, qualquer experiência só se torna experiência se distinguida na linguagem. Logo, explicar a explicação da experiência, muda a imagem da experiência, muda a ideia explicação da afecção. O acesso aos sentimentos, nesse sentido, pode ajudar.

Aqui damos um outro salto. Além da inclusão do observador de si na ideia explicação da afecção, que ocorre quando surge o domínio de ações, na emoção onde a ideia explicação ganha sentido. Agora, não se trata de fatalidade, nem de algo obscuro, se trata de uma explicação que se faz pela linguagem. Os recursos se multiplicaram e as condições de enfrentamento do que faz sofrer se ampliam enormemente, passo a operar na recursividade e mudar a explicação da *ideia explicação da afecção*. São infinitos domínios de ações que passo a dispor, ter a mão, como recurso de operar sobre a *ideia explicação*. Posso distinguir suas relações, seguir algumas linhas, destacar composição ou decomposição, tal qual sugere Spinoza na prática de noções comuns na alegria, mesmo passiva. No trabalho com sentimentos, posso avançar na seleção, e chegar a decidir se quero conservar ou não, e posso encontrar linhas em que se pode mudar, mudando a explicação da *explicação da ideia afecção*.

Inicialmente expresso sentimentos. Tenho um mapa. Para tanto, parto do afeto, um *sentir que sente*. Início a descrição, colocando-me entre a ideia explicação que *sente que faz sofrer* e estabeleço as correlações com a emoção que *sente o que se vive*, onde se

gera uma explicação que expressa sentimentos. Algo muda: passo a *sentir como sente, o que sente que se vive*. De outro modo, o observador de si distinguindo a intensidade, passa a se colocar no meio, entre a ideia afecção e o domínio de ações (emoção) onde a explicação da ideia faz sentidos e opera as correlações, gerando uma explicação que expressa sentimentos. O *sentir que sente* (afeto) assume a condição de um *sentir como sente*, por meio do mapa de sentimentos. Esse operar na linguagem, sobre o desconhecimento total que, inicialmente tinha da afecção, muda. Pode surgir inadequada, confusão, mas, agora, não totalmente ignorada. E pode-se, num certo tempo, gerar uma explicação da *ideia explicação da afecção*, que distingui como o que me faz sofrer. Agora, posso perceber um pouco mais, o que nela se conserva ou o que nela pode fugir e deve mudar.

É um início de trabalho. Podemos operar na seleção de linhas de composição e decomposição que a ideia explicação da afecção em correlação ao domínio de ações onde faz sentido, mostra. Entramos na relação entre afecção e emoção. Podemos dizer sim ou não. Seja como for, podemos ter melhores condições de selecionar o que conservar na explicação da ideia e se concentrar em operar sobre aquilo que muda e faz a ideia vazar, se tornar instável, inconsistente. Poderá ocorrer o contrário, não é o que está mudando o que faz sofrer, mas o modo de conservar que retroalimenta formas de desamor.

Antes se vivia com a afecção sem ter acesso a explicação da ideia. No trabalho de produzir sentimentos, surge o domínio de relação em que tal ideia faz sentido. Agora, o problema avançou: como se vive com essa *ideia explicação dessa afecção*? Como conservo a mesma ideia do que aconteceu em tal encontro onde sofri? Por outro lado, pode ocorrer de que o que se conserva, seja a explicação da ideia de afecção e não o que nela está mudando, sem que ela mude. Aqui, o que se passa a notar, é que não é a ideia que me faz sofrer, mas o que dá à ideia seu sentido, o domínio de ações em que se reporta como o que o faz sofrer. Temos que buscar fugas, promover mudanças aqui, ali, acolá, onde o que se conserva deixa vazar algo, que se pode intensificar e fazer fugir por ali. Para isso, no trabalho com sentimentos se tem a mão a linguagem, não só o domínio de ações iniciais da ideia afecção. Essa expansão de domínios de ações, pela linguagem, é o que queremos explicar, quando dizemos que uma ideia afecção já é uma explicação.

Partimos do fato que na correlação entre ideia explicação e domínio de ações onde faz sentido se forma um sistema. Nesse sistema, tem algo que se conserva e coisas que estão sempre mudando. Podemos operar sobre o que se conserva ou operar sobre o que

muda ou ambos. Ao notarmos que no modo de amar, como explicação de base, o que ocorre mostra que está sendo corroído por condutas ou ações em formas de desamor, isso nos sugere uma intervenção no que muda e um empenho em conservar a base amorosa. Ao contrário. Uma emoção que assumiu a base no desamor, passa a mudar as ações que corresponde a emoção de amar. O que está mudando é a emoção de amar e o que passa a se conservar são condutas e atitudes em formas de desamor. Isso nos coloca a pensar em como intervir no que se conserva como negação e faz a emoção de amar se decompor. Ou, opera-se de modo que tanto o que se conserva como o que muda se dissolvam, surgindo outra coisa no lugar.

É importante ter em conta que a explicação da ideia de base, para que se trabalhe em seu modo de conservar, tem que ser afirmativa da vida, onde se constata partes que nela não pode mudar. O *sentir que sente*, no modo de viver esse afeto amoroso deve se conservar. Nesse caso, se opera na ideia explicação de base, de modo a fazer o que se pode fazer, a partir da linguagem, para que, nesse caso, as mudanças não interfiram no que se conserve na explicação de base, que se nutre na emoção de amar. Diferente se o que se conservar for justamente o que faz sofrer. O critério surge do singular, da maneira de cada um viver a sua variação contínua de existir, implicada no modo de conviver no conversar, desde seu *sentir que sente o que sente que vive*: um afeto particular.

Isso parece muito vago. Tem-se como suposto a abstração da lei sistêmica # 8, proposta por Humberto Maturana e Ximena Dávila, que diz: cada vez que um conjunto de elementos começa a se conservar em torno de uma rede de relações, forma-se uma unidade composta autônoma, uma ideia e seu domínio de ações, no qual tudo muda em torno daquilo que se conserva, da ideia e seu domínio. É entendido que tudo que muda, só pode mudar se não romper as relações constitutiva da ideia (adequada ou inadequada) que se conserva. O que se conserva tende a conservar, aceita só as mudanças que suporta. Então, se há mudanças que a ideia e sua explicação não suporta, essas temos que cuidar ou intervir e mudar? Depende do caso.

Nossa reflexão: o que faz sofrer pode ser tanto o que se conserva numa relação, quanto o que muda. Ou ambos. Depende do caso-a-caso. Dois exemplos: um homem conta que descobriu (misturas de corpos, efeito de um corpo sobre outro, uma afecção), que sua filha estava usando drogas e se prostituindo. Isso lhe afetou. Disso fez uma ideia. Foi uma grande decepção, sua conduta foi expulsá-la de casa e dizer que ela não era mais

sua filha. Esse modo de operar sobre a relação distingue na *ideia explicação da afecção*, a *mudança* na filha (droga e prostituição) e sua conduta foi de afirmar a mudança, negando a filha, expulsando de casa. Descreve a ideia afecção, numa coerência operacional-relacional reflexiva em que a explicação surge como justificação que elimina o que se conserva, seu amor pela filha, e sua insistência em operar sobre o que muda (filha que se droga e se prostitui). A relação de base, que gostaria de conservar, o amor pela filha, se decompõe, e o que passa a se conservar no lugar e a *explicação da ideia afecção*, que apresenta como o que faz sofrer.

Tudo parece obvio, mas não era até que começasse a distinguir, descrever e explicar, expressando sentimentos. E na continuidade, passa a produzir explicação da explicação, distingue outra distinção e refazer a descrição na linguagem. Como a linguagem e fruto da consensualidade, e a conservamos a mais de 3,8 milhões de anos, sua complexidade e pluralidade é gigantesca, que se torna nos recursos de explicar uma explicação, tão legítima quanto a explicação primeira da ideia afecção. Podemos enfrentar a distinção, descrever a descrição e explicar a explicação da ideia afecção noutra domínio de ações consensuais, por isso a ideia explicação pode mudar.

A linguagem é o que temos em comum, aprendemos numa certa cultura. Seja como for, a linguagem abre-se em uma infinidade de domínio de ações inesperados, inusitados, onde qualquer explicação pode ganhar outra explicação, e ser tão legítima quando a anterior, mas não desejada, porque faz sofrer. De modo que ao ser distinguida, a ideia afecção, entra num fluxo histórico, num processo de transformação, que difere das condições em que se mantinha conservada em silêncio, quando ignorada.

Ao entrar no fluxo da recursividade da linguagem, o pai passa a perguntar se não seria melhor ajudar a filha do que só acusá-la e condená-la. Passa a entender que talvez tenha sido muito enérgico, rígido, moralista, e não tenha conseguindo ver a filha, mas só o que de negativo ela produziu a sua ideia e imagem de pai. Passa a perceber que talvez seja preciso afirmar não o que mudou na relação amorosa entre pai e filha, mas afirmar esse amor, fortalecendo isso como o que quer conservar e não o ódio e decepção, pela mudança que a filha trouxe na ideia de pai e de filha que ele tinha. Nesse caso, ocorreu de o pai ir atrás da filha, que aceitou se tratar e a ideia explicação da afecção mudou, certamente a afecção também.

Outro caso, mas o inverso: Uma mulher tem um filho de 28 anos que se droga desde os 14 anos. Sua explicação da ideia afecção, é descrita como quem levou muito tempo para admitir, temia que ele se revoltasse e fugisse de casa e, na sua ideia, ele poderia correr mais perigo. O filho além de se drogar faz dívidas. Que a mãe paga. E paga para proteger o filho. Podemos dizer que a ideia afecção dessa mãe, o que perturbou a relação amorosa com seu filho, esta distinguida pelas condutas de se drogar e explicada pelos perigos que envolve domínio de ações da droga, não pelo amor ao filho, embora diga que morreria por ele, que ele é tudo na sua vida.

Quando a mãe distingue a ideia afecção droga, ela a conserva e passa a investir não no seu amor, mas aceitar que o filho se mantenha drogando, desde que não seja machucado. Sua conduta opera sobre as consequências do que muda, sem questionar ou colocar em questão o que ela conserva, no que ela investe. Isso se nota no modo como explica a ideia afecção, seu medo, não que o filho se drogue, mas que por inconformidade desse, possa vir a deixa-la, fugir de casa, ir morar na rua. O problema aponta para algo que externamente pode acontecer, que ela não domina, não tem acesso. Para ela, esse domínio de ações, onde a droga faz sentido, pode vir a prejudicar mais ainda seu filho. Mas, não inclui seu filho enquanto observador de si; não surge o modo como o filho entra no problema, não aparece sua maneira de pensar e agir diante do se drogar, mas o descreve como acomodado a condição do prazer da droga, sem perguntar porque sua vida por aí se esvai.

Essa senhora distingue, descreve e explica expressando seus sentimentos, onde começa a ter consciência do que sente, passa a *sentir como sente* o que faz sofrer. Isso segue até que começa a surgir outros personagens de outras ideias *explicação de afecção*. A morte do filho mais velho pela polícia numa invasão a comunidade. Seu medo passa a por outra explicação, surge o receio maior diante da possibilidade de perder o filho menor e ela não sabe o que fazer, mas não mede esforços para protege-lo como pode. E faz isso por amor. Mas, diante da *explicação da ideia afecção*, seu amor aparece como impedida por causa exterior, a droga, o tráfico, os agiotas, que consomem toda suas forças e recursos. Parece-nos que nessa reflexão que fazemos, o amor materno é o que fortalece. Mas seu investimento parece não estar nessa sintonia de conservar o amor, mas se joga no que muda a relação de amor materno. O que passa a ser determinante na explicação da ideia afecção, o que passa a se conservar é evitar o mau maior. Não lhe ocorre colocar sua

atenção no filho como ser humano que precisa de ajuda, mas opera nos efeitos de reduzir os danos, sem enfrentar o problema de seu medo de perdê-lo.

Se tomarmos o amor materno como a relação que foi decomposta pela ideia afecção de droga, a mãe conserva o que muda (no domínio de ações em que a droga faz sentido), na sua relação amorosa. A relação amorosa se encontra bloqueada, misturada, contraditória, já que a mãe acaba sustentando a dependência do filho, que não sente nenhum desejo de mudar, passando a exigir cada vez mais, com ameaças de violência física.

A recursividade na distinção dessa ideia afecção, a recursividade na descrição, a recursividade na explicação, a recursividade na expressão de sentimentos, passa a produzir outro sentido, a qual a mãe passa a deixar de conservar o que muda na relação amorosa e investe num cuidado afirmativo, fora do domínio de ações da droga. Começa a dizer não e enfrentar o filho, dando-lhe apoio e insistindo que venha a se tratar. O filho não contando com as facilidades que a mãe lhe proporcionava no acesso a droga e as respostas as confusões em que se metia, teve que buscar alternativas e entrou em relações mais complexas, o que operou uma mudança na sua explicação da ideia afecção de se drogar e começa a buscar saídas fora da droga. Busca ajuda, quer mudar, não a relação amorosa com a mãe, mas a relação com o se drogar. A mãe diz que por mais difícil que era negar dinheiro e insistir para que ele venha a se cuidar, vivia essa relação, esse domínio de conduta como mais próxima da emoção de amar.

Os dois casos mostram que a produção de sentimentos não resolveu o problema, mas foi um modo de partir de uma explicação da ideia afecção, que até então se vivia, na passividade, assumindo o efeito como causa. Não encontrou uma causa, mas com a produção de sentimentos, passou a mudar a explicação da ideia afecção, alterando o domínio de ações onde essa ideia fazia sentido. Proteger o filho, encobrindo o problema e respondendo por ele, em suas confusões, como resposta a explicação da ideia afecção de se drogar, foi a primeira explicação. Como o pai que não tinha a menor consciência de sua rigidez, de como isso dificultava mais a composição de relação que, de fato, confirmava e ampliava a decomposição e a conservação de outra relação, não amorosa, que poderia se consolidar, senão mudasse o modo de explicar o que faz sofrer.

Sabemos que no domínio do que se conserva, uma ideia, tudo muda em torno do que se conserva. A pai conservava o que mudou a relação, por decepção, investido em

afirmar a mudança ao expulsar a filha e destitui-la do espaço familiar. A mãe investe sobre o que muda, acomoda, tenta contornar, assume o filho drogado, no desespero que sente que essa relação que ela luta para conservar tem uma explicação na droga, que passa a dominar a relação que conserva por medo. Como diz Spinoza, evitando um mal maior. Ao mudar, não a explicação da ideia afecção da droga, mas o modo de amar, o domínio de ações em que o amor lhe jogava, passa a perceber que não estava amando o filho, mas alimentado o desamor ao encobrir e não questionar o filho no que o faz sofrer. Quando o filho aparece para distinguir, descrever e explicar o que faz sofrer, coloca que se drogava porque sentia que a mãe só amava o filho mais velho, que não lhe olhava, não lhe percebia, que era isso que o fazia sofrer. Não suportava sentir ciúmes do irmão, ainda mais depois que morreu e notava que a mãe não parava de se lamentar, o que fez buscar a droga como meio de se consolar e, ao mesmo tempo, de fazer a mãe sofrer. Quando mãe e filho expressão seus sentimentos, a explicação começa a mudar, o que surge não são sentimentos de uma explicação da ideia afecção, mas a produção de sentimento que explica outra coisa, algo novo vem ocupar o lugar.

Bem, toda essa discussão para pensar que a ideia afecção não é uma ideia em si, mas tem, necessariamente, correlações com um domínio relacional de ações em que faz sentido. Que a distinção possibilita identificar a explicação da ideia afecção, é que a descrição coloca o observador de si, entre a ideia afecção e seu domínio de ações, emoção, no qual gera uma explicação, como expressão de sentimentos. A recursividade sobre o sentimento, produz algo novo, no processo histórico que se inicia quando uma experiência de afeto de emoção vivida é distinguida na linguagem, maneira como a explicação da explicação produz outra experiência na explicação, traz algo novo que muda o que pode mudar.

Vamos continuar o entrelaçamento conceitual ao distinguir *afeto & sentimento* e concluir com a descrição de *afecção & sentimento* na composição de alternativas de operar sobre formas de desamor.

5.14. Afetos & Sentimentos



Os mesmos afetos, no homem e na mulher, têm ritmo diferente: por isso o homem e a mulher não cessam de se desentender. Nietzsche

Não é a intensidade dos sentimentos elevados que faz os homens superiores, mas a sua duração. Nietzsche

O afeto supõe uma ideia, por mais confusa que seja. Essa ideia é uma imagem de estado de corpo, entendida como realidade objetiva. Nesse caso, o afeto é um modo de pensar não representativo. O afeto não é a ideia, mas está envolvido por uma ideia que o determina, mas, agora, essa ideia não se define como representativa. Diz de uma realidade ou perfeição que cada ideia tem, por ser uma ideia associada a potência de pensar. Essa ideia formal, faz surgir a ideia da ideia, opera sobre a potência de agir, a variação contínua de existir. Essa variação contínua sofre modulações de intensidade, por afecções, resultando em passagem de um estado de corpo a outro, que se comparado entre dois instantes, uma agora e o anterior, não se sabe quanto, mas surge a diferença de aumento ou diminuição de potência. Essa passagem ou transição vivida, é a definição genética de afeto.

O observador de si se define como uma duração indeterminada no existir. Afeto diz dessa modulação da variação contínua de existir. O afeto dura enquanto a ideia que o observador de si conserva. A tristeza é vivida pelo observador de si, que conserva a ideia inadequada de um efeito de outros corpos exteriores sobre seu corpo, que desconhece a causa, mas retém como realidade objetiva, uma mistura, resultado de encontro em que partes ou a totalidade de suas relações constitutivas sofreram decomposição, com a diminuição da potência de agir.

Acoplado com emoção – o observador de si convive no conversar, em domínios de ações, num fluir entrelaçando de emocionar com o linguajar, onde ocorre encontros em que um corpo é afetado do exterior, por outro corpo, no qual forma uma imagem de mistura ou estado corporal, de onde surge a ideia explicação dessa afecção. No fluir do conviver, em espaços relacionais de encontros, os estados corporais vão sendo determinada pela ideia como explicação da afecção, operando passagens, mudanças, distinguíveis como afeto ou intensidade vivida pelo observador de si, como o que faz sofrer.

Essa ideia inadequada determina um afeto que pode ser distinguido no depois, como marca de forma de desamor. Essa afecção preencher a potência de agir, que se encontra tão perfeita como pode estar embora perturbada em suas relações constitutivas, que persevera ao se reconfigurar na tangente da manutenção do bem-estar. Como o observador de si tem uma duração indeterminada, essa mudança na variação contínua de

existir, se conserva como marca que dura, numa certa intensidade, que distingue como diminuição da potência de agir, que Spinoza chama de tristeza;

Nota 1 - nesse movimento, observamos no modo de conviver no conversar uma experiência vivida na forma de desamor, como misturas de corpos, que conserva, mas deslocada do domínio de ações onde faz sentido. Abstrai-se um movimento que vai das emoções contraditórias, instantânea, em ato, que surge na forma de negação de si e dos outros, que retém a ideia explicação de afecção, que determina um afeto, sem a causa que o produz, mas que pode ser distinguido no depois.

Diagrama da afetação: emoção – afecção – afetos: sem sentimentos. Emoções que determina a afecção, que determina o afeto, que o observador não expressa, vive instantaneamente, não explica, vive em ato. Por isso, *sem sentimentos*;

Nota 2 - No depois da experiência vivida, na expressão ou produção de sentimentos, a distinção se faz no movimento inverso. A expressão dos sentimentos surge quando o observador de si volta sobre si mesmo, e distingue esse afeto (porque a emoção e afecção passou) como um *sentir que sente* que algo faz sofrer. Partindo dessa distinção de afeto, o observador de si passa a descrever, gerando a *experiência de afetos de afecção de emoção vivida* em domínios de ações onde faz sentido, que expressa sentimentos.

Nota 3 - os sentimentos fazem o movimento inverso da produção do afeto. Se a marca se produz das emoções *que se vive*, nas misturas de corpos de ideia afecções *que sente que faz sofrer*, onde surge um afeto que dura, um *sentir que sente* como diminuição de intensidade num mesmo grau de potência particular. No caminho inverso, o sentimento parte dessa marca, desse afeto do *sentir que sente*, que retém as imagens e ideia com que descreve o que *sente que faz sofrer*, para gerar uma explicação, que expressa sentimentos. Agora, surge um *sentir como sente* o que *sente que vive*. Por isso supomos que a distinção entre afeto, afecção e emoção, só ocorre a partir dos sentimentos. Antes não.

Diagrama dos sentimentos – Sentimentos – afetos - afecções – emoções – transformação a partir da linguagem- Parte do afeto que distingue, segue a afecção de imagens e ideia que descreve – gerando a explicação que compõe um mapa, que expressa sentimentos, tendo como recurso a mão todo o domínio da linguagem.

5.15. Afecções & Sentimentos



Toda pessoa é sempre as marcas de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. É tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense que está. Gonzaguinha

A questão é: *como as afecções participam de expressão dos sentimentos?* Inicialmente distinguimos emoção como domínio de ações, sem linguagem, instantânea, que se define por classe de conduta sem especificar uma conduta em espacial. Enquanto sentimentos supõe a linguagem, surge no depois, na apreciação do sentir o emocionar, de si e de outros. Aqui surge a primeira ideia noção de sentimentos:

) *Sentimentos como a explicação - de experiências de emoções vividas -*

Ocorre que passamos a incluir o conceito de afeto a partir dos comentadores de Spinoza, Chantal Jaquet e Gilles Deleuze, que nos mostra que afeto de tristeza diz da redução de potência de agir e diminuição na variação contínua de existir. Aqui surge a segunda noção de sentimentos:

) *Sentimento como explicação de experiências - de afetos - de emoções vividas;*

Mas os afetos são determinados por uma afecção, sendo afecção misturas de corpos, efeito de um corpo sobre outro, que se desconhece as causas, que o observador de si retém como ideia inadequada. Aqui surge a terceira noção de sentimentos:

) *Sentimentos como a explicação de experiências de afetos - de afecções - de emoções vividas;*

Como a afecção é uma ideia inadequada, que representa mais o efeito sem mostrar suas causas, a ideia se torna importante para a explicação de sentimentos. Aqui surge a quarta noção de sentimento:

) *Sentimentos como a explicação de experiências de afetos de - ideias - de afecções de emoções vividas;*

Ainda, passamos a ver que a ideia afecção, não poderia surgir ao observador de si, nem como abstração, ilusão, ideologia, interpretação, sem a linguagem. Não há como pensar ideia sem o domínio de relações onde faz esse e não aquele sentido. Mas, como a ideia surge da mente, como paixão, efeito de misturas de corpos, determinada externamente, do qual se ignora seu sentido, mas não se ignora as imagens e ideias que enquanto

afeto se retém, logo, mesmo não sabendo as causas, se tem um certo sentido para essa ideia que, até que se distinga, opera na ideia como explicação da afecção. Aqui surge a quinta noção de sentimentos:

) *Sentimento como a explicação de experiências de afetos de ideias – **explicação** - de afecções de emoções vividas;*

Por fim, incluído as noções do conversar, ampliamos ainda mais a noção de sentimentos:

) *Uma explicação no linguajar de uma experiência de intensidade diminuída, na variação contínua da potência de agir e força de existir, que dura como afeto, determinado por afecção de ideia inadequada como explicação de misturas e efeitos, em domínio de ações onde faz sentido, entrelaçado no fluir do emocionar, que expressa sentimentos do observador de si, no modo de conviver no conversar.*

5.16. **DESCRIÇÃO:** *Como se Faz Para Expressar & Produzir Sentimentos*



Há sempre o momento de pedir ajuda, de se abrir, de tentar sair do buraco. Mas, antes, é imprescindível passar por uma certa reclusão. Fechar-se em si, reconhecer a dor e aprender com ela. Enfrentá-la sem atuações. Deixar ela escapar pelo nariz, pelos olhos, deixar ela vaziar pelo corpo todo, sem pudores. Assim como protegemos nossa felicidade, temos também que proteger nossa infelicidade. Não há nada mais desgastante do que uma alegria forçada. Se você está infeliz, recolha-se, não suba ao palco. Disfarçar a dor é dor ainda maior. Martha Medeiros

Distinguimos, para efeito de estudos, movimentos entrelaçados. Esses movimentos se compõem numa ação particular de quem quer enfrentar o que o faz sofrer: envolve a disposição corporal, uma atitude reflexiva e a produção da explicação como meio de expressar e produzir sentimentos. Os pontos que seguem, são só sugestões abertas para pensar a prática de trabalhar com sentimentos. Não supõe nada em especial, não precisa ser sábio, ter formação especial, conhecimentos profundos, senão o desejo sincero de enfrentar o que faz sofrer por formas de desamor.

Regras básicas de enfrentamento ao que faz sofrer:

- J) *Assuma sua vida* – O que deseja e o que rejeita, o que acredita e o que considera ilusão, o que afirma e o que nega, o que pega e o que larga, o que tira e o que bota, o que aumenta e o que diminui, o que inclui e o que exclui, seja o que for, assuma, é parte de seu modo de viver, sentir, fazer, mesmo que apareça como determinado por outro ou outros. Agora é seu: dizer sim ou não a isso ou aquilo, é um empenho seu. Faça por você, com você. Não se minta. Não aceite a ilusão, embora ela à espreita a todo instante. Não de corda as justificativas, motivos, fundamentações que corroborem com o que faz sofrer. Sempre sabemos quando estamos nos enganando. Se isso surge, mesmo lá no fundo, não encubra, não se negue, mesmo que esteja errado ou seja o maior responsável, mesmo que seja vítima ou inocente, não importa, agora é um problema a ser considerado, não para ser resolvido. Não busque solução, saídas, respostas, mas compreenda e busque aprender. Não vai poder mudar o que aconteceu, mas pode não mais estar tão vulnerável e resistir ao que o determina por ignorar ou desconhecer. O empenho é conhecer e se conhecer nisso que faz sofrer;
- J) *Atitude ativa* – Não busque mudar os outros, nem espere que os outros mudem para você mudar. Desapegue de qualquer certeza ou verdade absoluta. A certeza e a verdade surgem quando nós nos consideramos vítimas ou inocentes e sempre temos o outro ou outros a quem condenar, julgar e sentenciar. Quando sentimos

que o suposto erro ou consideramos a nós mesmos como causa de algum sofrimento, nessa lógica, surge a infâmia da culpa. Troque a ideia afeto de culpa por responsabilização. Seja o que for que esteja vivendo, o modo como está vivendo, a responsabilidade é sua, tome sua vida nas mãos;

) *Certa consciência* - Não se culpe nem culpe ninguém, se responsabilize. Não se julgue ou julgue os outros, aceite. Não se condene ou condene os outros, aprenda. Não se sentencie ou busque vingança, se apazigue. Não se prenda ou prenda alguém ou alguma coisa, desapegue. Não invista em consertar, produza alternativas. Não remende o que tem, invente outra coisa. Não busque compensar, mude. Não recomece o mesmo de novo, inicie algo outro. Não se contenha, se expanda. Não tenha esperança do que possa vir, faça hoje. Não dependa do futuro, cria um presente;

) *Postura de corpo* - Tudo, seja o que for, é como é, desde o ponto de vista em que se distingue algo (você distingue assim ou assado). Tudo surge como se descreve (você narra conforme lhe ocorre e lhe surge na trama de ideias e imagens que conserva como lembrança de uma versão, um ponto de vista, que diz que isso foi ou é assim ou assado). Tudo assume uma totalidade, clara ou confusa, abstrata ou límpida, seja como for, tudo faz parte de uma maneira de gerar um explicar, que é só uma explicação e pode mudar;

) *Disposição de enfrentamento* – A disposição diz desse encontro de si consigo mesmo. Melhor seria ter a disposição de um jogo. Entre no jogo de enfrentar o que faz sofrer. Jogue suas cartas, arremesse seus dados, lance seus búzios, leia sua sorte, perceba seus azares, se afirme: conheça seus adversários em você mesmo. Marquemos essa ideia. Os sentimentos não são respostas, nem soluções, mas lances de dados. E só se conhece o lance se jogado. Quer dizer, é quando se tem o lance lançado, que se pode ou não começar a jogar. Como? Onde? Quando? Vai se compondo em recursividade no fluir das jogadas. Não tem um antes, outro depois, surgem juntos: lance e jogada, afeto distinguido, descrição de ideais e imagens e domínio de ações onde faz sentido. Os sentimentos não existem antes do lance dos dados, mas ao jogar os dados, surge um sistema de relações onde algo se expressa. Configuram maneiras de interações de um *sentir que sente, o que sente que faz sofrer*. Podemos fazer ‘n’ lances, e a cada vez será algo novo, mesmo que parece tudo se repetir. Portanto, não se trata de seu ser, de sua essência, mas um modo de fazer, uma maneira de jogar. Nossa dica é que entre no enfrentamento

ao que faz sofrer, como quem entra num jogo. Disponha-se a jogar. Lance seus dados, pergunte o que faz sofrer, sinta a jogada, perceba as correspondências nas linhas iniciais. Defina esse mapa, mesmo que parcial, você já se apropriou de um sentimento, não mais ignora, não mais desconhece o que faz sofrer. Tem um começo. Siga jogando, altere as configurações, reinvente as correlações, produza outros sentimentos;

) *Composição reflexiva* – Nada é em si ou por si mesmo. Tudo, seja o que for, algo, alguém, alguma coisa, surge na reflexão, na forma de trama de ideias e imagens, ocorre para nós em relação. Opere a distinção desse algo, não nos outros, nem pelos outros, mas algo de si, que lhe concerne, que diz respeito ao seu modo de *sentir que sente* que isso que distingue faz sofrer. Ainda não tem ideia nem imagem, sente um desconforto, um mal-estar, uma vertigem qualquer que vive em recorrência, que interfere no modo de fazer e de dizer. Assuma essa posição. Acolhe esse afeto. Descreva como lhe surge. Perceba o embate, a confusão, os conflitos que aparecem. Não selecione, os meios de seleção são impregnados pelo que nos faz sofrer, estão contaminados, agem em nós, ainda nos determinam. De outro modo: distinga um sentir do corpo que sente que faz sofrer. Distinga um *sentir que sente* que vive, mesmo sem ainda saber bem o que, como, onde, quando, mas que lhe é presente, tem a mão, surge no seu modo particular de conviver no conversar. Trata-se de algo concreto, que vive, que lhe ocorre no cotidiano e que diz algo sobre si mesmo. Trabalhe um afeto de cada vez. Descreva não com ideias gerais, intelectuais, conceituais, mas como lhe ocorre, onde lhe ocorre, quando lhe ocorre, na atitude afirmativa de vir aprender algo, e não a resolver problemas ou responder a questões. Trata-se do empenho de jogar um jogo em que jogando passa a conhecer o que está em jogo, sem buscar vencer ou temer perder, mas compreender o que ignora ou desconhece, disso que faz sofrer. Gere uma explicação;

) *Explicação* - Explicar é um fazer não uma maneira de ser. Explicar supõe distinguir e descrever e, assim, expressar um modo particular de agir. Você não é uma explicação. Você produz ou aceita uma explicação e assume como uma versão. Explicar não é justificar ou fundamentar nada para ninguém. É gerar um conhecimento (parcial, geral, confuso, tudo bem) do que o faz sofrer, no seu modo particular de conviver no conversar com outros na linguagem;

) *Sentimento como expressão* - O sentimento é um modo de fazer, não de ser. Um fazer que se expressa. O sentimento que se expressa não é o *sentir que sente*, esse é o afeto, seu estado dinâmico de existir, mas um modo de conhecer, um *sentir como sente*, gerado numa explicação. Os sentimentos são expressões de um modo de sentir do corpo. Seja como for, é uma versão, tão legítima quanto qualquer outra, mas talvez não tão desejada. A geração da explicação, expressa um sentimento que supõe deixar de desconhecer totalmente o que faz sofrer. Não se conhece tudo, mas, também, não se ignora tudo. Tem-se com a expressão de sentimentos, uma ideia com algum sentido, adequado ou não, não é o mais importante, porque sentimento não é um fim, nem um começo, mas um meio. Expressar sentimentos é um meio de sair do que ignoramos ou desconhecemos em relação ao que nos faz sofrer. Temos algo para começar a trabalhar;

) *Conduta afirmativa* - Lembre-se, o trabalho com sentimentos busca a compreensão, visa conhecer por meio da geração de uma explicação, algo do que nos faz sofrer, para poder dizer sim ou não, a essa explicação. Os sentimentos não são respostas nem soluções ao problema, mas como início de discernimento, como meio de apropriação de algo que o domina na ignorância e no desconhecimento, agora no presente, no cotidiano de seu modo particular de conviver no conversar. Esse trabalho com sentimentos, não mudará o passado, mas poderá não deixar que esse passado dirija o fluir de seu viver e conviver no presente, nem passe a obscurecer os diferentes caminhos que podem aparecer, ao mudar esse modo de *sentir que sente* que algo faz sofrer. Nossa sugestão é que busque esse meio, o *sentir como sente* o que sente que vive. Se aproprie de seus sentimentos, sem culpa, certezas ou razão, mas por responsabilização e uma certa compreensão de que seja o que for, pode não mais ser. Pode mudar a explicação de agir assim ou assado, diante disso ou daquilo. A princípio, se aproprie dessa habilidade de passar do *sentir que sente* para um *sentir como sente* e pratique. Saiba que irá vacilar, voltará a repetir, reincidir, mas no trabalho poderá aprender algo, poderá vir a se dar conta. Na continuidade do se dar conta de que agiu da mesma forma que resultou em algo que faz sofrer, poderá vir a antecipar as situações que o carrega para essa maneira de agir e poderá, com certo esforço, a aprender a dizer não. Não vai mais pagar o preço de certas maneiras de agir que resultam num modo que faz sofrer. Simplesmente porque não quer sofrer, não porque tenha alguma certeza ou verdade ou faça parte de alguma razão dada. É um cuidado com você por você, diante

do trabalho com sentimentos para enfrentar o que faz sofrer, no seu modo particular de conviver no conversar;

Tendo essas regras contingentes, passamos a descrever alguns passos, alternativos, também contingentes, de um modo de fazer que pode resultar na maneira de expressar sentimentos.

- J) *Ponto de partida* - Como atitude dinâmica de enfrentar o que faz sofrer, supomos uma ação de volta-se para uma relação comigo mesmo e distinguir algo de si e descrever por si mesmo. É importante que essa ação seja ativa, requer um esforço concreto para fazer surgir essa abertura do sentir-se. Convém estar o mais confortável possível, num domínio relacional de confiança e acolhimento;
- J) *Problema* - Cada um que vem ou compõe um espaço de conversação, implícita ou expletivamente, traz a mão essa pergunta: *que faz sofrer?* A pergunta diz de *algo de si mesmo* e é efetuada *por si mesmo*, a respeito *de si mesmo*. É uma abertura a reflexão: quando o observador de si se pergunta o que faz sofrer, já está inteiro no problema, pois, a questão diz de *algo de si mesmo*, uma experiência vivida na forma de desamor que afeta seu modo existir. Esse afeto, essa intensidade, será *distinguida*. É um começo do processo. E quem pergunta traz as condições de pensar o problema, isso se refere a *descrição* da experiência de desamor vivida *por si mesmo*, pelo observador de si, que conota os dramas de seu modo de conviver em domínios relacionais desde sua história de vida particular. E se o problema surge junto com as condições de compreensão do problema, o observador de si também tem os meios de gerar uma *explicação* que *expressa sentimentos*, como maneira de vir a conhecer o que faz sofrer e, assim, poder vir a criar saídas possíveis a *respeito de si mesmo*;
- J) *Temporalidade* – O observador de si parte do presente, no tempo zero, no instante e faz uma *distinção* de um afeto, salta no passado para compor uma *descrição* das afecções, e faz uma recursividade em relação ao presente, gerando uma *explicação*, que expressa sentimentos. No momento em que entra em cuidado, observador de si *distingue* e acolhe um afeto no presente, esse *sentir que sente* que algo faz sofrer. *Descreve* como experiência vivida no passado, onde conserva a trama de ideias e imagens em correspondência aos domínios relacionais onde faz sentido. Gerando no presente em ato uma *explicação* que *expressa sentimentos*.

-) *Observação 1.* É muito comum, em diferentes formas de tristeza, distinguir inten-
sidades, os afetos, mas não conseguir realizar a descrição, por isso não chega a
gerar uma explicação e, por conseguinte, não consegue expressar sentimentos.
Qualquer distinção de afeto, não pode ser escutado no modo geral, intelectual ou
mesmo usar do recurso da meditação, com o risco de se interpretar, opinar sobre
os afetos, que se preenche com representações de quem escuta. Nesse caso, os
afetos não se distinguem das emoções, o sentido das afecções são efeitos sem
causas, misturas confusas, e os sentimentos perdem seu poder de ação, se tornam
passivos e esvaziados de sua dinâmica própria de ser meio de expressar o que se
ignora ou o que se desconhece que faz sofrer;
-) *Um primeiro passo* – Procure se deixar fluir o mais espontaneamente possível.
Isso pode exigir um certo esforço. Perceba que não basta só estabelecer uma
queixa, mas a partir dessa queixa, deixar surgir os domínios relacionais em que
essa forma de desamor acontece e faz sentido. Trata-se de domínios relacionais
que, efetivamente, se vive no presente, como cotidiano do conviver no conversar
com outros, onde essa queixa ganha maior intensidade. Por exemplo: *sentir que*
sente desamor na forma de raiva, abandono, maus tratos, são afetos, são distinguí-
veis, mas para que possa descrever supõe que se especifique onde isso ocorre,
como isso ocorre, quando isso ocorre, o que remete a domínios relacionais que
pode ser em casa, no trabalho, na escola, na comunidade, mas seja o domínio que
for, o que está em questão e o fato de *sentir que sente* que está sendo violado, a
ponto de poder dizer: *aqui, nessa relação, vivo uma forma de desamor;*
-) *Expressar sentimentos* - esse supõe uma atitude ativa de distinguir uma marca
que se conserva, involuntariamente, como experiência vividas em formas de de-
samor. Faça a distinção de algo de si, do *sentir que sente*, um afeto. Por enquanto
só tem acesso a intensidades sem forma ou representação: sente-se ansiosa, irri-
tada, com medo, cansada, agressiva, mas até então ignora ou desconhece a causa
do que faz sofrer. Busque sentir o que sente. Descreva o que passa espontanea-
mente na mente. Surgem ideias e imagens numa certa trama. Passe a realizar as
correlações com os domínios de ações onde essa trama de ideias e imagens fazem
sentido. Isso vai gerar uma reflexão, parcial, confusa, mas suficiente para você
notar alguma coerência operacional que gera uma explicação, um curso de ima-
gens e ideias que aparecem numa sequência, não intencional, mas espontânea, que

pode ser descrita como uma coerência operacional (maneira de fazer) num domínio relacional (modos de interação) reflexiva, porque é uma explicação de experiência, *não a experiência*. É importante considerar que a explicação da experiência não se confunde com a experiência, são domínios disjuntos. A experiência é atual, vivida no instante em que acontece, como emoção, já a explicação dessa ou de qualquer outra experiência, vem depois da experiência ter ocorrido, mas que se conservou como marca, com certa intensidade que altera sua dinâmica corporal e seu modo de lidar, de relacionar e interagir, perturba seu modo de conviver no conversar em domínios relacionais com outros.

-) *Compreensão I* - É nesse sentido que entendemos que expressar sentimentos não é buscar respostas nem soluções, mas meio de produzir uma versão, um modo de se dispor num espaço a ser construído a cada vez que se coloca em cuidado. Isso pode levar vários momentos, mas chegará um ponto em que diante desses domínios relacionais poderá operar correlações, fazer correspondência, e se perguntar o que pode mudar? O que já está mudando? O que não dá mais para tolerar, suportar, aceitar? O que é preciso fazer, que atitude tomar, que ações são possíveis como caminhos para transformar a maneira como se encontra afetado nessa relação, dessa maneira, desde você mesmo, do seu modo particular?
-) *Emoção e ação* - a emoção se refere a domínios de ações, se conhece por classe de condutas, sem que se especifica uma ação em particular. Uma conduta se conhece como um movimento sensório motor sem sentido porque desvinculada do domínio relacional de emoção. Se desconhece, se ignora, não que uma afecção exista sem um domínio relacional onde faz sentido. Uma afecção não é algo em si nem por si mesmo, depende de um domínio relacional para vir a ser algo em relação. Entendemos como afecção, efeitos que não se sabe a causa, como conduta em que se desconhece o domínio relacional onde faz sentido. Uma afecção é uma ação (total ou parcial), quando a conduta afecção é associada a uma emoção, a um domínio relacional onde faz algum tipo de sentido (adequado ou não). Por isso se diz que a emoção, como dinâmica relacional, determina a ação, quer dizer, a afecção é um tipo de ação quando ganha sentido na emoção. Ou, a afecção é um efeito de misturas de corpos, de ação de um corpo sobre outro determinado, mas não distinguido, por uma emoção, já que essa define o sentido da conduta.
-) *Emoção e afeto* - a emoção se define por um processo dinâmico, instantâneo, em ato, que se descreve por uma classe de condutas limitadas. A emoção é extrínseca,

responde por um conjunto de ações possíveis, é atual e não dura. O afeto só se distingue da emoção, quando a experiência vivida muda intrinsecamente a variação contínua do existir do observador de si, que tem uma duração indeterminada, imprimindo uma marca que conserva de modo particular. Assim, a emoção diz de um domínio de ações extrínseco, instantânea, o afeto diz de uma marca intrínseca, que dura, mas ambos, emoção e afeto, supõe a linguagem. Ainda, não se trata da experiência de emoção de modo geral, de como *se vive* a emoção de odiar, temer, amar, perder, deixar, olhar, tocar, cheirar, sentir, mas a maneira como essa emoção marca, no modo particular de sentir do *observador de si*, que tem uma ontogenia, uma história, uma duração indeterminada, que se conserva intrinsecamente, enquanto afeto que se especifica assim e não assado. Esse afeto é o que se distingue, como intensidade do que faz sofrer. Surge num modo específico de como sente que odeia, como sente que teme, como sente que ama, como sente que perde, como sente que olha, como sente que toca. Aqui cabe reter: é a emoção, o domínio relacional que dá o sentido a afecção, que faz da conduta uma forma de ação, mesmo parcial, que marca, que afeta;

) *Afeto e distinção* – o observador de si inicia por distinguir um afeto, a marca que conserva de modo intrínseco e particular. Nota-se: dizer que se está sem desejo, sem apetite, sem prazer, que se sente desconfortável, tem insônia, que se percebe em tensão, que se encontra irritado, que sente medo, etc. conota afetos. São modos de *sentir que sente*, que *não* têm forma, nem surge por representação, mas por intensidade do sentir do corpo, como variação contínua no modo de existir para menos, já que faz sofrer. O que se distingue como afeto que faz sofrer, não é representável, é uma forma de vertigem, uma intensidade reduzida da potência de agir e força de existir;

) *Afecção e descrição* – as misturas de corpos, as ações de um corpo sobre o outro, são experiências vividas instantaneamente, em ato. Essas determinam um afeto, uma intensidade que se conserva no contínuo presente. A descrição da afecção surge no depois da experiência ter sido vivida, quando surge como trama entre ideias e imagens, que não são em si ou por si mesma, mas tem um primeiro sentido em domínios de ações de emoções vividas no passado, mas que conserva no presente como o que sente que vive. Aqui cabe reter: a afecção determina o afeto, embora o afeto não de reduza a afecção que o determina;

J) *Dinâmica I*: a emoção determina a afecção, o domínio relacional determina o sentido da ação. A afecção ação marca, assim, determina um modo de sentir particular, um afeto. Afecção determina o afeto. No processo de expressar sentimentos, parte-se do *sentir que sente* (afeto) de modo particular, a sua maneira, o que *sente que vive* (emoção), isso que *sente que faz sofrer* (afecção). Dessa atitude surge um *sentir como sente* na distinção do afeto, na descrição da afecção e na geração do mapa explicativo que expressa sentimentos. Já é um grande passo. Sem formulas ou modelos. Podemos realizar várias correspondências onde se cria, se produza ou mesmo se imagine outras correlações entre o *sentir que sente* e o domínio relacional onde faz sentido (emoções – afecções - desde um afeto particular).

Essas correlações gerativas são importantes. São explicações que expressão sentimentos ou diferentes maneiras de *sentir como sente*. Todas são legítimas, mas não igualmente desejáveis. Essas explicações de experiências vividas expressam *sentimentos* em relação a como você vive formas de desamor em tais e tais domínios relacionais. Depois que os sentimentos ganharem certos contornos, se terá um mapa, uma primeira expressão gerada nessa explicação. Além disso, para descrever essas marcas ou afetos, se tem todas as demais experiências vividas e tantas quantas pudermos criar na linguagem. De toda sorte, é um ponto de partida. Início de uma caminhada. Não tome nada por certo ou absoluto. Crie hipóteses. Pergunte-se: e se essas ideias do que me faz sofrer não forem como penso que são, se for de outra maneira, se tiver outros sentidos? Pode-se testar. Inventar, inclui outras possibilidades, outros domínios relacionais, experimente outros sentidos. Pergunte-se: desse outro ponto de vista, num outro domínio de relações, como sentiria a trama dessas ideias e imagens? Como me ressoa essa outra explicação do que me faz sofrer? Assuma o que sente que faz sentido, e se não pode mudar, se não pode rever, aceite, siga outro caminho. Não se apegue demais.

Temos um *sentir como sente*. Surgiu uma composição, onde se começa a trabalhar. Opera-se inventando novas correlações, criando outras correspondências, se produz outros sentimentos. Não se tem solução, mas, no mínimo, saímos de supostas certezas ou deixamos de ignorar a relação inicial do que fazia sofrer. Não buscamos respostas, mas descrevemos maneiras diferentes do *sentir que sente* até chegar a outros modos de explicar o *sentir como sente*, de modo que isso ou aquilo passe a fazer sofrer menos que antes. Não há magia. Você é seu parâmetro. Esse trabalho pode ajudar a compreender alguma coisa. Não é necessário fundamentar ou justificar nada. Não é preciso chegar as últimas consequências de nada. Nem tudo precisa de compreensão profunda. As vezes se muda e

nem se sabe exatamente como. Se sabe que estava compondo, criando caminhos, saindo, buscando. Não conclua nada. Mas conserve essa experiência como algo que produziu. Leve com parte do trabalho realizado até aqui.

A explicação não é uma resposta, mas uma dobra, uma versão, a produção de um mapa, onde se pode seguir linhas ou desviar, refazer ou transformar, compor ou decompor, reunir ou separar, depende do lance, do *sentir que sente*, que agora passa a *sentir como sente o que sente que vive*, no modo particular de conviver no conversar. Isso se tem a mão. *Não queremos descobrir a essência da vida, só sair desse modo de viver no conviver com outros, que conservamos em nós, e que nos faz sofrer.*

) *Dinâmica 2: expressar sentimento é esse movimento ativo de distinguir algo de si por si mesmo, no modo de descrição por imagens e ideias, na sequência em que ocorre, que surge espontaneamente, que aparecerá numa forma de coerência operacional-relacional reflexiva, que não tem modelo, mas gera uma expressão do sentir que sente o que sente que faz sofrer, no modo em que sente que vive, que passa a tecer um modo de sentir como sente, quando expressa sentimentos. Os sentimentos têm isso, se não se explicar não se expressa. O sentir que sente é afeto determinado pelo que sente que faz sofrer como afecção, que é determinado em ato no que sente que se vive enquanto emoção. O vivido é vivido, no instante em que ocorre, como ocorre, onde ocorre, quando ocorre, não se explica, se vive (emoção) e se sente que faz sofrer (afecção), essa se conserva como sentir que sente (afeto), sem saber ainda, como sente, por isso essa ideia age em você, o determina, faz seguir essa e não aquela direção, conduz a fazer essas escolhas e não outras. Até que você pare e diga: Opa! Como é mesmo que isso me determina?*

Outro passo. Esse supõe a recursividade no sentimento. O mapa surge a partir de um trabalho tateante inicial até ganhar uma forma por meio de distinção de composição e decomposição de relações, de ligações, onde surge um *sentir como sente o que sente que vive*, na expressão de sentimentos. Isso pode bastar, as afecções ganharam algum sentido possível de operar e mudar o suficiente para deixar de dominar um modo particular de *sentir que sente*, em sofrimento. Outro movimento: avançar sobre esse *sentir como sente*, distinguir na expressão de sentimentos, que antes era do afeto determinado por uma afecção de emoção vivida, mas, agora surge outra linha, noutra dinâmica relacional de si consigo mesmo, no qual pode passar a operar outras distinções, descrever outras descrições, explicará outras explicações, que não mais partem do que faz sofrer, mas de certo

conhecimento conservado do modo de *sentir como sente*, que recursivamente pode levar, em certas práticas, a *Sentir que Faz Como sente*, o que *sente vive*. Mas, **agora**, não só expressa, mas produz sentimentos. Uma imagem simples: “*Sinto que isso me cabe como uma luva...*”

Com isso retomemos os dois movimentos do fazer em relação ao sentir: do expressar sentimentos do que faz sofrer e o produzir sentimentos como algo novo. Partimos da emoção que nos remete a experiência vivida em ato, o *que sente que se vive*. A afecção é o que *sente que faz sofrer*, disso faz uma ideia que marca, embora não saiba quanto, mas pode reconhecer que diminui a potência de agir. Esse é o afeto, se diz que dura e se conserva porque o observador de si tem duração indeterminada, é um *sentir que sente*. O afeto que dura e conserva é o que se tem acesso no depois, como intensidade, não se sabe quanto, mas percebe-se que é menor, que diminuiu, quando nos colocamos em atenção e perguntamos sobre como conservamos isso que dura, que age em nós e que nos faz sofrer. Então, nossa hipótese: *distinguir algo de si por si mesmo*, supõe esse movimento ativo de voltar-se aos afetos, as marcas que *sente que dispõe* o corpo de certa maneira em domínio relacionais, que *sente que vive*, como recorrente em seu modo de conviver no conversar. Desde então, podemos passar a produzir um mapa das intensidades de afecções de emoção vividas, que dura enquanto afeto do *sentir que sente*, conservado num modo particular. Assim, voltar-se para si, é voltar a essa intensidade de *sentir que sente*, no modo cotidiano em que *sente que vive, que algo faz sofrer*. Afeto, afecção e emoção, no presente, mesmo que a emoção vivida possa ter ocorrido num longínquo passado.

São dois movimentos: um suposto no depois *que se vive* uma emoção, como domínio relacional onde ocorre uma ação que *sente que faz sofrer* como afecção, o que produz a marca no *sentir que sente* como afeto. Diagrama: *Emoção - afecção – afeto* (sem sentimentos). Essa intensidade para menos é o afeto vivido no presente, no instantâneo do tempo zero, esse concorre para se conservar porque resulta de experiência vividas em formas de desamor, é a esse afeto que retornamos no depois, quando buscamos ajuda para enfrentar o que faz sofrer. Nesse segundo momento, partimos do afeto do *sentir que sente*, que possibilita surgir a trama de ideias (afecções) e, ao ser distinguido, surge junto, o domínio relacional (emoções) onde faz sentido, na descrição das relações de composição e decomposição no mapa, na explicação de uma distinção de marca, que gera uma coerência operacional-relacional reflexiva, que expressa sentimentos, um *sentir como sente*. Diagrama: *afetos - afecção – emoções = Sentimentos*.

Com essa composição, podemos distinguir que os *sentimentos* surgem a partir de um fazer que supõe modos de *sentir que sente, o que sente que faz sofrer*, na maneira em que *sente que vive*, que se *expressa na explicação de experiência de afetos de afecções de emoções vividas*. Resulta de movimentos ativos de voltar-se para uma relação consigo mesmo e *distinguir algo de si e descreve por si mesmo*, gerando uma coerência operacional reflexiva, como expressão de sentimentos, onde passa a *sentir como sente o que sente que vive*. Podendo fazer recursão, explicando a explicação que traz a mão, para produzir sentimentos de sentimentos, que se expressão no *Sentir que faz como sente o que sente que vive*. Retomada, eventual, temporária, mas uma experiência vivida na harmonia do conviver no conversar, onde emoções, afecções e afetos são *indiscerníveis*, porque seu fluir em noções comuns, em relações de composição em conveniências na alegria da emoção de amar.

Tendo esses conceitos estruturais, passaremos a compor diagramas parciais entre tais noções, que pode servir para compreender a dinâmica do diagrama geral, em dois níveis, que se entrelaçam, embora não percam sua identidade sistêmica de reflexões em dois domínios disjuntos: o filosófico e o científico. Do ponto de vista ontológico, são congruentes no processo gerativo do fenômeno que se quer explicar: um modo de operar que se faz quando se quer expressar ou produzir sentimentos, enquanto modo de explicação de experiências de afetos de afecções de emoções vividas no modo particular de conviver no conversar.

5.17. Da Expressão à Produção de Sentimentos



A gente sofre muito: o que é preciso é sofrer bem, com discernimento, com classe, com serenidade de quem já é iniciado no sofrimento. Não para tirar dele uma compensação, mas um reflexo. Fernando Sabino

Nesse ponto, propomos uma síntese dos conceitos como modo operativo explicativo que expressa sentimentos e de como se produz sentimentos. No final, propomos um diagrama global, de como se faz para produzir sentimentos, nos dois domínios, que supomos, nesses pontos, em correlações congruentes: o conceitual filosófico e o explicativo científico.

Tais noções aludem ao que se supõe que faça parte da constituição do ser humano na linguagem, que desde a infância aprendemos sem esforço, nos domínios relacionais onde vivemos o que distinguimos, descrevemos e explicamos e, assim, expressamos sentimentos de experiências de afetos de afecção de emoções vividas, que constitui nossos mundos, nossas realidades, desde um modo particular de conviver no conversar.

5.17.1 Pressupostos



Dinâmica: a *capacidade de conhecer* é condição natural dos seres humanos, fruto da atitude afirmativa do *observador de si* numa *disposição corporal dinâmica* de cuidado e atenção consigo mesmo na emoção de amar, que distingue, no fluir do *emocionar* com o que traz a mão como domínios de ações, diante das contradições de forma de desamor, que geram conflitos, que descrevemos no *linguajar*, com trama de ideias e imagens do que faz nos sofrer, com a coerência operacional-relacional reflexiva da explicação, num espaço de conversação como *modo particular de conviver no conversar*.

-) *Capacidade de conhecer* – Condição histórica de recursividade de afazeres, do realizar, do operar, do relacionar, do habitar, do consensualizar, como parte cotidiana das práxis de viver como se vive na linguagem, no fluir contínuo do entrelaçamento do emocionar e linguajar, como *modo de conviver no conversar*;
-) *Observador de si* - diz da *disposição íntima*. Supomos a todo ser humano que tenha se feito a questão explícita ou implicitamente “*o que faz sofrer?*”, quando chega no espaço de conversação e passa a expressar ou produzir sentimentos. É quem distingue, descreve e explica expressando sentimentos, dentro de uma atitude ativa de enfrentamento às tristezas por formas de desamor.

-) *Configuração dinâmica da corporeidade* – supomos uma disposição corporal dinâmica de cuidado e atenção consigo mesmo, vivida desde a emoção de amar, já que busca apoio para enfrentar o que faz sofrer; (conatus, perseverar, autopoiese);
-) *Emocionar* - O observador de si, no fluir do viver, traz a mão junto ao que *distingue*, uma trama de domínios *relacionais de ações* em conflitos de experiência de afeto de emoções vividas em forma de desamor; aqui se define por classe de condutas limitadas (amar não se confunde com odiar, nem ajudar com desprezar, nem atenção com indiferença, nem acolhimento com negação), sem que seja necessário especificar uma conduta em particular – *esse ponto serve para distinguir emoção (domínio de ações) de afecção (ações realizadas)*;
-) *Lingüajar* - Recursividade sobre a ação conflitiva, na *descrição* de coordenação de coordenação consensual de ações de imagens-ideias (afecção), como movimento de correlacionar a ação como o domínio relacional onde faz sentido, na atitude de voltar-se para si mesmo e expressar por si mesmo o que faz sofrer – *aqui podemos fazer o contrário, distinguir afecção (ação) de emoção (domínio de ações)*;
-) *Viver e conviver no conversar* – O modo de *viver (biológico) e conviver* social humano, ocorrem na observação do fluxo do emocionar, aprendido com a maternagem desde criança na emoção de amar, que se amplia como a multiplicação de domínios relacionais onde surge o observador e o observar, onde ocorre a recursividade em coordenação de coordenação consensual de ações, como modo de lingüajar, que se entrelaçam no *conversar* como parte do processo de integração e amadurecimento do indivíduo em sua dimensão particular e social. Com o *conversar*, que supõe a recursividade do lingüajar sobre o emocionar, constata-se que a maneira com que *distingue, descreve e explica*, surgem numa coerência operacional-relacional que tem por base sua própria práxis de viver e conviver no conversar com outros na linguagem.

5.17.2 Trama do Vivido



Dinâmica – a *experiência* é o que se vive, no *que* ocorre, *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre uma emoção em correlação com afecção instantânea, que determina *o que faz sofrer* ao observador de si, que opera, no depois, a *distinção* de *algo de si* (afeto de experiência de emoção vivida), o que conota o modo de quem faz *a descrição por si mesmo*, por meio das outras experiências de emoções vividas, a partir de sua própria coerência operacional-relacional reflexiva da práxis de *viver*, onde gera a *explicação* que produz uma experiência de segunda ordem na linguagem, que expressa sentimentos do modo particular de conviver no conversar.

-) *Experiência vivida* - marca do irreversível, no tempo zero, a instantaneidade do contínuo presente - *que* ocorre, *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre;
-) *O que faz sofrer* – redução da força de existir e diminuição da potência de agir, por experiências vividas em forma de desamor. Surge como afeto na distinção de algo de si por si mesmo como o que faz sofrer no *modo de conviver no conversar*;
-) *Distinguir algo de si* – O observador de si parte de uma intensidade diminuída, enquanto redução de potência de agir e a força de existir, resultado de experiências vividas em formas de desamor, que retém no espaço psíquico, como *afeto intrínseco no modo particular*. Se distingue por um modo de *sentir* que o observador de si sente, um *sentir que sente* que *algo de si* o faz sofrer. Não é, necessariamente, consciente, e não surge, inicialmente, pela linguagem verbal. Uma imagem simples: no espaço de conversação, alguém ao distinguir um afeto vive, em ato, o que faz sofrer, onde se observa o corpo em vertigem, que chora, que treme e se contorce, sem descrever no linguajar formas de desamor, sem ainda ter gerado a explicação que expressa sentimentos. Pouco a pouco surge o palavreado. Na maioria das vezes, a *distinção do afeto* salta velozmente, sem se confundir com a *descrição das afecções*, maneira com que gera a *explicação* que expressa sentimentos *do modo particular de viver e conviver no conversar*;
-) *Por si mesmo* – Reporta-se a outras experiências vividas, como parte da história singular do observador de si. Refere-se ao modo particular de viver com outros na linguagem, onde surgem as condições de *descrição* em que gera a explicação, a partir da coerência operacional-relacional de suas práxis de conviver no conversar; por isso o observador de si é, ao mesmo tempo, quem coloca o problema

(distinção), o campo problemático (descrição) e as condições de transformação possível (explicação) que expressa sentimentos. Entendemos que esse processo dinâmico - *distinguir, descrever e explicar* -, expressa sentimentos como algo de si por si mesmo na linguagem;

) *Descrição* – A partir dessa marca de afeto distinguida intrinsecamente, surge a *descrição* da trama entre imagens e ideias afecções externas, em correlação aos domínios relacionais de emoções extrínsecos, que fazem sentido ao observador de si no seu modo de conviver no conversar;

) *Explicação* – Composição de processos espontâneos, num espaço de conversação em condições de consensualidade, onde distingue e descreve em correlações dinâmicas, um mapa que surge do fluxo de ideias e imagens, numa coerência operacional-relacional reflexiva, como explicação que expressa sentimentos, com a abertura para a recursividade sobre a experiência da explicação, maneira em que pode *produzir sentimentos* como *noções comuns*, que muda o modo de viver e conviver no conversar;

) *Sentimentos* – o que se expressa na explicação de experiências de afetos de afecções de emoções vividas, no modo partícula de viver e conviver no conversar.

5.17.3 Drama Existencial



Dinâmica – O *observador de si* é quem vive e sente o que vive, espontaneamente a cada instante, cada experiência vivida em ato. É quem surge com a atitude ativa de *enfrentamento ao que faz sofrer*, diante de conflitos e contradições no fluxo de seu *emocionar*. Descreve formas de desamor que expressa no *linguajar*, a trama de *afecções* do *que faz sofrer*, desde um *sentir que sente* como *afeto*, num modo particular de *conviver no conversar*. Sendo essa a maneira com que produz uma coerência operacional-relacional reflexiva ao *explicar* um *sentir como sente* ao expressar sentimentos. Podendo operar uma recursividade sobre a expressão de sentimentos, onde se distingue na distinção, se descreve outra descrição, e explica a explicação de algo outro, um novo, uma criação, um *Sentir que faz como sente*, *o que sente que vive*, uma *produção de sentimentos na linguagem*, que muda o *modo de conviver no conversar*.

-) *Observador de si* – O modo de *sentir* é biológico. Diz do que surge na *distinção de algo de si* que *descreve por si mesmo*, como *explicação* que *expressa sentimentos*, do modo de *conviver no conversar*; sua posição parte da intensidade diferencial de um afeto, que se coloca entre a imagem-ideia afecção e o domínio relacional onde faz sentido;
-) *Atitude de enfrentamento ao que faz sofrer* - O que faz sofrer não é negativo. É a capacidade de distinguir algo numa certa intensidade, um afeto de um *sentir que sente* que algo faz sofrer, não sabe quanto, mas supomos que menos, as vezes bem menos e lá, na diminuição, se conserva em movimentos as vezes menos e as vezes mais, mas essa variação continua do existir se faz numa linha de diminuição, por isso entendemos como tristeza (Spinozismo de Deleuze). A atitude de enfrentamento ocorre no processo dinâmico de distinguir, descrever e explicar, expressando sentimentos a partir dessa variação continua de existir, numa linha de diminuição de intensidade. Daí a questão levantada do *que faz sofrer*, não se coloca como problema negativo, mas afirmativo, já que supõe um desconforto ao qual se opera em resistência;
-) *Emocionar = o que se vive* – É o fluir nas emoções, supõe uma disposição corporal dinâmica que especifica domínios de ações possíveis. Diz da experiência vivida em ato, instantânea, no contínuo presente, apreendida na convivência coletiva

consensual – extrínseco ao corpo e interno a linguagem - *aqui podemos distinguir emoção de afeto*;

) *Linguajar = o que se expressa* – A recursividade sobre domínios linguísticos de primária ordem, compondo o domínio existencial próprio aos humanos, a partir de interações recorrentes e recursivas que alteram a disposição íntima para o encontro entre iguais, ampliando os domínios relacionais, onde surge a coordenação de coordenação consensual de ações e a semantização – o linguajar é extrínseco ao corpo, mas interno a linguagem – *aqui podemos distinguir afecção de afeto*;

) *Afecção = sente que faz sofrer* – Instantânea, imediata, externas, as afecções resultam de experiências vividas em ato. Dependem de circunstâncias onde se vive o fluir do emocionar no contínuo presente, que ocorre, *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre. As afecções decorrem de paixões vividas, como efeito de um corpo sobre o outro, de imagens de misturas confusas, de ideias inadequadas, das quais se desconhecem ou se ignoram as causas. Quando as afecções surgem na forma de negação, aparecem descoladas do domínio relacional onde fazem sentido. Remetem a modos de viver e conviver passivo do observador, que no depois pode descrever como o que faz sofrer. As afecções, quando se referem a formas de desamor, operam decompondo relações particulares, atuam na diminuição da potência de agir, de pensar e de conhecer, perturbam a variação contínua de existir, determinam tipos de afetos que causam a tristeza, que se conservam como parte do modo de conviver no conversar.

Nota 1 - Duas maneiras de lidar com as afecções – Ponto de partida: o sentido da afecção se associa ao observador de si, quando esse opera a correlação entre a trama entre imagens e ideias e o drama vivido em domínios relacionais de ações (emoção) em que fazem esse e não outro sentido. Se percebe a qualidade da reflexão na coerência operacional reflexiva da descrição e na maneira de gerar a explicação. O que se diferencia no modo de descrição da afecção é a inclusão ou não do *observador de si*. Se não há observador de si, se compromete a descrição de algo que faz sofrer. Se o observador explicar o que faz sofrer por uma coerência operacional-relacional em que se *exclui* da ideia que conserva de uma afecção, temos *sentimentos passivos*. Seria dizer que o observador distingue algo de si, mas não descreve nem explica por si mesmo, mas por outra coisa independente dele. Nessas condições, o que se entende por justificativa, interpretação, desígnios mís-

tico, julgamentos, culpas e desculpas, passam a funcionar como critérios de descrição e modos de gerar a explicações conformes, aparecendo como premissas básicas, como princípios transcendentais, dando a afecção um ser, uma essência, o que se reporta a algo em si. De toda sorte, a ideia de afecção do que faz sofrer diz de algo externo, mas não pode ser tratada no modo objetivista, como independente do observador. Isso porque tal modo de descrever passa a determinar maneiras de ver, de fazer, de perceber, de refletir, de decidir, de escolher, operando por analogias e similitudes, dependendo de modelos, assentando-se em cópias ou imitações. Esse modelo responde aos interesses do pensamento clássico, serve de parâmetro de validação das avaliações do ser do observador e não do *seu fazer*. Nessas condições, não surge o observador de si. Por outro lado, ao se viver a emoção como perturbação, se poderá distinguir e correlacionar a trama de ideias e imagens que se conserva como marca de afeto que corresponde ao *sentir que sente*, ao drama vivido em domínio de relacionais de ações (emoções) onde essa afecção faz sentido, no *modo particular de viver e conviver no conversar* do observador de si. No primeiro caso, na realidade objetiva e independente do observador, os sentimentos são passivos porque excluem o observador, separam-no de si mesmo, modo como passam a expressar por meio de representações, opiniões, interpretações e julgamentos. No segundo caso, a expressão de sentimento é ativa, em função do observador de si realizar a distinção, descrição e explicação de algo de si por si, a respeito de si mesmo – *afecção é externa, não transcendental, mas interna a linguagem*;

-) *Afeto = sentir que sente* – Modulação para mais ou para menos na variação contínua do existir, enquanto intensidade num grau de potência singular, que se conserva porque o observador de si se define como duração indeterminada no existir, num modo particular – *afeto é intrínseco e interior a linguagem*;
-) *Conversar = sentir que se expressa* - Coerência operacional-relacional reflexiva – surge do entrelaçamento de emocionar com o linguajar - que expressam afetos (intensidades) de afecções (imagens e ideias) em correlação ao domínio relacional (emoção) onde a ação faz sentido. Trata-se da explicação da experiência na linguagem, que pode mudar. Se produz no presente vivido, instantâneo, em ato de conversar, de compor consensualidade, mas que se conserva como experiência de

explicação, como modo de conhecer, de aprender, de expressar e produzir sentimentos, maneira de trabalhar com ideia de noções comuns, de criar, inventar realidades na linguagem;

-) *Expressar Sentimentos = sentir como sente* - Explicação de experiência de afeto de afecção de emoção vivida, no modo particular de conviver no conversar;
-) *Produção de Sentimentos = sentir que faz como sente* - Recursividade sobre a distinção, operando descrição de descrições e explicação das explicações, criando, inventando outras variações, produzindo sentimentos a partir de outras consensualidades, outros rearranjos na dinâmica estrutural do emocionar, em interações recorrentes e recíprocas na composição de linguajar, trabalhando em torno de noções comuns, fazendo surgir novas realidades a partir da linguagem, que pode contribuir para mudar o observador de si, *no modo particular no viver e conviver no conversar*;

5.17.4 INTENSIDADE: *variação contínua do existir*



Dinâmica – O *viver* da emoção *se vivi*, instantaneamente, um *sentir* biológico de sensações, que *sente* afecções em ato, que conserva como afeto, que pode distinguir no depois, como *sentir que sente*, quando passa a explicar um *sentir como sente*, maneira como produz sentimentos: *um sentir que faz como sente*.

-) *Viver = emoção* - Diz da maneira de como *se vive* em domínio de ações em ato, no *que* ocorre, *como* ocorre, *onde* ocorre, *quando* ocorre – instantâneo, extrínseco, mas interior a linguagem;
-) *Sentir = biológico* - O desejo, o conatus, a perseverança, que na tristeza surge como resistência ao que faz sofrer por formas de desamor, no *modo de conviver no conversar* – *intrínseco e interno*, mas não se limita a linguagem;
-) *Sente que faz sofrer = afecções* – Imagens e ideias de efeitos ou misturas de corpos, que corresponde ao que faz sofrer, *que* ocorre, *como* ocorre, *onde* ocorre e *quando* ocorre – diz da experiência instantânea, externas, que marca, mas interior a linguagem;
-) *Sentir que sente = afeto* – Diz das marcas que modulam a variação contínua da potência de agir e força de existir, no modo particular de conviver no conversar – *intrínseco e interior a linguagem*;
-) *Sentir como sente = expressão de sentimentos* - Gerado na explicação, que descreve o que distingue, como afetos de formas de desamor – *íntimo e interior a linguagem*;
-) *Sentir que faz como sente = produção de sentimentos* – Diz da recursividade nos sentimentos. Surge a partir da distinção de distinção, de descrição de descrição e explicação da explicação, sem referência ao que faz sofrer, resulta de algo outro, um novo, a criação, a invenção, a produção de outras realidades na linguagem;
-) *Conviver* – condição estrutural de seres sociais que nos constitui como modo de viver na tangente a harmonia e bem-estar, no prazer de estar junto, sensualizar, cuidar dos filhos, e tantas outras maneiras de coordenar ações consensuais com outros, com base na emoção de amar, que se conserva até hoje nos modos de linguajar, como prática de conviver na linguagem;

-) *Conversar* – entrelaçamento do emocionar com o linguajar, no domínio do comum do conviver em consensualidade na linguagem;
-) *Expressar Sentimentos* – um modo de conhecer, de expressar um *sentir como sente*, no *sentir que sente* (afeto), que sente que vive (emoção), por sensações determinadas por afecções *que sente* que algo faz sofrer. Sentimentos: *um sentir como sente, que sente... que algo...*
-) *Produção de Sentimentos* – recursividade sobre o sentimento pela linguagem, quando algo novo aparece no modo de conviver no conversar, o que se inventa cria, produz, mas que não tem sentido no domínio relacional do desamor, mas em outra coisa. Produção de sentimentos: *Um Sentir que Faz Como Sente, no sentir que sente*, em harmonia *com o que sente que vive*.

5.18. Diagrama & Sentimentos

COSMOLOGIA – CAOS – NATUREZA – IMANÊNCIA				
Spinozismos - Chantal Jaquet e Gilles Deleuze				
ATRIBUTO PENSAMENTO		Diferença de Natureza	ATRIBUTO EXTENSÃO	
Modo de pensar		Simultaneidade	Ritmo de movimento e repouso	
Intensidade		Grau de Potência	Composição e Decomposição	
Intrínseco		Distinção	Extrínseco	
Multiplicidades indivisível		Modo de Viver e Sentir	Multiplicidades divisível	
Afeto		Determinação da	Afecções	
Síntese do instante		Espaço Psíquico	Síntese do tempo	
Afetar		Agir ou Padecer	Ser afetado	
Enunciado		Modo de Pensar e Agir	Experiências vividas	
Ideia		Correlações	Imagem	
Causa total	<i>Causa parcial</i>	Potência de Agir	Ações	<i>Paixões</i>
Adequado	<i>Inadequado</i>	Potência de Pensar	Ativo	<i>Passivo</i>
Alegria	<i>Tristeza</i>	Intensidade de Viver	Aumento	<i>Diminuição</i>
Expressão de Sentimentos na Explicação de Experiência de Afetos de Afecções Vividas				
Mental		Noções Comuns	Corporeidade	
Invenção-Experimentação		Transformação-Criação	Mudança no Modo de Agir	
Produção de Vida		Imantação das Fugas - CsO	Produção de Realidade	
Involução		Devir	Deriva	
PRODUÇÃO DE SENTIMENTOS E TRANSFORMAÇÃO NO MODO DE VIDA				
<i>Modo Existente... Duração Indeterminada...</i>				
COSMOLOGIA – CAOS – NATUREZA - IMANÊNCIA				
<i>Interações recíprocas</i>				
HUMBERTO MATURANA				
LINGUAGEM - ONTOLOGIA CONSTITUTIVA				
EMOÇÃO		ESPAÇO PSÍQUICO	LINGUAGEM	
Determinismo estrutural		Entrelaçamento	Acoplamento social	
Amar constitutivo		Conhecer o amor	Amante em deriva	
Dinâmica relacional		Recursividade	Coordenação de coordenação	
Fluxo do emocionar		Conviver no conversar	Fluir no Linguajar	
O que ocorre, como ocorre		Experiência Viva	Onde ocorre, quando ocorre,	
Como se vive (sofrimento)		Observador de si	Formas de desamor	
Modo de fazer		Atitude	Consensualidade nas Ações	
Algo de si mesmo		O que faz sofrer	Por si mesmo	
Sentir que sente		Afeto	Distinguir	
O que sente que faz sofrer		Condutas/ações	Descrever	
Como sente		Expressar sentimento	Explicar	
Expressão de Sentimentos na Explicação de Experiência de Afetos de Afecções de Emoções Vividas				
Expressão de sentimentos		Recursividade	No modo de conviver no conversar	
Distinguir na distinção		Do sentir que sente (<i>afeto</i>)	E descrever outra descrição	
Explicar essa outra distinção		Do sentir como sente (<i>Sentimento</i>)	Explicar a explicação	
Sentir que faz como sente		Criação do novo	Geração de outras realidades	
SENTIMENTOS: PRODUÇÃO DE REALIDADE NA LINGUAGEM				
Conhecer é fazer...				
O contínuo a suceder... Tempo Zero...				
LINGUAGEM - ONTOLOGIA CONSTITUTIVA				

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos de problemas no processo histórico da saúde no Brasil, onde se resenhou duas posturas divergentes, mas ambas dependentes de modelos capitalista burocrático, que teve consequências na maneira em que se ofertava quantidade e qualidade de serviços oferecido, bem como, as condições de acesso da população, o que possibilitou distinguir *como, onde e quando* as condutas instituídas se mostravam desvinculadas de condutas ética. Avançamos até o surgimento da Atenção Primária em Saúde, que se tornou no modelo de expansão do SUS, tendo como referência a saúde e não a doença, o cuidado e não só medicalização, a participação e não a segmentação, a horizontalidade e não a hierarquia, as ações compartilhadas por multiprofissionais e não só por especialistas.

Com a formação dos Agentes Comunitário de Saúde, surge as equipes de saúde da família com o apoio do Nasf, tendo como operador relacional e estratégico o matriciamento, que trabalham em território adscrito por Clínicas da Família, onde assume outro modo de gerenciamento e inclusão do usuário na reflexão e tomada de decisão quanto ao curso dos problemas de cuidado e atenção à saúde de indivíduos e famílias na comunidade. Nesse contexto, surge a atividade em saúde mental desde o Nasf, como apoio no cuidado compartilhado a indivíduos, famílias e grupos, onde ocorre a prática de trabalho de atendimento a situação de sofrimento por formas de desamor. Trata-se de um espaço de conversação, onde distinguimos Sentimentos como objeto de pesquisa e estudos dessa tese.

Partimos de uma abstração para acessar os Sentimentos, em situações em que se entra em conversação sobre alguma forma de desamor. Trata-se de um estado de tristeza persistente, que abstraímos numa questão que pode aparecer explícita ou implicitamente: “*O que faz sofrer?*”. Não se trata de buscar respostas, pois, entendemos que *o que faz sofrer*, diz de um modo de enfrentamento do *sentir que sente* formas de desamor, do *modo particular de conviver no conviver* com outros na linguagem.

Dentro desse quadro reflexivo, vamos retomar três sínteses e duas notas para compor um contexto onde se realizará uma apreciação de dois níveis de coerência operacional-relacional reflexiva da explicação, para fechar com a questão de *como se faz* para *expressa sentimento* e como se pode *inferir no como se faz para produzir sentimento*, que se refere ao modo de operar em recursivamente:

- a) **Determinismo estrutural** – *autopoiético invariante* - corresponde a um modo, um feitio, uma maneira de constituição de linhagem, como animais, mamíferos, humanos etc. Diz do domínio de existência biológico, fisiológico, anatômico, no

qual há *correlação interna* na autoprodução entre os componentes moleculares e manutenção da organização constitutiva, com a conservação da dinâmica que constitui a unidade composta autônoma independente;

- b) **Acoplamento estrutural** - *adaptação invariante* – aqui supõe a unidade composta, como totalidade e sua relação com o meio. Meio que para nós seres humanos é a linguagem (C^2), que nos contém e no qual nos nós realizamos. Domínio das condutas, onde surge o nicho, o espaço psíquico. Há congruência e harmonia em torno da emoção de amar, do bem-estar entre indivíduos como totalidade e meio em adaptação – o ser vivo se compõe em relações correspondentes e afirmativa da autopoiese, da autoprodução e supõe, pela deriva histórica, uma natureza acolhedora, onde integrará e amadurecerá no seio de uma maternagem suficientemente boa;

J) Nota 1: organismo e meio são domínios existências disjuntos, ambos se encontram em *variações contínuas e independentes* que não se determinam, mas modulam-se, tendo como critério a conservação da autopoiese e a harmonia na adaptação – aqui surge o *domínio relacional consensual primária da emoção de amar*; integração do modo de conviver em harmonia com o meio, em experiências vividas em interações com as circunstâncias que operam, simultaneamente, na constituição do grupo social e na ampliação das capacidades individuais;

- c) **Acoplamento social** – *interações recorrentes em coontogênica* – surgimento da linguagem com a multiplicação dos *domínios relacionais consensuais*, operando a recursividade do *emocionar* (fluir nas emoções) sobre os domínios linguísticos, que possibilita o *linguajar* (fluir na linguagem) na coordenação **de** coordenação consensuais de ações, que no entrelaçamento histórico de mais de 3.8 milhões de anos, passa a compor essa unidade de terceira ordem o *conversar*, que envolve o domínio de existência (C^2) específico aos seres humanos, que tem como espaço psíquico de base a emoção de amar e a linguagem como meio de compor e de se transformar o modo de conviver no conversar;

J) Nota 2: Com a multiplicação de domínios relacionais consensuais e o surgimento da multidimensionalidade dos domínios de coerência existencial, ocorre a ampliações dos *modos de emocionar* e a expansão das *maneiras de linguajar*, na formação da unidade de terceira ordem, o *conversar*, num entrelaçamento recursivo no devir histórico da deriva evolutiva, compondo esse colossal multiverso da lin-

guagem humana, com o qual compomos os multimundos, as realidades que conservamos nas nossas práxis de viver. No trabalho com sentimentos dispomos da linguagem como recurso, essa multiplicação da pluralidade de domínios de realidades que constitui a trama de nossa identidade composta e complexa, resultado das regularidades e coerência operacional-relacional do viver particular, em interações recorrentes e recursivas do *modo de conviver no conversar* consensual entre seres humanos.

Seguindo a coerência reflexiva, passamos a compreender a consensualidade do fluir do emocionar para depois ligar no entrelaçamento histórico como o linguajar, que nos colocou diante do *conversar*, como meio em que ocorre as modulações de nosso espaço psíquico, por interações recorrentes e recursivas de experiências vividas na linguagem. Lembremos que as condições para surgir a linguagem se deu por gestos e proximidade, onde surge a disposição íntima de bem-estar no conviver juntos de um pequeno grupo de indivíduos, sem linguagem verbal. Essa maneira de conviver e se relacionar, nós vimos como *emoção de amar*, surgida em encontros recorrentes que possibilitou operar a recursividade sobre domínios linguístico, compondo esse outro domínio de existência (C²), a linguagem que nos contem e no qual nós nos realizamos enquanto o modo de vida dos seres humanos.

Historicamente o linguajar surge em função de um modo de fluir nas emoções, num emocionar. Por isso, o *emocionar* refere-se ao fluir em domínios relacionais consensuais de emoções, que não se confunde com o *linguajar*, que são modos de coordenação de coordenação consensual de ações. O entrelaçamento surge no processo histórico, ampliando a multidimensionalidade social e as capacidades individuais, no *conversar*. O *conversar* resulta do entrelaçamento do linguajar com o emocionar, como parte do fenômeno social, que se constitui no processo histórico da deriva evolutiva, no acoplamento estrutural entre indivíduos e meio, num grupo social, por isso incluímos o *conviver*. Desde então, o indivíduo, o observador de si, passou a ser considerado por sua especificidade de *modo de viver e conviver no conversar*.

Topologicamente, na formação da unidade composta autônoma de um indivíduo, temos uma rede formando uma dinâmica sistêmica molecular, que compõe uma organização, em torno de relações constitutivas que definem uma identidade de classe, que são invariantes, não mudam. Mas, os componentes e as relações entre componentes dessa organização podem mudar. São as estruturas plásticas que existem em variação contínua.

Lembremos que os componentes e as relações entre componentes se reportam a organização. Suas transformações respondem a *manutenção da autopoiese*, determinada por suas relações constitutivas, por isso Maturana nos mostra que é o sistema dinâmico molecular que define quais perturbações que aceita e quais não. Nesse sentido, não há interferência externa instrutiva, pois, isso acarretaria na decomposição de relações e a unidade sistêmica morreria. Mas, nos atemos ao fato de que a unidade sistêmica se encontra em variação contínua, que responde a manutenção das relações constitutiva de sua organização, que são suas estruturas plásticas que se transformam e que podem mudar.

Mais um passo. O sistema-indivíduo e o meio, se encontram em variação contínua, cada um segundo seu devir na deriva evolutiva, onde são *independentes*. Mas, quando certas interações com o meio se estabilizam, por recorrência e coerência operacional no fluir espontâneo do *conviver*, formam-se domínios relacionais onde indivíduos entre si e meio são *dependentes*. Lembrando que no acoplamento social, indivíduo como totalidade e meio, há coerência e congruência nas relações e interações, que chamam de adaptação. Aqui surge o nicho, o espaço psíquico, o entorno mais próximo, que caracteriza o modo como cada *indivíduo em particular* vive, habita os domínios relacionais consensuais de emoções, como modo de conviver no conversar. Trata-se de uma “*configuração dinâmica da corporeidade que, em cada instante, especifica que condutas relacionais lhe são possíveis ao animal, mostra que as circunstâncias relacionais que o animal vive é o que determina que conduta, de feito, surge com ele desde sua dinâmica corporal*” (Maturana e Block, 2009, p. 99).

O fluir nas emoções no modo de relacionar, de agir, de se conduzir, configura um modo operacional de *conviver no conversar*, que descreve o emocionar entrelaçado no linguajar, que é um modo de habitar um domínio consensual. Todo viver supõe a emoção como fundamento, que configura, de momento a momento, os domínios consensuais do conviver. Fluir do emocionar que, por recursividade deu condições para ocorrer a linguagem, que possibilita o surgimento do *observador e da observação*, na coordenação **de** coordenação consensual de ações, o *linguajar* como modo de *distinguir*. Na linguagem, o observador passa observar seu modo de operar relacional por meio de sua corporeidade, ampliando os domínios de distinção onde surgem os objetos, dando curso a multiplicação de domínios relacionais, o aparecimento de outras emoções, ligadas ao fenômeno social humano. Notemos que estamos falando da origem da linguagem, da diferenciação da linguagem humana, mas tais condições são as mesmas para os surgimento de cada nova criança, que precisa do cuidados na maternagem, em torno do toque, do olhar, de gestos

e proximidades na atenção, no carinho, que corresponde a emoção de amar, para, aos poucos, ir se dando a integração e o amadurecimento emocional, até surgir a recursividade onde passa linguajar e a entrar no mundo do palavreado, nessa caminhada vai compondo a imagem de si e das coisas.

Surge o domínio dos afetos como variação contínua do existir, intrínseco, e as afecções como algo extrínseco, como a trama de ideias e imagens em correspondência a um domínio de ações onde faz sentido. Situamos o domínio íntimo do observador de si no seu modo de conviver no conversar particular, onde se opera a distinção do que faz sofrer, seguido da descrição dessa experiência vivida, maneira como gera um mapa explicativo que expressa sentimentos. Por fim, pode-se realizar uma recursividade nessa explicação do *sentir como sente*, gerando outras explicações, sem referências as formas de desamor, onde pode passar a *sentir que faz como sente*, chegando a ideia de produção de sentimento na linguagem.

Como partimos do suposto que o sentimento não tem uma essência fundante, nem sofre determinação externa e independente do observador de si, entendemos que tais condições nos possibilitam dizer que o sentimento se expressa e que se pode até produzir. A questão deixou de distinguir a diferença entre emoções, afetos & sentimentos, para pensar *como se faz*, como se opera para chegar a expressar e produzir sentimento?

) **Como se faz?**

- a) *Como se faz para distinguir sentimentos?* Supõe um voltar para si, no domínio de relações consigo mesmo e *distinguir algo de si*, (uma experiência de desamor) e *descrever por si mesmo* com outras experiências vividas na linguagem e, assim, gerar um coerência operacional-relacional reflexiva como explicação que expressa sentimentos;
- b) *Como se faz para descreve sentimento?* Como modo do conviver no conversar que produz realidade na linguagem, o observador de si se coloca entre a *afecção* do que faz sofrer, imagem e ideias, e faz as correlações com o domínio de ações onde o distinguido faz sentido. De outro modo: a distinção da experiência vivida na forma de desamor, é algo que o observador de si traz a mão, no modo particular, que passa a *descrever por si mesmo*, fazendo as correlações entre ideias afecções e outras experiências vividas, em que o distinguido faz sentido;
- c) *Como se faz para explicar e expressar sentimento?* A partir da *distinção* de algo que faz sofrer por formas de desamor, se gera espontaneamente, seja qual for, uma

descrição que surge numa coerência operacional-relacional reflexiva na linguagem, do *sentir que sente*, *afeto*, que gera uma *explicação*, que possibilita algum conhecer, um *sentir como sente* o que *sente que faz sofrer*, como o que *sente que vive como emoção*, de onde decorre um mapa que expressa *sentimento*, a partir da *explicação de experiência de afeto de afecção de emoção vivida, no modo particular de conviver no conversar*;

- d) *Como se faz para sentir sentimentos?* Parte do *sentir que sente* (afeto), *que sente que algo faz sofrer* (afecção), *no que sente que vive* (emoções), distingue, descreve e explica, onde surge um *sentir como sente* sentimentos no modo particular de conviver no conversar;
- e) *Como faz para produzir sentimentos?* Operar uma recursividade, criar um processo histórico de deriva ou devir de um afeto que entra no linguajar, entrelaçado com o emocionar, do modo de conviver no conversar, que passa a distinguir na distinção, descreve outra descrição e explicar a explicação, onde passa a criar algo novo, inventar a partir de um *sentir como sente* a um *Sentir que Faz como sente* o que *sente que vive*, que não mais só expressa, mas produz sentimentos ou realidade na linguagem, que muda o *modo de conviver no conversar, de maneira particular*.

Então, sentimentos podem se expressar: Um *sentir que sente* (afeto), *que sente que sofre* (afecção), *o que sente que vive* (emoção), ao gerar uma explicação, expressa sentimentos, onde algo muda, surge um *Sentir como sente, o que sente que vive, no modo de conviver no conversar*. Recursivamente, opera-se sobre os sentimentos no *Sentir como sente* explicando a explicação, onde o novo surge, que não se reporta a formas de desamor, onde algo muda, passa a *sentir que faz como sente, o que sente que vive, no modo particular de conviver no conversar*. Desde então, sentimentos se expressam e até se pode produzir como outra realidade na linguagem.

Excesso. Pois é, então, qual que é disso aí?

Chegamos ao fim de uma longa jornada. Partimos dessas reflexões onde a proposta não é revelar um ser dos sentimentos, mas distinguir, descrever e explicar um modo de fazer. Fica aquela pontinha de dúvida: é possível expressar e mesmo produzir sentimentos, ou isso é só uma abstração que concatena abstrações? De fato, a resposta surge ao experimentar.

Tente se colocar em questão, distinguir um problema que lhe concerne, que lhe diga respeito, mesmo que não saiba bem, que só sinta que ele lhe surge diminuindo sua força de existir, sua potência de agir. Situe-se nele, disponha a sua mão. Parece-nos que aos poucos imagens e ideias vão surgir. Não selecione, a maquininha funciona melhor na espontaneidade. Tendo essas imagens e ideia afecções, devem surgir juntos domínios de ações onde fazem sentido. Busques descrever. Se não surgir os domínios, experimente correlacionar a domínios relacionais que lhe ocorre, vai tateado, aqui, ali, lá, até que, supomos, poderá achar correlações entre a ideia e certos domínios. Se não surgir, isso não te faz sofrer. Busque outra intensidade. O critério é seu, tome o bem-estar ou mal-estar como parâmetros. Pode ocorrer de surgirem correlações rápidas e diretas ou estendidas, delongadas, vagas ou confusas, não importa. O critério de seguir ou trocar de intensidade é seu. O ponto base de encontro é seu *Sentir que sente*. Se seu *Sentir não sente*, não invente. Faça outra coisa. Mas se *sentir que sente* que *algo faz sofrer*, que algo lhe afeta, as relações que correspondem a esse afeto devem surgir.

Bem, supondo que já tenha encontrado uma intensidade no seu *Sentir que sente* (afeto), e surgiram as imagens e ideias do *que sente* que faz sofrer (afecção), passe a correlacionar com o domínio de ações (emoções). Você acaba de construir um mapa, surgiu uma explicação, um *Sentir como sente*. Tem sentimentos. Algo mudou. Não está mais tão ignorante em relação ao que te faz sofrer. Não é uma resposta, nem solução, mas uma explicação. Lembre-se: não existe realidade que não seja uma explicação. Toda explicação é tão legítima quanto outra, só que algumas não são desejadas. Não existe verdade que não seja uma explicação. Tem que iniciar a se desapegar, ou forçar para que essa imagem-ideia se desapegue de você.

Supomos que seja muito difícil, que seja muito dolorosa, e que produza um medo muito grande. Não busque uma realidade última, uma verdade última, e tenha a questão

aberta de se auto questionar: você quer enfrentar o que faz sofrer? Ou tem outras coisas nisso que faz sofrer que você tira algum proveito e daí passa a dizer que é difícil, complicado, impossível. Não tem critério de verdade, falso, correto, certo ou errado. Seu *sentir que sente* é o que você tem como ferramenta para iniciar a trabalhar. O bem-estar, a retomada da autonomia, a recomposição de harmonia no seu modo de conviver no conversar, isso são seus parâmetros.

Se essa intensidade se mostrar muito dura. Não tem problema. Pega outra. Pode mudar? Sim! Pode-se voltar atrás e retomar na outra intensidade que havia deixado para lá, mas agora acha que pode avançar? Sim! A sinceridade consigo mesmo é uma prática, não um dom divino, nem um assunto de caráter. Você tem o *Sentir que sente*. Sente que faz sofrer? *Como sente, o que sente que vive?* Não sabe? Começa de novo...

Caso venha a chegar a conhecer, você passou do *Sentir que sente*, o que *sente* que algo faz sofrer, para um *Sentir como sente* o que *sente que vive*. Antes, não sabia o que *sente que vive* (emoções), mas só o *que sente* que faz sofrer (afecções). Agora, mudou. Não mais ignora, não lhe está de todo desconhecido, você já pode dizer algo do *que sente*, por um *Sentir como sente* (sentimentos). Muitos sofrimentos se diluem por aí. Não precisa ir mais longe. A coisa pode ser muito simples: Ahhh! Era isso? Está bom, dizer sim ou não!

Mas pode ocorrer que você sinta algo feliz em sair da ignorância do *que sente*, para *sentir como sente o que se vive*. Você pode vir a descobrir que *sentir como sente o que se vive* não produz contradição, não surge de conflitos. Pode querer partir não de algo que faz sofrer, mas de algo que surgiu, sei lá o que, você vai saber, é seu modo de conviver no conversar. Bem, se isso ocorrer, perceba que agora parte do *Sentir como sente o que se vive*, nesse modo de sentir, passe a operar uma recursividade, faça história disso que distingue, crie, invente. Mas aqui o trabalho é sem finalidade, sem propósito, sem motivos, a não ser um *Sentir que faz como sente o que sente que vive*. Uma harmonia do instante, no presente, como presente que cada um pode se dar. Um novo surgiu....

Mas, será que isso funciona mesmo? Não sei.... Experimente...

BIBLIOGRAFIA

-) CAMPOS, Carlos Eduardo Aguilera. As origens da rede de serviços de atenção básica no Brasil: o Sistema Distrital de Administração Sanitária. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.877-906, jul. -set. 2007
-) CAMPOS GWS, DOMITTI AC. Apoio matricial e equipe de referência: *uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23(2):399-407, fev., 2007.
-) CADERNO DE ATENÇÃO BÁSICA – Diretrizes do NASF - Série A. Normas e Manuais Técnicos. Cadernos de Atenção Básica, n. 27 - MINISTÉRIO DA SAÚDE Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica e Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Esplanada dos Ministérios, Bloco G, Edifício-Sede, 6º andar. <http://www.saude.gov.br/bvs>;
-) DELEUZE, Gilles. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
-) _____. *Lógica do sentido*. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
-) _____. *Em Medio de Spinoza*. Cactus. Série CLases. Buenos Aires 2008. 2º edición. Clase III Las distinción ética de los existentes. Potencia y afecto. Traducción equipo editorial Cactus.
-) _____. Spinoza e o Problema da Expressão. 1968. In: <http://conexo-esclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/DELEUZE-G.-Espinosa-e-o-Problema-da-Express%C3%A3o1.pdf> –
-) _____. *Spinoza e a Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
-) DIRETRIZES DO NASF: Núcleo de Apoio a Saúde da Família / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
-) FIGUEIREDO, Elisabeth Niglio de. *A Estratégia Saúde da Família na Atenção Básica do SUS*, 2012.
-) GUIA DE REFERÊNCIA RÁPIDA. Carteira de Serviços: Relação de serviços prestados na Atenção Primária à Saúde / Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil. Superintendência de Atenção Primária. – Rio de Janeiro: SMSDC, 2011, p. 10.
-) GRUPOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE do “Guia Prático De Matriciamento Em Saúde Mental/Dulce Helena Chiaverini (organizadora) ... (et al.). (Brasília, DF): Ministério da saúde: Centro de estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011. Pgs. 53 à 59;

- J HumanizaSUS: equipe de referência e apoio matricial / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- J JAQUET, Chantal. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Tradução Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- J LAVRAS, Carmen. Atenção Primária à Saúde e a Organização de Redes Regionais de Atenção à Saúde no Brasil. v.20, n.4, p.867-874, 2011. Médica Sanitarista. Saúde Soc. São Paulo, Doutora em Saúde Coletiva. Pesquisadora do Programa de Estudos em Sistemas de Saúde do Núcleo de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp.
- J MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco (1984). *A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas: Ed. Psy, 1995. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2004.
- J MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *De máquinas e seres vivos. Autopoiese, a Organização do Vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- J MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Editora Palas Athena, 2004.
- J MATURANA, Humberto R. e DÁVILA, Ximena Y (2008). *Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural*. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2009. Tradução de Edson Araújo Cabral.
- J MATURANA, Humberto R e POERKSEN. *Del Ser al Hacer: los Orígenes de la Biología del Conocer*. Chile: Comunicaciones Noreste Ltda, 2004. Tradução em espanhol: Luisa Ludwig.
- J MATURANA H. e BLOCH, S. *Biología del Emocionar y Elba Emoting: respiración y emocio* – *bailando juntos*. Santiago do Chile: Dólmens Ediciones, 1996.
- J MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana* - organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- J _____ *Desde la Biología a la Psicología*. Santiago do Chile: Editora Universitária, 2006.
- J _____ *La realidade: Objetiva ou construída? Fundamentos Biológicos de la realidade*. Introducción de Javier Torres Nacara-te. Anthorpos – Coleciono Nueva Ciencia, n°12. Barcelona:1995.

- J _____ *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998;
- J _____ *Sentido de Lo Humano*. Ediciones Pedagógicas Chilenas, S.A. 2009.
- J _____ *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.
- J _____ *La objetividade: um argumento para obrigarla*. Dólmens Ediciones, Província de Santiago: 1997;
- J MATURANA, H. vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=yKey4F3jbmK> publicado em 27 de dez de 2013, tradução nossa. Maior informação: ww.ificc.cl/autopoi-esis. Acesso dia 22.12.2014. Duração 39m19s.
- J MATURANA y outros. MATRIZ ÉTICA DO HABITAR HUMANO: *Entrelaçamento de sete âmbitos de reflexão-ação numa matriz biológico-cultural: Democracia, Pobreza, Educação, Biosfera, Economia, Ciência e Espiritualidade*- 2009.
- J MENDES, Alessandra Gomes. FÓRUM SOCIAL MUNDIAL DA SAÚDE: contribuições e desafios para a luta pela saúde no Brasil – tese Doutorado - UERJ - RJ – 2014.
- J NÚCLEO DE APOIO À SAÚDE DA FAMÍLIA / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 112 p.: il. – (Cadernos de Atenção Básica, n. 39).
- J PESSOA, Fernando. OBRA POÉTICA DE FERNANDO PESSOS. Editor Francisco Lyon de Castro. Publicações Europa-America Ltda. Portugal.
- J SAÚDE MENTAL / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 548 p.: il. (Caderno HumanizaSUS; v. 5).
- J VARELA, F. *El fenómeno del la vida*. Dólmens Adiciones, Caracas, Montevideo, Santiago do Chile, 2000. A parte de Varela do segundo prefácio de 1994 do livro “Das Maquinas Y seres vivos” 1994, foi publicado também nesse texto de 2000.
- J WATZLAWIC EDIK Paul y KRIEG Peter. Compus “*El bojo del observador: Contribuições al Constructivismo – Homenagens a Heinz von Foerster*”, Gedisa editora, Barcelona/Espanha, 1991.

REFERÊNCIAS DAS GRAVURAS

-) <http://incomprendeus.blogspot.com.br/>
-) http://www.123rf.com/photo_43649279_stock-vector-an-image-of-a-depressed-woman.html
-) <https://www.dreamstime.com/royalty-free-stock-photo-depression-mental-problems-abstract-concept-d-shattered-person-image38887525>
-) <http://www.consejosgratis.es/frases-para-amiga-que-esta-deprimida/>
-) <http://cazador-de-nubes.blogspot.com.br/>
-) <https://www.tumblr.com/search/pare%20de%20ser>
-) <http://incomprendeus.blogspot.com.br/>
-) http://tania-mylittleworld.blogspot.com.br/2011_01_01_archive.html
-) <http://incomprendeus.blogspot.com.br/>
-) http://lesecama.blogspot.com.br/2010_02_01_archive.html
-) http://tania-mylittleworld.blogspot.com.br/2011_01_01_archive.html
-) <http://3.bp.blogspot.com/-hGiqcv3GU3o/UCII3kQQk2I/AAAAAAAAAHNE/a-akweiOUIY/s1600/MUJER%25~1.JPG>
-) <http://voarnapoesia.blogspot.com.br/2013/01/em-crise-existencial-francisco-costa.html>
-) http://jordancampos.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html
-) <https://netnature.wordpress.com/2014/05/01/filosofia-argumentos-para-o-designer-inteligente-tem-fundamento-filosofico/>
-) <http://reflexionesmarginales.com/3.0/conversa-de-luiz-orlandi-e-gilles-deleuze/>
-) <http://www.proficiencia.org.br/~proficie/spaw/uploads/images/descartes.jpg>
-) <http://passarinhosnotelhado.blogspot.com.br/2012/03/de-liberdade-quem-voce-ama.html>
-) <https://www.google.com.br/search?q=emo%C3%A7%C3%B5es&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwivye-LxJzSAhVIIJAKHb1>
-) https://www.google.com.br/search?q=grupos+sensíveis&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjFuI-Hqjp3SAhWGjZAKHZX0DFcQ_AUIC-CgB&biw=1707&bih=816#tbn=isch&q=a%C3%A7%C3%B5es+coletivas+gratuite+tatuagem&imgrc=FgB_J5rnzzM98M